

**ROMANCES
TRADICIONAIS
DO DISTRITO DE BRAGANÇA**



Esta obra foi submetida a um processo de avaliação por pares.

© 2019, IELT - NOVA FCSH

IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa

Diretora da
Coleção Editar a Memória Teresa Araújo

Título **Romances Tradicionais do Distrito de Bragança**
© Autores J. J. Dias Marques, recolha e prefácio
 Ana Sirgado, introdução e edição
I.S.B.N.: 978-989-8968-02-9

Paginação ACDPRINT
Design da capa ACDPRINT
Edição outubro de 2019

O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/ELT/00657/2013.

ROMANCES TRADICIONAIS DO DISTRITO DE BRAGANÇA

Recolha e prefácio

J. J. Dias Marques

Introdução e edição

Ana Sirgado



IELT
Coleção Editar a Memória
Lisboa
2019

Índice geral

| | |
|--|-----|
| PREFÁCIO | 9 |
| INTRODUÇÃO | 19 |
| I. História editorial do romanceliro tradicional transmontano: atualizações..... | 19 |
| II. A presente edição e seus critérios..... | 27 |
| Bibliografia citada..... | 38 |
| ROMANCES TRADICIONAIS DE ASSUNTO PROFANO | 43 |
| Romances épicos e históricos | |
| I. Morte do príncipe D. João | 43 |
| II. Perseguição de Búcar pelo Cid..... | 65 |
| Romances carolíngios | |
| III. Belardo e Valdevinos | 69 |
| IV. O conde preso | 69 |
| V. Aliarda | 76 |
| VI. Morte de D. Beltrão..... | 83 |
| VII. Conde Claros vestido de frade..... | 100 |
| VIII. Conde Flores..... | 105 |
| IX. Floresvento | 108 |
| Romances de cativos e prisioneiros | |
| X. O prisioneiro | 111 |
| XI. A rainha e a sua escrava | 112 |
| XII. A irmã perdida | 117 |
| XIII. Canta, mouro | 118 |
| Romances do regresso do marido | |
| XIV. Bela infanta | 119 |
| Romances de amor fiel | |
| XV. O conde Ninho | 155 |
| XVI. O soldado | 170 |
| Romances de amor infeliz | |
| XVII. A noiva abandonada | 195 |
| Romances de esposa infeliz | |
| XVIII. A mulher do pastor | 196 |
| XIX. A má sogra | 196 |
| XX. A lavadeira | 217 |
| XXI. O conde Alarcos | 219 |
| Romances de mulheres adúlteras | |
| XXII. O conde da Alemanha..... | 231 |
| XXIII. Frei João | 235 |
| XXIV. Bernal Francês..... | 239 |
| XXV. Claralinda | 251 |
| XXVI. A condessa traidora | 265 |
| XXVII. O gato do convento..... | 266 |
| Romances de mulheres assassinas | |
| XXVIII. O veneno de Moriana..... | 271 |
| XXIX. A galharda | 298 |
| XXX. A vingadora da sua honra | 299 |
| XXXI. A serrana..... | 300 |
| Romances de raptos e violações | |
| XXXII. Rico Franco | 305 |
| XXXIII. A esposa de D. Garcia..... | 306 |
| XXXIV. O cego..... | 312 |
| Romances de incestos | |
| XXXV. Silvana | 327 |
| XXXVI. Delgadinha | 328 |
| Romances de mulheres sedutoras | |
| XXXVII. Gerinaldo | 341 |
| XXXVIII. A filha do Imperador de Roma | 358 |
| Romances de mulheres seduzidas | |
| XXXIX. A infanta pejada | 363 |
| Romances de aventuras amorosas | |
| XL. Flérida | 364 |
| Romances de enganos | |
| XLI. A infantina..... | 367 |
| XLII. A aposta ganha..... | 385 |
| Romances de morte personificada | |
| XLIII. A morte ocultada | 391 |
| Romances de animais | |
| XLIV. O sapo e a sapa | 395 |
| Romances vários | |
| XLV. Eu casei com uma donzela | 397 |
| XLVI. A donzela guerreira | 408 |
| XLVII. O velho viúvo | 414 |

| | |
|--|-----|
| ROMANCES VULGARES DE ASSUNTO PROFANO | 429 |
| XLVIII. Os soldados violadores | 429 |
| XLIX. D. Ângela. | 435 |
| ROMANCES DEVOTOS TRADICIONAIS | 447 |
| LI. A fonte clara. | 447 |
| LII. Santa Iria | 457 |
| LIII. A tentação do marinheiro | 478 |
| LIV. A Virgem Maria e o cego. | 494 |
| LV. Bem madrugava a donzela | 501 |
| LVI. Oh, que lindos prados verdes | 505 |
| LVII. Nau Catrineta. | 506 |
| ROMANCES DEVOTOS VULGARES | 517 |
| LVIII. A filha do lavrador. | 517 |
| LIX. O lavrador da arada | 519 |
| ROMANCES RELIGIOSOS | 547 |
| LXI. Pobreza da Virgem dando à luz | 547 |
| LXII. A Virgem anuncia ao Menino a sua paixão e glória | 564 |
| LXIII. A dor da Virgem no portal de Belém | 566 |
| LXIV. O Menino Jesus quer dizer missa | 567 |
| LXV. Da coluna à via dolorosa | 570 |
| LXVI. A Virgem a caminho do Calvário. | 574 |
| LXVII. O monumento de Cristo. | 579 |
| LXVIII. A confissão da Virgem | 580 |
| LXIX. O cordão da Virgem. | 582 |
| ÍNDICE DE PRIMEIROS VERSOS | 585 |
| ÍNDICE ALFABÉTICO DE ROMANCES SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DO IGR E COM OS TÍTULOS ESPANHÓIS CORRESPONDENTES | 599 |
| ÍNDICE NUMÉRICO DE ROMANCES SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DO IGR E COM OS TÍTULOS ESPANHÓIS CORRESPONDENTES | 603 |
| ÍNDICE DE VERSÕES POR CONCELHOS E FREGUESIAS | 607 |
| ÍNDICE DE INFORMANTES POR CONCELHOS E FREGUESIAS | 609 |

Prefácio

J. J. Dias Marques

Daqui a poucos meses, passarão 40 anos sobre o início do percurso que originou este volume. Na verdade, em 1979 (em outubro, possivelmente) iniciei as aulas de Literatura Oral e Tradicional, na Faculdade de Letras de Lisboa.

Estava eu, então, no 4.º ano do curso de Filologia Românica e, aí chegados, os alunos tinham de escolher entre duas disciplinas de literatura: Literatura Comparada ou Literatura Oral e Tradicional. Desde o início do curso, eu conhecia, claro, o currículo dele e, desde essa altura, tinha decidido que, ao chegar ao 4.º ano, escolheria a opção de Literatura Oral e Tradicional.

Como expliquei no prefácio que escrevi para a coleção de contos recolhidos por alunos da Universidade do Algarve que sairá ao mesmo tempo que este romanceiro,¹ o meu interesse pela literatura oral vinha desde criança, tendo-se acentuado na adolescência, e era um interesse que tinha começado pelos contos. Mais tarde, quando andava naquilo que hoje se denomina 10.º ano, tinha lido, na biblioteca do Liceu Camões, em sucessivas tardes, o *Romanceiro* de Garrett, e lembro-me de que tinha gostado muito. Mas, ao entrar no curso de Filologia Românica, o meu interesse pela tradição oral não estava especialmente direcionado para o romanceiro,

¹ *O Conto Tradicional Português no Séc. XXI*, com organização de Paulo Jorge Correia.

como acabou por estar. Como tantas vezes na vida, foi o acaso que para aqui me trouxe.

De facto, no ano letivo de 1979/80, dois professores lecionavam a disciplina de Literatura Oral e Tradicional na Faculdade de Letras de Lisboa: Teresa Amado (que, se não me engano, dedicava a disciplina ao estudo dos contos e do romanceiro) e Pedro Ferré, cujas aulas tinham como objeto apenas o romanceiro. Nesse ano (como na época era habitual entre os estudantes, mesmo antes de acabarem o curso, que durava 5 anos), eu tinha começado a dar aulas, como professor do ensino secundário, e, portanto, tinha de coordenar o horário das aulas que dava com o horário daquelas a que assistia na faculdade. E talvez tenha sido por conveniência de horário que escolhi a turma de Pedro Ferré. Mas, depois de ali estar, gostei tanto do romanceiro, que em breve tomei uma decisão: nas férias grandes, em vez de voltar a Itália (como tinha prometido a mim próprio fazer quando tivesse o meu primeiro emprego e juntasse algum dinheiro), iria para o distrito de Bragança, recolher romances da tradição oral.

Na época, o que se sabia de recolhas recentes do romanceiro em Trás-os-Montes era pouco e, tanto quanto me lembro, pensava-se que, desde Leite de Vasconcelos, ninguém ali tinha procurado romances. A coisa não era bem assim, mas a verdade é que esse mistério (que haveria, naquele início dos anos 80, na tradição oral de Trás-os-Montes) e, claro, a riqueza de versões que Vasconcelos e outros anteriores a ele ali tinham conseguido direcionaram o meu interesse para aquela província, e especificamente, para o distrito de Bragança.

Eu não conhecia nada daquela região, aonde, na época, era bem mais difícil chegar. Mas tinha uma colega de curso cuja mãe morava na cidade de Bragança e me ofereceu hospitalidade. Foi, portanto, para Bragança que me dirigi, em agosto de 1980.

Alojei-me em casa da mãe da minha colega e, tal como esta última me aconselhara, dirigi-me à sede, em Bragança, do Parque Natural de Montesinho, para falar com os funcionários e pedir-lhes auxílio. É que eu tinha um problema: não tinha carro nem sequer carta de condução e, portanto, a deslocação às aldeias seria complicada. Além de que nunca tinha recolhido romances e, embora tivesse comprado um gravador, nunca o tinha usado, não sabia como abordar os informantes nem sequer

onde os procurar. Que aldeia deveria escolher para começar e, ali chegado, como encontrar informantes e explicar-lhes o que procurava? Sim, porque, subentendia eu, se lhes pedisse que me dissessem romances, eles não deveriam saber a que me estava a referir, pois o termo (como tinha aprendido nas aulas de Literatura Oral) era usado, em Portugal, apenas pelos estudiosos e não pelas pessoas comuns.

Na sede do Parque Natural de Montesinho (na época, um pequeno escritório com duas ou três salas), uma das funcionárias (assistente social que, à margem do seu trabalho, tinha interesses etnográficos e me mostrou alguns textos orais que tinha gravado nas aldeias), ao ouvir-me explicar o que eu procurava, respondeu-me que essas coisas existiam, sim, na tradição oral da região e que eram cantigas que tinham sido usadas nas segadas, termo que, em Trás-os-Montes, designa aquilo a que no Sul se chama “ceifas”. E informou-me que, dali a dias, ela e outros funcionários do Parque de Montesinho iriam a umas quantas aldeias dos arredores de Bragança, para pedirem de empréstimo objetos de artesanato e roupas antigas, destinados a uma exposição que, integrada nas festas da cidade, o Parque estava a organizar.

Assim, a 12 de agosto, armado com o meu gravador e um dossiê com fotocópias de algumas versões trasmontanas de romances extraídas do *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos (para me ajudarem a refrescar a memória dos informantes, servindo de pequeno manual de recolha), desloquei-me com alguns funcionários do Parque Natural de Montesinho a Vila Meã, aldeia dos arredores de Bragança. E aí comecei as minhas recolhas, entrevistando algumas pessoas que estavam à porta de suas casas e eram conhecidas dos funcionários do Parque.

Não me referirei, claro, às restantes aldeias que, nas minhas recolhas, percorri nesse agosto de 1980, nem nos meses de agosto ou inícios de setembro dos anos seguintes: 1981, 1982, 1986 e 1987. Direi apenas que, no total, foram 25 as aldeias que visitei (14 do concelho de Vinhais, 9 do concelho de Bragança e 2 do concelho de Vimioso). E, para dar ao leitor alguma ideia do modo como se passaram tais recolhas e do mundo, em boa parte hoje desaparecido, em que elas foram levadas a cabo, contarei alguns episódios que me parecem reveladores.

Como atrás disse, eu não tinha transporte próprio e, antes de me decidir a apañar as camionetas de carreira (que percorriam apenas as estradas principais e não

serviam, portanto, todas as aldeias a que eu queria ir), viajei à boleia com algumas pessoas, por exemplo, uma equipa de filmagens (sob a direção de Ricardo Costa) a quem o Parque Natural de Montesinho encomendara um documentário e que, para tal, ia visitar certas aldeias de Bragança e de Vinhais.²

Graças aos funcionários do Parque, pude acompanhar essa equipa na sua deslocação a Baçal e a Rio de Onor (aldeias do concelho de Bragança) e também a Moimenta, no concelho de Vinhais, lugar a partir do qual me “independentizei”, passando a viajar sozinho, até ao fim das minhas recolhas.

Enquanto a referida equipa filmava, eu tentava encontrar informantes e gravá-los, coisa que nem sempre era fácil. Lembro-me de que, em Rio de Onor, não obstante a fama etnográfica da aldeia, tive dificuldades, sobretudo no início, para convencer os possíveis informantes a falar, de tal modo que, ao ver os meus problemas, uma senhora (Joana da Piedade Fernandes, que, estando de luto, não queria cantar para mim) admoestou as vizinhas, dizendo: “Cantai para este senhor! Se os vossos netos forem um dia por esse mundo adiante, também haveis de querer que os ajudem!”.

Penso que as minhas limitações (não ter carro, ser novo – tinha na época 24 anos e parecia menos –, não andar especialmente bem vestido, como, na época, os habitantes das aldeias esperariam que andasse um “senhor da cidade”), se, por um lado, foram uma desvantagem, por outro, dispuseram os informantes a meu favor e fizeram com que, nas aldeias a que pude ir, tivesse conseguido recolher mais versões do que possivelmente, noutras circunstâncias, conseguiria.

Aliás, o facto de, a essas primeiras aldeias, ter ido à boleia, levado por alguém, obrigou-me a permanecer ali até que as pessoas com quem eu viajava terminassem o trabalho que tinham ido realizar. Tal obrigou-me a ficar bastantes horas em lugares como Rio de Onor, onde, se eu tivesse carro próprio, teria ficado bem menos, ao ver que não encontrava informantes. E o facto de ali ter de permanecer explica, provavelmente, por que motivo consegui gravar uma habitante da referida aldeia,

² A obra foi produzida nesse ano de 1980 e tem precisamente o título de *O Parque Natural de Montesinho*.

Arcângela do Nascimento Ximeno, sobre quem os vizinhos me diziam: “Ela sabe muitas coisas antigas. Mas, quando lhe perguntam, diz que não sabe. Ainda há pouco tempo estiveram aí uns senhores que não lhe conseguiram arrancar nada”.

Ora eu, sem transporte próprio, que poderia fazer senão sentar-me ao lado de D. Arcângela (que, na soleira da sua casa, fiava com a roca) e esperar que a equipa de filmagens com quem tinha viajado acabasse o trabalho e regressasse a Bragança? E, enquanto esperava, que tal tentar passar o tempo, conversando com D. Arcângela (então com 80 anos), que me contava, por exemplo, a difícil vida que passara? Tendo ficado viúva muito cedo e não possuindo nenhuma terra de que se alimentasse, esta senhora criara os filhos fabricando carvão no monte, que ia depois vender a Bragança, ao mercado. Para a viagem, tinha de partir de madrugada e calcorreava a pé os 25 km que separam Rio de Onor de Bragança, através de caminhos e não por estrada (que na época não havia), transportando o carvão numa espécie de trenó feito de canas. Ora foi na sequência destas confidências e recordações que D. Arcângela acabou por me dizer alguns romances, nomeadamente uma interessantíssima versão, em espanhol, da *Morte do Príncipe D. João*.³

Acompanhando a equipa de Ricardo Costa, como atrás disse, visitei também uma vez, ao serão, a aldeia de Baçal e aí encontrei Cremilde Augusta Alves, então com 78 anos, uma das informantes de quem guardo mais gratas recordações e aquela que, por sua expressa iniciativa, mais me ajudou no que pôde, durante as recolhas que dela fiz.

Conheci D. Cremilde em 1980, mas, dessa vez, recolhi pouca coisa dela, devido à limitação de tempo e à necessidade de voltar a Bragança com a equipa de filmagens. Como esta senhora me tinha dito uma versão do raro romance *Floresvento* e mostrava saber outras coisas interessantes, combinei com ela que voltaria na Páscoa seguinte, durante as minhas férias letivas. Tal acabou por não ser possível, mas, em agosto de 1981, regressei a Bragança e, dessa vez tomando um táxi, dirigi-me a Baçal.

³ Como não estava inédita, tal versão não foi incluída na presente obra, de acordo com os critérios que a esta presidiram. Pode ser lida no meu artigo “Romances dos Concelhos de Bragança e de Vinhais”, *Brigantia*, IV, 4 (out./dez. 1984), pp. 537-538.

Ali encontrei D. Cremilde, que me recebeu muito amavelmente em sua casa e, antes que eu começasse a fazer-lhe perguntas para a recolha, me pediu que esperasse. Levantou-se e foi buscar um caderno, onde tinha anotado os títulos de todos os romances que sabia. Explicou-me então que, como eu tinha dito que voltaria para a entrevistar de novo, ela, durante esses meses, para ter a certeza de que, quando eu viesse, não deixaria sem me dizer algum texto, cada vez que se lembrava de alguma cantiga, ia buscar o caderno e assentava o respetivo título!

Anos depois, em 1985, durante as filmagens da série documental para televisão *O Romanceiro*, de que fui o autor,⁴ voltei a visitá-la para filmar alguns romances, nomeadamente a sua versão de *Floresvento*. A versão que então obtive era mais extensa do que a que eu recolhera em 1981, a qual, aliás, já tinha mais dois versos do que a gravada em 1980. E, em 1985, quando eu, depois das filmagens para a série, regressei a Lisboa e lhe escrevi, agradecendo a amabilidade com que me recebera, D. Cremilde respondeu-me e enviou-me uma terceira versão desse romance, a que acrescentara cinco versos, que não me dissera antes e de que se lembrara entretanto, provavelmente depois de muito puxar pela memória, ao ver que eu dava tanta importância àquela cantiga da segada.⁵

Alegria maior que a de D. Cremilde em poder ajudar na recolha só me recordo de uma: a de Arminda do Nascimento, que gravei nos arredores de Vinhais, em 1982. Quando, nesse ano, instalado numa pensão da vila, percorri as aldeias que, com o nome de “bairros”, circundam Vinhais, certa informante que eu acabara de entrevistar disse-me que, no Bairro dos Cabeços, havia uma senhora que era conhecida por saber muitas cantigas da segada. Mas não valia a pena lá ir, porque ela certamente não me diria nada. De facto, anos antes, estivera lá um senhor que também queria gravar coisas antigas e ela nem quisera falar com ele.

⁴ Série de 12 episódios, realização de Fernando Matos Silva, produção Cinequipa (para a RTP), 1986.

⁵ A versão de 1981 foi incluída na p. 541 do artigo atrás citado na nota 3. Quanto à versão de 1985, publiquei-a em “Imagens e Sons do Romanceiro Português”, in Pedro M. Piñero *et al.* (orgs.), *El Romancero. Tradición y pervivencia a fines del siglo XX. Actas del IV Coloquio Internacional del Romancero*, Sevilla/ Cádiz, Fundación Machado/ Universidad de Cádiz, 1989, p. 390. Nesta sua última forma, o texto tem 14 versos, contra 7 da recitação de 1980.

Decidi arriscar e dirigi-me a casa de D. Arminda: no pior dos casos, receberia uma negativa, mas teria tentado. E ainda bem que tentei. Chegado a casa dessa senhora, abriu-me a porta uma filha dela e eu comecei a explicar ao que vinha. Ora, antes que a filha respondesse, D. Arminda, que, de dentro de casa, nos estava a ouvir, gritou que eu entrasse. E, quando cheguei junto dela (no quarto, onde estava de cama, paralítica), D. Arminda, visivelmente feliz, disse: “Ainda bem que o senhor veio! Quando há dois anos aqui estive o outro senhor a pedir para me gravar,⁶ eu disse que não e até o tratei mal. Mas isso foi porque, nessa altura, eu estava variada da cabeça, com a trombose, que me deixou paralítica. Depois, quando voltei ao meu juízo perfeito, tantos remorsos que eu tive por ter tratado aquele senhor daquela maneira e por não o ter deixado gravar as cantigas que eu sei! Desde então, aqui nesta cama, quantas vezes pedi a Deus que me mandasse cá aquele senhor outra vez, porque eu não queria morrer antes de deixar escritas todas estas cantigas da segada que sei e que a minha filha nunca aprendeu! E Deus ouviu-me e agora mandou-me o senhor. Grave, que eu digo-lhe tudo o que souber!”. A alegria com que D. Arminda, então com 74 anos, colaborou, consciente do valor do que sabia e do desaparecimento inapelável desse saber, se não o deixasse registado, é uma das mais bonitas recordações que tenho das minhas recolhas.

A consciência que aquela senhora possuía da precariedade do romanceiro é fácil de entender. De facto, a vida das cantigas da segada (que veiculavam a maior parte do romanceiro trasmontano) dependia, claro, da realização das segadas/ceifas de modo manual. Mecanizadas estas (desde os anos 60), deixara de ser necessário cantar para fazer esquecer as duríssimas condições do trabalho dos ceifeiros. E, mesmo que o ruído das máquinas permitisse o canto (que não permitia), o diminuto número de trabalhadores presente durante a ceifa implicaria o fim do ambiente propício para cantar. Terminadas, pois, as ceifas à mão, o romanceiro trasmontano perdera as condições que tinham garantido a sua vida e a sua riqueza durante séculos. E D. Arminda (como praticamente todos os informantes que gravei) tinha perfeita consciência disso.

⁶ A informante referia-se a Manuel da Costa Fontes, que esteve naquela aldeia em 1980, durante a campanha em que percorreu todo o distrito de Bragança, de que resultou uma magnífica coleção (*Romanceiro da Província de Trás-os-Montes*, Coimbra, Universidade, 2 vols, 1987).

Desde 1987 que não regresso a Trás-os-Montes. Mas estou certo de que hoje, desaparecidos os últimos informantes que participaram nas segadas à mão, o romancero trasmontano terá perdido irremediavelmente a maior parte dos seus textos.

Tal desaparecimento deixa-me pensativo, quando olho para este livro onde se contém o que consegui salvar. Que outras coisas terá havido que se perderam, porque não encontrei o informante certo em determinada aldeia ou porque, pura e simplesmente, não fui à aldeia X ou Y, quando ainda era possível? E, falando de outros géneros orais, que se terá perdido porque eu, na época, só me interessava pela recolha de romances e, em menor grau, de canções narrativas e, por isso, deixei de interrogar os informantes sobre outros saberes orais que eles possuíam? Que se terá perdido, por exemplo, com o desaparecimento de Florinda dos Santos Rodrigues (de Nuzedo de Cima, Vinhais), senhora de uma memória prodigiosa, de quem gravei 70 textos, entre romances e canções narrativas? Que contos e que canções líricas saberia ela e se terão perdido irremediavelmente?



Se não me enganei nas contas, as minhas recolhas compreendem 1277 versões de textos narrativos em verso, das quais 1026 são de romances e 251 são de canções narrativas. O *corpus* inclui ainda um número indeterminado de textos líricos.

Volvidos 40 anos sobre o início deste percurso, só uma percentagem pequena desses textos tinha sido publicada, avulsamente, em artigos meus e também, em reduzido número, em estudos de alguns autores a quem os cedi.⁷ Por outro lado, só uma parte da recolha, cerca de metade dos textos, tinha sido transcrita por mim, à mão, permanecendo os restantes apenas nas cassetes em que tinham sido gravados. E, entretanto, as cassetes iam-se deteriorando e perdendo qualidade de som.

⁷ A lista de tais publicações é fornecida na introdução desta obra, por Ana Sirgado.

Foi, pois, com muito agrado que aceitei a sugestão de Teresa Araújo para o lançamento do projeto de que resultou o presente livro. A ela e a Ana Sirgado, que com tanto cuidado tratou dos textos que recolhi, apresento o meu muito, muito obrigado.

De alguns (possivelmente muitos) dos romances aqui presentes será hoje impossível recolher qualquer versão nos lugares que, na década de 1980, percorri. E, de outros, as versões que hoje se possam conseguir serão provavelmente de bem menor qualidade. Mas, felizmente, o saber dos informantes que gravei – na sua imensa maioria entretanto desaparecidos – ficou preservado para sempre. Possa, assim, este livro ajudar ao conhecimento do romanceiro trasmontano e também do português em geral e do pan-ibérico.

Introdução

Ana Sirgado

I. História editorial do romanceiro tradicional transmontano: atualizações

A história da recolha e edição do romanceiro transmontano confunde-se com a do próprio género na tradição moderna portuguesa, uma vez que ambas remontam à mesma época e têm decorrido paralelamente até aos nossos dias, mas também se destaca no panorama nacional por três aspetos fundamentais: a profusão de coleções romancísticas, o elevado número de temas nelas recolhidos e o notável arcaísmo de grande parte das suas versões. Vários investigadores já o mostraram de forma detalhada, cabe agora visitar os seus contributos, no momento em que apresentamos uma nova compilação de romances recolhidos por J. J. Dias Marques em Bragança, ao longo da década de oitenta do passado século.

Manuel da Costa Fontes, precisamente na introdução do seu *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes* (Fontes, 1987), dedicado ao distrito de proveniência das versões da presente coleção, ofereceu um dos primeiros estudos mais significativos para esta história. O investigador prestou o devido tributo a alguns dos primeiros coletores da baladística desta área tradicional

e organizou a bibliografia completa dos respectivos testemunhos até então publicados. Além da importância desta relação de impressos para a constituição do arquivo transmontano, o seu estudo foi também relevante por descrever de forma crítica o pecúlio poético que recolhera, realçando o seu significado para o conhecimento da tradição moderna portuguesa. Por sua vez, oito anos depois, J. J. Dias Marques, já com experiência de trabalho de campo e perícia crítica, não só deu a conhecer uma nova relação de títulos impressos, como enunciou pormenorizadamente “As recolhas inéditas do romanceiro transmontano” (Marques, 1995). O estudioso evidenciou então o interesse dos coletores por esta área, que é compreensível pelo vigor da memória romancística das comunidades locais manifestado desde o século XIX, demonstrando que o romanceiro da região coligido superava em larga medida o conjunto de versões publicadas.

Por último, também Pere Ferré se debruçou sobre os percursos da coleção em Trás-os-Montes e a respetiva bibliografia, tendo-o incluído especialmente nos seus estudos sobre a história geral da investigação do romanceiro tradicional português (2000, 2006, 2007), acompanhados de um exaustivo e monumental trabalho bibliográfico publicado pelo Instituto Universitario Seminario Menéndez Pidal da Universidad Complutense de Madrid (Ferré-Carinhas, 2000), que se encontra sob permanente atualização no *Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* “romanceiro.pt”. Ainda que, nos trabalhos deste último, surjam assim integradas, as edições de poemas transmontanos identificam-se facilmente a partir dos índices por distrito, concelho e freguesia incluídos nas mencionadas publicações (Ferré, 2000: 513-518; 2001: 499-505; 2003, 487-496; 2004, 419-427; e Ferré-Carinhas, 2000: 285-294, 297-343), bem como pela aplicação de filtros de pesquisa na plataforma digital do *Arquivo do Romanceiro Português* correspondentes a áreas regionais. Observemos então sumariamente a história editorial do romanceiro transmontano traçada por estes investigadores, antes de referir um título surgido em 2009 que inclui algumas versões recolhidas nesta área tradicional, *Romanceiro da Tradição Oral* (Magalhães-Marques, 2009), que não figura ainda naquele *Arquivo*, e destacar a feliz atualização imposta pela presente coletânea brigantina.

Almeida Garrett, figura pioneira na divulgação do romanceiro moderno português, inaugurou o trabalho de coleção da balada transmontana, tendo identificado

diversas composições que editou como provenientes desta região.¹ O poeta-editor valorizou estas composições que, sobretudo, leu nas remessas dos seus colaboradores, reconhecendo, em variadas ocasiões, o papel excepcional deste território para o conhecimento do romanceiro português, a par das lições beirãs. Nas linhas introdutórias à versão de “D. Gaifeiros”, publicada em 1851 no segundo tomo do *Romanceiro*, diz Garrett acerca de “um dos mais celebrados romances da nossa península”:

Tinha-o incontrado na collecção manuscrita do cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom do cavalheiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso: o romance é corrente na tradição de Trás-os-montes. Tenho em minha mão cópias authênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e intelligentes d’aquella provincia (Garrett, 1851: 244-245).

Quando, em 1867, Teófilo Braga editou o *Romanceiro Geral Colligido da Tradição*, que contém diversos poemas transmontanos, emitiu um juízo análogo ao de Garrett. De facto, o erudito fez notar a importância do núcleo tradicional de Trás-os-Montes, muito embora, como o poeta, atribuisse particular relevância à Beira Baixa: “A primeira parte [de “A filha do imperador de Roma”] foi colhida em Trás-os-Montes, terra fértil de tradições locais, e aonde, logo depois da Beira Baixa, se encontram mais thesouros de poesia popular” (Braga, 1867: 187-188). Esta hierarquização, porém, começaria a inverter-se com o desenvolvimento das campanhas de recolha de José Leite de Vasconcelos, um dos principais responsáveis pela valorização do romanceiro tradicional transmontano.

¹ Como é sobejamente conhecido, Almeida Garrett reelaborou criativa e profundamente o material coligido, por efeito do programa romântico que ele próprio implementou. A investigação desenvolvida, nos últimos anos, por Sandra Boto tem desvendado o trabalho de Garrett sobre os textos tradicionais a que acedia e sobre as suas fontes não tradicionais, sobretudo na tese de doutoramento *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Proposta de “Edição Crítica”* (2011), a partir da análise dos materiais inéditos da Coleção Futscher Pereira. Pere Ferré debruçou-se também sobre o mesmo assunto, em estudos como, por exemplo, “Influências de Agustín Durán e Eugenio de Ochoa no *Romanceiro* de Almeida Garrett” (1999). O desenvolvimento do projeto de pós-doutoramento de Sandra Boto, no âmbito de uma bolsa individual concedida pela FCT, resultará, muito em breve, na edição crítica digital do *Romanceiro* do poeta português (garrettonline.romanceiro.pt).

Com efeito, logo na década de 70 do século XIX, o etnógrafo elegeu a região de Trás-os-Montes para iniciar o seu trabalho de campo dedicado à tradição moderna da balada portuguesa. Em 1874, Leite já colecionava versões em Rebordainhos, Bragança (Vasconcelos, 1958: 47 ou 74-75), dois anos depois em Vila Real (Ferré, 2000: 266) e, nos *Romances Populares Portuguezes* de 1881, fez imprimir alguns destes poemas transmontanos. A vastidão do acervo reunido por Leite neste território ao longo dos anos evidencia o que o distinguiu, enquanto coletor, dos seus antecessores: o privilégio do inquérito direto e a intensidade dessa prospeção. O notável papel desempenhado pelo etnógrafo na divulgação do romanceiro de Trás-os-Montes deveu-se ainda à fundação da *Revista Lusitana* (1887), onde se editaram numerosas versões transmontanas de romances, e ao incentivo a que outros estudiosos realizassem recolhas sistemáticas da baladística desta área tradicional: “A provincia de Tras-os-Montes é, em romances populares, a mais rica das de Portugal; o Sr. Abbade Tavares presta bom serviço á sciencia colhendo e publicando o maior número que puder” (Tavares, 1903-1905: 71, nota 1).

Apesar do aparente desinteresse geral pelo romanceiro no início do século XX (Ferré, 2006: 95) e, claro, pela sua prospeção em Trás-os-Montes, surgiram, neste período, importantes coleções de romances tradicionais recolhidas na região. Assim, entre 1906 e 1909, saíram do prelo os volumes do *Romanceiro Geral Portuguez* de Teófilo Braga, que representaram a primeira grande compilação do romanceiro moderno em Portugal e, logo, a coleção até então mais ampla de textos provenientes de Trás-os-Montes.² Para a constituição deste acervo, o polígrafo reuniu, nos volumes do *Romanceiro Geral*, composições da mesma área geográfica entretanto recolhidas por diversos estudiosos, como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Joaquim de Castro Lopo – que deu a conhecer um dos raros testemunhos do romance “Quem quiser viver alegre” (Braga, 1907: 171-172) – Ferreira Deusdado, Albino Moraes Ferreira, Daniel Rodrigues ou o próprio Leite de Vasconcelos. Apesar de manter a hierarquização formulada em 1867 e conceder, por isso, o lugar cimeiro ao contributo da região beirão para o conhecimento da tradição portuguesa, Braga reconheceu Trás-os-Montes como um dos três grandes centros tradicionais, a par

² Embora não o tenha feito na totalidade, Braga assumiu um projeto inaudito no contexto português ao pretender coligir as atualizações poéticas da tradição moderna publicadas até à impressão destes volumes (Araújo, 2008).

da Beira Baixa e dos Açores (Braga, 1909: 478), e voltou a sublinhar os traços arcaizantes das composições transmontanas (Braga, 1909: 502).

Durante a primeira metade de Novecentos, a oposição àquele descaso teve também a sua expressão mais significativa em publicações periódicas de âmbito literário e etnográfico. Para lá da referida *Revista Lusitana*, destacaram-se ainda a *Ilustração Trasmontana*, o *Almanach Bertrand*, *Traz-os-Montes* ou *Portugalia*, onde colaboraram o Abade José Augusto Tavares, Daniel Rodrigues, Gomes Pereira, Luiz Esteves d'Aguiar, Fernando Braga Barreiros, Augusto César Pires de Lima, Cristóvão de Magalhães Sepúlveda e Miranda Lopes.³ Na mesma época, os padres Firmino Martins e Francisco Manuel Alves (o insigne Abade de Baçal) reuniram e editaram conjuntos significativos de versões brigantinas.⁴ Mais tarde, já na década de 50, surgiram, em títulos de carácter etnográfico, os resultados das incursões de Jorge Dias em Rio de Onor (1953) ou Mirian de Motta Machado na aldeia de Felgar do concelho de Torre de Moncorvo (1959).

Entre 1958 e 1960, foi publicado postumamente o *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos (devido a Manuel Viegas Guerreiro, Lindley Cintra, Maria Aliete Galhoz, António Machado Guerreiro, Maria Ilda Andrade e Maria Manuel Sacarrão). A preponderância de Trás-os-Montes nesta coletânea é evidente, uma vez que cerca de metade das versões nela incluídas, num universo superior a um milhar de composições, provém desta área geográfica (Marques, 1995: 417, nota 10).⁵ No entanto, como bem notou Pere Ferré (2006: 76), foi no período após esta publicação que a

³ A bibliografia completa das edições resultantes destes trabalhos de campo, referida ao longo da presente resenha, encontra-se desenvolvida na *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)* (Ferré-Carinhas, 2000), para a qual remeto, sobretudo para as páginas 167 a 208, ou na plataforma digital do *Arquivo do Romanceiro Português*, www.arquivo.romanceiro.pt (consultado, pela última vez, no dia 15 de novembro de 2018).

⁴ Diversas versões recolhidas pelo Abade de Baçal foram publicadas no *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos (1958-1960). Porém, mais recentemente, J. J. Dias Marques reviu estas composições a partir dos manuscritos do Abade em "O Abade de Baçal e o Romanceiro", impresso, em 1985, na revista *Brigantia* (Marques, 1985b).

⁵ Além das atualizações poéticas exumadas por Leite de Vasconcelos, estes volumes incorporam ainda o resultado de recolhas realizadas, em Trás-os-Montes, pelo Padre José Firmino da Silva, em 1904 (e.g., Vasconcelos, 1958: 46), ou por Orlando Ribeiro, em 1936 (e.g., Vasconcelos, 1958: 33-34), entre outros, como Miguel Augusto Rodrigues (e.g., Vasconcelos, 1958: 285) ou António Bernardino de Albuquerque (e.g., Vasconcelos, 1960: 208-209).

recolha e edição romancísticas em Portugal, e também em Trás-os-Montes, sofreram a sua maior transformação, ditada pelo aparecimento da estudiosa americana Joanne Purcell e, pouco depois, de Manuel da Costa Fontes. Ambos iniciaram as suas recolhas junto de emigrantes portugueses no estado americano da Califórnia (Purcell em 1967 e Costa Fontes três anos depois) e entrevistaram, nestas comunidades, os primeiros informantes transmontanos (Fontes, 1979: XLIV; Purcell, 1972). A riqueza da tradição baladística que então encontraram levou os dois investigadores a deslocar-se a Trás-os-Montes. Primeiro, Purcell cumpriu, entre fevereiro de 1969 e setembro do ano seguinte, um intensivo período de investigação em território português, contudo, a sua estadia na região transmontana foi curta e a maior parte destas recolhas permanece inédita.⁶ Uma década depois, Manuel da Costa Fontes percorreu o distrito de Bragança e aí realizou uma recolha monumental, cujos frutos foram publicados no já referido *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, impresso pela Universidade de Coimbra em 1987. Segundo Pere Ferré, trata-se da “maior coleção de romances de um só distrito” (Ferré, 2007: 78). Além de extenso, o pecúlio poético reunido por este coletor inclui versões de temas tradicionais raras vezes encontrados em território português (Fontes, 1987: XXIII-XXIV)⁷ e, não obstante a frequência com que entrevistou informantes açorianos, tanto nos Estados Unidos como na região insular, Manuel da Costa Fontes fez notar a primazia do romanceiro transmontano no contexto da balada portuguesa, a partir de uma vastíssima experiência de campo e da reflexão crítica sobre este género literário tradicional: “Embora exista uma remota possibilidade de que este panorama venha a ser modificado por investigações posteriores no que se refere aos Açores e à Madeira, não cabem dúvidas de que a tradição transmontana será sempre a primeira de Portugal” (Fontes, 1987: XVIII).

De facto, os trabalhos de Purcell e, depois, de Manuel da Costa Fontes trouxeram à recolha da tradição moderna portuguesa da balada pan-hispânica um impulso

⁶ Segundo descreveu Dias Marques, que teve acesso às gravações das recolhas de Purcell (Marques, 1995: 430-432), a maioria dos resultados das suas incursões em território continental português estão por divulgar, tendo sido publicados principalmente os textos exumados da memória coletiva insular (Ferré, 2006: 77-78). Com efeito, a investigadora americana optou por efetuar o trabalho de campo mais sistemático no Arquipélago dos Açores, onde ficou onze meses.

⁷ Este *corpus* poético é notável, assim como os exemplares destes romances, muito embora o critério de classificação temática e genológica adotado nesta edição seja mais amplo do que o elaborado pela escola pidalina e seus continuadores e induza o autor a anunciar a presença de determinados romances raros e alguns inéditos a partir de composições pertencentes a outros géneros poéticos.

revolucionário, sob os auspícios de uma nova metodologia e da entrevista com recurso aos novos meios de gravação sonora. Esta metodologia pauta-se por um conhecimento prévio e sólido do género poético que se pretende recolher, pelo carácter sistemático das prospeções no terreno e pelo registo exaustivo dos dados da recolha, tendo resultado da aplicação deste método um enorme enriquecimento do acervo romancístico transmontano conhecido, assim como do tradicional português. Sob o mesmo enquadramento crítico e metodológico, J. J. Dias Marques publicou, também na década de 80, diversos poemas transmontanos recolhidos nas campanhas que desenvolveu nos concelhos de Bragança, Vimioso e Vinhais ao longo deste período, mais precisamente nos anos de 1980, 1981, 1982, 1986 e 1987, muito embora tenha difundido até hoje apenas uma pequena parcela da coleção então constituída, conforme detalharei no próximo apartado.

Em 1984 e 1987, António Maria Mourinho editou, nos dois volumes do seu *Cancioneiro Tradicional Mirandez*, versões de alguns dos romances mais raros da tradição moderna, de que se destacam temas exclusivos da memória coletiva transmontana como “Canta, mouro”, “A mulher do pastor”, a única atualização poética de “A mulher desprezada” conhecida na tradição portuguesa, “As bodas em Paris”, “A loba parda”, “Mirandum”, “Santo António e os passarinhos” ou o tema devoto vulgar “O demónio e o almocreve”. Em 1985, o padre Belarmino Afonso divulgou uma pequena compilação de versões de Trás-os-Montes e, em 1987 e 1988, composições inéditas procedentes desta área tradicional foram impressas nos dois tomos do *Romanceiro Popular Português* pela mão de Aliete Galhoz.⁸ A estudiosa salientou, nesta ocasião, os temas romancísticos menos vezes coligidos em Portugal, entre os quais se encontra “A condessa traidora” que apenas é preservado pela rama transmontana desta tradição.

Desde que, em 1995, J. J. Dias Marques elencou minuciosamente as copiosas recolhidas de Trás-os-Montes que permaneciam inéditas, algumas destas coleções baladísticas foram divulgadas. Com efeito, o padre Joaquim Manuel Rebelo, nesse

⁸ Sublinhe-se que esta obra resultou de trabalhos de campo desenvolvidos em território nacional entre a década de 1950 e finais dos anos 70, no âmbito da Linha de Ação para a Recolha e Estudo da Literatura Popular Portuguesa, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Além da amplitude temática dos textos editados nestes volumes, as versões refletem também critérios de fixação heterogéneos resultantes da multiplicidade de colaboradores da coleção, em conjunto com a transversalidade geográfica e cronológica dos seus trabalhos, que a editora reconhece e opta por respeitar.

mesmo ano, e Virgílio do Vale, no ano seguinte, fixaram, em obras de carácter etno-gráfico, pequenos conjuntos de atualizações poéticas, todas pertencentes a temas amplamente recolhidos na região. Já no decurso de 1998, diversos investigadores deram a conhecer importantes coleções transmontanas, cujos contributos para o acréscimo do arquivo romancístico desta área tradicional Pere Ferré também salientou recentemente: Anne Caufriez e Berta Beça, por um lado, e, por outro, Candace Slater, Samuel Armistead, Israel J. Katz e Zília Osório de Castro, que publicaram as suas recolhas no *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes* (Ferré, 2007: 84-85).⁹

Em 1999, António da Eira divulgou o resultado de incursões realizadas em Trás-os-Montes em meados da década de 50 do século XX, e, no mesmo ano, saiu ainda do prelo um volume da autoria de Joaquim Alves Ferreira, exclusivamente dedicado ao romanceiro tradicional da região. Estes dois títulos, bem como o *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes* (Armistead-Fontes, 1998) foram objeto da recensão crítica de J. J. Dias Marques “Novas colectâneas de poesia oral transmontana” (2000), para a qual remeto, uma vez que, nela, o estudioso se dedicou à apreciação da organização destas coletâneas, dos critérios editoriais e da classificação temática adotados, salientou os méritos da respetiva contribuição tanto para o acervo transmontano como para a tradição moderna portuguesa e apontou ainda os problemas descobertos nestes volumes, nomeadamente na coleção de Alves Ferreira. Nos últimos anos, mais precisamente em 2006 e 2011, Altino Moreira Cardoso publicou também duas compilações de poemas transmontanos.

Finalmente, considero o título a que me referi no início e que ainda não consta dos catálogos disponíveis. Com efeito, em 2009, foi editado o *Romanceiro da Tradição Oral, recolhido no âmbito do Plano Trabalho e Cultura dirigido por Michel Giacometti*. Como o próprio título indica, esta obra reúne uma parte do espólio recolhido pelas equipas orientadas por Michel Giacometti, no período pós 25 de abril, e o segundo volume contém diversas versões de romances tradicionais provenientes de Trás-os-Montes, todos amplamente conhecidos nesta área geográfica. Os

⁹ José Alberto Sardinha, assim como Anne Caufriez, destacou-se no registo e estudo da componente musical do romanceiro transmontano. Dias Marques havia anunciado o espólio transmontano inédito deste investigador, cuja edição discográfica data de 1997. No entanto, o etnomusicólogo sacrificou uma parte substancial da recitação das versões romancísticas que recolheu, gravadas apenas fragmentariamente, em virtude do interesse musical que o guiava.

seus editores optaram por respeitar as normas definidas na época por Giacometti, seguindo as fichas originais da prospeção. Fixaram os poemas em verso curto e recorreram aos tomos do *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos para estabelecer a classificação dos temas tradicionais coligidos, não adotando, assim, os critérios da edição romancística mais recente representados, por exemplo, pelo *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira* (Ferré-Boto, 2008) nem a tipologia classificativa que está na base do *Arquivo do Romanceiro Português* “romanceiro.pt” e que constitui um significativo avanço relativamente à do etnógrafo português.

Concluindo, a região de Trás-os-Montes foi sempre reconhecida e mencionada pelos traços arcaizantes, diversidade temática e raridade dos testemunhos romancísticos aí encontrados. Estas características fizeram da área transmontana um dos espaços do território nacional mais pródigos em recolhas, versões editadas e estudos críticos. Como vimos, a fortuna editorial dedicada à memória coletiva portuguesa da balada pan-hispânica revela-o desde os seus primeiros registos até hoje. A presente edição, que resulta de recolhas desenvolvidas na década de 80 do século XX, mas que só agora é conhecida na totalidade, constitui uma prova notável de todos estes atributos e vem ampliar significativa e consideravelmente o arquivo tradicional do romanceiro transmontano.

II. A presente edição e seus critérios

Ao longo dos meses de agosto e setembro de 1980, 1981, 1982 e 1987, J. J. Dias Marques realizou campanhas de recolha em diversas localidades do distrito de Bragança e destas entrevistas resultou um acervo poético que excede as oitocentas versões de setenta e cinco romances distintos, além de textos pertencentes a outros géneros, como a canção narrativa ou a oração.¹⁰ Esta coleção, além de vasta, é tematicamente variada e contém atualizações poéticas de alguns dos romances mais raros da tradição moderna portuguesa, que foram previamente publicados por Dias Marques: “Penitência do rei D.

¹⁰ Este acervo não inclui a totalidade das recolhas realizadas por Dias Marques na região transmontana. Com efeito, o resultado das entrevistas realizadas em 1986 não integra o fundo documental entregue ao IELT, conforme se descreverá adiante.

Rodrigo”, pertencente à classe de “romances épicos e históricos” (Marques, 1984: 532-533), o tema bíblico “Tamar” (Marques, 1987: 9-10), os clássicos “Florbela e Brancaflor” (Marques, 1987: 7-8) e “Virgílio” (Marques, 1985a: 14) e o tema da unidade “romances referentes à mocidade do herói” “Quem quiser viver alegre” (Marques, 1985a: 20). A bibliografia do romancero tradicional português prova a raridade destas baladas.¹¹

De facto, a tradição moderna portuguesa de “Penitência do rei D. Rodrigo” é composta somente por cinco versões e o texto publicado por Dias Marques corresponde à recitação independente de uma atualização poética igualmente recolhida e editada por Manuel da Costa Fontes (1987: 1), uma vez que os dois investigadores entrevistaram a informante Augusta dos Santos Neves, em agosto e setembro de 1980. Por outro lado, quando Dias Marques fez imprimir o romance bíblico, o *corpus* português de Tamar dispunha de nove versões e, no que respeita aos temas clássicos, “Florbela e Brancaflor” contava com dezasseis poemas e “Virgílio” apenas dois.¹² Finalmente, à data de publicação de “Quem quiser viver alegre”, tinham sido fixadas somente quatro versões do romance. Dois anos depois, Costa Fontes publicou uma recitação independente da atualização poética deste tema divulgada por Dias Marques (Fontes, 1987: 67) – a informante Cândida Augusta Ramos foi entrevistada pelos dois investigadores com poucos dias de diferença, em agosto de 1980. Portanto, contrariamente à publicação da composição de “Penitência do rei D. Rodrigo”, estes últimos textos corresponderam, aquando da sua impressão, ao conhecimento de novas versões no âmbito da memória romancística nacional.

Também na década de oitenta do passado século, Dias Marques divulgou versões de outros romances, excluídas do presente volume, que colige apenas as composições

¹¹ Os dados numéricos e bibliográficos apresentados encontram-se coligidos no *Arquivo do Romancero Português da Tradição Oral Moderna*, www.arquivo.romancero.pt (consultado, pela última vez, no dia 15 de novembro de 2018) e não consideram as versões desta base de dados que permanecem inéditas.

¹² O *corpus* poético de “Florbela e Brancaflor” destaca-se dos restantes temas aqui em consideração pelo número bastante mais elevado de versões editadas, mas também pela geografia da sua recolha. Com efeito, das dezasseis composições mencionadas e excetuando o texto publicado por Estácio da Veiga, treze provêm de diferentes ilhas do Arquipélago dos Açores, uma da Beira Baixa e uma de Trás-os-Montes. À semelhança do outro tema clássico desta lista, “Virgílio”, que contava com uma versão transmontana e uma açoriana, a atualização poética editada por Dias Marques foi apenas o segundo registo do romance em Trás-os-Montes. Pelo contrário, a memória nacional dos outros temas elencados encontra-se circunscrita a esta região do norte do país.

inéditas, conforme se verá, e cuja relação bibliográfica aqui se apresenta: “Morte do príncipe D. João” (Marques, 1984: 534-535 e 537-538), “Perseguição de Búcar pelo Cid” (Marques, 1984: 533-534), “O conde preso” (Marques, 1984: 544), “Morte de D. Beltrão” (Ferré-Marques, 1982: 70; Marques, 1984: 539), “D. Gaifeiros” (Marques, 1984: 542-543), “Conde Flores” (Marques, 1984: 545-546), “Floresvento” (Marques, 1984: 541; 1989: 390), “A irmã perdida” (Marques, 1987: 11-12), “Bela infanta” (Marques, 1984: 546-547), “O soldado” (Marques, 1984: 548), “A noiva abandonada” (Marques, 1987: 14), “A mulher do pastor” (Marques, 1985a: 10), “A má sogra” (Marques, 1985a: 7-8), “A lavadeira” (Marques, 1985a: 9), “O conde da Alemanha” (Marques, 1985a: 12), “Veneno de Moriana” (Marques, 1985a: 18; 1992: 53-54 e 55), “A vingadora da sua honra” (Marques, 1987: 6-7), “A serrana” (Marques, 1985a: 16), “Rico Franco” (Marques, 1987: 4-5), “A esposa de D. Garcia” (Marques, 1985a: 21-22), “Delgadinha” (Marques, 1982: 211-212, 212-213, 213-214, 215-216, 216-218; 1987: 8-9; 1996: 157-158), “Flérida” (Marques, 1987: 13), “A infantina” (Marques, 1987: 12-13), “A morte ocultada” (Marques, 1985a: 5-6), “Eu casei com uma donzela” (Marques, 1984: 549-550), “D. Ângela” (Marques, 1987: 22-24), “A fonte clara” (Marques, 1987: 18), “Santa Iria” (Marques, 1987: 3-4), “Bem madrugava a donzela” (Marques, 1987: 19), “O lavrador da arada” (Marques, 1987: 18), “Pobreza da Virgem dando à luz” (Marques, 1987: 15) e, por último, “A Virgem a caminho do Calvário” (Marques, 1987: 16-17). Além destas publicações, Dias Marques cedeu ainda algumas versões inéditas a João David Pinto Correia, Victor Millet e Vanda Anastácio, no âmbito de estudos críticos que estes investigadores realizaram sobre temas particulares, nomeadamente “Belardo e Valdevinos” (Correia, 1987: 111-112, 112-113 e 113), “O conde preso” (Correia, 1987: 204), “Morte de D. Beltrão” (Correia, 1987: 97-98 e 98-99), “D. Gaifeiros” (Correia, 1987: 145-146; Millet, 1998: 285-286, 287, 288-289 e 289), “Floresvento” (Correia, 1987: 170), “Conde Claros vestido de frade” (Correia, 1987: 359-360) e “A condessa traidora” (Anastácio, 1992: 223). No caso de “D. Gaifeiros”, o coletor cedeu a Millet todas as atualizações inéditas do romance que a sua recolha continha, num total de quatro, pelo que este tema carolíngio também não se encontra representado no presente volume.

Contudo, apesar deste considerável trabalho de edição, a maior parte dos poemas do romanceiro tradicional transmontano recolhidos por J. J. Dias Marques permanecia inédita. Por isso, no decurso de 2017, o investigador confiou ao Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa o fundo documental destas prospeções, composto por testemunhos áudio, manuscritos e impressos. O acervo áudio é formado

por cinquenta e três cassetes, de sessenta e noventa minutos, e o restante fundo é constituído pelos índices do conteúdo das cassetes de 1980, 1981 e 1982, pelas primeiras transcrições manuscritas da maioria das composições recolhidas em 1980 e 1981 e pelas cópias de algumas versões já publicadas pelo investigador. Estas cassetes encontravam-se muito danificadas pela inexorável passagem do tempo, pelo que se verificou ser impossível realizar a transcrição dos poemas gravados a partir da audição das fitas magnéticas. Portanto, a primeira tarefa empreendida consistiu na conversão para suporte digital das cassetes e no trabalho de edição digital do áudio gravado com recurso ao *software open source* “Audacity” (versão 2.1.3), sobretudo nas gravações das fitas cujos danos tornavam o conteúdo das entrevistas imperceptível. Tendo em consideração que apenas o som de uma cassette não pôde ser recuperado no novo suporte e unicamente duas não puderam ser digitalizadas, esta fase permitiu a recuperação de 95% do acervo áudio correspondente a cerca de sessenta e cinco horas de gravação.¹³

O presente volume colige todas as composições inéditas recolhidas por J. J. Dias Marques na mencionada campanha e, entre elas, encontram-se temas raros que ainda não tinham sido impressos, confirmando-se assim, uma vez mais, o valor inestimável deste acervo baladístico. Em primeiro lugar, destaco, pela sua absoluta novidade, a versão recitada por Manuel Alberto Diegues que abre com os versos:

Lá nos lugares de Madrid, ao pé dos canos da água,
2 habitava um cavaleiro, dom Gabriel se chamava,
sua mulher dona Isabel, sua filha dona Ana.

Trata-se, na verdade, da primeira atualização poética do romance vulgar tradicionalizado “A freira seduzida pelo diabo” (IGRV 0466),¹⁴ registada em português (a versão LX.1 do presente volume). Embora seja evidente a semelhança com o *incipit*

¹³ As cassetes encontram-se numeradas sequencialmente, obedecendo à ordem cronológica das entrevistas no âmbito de cada um dos anos de recolha. As cassetes n.ºs 2 e 3 de 1981 não puderam ser convertidas em formato digital, não obstante a diligência de Dias Marques na reparação destas fitas, e a n.º 8 de 1980, apesar de gravada na totalidade, apresenta danos materiais que obstam à inteligibilidade do seu conteúdo. A cassette n.º 10 de 1980 não pôde ser localizada, pelo que não chegou a integrar este acervo.

¹⁴ A sigla IGRV tem sido utilizada para distinguir o romanceiro vulgar no contexto do *Índice general del romancero pan-hispánico* (IGRH ou simplesmente IGR) (Salazar, 2015: 449).

do romance “Nos campos de Vila Rica” (IGR 0410) e a partilha da assonância (á-a), o desenvolvimento do poema e respetivo enredo permite identificá-lo apesar da afinidade temática entre os dois romances sublinhada por José Manuel Pedrosa, num estudo dedicado a “Nos campos de Vila Rica” (“La renegada de Valladolid” na tradição espanhola):

Su trama difiere en muchos aspectos, por supuesto, del de *La renegada de Valladolid*. Pero les acerca su estilo de romance *vulgar* o de pliego fuertemente tradicionalizado, su íncipit formulístico, sus antropónimos (don Gabriel, doña Isabel y doña Juana) compartidos con algunas versiones de *La renegada*, el hecho de que la joven sea una monja traidoramente seducida por un varón que es identificado como el *demoro*, contubernio inquietante de *demonio* y de *moro*... Los aires de familia (lejana) no dejan de ser, en definitiva, sugestivos (Pedrosa, 2013: 250).

“A freira seduzida pelo diabo” pertence à secção de “salvados del diablo y del infierno” do romanceiro devoto vulgar e, que saibamos, era apenas conhecido pelas duas versões procedentes de León e Zamora (Salazar, 1999: 378-379). A raridade da versão recolhida é, pois, enorme, justificando o seu estudo no contexto da balada pan-hispânica que tenho neste momento em preparação e em breve darei a conhecer.

Também no âmbito dos achados invulgares, é de realçar igualmente o conjunto de versos de “As queixas de Maria Madalena”, contrafação ao divino do romance épico-histórico “As queixas de D. Urraca”, incorporados, por contaminação, numa atualização poética notável do tema religioso “A Virgem a caminho do Calvário” (LXVI.4), recitada pelo informante da versão anterior (Manuel Alberto Diegues):

- Morreste, meu bom Jesus, morreste sem testamento,
- 30 só deixaste aos judeus que te deram bofetadas.
- Só a mim, como sobrinha, me deixaste deserdada.
- 32 – Cala, cala, Madalena, que tu não estás deserdada,
- a herança do meu pai para ti estará guardada.

Ao descrever as recolhas transmontanas inéditas à data do estudo já mencionado, J. J. Dias Marques listou os títulos dos achados do seu próprio trabalho de campo que considerava mais raros (Marques, 1995: 434-435) – não tendo mencionado na ocasião os que agora destaquei – e vale a pena sublinhar a importância de alguns

deles no contexto da tradição moderna portuguesa.¹⁵ “Aliarda”, por exemplo, dispunha de apenas onze versões tradicionais no romanceiro moderno nacional, provenientes de Bragança, Madeira e Algarve,¹⁶ além da “Albaninha” de Garrett, mas as entrevistas realizadas por Dias Marques acrescentam mais doze atualizações poéticas a este acervo. Por sua vez, o tema épico “Perseguição de Búcar pelo Cid” contava, até hoje, com dezassete composições publicadas; o presente volume edita cinco versões deste romance, apesar de uma delas corresponder apenas à recitação do *incipit*. Esta coleção fixa ainda sete atualizações poéticas do romance “A serrana”, de que eram conhecidas anteriormente vinte e três versões (vinte provenientes de Trás-os-Montes e as restantes da Madeira e Espanha, havendo ainda um último texto sem geografia atribuída).

Ainda no âmbito da relação elaborada por Dias Marques, destaco alguns dos temas cuja memória portuguesa não atravessa as fronteiras da região transmontana. “A esposa de D. Garcia” registava dez versões na tradição moderna, uma delas procedente desta mesma recolha, e o presente volume colige cinco novas composições deste romance. Do tema de “mulheres assassinas” “A galharda”, por sua vez, encontram-se publicadas dez versões transmontanas (seis de Bragança, uma de Vinhais, duas de Vimioso, todas do distrito brigantino, e uma de Montalegre, Vila Real), a que acrescem duas sem uma origem geográfica identificada. As entrevistas realizadas por Dias Marques no concelho de Bragança contribuem com mais um poema, especificamente de Rio de Onor, localidade onde este romance ainda não havia sido recolhido. Por outro lado, o tema “de esposa infeliz” “A mulher do pastor” contava somente com treze versões impressas até hoje, sendo que uma delas resultou desta recolha e foi dada a conhecer pelo coletor, conforme detalhei acima. Uma outra atualização poética deste romance, incluída na presente edição, foi gravada em Gimonde, a mesma localidade do concelho de Bragança de onde procede, aliás, a totalidade deste *corpus* tradicional.

¹⁵ Conforme indicado anteriormente, estes dados foram retirados do *Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, www.arquivo.romanceiro.pt (consultado, pela última vez, no dia 15 de novembro de 2018) e não consideram as versões desta base de dados que permanecem inéditas.

¹⁶ O *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira* edita uma composição inédita deste romance como anexo de “Conde Claros vestido de frade” (Ferré-Boto, 2008: 85), por se tratar de um fragmento inicial pertencente a uma versão contaminada deste tema, a modalidade exclusiva da presença de “Aliarda” na tradição madeirense.

A prospeção que esteve na base deste volume foi também pródiga em romances devotos tradicionais, como mostra o exemplo de “Bem madrugava a donzela”. Este tema contava com catorze atualizações poéticas no romanceiro português, uma das quais publicada por Dias Marques, a que o presente volume acrescenta oito composições. No caso dos romances devotos vulgares, “A filha do lavrador”, também conhecido pelo título espanhol “El cura sacrílego”, registava quinze versões publicadas, provenientes de Trás-os-Montes (uma do concelho de Chaves, distrito de Vila Real; seis do concelho de Bragança, quatro de Vinhais, três de Miranda do Douro e uma de Vimioso, do distrito de Bragança), e uma sem procedência identificada; esta coleção junta-lhes três novos poemas, recolhidos no concelho de Vinhais.

J. J. Dias Marques assinalou igualmente os romances de que reuniu maior número de versões (Marques, 1995: 434), chamando a atenção para “Veneno de Moriana” (que este volume colige sessenta e três vezes) e “Bela infanta” (sessenta). No entanto, gostaria de sublinhar o caso do romance “Morte do príncipe D. João”, por ser especialmente revelador da importância desta coletânea. Com efeito, tendo em consideração que a tradição moderna portuguesa regista noventa e quatro versões publicadas deste romance histórico, as trinta e seis composições acrescentadas pela atual edição representam aproximadamente 30% do acervo poético do tema na memória coletiva nacional.

A importância e valor do *corpus* romancístico coligido por J. J. Dias Marques decorre igualmente dos aspetos poéticos, discursivos e linguísticos das versões recolhidas. Assim, muitas aqui editadas sobressaem pelos traços arcaizantes das suas fórmulas poéticas e estrutura narrativa. O cotejo dos testemunhos de “Gerinaldo”, por exemplo, com as restantes atualizações poéticas do romance na tradição moderna pan-hispânica e, sobretudo, com os seus congéneres antigos evidenciam estas características. Por outro lado (mas também prova da vitalidade *tradicional*), verifica-se a introdução, na cadeia de transmissão tradicional dos romances, de composições de origem livresca, decorrentes principalmente da memorização de versões garrettianas, conforme observou também Sandra Boto a propósito do romanceiro do Arquipélago da Madeira (Ferré-Boto, 2008: 15). Não obstante, mesmo nos casos em que os informantes declaram ter aprendido o poema num manual escolar, como a primeira versão de “Bela infanta” aqui editada (XIV.1), a variação prova a integração já em curso naquela cadeia e torna-se

evidente o engaste de versos de inspiração garrettiana e de fórmulas próprias da modalidade tradicional do tema na área transmontana, de que é testemunho a versão de “A rainha e a sua escrava”, recitada por Ana Maria Gouveia, de Gimonde (XI.1).

Outra demonstração do vigor da memória romancística destas comunidades é a recitação, por parte de um informante, de versões pertencentes a modalidades distintas do mesmo tema. Salientaria as três versões de “Bela infanta” (XIV.52, 53 e 54) de Cândida Augusta Ramos (Bairro do Eiró, concelho de Vinhais), mas também as manifestações das modalidades autónoma e contaminada de “O soldado” (XVI.18 e 19), proferidas por Florinda Rodrigues (Nuzedo de Cima, no mesmo concelho), ou ainda a presença recorrente das duas modalidades de “Veneno de Moriana”. Destaco, do mesmo modo, a transmissão de baladas cuja preservação no romanceiro moderno português tem sido garantida pela respetiva integração em formas contaminadas de outros temas, ou seja, pela migração intertextual de unidades ou grupos de unidades de significação para versões de um determinado romance recetor, como o engaste de “Porque não cantas, ó bela?” em atualizações de “Bela infanta”, “Abenámar” em “Canta, mouro” ou “A aparição” em poemas de “O soldado” e “Bernal Francês”. Pelo contrário, “Aliarda” que, noutras regiões do país, apenas sobrevive em conjunto com outros temas, surge aqui autonomamente, além da presença em poemas contaminados de “Conde Claros vestido de frade”. Do ponto de vista linguístico, a localização geográfica destas recolhas determina ainda a existência de algumas composições em castelhano e outras bilingues, mais frequentes nas zonas raianas, com especial destaque, por exemplo, para as atualizações poéticas do romance “A tentação do marinheiro” ou para as versões de informantes como Arcângela do Nascimento Ximeno, que ofereceu, entre outras, a de “Florbela e Brancaflor”, já publicada por J. J. Dias Marques (1987: 7-8), ou a do tema “A galharda” incluída nesta edição (XXIX.1).

Por último, um comentário à secção final do presente volume constituída por versões de romances religiosos. Como é sabido, esta classe de baladas em português requer ainda o aprofundamento do seu estudo, necessitando nomeadamente de uma obra de referência atualizada de inventariação e classificação das versões nacionais dos temas desta categoria que permita a identificação segura dos novos poemas recolhidos nas áreas portuguesas. Sem ela, o reconhecimento das versões aqui publicadas baseou-se no cotejo dos poemas com os publicados

sob classificação nos Índice Temático e Bibliográfico de Costa Fontes (1997)¹⁷ e *Novo Romanceliro do Arquipélago da Madeira* (Ferré-Boto, 2008), assim como nos *Catálogo exemplificado* do romanceliro galego (Valenciano, 1998) e *Silva asturiana* (Cid, 2010), sem perder de vista a valiosíssima lista temática do *Archivo del Romanceliro*, à guarda da Fundación Ramón Menéndez Pidal¹⁸. Foram igualmente consultados o estudo de Diego Catalán sobre as contrafações “ao divino” de determinados romances profanos (Catalán, 1997) e outras coleções de romances, como o segundo volume do *Romanceliro Popular Português* de Maria Aliete Galhoz (1988) ou o *Romanceliro religioso de tradición oral* de William González (1994). Porém, estas duas últimas obras coligem textos de diversos géneros nos mesmos apartados, reunindo romances religiosos e orações, por exemplo, ou omitem a classificação do IGR, dificultando enormemente a classificação dos temas.

Assim, em primeiro lugar, diferenciaram-se os romances religiosos de outros géneros, nomeadamente da oração, com a qual andam associados, por serem frequentemente recitados como prece ou, o que se torna mais complexo ao nível da análise, por incorporarem versos de orações – além de integrarem fórmulas de outros romances. Seguidamente, identificaram-se os temas das versões, através da metodologia comparativa mencionada. Os resultados podem ser provisórios mediante futuras investigações, mas constituem um primeiro ensaio classificatório, no quadro do arquivo do romanceliro religioso pan-hispânico, dos poemas recolhidos por Dias Marques na sua feliz campanha transmontana dos anos oitenta do século passado.

A organização do presente volume segue a classificação dos temas tradicionais estabelecida por Samuel Armistead que é a adotada por Pere Ferré no *Romanceliro Português da Tradição Oral Moderna* (Ferré, 2000-2004), na *Bibliografia do Romanceliro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)* (Ferré-Carinhas, 2000), assim como, mais recentemente, no *Novo Romanceliro do Arquipélago da Madeira* (Ferré-Boto, 2008). Dispõe os romances de acordo com a ordenação das categorias e dos respetivos temas que é utilizada nestas três obras.

¹⁷ Apesar de os títulos atribuídos pelo editor não coincidirem com os convencionados pelo “Seminario Menéndez Pidal”, a indicação do número do *Índice general del romanceliro*, que identifica os romances e os acompanha, permite identificá-los.

¹⁸ Estas cópias foram-me cedidas por Sandra Boto, a quem agradeço a ajuda e a disponibilidade.

Os títulos portugueses dos temas correspondem às denominações da mencionada *Bibliografia do Romanceiro Português* e, nos casos que não foram fixados por esta obra de referência (como, por exemplo, o dos romances que a tradição moderna portuguesa apenas preserva em formas contaminadas de outros temas), recorri ao já citado *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* e, especialmente, ao aludido *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, do qual são retiradas ainda as designações dos romances religiosos. Os temas desta classe que não se encontram abrangidos pelo volume insular são denominados a partir da tradução do título indicado pelo *Índice general del romancero* e a ordenação dos romances desta categoria, à semelhança da disposição das coletâneas do romanceiro espanhol atrás mencionadas, corresponde à cronologia dos episódios narrados nos respetivos argumentos (da Natividade à Paixão).

No âmbito de cada tema romancístico, que é identificado nesta coleção por meio de um algarismo romano, as versões surgem sequencialmente sob numeração árabe que respeita, primeiramente, os concelhos do distrito de Bragança em que foram recolhidas as versões aqui editadas (Bragança e Vinhais), seguidamente, os lugares (segundo a orientação norte-sul e este-oeste) e, por último, os nomes dos informantes por ordem alfabética. A identificação paratextual das versões inclui a sua origem geográfica, o antropónimo e idade do informante, assim como o respetivo local de residência quando não coincide com o de proveniência da versão e, finalmente, a data de recolha. Todas estas indicações se baseiam nos dados recolhidos junto dos entrevistados (por norma o coletor questionou os informantes sobre, por exemplo, o local em que aprenderam a versão recitada, sobretudo quando a naturalidade do portador de memória romancística não coincidia com o local de residência). A identificação paratextual de algumas versões que surge sublinhada em itálico (ou, num ou outro caso, o destaque em negrito de alguns versos de determinadas composições) corresponde ao aparato e às transcrições manuscritas realizadas somente por J. J. Dias Marques, que fazem parte do fundo documental desta recolha disponibilizado ao IELT, e suprem a dificuldade de não se ter podido recuperar digitalmente um conjunto de três cassetes referentes aos anos de 1980 e 1981.¹⁹

No final deste volume, apresentam-se ainda diversos índices das versões: um de primeiros versos, que compreende o *incipit* de todas as composições editadas; uma

¹⁹ Vide referências destas cassetes na nota 12 acima.

lista alfabética dos títulos portugueses dos romances, acompanhados da respetiva classificação numérica atribuída pelo *Índice general del romancero* (IGR) e da denominação espanhola convencionada; uma lista numérica segundo a classificação do IGR, com os títulos portugueses e espanhóis;²⁰ o elenco de localidades por concelho e freguesia, ordenado alfabeticamente, e, por último, um índice de todos os informantes, cujos nomes se organizam por meio do mesmo critério geográfico e alfabético.²¹

No que diz respeito aos critérios de fixação textual, a presente coleção segue as normas mais recentes de edição deste género literário tradicional de normalização linguística (e de afastamento da transcrição tendencialmente fonética), embora respeite os casos que têm implicações métricas e rimáticas, prevalecendo os elementos da poética do romanceiro tradicional. Além disso, adota o verso longo, característico do romanceiro, e exclui as didascálias ou quaisquer elementos extratextuais. A eventual presença, nestas atualizações poéticas, de versos cuja métrica e linguagem não correspondem às do romanceiro, e cujo tema de proveniência não foi possível identificar, edita-se em itálico (por exemplo, versos de orações).

A inexistência de um hemistíquio numa versão assinala-se por parênteses retos e reticências: [...]. Por outro lado, a omissão de um hemistíquio, verso ou segmento textual numa atualização poética, com origem numa falha de memória do informante, é indicada por parênteses curvos e reticências: (...). Finalmente, a sinalefa [...?...] marca os vocábulos ou enunciados ininteligíveis nas gravações e que, por isso, não puderam ser transcritos.

Por fim, uma palavra de reconhecimento ao Instituto de Estudos de Literatura e Tradição pela concessão da bolsa de investigação para este trabalho editorial integrado no Programa Editar a Memória dirigido pela Professora Teresa Araújo. À coordenadora deste Programa agradeço o apoio científico e ao Professor J. J. Dias Marques a orientação documental no tratamento do acervo.

²⁰ Estas listas alfabética e numérica referem-se não só às manifestações autónomas de um tema, como registam a contaminação ou a presença de versos ou conjuntos de versos de um determinado romance em versões de outro tema.

²¹ Além do nome, indica-se, nesta lista, a idade dos informantes à data da primeira entrevista que concederam, uma vez que alguns participaram na recolha de anos distintos.

Bibliografia citada

- Anastácio, Vanda (1992). "A Condessa Traidora" in Beatriz Garza Cuarón e Yvette Jiménez de Báez (eds.). *Estudios de Folklore y Literatura dedicados a Mercedes Díaz Roig*. México: El Colegio de México, 209-231.
- Araújo, Teresa (2008). "No centenário do *Romanceiro Geral Português*: o projecto e a obra". *Nau Literária. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, 4 (1), 1-9.
- Armistead, Samuel, G. e Fontes, Manuel da Costa (1998). *Cancioneiro Tradicional de Trás-os-Montes*. Madison: The Hispanic Seminar of Medieval Studies.
- Arquivo do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna*, www.arquivo.romanceiro.pt (consultado, pela última vez, no dia 15 de novembro de 2018).
- Boto, Sandra (2011). *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Proposta de "Edição Crítica"*. Lisboa: Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- Braga, Theophilo (1867). *Romanceiro Geral Colligido da Tradição*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- _____ (1906-1909). *Romanceiro Geral Português*, 2.^a ed. (1906). I: *Romances Heroicos, Novellescos e de Aventuras*. Lisboa: Manuel Gomes; (1907). II: *Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros*. Lisboa: Manuel Gomes; (1909). III: *Romances com Forma Litteraria do Seculo XV a XVIII*. Lisboa: J. A. Rodrigues & Co.
- Catalán, Diego (1997). "El romancero espiritual en la tradición oral" in *Arte poética del romance-ro oral. Parte 1.ª Los textos abiertos de creación colectiva*. Madrid: Siglo Veintiuno, 265-290.
- Cid, Jesús Antonio (edición y estudio preliminar) (2010). *Silva asturiana. III. El Romancero asturiano de Juan Menéndez Pidal. Nuevas encuestas de Juan y Ramón Menéndez Pidal, 1885-1910*. Madrid-Oviedo: Fundación Ramón Menéndez Pidal-Universidad Complutense-Real Instituto de Estudios Asturianos-Ayuntamiento de Gijón.
- Correia, João David Pinto (1987). *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa (publicado em 1994, *Os Romances Carolíngios da Tradição Oral Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica).
- Ferré, Pere (1999). "Influências de Agustín Durán e Eugenio de Ochoa no *Romanceiro* de Almeida Garrett" in María Rosa Álvarez Sellers (ed.). *Cuadernos de filología, anejo XXXI. Literatura portuguesa y literatura española: influencias y relaciones*. València: Universitat de València, 275-299.

- _____ (2000). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*, vol. I, com a colaboração de Cristina Carinhas, Ramón dos Santos de Jesus e Eva Parrano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (2001). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*, vol. II, com a colaboração de Teresa Araújo, Cristina Carinhas e Mirian Nogueira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (2003). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*, vol. III, com a colaboração de Sandra Boto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (2004). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*, vol. IV, com a colaboração de Sandra Boto e Patrícia de Jesus Palma. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (2006). "Etapas de la edición del romancero portugués" in Ramón Santiago, Ana Valenciano y Silvia Iglesias (eds.). *Tradiciones discursivas: edición de textos orales y escritos*. Madrid: Editorial Complutense, 87-100.
- _____ (2007). "O romanceiro em Portugal (1960-2007)". *Santa Barbara Portuguese Studies*, IX, 72-93.
- _____ e Boto, Sandra (2008). *Novo Romanceiro do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Funchal 500 Anos.
- _____ e Carinhas, Cristina (2000). *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*. Madrid: Instituto Universitario Menéndez Pidal.
- _____ e Marques, José Joaquim Dias (1982). "O Romanceiro em Trás-os-Montes" in AA. VV., *À Descoberta de Portugal*, Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 70-71.
- Fontes, Manuel da Costa (1979). *Romanceiro Português do Canadá*. Coimbra: Por Ordem da Universidade.
- _____ (1987). *Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*, vol. I. Coimbra: Por Ordem da Universidade.
- _____ (1997). *O Romanceiro Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico*, 2 vols. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies.
- Galhoz, Maria Aliete (1987-1988). *Romanceiro Popular Português*, 2 vols. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, INIC.

Garrett, Almeida (1851). *Romanceiro*, vol. II. Lisboa: Na Imprensa Nacional.

González, William H. (ed.) (1994). *Romancero religioso de tradición oral*. Madrid: Eypasa.

Magalhães, Miguel e Marques, Ricardo (transcrição e edição) (2009). *Romanceiro da Tradição Oral, recolhido no âmbito do Plano Trabalho e Cultura dirigido por Michel Giacometti*. Ana Maria Ramalhete e Nuno Júdice (coord.), 2 vols. Lisboa: Edições Colibri-Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

Marques, J. J. Dias (1982). "Sobre um tipo de versões do romance de *Delgadinha*". *Quaderni Portoghesi*, 11/12, 195-225.

_____ (1984). "Romances dos concelhos de Bragança e Vinhais". *Brigantia*, IV (4), 527-550.

_____ (1985a). "Romances dos concelhos de Bragança e Vinhais". *Brigantia*, V (1), 4-24.

_____ (1985b). "O Abade de Baçal e o Romanceiro". *Brigantia*, V (2-4), 637-657.

_____ (1987). "Romances dos concelhos de Bragança e Vinhais". *Brigantia*, VII (1-2), 3-26.

_____ (1989). "Imagens e Sons do Romanceiro Português" in Pedro M. Piñero et al. (orgs.). *El Romancero. Tradición y pervivencia a fines del siglo XX. Actas del IV Coloquio Internacional del Romancero*. Sevilla-Cádiz: Fundación Machado-Universidad de Cádiz, 381-398.

_____ (1992). "O *Veneno de Moriana* com final madeirense em Trás-os-Montes". *Brigantia*, XII (3), 51-73.

_____ (1994). "Algumas Palavras sobre as Recolhas Inéditas do Romanceiro em Trás-os-Montes" in Salvador Rebés (org.). *Actes del Col.loqui sobre cançó tradicional - Reus, setembre 1990*. [s.l.]: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 593-604.

_____ (1995). "As recolhas inéditas do romanceiro trasmontano" in Mishael M. Caspi (ed.). *Oral Tradition and Hispanic Literature. Essays in Honor of Samuel G. Armistead*. New York and London: Garland Publishing, 415-443.

_____ (1996). "'E acabou tudo em bem'. Sobre uma versão algarvia do romance de *Delgadinha*". *Estudos de Literatura Oral*, 2, 157-176.

_____ (2000). "Novas colectâneas de poesia oral trasmontana". *Estudos de Literatura Oral*, 6, 220-225.

Millet, Victor (1998). *Épica Germánica y Tradiciones Épicas Hispánicas: Waltharius y Gaiferos (La leyenda de Walther de Aquitania y su relación con el romance de Gaiferos)*. Madrid: Gredos.

Mourinho, António Maria (1984-1987). *Cancioneiro Tradicional Mirandez*, 2 vols. Bragança: Escola Tipográfica de Bragança.

Pedrosa, José Manuel (2013). "La renegada de Valladolid: romances, canciones y fábulas de cautivos". *Etiópicas*, 9, 212-260.

Purcell, Joanne B. (1972). "Sobre o Romancero Português: Continental, Insular e Transatlântico. Uma Recolha Recente" in Diego Catalán e Samuel G. Armistead (ed.). *El Romancero en la Tradición Oral Moderna. 1.er Coloquio Internacional*. Madrid: Cátedra-Seminario Menéndez Pidal y Rectorado de la Universidad, 55-64.

Salazar, Flor (1999). *El romancero vulgar y nuevo*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal - Seminario Menéndez Pidal de la Universidad Complutense.

_____ (2015). "Pecadores y penitentes en el Romancero" in Pere Ferré, Pedro M. Piñero y Ana Valenciano (coord.). *Miscelánea de estudios sobre el romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, CIAC-Universidade do Algarve, 447-474.

Tavares, José Augusto (1903-1905). "Romancero transmontano". *Revista Lusitana*, VIII, 71-80.

Valenciano, Ana (1998). *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus temas*. Madrid-Santiago de Compostela: Fundación Ramón Menéndez Pidal-Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro.

Vasconcelos, José Leite de (1881). *Romances Populares Portuguezes*. Barcelos: Typ. da Aurora do Cavado.

_____ (1958-1960). *Romancero Português*, 2 vols. Coimbra: Por Ordem da Universidade.

ROMANCES TRADICIONAIS DE ASSUNTO PROFANO

Romances épicos e históricos

I. MORTE DO PRÍNCIPE D. JOÃO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Novas, novas, tristes novas, que vieram de Granada,
- 2 D. João está doente com pena da sua amada.
Mandaram chamar três barbeiros, os melhores que havia em Granada,
- 4 e o mais novo deles com sua boca falava:
– Tendes três horas de vida e meia já vai passada,
- 6 uma é para testamento, para bem da vossa alma,
e outra é pra amar a Deus e à Virgem Santa Sagrada.
- 8 Estando nestas razões, seu pai, sua mãe que chegavam.
– Tu que tens, ó meu filho, ó filho da minha alma?
- 10 – Estou nesta cama deitado, mas a mim não me dói nada.
– Olha a ver se deves a alguma menina honrada.
- 12 – Devo-lhe à Dona Isabel, qu’essa fica desgraçada.
– Paga-lo tu, meu filhinho, que o dinheiro tudo paga.
- 14 – Já lhe deixo mil cruzados para essa desgraçada.

- Mas olha que, meu filho, honras esse dinheiro não paga.
 16 – Já lhe deixo mais duzentos para essa bem amada.
 Estando nestas razões, Dona Isabel que chegava.
 18 – Donde vens, Dona Isabel, donde vens, ó minha amada?
 – Venho de pedir a Deus e à Virgem Santa Sagrada,
 20 que te ergas dessa cama para bem da minha alma.

Variantes: 9 Tu que tens, ó meu filhinho, filhinho da minha alma?; 12b qu' esta.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
 2 que estava D. João doente, com uma doença na cama.
 Mandaram chamar três doutores, cada qual de sua banda,
 4 uns não diziam nada, outros ainda alguma coisa.
 Deram-lhe três horas de vida, mas uma já vai passada,
 6 outra é para D. João salvar a sua alma.
 Estando eles nestas razões, seu pai e sua mãe chegavam.
 8 – Deus te veja, ó meu filho, nessa cama bem deitado,
 se deves alguma coisa a alguma moça honrada.
 10 – Devo-lha à Dona Isabel, de mim fica embarçada.
 – Adota-a tu, ó meu filho, para que ela fique casada.
 12 – Aí vão duzentos mil réis para essa desgraçada.
 – Isso é pouco, ó meu filho, para uma moça honrada.
 14 – Aí vão outros duzentos para a mesma desgraçada.
 Estando eles nestas razões, Dona Isabel chegava.
 16 – Que fazes, Dona Isabel, retrato da minha alma?
 – Venho de pedir à Virgem que t' alevante dessa cama.
 18 – Se eu desta cama m' alevanto, minha rosa encarnada,
 vestira-te de ouro fino e de prata agaloada,
 20 levava-te eu à igreja e fizera-te bem casada.
 – Não quero o teu ouro fino nem tua prata agaloada,
 22 só quero que me tu digas a quem fico entregada.
 – A teu pai e à tua mãe, que os outros não te são nada.

- 24 – Cortarei o meu cabelo, cortarei a minha gala,
agora fico no mundo Dona Isabel desgraçada.
- 26 – Não cortes o teu cabelo, não cortes a tua gala,
agora ficas no mundo viúva sem ser casada.
- 28 Debaixo daquela parede, donde a água faz remanso,
se te não deixasse nada nem no céu tinha descanso.

Variantes: 5a Três horas lhe deram de vida; 11a Trata-a tu; 23a Ao teu; 26b nem cortes.

**3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia,
69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.**

- Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
2 estava D. João doente, com uma doença de dama.
Mandaram chamar dois doutores, cada um de sua banda,
4 um dizia alguma coisa e outro não dizia nada.
– Eu te peço, ó meu filho, se deves a alguma menina honrada.
6 – Devo-a à Dona Isabel, que de mim fica embarçada.
Aí vão duzentos escudos para essa desgraçada.
8 – Isso é pouco, ó meu filho, para uma menina honrada.
– Então lá vão outros duzentos para essa desgraçada.
10 Estando eles nestas razões, Dona Isabel chegava.
– Que fazes, Dona Isabel, retrato da minha alma?
12 S’ ele s’ alevantasse dessa cama, faria-a bem casada,
calçada de prata fina e vestida, agaloada.
14 – Eu não quero o teu ouro nem quero a tua prata,
só quero que me digas a quem fico entregada.
16 – Ao teu pai e à tua mãe, que os meus não te são nada.
– Cortarei o meu cabelo, cortarei a minha gala
18 e agora fico no mundo viúva sem ser casada.

Variantes: 6a Eu devo; 7a Deixo-lhe; 8a Isso não, ó meu filho, duzentos escudos não é nada;

9a Pois lá vão mais; 9b para a mesma; 10a Quando estavam; 12b farei-te bem casada.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
 2 estava D. João doente, com uma doença de dama.
 Mandaram chamar três doutores, cada qual de sua banda,
 4 uns não diziam nada e outros alguma coisa.
 – Três horas tenho (*sic*) de vida e duas já são passadas
 6 e outra é para se confessar, para salvar a sua alma.
 Estando eles nestas razões, a Dona Isabel chegava.
 8 – Que fazes, Dona Isabel, retrato da minha alma?
 – Venho de pedir à Virgem que te levantes dessa cama.
 10 – Se desta cama me levantasse, minha rosa encarnada,
 vestia-te de ouro fino e de prata galoadada.
 12 – Não quero o teu ouro fino nem tua prata galoadada,
 só quero que me digas a quem fico entregada.
 14 – A teu pai e à tua mãe, que os outros não te são nada.
 – Cortarei o meu cabelo, cortarei a minha gala,
 16 agora fico no mundo Dona Isabel desgraçada.
 – Nem cortes o teu cabelo nem cortes a tua gala,
 18 que agora ficas no mundo viúva sem ser casada.
 Atrás daquela parede donde a água faz remanso,
 20 quem não te deixasse nada nem no céu tinha descanso.

Variantes: 3b cada um de; 5b mas uma já vai passada; 12a Eu não; 12b nem a prata; 19a Detrás; 19b onde.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
 2 estava D. João doente, com uma doença na cama.
 Entraram lá três doutores, cada qual de sua banda,
 4 uns diziam alguma coisa, outros não diziam nada.
 Três horas lhe deram de vida, mas uma já vai passada,

- 6 outra é para a hora da morte, pra salvar a sua alma.
Estando eles nestas razões, seu pai e sua mãe chegavam.
- 8 – Deus te veja, ó meu filho, nessa cama descansado,
diz-me se deves alguma coisa a alguma moça honrada.
- 10 – Devo-la à Dona Isabel, de mim fica embarçada.
– Adota-a tu, ó meu filho, para que ela fique casada.
- 12 – Lá vão duzentos escudos para essa desgraçada.
– Duzentos escudos é pouco pra uma menina honrada.
- 14 – Lá vão outros duzentos para a mesma desgraçada.
Estando eles nestas razões, Dona Isabel chegava.
- 16 – Onde vens, Dona Isabel, retrato da minha alma?
– Venho de pedir à Virgem que te levantes dessa cama.
- 18 – S’ eu desta cama me levanto, minha rosa encarnada,
levava-te eu à igreja, fazia-te bem casada,
20 vestia-te de ouro fino e de prata agaloada.
– Não quero o teu ouro fino nem tua prata agaloada,
22 só quero que me tu digas a quem fico entregada.
– Ao teu pai e à tua mãe, que os outros não te são nada.
- 24 – Cortarei o meu cabelo, cortarei a minha gala,
agora fico no mundo Dona Isabel desgraçada.
- 26 – Não cortes o teu cabelo, não cortes a tua gala,
agora ficas no mundo viúva sem ser casada.
- 28 Atrás daquela parede, donde a água faz remanso,
se eu te não deixasse nada nem no céu tinha descanso.

Variantes: 2b de dama; 5a Deram-lhe três.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
2 estava D. João doente, com uma doença na cama.
Chamaram três doutores, cada qual de sua banda.
- 4 – Três horas lhe dou de vida e outras três pra estar na cama
e outras três para darem (*sic*) contas, para salvar a sua alma.

- 6 Estando eles nessa conversa, seu pai e sua mãe chegava.
– Deus te guarde, ó meu filho, nessa cama bem deitado.
- 8 Tu deves alguma coisa a alguma moça honrada?
– Eu devo-lha à Isabel, que me fica embaraçada.
- 10 – Adota-a tu, ó meu filho, como uma menina honrada.
– Dá-lhe duzentos mil réis para essa desgraçada.
- 12 – Isso é pouco, meu filho, para essa menina honrada.
– Dá-lhe outros duzentos para a mesma desgraçada.
- 14 Estando eles nessa conversa, Dona Isabel chegava.
– Que fazes, ó Dona Isabel, retrato da minha alma?
- 16 – Venho de pedir à Virgem que t’alevantasse dessa cama.
– Se eu m’alevantasse desta cama, minha rosa encarnada,
- 18 eu vestia-te de ouro fino e de prata agaloada
e levava-te à igreja, fazia-te bem casada.
- 20 – Eu não quero o teu ouro fino nem tua prata agaloada,
eu só quero que me digas a quem fico entregada.
- 22 – Ao teu pai e à tua mãe, que os outros não te são nada.
*Escutem todos, meus senhores,
a morte de D. João,
está para dar a alma a Deus,
a todos pede perdão.
– Adeus, adeus, meu amor,
vais para o mundo da verdade,
vais a dar contas a Deus,
tenha de ti piedade.*
- 24 Debaixo daquela parede, onde a água faz remanso,
se eu não te deixasse nada no céu não tinha descanso.

Variantes: 9b que me fica; 15a Dona Isabel; 16b que t’alevante; 17a Se eu desta cama m’alevantasse; 23b donde.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Maria Miquelina Martins, 73 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
 2 estava D. João doente, com uma doença na cama.
 Chegaram três doutores, cada qual de sua banda.
 4 – Tu que deixas, ó meu filho, àquela moça honrada?
 – Deixo-lhe duzentos mil réis a essa desgraçada.
 6 – Isso é pouco, ó meu filho, pra essa moça honrada.
 – Lá vão outros duzentos para a mesma desgraçada.
 8 Estando eles nesta conversa, Dona Isabel chegava.
 – Que fazes, Dona Isabel, retrato da minha alma?
 10 – Venho de pedir à Virgem que te levante dessa cama.
 – Se me levantasse desta cama, minha rosa encarnada,
 12 vestia-te eu de ouro fino e de prata agaloada.
 – Não quero o teu ouro fino nem a tua prata agaloada,
 14 só quero que me digas a quem fico entregada.
 – Ao teu pai e à tua mãe, que os outros não te são nada.
 16 Detrás daquela parede, onde a água faz remanso,
 se eu não te deixasse nada nem no céu tinha descanso.

Variantes: 3a Vieram; 12a eu vestia-te.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida nos dias 25 de agosto de 1981 e 20 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha,
 2 estava D. João doente, com uma doença na cama.
 Mandou chamar três doutores, cada qual de sua banda,
 4 uns diziam alguma coisa, outros não diziam nada.
 Disse-l' a sua mãe: – Deves a alguma menina honrada?
 6 – Devo-lhe a Dona Isabel, que a trago embaraçada.
 Manda-a já cá chamar pra que ela fique casada.
 8 – Deixa duzentos escudos pra essa desgraçada.
 – Duzentos escudos é pouco pra uma menina honrada.

- 10 – Deixa outros duzentos pra que ela fique casada.
Estando eles nessas conversas, Dona Isabel chegava.
- 12 – Que fazes, Dona Isabel, retrato da minha alma?
– Venho de pedir à Virgem que t'alevantes dessa cama.
- 14 – S'eu desta cama m'alevanto, minha Isabel encarnada,
levaria-te à igreja, faria-te bem casada,
- 16 vestia-te de ouro fino e de prata agaloada.
– Eu não quero o teu ouro fino nem a tua prata agaloada,
- 18 só quero que tu me digas a quem fico entregada.
– A teu pai e a tua mãe, que os outros não te são nada.
- 20 – Vou cortar o meu cabelo, vou cortar a minha gala,
agora fico no mundo viúva sem ser casada.
- 22 – Detrás daquela parede, onde a água faz remanso,
se eu não te deixasse nada nem no céu tinha descanso.

Variantes de 1981: 2b de dama; 5a Sua mãe lhe procurou; 5b Se deves; 6a Devo a uma; 8 Deixa lá trezentos escudos para que ela fique casada; 9 Trezentos escudos é pouco para uma menina honrada; 10 Dá-lhe lá outros trezentos para que ela fique casada; 11 Estando eles nestas palavras, Dona Isabel que chegava; 13a Eu venho; 13b te levante; 16 Lá ficam trezentos escudos, pra que tu fiques casada; 17 Eu não quero trezentos escudos, eu também não quero nada; 18a Eu só; 19a à tua; 22a daquele monte.

9. *Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.*

- Tristes novas me vieram de lá dos lados de Espanha,
2 está o meu marido à morte, deitado na sua cama.

10. *Versão de Vilarinho das Touças (concelho de Vinhais), recitada por Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos, residente em Seixas (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.*

- Tristes novas me vieram desses lados da Espanha,
2 que estava João à morte, deitado na sua cama.
Chamaram-lhe os três médicos, dos melhores que havia em Braga,

- 4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
Estando nesta conversinha, o pai ao quarto entrara.
- 6 – Que é isso, ó meu filho, retratos (*sic*) da minha cara?
Só te peço, ó meu filho, só te peço uma palavra,
- 8 se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
– Deixo Dona Isabel doze anos namorada.
- 10 Lá lhe deixo vinte contos a essa triste desgraçada.
– Que é isso, ó meu filho, pra quem fica desonrada?
- 12 A honra duma menina dinheiro nem um a paga.
– Deixarei-lhe mais quarenta a essa triste desgraçada,
- 14 pra que diga o mundo todo qu’ela não precisa nada.

11. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
Mandaram chamar três doutores, dos melhores que havia em Braga,
- 4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
Estando eles nesta conversa, seu pai à porta entrava.
- 6 – Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
Só te peço, ó meu filho, só te peço uma palavra,
- 8 se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
– Deixo Dona Isabel há tantos anos enganada.
- 10 Já lhe deixo vinte contos para essa desgraçada.
– Vinte contos, ó meu filho, vinte contos não é nada.
- 12 – Já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada,
– Que é isso, ó meu filho? Isso inda não é nada.
- 14 A honra duma menina só com o corpo se paga.
– Se eu desta cama me erguer, não a quero pra mais nada,
- 16 no altar daquela igreja ela há de ser minha esposada.
Já lá vem Dona Isabel toda cheia de ternura,
- 18 a acompanhar D. João que vai para a sepultura.

Variantes: 3a Mandou chamar quatro doutores; 9a Só deixo.

12. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
Mandaram chamar três doutores, dos melhores que havia em Braga,
4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
O seu pai, des’ que o soube, não esperou por mais nada.
6 – Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
Só te peço, ó meu filho, só te peço uma palavra,
8 se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
– Deixo Dona Isabel tantos anos enganada.
10 Já lhe deixo vinte contos para essa desgraçada.
– Que é isso, ó meu filho, olha que isso não é nada?
12 – Já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada,
quero que diga o mundo todo que ela não precisa nada.
14 – Que é isso, ó meu filho, que isso ainda não é nada?
A honra duma menina só com o corpo se lhe paga.
16 – Se eu desta cama me erguer não a quero pra mais nada,
no altar daquela igreja há de ser minha esposada.
18 Lá vai Dona Isabel toda cheia de amargura,
a acompanhar D. João que já vai para a sepultura.

13. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.

Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
4 e diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
– E diga o mais entendido, diga lá uma palavra.
6 – Ele tem três horas de vida e uma já vai acabada.
Estando eles nesta conversa, seu pai à porta entrara.
8 – Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
Se estás em passos de morte, só te peço uma palavra,

- 10 é se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
 – Deixo Dona Isabel há tantos anos enganada.
- 12 Eu já lhe deixo vinte contos para essa desgraçada.
 – Que é isso, ó meu filho? Ainda isso não é nada.
- 14 A honra dum menina nem com quanto há se paga.
 – Eu já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada,
- 16 qu’ é pra que diga o mundo todo: – Essa não precisa nada.
 – Que é isso, ó meu filho? Ainda isso não é nada.
- 18 A honra dum menina só c’ o corpo é que se paga.
 – Se eu desta cama m’ erguer, **não é preciso mais nada,**
- 20 **no altar daquela igreja há de ser minha esposada.**
Lá vai Dona Isabel toda cheia de ternura,
- 22 **acompanhar D. João que se vai prà sepultura.**

14. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Ilda Morais, 40 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Mandou chamar três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 – Ele tem três horas de vida e uma já vai acabada.
- 6 Estando eles nesta conversa, seu pai à porta entrava.
 – O que é isso, meu filho, retrato da minha cara?
- 8 Só te peço, ó meu filho, só te peço uma palavra,
 se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
- 10 – Deixo a Dona Isabel há sete anos enganada,
 mas já lhe deixo vinte contos para essa desgraçada.
- 12 – O que é isso, meu filho? Vinte contos não é nada.
 A honra de uma menina com dinheiro não se paga.
- 14 – Já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada,
 pra que diga o mundo todo que ela não precisa nada.
- 16 Lá vai a Dona Isabel toda cheia de amargura,
 a acompanhar D. João que já vai para a sepultura.

Variantes: 1b lá dos lados; 3a quatro doutores.

15. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Mandaram chamar três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 – Ele tem três horas de vida e uma já vai acabada.
 6 Estando eles nessa conversa, seu pai à porta entrara.
 – Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
 8 – Ele tem três horas de vida e uma já vai acabada.
 – Só te peço, ó meu filho, [.....]
 10 que me digas se deixas alguma donzela enganada.
 – Deixo Dona Isabel há tantos anos enganada.
 12 Já lhe deixo vinte contos para aquela desgraçada.
 – Que é isso, ó meu filho? Ainda isso não é nada.
 14 Deixa-lhe mais quarenta para aquela desgraçada,
 qu’ a honra duma menina nem com quanto há se paga.
 16 Lá vem D. Isabel toda cheia de amargura,
 a acompanhar D. João que já vai para a sepultura.

Variantes: 1b dos lados; qu’ está; 3a Mandou chamar quatro.

16. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 Quando estavam na conversa, o pai em casa entrou.
 6 – Que tens tu, ó meu filho, olhinhos da minha cara?
 (.....)
 – Dona Isabel ficará aqui desgraçada.
 8 Já estão aí vinte contos para ela encerrada.

- Vinte contos não é nada para essa desgraçada,
10 qu' a honra duma menina esse dinheiro não se paga.

17. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelhos e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
Mandaram vir três doutores dos melhores que havia em Braga,
4 disseram uns para os outros: – Isso não vai a ser nada.
Chamaram dali três doutores, dos melhores que ali havia,
6 disseram uns para os outros: – Só tem três horas de vida.
– Fale o melhor deles todos, diga só uma palavra.
8 – Só tem três horas de vida e uma já vai acabada.
Estando com esta conversa, seu pai no quarto entrava.
10 – Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
Se estás em perigo de morte, diz-me só uma palavra,
12 é se tu deixas no mundo alguma menina enganada.
– Deixo, deixo, ó meu pai, deixo Dona Isabel,
14 deixo Dona Isabel de doze anos enganada.
– Deixa lá alguma coisa para essa desgraçada.
16 – Já aí ficam vinte contos para essa desgraçada.
– Que é isso, ó meu filho? Vinte contos não é nada.
18 Deixa-lhe lá mais quarenta para essa desgraçada.

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por José António Nunes, 76 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Tristes novas me vieram desse lado da Espanha,
2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
Chamaram quatro doutores, dos melhores que havia em Braga,
4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
– Diga o mais entendido, diga só uma palavra.

- 6 Estando eles nessa conversa, o seu pai à porta entrava:
 – Tu que dizes, ó meu filho? Só te peço uma palavra:
 8 se deixas neste mundo alguma menina enganada.
 – Deixo Menina Isabel doze anos enganada,
 10 já lhe deixo vinte contos para essa infeliz desgraçada.
 – Tu que dizes, ó meu filho? Vinte contos não é nada.
 12 A honra duma menina com dinheiro não se paga.

19. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 Estando eles nesta conversa, quando o pai à porta entrou.
 6 – Tu que tens, ó meu filho, retrato da minha cara?
 Diz-me se neste mundo deixas alguma menina enganada.
 8 – Deixo Dona Isabel tantos anos enganada.
 Já lhe deixo trinta contos para essa desgraçada.
 10 – Que é isso, ó meu filho? Tudo isso não é nada.
 A honra duma menina só c’o corpo é que se paga.
 12 – Já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada,
 pra que diga o mundo todo qu’ela não precisa nada.

Variantes: 1b lá do lado; 3a Entraram quatro; 5 Estando nesta conversa, o seu pai à porta entrou; 11 A honra duma menina nem com dinheiro se paga.

20. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.

- Chamaram quatro doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 – Diga o mais entendido, diga só uma palavra.
 6 – Ele tem três horas de vida e uma já vai acabada.
 Palavras já eram ditas, seu pai à porta entrava.
 8 – Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
 Se estás em passos de morte, só te peço uma palavra,
 10 se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
 – Deixo Dona Isabel há sete anos enganada,
 12 já lhe deixo vinte contos para aquela desgraçada.
 – Que é isso, ó meu filho, que é isso, não é nada?
 14 – Já lhe deixo mais quarenta para aquela desgraçada,
 pra que diga o mundo todo que ela não precisa nada.
 16 – Que é isso, ó meu filho? Ainda isso não é nada.
 A honra duma menina com dinheiro não se paga.
 18 – Já lhe deixo mais cinquenta para aquela desgraçada,
 pra que diga o mundo todo que ela não precisa nada.
 20 – Que é isso, ó meu filho, que é isso, não é nada?
 A honra duma menina só com o corpo é que se paga.
 22 – Se eu desta cama me erguer, não a quero pra mais nada,
 no altar daquela igreja há de ser minha esposada.
 24 Lá vai D. Isabel toda cheia de amargura,
 acompanhando D. João que ele vai para a sepultura.

**21. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes,
 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.**

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Chamaram quatro doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 Estava com esta conversa, seu pai no quarto entrava.
 6 – Tu que tens, ó meu filho, retrato da minha cara?
 Só te peço, ó meu filho, só te peço uma palavra,
 8 se tu deixarás no mundo alguma menina enganada.

- Deixo Dona Isabel há doze anos enganada.
- 10 Já deixo aí vinte contos para essa desgraçada.
- Tu que dizes, ó meu filho? Vinte contos não é nada.
- 12 A honra duma menina com dinheiro não é paga.
- Já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada.
- 14 Não quero que o mundo diga: – D. Isabel não vale nada.

22. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 61 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
- 2 estando D. João à morte, morrendo na sua cama.
- Chamaram quatro doutores, dos melhores que havia em Braga,
- 4 disseram uns para os outros: – Isto não vai a ser nada.
- Estando eles nessa conversa, seu pai à porta entrava.
- 6 – Onde está o meu filho, retrato da minha cara?
- Ó meu filho, só te peço, só te peço uma palavra,
- 8 olha se deixas no mundo alguma donzela enganada.
- Deixo Dona Isabel doze anos enganada.
- 10 Já lhe deixo vinte contos para aquela desgraçada.
- Tu que dizes, ó meu filho? Vinte contos não é nada.
- 12 – Já lhe deixo mais quarenta para aquela desgraçada.
- A honra duma menina com dinheiro não se paga.
- 14 Estando eles nessa conversa, D. Isabel chegava.

23. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
- 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
- (.....)

24. Versão de Santalha (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles, 77 anos. Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Vieram sete doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 O mais entendido de todos: – D. João logo se apaga.
 6 – Que é isso, ó meu filho, que é isso, não é nada?
 Que é isso, ó meu filho, retrato da minha cara?
 8 S'isso é doença de morte, só te peço uma palavra,
 que não deixas neste mundo nem uma menina enganada.
 10 – Fica Dona Isabel há sete anos enganada.
 Já lhe deixo vinte contos para essa desgraçada.
 12 – Que é isso, ó meu filho, que é isso, não é nada?
 A honra duma menina nem com cem contos se paga.
 14 – Já lhe deixo mais quarenta para essa desgraçada.
 – Que é isso, ó meu filho, que é isso, não é nada?
 16 Que a honra duma menina só c' o corpo é que se paga.

Variante: 8a mal de morte.

25. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 68 anos. Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram do outro lado de Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Mandaram vir quatro doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 Estando eles nestas palavras, seu pai à porta entrava.
 (.....)
 6 [.....] – Vinte contos não é nada,
 deixa mais lá quarenta a essa pobre desgraçada.

26. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Guilhermina dos Anjos, 64 anos, residente em Santalha (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
Vieram sete doutores, dos melhores que havia em Braga,
4 disseram uns para os outros: – Isto não vai a ser nada.
– Ele tem três horas de vida e uma já vai acabada.
6 – Diz-me lá, ó meu filho, diz-me lá uma palavra,
diz-me se deixas nesta terra alguma menina enganada.
8 – Nesta terra enganada deixo Dona Isabel,
já lhe deixo trinta contos a esta infeliz mulher.
10 – Trinta contos, ó meu filho, trinta contos não é nada.
A honra duma mulher só com a vida se paga.
12 – Já lhe deixo mais quarenta a essa infeliz desgraçada,
pra que diga o mundo todo qu’ é viúva sem ser casada.

27. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos, e Alice Augusta Garcia, 58 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

Tristes novas me vieram lá dos centros da Espanha,
2 estava D. João doente, deitado na sua cama.
Foram chamar três doutores, dos melhores que havia em Braga.
4 Uns diziam uma coisa, outros não diziam nada,
o mais novinho de todos três horas de vida lhe dava.
6 Estando eles nessa conversa, seu pai ao quarto entrara.
– Deus te visite, meu filho, retrato da minha cara!
8 Tu deves alguma coisa a alguma menina honrada?
– Devo à Dona Isabel que a deixo desgraçada.
10 – Adota-a, meu filho, adota-a bem adotada,
que a honra duma menina com dinheiro não se paga.
12 – Já lhe deixo vinte contos a essa triste desgraçada,
já lhe deixo vinte contos para ver s’ ainda se casa.
14 – Vinte contos, ó meu filho, vinte contos não é nada.

- Deixa-lh' ao menos quarenta pra ver s' ainda se casa.
- 16 Estando eles nessa conversa, quando Isabel chegava.
– Donde vens, ó Isabel, descalça pela geadada?
- 18 – Venho de pedir à Virgem se desta cama te tirava.
– Se desta cama me tirasses, ó linda rosa encarnada,
20 eu de ouro te vestia e de prata te calçava.
Botou as mãos à cabeça, chamando-se desgraçada,
22 se na tivessem deixado, seus cabelos arreigava.
– Não arreigues teus cabelos nem cortes a tua gala,
24 que depois te chamarão viúva sem seres casada.

Variante: 16b entrou.

28. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá dos centros da Espanha,
2 estava D. João à morte, metido na sua cama.
Mandaram chamar três médicos, dos melhores que havia em Braga,
4 disseram uns para os outros: – Isto não vai a ser nada.
O mais novinho de todos disse: – Só tem duas horas de vida,
6 uma é para testamento e outra é para a despedida.

29. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram daqueles lados da Espanha,
2 D. João que estava à morte, deitado na sua cama.
Chamaram quatro doutores, dos melhores que havia em Braga,
4 disseram uns para os outros: – Isso não há de ser nada.
Chamaram quatro doutores, dos melhores que ali havia,
6 disseram uns para os outros: – Só tem uma hora de vida.

– Você qu' é o melhor deles todos dê ao menos uma fala.
 8 – Só tem uma hora de vida, só já tem meia de fala.
 Seu pai ao quarto entrou, seu pai ao quarto entrara.
 10 – Que é isso, ó meu filho, espelho da minha cara?
 Se estás em perigo de morte, dá ao menos uma fala,
 12 diz se deixas neste mundo alguma menina enganada.
 – Deixo, deixo, ó meu pai, deixo Dona Isabel,
 14 deixo Dona Isabel de doze anos namorada.
 Deixo ali alguma coisa para essa desgraçada,
 16 pra que diga o mundo todo: – Ela não precisa nada.
 Deixo-lhe lá vinte contos para essa desgraçada,
 18 pra que diga o mundo todo: – Ela não precisa nada.
 – Que é isso, ó meu filho? Vinte contos não é nada.
 20 – Deixo-lhe então mais quarenta para essa desgraçada,
 pra que diga o mundo todo: – Ela não precisa nada.
 22 – Que é isso, ó meu filho? Sessenta (*sic*) contos não é nada.
 A honra duma menina com dinheiro não se paga.

Variante: 23b não é.

30. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

Tristes novas, novas tristes, são corridas na Espanha,
 2 está o D. João à morte, com mal d' amores na cama.
 Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 diziam uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 (.....)
 Se deixas neste mundo alguma menina enganada.
 (.....)
 6 [.....] – Vinte contos não é nada,
 que a honra duma mulher não há dinheiro que a pague.

Variante: 1b pela.

31. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Aida Amélia Alves, 70 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 estava D. João à morte, com mal d' amor na cama.

32. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Aida Amélia Alves, 70 anos, Alzira Mercedes Alves, 61 anos, e Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 estava D. João à morte, com mal d' amores na cama.
 Mandaram chamar três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isto não há de ser nada.
 (.....)
 – Lá lhe deixo vinte contos pra qu' ela fique dotada.
 6 – Vinte contos, ó meu filho, vinte contos não é nada.
 – Lá ficam mais cinquenta pra qu' ela fique bem dotada.
 8 – Cinquenta contos, meu filho, não é nada.
 A honra duma menina só co' a vida se paga.

Variantes: 1b lá do centro da Espanha; 2b deitado na sua cama; 7a Deixo-lhe mais quarenta; 9b é paga.

33. Versão de Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha,
 2 estava D. João à morte, com mal d' amores na cama.
 Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isto não vai a ser nada.

34. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 está o D. João à morte, com mal d' amor na cama.
 Fechou portas e janelas, para s' ir envenenar,
 4 naquele maldito palácio, ninguém podia lá entrar.
 Sua mãe, des' que o soube, foi a primeira a entrar.
 6 – Ó meu filho, ó meu filho, diz-me cá uma palavra,
 se tu deixas neste mundo alguma menina enganada.
 8 – Deixo Dona Isabel, deixo-a embaraçada.
 Já lhe deixo vinte contos para aquela desgraçada,
 10 pra que digam nos vizinhos que já não precisa nada.
 – Ó meu filho, ó meu filho, vinte contos não é nada.
 12 A honra de uma menina, nenhum dinheiro a paga.
 – Já lhe deixo mais quarenta para aquela desgraçada,
 14 pra que digam nos vizinhos qu' ela não precisa nada.

35. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha,
 2 estava D. João à morte, deitado na sua cama.
 Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 disseram uns para os outros: – Isso não vai a ser nada.
 Estando eles nesta conversa, seu pai no quarto entrava.
 6 – Diz-me cá, ó meu filho, retrato da minha cara,
 se tu deixas neste mundo alguma donzela enganada.
 8 – Deixo Dona Filomena quinze anos enganada.
 Já lhe deixo vinte duros para essa desgraçada.
 10 – Vinte duros não é nada para essa desgraçada.
 A honra duma menina só co' a vida é que se paga.
 12 – S' eu desta cama m' erguer, não a quero pra mais nada,
 nos degraus da igreja, há de ser minha esposada.

Variantes: 8b dez anos; 13a do altar-mor.

36. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Tristes novas me vieram lá dos centros da Espanha,
 2 que está D. João à morte, c' uma doença tamanha.
 Mandaram vir três doutores, dos melhores que havia em Braga,
 4 dois diziam muita coisa e outro não dizia nada.
 Como era o mais entendido, três horas de vida lhe dava,
 6 uma é para a confissão, para ficar bem confessada,
 (.....)
 e outra é para a despedida da sua donzela amada.
 8 – Donde vens, Isabelinha, retrato da minha alma?
 – Venho de pedir à Virgem que te levantes dessa cama.
 10 – Se me levantasse desta cama, retrato da minha alma,
 eu te vestiria d' ouro, que de prata estás calçada.
 12 – A quem me deixas entregue, que me deixas ocupada?
 – Ao teu pai e à tua mãe, que os meus não te são nada.
 14 Deitou as mãos à cabeça e chamou-se desgraçada.
 – (.....) que sou viúva sem ser casada.
 16 – Aqui te deixo vinte contos pra que não te falte nada.
 – Vinte contos é bem pouco pra uma menina honrada.
 18 – Ainda te deixo mais vinte pra ficares bem casada.

Variantes: 9b levante; 10a S' eu me; 16a lhe; 16b qu' é pra ficar bem casada; 17a muito pouco.

II. PERSEGUIÇÃO DE BÚCAR PELO CID

1. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Bem se passeia el-rei mouro de calçada em calçada,
 2 olhando para Valência, qu' assim está amuralhada.

- Ó Valência, ó Valência, qu' assim estás amuralhada!
- 4 Ainda ontem foste dos mouros, já hoje dos cristãos ganhada.
– Se agarrasse aqui D. Círio, cortaria-le eu a cara.
- 6 D. Círio, qu' isto ouviu, d' altas torres donde estava,
chamou pela sua filha mais velha, que se chamava Bernarda.
- 8 – Vai-me tu, ó minha filha, não me sejas escusada,
vai-me dilatar aquele mourinho, de palavra em palavra.
- 10 A primeira que lhe deias d' amores seja tocada.
– Mandé a sua filha mais nova que d' amores é inclinada.
- 12 – Vai-me lá tu, ó minha filha, não me sejas escusada.
A primeira que lhe deias d' amores seja tocada.
- 14 – Por aqui, ó mourinho, por aqui a passear,
há sete anos que eu por ti me não peinava.
- 16 – Há outros sete, menina, qu' eu por ti não faço a barba.
Puxou por um cordão d' ouro, prò balcão lo atirara.
- 18 – Vai-te daqui, mourinho, não digas qu' eu que te fui falsa!
Os cavalos de meu pai já trepam na calçada.
- 20 – Não tenho medo aos cavalos nem quem neles andara,
tenho uma égua baia que ninguém na alcançara.
- 22 Por aquela seara abaixo não fugia que voava,
mas a seara estava branda e o mourinho se aterrara.
- 24 – Mal haja ele os touros que lavraram a seara,
se não fosse ele os touros, D. Círio não me agarrava.
- 26 Era tanto o sangue que até as ervinhas regava.

Variantes: 1a Lá se vai; 5a S' eu aqui ; 17a Pegou num; 18a daí; 26b regara.

2. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Delfim Augusto Alves, 72 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Bem se passeia mourinho de calçada em calçada,
2 olhando para Valência, o qu' está d' embalçada.
– Valência, para Valência, o qu' estás d' embalçada!
- 4 Ainda ontem eras dos mouros, já hoje estás cautivada.
(.....)

- Vai-te daí, mourinho, não digas que te sou falsa,
- 6 os cavalos do meu pai já lá arrojam na calçada.
- Não tenho medo ò teu pai nem à tua gent' armada.
- 8 Mourinho, des' qu' o sentiu, não fugia que voava.

3. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Moraes, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Bem se passeia o mourinho de calçada em calçada,
- 2 olhando para Valência, o que está d' amuralhada.
- Ó Valência, ó Valência, de fogo sejas queimada!
- 4 Ainda ontem eras dos mouros, já hoje estás cautivada.
- Ouvira-o el-rei, d' altas torres donde estava,
- 6 chamou pela sua filha, pela sua filha Bernarda.
- Entretém-me esse mourinho, de palavra em palavra,
- 8 as palavras sejam poucas, mas poucas bem acertadas.
- Que lhe direi, ó meu pai, s' eu d' amores não sei nada?

4. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

Bem se passeava o mourinho de calçada em calçada,
(.....)

5. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Bem se passeia o mourinho de calçada em calçada,
- 2 olhando para a Valência, como estava muralhada.
- Ó Valência, ó Valência, a fogo sejas queimada!
- 4 Quando eras dos mouros, eras de prata lavrada,
- agora qu' és da Cristandade, és de pedra mal talhada.
- 6 O rei, qu' aquilo ouviu, d' altas torres donde estava,

- chamou pela sua filha, pela sua filha Bernarda.
- 8 – Entretém-m’ esse mourinho, de palavra em palavra.
As palavras sejam poucas, d’ amores venham tomadas.
- 10 – Como hei d’ entreter, meu pai, s’ eu d’ amores não sei nada?
Vai-te daí, ó mourinho, qu’ aí vem o meu pai que te mata.
- 12 Os cavalos d’ el-rei meu pai já trepam na calçada.
– Nem tenho medo ao teu pai nem à sua gent’ armada.
- 14 O teu pai não tem cavalos qu’ a minha égua paira,
a não ser um filho dela que não sei por donde pára.
- 16 – Vai-te daí, ó mourinho, não digas qu’ eu te fui falsa!
Esse cavalo, mourinho, o meu pai lhe tem dado cevada.
- 18 Palavras não eram ditas, o cavalo rechinava.
O mourinho, qu’ aquilo ouviu, não fugia que voava,
- 20 pr’ aquela aradinha fora, mas que bem s’ ele maneava.

Variantes: 3b de fogo; 6b das torres; 14a cavalo; 14b o paira; 15b dond’ ele; 16b que te sou;
20b muito bem s’ ele.

Romances carolíngios

III. BELARDO E VALDEVINOS

1. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Bem se passeia a Bernarda pela ribeira da Hungria,
2 duzentos cavalos leva e a terça parte era minha.

2. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Bem se passeia a Bernarda pela ribeira dum rio,
2 duzentos cavalos leva, todos ganhos num dia.

IV. O CONDE PRESO

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
Vai por desonrar uma donzela no caminho do Santiago,

- 4 não bondou de zombar dela que ainda lha deu ao criado.
Donzela, como discreta, ao rei lhe fez um queixado.
- 6 O rei lhe deu um conselho que nenhum outro lhe dava.
– Ou hás de casar com ela ou hás de morrer degolado.
- 8 – Antes quero morrer mil vezes que viver envergonhado.
Enterrai-me naquele poulo, donde o rei faz o mercado,
- 10 deixai-me a cabeça fora e o cabelo entrançado,
que digam os passageiros: – Deus te salve, malogrado!
- 12 Não morreste por ladrão nem por homens ter matado,
morreste do mal de amor, não há mal tão desgraçado.

Variantes: 3a uma menina; 13a morreste por.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso, bem arreatado,
- 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
Vai por desonrar uma donzela no caminho do Santiago.
- 4 Não bondou o zombar dela, ainda la deu ao criado.
A donzela, como discreta, ao rei fez um queixado.
- 6 – Ou hás de casar com ela ou hás de ser degolado.
– Mais quero morrer mil vezes que viver envergonhado.
- 8 Enterrai-me naquele campo, onde el-rei faz o mercado,
pondo-me de travesseiro a sela do meu cavalo,
- 10 que digam nos passageiros: – Deus te perdoe, malogrado!

Variantes: 3a É por desonrar uma menina; 4a bastou; 5b lhe fez.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
- 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.

- Foi por desonrar uma menina no caminho do Santiago,
 4 não bondou zombar dela, ainda la entregou ao criado.
 (.....)
 – Ou hás de casar com ela ou hás de ser degolado.
 6 – Antes quero morrer mil vezes do que ser envergonhado.

Variantes: 5b vais; 6a Mais quero.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Lá se vai o conde preso, preso, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
 (.....)

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco dos Santos Fileno, 57 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- (.....), preso, bem arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
 Vai por desonrar uma menina no caminho do Santiago,
 4 não bondou zombar dela, ainda la deu ao criado.
 A donzela, como discreta, a el-rei fez um queixado.
 6 – Ou há de casar contigo ou hás de ser degolado.
 – Antes quero morrer mil vezes do que viver envergonhado.
 8 Enterrai-me naquele outeiro, onde o rei fazia o mercado,
 pra que digam nos passageiros: – Deus te perdoe, malogrado!

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, vai preso e arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.

Vai por desonrar uma donzela no caminho do Santiago,
 4 não bastava ele zombar dela qu' ainda la deu ao criado.
 Donzela, como discreta, ao rei le fez um queixado.
 6 – Ou hás de casar com ela ou hás de morrer degolado.
 – Antes quero morrer mil vezes que viver envergonhado.
 8 Enterrai-me naquele poço, donde o rei fez o mercado,
 deixai-me a cabeça fora e o cabelo entrançado,
 10 pra que os passageiros digam: – Deus te salve, malogrado!
 Morreste de mal d' amores, não há mal tão desgraçado.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

Preso vai o conde, preso, preso, bem arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
 Vai por desonrar uma menina ao caminho do Santiago.
 4 – Ou hás de casar com ela ou hás de morrer degolado.
 – Antes quero morrer cem vezes do que viver envergonhado.
 6 Enterrai-me naquele monte e além naquele ervado,
 pra que digam nos passageiros: – Deus te salve, malogrado!

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Preso vai o conde, preso, preso, bem arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
 Foi por ter desonrado uma menina no caminho do Santiago.
 4 Donzela, como discreta, ao rei lhe fez um queixado.
 – Ou há des casar com ela ou hás de ser degolado.
 6 – Mais quero morrer mil vezes que viver envergonhado.
 Enterrai-me naquele outeiro, onde o rei fazia o caçado,
 8 pra que toda a gente diga: – Deus te perdoe, malogrado!

Variantes: 3a Vai por desonrar; 3b à vinda do.

9. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por ser mal falado.
 Vai por desonrar uma donzela no caminho do Santiago.

10. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem homem que haja matado.
 Desonrou uma donzela na vinda do Santiago.
 4 Não se bondou zombar dela, ainda lha deu ao criado.
 Donzela, como discreta, a el-rei se foi queixar,
 6 el-rei lhe deu um conselho, melhor que nem um letrado.
 – Ou há de casar contigo ou há de ser degolado.
 8 – Prefiro ser degolado que viver injuriado.
 Enterrem-me naquele monte, onde se faz o mercado,
 10 à cabeceira me ponham o selim do meu cavalo,
 que digam os passageiros: – Deus te salve, malogrado!
 12 Não morreste por ladrão nem homem que haja matado,
 morreste de mal d' amores que não há mal mais desgraçado.

11. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homem mal falado.
 Vai por desonrar uma donzela no caminho do Santiago.
 4 El-rei lhe deu um conselho, bem melhor que um letrado.
 – Ou há des casar com ela ou vais a ser degolado.
 6 – Pois mais quero morrer mil vezes que viver injuriado.
 Lá se vai o conde preso, lá prà praça do mercado,
 8 lá se vai o conde preso, preso, vai ser enforcado.

12. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homem mal falado.
 Foi por desonrar uma menina que vinha do Santiago.
 4 – Ou hás de casar com ela quando não vais degolado.
 – Mais quero morrer mil vezes que viver injuriado.
 6 Levaram-no para a praça, pra onde se faz o mercado,
 logo ali o mataram, logo ali o enterraram.
 8 Deixaram-lhe a cabeça de fora e o cabelo entrançado,
 pra que digam quem passar: – Deus te perdoe, desgraçado!

Variantes: 2a nem vai; 5b do que; 9a nos moços todos/ passageiros.

13. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
 Vai por desonrar uma moça no caminho do Santiago.

14. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
 Vai por desonrar uma donzela no caminho do Santiago,
 4 não se bondou a zombar dela, quanto mai' entregá-la ao criado.
 O rei lhe deu um conselho, melhor que nem um letrado.
 6 – Ou hás de casar com ela ou hás de ser degolado.
 – Mais quero morrer com honra que viver injuriado.
 8 Nem me enterrem na igreja nem tão pouco no sagrado,
 enterrem-me naquele campo, onde se faz o mercado.

- 10 A cabeça me deixem fora e o cabelo entrançado,
e de travesseira me ponham a sela do meu cavalo,
- 12 pra que digam nos passageiros: – Deus te perdoe, malgrado!

15. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
- 2 não vai preso por ladrão nem por homens ter matado.
Vai por desonrar uma menina no caminho do Santiago,
 - 4 bem bastou zombar dela, ainda la entregou ao criado.

Variantes: 2b ninguém; 3a donzela.

16. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural de Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
- 2 não vai preso por ladrão nem por nada ter roubado.
Enganou uma donzela na vinda do Santiago,
 - 4 não se bondou zombar dela, entregou-a ao criado.
Donzela, como discreta, ao rei foi fazer queixado.
 - 6 – Ou hás de casar com ela ou vais morrer degolado.
– Mais quero morrer dum tiro do que viver injuriado.

17. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreatado,
- 2 não vai preso por ladrão nem por homem ter matado.
É por desonrar uma donzela a caminho do Santiago,

- 4 não bastou zombar ele dela, entregou-a ao seu criado.
A donzela, qu'era discreta, a el-rei s' havia queixado.
- 6 El-rei lhe deu um conselho, que nem melhor letrado.
– Ou há de casar contigo ou há de ser degolado.
- 8 – Mais quero morrer sem mancha que viver injuriado.
(.....)
à cabeceira me ponham a sela do meu cavalo,
- 10 (.....) um letreiro dourado,
pra que digam os romeiros: – Deus te salve, malogrado!
- 12 Morreste por mal d' amores, não há mal mais desgraçado.

Variante: 6a deu-lhe.

V. ALIARDA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Albana, ó Albaninha, filha és do conde Albar,
2 quem me dera, ó Albaninha, uma noite contigo passar.
– Uma noite não era nada, se tu não te fosses gabar.
- 4 Inda não era de dia, já na praça o estava a contar.
– Esta noite, ó camaradas, dormi eu com uma donzela.
- 6 Nos dias da minha vida, nunca vi cara mais bela.
Disseram uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
- 8 – Era a nossa Albaninha que não há outra na terra.
Disse o irmão mais velho: – Vamo-la nós a matar.
- 10 Disse o irmão mais novo: – Vamo-la nós a casar,
a poder de grande dote alguém a há de aceitar.

Variantes: 1b Albano; 7 Disseram os irmãos uns para os outros; 11 com o vinho de sete anos de dote para lhe dar.

2. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
 2 quem t’ agarrara, Albaninha, três horas a meu mandar.
 – Três horas não era nada, se tu não fosses gabar.
 4 – Com a minha espada me cortem e outra de melhor cortar,
 donzela com qu’ eu dormisse, se dela me fosse gabar.
 6 Prò outro dia de manhã, à praça se foi gabar,
 donde ‘tavam três irmãos e mais um primo carnal.
 8 [.....] – Eu dormi com uma donzela.
 Nos dias da minha vida, nunca vi coisa tão bela.
 10 Disseram uns para os outros: [.....]
 – Seria a nossa Albana, que não há outra na terra?
 12 Dissera logo o mais velho: – Vamos a nós a matar.
 E dissera o do meio: – Vamos a já degolar.
 14 Respondera o mais novo, como homem liberal:
 – Isso não, ó meus irmãos, vamos a nós a casar.
 16 Co’ muito qu’ ela já tem, outro que nós l’ hemos dar,
 à fama de grande dote alguém a há de aceitar.

3. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
 2 quem me dera, ó Albaninha, três horas ao meu mandar.
 – Três horas não eram nada, s’ o senhor não fosse gabar.
 (.....)
 4 (.....) – Vamo-la nós a matar.
 (.....)
 – À riqueza que nós temos ainda a podemos dotar.

Variantes: 2a te dera, ó Albana; 3a não era.

4. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Algar,
 2 quem me dera, Albaninha, três horas ao meu mandar.
 – Três horas não eram nada, se te não fosses gabar.
 4 De manhã, de manhãzinha, na praça se estava a gabar,
 donde estavam três irmãos, todos de banda e espada.
 6 – Esta noite, cavaleiros, eu dormi com uma donzela.
 Nos dias da minha vida, nunca vi cara tão bela.
 8 Diziam uns para os outros: [.....]
 – Será a nossa Albaninha, pois não há outra na terra?
 10 Dizia o irmão mais velho: – Irmão, vamo-la a matar.
 Dizia o irmão do meio: – Irmão, vamo-la a degolar.
 12 Dizia o irmão mais novo: – Irmão, vamo-la a casar,
 à fama do grande dote alguém na há de aceitar.

5. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde d’ Albar,
 2 quem me dera, ó Albaninha, três horas a meu mandar.
 – Três horas não eram nada, se te não fosses gabar.
 4 – Com esta espada me corte, com esta de mais cortar,
 s’ eu dormir com uma donzela, s’ eu dela me for gabar.
 6 Mas inda não era meio-dia, na praça s’ ele foi gabar,
 vira três cavalheiros pela praça a passear.
 8 – Esta noite, ó cavalheiros, eu dormi c’ uma donzela.
 Nos dias da minha vida, nunca vi coisa tão bela.
 10 Olharam uns para os outros: – Qual seria, qual era?
 Era a nossa Albaninha, que não há outra na terra.
 12 Disse o irmão mais velho: – Irmãos, vamo-la matar.
 Disse o irmão do meio: – Irmãos, vamo-la queimar.
 14 Disse o irmão mais novo: – Irmãos, vamo-la casar.

À fama do grande dote, alguém na há d'aceitar,
16 muita prata e muito ouro temos nós para lhe dar.

Variantes: 2b à noite dormir contigo; 3a era; 4b talhar; 6a Inda não eram onze horas; 8a cavaleiros; 11b havia; 15b encontrar.

6. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

– Albana, ó Albaninha, filha do conde de Algar,
2 quem me dera, Albaninha, três horas a meu mandar.
– Três horas não eram nada, se te não fosses gabar.
4 – Com esta espada me cortem, com outra de mau cortar,
de dormir com uma donzela e ainda me ir gabar.
6 Ainda não era a manhaninha, à praça se foi gabar:
– Esta noite, ó cavaleiro, eu dormi com uma donzela.
8 Nos dias da minha vida, nunca vi cara tão bela.
Disseram uns para os outros: – Qual seria, qual era?
10 Foi com a nossa Albaninha, que não há outra na terra?
Disse o irmão mais velho: – Irmãos, vamo-la a matar.
12 Disse o irmão do meio: – Irmãos, vamo-la a queimar.
Disse o irmãozinho mais novo: – Irmãos, vamo-la a casar,
14 que à fama de grande dote alguém na há de aceitar,
muito ouro e muita prata que nós temos pra lhe dar.

Variante: 5 dormindo eu c' uma donzela s' ainda me fosse gabar.

7. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

– Albana, ó Albaninha, filha do conde de Algar,
2 quem me dera, Albaninha, três horas a meu mandar.
– Três horas não era nada, se tu te não fosses gabar.
4 Ainda não era meia-noite, na praça se foi gabar.
– Esta noite, ó cavalheiros, dormi com uma donzela.
6 [.....] Nunca vi coisa mais bela.

- Que lhe vamos a fazer? Irmãos, vamo-la a matar.
- 8 – Isso não, ó cavalheiros, o melhor é mandá-la queimar.
E o irmão mais novo: – Irmãos, vamo-la a casar,
- 10 com o grande dote que tenha alguém a pode aceitar.

Variantes: 1b Abrá; 4a é.

8. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 28 de agosto de 1981.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
- 2 quem me dera, Albaninha, três horas a meu mandar.
– Três horas não eram nada, se não te fosses gabar.
- 4 Era meia-noite em ponto, já se andava a gabar.
– Enganei uma menina que não há outra igual.
- 6 Olharam uns para os outros: [.....]
– Foi a nossa Albaninha, que não há outra igual.
- 8 Dizia o irmão mais velho: – Vamo-la a mandar matar.
Dizia o irmão do meio: – Vamo-la a degolar.
- 10 Dizia o irmão mais novo: – Nós vamo-la a casar,
com o grande dote que tem alguém a há de aceitar.

Variantes: 4a Ainda não era meia-noite; 6 Diziam uns para os outros; 7b imo-la já a mandar matar; 8b, 9b, 10b Irmãos, vamo-la; 9b a queimar; 11b alguém no há de.

9. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Ó Albana, ó Albaninha, filha do conde d' Algarve,
- 2 quem t' agarrara três horas, três horas ao meu mandar.
– Três horas não eram nada, se tu te não fosses gabar.
- 4 – Com esta espada me cortem, com esta de mais talhar,
se eu de ti, ó Albaninha, se eu de ti me for gabar.

- 6 Prò outro dia de manhã cedo, já na praça se estava a gabar:
– Esta noite, ó cavalheiros, eu dormi com uma donzela.
- 8 Era a cara mais linda que havia cá nesta terra.
Disseram uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
- 10 Seria a Albaninha, que não há outra na terra?
Disse o irmão mais velho: – Vamo-la nós a matar.
- 12 Disse o irmão do meio: – Vamo-la nós a degolar.
E disse o irmão mais novo: – Vamo-la nós a casar.
- 14 Muito ouro, muita prata que nós temos para lhe dar,
à fama dum grande dote alguém na há de aceitar.

10. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
2 bem podias, Albaninha, três horas a meu mandar.
– Três horas não era nada, se tu te não fosses gabar.
- 4 Ainda não eram as nove, à praça se foi gabar:
– Onte’ à noite, ó cavalheiros, dormi eu com uma donzela.
- 6 Ela era a mulher mais bonita que havia nesta terra.
Diziam uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
- 8 Era a nossa Albaninha, que não havia outra na terra.
Dizia o filho mais velho: – Vamos a mandar matar.
- 10 Diz o filho do meio: – Vamo-la nós a queimar.
Diz o filho mais novo: – Vamo-la nós a casar,
- 12 à fama de grande dote alguém na há de aceitar.

11. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
2 quem me dera ter-te, ó Albana, três horas a meu mandar.
– Três horas não era nada, se te não fosses gabar.

- 4 Ainda não eram as onze, já s' ele estava a gabar:
– Onte' à noite, ó camaradas, dormi com uma donzela.
- 6 Nos dias da minha vida, nunca vi coisa tão bela.
Disseram uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
- 8 Seria a nossa Albaninha, que não há outra na terra.
Disseram uns para os outros: – Vamo-la nós a matar?
- 10 Disse o seu irmão mais velho: – Vamo-la já degolar?
Disse o seu irmão mais novo: – Vamo-la nós a casar,
- 12 com prenda de grande dote, quem quer a deve aceitar.

12. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
2 quem t' agarrara, Albaninha, três horas a meu mandar.
– Três horas não era muito, se te não fosses gabar.
- 4 Ainda não era de manhã, na praça se estava a gabar:
– Esta noite, ó cavalheiros, eu dormi com uma donzela.
- 6 Nos dias da minha vida, nunca vi coisa tão bela.
Disseram uns para os outros: – Oh, quem seria, quem era?
- 8 Seria a nossa Albaninha, que não há outra na terra.
Diz o irmão mais velho: – Vamo-la nós a matar.
- 10 Diz o irmão do meio: – Vamo-la nós a degolar.
Diz o irmão mais novo: – Vamo-la nós a casar.
- 12 Muita prata, muito ouro, nós temos para lhe dar,
à fama de grande dote alguém a há de aceitar.

VI. MORTE DE D. BELTRÃO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, que el-rei vos manda contar.
- 2 Contaram e recontaram, só um lhes vinha a faltar.
Esse era o bom Beltrão, que nunca o acharam menos,
- 4 não sendo naquele porto, que era o porto de mau passar.
Ao saírem de França, fizeram preito e jura no altar,
6 os que na guerra morressem, em França os irem a enterrar.
Sete vezes botaram sortes quem no havia d'ir buscar,
8 todas as sete caíram ao bom velho de seu pai.
Volta rédeas ao cavalo, sem mais dizer nem contar.
- 10 De dia vai pelo monte e de noite vai pelo vale.
A todos quantos encontra vai a perguntar:
- 12 – Cavaleiro d'armas brancas, se o vistes aqui passar?
– Cavaleiro d'armas brancas ninguém no viu passar.
- 14 – Por Deus te rogo, bom moiro, que me digas sem me negar,
cavaleiro d'armas brancas, se o vist' aqui passar?
- 16 – Ontem à noite seria, horas do galo cantar,
um cavaleiro d'armas brancas morto estava no areal,
18 com três feridas no peito, qual delas a mais mortal,
por uma entrava o sol, por outra entrava o luar,
20 p'la mais pequenina de todas andava um gavião a voar.
– Não torno a culpa ao meu filho, nem aos mouros de o matar,
22 torno a culpa ao seu cavalo que o não soube retirar.
– Milagre, quem tal diria, quem tal pudera contar!
- 24 O cavalo meio morto ali se pôs a falar:
– Não me torneis a mim a culpa, que não tendes que ma tornar.
- 26 Três vezes me alargou silha e me apertou o peitoral,
três vezes me deu espora com senha de pelejar
28 e à terceira fui à terra, com esta ferida mortal.

Variantes: 3b encontraram; 4 senão naquele porto, no porto de mau passar; 5 porque os franceses fizeram preito e jura no altar; 6 daquele que morresse na guerra em França o irem a enterrar; 7 Botaram sortes à ventura, a ver quem no havia d'ir buscar; 11 A todos os que vê, a todos vai perguntar; 13 por esta ribeira fora ninguém no viu passar; 14b sem me enganar; 17 cavaleiro d'armas brancas estava morto no areal; 19 por uma l'entrava o sol, por outra l'entrava o luar; 20a mais pequena; 22b de o não saber retirar; 24b pôs-se ali a falar; 26 me apertou silha e me alargou o peitoral; 27b e eu com senha.

2. *Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.*

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu'el-rei vos manda contar.
- 2 Contaram e recontaram, só um lhe vinha faltar,
era esse o D. Beltrão, tão forte no batalhar.
- 4 Não o encontrastes vós menos nem ò almoço nem ò jantar,
só o encontrastes menos nos portos de mau passar,
- 6 qu'era esse D. Beltrão, tão forte no batalhar.
Deitam sortes à ventura qual o havia d'ir buscar;
- 8 logo foi cair a sorte no bom velho de seu pai.
Volta rédeas ao cavalo, sem mais dizer nem falar.
- 10 De dia vai pelo monte e de noite vai pelo vale.
Chegou àquela mortandade onde fora Roncesval,
- 12 viu a todos os franceses, D. Beltrão não pôde achar.
Avistou um perro moiro no seu adarve a velar:
- 14 – Por Deus te rogo, bom moiro, que me digas sem m'enganar,
cavaleiro d'armas brancas, se vistes por 'qui passar?
- 16 – Esse cavaleiro, amigo, morto está nesse pradal,
com os pés dentro d'água e o corpo no areal.
- 18 Três feridas tem em seu peito, sem saber qual é mais mortal:
se por uma entra o sol, por outra entra o luar,
- 20 na mais pequena de todas passa um corvo a voar,
com as asas abertas sem nas ensanguentar.
- 22 – Não torno culpa a meu filho, nem aos mouros de o matar;
volto culpa a seu cavalo de não saber retirar.
- 24 Milagre! Quem tal diria ou quem pudera contar!

O cavalo meio morto ali se pôs a falar:

- 26 – Não me tornes essa culpa, que não a tens pra ma tornar.
Três vezes me apertou silha e me alargou o peitoral,
28 três vezes me deu d' espora com senha de pelejar,
três vezes me retirei, todas três para o salvar,
30 e à terceira fui a terra desta ferida tão mortal.

Variantes: 7b quem no havia; 8b ao bom; 15b se o vistes aqui passar; 19a se numa; 19b noutra; 22b ao mouro; 24b e quem.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei mandou contar.
2 Aqui falta o Deus-Divino com seu cavalo real.
Deitaram sortes à ventura, quem lh' havia de tocar.
4 Quem lhe foi cair a sorte? Ao bom velho do seu pai.
Pelos montes ia olhando, por os vales ia chorando,
6 avistou num lavadeiro três lavadeiras lavando:
– Deus vos salve, ó vós donzelas, Deus vos queira salvar,
8 todos os perigos do mundo que Deus vos queira livrar.
– Deus te salve a ti, cavaleiro, que tão bem sabes falar.
10 – Cavaleiros d' armas brancas, visteis por aqui passar?
– Esse cavaleiro, senhor, está morto no juncal.
12 Três chagas tem o seu peito, todas d' homem mortal:
por uma entra o sol, por outra entra o luar,
14 por outra um gavião d' asas abertas, sem as ensanguentar.
– Não torno a culpa aos mouros nem aos homens qu' o mataram,
16 torno culpa ao seu cavalo que o não soube salvar.
O cavalo, depois morto, levanta-se e põe-se a falar:
18 – Se muito m' apertou a silha, muito mais o peitoral,
sete voltas dei ao castelo sem encontrar por onde entrar.

Variantes: 7b queira livrar; 8 de todos os perigos do mundo Deus vos queira salvar; 12a em seu peito.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, que el-rei vos mandou contar.
- 2 Aqui falta Valdevinos com o seu cavalo real.
Não o achastes vós menos à ceia nem ao jantar,
- 4 encontraram menos ao porto de mau passar.
Sete cartas lhe deitaram para o homem buscar,
- 6 todas sete lhe tocaram ao bom velho de seu pai.
Lá se vai o bom do velho pelo seu filho procurar.
- 8 Pelos altos vai chorando, por baixo vai procurando,
encontrou numa ribeira três meninas a lavar.
- 10 – Oh, Deus guarde estas meninas, oh, Deus as saiba guardar.
– Com Deus venha o cavaleiro que tão bem sabe falar.
- 12 – Vistes por aqui Valdevinos com o seu cavalo real?
– Esse homem, ó senhor, morto está no areal.
- 14 Tem três facadas no peito, todas de homem mortal,
por uma entrava o sol, por outra a lua real,
- 16 a mais pequenina de todas um gavião a voar,
com as asinhas abertas, sem as ensanguentar.
- 18 – Não torno a culpa aos mouros em o meu filho matar,
torno a culpa ao seu cavalo que não o soube desviar.
- 20 Por milagre de Deus Pai, o cavalo deu em falar:
– Muito me apertou a silha, muito mais o peitoral,
- 22 muito me apertou as esporas que me fez arrebentar.
Sete voltas dei ao castelo nem achei por donde entrar.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Três voltas dei ao castelo sem achar por donde entrar.
- 2 – Cavaleiro d’armas brancas, viram por aqui passar?
– Esse homem, ó meu senhor, morto está no areal,
- 4 tem o corpo na areia e a cabeça no juncal.
Três chagas tem em seu peito, todas três d’homem mortal,

- 6 por uma entrava o sol, por outra entra o luar
 e por a mais pequenina delas entra um gavião,
 8 com as asinhas abertas, sem nas ensanguentar.

Variantes: 2b vistas; 4a O corpo tem-o; 6a entra o sol e.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Quedos, quedos, cavaleiros, o rei vos mandou contar.
 2 Aqui falta o Valdevinos com o seu cavalo real.
 (.....)
 – O Valdevinos está na areia e a cabeça no juncal,
 4 três golpes no corpo dele, todos de sangue mortal,
 por um passava o sol e por outro o luar,
 6 por o mais pequeno de todos um gavião a voar,
 com as suas asas abertas, sem nas ensanguentar.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Manuel Augusto Vaz, 71 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, que el-rei mandou contar.
 2 Aqui falta Valdevino com o seu cavalo real.
 Não o encontrastes vós menos nem à ceia nem ao jantar,
 4 foste-lo encontrar menos ao porto do mau passar.
 Sete cartas se fizeram para o mandar buscar,
 6 todas sete lhe tocaram ao bom velho de seu pai.
 Lá se vai o bom do velho, o seu filho vai procurar,
 8 por os altos vai chorando, por os baixos procurando.
 À entrada duma vila, à saída do lugar,
 10 vira estar numa ribeira três meninas a lavar.
 – Deus salve estas meninas, Deus as queira guardar,
 12 dos trabalhinhos do mundo, das areinhas do mar.
 – Viram por aqui Valdevinos com o seu cavalo real?
 14 – Esse homem, ó senhor, morto está no areal,
 com o corpinho na areia e a cabeça no juncal.

- 16 Três golpes tem em seu peito, todos de homem mortal,
por um entrava o sol e por a outra o luar,
18 o mais pequeno de todos um gavião a voar,
com as asinhas abertas, sem as ensanguentar.
20 – Não torno a culpa aos mouros por o meu filho matar,
torno-la ao seu cavalo que o não soube retirar.
22 Palavra não era dita, o cavalo deu em falar:
– Muito me apertou a silha, muito mais o peitoral,
24 muito me apertou as esporas que me fez arrebentar.
Sete voltas dei ao castelo sem achar por donde entrar.

**8. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz,
73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu’ el-rei vos manda contar.
2 Falta aqui Manuel Valdevino. Quem no há de ir buscar?
Não no encontrastes vós menos nem à ceia nem ao jantar,
4 encontrai-lo vós menos a um porto de mau passar.
Sete sortes botaram a quem nos havia d’ ir buscar.
6 Quatro sortes lhe caíram ao bom velho de seu pai
e outras três lhe caíram por falsidade.
8 Por os altos ia gritando, por os baixos a chorar,
encontrou umas meninas num rio a lavar.
10 – Deus as guarde, meninas, Deus as queira guardar.
Cavaleiro d’ armas brancas, viste-lo por aqui passar?
12 – Cavaleiro, senhor, morto está no areal,
a cabeça está no junco e o corpo no areal.
14 Três feridas tinha em seu peito, todas d’ homem mortal,
por uma entra a lua, por outra o sol arraiado,
16 por a mais pequenina de todas entrava um gavião a voar,
[.....] sem as suas asas ensanguentar.
18 – Não torno culpa aos mouros em o meu filho matar,
só torno culpa ao cavalo o meu filho não retirar.
20 Em nome de Deus Pai, o cavalo veio a falar:
– Três vezes o retirei e ele sempre a avançar.
22 Pedi-lhe sopas de vinho e ele não mas quis dar.

- Apertava-m' as esporas e alargava-m' o peitoral,
 24 as muralhas do castelo três vezes mas fez pular.

Variantes: 9 encontrou umas mulheres a lavar num areal; 24 três vezes as muralhas do castelo mas fez saltar; 24b salvar.

9. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Quedos, quedos, cavaleiros, el-rei vos mandou contar.
 (.....)
 2 Cavaleiro d' armas brancas, viste-lo por aqui passar?
 – Passou ontem à meia-noite, antes do galo preto cantar.
 4 Três feridas tem em seu peito, co' as areias do rio era pràs curar,
 de dia entrava o sol e de noite o luar.
 (.....)
 6 – Sete voltas dei ao castelo sem pra dentro poder entrar.

Variantes: 5a por uma; 6b pra ele.

10. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos manda cantar.
 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
 Não o encontrastes vós menos nem à ceia nem ò jantar,
 4 só o encontrastes vós menos no ponto do mau lugar.
 Sete sortes lhe botaram a quem no havia de ir buscar.
 6 Todas sete lhe calharam ao bom velho de seu pai,
 três lhe calharam por sorte, quatro por falsidade.
 8 Pelos altos vai gritando, pelos baixos procurando.
 À entrada desta rua, à saída do lugar,
 10 encontrou três lavadeiras no rio a lavar.
 – (.....) Deus vos venha a guardar!
 12 Cavaleiro de armas brancas, não o vistes aqui passar?
 – Cavaleiro de armas brancas por aqui passou, senhor.

- 14 O cavalo era branco, mas ia a vermelhejar.
Esse cavaleiro morto está, morto está no areal.
- 16 Três chagas tinha em seu peito, todas de homem mortal,
por uma saía o sol, por outra à noite o luar
e outra donde cabia o gavião a voar.
- 18 – Não tornem culpas aos mouros nem tão pouco a mim,
20 tornem culpas ao meu cavalo que não me soube desviar.
Por palavras de Deus Pai, o cavalo veio a falar:
- 22 – Três vezes o desviei, três vezes me fez avançar,
me apertou as esporas e m’alargou o peitoral.

Variantes: 3a, 4a achastes; 5b a qual o havia de ir buscar; 16b de homem; 20b retirar; 22 As muralhas do castelo três vezes me fez avançar; 23b afrouxou.

11. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Queda, queda, cavaleiro, qu’el-rei vos mandou contar.
- 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não o achastes vós menos nem ò almoço nem ò jantar,
4 só o achastes vós menos no campo do mau lugar.
Sete sortes lhe botaram a quem no havia de ir buscar.
- 6 Todas sete lhe caíram ao bom velho de seu pai,
três caíram por sorte e as outras por falsidade.
- 8 Lá vai o bom do velho a seu filho vai buscar,
pelos baixos vai chorando, pelos altos vai gritando.
- 10 – Vistes passar por aqui cavaleiro de armas brancas?
(.....)
– Três chagas tem em seu corpo, todas três de homem mortal,
- 12 por uma entrava o sol, por outra entrava o luar,
pela mais pequenina de todas um gavião a voar.

Variantes: 4a encontrastes; 7 Três caíram-lhe por sorte e quatro por falsidade; 8b seus caminhos caminhar; 11 Três feridas tinha em seu corpo, todas de homem mortal; 12 por uma entra o sol, por outra o luar.

12. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu'el-rei vos mandou contar.
- 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não o encontrastes vós menos nem à ceia nem ò jantar,
- 4 só o encontrastes menos no porto de mau passar.
(.....)
- Pelos altos vai buscando, pelos baixos procurando.
- 6 À saída duma vila e entrada dum lugar,
encontrou três lavadeiras num regueiro a lavar.
- 8 – Deus vos salve, senhoras, Deus vos queira salvar!
(.....)

13. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 82 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu'el-rei vos mandou contar.
- 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não no achastes vós menos à ceia nem ò jantar,
- 4 só o achastes menos no porto de mau passar.
Botaram sortes à ventura, a qual havia de ir buscar.
- 6 Uns lhe calhou por sorte e outros por falsidade,
calhou-lhe a um velho de seu pai para o ir buscar.
- 8 Pelos altos foi gritando, pelos baixos procurando,
passou lá num regueiro onde estavam as lavadeiras a lavar.
- 10 – Deus las guarde, senhoras, Deus las queira guardar.
Cavaleiro d' armas brancas, não no vistes aqui passar?
- 12 – Esse cavaleiro, senhor, está morto no juncal.
Três feridas em seu peito, todas de homem mortal,
- 14 uma passa o sol e outra o luar,
e a mais pequenina de todas um gavião a voar.

Variantes de 1981: 3b nem à ceia; 4a só o achastes/encontrastes vós menos; 6 Três lhe caiu por sorte e outras três por falsidade; 10a, 10b Deus vos; 11b viste-lo aqui passar; 12b morto está; 13 Três golpes em seu peito, todos de qual a qual; 14 um passa o sol e outro passa o luar/ um repassa o sol e ao outro o luar.

14. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu’ el-rei vos mandou contar.
- 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não no achastes vós menos à ceia nem ao jantar,
- 4 só o achastes vós menos no ponto de mau passar.
Sete sortes lhe botaram a quem no há de ir buscar.
- 6 Todas sete lhe calharam ao bom velho de seu pai.
Pelos altos vai gritando, pelos baixos procurando.
- 8 – Cavaleiro d’ armas brancas, viste-lo aqui passar?
– Esse cavaleiro, senhor, morto está no areal.
- 10 Três feridas tem em seu corpo, todas três d’ homem mortal,
por uma entrava o sol, por outra sai o luar,
- 12 na mais pequenina de todas um gavião a voar,
com as asas bem abertas, sem as ensanguentar.
- 14 – Não torno culpa ao meu filho por aqui se vir matar,
torno culpa ao cavalo que o não soube retirar.
- 16 Por milagre de Deus Padre, o cavalo veio a falar:
– Pedi-lhe sopas de vinho, ele não mas quisera dar.
- 18 Apertava-me as esporas, afrouxava-me o peitoral,
a muralha do castelo três vezes ma fez avançar.

Variantes: 3a e 4a acharam menos; 14 Não torno culpa aos mouros pelo meu filho matar; 17b e ele não mas quis dar.

15. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu’ el-rei vos manda contar.
- 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não no achastes vós menos à ceia nem ao jantar,
- 4 só o achastes vós menos em ponto de mau passar.
Botaram-lhe sete sortes a quem lhe havia de tocar,
- 6 [.....] ao bom de seu pai.
Quatro lhe caíram por sorte e três por falsidade.

- 8 Pelos altos vai gritando, pelos baixos procurando,
avistara três meninas que no rio estavam lavando.
- 10 – Deus vos guarde, meninas, Deus vos queira guardar.
– Quem é o cavaleiro que tão bem sabe falar?
- 12 – Cavalo branco, não o vistes por aqui passar?
– Esse cavalo, senhor, morto está no areal.
- 14 Três feridas tem em seu peito, todas três d’ homem mortal,
por uma entrava o sol, por outra saía o luar,
- 16 na mais pequenina delas sai um gavião a voar,
com as asas bem abertas, sem nas ensangentar.
- 18 – Não torno culpa aos mouros (.....)
(.....)
Por milagre de Deus Pai, o cavalo veio a falar:
- 20 – Pedi-lhe sopas de mel e tu não mas quiseste dar.

Variantes: 5a Eles botaram; 5b haviam; 9a Avistou duas meninas; 10 Deus as; 11a cavalheiro; 20 Vos pediu sopas de vinho e vós não lhas quiseste dar.

16. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 61 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu’ el-rei vos mandou contar.
- 2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não no encontrastes vós menos ao almoço nem ò jantar,
- 4 só o achásteis vós menos no porto de mau passar.
Sete sortes botaram a quem no havia d’ encontrar.
- 6 E as sete sortes caíram no bom velho de seu pai,
três lhe caíram por sorte, quatro por falsidade.
- 8 Lá se vai o bom do velho, à noite pelo luar,
em busca de seu filho sem no poder encontrar.
- 10 Pelos altos vai gritando e pelos baixos procurando.
Ao chegar a uma vila, à saída dum lugar,
- 12 encontrou três lavadeiras no rio a lavar.
– Deus vos guarde, senhoras, Deus vos queira guardar.
- 14 Cavaleiro d’ armas brancas, viste-lo aqui passar?
– Esse cavaleiro, senhor, morto está no areal,

- 16 o corpo estendido na areia e a cabeça no juncal.
Três chagas tem em seu peito, todas d' homem mortal,
18 por uma entrava o sol e por outra saía o luar,
pela mais pequenina de todas um gavião a voar,
20 com as asas bem abertas, sem as ensanguentar.
– Não boto culpa aos mouros por o meu filho matar,
22 volto culpa ao cavalo por não o saber retirar.
Por mandado de Deus Padre, o cavalo veio a falar:
24 – Não me volteis culpa que não tens que ma voltar.
Pedi-lhe sopas de vinho e ele não mas quis dar.
26 Apertava-me as esporas e alargava-me o peitoral,
as muralhas do castelo três vezes mas fez avançar.

Variantes: 6 E as sete lhe saíram ao bom velho de seu pai; 7a saíram; 8-9 Lá se vai o bom do velho, seu filho buscar; 10a chamando; 12a umas; 13a lavadeiras; 14 Cavaleiro Valdevino não o vistes aqui passar; 21a deito; 23a ordem de; 25a Prometeu-me; 27b pular.

17. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu'el-rei vos mandou contar.
2 Aqui falta Valdevino, seu cavalo tremedal.
Não no achastes vós menos nem à ceia nem ò jantar,
4 só o achastes vós menos num porto de mau passar.
Sete sortes lhe lançaram a quem no há de ir buscar.
6 Todas sete lhe caíram ao bom velho de seu pai,
três lhe tocaram por sorte e quatro por falsidade.
8 Pelos altos vai gritando, pelos baixos procurando.
À entrada duma vila, à saída dum lugar,
10 encontrou três lavadeiras no regueiro a lavar.
– Deus las guarde, senhoras, Deus las queira guardar.
12 – Venha com Deus, cavaleiro, que tão bem sabe falar.
– Vistes por aqui Valdevino, seu cavalo tremedal?
14 – Esse soldado, senhor, morto está no areal,
o corpo tem na areia e a cabeça no juncal.

- 16 Três feridas tem em seu peito, todas três d' homem mortal,
por uma entrava o sol, pela outra o luar,
18 pela mais pequenina de todas um gavião a voar,
com as asas bem abertas, sem as ensanguentar.
20 – Não torno culpa aos mouros pelo meu filho matar,
só a torno ao cavalo pelo não saber desviar.
22 Mandado de Deus Padre, cavalo veio a falar:
– Pedi-lhe sopas de vinho, ele não mas quisera dar,
24 só me atirava esporadas como inimigo mortal.

Variantes: 15 a cabeça tem na areia e o corpo no juncal; 23a Pedia-lhe.

**18. Versão de Santalha (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles,
77 anos. Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.**

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos manda contar.
2 Aqui falta Valdevino e seu cavalo tremedal.
Não o encontrastes vós menos à merenda nem ò jantar,
4 só o encontrastes vós menos em porto de mal passar.
Deitaram sortes à ventura qual o havia d' ir buscar.
6 Foi cair a sorte ao bom velho de seu pai.
– Que por sorte que não sorte, o meu filho vou buscar.
8 Pelos altos ia chorando e pelos baixos a gritar,
chegou a um regueiro onde encontrou três meninas a lavar.
10 – Deus as guarde, meninas, Deus as queira guardar.
Cavaleiro d' armas brancas, viste-lo por aqui passar?
12 – Esse cavaleiro, senhor, morto está no areal,
tem o corpo na areia e a cabeça no juncal.
14 – Não torno culpa aos mouros pelo meu filho matar,
torno culpa ao cavalo pelo não saber desviar.
16 – Não me tornes a mim culpa que não tens porque mas tornar.
Três vezes lhe pedi sopas de vinho e ele não mas quisera dar.
18 – Avança, avança, cavalo, senão hei de te arrebentar.

19. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu’el-rei vos mandou contar.
- 2 Falta aqui o Valdevinos, seu cavalo tremedal.
Não o achásteis vós menos à ceia nem ò jantar,
- 4 encontrásteis lo menos em ponto de mau passar.
Deitaram sortes à ventura quem no havia d’ ir buscar.
- 6 Todas caíram por sorte ao bom velho de seu pai,
três lhe caíram por sorte, quatro por falsidade.
- 8 Lá se vai o bom do velho, seu filhinho vai buscar,
pelos baixos vai chorando, pelos altos vai gritando.
- 10 À saída duma vila, à entrada dum lugar,
encontrou umas lavadeiras num regueiro a lavar.
- 12 – Cavaleiro d’ armas brancas, viste-lo aqui passar?
– Aqui passou ontem à noite, antes do galo cantar.
- 14 Esse cavaleiro, senhor, morto está no areal,
seu corpo tem na areia e a cabeça no juncal.
- 16 Três chagas tem em seu peito, todas d’ homem mortal,
por uma entra o sol, pela outra entra o luar,
- 18 pela mais pequena de todas um gavião a voar,
com as asas bem abertas, sem as ensanguentar.
- 20 – Não torno culpa aos mouros em o meu filho matar,
torno culpa ao cavalo não o saber retirar.
- 22 Por mandado de Deus Padre, cavalo veio a falar:
– Pedi-lhe sopas de vinho, nem d’ água mas quis dar.
- 24 Apertava-me as esporas e alargava-me o peitoral,
as muralhas do castelo três vezes mas fez salvar.

20. Versão de Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Quedos, quedos, cavaleiros, el-rei vos mandou contar.
- 2 Falta aqui o Valdevinos, seu cavalo tremedal.
Não o achastes vós menos à ceia nem ò jantar,

- 4 encontrastes vós menos no ponto de mau passar.
Sete sortes lhe deitaram ao que havia d' ir buscar.
- 6 Todas sete lhe caíram ao bom velho de seu pai,
três lhe caíram por sorte, quatro por falsidade.
- 8 Lá se vai o bom do velho, o seu filho vai buscar,
pelos altos vai gritando, pelos baixos chorando.
- 10 À entrada duma vila, à saída duma cidade,
encontrou três lavadeiras num ribeiro a lavar.
- 12 – Deus as guarde, ó senhoras, Deus as queira guardar.
Cavaleiro d' armas brancas, vistes o aqui passar?
- 14 – Esse cavaleiro, senhor, morto está no juncal,
três feridas tem muito grandes, todas d' homem mortal,
- 16 por uma entrava o sol, por outra saía o luar,
pela mais pequena de todas um gavião a voar,
- 18 com as asas muito abertas, sem as ensanguentar.
– Não volto culpa aos mouros em o meu filho matar,
20 só volto culpa ao cavalo não o saber retirar.
Por mandado de Deus Padre, o cavalo veio a falar:
- 22 – Três vezes o retirei e ele sempre a avançar.
Eu pedi-lhe sopas de vinho e ele não mas quis dar,
- 24 apertava-me a silha e apertava-me o peitoral.

Variantes: 3a encontrastes; 4a encontrastes o; 14b areal; 15a chagas; 16b e doutra saía; 19a torno; 19b que a não pode (*sic*) tornar; 20a torno culpa.

21. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos manda contar.
- 2 Contaram e recontaram, só um vinha a faltar.
Aqui falta o Valdevino, seu cavalo tremedal.
- 4 Aqui falta o melhor cavalo qu' el-rei tem para pular,
falta a melhor espada que o rei tem para batalhar.
- 6 Não o encontrásteis vós menos à ceia nem ò jantar,
só o encontrásteis menos em porto de mau passar.
- 8 Sete vezes deitaram sortes quem no havia de ir buscar.

Todas sete lhe caíram ao bom velho de seu pai,
 10 três lhe caíram por sorte e quatro por falsidade.
 Lá se vai o bom do velho, seu filhinho vai buscar,
 12 pelos altos vai gritando, pelos baixos procurando.
 – Cavaleiro d’ armas brancas, viste-lo por aqui passar?
 14 À saída duma vila, à entrada dum lugar,
 encontrou três lavadeiras num ribeiro a lavar.
 16 – Deus as guarde, senhoras, Deus as queira guardar.
 Cavaleiro d’ armas brancas, viste-lo por aqui passar?
 18 – Esse soldado, senhor, morto está no areal,
 seu corpinho tem na areia e a cabeça no juncal.
 20 Três chagas tem em seu peito, todas três d’ homem mortal,
 por uma l’entra o sol, por a outra o luar,
 22 pela mais pequena de todas um gavião a voar,
 com as asas bem abertas, sem nas ensanguentar.
 24 – Não torno culpa aos mouros em no meu filho matar,
 só la torno ao cavalo que o não soube retirar.
 26 Mandado de Deus Padre, o cavalo veio a falar:
 – Três vezes o retirei e ele sempre a avançar.
 28 Pedi-lhe sopas de vinho e ele não mas quis dar,
 a ração que me dava trazia-a no calcanhar.
 30 Apertava-me as esporas, alargava-me o peitoral,
 as muralhas do castelo três vezes mas fez saltar.

Variantes: inversão da ordem dos versos 4 e 5; 6a no achasteis; 10 três lhe calharam por sorte, quatro por falsidade; 14 À entrada duma vila, da saída dum lugar; 20a corpo; 25b não o soube.

22. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

– Quedos, quedos, cavaleiros, qu’ el-rei vos manda cantar.
 (.....)
 2 Deitaram sortes ò vento a quem no havia de ir buscar.
 Sete vezes tiraram sortes, (.....)
 4 (.....) ao bom velho do seu pai.

23. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos mandou contar.
- 2 Falta aqui o Valdevinos e o seu cavalo real.
Não o achastes vós menos ao almoço nem ò jantar,
- 4 só o achastes vós menos no porto de mau passar.
Deitam sortes à ventura, qual deles o há d' ir buscar.
- 6 Todas sete lhe caíram ao bom velho de seu pai,
três lhe caíram por sorte e quatro por falsidade.
- 8 Lá se vai o bom do velho, o seu filho vai buscar,
pelos altos vai gemendo, pelos baixos vai gritar.
(.....)
- 10 – Deus vos salve, lavadeiras, que Deus vos queira guardar.
Cavaleiro d' armas brancas, vistes por aqui passar?
- 12 – Esse cavaleiro, senhor, morto está no areal,
com três chagas no seu peito, todas d' homem mortal,
- 14 por uma passava o vento e por outra o luar
e pela mais pequena de todas um gavião a voar,
- 16 com as asas bem abertas, sem as ensanguentar.
– Não deito culpas aos mouros por o meu filho matar,
- 18 deito culpas ao cavalo que o não soube desviar.
Pela providência divina, o cavalo veio a falar:
- 20 – Não me deites culpas a mim por o teu filho matar.
Deita culpas ao teu filho que não me soube alimentar,
- 22 pedi-lhe sopas de vinho e ele não mas quisera dar.
Apertava-me o cinturão e arrojava-me o peitoral.

Variantes: 3b ou ò jantar; 4a só o encontrastes menos; 5a sete sortes à ventura; 5b qual deles o vai buscar; 6b no bom; 11 Vistes por aqui meu filho e seu cavalo real / Não vistes o Valdevinos e o seu cavalo real; 12 Ele por aqui passou, senhor, com um golpe bem mortal; 13a com três facadas no peito; 18b não o saber desviar; 21a a ele mesmo.

VII. CONDE CLAROS VESTIDO DE FRADE

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Albaninha, ó Albaninha, filha é do conde de Albar,
 2 quem me dera, ó Albaninha, três horas ao meu mandar.
 – Três horas não era nada, se tu não te fosses gabar.
 4 – Eu antes queria ser morto e a cabeça deixar cortar,
 de eu dormir com uma donzela e de ela me ir gabar.
 6 Ainda não era de dia, na praça estava a contar.
 – Esta noite, ó camaradas, eu dormi c’ uma donzela.
 8 Em dias da minha vida nunca vi coisa tão bela,
 era a cara mais linda que se passeia na terra.
 10 Disseram uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
 Seria a nossa Albaninha, que não há outra na terra.
 12 Disse o irmão mais velho: – Vamos nós a matá-la.
 Disse o irmão do meio: – Vamos nós a queimá-la.
 14 Disse o irmão mais novo: – Vamos nós a casá-la.
 Muito ouro e muita prata nós temos para lhe dar,
 16 ao poder de grande dote, alguém lha há de aceitar.
 – Palombinha, ó Palombinha, que soubeste palombar,
 18 hoje vão-te a cortar a lenha, amanhã te vão queimar.
 – Quem me dera um criado ou um irmão leal,
 20 que me fosse levar esta carta ao conde de Montealbar.
 – Escreve-a tu, minha mana, que eu ta vou levar.
 22 – A carta já está escrevida, trata de te pôr a andar.
 Se o achares no jogo, tratarás de lhe falar,
 24 se o achares a dormir, deixará-lo acordar.
 – Oh, Deus guarde estes senhores, oh, Deus os saiba guardar!
 26 – Com Deus venha o conde Aninho que tão bem sabe falar.
 – Trago-lhe aqui uma carta que o há de fazer chorar.
 28 – O que é que ela trará escrito para me a mim fazer chorar?
 Começou a ler e os olhos a limpar.
 30 – Minha mãe, que sois mais velha, um conselho me há de dar.
 – Veste-te de frade e vai a confessá-la.

- 32 No meio do caminho, já iam a queimá-la.
 – Aonde vai esta menina que ainda está por confessar?
- 34 – Esta menina já está confessada ao cura do seu lugar.
 – Um pecado que ela tem a mim mo há de confessar.
- 36 – Baixe-se o senhor frade se a quer confessar.
 – Sou coxo desta perna não me posso baixar,
- 38 ponha-ma cá no cavalo que eu àquela ermida a quero levar.
 – Se a levas por mulher, Deus ta deixe levar,
- 40 se a levas por amiga, o demónio ao caminho ta vá tirar.

Variantes: 17a Palomba; 18a hoje te vão cortar a lenha.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar,
 2 quem me dera, ó Albaninha, duas horas ao teu mandar.
 – Duas horas pouco era, se tu não te fosses gabar.
- 4 Ainda não era meia-noite, na praça s’ estava a gabar.
 – Esta noite, meus senhores, dormi eu c’ uma donzela,
 6 qu’ era a cara mais linda que se passeia na terra.
 Disseram os irmãos uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
- 8 Era a nossa Albaninha, que não há outra na terra.
 Disse o irmão mais velho: – Vamos nós a matá-la.
- 10 Disse o irmão do meio: – Vamos nós a deixá-la.
 Disse o irmão mais novo: – Vamos nós a casá-la,
 12 c’ o grande dote que nós lhe demos, alguém a há d’ aceitar.
 – Palombinha, ó Palombinha, quem te dera apalombar,
 14 hoje te vão cortar a lenha, amanhã te vão queimar.
 (.....)

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Quem me dera, ó Albaninha, duas horas ao teu mandar.
 2 – Duas horas era pouco, se tu não te fosses gabar.

- (.....)
- (.....) – Vamos nós a matá-la.
- 4 (.....) – Vamos nós a queimá-la.
- (.....) – Vamos nós a casá-la.
- 6 – Palombinha, Palombinha, como soubeste palombar,
hoje te vão cortar a lenha, amanhã vão-te a queimar.
- 8 – Quem me dera um irmão ou um criado leal,
que me levasse esta carta ao conde de Montealbar.
- 10 – Escreve-a tu, minha mana, que eu vou-ta lá levar.
– A carta já está escrita, trata de te pôr a andar.
- 12 Se o encontrares a jogar, deixará-lo acabar,
se o encontrares a comer, deixará-lo comer
- 14 e se o encontrares a dormir, deixará-lo acordar.
Se o encontrares a passear, tratarás de lhe falar.
- 16 – Oh, Deus guarde estes senhores, oh, Deus os saiba guardar!
– Também guarde o galantinho que tão bem sabe falar.
- 18 – Eu trago aqui uma carta que o há de fazer chorar.
Começou a ler a carta e começou-se a limpar.
- 20 – Minha mãe, que sois mais velha, conselhos me ides dar.
– Veste-te de frade e vai-a a confessar.
- 22 – Onde vai essa menina qu'inda vai por confessar?
– Esta menina já está confessada ao cura do seu lugar.
- 24 – Um pecado que ela tem, tem que mo a mim confessar.
– Baixe o senhor frade se a quer confessar.
- 26 – Eu sou coxo desta perna não me posso baixar,
ponha-ma no meu cavalo que a quero confessar.
- 28 – Se a levas por mulher, Deus ta deixe levar
e, se a levas por amiga, o inimigo ta vá tirar.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Maria Miquelina Martins, 72 anos. Recollida no dia 27 de agosto de 1981.

- Quem me dera, ó Albaninha, duas horas ao teu mandar.
- 2 – Duas horas pouco era, se tu não te fosses gabar.
– Picado seja eu da espada que mais picar,

- 4 se eu de ti, ó Albaninha, se eu de ti me for gabar.
No outro dia, foram os manos dela prà praça a passear.
- 6 – Esta noite, meus senhores, dormi eu c’ uma donzela,
que era a cara mais linda que se passeava na terra.
- 8 Disseram os irmãos uns para os outros: – Quem seria, oh, quem era?
Era a nossa Albaninha, não havia outra na terra.
(.....)
- 10 – Anda, anda, Palombinha, não soubeste palombar,
hoje te vão cortar a lenha e amanhã te vão queimar.
- 12 – Oh, quem me dera um irmão ou um criado leal,
que me levasse esta carta ao conde de Montealbar.
- 14 – Escreve-a tu, ó minha mana, que eu ta vou levar.
– A carta está escrevida, trata de te pôr a andar.
- 16 – Anda, anda, meu cavalo, qu’inda tens muito que andar,
jornada de três dias em hora e meia hás de andar.
- 18 – Se o encontrares a dormir, deixará-lo recordar,
se o encontrares a jantar, janta com ele ao par,
20 se o encontrares a passear, tratarás de lhe falar.
– Deus guarde estes senhores, oh, Deus os saiba guardar!
- 22 – Também guarde o galantinho que tão bem sabe falar.
– Trago-lhe aqui uma carta que o há de fazer chorar.
- 24 – De onde virá ela para um homem fazer chorar?
– Veste-te de frade e vai-a a confessar.
- 26 – Onde levam esta donzela qu’inda está por confessar?
– Esta donzela já está confessada ao cura do seu lugar.
- 28 – O pecado que ela tem a mim mo há de confessar.
– Baixe o senhor frade se a quer confessar.
- 30 – Eu sou coxo desta perna não me posso baixar,
ponha-ma no meu cavalo que a quero confessar.
- 32 – Se a levas por mulher, Deus ta deixe lograr,
se a levas por amiga, o diabo ta vá tirar.

Variantes: 2b se não te; 6a-b ó meus senhores, dormi c’ uma; 7a era a; 8b Oh, quem seria;
24b pra me a mim.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Palomba, ó Palombinha, mal soubeste palombar,
2 eu hei de levar uma carta à filha do conde Albar.

6. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Palomba, ó Palombinha, Palomba, ó Palombar,
2 hoje se cortaram a rama, amanhã ta vão queimar.

7. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Donde vens, ó Ermelinda, donde vens tão orvalhada?
2 Teu cabelo aos anéis, tuas faces desmaiadas.
– Minhas faces desmaiadas, isso é de não dormir.
4 Se alguma coisa houver, tu mo há des encobrir.
O ladrão do irmão mais velho, ele estava a ouvir,
6 [.....] logo ao pai o foi contar,
à sala dos estudantes, onde estava a ensinar.
8 Ela mal vem para casa, logo o pai a foi mirar.
– Muito me mira, meu pai, muito m' está a mirar.
10 – Eu miro-t', ó minha filha, que me parecez inchada.
– Mas a culpa não é minha, qu' é da saia mal talhada.
12 Foi saber de quatro alfaiates, dos melhores qu' ali havia.
– Examinem-me esta saia, a saia da minha filha.
14 – A saia da sua filha, ela está muito bem talhada,
a culpa não é da saia, é da barriga inchada.
16 – Prepara-t', ó minha filha, prepara-te bem preparada,
amanhã, por estas horas, tu vais a ser queimada.
– *Não faça isso, meu pai, isso não pode fazer,*

*olhe que vai para o inferno, para o inferno a arder.
 Qu' eu em casa não le caio, vou-me deitar a afogar.
 – Aquele carro qu' além vem, corre depressa não devagar.
 a menina que vai nele ainda vai sem confessar.
 – Confesse-me, ó meu senhor, se me sabe confessar,
 qu' eu para casa não vou, vou-me deitar a afogar.*

8. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural de Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

– Palomba, ó Palombinha, não soubeste apalombar,
 (.....)

9. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Palomba, ó Palombinha, mal soubeste apalombar,
- 2 já hoje foram buscar lenha, para amanhã te queimar.
- Quem me dera aqui um primo que me fosse bem leal.
- 4 – Teu primo aqui está. Onde o queres mandar?
- A casa d' el-rei D. Pedro que cartas fosse entregar.

VIII. CONDE FLORES

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Arcângela do Nascimento Ximeno, 80 anos. Recolhida nos dias 28 de agosto de 1980 e 26 de agosto de 1981.

(.....)
 – Se os sete anos não vir, os oito o mais tardar

- 2 e se os oito anos não vir terminas de te casar.
 À saída da lameira e a entrar o ramalhal,
 4 encontrei uma boiada mudadinha do sinal.
 Eu chamei pelo boieiro, respondeu-me o azagal.
 6 – De quem é esta boiada mudadinha do sinal?
 – Era do conde Flores, Deus o deixe cá tornar.
 8 Agora é do conde Ninhos, Deus não la deixe gozar.
 – Deus guarde estas senhoras e a minha mãe mais qu’ a todas.
 10 – Se tu eres o meu filho, alguma senha m’ hás de dar.
 – Onde está o meu cavalo qu’ eu lo deixei a guardar?
 12 – O teu cavalo, meu filho, na loja está a relinchar.
 – Onde está o meu capote qu’ eu lo deixei a guardar?
 14 – O teu capote, meu filho, na arca da roupa há de estar.
 – Onde está minha donzela qu’ eu la deixei a guardar?
 16 – A tua donzela, meu filho, hoje se vai a casar.
 – Dá licença, minha mãe, com ela ir a falar?
 18 – Não vaias lá, ó meu filho, olha que te vão matar.
 – Não matam, não, minha mãe, qu’ eu também lhe sei falar.
 20 – Bons dias a estes senhores, Deus lhes preste o seu jantar.
 – Onde vem este senhor que tão bem sabe falar?
 22 – Eu sou primo da senhora, capinha lhe venho a dar.
 – Alto, alto, conde Ninhos, qu’ eu também sei pelear.
 24 – Fica-t’ aqui, conde Ninhos, qu’ eu já me vou a marchar,
 qu’ os amores d’algum dia são mui caros d’ olvidar.

Variante: 3 À entrada da lameira e a sair o ramalhal.

2. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Lá se vai o D. Pedro c’ os mouros a batalhar.
 2 – Ò cabo de sete anos, se não vier torna-te a casar.
 Passaram seis e D. Pedro sem voltar.
 4 Ò cabo de sete anos, a mulher se ia a casar.
 Ò cabo de sete anos, D. Pedro tornou a voltar.
 6 Chegou a uma serra, viu uma vacada, d’ ouro tinha o sinal.

- Chamou pelo vaqueiro, saiu-lhe o azagal.
- 8 – De quem é esta vacada, d’ouro tem o sinal?
– Esta vacada é de D. Pedro, pra D. Francisco vai passar,
- 10 há sete anos qu’ele é soldado, não ma quer pagar.
– Pois guarda bem, ó vaqueiro, tudo se te há de pagar.
- 12 Chegou a uma serra, avistou uma carneirada, d’ouro tinha o sinal.
Chamou pelo pastor, saiu-lhe o azagal.
- 14 – De quem é esta carneirada, que d’ouro tem o sinal?
– Esta carneirada é de D. Pedro, pra D. Francisco vai passar,
- 16 há sete anos que é soldado, não me quer pagar.
– Guarda-a tu, ó meu pastor, tudo se te há de pagar.
- 18 – Boa tarde, ó minha mãe, boa tarde lhe venho dar.
Onde é que está a minha mulher, que a quero visitar?
- 20 – A tua mulher, ó meu filho, agora se está a casar.
– Não há de casar, não, qu’eu a hei de poder livrar.
- 22 – Não vás lá tu, ó meu filho, que te podem matar.
– Não mata, não, minha mãe, q’eu hei de lhe saber falar.
- 24 – Essa mulher qu’ái tendes muito co’ela tenho de falar.
D. Francisco, assim que o viu, mostrou-se pra lutar.
- 26 – Tem-te lá, ó D. Francisco, qu’eu hei de te saber falar.
Uma fechadura de duas chaves, qual delas há de vigorar?
- 28 Eu, como tenho a mais velha, devo ter o primeiro lugar.

Variantes: 10 e 16 soldado andou sete anos, ainda não ma quis pagar; 12 Chegou mais adiante, avistou uma vacada, d’ouro tinha o sinal; 17a Cala-te tu; 19b ir a cumprimentar; 20b vai a casar; 22b que D. João te quer matar; 23a Não há de matar, não; 24b muito tenho eu que falar; 25a D. João; 25b logo puxou pra lutar; 27b todas há dem se fechar. A ordem dos versos 6-11 e 12-17 é invertida na segunda recitação e os versos 7 e 13 omitidos.

3. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Lá se vai D. Pedro prà guerra, c’os mouros vai batalhar,
- 2 a mulher é muito novinha, não cessava de chorar.
– Se tu vais, ó meu marido, como m’hei d’eu governar?
- 4 – S’eu tardar sete anos em vir, tu tornarás-te a casar.

- Sete e sete são catorze, dera a Deus tanto tardar.
- 6 Quando foi por meia-noite, à porta da mãe estava a chamar:
– Minha mãe, onde está minha esposa qu’ aqui lhe deixei ficar?
- 8 – Tua esposa, ó meu filho, hoje se foi a casar.
Se tens vindo mais cedo, ainda chegavas ao jantar.
- 10 – Deite-m’ a sua bênção, minha mãe, qu’ eu la vou tirar.
– Onde vais tu, ó meu filho, olha que te podem matar?
- 12 Ela casou c’ o conde da América, está má de roubar.
– Sete anos qu’ andei na terra, com sete qu’ andei no mar,
14 veja lá, ó minha mãe, s’ eu não lhe saberei falar.
Encontrara-os sentados à mesa, encontrara-os a jantar.
- 16 – Deus os guarde, senhores, Deus l’ acrescente o jantar.
– Anda cá, ó D. Pedro, se a ele nos queres ajudar.
- 18 – Eu nem lhe quero ajudar nem lhe quero o jantar,
uma fechadura de duas portas a qual delas s’ há d’ entregar.
- 20 – À primeira, ó D. Pedro, que tem no primeiro lugar.
– Isso é qu’ eu quero ouvir dizer, é que quero ouvir falar.

Variantes: 9 Se caminhares tantinho, ainda chegarás ao jantar; 11a Pra onde vais, ó meu filho; 15a e b encontrou-os; 18 Eu não quero comer nem lhe quero ajudar; 20b qu’ é o que tem o primeiro.

IX. FLORESVENTO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Eulália Alves, 69 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Ó vento, ó cruel vento, ó vento, ladrão maior,
2 destruístes três igrejas, (.....).
– (.....), tenho com que as pagar.
(.....)
- 4 – (.....), tenho dote para lhe dar.

2. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Ó vento, ó cruel vento, ó roubador maior,
- 2 roubastes as três igrejas, das melhores de Portugal.
Mataste os três padres de missa, revestidos ao altar.
- 4 Desonraste as três donzelas, todas de sangue real.
– Se roubei as três igrejas, dinheiro tenho pràs pagar.
- 6 Se matei os três padres de missa, Deus mo há de perdoar.
Se desonrei as três donzelas, dote tenho pra lhe dar.

3. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Carolino Augusto Pires, 65 anos, e Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Ó vento, ó cruel vento, ó roubador maior,
- 2 roubaste as três igrejas, que havia em Portugal.
Desonraste as três donzelas, todas de sangue real.
- 4 Mataste três padres santos, revestidos ao altar.
– S’ eu desonrei as três donzelas, eu tenho dinheiro pràs dotar.
- 6 S’ eu roubei as três igrejas, tenho aqui dinheiro pràs pagar.
S’ eu matei os três padres santos, ao Inferno vou parar.

4. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dárida Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Ó vento, ó cruel vento, ó roubador maior,
- 2 roubaste as três igrejas que havia em Portugal.

5. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Ó vento, ó cruel vento, ó roubador maior,
- 2 roubaste as três igrejas, das melhores de Portugal.
– S’ eu roubei as três igrejas, aqui estou pràs pagar.

- 4 – Desonraste as três donzelas, todas de sangue real.
– Se desonrei as três donzelas, aqui estou pràs dotar.
- 6 – Mataste três padres de missa revestidos ao altar.
– S’eu matei três sacerdotes, ao Inferno vou parar.

6. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por César Augusto Fernandes, 62 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Ó vento, ó cruel vento, ó ladrão maior,
2 mataste três donzelas, ao tribunal vais parar.

Variante: 2a a tua mulher.

7. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por Vítor José Matias, 45 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Ó vento, ó cruel vento, ó roubador maior,
2 roubaste as três igrejas, as melhores de Portugal.

8. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- (.....)
derrubaste três igrejas, das maiores de Portugal.
(.....)
- 2 – Desonraste três meninas (.....)
(.....)
– Mataste três sacerdotes (.....)

Variante: 1a três castelos.

Romances de cativos e prisioneiros

X. O PRISIONEIRO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Na manhã do São João, [.....]
- 2 todos os criados vão visitar o seu senhor.
Só eu pobre coitado, [.....]
- 4 não sei quando é de dia nem quando se põe o sol.
Só tenho três passarinhos que me cantam o alvor:
- 6 uma é a cotovia, outra é o rouxinol,
outra é a peregrina, essa é a que canta melhor.
- 8 Fez o ninho numa arada, arrumado a um terrão,
matou-ma um caçador, Deus lhe dê mau galardão.
- 10 Se era pela carne, não pesava um quarteirão,
se era pelo (.....)
- 12 Todo o seu corpinho junto não valia um tostão.

Variante: 3a triste coitado.

2. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Pela manhã de São João, pela manhã do alvor,
- 2 quando o pão estava grado e o vinho estava em flor,

todos os criados vão a visitar seu senhor.
 4 Só eu não sei quando é dia nem quando arraiá o sol,
 a não ser três passarinhos que vão cantar o alvor:
 6 um era a cotovia, outro era o rouxinol,
 outro era a calhandrinha, que era a que cantava melhor.

XI. A RAINHA E A SUA ESCRAVA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia,
 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

– À guerra, à guerra, mourinhos, quero uma cristã cativa,
 2 [.....] que é para a nossa rainha,
 que não me fio das mouras, que me dêem (*sic*) feitiçaria.
 4 Uns foram mar abaixo, outros foram terra acima.
 Os que foram mar abaixo não encontraram cativa,
 6 foram mais afortunados os que foram terra acima.
 Deram com o conde Flores que vinha da romaria,
 8 vinha lá de Santiago, Santiago da Galiza.
 Mataram o conde Flores e a princesa foi cativa.
 10 A rainha mal o soube, ao caminho lhe saía.
 – Em boa hora venha a escrava, boa seja a vossa vinda!
 12 Aqui vos entrego estas chaves da despensa e da cozinha.
 – Aceito as chaves, senhora, por grande desdita minha.
 14 Ontem condessa jurada e hoje moça de cozinha!
 Duas irmãs que nós éramos, ambas de mouros cativas.
 16 – Diz-me cá tu, minha escrava, tua irmã que nome tinha?
 – Chamava-se Branca Rosa, Branca Flor da Alexandria,
 18 foi cativada de mouros, dia de Páscoa florida.
 Andava colhendo rosas num jardim que o seu pai tinha.
 20 – Ai de mim, triste coitada, ai de mim, triste mofina,
 cuidei que me traziam uma escrava, trazem-m’ uma irmana minha!
 22 Deram beijos e abraços e uma à outra dizia:
 – Quem se dera em Portugal, terra que Deus bendizia!
 24 Juntaram muita riqueza de ouro e pedraria.

- Uma noite abençoada, fugiram da mouraria,
26 foram ter à sua terra, terra de Santa Maria.
Meteram-se num convento, ambas professam num dia.

Variante: 14a princesa.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- À guerra, à guerra, mourinhos, venha uma cristã cativa!
2 Uns vão pelo mar abaixo, outros pela terra acima,
os que foram mar abaixo não encontraram cativa.
4 Deram com o conde Flores que vinha da romaria,
vinha lá de Santiago, de Santiago da Galiza.
6 Mataram no conde Flores e a condessa foi cativa.
A rainha mal que o soube, ao caminho lhe saía.
8 – A boa hora venha a escrava, boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego as chaves da despensa e da cozinha,
10 porque não me fio em mouras, não me dêem feitiçaria.
– Aceito as chaves, senhora, por grande desdita minha.
12 Ontem condessa jurada, hoje moça de cozinha!
Duas irmãs que nós éramos, ambas de mouros cativas.
14 – Diz-me cá tu, minha escrava, tua irmã que nome tinha?
– Chamava-se Branca Rosa, Branca Flor da Alexandria,
16 que foi cativada dos mouros, dia de Páscoa florida.
– Ai, triste de mim, coitada, ai, triste de mim, mofina,
18 mandei buscar uma escrava e trago uma irmã minha!
Juntaram muitas riquezas de ouro e de pedraria.
20 Uma noite abençoada, fugiram da mouraria,
juntaram-se num mosteiro, ambas professaram num dia.

3. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- À guerra, à guerra, mourinhos, quero uma cristã cativa!
2 Uns foram pelo mar abaixo, outros pela terra acima.

Os que foram mar abaixo não encontraram cativa,
 4 tiveram maior fortuna os que foram terra acima.
 Encontraram o conde Flores que vinha da romaria,
 6 mataram o conde Flores e a condessa foi cativa.
 A rainha, mal que o soube, ao caminho lhe saíra.
 8 – Anda cá, ó minha escrava, boa seja a tua vinda!
 Aqui te entrego as chaves da despensa e da cozinha,
 10 que não confio em mouras nem essa patifaria.
 – Oh, pobre de mim, coitada, oh, pobre de mim, mofina,
 12 ontem condessa jurada, hoje moça de cozinha!
 Duas irmãs que nós éramos, ambas de mouros cativas.
 14 – Diz-me tu, ó minha escrava, tua irmã que nome tinha?
 – Chamavam-lhe Branca Rosa, Branca Flor da Alexandria,
 16 foi cativada de mouros, dia de Páscoa florida.
 – Oh, pobre de mim coitada, oh, pobre de mim mofina,
 18 mandei buscar uma escrava, trouxeram-m’ uma irmã minha!
 Deram beijos e abraços e uma para a outra dizia:
 20 – Quem nos dera em Portugal, terra de Santa Maria!
 Juntaram muitas riquezas de ouro e de pedrarias,
 22 uma noite abençoada, fugiram da mouraria.
 Foram ter à sua terra, terra de Santa Maria,
 24 meteram-se num convento e ambas professam num dia.

Variante: 10 que não me finto de mouros nem dessa patifaria.

4. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

– À guerra, à guerra, mourinhos! [.....]
 2 Uns iam pelo mar abaixo, outros iam terra acima.
 Os que foram mar abaixo não encontraram cativa,
 4 tiveram melhor fortuna os que foram terra acima.
 Encontraram no conde Flores que vinha da romaria,
 6 vinha lá de Santiago, Santiago da Galiza.
 Mataram no conde Flores e a condessa foi cativa.
 8 – Queremos uma escrava cá para a nossa rainha.

- Entregaram-lhe as chaves da despensa e da cozinha.
- 10 – Ainda ontem era rainha, hoje sou criada da cozinha!
(.....)
- Andava apanhando flores num rosal que o meu pai tinha.
- 12 – Mandei buscar uma escrava e trouxeram-me uma irmã minha!
Juntaram muita riqueza de ouro e pedraria.
- 14 Uma noite abençoada, fugiram da mouraria,
vieram ter à sua terra, terra de Santa Maria.
- 16 Meteram-se num mosteiro, ambas professam num dia.

Variantes: 2a e b vinham / vêm pelo rio; 5a Foram dar com; 5b mouraria; 7b princesa;
12 Mandei saber de uma escrava e trazem-me uma irmã minha; 13a muitas fortunas;
14 Numa noite abençoada, saíram da mouraria; 16a Entraram num convento.

5. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Mourinho, se fores à guerra prà terra da Cristandade,
- 2 traz-me de lá uma cativa muito da minha vontade.
Nem seja perra nem moura nem de gente retraída,
- 4 que seja de gente nobre, como cuidio qu'era a minha.
– Aqui tens tua escrava, aqui tens tua cativa.
- 6 Nem é perra nem é moura nem de gente retraída,
é de gente nobre, como cuidio qu'era a tua.
- 8 A rainha andava prenhada e a cativa prenhada ia.
Por mandado de Deus Padre, pariram ambas num dia,
- 10 a cativa trouxe um rapaz e a rainha uma rapariga.
As parteiras le foram falsas, armaram-le de vilania,
- 12 à rainha davam o rapaz e à cativa a rapariga.
A rainha comia capões e a cativa comia galinha.
- 14 A rainha, de bem tratada, levantou-se diant' um dia,
foi ver sua escrava, foi ver sua cativa.
- 16 – Que fazes aqui, escrava, que fazes aqui, cativa?
– Estou aqui, minha senhora, nesta cama co' uma menina.
- 18 – Se fosse na tua terra, que nome le chamarias?
– Chamaria-le Brancaflor, como uma irmã qu' eu tinha,

- 20 que a roubaram nos mouros, domingo de Páscoa florida,
andando colhendo rosas num rosal que meu pai tinha.
- 22 – P'las sinas que me tu dás, tu és uma irmã minha.
Muito ouro, muita prata, muita riqueza que eu tinha,
- 24 vamos para a cristandade, deixamos a mouraria.
Metemo-nos num mosteiro, no melhor mosteiro que cá havia,
- 26 e lá metemo-nos no convento de Santa Maria.

6. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- À guerra, à guerra, mourinhos, quero uma cristã cativa!
- 2 Uns foram pelo mar abaixo, outros pela terra acima.
Os que foram pelo mar abaixo não encontraram cativa,
- 4 tiveram melhor sorte os que foram pela terra acima.
Encontraram o conde Flores que vinha da romaria,
- 6 mataram o conde Flores e a princesa foi cativa.
(.....)
- Aqui tens as chaves da despensa e da cozinha,
- 8 que eu de moura não me fio. [.....]
- Ai, triste de mim, coitada, ai, triste de mim, mofina,
- 10 ontem era condessa e hoje moça da cozinha!
(.....)
- (.....) de ouro e pedraria.
- 12 Quando foi pela meia-noite, ambas a ver se fugiam.

7. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- À guerra, à guerra, mourinhos, quero uma cristã cativa!
- 2 Uns vão pelo mar abaixo, outros pela terra acima.
Os que foram mar abaixo não encontraram cativa,
- 4 tiveram melhor fortuna os que foram terra acima.
Deram com o conde Flores que vinha da romaria,
- 6 vinha lá de Santiago, Santiago de Galiza.

- Mataram o conde Flores e a condessa foi cativa.
- 8 E a rainha, mal que o soube, ao caminho lhe saía.
– Em boa hora venha a escrava, boa seja a sua vinda!
- 10 Aqui lhe entrego estas chaves da despensa e cozinha.
– Aceito as chaves, senhora, por grande desdita minha.
- 12 Ontem condessa jurada e hoje moça de cozinha!
Duas irmãs que nós éramos, ambas de mouros cativas.
- 14 – Diz-me tu, minha escrava, tua irmã que nome tinha?
– Chamava-se Branca Rosa, Branca Flor da Alexandria,
- 16 que foi cativada dos mouros, dia de Páscoa florida.
– Ai, triste de mim, coitada, ai, triste de mim, mofina,
- 18 mandei buscar uma escrava e trazem-m’ uma irmã minha!
Deram-se abraços e beijos e uma à outra dizia:
- 20 – Quem se dera em Portugal, terra de Santa Maria!
Juntaram muita riqueza, de ouro e pedraria.
- 22 Numa noite abençoada, fugiram da mouraria,
foram ter à sua terra, terra que Deus bendizia.

XII. A IRMÃ PERDIDA

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Arcângela do Nascimento Ximeno, 81 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

- Vente conmigo, morita, para mi caballería.
- 2 – ¿Y los pañuelos que lavo donde yo los dejaría?
– Los de seda y los de hilo para mi caballería
- 4 y los que no valgan nada por la corriente se tira.
El subir una costita, la morita suspira.
- 6 – ¿Por qué suspiras, morita, por qué suspiras, mi vida?
– ¡Cómo no he de suspirar, siendo aquí donde venía
- 8 con mi hermano, el aguileño, y mi padre en compañía!
– ¡Válgame Dios de los cielos y la Virgen Santa María,
- 10 creía de traer una mora y traigo una hermanita mía!
Ábreme las puertas, madre, ventanas y celosías,
- 12 que aquí le traigo el tesoro que lloraba noche y día.

XIII. CANTA, MOURO

1. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Canta, mouro, canta, mouro, canta pela tua vida.
- 2 – Como cantarei eu, senhores, s’ eu de prisões não podia?

2. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Canta, mouro, canta, mouro, canta pela tua vida.
- 2 – Como cantarei eu, senhora, s’ eu com prisão eu não podia?
- Canta, mouro, canta, mouro, a prisão eu ta livraria.
- 4 Prepara-te, ó mourinho, pra amanhã ao meio-dia.
Eu vou fazer a despedida a um jardim que meu pai tinha.
- 6 Adeus cravos, adeus rosas, adeus tanques d’ água fria,
adeus casa de meus pais e o espelho donde m’ eu via.
- 8 Adeus jardim de flores, onde eu passava o meu dia.
Lá no meio do caminho, altas torres relumbriam:
- 10 – De quem são aquelas torres que tanto relumbriam?
– Uma é da minha mãe, outra é da minha tia,
12 aquela que mais relumbria é da minha esposa linda.
– Diz-me aqui, ó mourinho, diz-me pela tua vida,
14 se me levas por esposa, por escrava ou por amiga.
– Nem te levo por esposa nem te levo por amiga,
16 só te levo por escrava da sala e da cozinha.
– Valha-me Nossa Senhora, valha-me a Virgem Maria,
18 tornei-m’ o perro mouro, prà prisão dond’ ele vinha.
Se a prisão era grande, eu ainda la dobraria.

Variantes: 2a eu cantarei; 12a e a que mais; 14 se me levas por esposa, se me levas por amiga.

Romances do regresso do marido

XIV. BELA INFANTA

1. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por duas raparigas, que o aprenderam no livro da 3.^a classe. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Estava a bela infanta no seu jardim assentada,
 2 com um pente d'oiro fino seus belos cabelos penteava.
 Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada,
 4 capitão que nela vinha muito bem a governava.
 – Dizei-me vós, capitão, dessa tão formosa armada,
 6 se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.
 – Anda tanto cavaleiro naquela terra sagrada,
 8 mas dizei-me vós, senhora, os sinais que ele levava.
 – Levava cavalo branco, selim de prata doirada,
 10 na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
 – Pelos sinais que me dizeis, tal cavaleiro não vi.
 12 Mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?
 – Daria tanto dinheiro que nem tem conta nem fim
 14 e as telhas do meu telhado que são de oiro e marfim.
 – Guardai lá vosso dinheiro e as telhas de oiro e marfim.
 16 Vosso marido aqui está, reparaí bem para mim.
 Este anel de sete pedras que eu convosco reparti,
 18 é dela, a outra metade, pois a minha vê-la aqui?

- Vinde cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.
- 20 Abra-se o novo portão há tanto tempo fechado,
vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

2. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Marcelina dos Prazeres Branco, 41 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Estava a bela infanta no seu jardim sentada,
2 com um pente de ouro fino seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada,
4 capitão que nela vinha muito bem a governava.
– Donde vens (.....)

Variante: 4b apresentava.

3. Versão de Babe (concelho de Bragança), recitada por Maria Libânia Romão, 70 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Então, mas não se abre esse portão, há tanto tempo fechado?
- 2 – Não, porque o meu marido anda na guerra.
– Quanto darias, senhora, a quem aqui vo-lo trouxera?
- 4 – Daria o meu cavalo branco, carregado de ouro e prata.
– Quanto darias mais, senhora, a quem vo-lo trouxera?
(.....)

4. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Estava a bela infanta lá no seu jardim sentada,
2 com pente d'ouro na mão muito bem que se penteava.
Botou os olhos ao mar, viu uma grande armada,
4 capitão que nela vinha trazia-a bem governada.
– Por Deus te peço, capitão, por Deus e por tua alma,
6 que me digas se o meu marido vem na tua grande armada.
– Não no vi nem no conheço nem sei que sinas levava.
- 8 – Levava cavalo branco e sela de prata lavrada,

- na ponta da sua espada, uma cruz d'ouro levava.
- 10 – P'las sinas que dais, senhora, morto ficou na batalha,
com sete feridas no peito e a cabeça cortada.
- 12 [.....] – Ai de mim, triste coitada,
qu'inda ontem era infanta e hoje já sou desgraçada!
- 14 – Quanto deras, bela infanta, a quem to trouxera aqui?
– Daria tanto dinheiro que nunca tivesse fim.
- 16 – Guarda o teu dinheiro, que me não pertence a mim,
sou capitão, vou prà guerra, não existo mais aqui.
- 18 – Quanto mais deras, infanta, a quem to trouxera aqui?
– As telhas do meu telhado que são d'ouro e de marfim.
- 20 – Não quero as tuas telhas, que me não pertencem a mim,
sou capitão, vou prà guerra, não existo mais aqui.
- 22 Quanto mais deras, infanta, a quem to trouxera aqui?
– Três filhas que tenho, todas três tas dou a ti:
- 24 uma para te vestir, outra para te calçar
e a mais bonita de todas para contigo casar.
- 26 – Não quero as vossas filhas, que me não pertencem a mim,
sou capitão, vou prà guerra, não existo mais aqui.
- 28 Quanto mais deras, infanta, a quem to trouxera aqui?
– Não tenho mais que lhe dar nem você mais que me pedir.
- 30 – Ainda tens mais que me dar e eu mais que lhe pedir,
esse corpinho bem feito para consigo dormir.
- 32 – Alto, alto, meus criados, venham, acudam-me aqui,
a prender este malvado que me pretendia a mim.
- 34 – Alto, alto, seus criados, seus criados são de mim.
– Se tu eras o meu homem, para que me tratavas assim?
- 36 E o anel de sete pedras que eu contigo reparti,
dá cá o teu ametade (*sic*), que o meu já está aqui.
- 38 – Ai de mim, triste coitado, como eu na guerra o perdi.

Variantes de 1981: 3b e viu; 8b com sela; 16a Não quero o vosso dinheiro; 20a as vossas telhas; 23a que eu tenho; 25a a mais formosa; 27a eu sou capitão; 28b a quem vo-lo; 30 Ainda tem mais que me dar e eu ainda mais que lhe pedir.

5. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra dessa noqueira?
- 2 – Porque meu pai é morto, meu marido anda na guerra.
- Quanto deras, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- (.....)

6. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Godofredo de Mariz, 78 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra desta noqueira?
- 2 – Porque o meu pai era morto, o meu marido anda na guerra.
- Quanto deras, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Darei-t’ uma carneirada que trago naquela serra.
- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Darei-t’ outra vacada que trago naquela serra.
- (.....)

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- (.....) à sombra dessa noqueira?
- 2 – Porque me morreu o meu pai, meu marido anda na guerra.
- Quanto davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Três cabradas que eu tenho delas daria a primeira.
- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Três carneiradas que tenho daria qual quisera.
- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – De três vacadas que tenho daria-te qual quisera.
- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 10 – De três moendas que tenho daria-te qual escolhera:
uma é de moer a farinha, doutra moer a canela,
- 12 doutro moer o pão branco para o rei de Castela.

- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 14 – De três filhas que eu tenho daria-te qual escolhera.
– As tuas filhas, ó Helena, não nasceram para mim,
16 para mim só tu, ó Helena, minha jóia, meu serafim.
– Vinde cá, ó minhas filhas, o vosso pai é chegado.
18 Abra-se o novo portão há tanto tempo fechado.
Vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra dessa nogueira?
- 2 – Porque o meu pai era morto, meu marido anda na guerra.
– Quanto davas, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Dava eu uma carneirada que trago naquela serra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Dava eu uma vacada que trago naquela serra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – Três moendas que eu tenho dava-te qual tu quiseras:
uma é de moer trigo, outra é de moer canela,
10 outra é de moer o pão alvo para o rei da Inglaterra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 12 – Três filhas que eu tenho dava-te qual tu quiseras.
– As tuas filhas, Helena, não nasceram para mim,
14 para mim só tu, Helena, meu cravo, meu serafim.
E metade do meu anel que eu contigo reparti,
16 que é dele, o outro metade, que o meu vê-lo, está aqui?

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Estando a bela infanta no seu jardim assentada,
2 deu os olhos ao mar, viu vir uma grande armada.
Capitão que nela vinha muito bem a governava.

- 4 – Dizei-me vós, capitão, dessa tão formosa armada,
se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.
- 6 – Andam tantos cavaleiros naquela terra sagrada,
mas dizei-me vós, senhora, os sinais que ele levava.
- 8 – Levava cavalo branco, selim de prata dourada,
na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
- 10 – Pelas novas que me dá, tal cavaleiro não vi.
Quanto dáveis vós, senhora, a quem vo-lo trouxera aqui?
- 12 – Eu dava tanto dinheiro que não tem conta nem fim
e as telhas do meu telhado que são de ouro e marfim.
- 14 – Guarda lá o teu dinheiro e as telhas de ouro e marfim.
Vosso marido aqui está, olhai bem para mim.
- 16 E metade do meu anel que eu contigo reparti,
que é dele, o outro metade, que o meu metade vê-lo, está aqui?
- 18 – Vinde cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.
Abra-se o novo portão há tanto tempo fechado,
- 20 vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

Variante: 7a Diga-me cá, minha senhora.

10. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa nogueira?
- 2 – Porque o meu pai era morto, meu marido anda na guerra.
– Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Dava-le eu uma vacada que tenho naquela serra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Dava-le uma carneirada que tenho naquela serra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – De três moendas qu’eu tenho, dava-te qual tu quiseras:
uma mói o açúcar, outra mói a canela,
10 outra mói o pão branco para o rei de Castela.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 12 – De três filhas qu’eu tenho, dava-te qual tu quiseras.

- As tuas filhas, Helena, não nasceram para mim.
- 14 Para mim só tu, Helena, meu cravo, meu serafim.
Metade do meu anel que eu contigo reparti,
- 16 deixa ver o teu metade, qu’o meu metade vê-lo aqui.

11. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, bordando seda,
- 2 vira vir um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e procurei-lhe se cavaleiro vinha da guerra.
- 4 – Senhora que procura, alguma coisa traz nela.
– Tenho lá o meu marido, qu’ há sete anos qu’ anda nela.
- 6 – Dê-m’ uma sina, senhora, se quer que lhe deia novas dele.
– Tinha o cavalo branco e o selim dourado era.
- 8 – Dê-m’ outra sina, senhora, se quer qu’ eu lhe dê novas dele.
– Tinha o cabelo louro e o rosto duma donzela.
- 10 – Esse homem, ó senhora, morto fora lá na guerra.
Ela foi pra sua casa, cerrou portas e janelas,
- 12 [.....] foi a pôr a touca preta.
– Pus vestido de luto, senhora, [.....]
- 14 por o meu marido que morto fora lá na guerra.
– O seu marido, senhora, aqui o tem ò par dela.
- 16 – Se tu és o meu marido, porque me dás tanta pena?
– Metade do meu anel que eu contigo reparti,
- 18 deixa ver o teu metade, qu’o meu metade vê-lo aqui.

12. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa nogueira?
- 2 – Porque o meu pai era morto, meu marido anda na guerra.
– Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Dava-te uma vacada que trago naquela serra.

- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Dava-te uma cabrada que trago naquela serra.
- Quanto davas mais, Helena, a quem aqui to trouxera?
- 8 – Dava-te um gado que trago naquela serra.
- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 10 – De três moendas qu’eu tenho, daria-te uma dela:
uma mói pão alvo, outro mói canela,
- 12 outro mói o pão alvo para lo dar ò rei de Concela.
- Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 14 – Duas filhas que eu tenho, daria-te uma delas.
- Meu anel de sete pedras que eu contigo reparti,
- 16 donde tens o teu metade, qu’o meu vê-lo, está aqui?

Variante: 1b desta.

13. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Porque não cantas tu, Helena, ao toro dessa nogueira?
- 2 – Porque morreu-me o pai há pouco, o meu marido anda na guerra.
- E quanto tu davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – De três moendas que eu tenho, dava-te qual tu quiseras.
- Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – De três vacadas que eu tenho, dava-te qual tu quiseras.
- Quanto mais davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – De três moendas que eu tenho, dava-te qual tu quiseras:
uma é de moer trigo e outra de moer canela
- 10 e outra é de moer pão alvo para o rei de Castela.
- Quanto mais davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 12 – De três filhas que eu tenho dava-te qual tu quiseras.
- As tuas filhas, ó Helena, não foram criadas para mim,
- 14 para mim só tu, ó Helena, ó meu anjo, meu serafim.

14. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco dos Santos Fileno, 57 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Estando eu à minha porta cosendo e lavrando seda,
(.....)

15. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- (.....) porta fiando, lavrando seda,
- 2 avistei um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e procurei-lhe se ele vinha da guerra.
 - 4 – Da guerra venho, senhora, qu' há sete anos qu' ando nela,
a senhora que me procura também traz alguém lá nela.
 - 6 – Trago lá o meu marido, qu' há sete anos qu' anda nela.
– Diga-me cá, ó senhora, informações com' ele era.
 - 8 – Tinha o cabelo loiro e os olhos duma donzela,
tinha um cavalo branco e o selim de prata era.
 - 10 – Esse homem, ó senhora, ele foi morto lá na guerra.
– Vou-me vestir de luto, eu e a minha filha mais velha,
 - 12 vou-me já vestir de luto, mandar notícias prà terra.
– Anda cá tu, ó mulher, que o teu marido eu era.
 - 14 – Se eras tu, meu marido, pra que me davas tanta guerra?
O anel de sete pedras que eu contigo reparti,
 - 16 o teu ainda o trago no dedo. – O meu na guerra o perdi.

16. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra desta noqueira?
- 2 – Porque o meu pai era morto, meu marido está na guerra.
– Quanto tu dás, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Eu dava-te uma vacada que tinha naquela serra.
– Quanto tu dás mais, ó Helena, a quem to aqui trouxera?

- 6 – Eu dou-te uma boiada que tenho naquela serra.
 – Quanto dás mais, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – Eu dou-te um rebanho que tenho naquela serra.
 – Quanto tu dás mais, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 10 – Três moendas que eu tenho dou-te qual tu quizeras:
 uma é de moer o pão, outra é de moer a canela
 12 e outra é de moer o trigo para o rei de Castela.
 – Quanto dás mais, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 14 – Três filhas que eu tenho, dou-te qual tu quizeres.
 – As tuas filhas, Helena, não nasceram para mim,
 16 para mim só tu, Helena, meu cravo, meu serafim.
 Onde é que está o meu anel que eu contigo reparti?
 18 Deixa ver o teu metade que o meu vê-lo, está aqui.

Variante: 10 Eu dou três moendas que tenho naquela serra.

17. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta cosendo e lavrando seda,
 2 avistei um cavaleiro descendo a serra Morena.
 Atrevi-me e procurei-lhe se vinha de la guerra.
- 4 – Da guerra venho, senhora, há sete anos que ando nela,
 a senhora que procura alguma coisa traz nela.
- 6 – Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
 – Dai-m’ uma sina, senhora, que eu vos direi se anda nela.
- 8 – Tinha cabelos loiros e o cariz duma donzela.
 – Dai-m’ outra sina, senhora, que eu vos direi se anda nela.
- 10 – Tinha cabelos brancos e o cariz da donzela.
 – Por os sinais que dizeis, ele já é morto na guerra.
- 12 – Vou-me daqui pra minha casa fechar portas e janelas,
 já me vou vestir de luto e pôr a minha touca negra.
- 14 – Porque é que te vestes de luto, porque é que pões a touca negra?
 – Ponho-a pelo meu marido, que ele já é morto na guerra.
- 16 – Tira lá o teu luto e tira a tua touca negra,
 o teu marido aqui está, repara bem como era.

- 18 – Se tu eras o meu marido, pra que me falavas dessa maneira?
 – O coração da mulher já sabes bem como era,
 20 é como a folha do olmo, qualquer vento a leva.

Variante: 13a vou-me vestir.

18. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Estava a bela infanta no seu jardim assentada.
 2 Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada,
 capitão que nela vinha muito bem a governava.
 4 – Dizei-me vós, capitão, dessa tão formosa armada,
 se vestes o meu marido na terra que Deus pisava.
 6 – Anda tanto cavaleiro nessa terra sagrada,
 mas dizei-me vós, senhora, os sinais que ele levava.
 8 – Levava cavalo branco, selim de prata doirada,
 na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
 10 – Pelos sinais que dizeis, tal cavaleiro não vi,
 mas quanto dareis, senhora, a quem vo-lo trouxera aqui?
 12 – Daria tanto dinheiro que não tem conta nem fim
 e as telhas do meu telhado que são de ouro e de marfim.
 14 – Guardai lá o vosso dinheiro e as telhas de ouro e marfim.
 Vosso marido aqui está, repara bem para mim.
 16 O anel de sete pedras que eu contigo reparti,
 que é dele, a outra metade, pois a minha vê-la aqui?
 18 – Vinde cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado,
 vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

19. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Porque não cantas tu, ó Helena, à sombra dessa noqueira?
 2 – Não canto porque o meu marido anda na guerra.
 (.....)

20. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra dessa noqueira?
- 2 – Porqu’o meu pai é morto, o meu marido anda na guerra.
– Quanto deras tu, ó Helena, a quem aqui to trouxera?
- 4 – Três cabradas que eu trago naquela serra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Três moendas que eu tinha (.....)
(.....)
– Vinde cá, minhas filhas, que vosso pai é chegado.
- 8 Abra-se o nobre portão há tantos anos fechado.

21. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Ermelinda Rosa, 70 anos, ajudada, num ou outro verso, por Antónia Júlia Fernandes, 78 anos. Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

- Porque não cantas tu, ó Helena, à sombra dessa noqueira?
- 2 – Porque o meu pai já é morto, meu marido anda na guerra.
– Quanto deras tu, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Três moinhos que eu tenho, dera o que tu escolhera:
uma mói o trigo e outro mói a canela
6 e outro mói o pão alvo para o rei de Castela.
– Não te quero os teus moinhos que te custaram a ganhar.
- 8 – Três filhas que eu tenho, dera a que tu escolheras.
– As tuas filhas, ó Helena, não nasceram para mim,
10 para mim só nasceste tu, meu cravo, meu serafim.
– Se tu eras o meu marido, pra que me falavas assim?
- 12 O meu anel de sete pedras que eu contigo reparti,
mostra-m’ a tua metade, que eu a minha vê-la aqui.

22. Versão de Pinheiro Velho (concelho de Vinhais), recitada por Ana Augusta do Rio, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
 2 avistei um cavaleiro naquela serra Morena.
 Dirigi-me e procurei-lhe: – Cavaleiro, vem da guerra?
 4 – A senhora que o procura é porque alguém trará nela.
 – Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
 6 – Dê-m’ uma sina, senhora, eu lhe direi se lá queda.
 – O cavalo era branco e a cara duma donzela.
 8 – Ah, esse cavaleiro, senhora, morto ficava na guerra.
 – Vou-me já daqui para casa fechar portas e janelas,
 10 vou-me já vestir de luto, eu e as filhas mais velhas.
 – Não te vás vestir de luto, que o teu marido eu era.
 12 – Se tu és o meu marido, para que me dás tanta guerra?
 (.....)

23. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos, ajudado pelo filho, José Carlos Rodrigues, 42 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- (.....) lavrando, cosendo seda,
 2 avistou um cavaleiro naquela serra Morena.
 Atrevi-me e procurei-lhe: – Cavaleiro, vem da guerra?
 4 – Da guerra venho, senhora, há sete anos qu’ ando nela.
 – Não viu o meu marido, há sete anos que anda nela?
 6 – Dê-m’ uma sina, senhora, que’ eu lhe direi ond’ ele queda.
 – O seu cavalo era branco, a sela verde-amarela.
 8 – Esse cavaleiro, senhora, morto ficou na guerra.
 – Mal o hajas tu, cavaleiro, que tal nova me trouxeras!
 10 Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas,
 vou-me já vestir de luto, eu e a filha mais velha.
 12 – Anda cá, minha esposa, que o teu marido eu era.
 – Se tu eras meu marido, pra que me davas tanta guerra?

- 14 – Porque queria saber quem deixara nesta terra.
A mulher é com' a folha do olmo, vai p' onde o vento a leva.

24. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa noqueira?
2 – É porque o meu pai é morto, meu marido está na guerra.
– Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
4 – Darei-te uma carneirada que trago naquela serra.
– Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
6 – Daria-te uma vacada que trago naquela serra.
– Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
8 – Quanto deras mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Dou-te o moinho do milho e outro de moer a canela
10 e outro de moer farinha para el-rei de Castela.
– E quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
12 – De três filhas que tenho, daria a que tu quiseras.

25. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
2 avistei um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e procurei-lhe: – Cavaleiro, vens da guerra?
4 – Venho sim, minha senhora, sete anos há qu' ando nela.
Quem traz lá, minha senhora, que s' interessasse por ela?
6 – Trago lá o meu marido, há sete anos qu' ando (*sic*) nela.
– Dê-m' uma sina, senhora, como o seu marido era.
8 – O cavalo era branco e o selim da primavera.
– Dê-m' outra sina, senhora, como o seu marido era.
10 – O cabelo era louro, os olhos duma donzela.
– Esse soldado, senhora, lá ficou morto na guerra
12 e deixou em testamento que eu casasse com ela.

- Oh, mau diabo leve as novas e quem mas aqui trouxera!
- 14 Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas
e vou-me vestir de luto, eu e a filha mais velha.
- 16 – Venha cá, minha senhora, qu’ o seu marido eu era.
– Se tu és o meu marido, porque me dás tanta guerra?
- 18 – Porque a honra das mulheres anda de terra em terra,
é como o copo de vidro, ainda não esbarra já quebra.
- 20 Meu anel de sete pedras que eu contigo reparti,
mostra-me a tua metade, qu’ eu a minha vê-la aqui.
- 22 – Ai de mim que a perdi colhendo flores no jardim!

**26. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz,
73 anos. Recollida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
2 vi vir um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e perguntei-lhe: – Cavaleiro, vem da guerra?
- 4 – A senhora, se pergunta, alguma gente traz nela.
– Trago lá o meu marido, há sete anos qu’ anda nela.
- 6 – Dá-m’ uma sina, senhora, qu’ eu te darei novas dele.
– O cabelo era louro e a cara duma donzela.
- 8 – Esse cavaleiro, senhora, morto ficou na guerra.
– Mal hajas tu, cavaleiro, e as notícias que me cá trouxeras!
- 10 Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas,
vou-me já vestir de luto, eu e as filhas mais velhas.
- 12 – Não vás pra casa, Helena, qu’ o teu marido eu era.
– Se eras o meu marido, pra que me davas tanta guerra?
- 14 – É que eu queria saber quem deixara nesta terra.
A maldade das mulheres é como o copo de vidro,
16 [.....] mal se topa, logo quebra.

27. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa nogueira?
- 2 – Como hei de cantar, senhor, meu marido anda na guerra?
- Quanto deras tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Dera-te eu aquela carneirada que trago naquela serra.
- Quanto deras mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 6 – Dera-te eu aquela vacada que trago naquela serra.
- Quanto deras mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – Dera-te aqueles moinhos que trago naquela serra,
um mói o pão alvo prò rei de Castela.
- 10 – Quanto deras mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
- De três filhas qu’ eu tenho, dera-t’ uma pra casar co’ ela.
- 12 – As tuas filhas, Helena, pra mim não foram criadas,
[.....] o teu marido eu era.
- 14 – Se eras o meu marido, pra que me davas tanta guerra?
- É que eu queria saber quem deixara nesta terra.

28. Versão de Travanca (concelho de Vinhais), recitada por Carlos Gonçalves, 73 anos, residente em Moimenta (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 31 de agosto de 1980.

- ‘Tando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
- 2 vi baixar um cavaleiro daquela serra Morena.
Atrevi-m’ e procurei-lhe: – Senhor, vem da guerra?
- 4 – A senhora que o procura é porque alguém traz nela.
- Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
- 6 – Dê-m’ uma sina, senhora, que eu lhe direi se lá queda.
- O cabelo era loiro, a cara duma donzela,
- 8 o cavalo era branco, a sela verd’ amarela.
- Esse cavaleiro, senhor (*sic*), morto ficara na guerra.
- 10 – Mal hajas tu, cavaleiro, mais as novas que me trouxeras!
Vou-me daqui para casa fechar portas e janelas.
- 12 – Cala lá, ó mulher, que o teu marido eu era.

- Se tu és o meu marido, pra que me dás tanta guerra?
 14 – É porqu’ eu queria saber quem deixava nesta terra.
 É como a honra das mulheres, que anda de terra em terra,
 16 e é como o copo de vinho, com qualquer tope quebra.

29. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Estando a bela infanta no seu jardim assentada,
 2 com um pente de ouro fino seus cabelos penteava.
 Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada,
 4 capitão que nela vinha muito bem a governava.
 – Dizei-me vós, capitão, dessa tão formosa armada,
 6 se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.
 – Anda tanto cavaleiro naquela terra sagrada,
 8 mas dizei-me vós, senhora, os sinais que ele levava.
 – Levava cavalo branco, selim de prata lavrada,
 10 na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
 – Pelos sinais que me dais, tal cavaleiro não vi,
 12 mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?
 – Daria tanto dinheiro que não tem conta nem fim
 14 e as telhas do meu telhado que são de ouro e marfim.
 – Guardai lá vosso dinheiro e as telhas de ouro e marfim.
 16 Vosso marido aqui está, reparaí bem para mim.
 Este anel de sete pedras que eu contigo reparti,
 18 qu’ é dele, a outra metade, pois a minha vê-la aqui?
 – Vinde cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.
 20 Abra-se o novo portão há tanto tempo fechado,
 vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

30. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Estando eu à minha porta lavrando, cosendo seda,
 2 vira vir um cavaleiro direito à serra Morena.
 Atrevi-m’ e perguntei-lhe: – Soldado, vindes da guerra?

- 4 – Da guerra venho, senhora, [.....]
a senhora que pergunta é porque alguém traz nela.
- 6 – Trago lá o meu marido, há sete anos qu' anda nela.
– Deia-m' uma sina dele, qu' eu lhe direi onde queda.
(.....)
- 8 – Esse cavaleiro, senhora, morto ficara na guerra.
– Oh, mal o hajam nas novas e mais quem as aqui trouxera!
- 10 Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas
e vou-me vestir de luto, eu e a filha mais velha.
- 12 – Anda cá, minha mulher, qu' o teu marido eu era.
– Se tu eras o meu marido, pra que me dás tanta guerra?
- 14 – É qu' eu queria saber quem deixara nesta terra.
O juízo das mulheres, eu não sei, mas adivinho,
16 ele anda ao redor, com' à roda do moinho.
O juízo das mulheres anda de serra em serra,
18 é com' um copinho de vidro, com qualquer arzinho quebra.

31. *Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.*

- Estava a bela infanta no seu jardim assentada,
2 com um pente d'ouro na mão, seus lindos cabelos penteava.
Deitou os olhos além, vira vir uma grande armada,
4 capitão que a mandava, muito bem a governava.
– Dizei-me vós, capitão, dessa tão formosa armada,
6 se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.
– Andava tantos (*sic*) cavalheiro nessa terra sagrada.
- 8 Mas dai-me vós uma sina dele, qu' eu vos direi ond' ele 'stava.
– O cavalo era branco, selim de prata dourada,
10 na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
– Com os sinais que me dais, tal cavaleiro não vi.
- 12 Mas quanto davais vós, senhora, a quem vo-lo trouxera aqui?
– Daria tanto dinheiro que não tem conto nem fim,
14 e as telhas do meu telhado que são d'ouro e de marfim.
– Guardai lá o vosso dinheiro e as telhas d'ouro e marfim.

- 16 O vosso marido aqui está, reparai bem para mim.
 O anel de sete pedras que contigo reparti,
 18 qual delas a outra metade, qu' o meu vede-lo aqui?

32. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra dessa noqueira?
 2 – Como cantarei eu triste, como cantarei alegre,
 se o meu pai já era morto e o meu marido anda na guerra?
 4 – Quanto davas tu, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
 – Daria aquela carneirada que trago naquela serra.
 6 – Guardai lá a carneirada, qu' a carneirada vossa era.
 Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
 8 – Daria aquela boiada que trago naquela serra.
 – Guardai lá vossa boiada, qu' a boiada vossa era.
 10 – De três filhas qu' eu lá tenho, vos daria uma delas.
 – (.....) Essas filhas minhas eram.
 12 – Andai cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.
 Abram-s' os novos portões há tanto tempo fechados.
 14 Vamos dar graças a Deus, graças a Deus adorado.

Variantes: 4a Quanto dáveis vós, senhora; 4b vo-lo aqui; 5b estava; 6b minha era; 8a vacada; 9b vacada minha era; 10b daria-vos; 11b as tuas filhas minhas eram; 13b há tantos anos.

33. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
 2 vira vir um cavaleiro direito à serra Morena.
 Atrevi-me e procurei-lhe: – Cavaleiro, vens da guerra?
 4 – A senhora que o procura certo é que alguém traz nela.
 – Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.

- 6 – Di-m’ as sinas como ele era, qu’ eu lhe direi onde ele queda.
– Tinha o cabelo dourado e a cara duma donzela.
- 8 – Por essas novas, senhora, seu marido morto ficava na guerra.
– Mal o hajas cavaleiro e à nova que me trouxera!
- 10 Vou-me já daqui para casa fechar portas e janelas,
vou-me já vestir de luto, eu e as filhas mais velhas.
- 12 – Não te vás vestir de luto, que o teu marido eu era.
– Se tu eras o meu marido, pra que me davas tanta guerra?
- 14 – Porque eu queria saber quem deixara nesta terra.
Porque mulher é como o vidro, com qualquer tope quebra.

34. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa nogueira?
- 2 – Como cantarei eu, triste, como cantarei, alegre,
se o meu pai já era morto, o marido trazo na guerra?
- 4 – Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Dava-lhe uma cabrada que trazo naquela serra.
- 6 – As tuas cabras, Helena, não nasceram para mim.
Sou soldado, vou prà guerra e eu não posso estar aqui.
- 8 Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Uma carneirada que trazo naquela serra.
- 10 – Os teus carneiros, Helena, não nasceram para mim.
Sou soldado, vou prà guerra e não posso estar aqui.
- 12 Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Dava-te uma vacada que trazo naquela serra.
- 14 – As tuas vacas, Helena, não nasceram para mim.
Sou soldado, vou prà guerra e não posso estar aqui.
- 16 Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Não tenho mais que te dar nem tu mais que me pedir.
- 18 – Eu só queria esse teu peito pra co’ ele à noite dormir.
– Retira-te daí, malvado, retira-te d’ ò pé de mim,
- 20 que te mando já prender ao rabo do meu rocinho,
que te faço dar três voltas à roda do meu jardim.

- 22 – Cala-te aí, Helena, qu’o teu marido eu era.
 – Se tu eras o meu marido, pra que me davas tanta pena?
 24 – Porque eu queria saber quem deixava nesta terra.
 Porque a honra das mulheres anda de terra em terra,
 26 é como os copos de vidro, com qualquer tope quebra.

Variante: 1b daquela.

35. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, Helena, à sombra desta noqueira?
 2 – Como cantarei, senhor, meu marido está na guerra.
 – Diz-m’as sinas qu’ele tinha, qu’eu te darei notícia dela.
 4 – O cavalo era branco e a sela era amarela.
 – Quanto davas, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
 6 – Dava-te aquela vacada que trago naquela serra.
 – A vacada não ta quero, que a vacada minha era.
 8 – Dava-te aquela carneirada que trago naquela serra.
 – A carneirada não ta quero, qu’a carneirada minha era.
 10 – Então dava-te aqueles moinhos que moem prata e canela.
 – Os moinhos não tos quero, qu’os moinhos meus já eram.
 12 [.....] – Queria o teu corpo, Helena.
 – Tira-te daqui, malvado, que me dás tanta guerra.
 14 – O teu marido, Helena, teu marido eu era.
 – Se tu és o meu marido, pra que me dás tanta guerra?
 16 – É porque eu queria saber quem deixara nesta terra.

Variantes: 1b dessa; 3 Diz-m’as sinas, senhora, qu’eu te direi onde ele ficquera; 5a davas mais, Helena; 10a dou-te os meus; 12a Dás-me / Quero.

36. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- ¿Soldadito, soldadito, dónde ha de venir usted?
 2 – De la guerra de Manilla. ¿Qué se le ofrecía usted?
 – Não viu por lá mi marido ne la guerra alguna vez?
 4 – Sim, senhora, tengo visto, mas não me recuerdo dele.
 – Mi marido era o hermoso, alto, rubio, aragonés.
 6 E na ponta de la espada trazia pañuelo francés,
 que lho bordei quando chica, quando chica lho bordei,
 8 outro que lhe estou bordando, outro que lhe bordarei.
 – Pelas sinas que usted dava seu marido morto é,
 10 que o levavam entre quatro para não volvê-lo a ver.
 – Há sete anos que o espero, outros sete o esperarei,
 12 se ele aos catorze não vier, viúva me ficarei.
 – Cala, cala, Isabel, cala, cala, Isabelinha,
 14 qu’eu sou o teu esposo querido, tu minha esposa, Isabel.
 Que é do anel de sete pedras que eu contigo reparti,
 16 que é da tua metade, pois a minha vê-la aqui?
 – Andai cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.
 18 Abra-se o nobre portão há tanto tempo fechado.

37. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, ó Helena, à sombra dessa nogueira?
 2 – Como cantarei, senhora, [.....]
 se ainda ontem me casara, já o marido me foi para a guerra.

Variante: 3b me vai.

38. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Estando eu à minha porta cosendo, bordando seda,
 2 vira vir um cavaleiro naquela terra morena.

- Atrevi-m' e procurei-lhe: – Soldado, tu vens da guerra?
- 4 – A senhora que o procura é porqu' alguém trai nela.
– Trago lá o meu marido, há sete anos qu' anda nela.
- 6 – Dê-m' uma sina, senhora, qu' eu lhe direi ond' ele queda.
– Ele tinha o cabelo louro e a cara duma donzela.
- 8 – Dê-m' outra sina, senhora, qu' eu lhe direi ond' ele queda.
– O cavalo era branco e a espora de prata era.
- 10 – Esse soldado, senhora, morto ficava na guerra.
– Malo haja o cavaleiro e as novas que m' ele dera!
- 12 Vou-me já daqui pra casa cerrar portas e janelas,
vou-me vestir de luto, eu e a filha mais velha.
- 14 – Volte cá, ó senhora, qu' o seu marido eu era.
– Se tu é' lo meu marido, pra que me dás tanta guerra?
- 16 – Qu'ria ver o juízo das mulheres, qu' anda de terr' em terra,
e é como copo de vidro: com qualquer tope quebra.

39. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles, 77 anos, e Guilhermina dos Anjos, 64 anos, residentes em Santalha (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
2 vira vir um cavaleiro direito la serra Morena.
Atrevi-me e procurei-lhe: – Soldado, tu vens da guerra?
- 4 – A senhora que o pergunta é porque traz alguém nela.
– Trago lá o meu marido, há sete anos qu' anda nela.
- 6 – Dê-m' uma sina, senhora, qu' eu lhe direi onde ele queda.
– Tinha dentes de marfim, os olhos duma donzela.
- 8 – Dá-m' outra sina, senhora, qu' eu lhe direi onde ele queda.
– O cavalo era branco e a silha dourada era.
- 10 – Pelas sinas que me dais, [.....]
esse soldado, senhora, morto ficou na guerra.
- 12 – Mal o haja o cavaleiro e as novas que me trouxeras!
Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas,
14 vou-me vestir de luto, eu e as filhas mais velhas.
– Volta cá, boa casada, qu' o teu marido eu era.
- 16 – Já qu' eras o meu marido, pra que me dás tanta guerra?

- Porque queria saber quem deixara nesta terra.
- 18 O juízo das mulheres anda de terra em terra,
é como o copo de vidro, quando toca logo quebra.
- 20 Onde está o anel que eu contigo reparti,
onde está a tua metade, pois a minha vê-la aqui?

40. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos, e Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Porque não cantas, Helena, à sombra duma nogueira?
- 2 – Porque o meu pai era morto, meu marido anda na guerra.
– Quanto davas, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
- 4 – Eu daria aquela carneirada que trago naquela serra.
– Essa carneirada pra mim, Helena, há muito que minha era.
- 6 Quanto davas, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
– Eu daria uma vacada que trago naquela serra.
- 8 – Essa vacada, Helena, há muito que minha era.
Quanto davas, ó Helena, a quem aqui to trouxera?
- 10 – Eu daria os meus dinheiros que meu pai me deixara.
– Esses dinheiros, Helena, há muitos anos que meus eram.
- 12 Dá-m’ uma sina, senhora, qu’ eu lhe direi ond’ ele queda.
– Tinha os cabelinhos loiros, a cara duma donzela.
- 14 – Esse cavaleiro, senhora, morto ficava na guerra.
– Mal o hajam nas notícias e quem nas aqui trouxera!
- 16 Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas,
vou-me já vestir de luto, eu e a filha mais velha.
- 18 – Um anel de sete pedras que eu contigo dividi,
onde está o teu metade, que o meu está aqui?
- 20 – Se tu és o meu marido, pra que me dás tanta guerra?
– Porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
- 22 O juízo das mulheres anda de terra em terra,
é como o copo de vidro, com qualquer tope quebra.

Variante: 19 que é do teu metade, qu’ o meu vê-lo, está aqui.

41. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
 2 vira vir um cavaleiro naquela serra Morena.
 Atrevi-me, procurei-lhe: – Senhor, vindes da guerra?
 4 – A senhora que o procura é porqu’ alguém traz nela.
 – Trago lá o meu marido, há sete anos qu’ anda nela.
 6 – Dê-m’ uma sina, senhora, qu’ eu lhe direi ond’ ele queda.
 – O cabelo era louro, a cara duma donzela,
 8 o cavalo era branco e a sela verde e ’marela.
 – Esse soldado, senhora, morto ficara na guerra.
 10 – Mal o haja o cavaleiro e a nova que me trouxeras!
 Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas,
 12 vou-me já vestir de luto, eu e a filha mais velha.
 – Venha cá, minha senhora, qu’ o seu marido eu era.
 14 – Se tu eras meu marido, pra que me davas tanta guerra?
 – É porque eu queria saber quem deixara nesta terra.
 16 Porque o brio das mulheres anda de terra em terra,
 é como o copo de vidro, com qualquer tope quebra.

42. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa nogueira?
 2 – Porque tenho o meu pai morto, o meu marido foi prà guerra.
 – Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
 4 – Daria aquela cabrada que trago naquela serra.
 – Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
 (.....)

43. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Porque não cantas tu, Helena, à sombra dessa noqueira?
- 2 – Como hei de cantar, senhor, [.....]
- o meu pai era morto, o meu marido anda na guerra?
- 4 – Quanto deras tu, Helena, a quem teu marido t’ aqui trouxera?
- Dava-te as minhas vacadas que trago naquela serra.
- 6 – Quanto mais davas tu, Helena, a quem teu marido t’ aqui trouxera?
- Dava-te os meus navios, os d’ ouro e os da prata.
- 8 – Quanto mais deras tu, Helena, a quem teu marido t’ aqui trouxera?
- Dera-te as minhas jóias, tudo quanto eu tivera.
- 10 – Não te quero nada, Helena, do que tu disseras,
- o teu marido está aqui à tua beira.
- 12 – Se tu és o meu marido, nunca tanto m’ intrujeras.
- Mas é que eu queria saber com quem eu lidera.

44. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Laura de Jesus Fernandes, 84 anos, natural de Edroso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
- 2 vinha um cavaleiro direito à serra Morena.
- Atrevi-me e procurei-lhe: – Cavaleiro, tu vens da guerra?
- 4 – A senhora que me pergunta certo é qu’ alguém traz nela.
- Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
- 6 – Dê-m’ uma sina, senhora, qu’ eu lhe direi ond’ ele queda.
- O cavalo era branco, a silha roxa-amarela.
- 8 – Dê-m’ outra sina, senhora, a ver s’ eu sei ond’ ele queda.
- O cabelo era louro e a cara duma donzela.
- 10 – Esse soldado, senhora, morto ficara na guerra.
- Vou-me já daqui pra casa cerrar portas e janelas,
- 12 vestir-me de preto, eu e a filha mais velha.
- Volta atrás, minha senhora, o seu marido eu era.
- 14 – Se tu és o meu marido, pra que me causaste tanta guerra?

- Era pra saber quem eu deixara nesta terra.
- 16 – Quem deixaste nesta terra ainda é quem dantes era.

45. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Porque não cantas, Helena, à sombra desta noqueira?
- 2 – Senhor, como eu cantarei, senhor, como eu cantera?
Meu pai já é morto, meu marido anda na guerra.
- 4 – Quanto davas tu, Helena, a quem to aqui trouxera?
– De três filhas que eu tenho, a escolher delas te dera.
- 6 – Tuas filhas não as quero, que não nasceram para mim,
pra mim só nasceste tu, meu cravo, meu serafim.
- 8 – Se tu és o meu marido, pra que me dás tanta guerra?
– Porque queria saber quem deixara nesta terra.
- 10 Que é da tua aliança, pois a minha vê-la aqui?

Variante: 1b dessa.

46. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
- 2 vira vir um cavaleiro baixo à serra Morena.
Atrevi-me e procurei-lhe: – Soldado, vindes da guerra?
- 4 – A senhora, qu’o procura, certo é qu’alguém traz nela.
– Trago lá meu marido, há sete anos qu’anda nela.
- 6 – Diga-m’ uma sina, senhora, diga-m’ uma sina qualquera.
– O cavalo era branco e a sela verde-amarela.
- 8 – Dê-m’ outra sina, senhora, dê-m’ outra sina qualquera.
– O cabelo era louro e a cara duma donzela.
- 10 – Esse soldado, senhora, morto ficou na guerra.
– Eu vou prà minha casa fechar portas e janelas,
- 12 eu me vou vestir de luto, eu e a filha mais velha.
– P’las novas que tu me dás, teu marido eu era.
- 14 – Se tu eras o meu marido, pra me dás tanta guerra?

- Porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
16 a fama das mulheres é como o copo de vidro, com qualquer tope quebra.

47. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra desta nogueira?
2 – Como cantarei, senhor, eu e a triste malvela,
se meu pai era morto, meu marido anda na guerra?
4 – Quanto tu deras, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Dava-te aquela carneirada qu’ anda naquela serra.
6 – Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Dava-te esta vacada que anda naquela lameira.
8 – Quanto mais deras, Helena, a quem to aqui trouxera?
– De três filhas qu’ eu tenho, dera-te qual quiseras.
10 – Tuas filhas não nas quero, não nasceram para mim,
pra mim só nasceste tu, meu cravo, meu serafim.

48. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida nos dias 16 de agosto de 1982 e 9 de setembro de 1987.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
2 vi vir um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e perguntei-lhe: – Senhor, vindes da guerra?
4 – A senhora, que o pergunta, é porqu’ alguém lá traz nela.
– Trago lá meu marido, há sete anos que anda nela.
6 – Diga-me, minha senhora, dê-me uma sina qualquera.
– O cavalo era branco, a silha verde-amarela,
8 os cabelos eram louros e a cara duma donzela.
– Esse cavaleiro, senhora, ficou morto na guerra.
10 – Eu me vou pra minha casa fechar portas e janelas,
vou-me vestir de luto, eu e a minha filha mais velha.
12 – Venha cá, minha senhora, que o seu marido eu era.
– Já que és meu marido, pra me dás tanta guerra?

- 14 – Porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
que as mulheres são como o vidro, com qualquer tope quebram.
- 16 E o anel de sete pedras que eu contigo reparti,
mostra-me a tua metade, que a minha trago-a aqui.
- 18 – Ai de mim, triste coitada, que a minha já a perdi,
perdi-a a colher flores no canto do nosso jardim.

Variantes: 12a Volte atrás; 13a eras; 15b toque; 18b que eu.

49. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
2 vi vir um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e perguntei-lhe: – Senhora (*sic*), vindes da guerra?
- 4 – A senhora que pergunta é porqu’ alguém lhe lá queda.
– Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
- 6 – Dê-me sinas, ó senhora, eu lhe direi se lá queda.
– O cavalo era branco e a silha verde e ‘marela,
8 o cabelo era louro, [.....]
o corpo muito bem feito, a cara duma donzela.
- 10 – Esse cavaleiro, senhora, morto ficou na guerra.
Por as sinas que me dá é que eu casasse co’ ela.
- 12 – Mal o hajas, cavaleiro, e as novas que me trouxeras!
Vou daqui pra minha casa fechar portas e janelas,
14 vou-me vestir de luto, eu e a filha mais velha.
Vou-lhe fazer bem por alma, o qu’ ele também por mim fizera.
- 16 – Volte atrás, minha senhora, qu’ o seu marido eu era.
– Se tu eras meu marido, pra que me davas tanta guerra?
- 18 – É porque eu queria saber quem deixara nesta terra.
A fama das mulheres anda de terra em terra,
20 é como o copo de vidro, com qualquer tope quebra.

50. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra desta noqueira?
- 2 – Como cantarei, senhor, como cantarei, malvela,
se meu pai já morreu, o meu marido anda na guerra?
- 4 – Quanto davas tu, ó Helena, a quem to aqui trouxera?

51. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Aida Amélia Alves, 70 anos (o primeiro verso), e Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra desta noqueira?
- 2 – Como cantarei eu, triste, como poderei andar alegre,
se o meu pai era morto, o meu marido anda na guerra?
- 4 – Quanto davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Daria uma vacada que trago naquela serra.
- 6 – Essa vacada, Helena, já para mim não era.
– Quanto mais davas, Helena, a quem to aqui trouxera?
- 8 – De três filhas que eu tenho, daria qual tu quiseras.
– As tuas filhas, Helena, já pra mim não nasceram,
- 10 pra mim só nasceste tu, minha querida Helena.
– Se tu és o meu marido, pra que me dás tanta guerra?
- 12 – Porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
qu’as mulheres são como o copo de vidro, com qualquer tope quebra.

52. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Estando a bela infanta no seu jardim sentada,
- 2 deitou seus olhos além, viu vir uma grande armada.
Capitão que nela vinha muito bem a comendava.
- 4 – Dizei-me vós, ó capitão, dessa tão formosa armada,

- visteis lá o meu marido, nessa terra que Deus pisava?
- 6 – Diz-me lá, ó infanta, os sinais que ele levava.
– Levava cavalo branco, selim de prata dourada.
- 8 – Andam tantos cavalos brancos, nessa terra que Deus pisava.
– Na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
- 10 – Quanto davas tu, ó infanta, a quem novas dele te dera aqui?
– Dera-lhe tantos dinheiros que nem têm conta nem fim.
- 12 – Quanto mais davas, ó infanta, a quem novas dele te dera aqui?
– Dera-lh'as telhas do meu telhado que são d'ouro e marfim.
- 14 – Guarda lá os teus dinheiros que nem têm conta nem fim
e as telhas do teu telhado que são d'ouro e marfim.
- 16 O vosso marido eu era, repara bem para mim.
– Se tu eras o meu marido, pra que me davas tanta guerra?
- 18 – É porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
as mulheres são como o olmo, qualquer vento as leva.
- 20 – Vinde cá, ó minhas filhas, vosso pai era chegado,
abra-se o nobre portão, há sete anos fechado.

Variante: 19b pouco vento.

53. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa noqueira?
- 2 – Como cantarei eu, triste, eu, triste e a malvela,
se o meu pai era morto, o meu marido anda na guerra?
- 4 – Quanto davas tu, Helena, a quem novas dele te dera?
– Dera-lhe uma vacada que trago naquela serra.
- 6 – Quanto mais davas tu, Helena, a quem novas dele te dera?
– Dera-lhe uma carneirada que trago naquela serra.
- 8 – Quanto mais davas, Helena, a quem novas dele te dera?
– De três moinhos que eu tenho, eu dera-lhe qual quisera:
- 10 um moía o pão cravo, outro a pura canela,
outro moía o pão alvo que comia o rei de Castela.
- 12 – Quanto mais davas tu, Helena, a quem novas dele te dera?

- De três filhinhas que eu tenho, a escolher nelas lhe dera.
- 14 – As tuas filhas, Helena, já não nasceram pra mim,
pra mim só nasceste tu, meu cravo, meu serafim.
- 16 – Se tu eras o meu marido, pra que me davas tanta guerra?
– Porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
- 18 as mulheres são como o vidro, com qualquer tope quebra.
Mostra-me então o anel d’ouro que eu contigo reparti,
- 20 mostra-me a tua ametade, pois a minha vê-la aqui.
– A minha perdi-a colhendo flores no canto do nosso jardim.

Variantes: 1a ó Helena; 5a carneirada; 7a vacada; 10a pão alvo; 11a pão cravo; 13b dera-lhe qual quisera; 19a Então mostra-me.

54. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
- 2 vira vir um cavaleiro direito à serra Morena.
Atrevi-me e procurei-lhe: – Soldado, vindes da guerra?
- 4 – A senhora qu’isso procura é porque alguém trazia nela.
– Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
- 6 – Dê-m’uma sina, senhora, dê-m’uma sina qu’ele tivera.
– O cabelo tinha louro e a cara duma donzela.
- 8 – Dê-m’outra sina, senhora, outra sina qu’ele tivera.
– O cavalo era branco, a silha verde-amarela.
- 10 – Esse soldado, senhora, morto ficara na guerra.
Um testamento me deixou qu’eu casasse com ela.
- 12 – Vá-se lá, ó magano, vá-se lá para a sua terra,
que eu vou pra minha casa fechar portas e janelas,
- 14 vou-me vestir de luto e a minha filha mais velha.
Eu lhe vou fazer por alma o qu’ele por mim não fizera.
- 16 – Anda cá, ó minha esposa, que o teu marido eu era.
– Se tu és o meu marido, pra que me davas tanta guerra?
- 18 – É porque eu queria saber quem deixara nesta terra,
que as mulheres são como o vidro, com um bocadinho de tope já quebra.

55. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Elísia Augusta, 52 anos, natural de Vila Verde (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Estando a dona Helena no seu jardim assentada,
2 com um pente d'ouro na mão seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada,
4 cavaleiro que nela vinha muito bem a governava.
– Dizei-me vós, cavaleiro, dessa tão grande armada,
6 se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.
– Dizei-me vós, ó senhora, os sinais que ele levava.
8 – Levava cavalo branco, selim de prata dourada,
na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
10 – Pelos sinais que me dizeis, tal cavaleiro não vi.
Quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?
12 – Darei tanto dinheiro que nem tem conta nem fim
e as telhas do meu telhado que são de ouro e marfim.
14 – Guardai lá vosso dinheiro e as telhas de ouro e marfim.
Vosso marido é chegado, reparaí bem para mim.
16 O anel de sete pedras que eu contigo dividi,
qu' é dele a outra metade, pois a minha vê-la aqui?
18 – Andai cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.
Abram-se os nossos portões há quanto tempo fechados,
20 vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

56. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos, ajudado pela filha, Maria José Gomes, 18 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
2 vira vir um cavaleiro naquela serra Morena.
Atrevi-me e perguntei-lhe: – Cavaleiro, vem da guerra?
4 – A senhora que o procura certo é qu' alguém traz nela.
– Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
6 – Dê-m' uma sina, senhora, eu lhe direi se lá queda.

- O cavalo era branco, a sela verde-amarela.
- 8 – Dê-m’ outra sina, senhora, eu lhe direi se lá queda.
- O cabelo era louro, a cara duma donzela.
- 10 – Esse cavaleiro, senhora, morto lá ficou na guerra.
- Vou-me já daqui pra casa fechar portas e janelas,
- 12 vou-me vestir de luto, eu e as filhas mais velhas.
- Vou-lhe já fazer por alma, o qu’ ele por mim não fizera.
- 14 – Volte cá, minha senhora, o seu marido eu era.
- S’ eras o meu marido, porque me deste tanta guerra?
- 16 – É que eu queria saber quem deixava nesta terra.
- O anel de sete pedras que contigo reparti,
- 18 que é da outra metade, pois a minha vê-la aqui?
- Andai cá, ó minhas filhas, que vosso pai é chegado.
- 20 Abra-se aquele portão, há tanto tempo fechado,
- vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

57. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

– Porque não cantas, Helena, à sombra dessa nogueira?

58. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda,
- 2 vira vir um cavaleiro naquela serra Morena.
- Atrevi-me e procurei-lhe: – Cavaleiro, vens da guerra?
- 4 – A senhora que o procura é porque alguém traz nela.
- Trago lá o meu marido, há sete anos que anda nela.
- (.....)
- 6 – O cavalo era branco e a sela verde e amarela.
- Pelas novas que me dás, [.....]

- 8 esse cavaleiro, senhora, ficou morto na guerra.
– Vou já para minha casa fechar portas e janelas,
10 vou-me já vestir de luto, eu e as minhas filhas mais velhas.
– Volta pra trás, o teu marido este era.
12 – Já que eras o meu marido, que me davas tanta guerra?
– É que eu queria saber quem deixara nesta terra,
14 que o juízo das mulheres anda de terra em terra,
é como o copo de vidro, com qualquer tope quebra.

59. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Estava a bela infanta no seu jardim assentada,
2 com um pente d'ouro fino seus belos cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada,
4 capitão que nela vinha muito bem a governava.
– Dizei-me vós, capitão, dessa tão formosa armada,
6 se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.
– Anda tanto cavaleiro naquela terra sagrada,
8 mas dizei-me vós, senhora, os sinais que ele levava.
– Levava cavalo branco, selim de prata dourada,
10 na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.
– Com os sinais que dizeis, tal cavaleiro não vi,
12 mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?
– Daria tanto dinheiro que não tem conta nem fim
14 e as telhas do meu telhado que são d'ouro e marfim.
– Guardai vosso dinheiro e as telhas d'ouro e marfim.
16 Vosso marido aqui está, reparaí bem para mim.
– Vinde cá, ó minhas filhas, que vosso pai é chegado.
18 Abra-se o nobre portão há tanto tempo fechado,
vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

60. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Porque não cantas, Helena, à sombra desta nogueira?
- 2 – Porque não canto eu triste, porque não canto eu bela,
o meu paizinho está morto, o meu marido na guerra.
- 4 – Quanto darias, ó Helena, a quem to aqui trouxera?
– Daria aquela vacada que tinha além naquela serra.
- 6 – Quanto davas mais, Helena, a quem to aqui trouxera?
– Daria aquela cabrada (.....).

Romances de amor fiel

XV. O CONDE NINHO

1. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Maria do Carmo Morais, 76 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Madrugava o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 mentes o cavalo bebe, cantou um lindo cantar.
 – Acordai, ó minha mãe, se quereis ouvir cantar,
 4 ou são nos anjos no céu ou a serena no mar.
 – Nem são nos anjos no céu nem a serena no mar,
 6 é aquele conde Aninho que comigo quer casar.
 – Se isso é, ó minha filha, mandaremo-lo matar.
 8 – Se a ele o mandais matar, a mim mandai-me enterrar.
 Um morreu à meia-noite, outro ao galo cantar.
 10 Um enterraram-no à pia, outro ao pé do altar.
 Dela nasceu uma rosa, dele um grande rosar,
 12 um cresce e outro cresce, à ponta se vão juntar.

2. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Lá vai o conde, conde Ninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, canta um lindo cantar.

Acorda o rei do palácio, sua filha foi a chamar.
 4 – Levanta-te, ó linda princesa, se queres ouvir cantar,
 ou são os anjos no céu ou é a sereia no mar.
 6 – Não são os anjos no céu nem é a sereia no mar,
 é o conde, conde Ninho, que comigo quer casar.
 8 – Se isso é, minha filha, eu o mando já matar.
 – S’ a ele o mandais matar, mandai-m’ a mim enterrar,
 10 enterrai-o a ele na igreja e a mim ao pé do altar.
 Morreu um, morreu o outro, na igreja se foram enterrar.
 12 Dum saiu uma pomba branca, doutro um pombo trocal.
 Quando o rei ia prà missa, andavam por cima a voar,
 14 quando o rei estava na mesa, nos ombros se l’ iam pousar.
 – Mal o haja o tanto querer, mal o haja o tanto amar,
 16 que nem na vida nem na morte vos pudestes separar.

Variantes de 1981: 1a vem; 1b o seu cavalo; 3a Acordou; 3b e sua filha; 4a ó minha filha; 6a Nem são; 9b mandais-m’ a; 11b os foram; 14a ia prà mesa.

**3. *Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Eulália Alves, 69 anos.
 Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.***

Lá vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, canta um lindo cantar.
 Acordou o rei do palácio, sua filha foi chamar.
 4 – Anda cá, linda princesa, se quiseres ouvir cantar,
 ou são os anjos no céu ou a sereia no mar.
 6 – Nem são os anjos no céu nem é a sereia no mar,
 é o conde, conde Aninho que comigo quer casar.
 8 – Se isso é, ó minha filha, vou já mandá-lo matar.
 – S’ a ele o manda matar, a mim mande-me degolar,
 10 enterre a ele na igreja e a mim ao pé do altar.
 Dum nasceu um pinheiro, doutro um pinheiral,
 12 cresceu um, cresceu outro, no cimo se foram juntar.
 Dum saía um pombo, doutro um pombo trocal.
 (.....)

- 14 – Mal o haja o tanto querer, mal o haja o tanto amar,
nem na vida nem na morte se puderam separar.

Variantes: 4b queres; 10 Um enterraram na igreja, um ao pé do altar; 11a Dum saiu; 12b no meio.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, formou um lindo cantar.
– Acorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
4 ou são os anjos no céu ou é a serena no mar.
– Nem são os anjos no céu nem é a serena no mar,
6 é o filho do conde Aninho, que ele comigo quer casar.
– Se isso é, ó minha filha, eu mando-to já matar.
8 – Se a ele o mandais matar, a mim mandai-me degolar.
Um morreu, outro morreu, morreram ambos ao par,
10 um enterrou-se na igreja e outro aos pés do altar.
Dela saiu uma rosa e dele um lindo rosal,
12 um medrou, outro medrou, medraram ambos ao par.
la a rainha para a igreja não a deixavam entrar,
14 pegou numa tesoura d'ouro, logo os mandou talhar.
Um deitava sangue vivo, outro sangue mortal.
16 Dela saiu uma pomba e dele um pombo trocal,
um voou, outro voou, ao céu se foram juntar.
18 Nem na vida nem na morte se puderam apartar.
– Mal o haja tanto querer, oh, mal o haja tanto amar,
20 quem na vida não se junta, na morte se vai juntar!

Variantes: 8b mandai-me a mim degolar; 10a enterraram-no na igreja.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, ele canta um lindo cantar.
 – Acorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
 4 ou são os anjos no céu ou a serena no mar.
 – Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
 6 é o filho do conde Aninho, qu’ ele comigo quer casar.
 – Se isso é, ó minha filha, eu mando-to já matar.
 8 – Se o a ele mandais matar, mandai-m’ a mim degolar.
 A ele enterrai-o às portas da igreja e a mim à principal.
 10 Dela saiu uma rosa, dele um lindo rosal,
 pegaram numa tesoura d’ouro, logo os mandou cortar.
 12 Um deitava sangue vivo, outro sangue mortal.
 Dela saiu uma pomba e dele um pombo trocal,
 14 um voou e outro voou, ò céu se foram juntar.
 Nem na vida nem na morte se puderam apartar.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, formou um lindo cantar.
 – Acorda, ó bela infanta, se queres ouvir cantar,
 4 ou cantam os anjos no céu ou a serena no mar.
 – Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
 6 é o filho do conde Aninho, que comigo quer casar.
 – Se isso é, ó minha filha, eu to mando já matar.
 8 – Isso não, ó minha mãe, que não é caso de morte,
 para isso está o meu destino, também seria a minha sorte.
 10 Se a ele o mandais matar, a mim mandai-me degolar
 e a mim enterrai-me na igreja e a ele ao pé do altar.
 12 Dum nasceu uma rosa, doutro um lindo rosal,
 dum nasceu uma pomba e outro um pombo trocal.

- 14 Um voou e outro voou, ao céu se foram juntar,
nem na vida nem na morte se puderam apartar.

Variantes: 11 um enterrai-o na igreja e outro aos pés do altar.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, formou um belo cantar.
– Recorda, ó bela infanta, se queres ouvir cantar,
4 ou são os anjos do céu ou é a serena no mar.
– Nem são os anjos do céu nem a serena no mar,
6 o filho do conde Aninho, que ele comigo quer casar.
– Se isso é, ó minha filha, eu mando-to já matar.
8 – Se o manda a ele matar, mande-me a mim degolar,
enterrem-me às portas da igreja e outro aos pés do altar.
10 Dela formou-se uma rosa e dele um belo rosál,
a princesa ao ir à missa se lhe prendia o avental.
12 – Vou buscar uma tesoura d’ouro, pra te mandar cortar.
Um deitava sangue vivo e outro sangue mortal.
14 Dela formou-se uma pomba e dele um pombo trocal,
um voou, outro voou, ao céu se foram juntar.
16 Nem na vida nem por morte se puderam apartar!

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Lá se vai o conde Aninho, o seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebeu, formou um belo cantar.
– Acorda, bela infanta, se tu queres ouvir cantar,
4 ou são os anjos do céu ou é a serena do mar.
– Não são os anjos do céu nem é a serena do mar,
6 é o filho do conde Aninho, que ele comigo quer casar.

- Se isso é, ó minha filha, eu mando-to já matar.
- 8 – Se o a ele mandai matar, mandai-me a mim degolar,
a mim enterrai-me às portas da igreja e a ele ao principal.
- 10 Dela formou-se uma rosa e dele um belo rosal,
quando a rainha ia para a igreja, lhe prendiam o avental.
- 12 Agarrou numas tesouras de ouro, mandou-os cortar.
Dela formou-se uma pomba e dele um pombo trocal,
- 14 um voou, outro voou, ao céu se foram juntar.
Nem na vida nem na morte se puderam apartar.

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, formou um lindo cantar.
- Acorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
4 ou são os anjos no céu ou é a sereia no mar.
- Nem são os anjos do céu nem a sereia do mar,
6 é o filho do conde Aninho, que ele comigo quer casar.
- Se ele contigo quer casar, hei de o mandar matar.
- 8 – Se o mandareis matar, mandai-m’ a mim degolar.
A ele enterrai-o na igreja e a mim ao pé do altar.
- 10 Dela nasceu uma pomba e dele um pombo trocal,
um voou, outro voou, voaram ambos ò par.
- 12 Um voou, outro voou, ò céu se foram juntar,
nem na vida nem na morte se puderam apartar.

10. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Vai o conde, conde Ninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o seu cavalo bebe, cantou um lindo cantar.
- Acorda, linda princesa, ouve este lindo cantar,

- 4 cantam os anjos no céu, canta a sereia no mar.
– Nem são os anjos no céu nem a sereia no mar,
- 6 é o conde, o conde Ninho que contigo quer casar.
Palavras não eram ditas, el-rei de lá a bradar:
- 8 – S’ ele quer casar contigo, vou mandá-lo já matar.
– Mate, mate, ó meu pai, não receie de matar,
- 10 a ele enterra às portas da igreja e a mim aos pés do altar.
Morreu um, morreu outro, ambos foram a enterrar.
- 12 De um nasceu um pinheiro, doutro nasceu um pinhal,
cresceu um, cresceram ambos, a rama se le foi juntar.
- 14 Ia o rei para sair, não o deixavam passar,
e o rei enraivecido foi mandá-los cortar.
- 16 De um correu leite puro e doutro sangue real,
de um voou uma pomba, de outro um pombo trocal.
- 18 Quando o rei estava à mesa, no ombro le iam pousar.
– Mal haja tanto querer, mal haja tanto amar,
- 20 nem de vivos nem de mortos nunca os pude apartar.

Variante: 14a Quando o rei ia a sair.

**11. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por
Silvério Amaral Afonso, 73 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.**

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar.
- 2 – Acorda, bela infância, se queres ouvir cantar,
parecem os anjos no céu ou a sereia no mar.
- 4 – Nem são os anjos no céu nem a sereia no mar,
é o bom do conde Aninho, que comigo quer casar.
- 6 – Se eu soubesse isso ao certo, se eu soubesse na verdade,
eu mandava matar o conde, a ti mandava-te enforcar.
- 8 – Se mandares matar o conde, a mim mandai-me degolar,
enterrai-me às postas (*sic*) traseiras ou aos pés do altar.
- 10 Dum nasceu uma pomba, doutro um pombo trocal.
Embarraram-se num pinheirinho, num grande pinheiral,
- 12 um cresceu e outro cresceu, à ponta se foram juntar.

Dum formou uma pomba, noutra um pombo trocal,
 14 um voou, outro voou, às pontas se foram juntar.
 Um morreu, o outro morreu, ao céu se foram juntar.

Variante: 3a do céu.

12. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Antónia Júlia Fernandes, 78 anos. Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

Lá se vai o conde Ninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, formou um lindo cantar.
 – Recorda, ó bela infante, se queres ouvir cantar,
 4 ou são nos anjos no céu ou a serena no mar.
 – Nem são nos anjos no céu nem a serena no mar,
 6 é o ladrão do conde Ninho, seus amores quer lograr.
 – Se isso é, ó minha filha, eu to mandarei matar.
 8 – Se o mandareis matar, a mim mandai-m’ enterrar,
 um enterrai-o às portas, outro ao pé do altar.
 10 Dum nasceu uma rosa e doutro um verde rosal,
 um cresceu, outro cresceu, ambos se foram juntar.
 12 Dum nasceu uma pomba e doutro um pombo trocal,
 um voou, outro voou, ambos passaram no mar.
 14 – Bem haja tal querer, bem haja tal amar,
 nem na vida nem na morte se puderam apartar.

13. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, arma um lindo cantar.
 – Acorda, ó bela infanta, se queres ouvir cantar,
 4 ou são os anjos no céu ou a sereia no mar.
 – Nem são os anjos no céu nem a sereia no mar,
 6 é o conde Aninho que contigo quer casar.

- O rei, des' que isso soube, logo os mandou matar,
8 enterraram um na igreja e outro ao pé do altar.
Dum nasceu um arcipreste e doutro um laranjal,
10 um cresce e outro cresce, que à rama foram juntar.
O rei ia prà igreja e não o deixavam passar.
12 O rei, qu'isso soube, logo os mandou cortar.
Dum saiu uma pombinha e outro um pombo trocal,
14 um voa e outro voa, ambos se foram juntar.
Foram-se pousar à mesa, onde o rei estava a jantar,
16 um pica e outro pica, ambos no melhor manjar.
Nem na vida nem na morte se puderam apartar.

**14. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues,
62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, arma um lindo cantar.
– Escuta, ó bela infanta, se o queres ouvir cantar,
4 ou são os anjos no céu ou a sereia no mar.
– Não são os anjos no céu nem a sereia no mar,
6 é o bom do conde Aninho que comigo quer casar.
– S'eu soubesse isso bem certo, bem vos mandava matar.
8 Um morreu, outro morreu, ambos foram a enterrar.
Num nasceu um arcipreste, no outro um laranjal,
10 ia a rainha para a missa, não na deixaram passar.
Rainha, como discreta, logo a mandou cortar,
12 num nascia uma pombinha, noutra um pombo trocal.
Estando a rainha à mesa, à mesa se foi sentar,
14 um pica, outro pica, ambos do melhor manjar.
– Oh, mal o haja tal querer e mal o haja tal amar,
16 nem na vida nem na morte vos pudestes apartar.

Variante: 15a e b mal o haja em tal.

15. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Lá se vai conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, aprecia o seu lindo cantar.
 – Ou são os anjos no céu ou a serena no mar.
 4 – Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
 era o conde Aninho, o seu cavalo foi banhar.
 (.....)
 6 Nem na morte nem na vida nunca os puderam apartar.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- (.....) nem a serena no mar,
 2 é o conde Aninho, que comigo quer casar.
 – Se comigo (*sic*) quer casar, eu te mandarei matar.

17. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, forma-lhe um lindo cantar.
 – Bebe, bebe, meu cavalo, Deus te defenda do mal.
 4 – Recorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
 ou são os anjos no céu ou é a serena no mar.
 6 – Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
 é ele o conde Aninho, que comigo quer casar.
 8 – Pois s’ ele é o conde Aninho, vou-o já mandar matar.
 – Se a ele manda matar, a mim mande-me degolar,
 10 a ele enterre-o na igreja e a mim òs pés do altar.
 Dum nasceu um pinheiro, doutro um lindo pinheiral,
 12 um cresceu, outro cresceu, no céu se foram juntar.
 A rainha, de traidora, logo os mandou cortar,
 14 um botava sangue claro e o outro leite real.
 Dum saiu uma pombinha e doutro um pombo trocal,

- 16 um voou, outro voou, no céu se foram juntar.
Um voou, outro voou, atravessaram o mar.

18. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Acorda, bela infância, se queres ouvir cantar,
2 ou são nos anjos no céu ou a serena no mar.
– Nem são nos anjos no céu nem na serena no mar,
4 é ele o conde Aninho, que comigo quer casar.
– Se casas com o conde Aninho, vou-o já mandar matar.
6 – Se manda matar o conde Aninho, mande-me a mim degolar.
Um morre e outro morre, ambos vão a enterrar,
8 um ao fundo da igreja, outro aos pés do altar.
Dum nasceu um arcepreste, doutro um lindo laranjal,
10 um cresce e outro cresce, ao cimo se foram beijar.
O seu pai, de raivoso, logo os mandou cortar.

Variante: 8b outro ao cimo.

19. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria José Cepeda, 87 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Recorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
2 ou são os anjos no céu ou a serena no mar.
– Nem é a serena no mar nem os anjos no céu,
4 é o bom do conde Aninho, que comigo quer casar.
(.....)

20. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, forma-lhe um lindo cantar.
– Quem será o cavaleiro que tão bem sabe cantar?
4 – Há de ser o conde Aninho, que comigo quer casar.

- Se casas c’o conde Aninho, vou-o já mandar matar.
- 6 – Se matas o conde Aninho, manda-me a mim degolar.
O rei, de raivoso, a ambos mandou matar.
- 8 Um morre e o outro morre, os caixões iam a par,
um enterram-no na igreja, outro aos pés do altar.
- 10 Dum nasceu uma laranjeira, do outro um lindo pinhal,
um cresce e o outro cresce, no ar se foram beijar.
- 12 A rainha, de raivosa, a ambos mandara cortar.
Dum nasceu uma pombinha, do outro um pombo trocal,
- 14 um voa e o outro voa, ambos foram a voar.
Foram-se pousar à mesa donde o rei estava a jantar.

Variantes: 5a Se tu casas c’o; 8 No dia do enterro, os caixões iam a par; 15 Ambos se foram pousar à mesa do rei ao jantar.

21. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Quedos, quedos, conde Aninho seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, forma-lhe um lindo cantar.
- Recorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
4 ou são os anjos no céu ou a serena no mar.
- Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
6 é o lindo conde Aninho, que comigo quer casar.
- Se contigo casa o conde, vou-o já mandar matar.
- 8 – Se mandas matar o conde, manda-me a mim degolar.
E um morre e outro morre e os caixões iam a par,
10 um foi aos pés do altar-mor, outro aos pés do altar.
Dali nasceu (.....)
- 12 Indo a rainha para a missa, prendeu-se-lhe o avental
e a rainha de raivosa foi-os mandar cortar.
- 14 Duma saía sangue reino, do outro sangue real.
– Mal o haja tanto querer, mal o haja tanto amar,
16 nem na vida nem na morte se puderam apartar.

22. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, arma-lhe um lindo cantar.
– Bebe, bebe, meu cavalo, Deus te defenda do mal,
4 dos perigos do mundo e da serena do mar.
Ouvira a filha do rei de altas torres donde estava.
6 – Recorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
ou são os anjos no céu ou é a serena no mar.
8 – Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
é ele o conde Aninho, que comigo quer casar.
10 – Se isso é, ó minha filha, eu o mandarei matar.
– Se mandares matar o conde, mandai-me a mim degolar.
12 Um morre e o outro morre, ambos vão a enterrar,
um enterram-no onde às portas e outro onde ao altar.
14 Dum nasceu um arcepreste, doutro um arceprestal,
um cresce e o outro cresce, ao bico se vão beijar.
16 Indo a reina para a missa, embarrou-lhe o avental.
Ela, como era má, logo os mandara cortar.
18 Um botava leite escrito e o outro sangue real.
Dum nasceu uma pombinha, doutro um pombo trocal,
20 estando a reina a jantar, à mesa se vão pousar.
Um pica e o outro pica, ambos no melhor manjar.
22 – Oh, mal o haja a reina que tal par mandou matar.
Nem na vida nem na morte se puderam apartar.
24 Um voa e o outro voa, ambos passaram o mar.

Variante: 17a Ela, que mala que era.

23. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
2 enquanto o cavalo bebe, forma um lindo cantar.
– Bebe, bebe, ó meu cavalo, Deus te defenda do mal,

4 dos perigos da terra e das areias do mar.
 – Venha, ó minha mãe, venha se quer ouvir cantar,
 6 ou são os anjos no céu ou a sereia no mar.
 – Não são os anjos no céu nem a sereia no mar,
 8 é o bom do conde Aninho que comigo vai casar.
 – Cala-te aí, minha filha, eu o mandarei matar.
 10 – Se matáveis o conde, matai-me também a mim,
 a um enterrai-o na igreja, outro ao pé do altar.
 12 Dum nasceu um arcepreste, doutro um lindo laranjal,
 um cresce e outro cresceu, à ponta se foram beijar.
 14 Quando a rainha ia à missa, não a deixavam passar.
 A rainha, de discreta, logo os mandou talhar,
 16 dele deitava leite puro, dela sangue real,
 dela nasceu uma pombinha e dele um pombo trocal.
 18 Quando el-rei estava à mesa, ambos se lá iam pousar,
 um pica, outro picava, outro no melhor manjar.
 20 – Mal o hajas, ó rainha, pra que os mandaste matar?
 Um voa, outro voava, ambos pràs bandas do mar,
 22 nem na morte nem na vida se quiseram apartar.

24. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
 2 enquanto o cavalo bebe, ele forma um lindo cantar.
 – Bebe, bebe, meu cavalo, Deus te defenda do mal,
 4 Deus te defenda dos perigos do mundo e das areias do mar.
 – Acorda, bela infanta, se queres ouvir cantar,
 6 ou são os anjos no céu ou a serena no mar.
 – Nem são os anjos no céu nem a serena no mar,
 8 é o conde Aninho, ó meu pai, que comigo quer casar.
 – Se isso é, ó minha filha, eu o mandarei matar.
 10 – Mandai matar o conde, a mim mande-me degolar,
 um enterrem-no na igreja e outro ao pé do altar.
 12 Um nasceu um arcepreste, outro um lindo laranjal,

- um cresceu, outro cresceu, à ponta se foram beijar.
- 14 A rainha ia para a missa, não a queriam deixar passar.
A rainha, de malvada, ambos mandou cortar,
- 16 um deitava o leite escrito, outro sangue real.
Dum formou-se uma pombinha, doutro um pombo trocal,
- 18 um voou, outro voou, ambos passaram no mar.
Foram-se pousar à mesa onde o rei estava a jantar,
- 20 um picava, outro picava, ambos do melhor manjar.
– Mal o hajas tu, ó rei, que par mandaste matar!
- 22 Nem na vida nem na morte se puderam apartar.

25. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Já lá vem o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
- 2 enquanto bebe, não bebe, recorda um lindo cantar.
– Ou são os anjos no céu ou a serena no mar.
- 4 – Nem são os anjos no céu nem é a serena no mar,
é o conde Aninho, que comigo quer casar.
(.....)
- 6 De um nasceu um pombo, doutro um pombo trocal,
(.....)
- Mal o haja o tanto querer, mal o haja o tanto amar!
- 8 Nem na vida nem na morte se puderam apartar.

26. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar,
- 2 enquanto o cavalo bebe, arma-lhe um lindo cantar.
– Bebe, bebe, meu cavalo, Deus te defenda do mal,
- 4 dos perigos da terra e das areias d' além-mar.
Ouvindo cantar o rei, logo a filha foi chamar:
- 6 – Escuta, ó minha filha, escuta um lindo cantar,

- ou são os anjos no céu ou a sereia no mar.
- 8 – Nem são os anjos no céu nem a sereia no mar,
é o conde, conde Aninho, que comigo quer casar.
- 10 – Se ele quer casar contigo, vou-o já mandar matar.
– Se mandares matar o conde, manda-me a mim degolar.
- 12 Um morre, outro morre, ambos vão a enterrar,
um enterraram-no no fundo da igreja e outro no fundo do altar.
- 14 Dum saiu um pinheirinho, doutro um pinheiral,
um cresce, outro cresce, à rama se foram juntar.
- 16 Indo a rainha prà missa, não a deixavam passar.
A rainha, como discreta, logo os mandou cortar,
- 18 dum saiu sangue de vida, doutro sangue real.
Dum saiu uma pombinha e doutro um pombo trocal,
- 20 um voou e outro voou, ambos passaram o mar.
Foram ter à mesa onde o rei estava a jantar,
- 22 um pica e outro pica, ambos do melhor manjar.
– Mal o hajas tu, ó rei, que par mandaste matar!
- 24 Nem na vida nem na morte se puderam apartar.

XVI. O SOLDADO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
- 4 venho triste por ùa amada que deixei e vim prà guerra.
– Tua amada já morreu e o enterro bem no vi.
- 6 – Diz-m’ as sinas que levava para m’ eu fintar em ti.
– Levava saia de seda, casaco de carmesim
- 8 e o cabelo entrançado porque ela o pediu assim.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó soldadinho, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
4 ando triste pela amada que a deixei e vim prà guerra.
– Monta lá no teu cavalo, soldadinho, vai à terra,
6 ao cabo de nove meses, soldadinho, volta à guerra.
Lá no meio do caminho, o cavalo se l'espantou,
8 e detrás dum silval o inimigo lhe falou:
– Que é que fazes, soldadinho, que é que fazes agora aqui?
- 10 – Vou a ver a minha amada, há tanto que a não vi.
– A tua amada é morta, é morta, eu bem a vi.
12 – Dá-me as sinas que levava para eu fintar em ti.
– Levava meias de seda, sapatinhos de chagrim,
14 seu cabelo entrançado que ela o pedia assim.
– Anda, anda, meu cavalo, ainda tens muito que andar,
16 na campa da minha amada tens tempo de descansar.
– Abre-te, ó campa sagrada, minha amada eu quero ver,
18 quero-lhe beijar o rosto antes da terra a comer.
Os beijos que tu me davas não tinham esse sabor,
20 dá-me tu outro beijo, ó amada, meu amor.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó soldadinho, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
4 ando triste por a amada que a deixei e vim prà guerra.
– Monta lá naquele cavalo, soldadinho, vai à terra,
6 ao cabo de nove meses, soldadinho, volta à guerra.
Lá no meio do caminho, o demónio encontrou:
8 – Que fazes, ó soldadinho, que fazes agora aqui?
– Vou a ver a minha amada, dias há que a não vi.
10 – A tua amada é morta, é morta que eu bem a vi.

- Diz-me os sinais que levava para me eu fintar em ti.
- 12 – Levava sapatos brancos e meias de chagrim
e cabelo entrançado que ela o pediu assim.
- 14 – Anda, anda, meu cavalo, ainda tens muito que andar,
na campa da minha amada tens tempo de descansar.
- 16 Abre-te, campa sagrada, minha amada quero ver,
quero-lhe beijar o rosto antes da terra a comer.

4. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- (...) vai o capitão com os seus soldados prà guerra.
- 2 Lá no meio do regimento, um triste soldado leva.
– Porque vais triste, ó soldado, porque vais triste prà guerra?
- 4 Vais triste por pai ou mãe ou por gente da tua terra?
– Não vou triste por pai nem mãe nem por gente da minha terra.
- 6 – Se vais triste por dinheiro, muito dinheiro t’eu dera.
– Nem vou triste por dinheiro, porque muito dinheiro eu levo.
- 8 – Então porque vais triste, ó soldado, porque vais triste prà guerra?
– Vou triste por dois olhos que ficam além naquela janela.
- 10 – Volta tu, ó soldado, sete anos prò pé dela.
Ò cabo de sete anos voltas, soldado, prà guerra.
(.....)
- 12 – Volta tu, ó soldado, outros sete prò pé dela,
e ò cabo dos sete anos, soldado, volta prà guerra.
- 14 Ò cabo doutros sete anos, acabou-se a guerra.

5. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Maria de Fátima Afonso, 35 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te lembra pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Nem me lembra pai nem mãe nem gente da minha terra,
- 4 [... ..] que eu deixei e vim para a guerra.
– Tua amada já é morta, é morta, eu bem a vi.

- 6 – Dá-me as senas que levava para m'eu fintar em ti.
 – O lenço era amarelo, casaco de cramesim,
 8 o cinto que a apertava era de ouro e marfim.
 (.....)

6. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Silvério Amaral Afonso, 73 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu'andas tão triste na guerra?
 2 Ou te lembra pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Não me lembra pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 só me lembra uma amada que eu deixei e vim prà guerra.
 – Se te lembra essa amada, levanta-te e vai pra ela.
 6 Ò cabo de nove meses, Fernando, voltas prà guerra.
 – Tua amada já é morta, é morta, eu bem na vi.
 8 – Dá-m'as senas que levava para m'eu fintar em ti.
 – O lenço era amarelo, casaco de carmesim,
 10 o cinto que a apertava era de ouro e marfim.
 (.....)

Variante: 4a uma amante.

7. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Ermelinda Rosa, 70 anos, que o aprendeu com uma rapariga de Coelhoso (concelho de Bragança). Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

- Onde vens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
 2 Ou te lembra pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me lembra pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 só me lembra ùa amada que a deixei e vim prà guerra.
 – Tua amada já é morta, tua amada já é, sim.
 6 – Dá-me as senhas que levava para m'eu fintar em ti.
 – A saia era de seda e o casaco de carmesim
 8 e o cabelo entrançado porque ela o pediu assim.

8. Versão de Moimenta (concelho de Vinhais), recitada por Mário dos Santos, 56 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 ando triste pel’ uma amada, que eu deixei e vim prà guerra.
 – Se andas triste pr’ uma amada, soldado, vai prò pé dela,
 6 ao cabo de nove meses, soldado, volta prà guerra.
 Aparelha o teu cavalo, aparelha-o e vai a aparelhar,
 8 aparelha o teu cavalo e vai-a a visitar.
 Chegou ao meio do caminho, o cavalo s’ espantou,
 10 deu dois passos à retaguarda, com o demónio s’ encontrou.
 – Tu que fazes, ó D. Fernando, tu que fazes agora aqui?
 12 – Vou em busca duma amada, que eu deixei, inda não vi.
 – Essa amada já morreu, já morreu, qu’ eu bem na vi.
 14 – Diz-m’ as sinas que levava para m’ eu fintar em ti.
 (.....)

Nota: o informante pára a recitação e declara que o resto da versão é igual à de Carlos Gonçalves (versão n.º 15).

9. Versão de Vilarinho das Touças (concelho de Vinhais), recitada por Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos, residente em Seixas (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Donde vens, D. Fernando, qu’ andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 venho triste pela amada, deixei-a e vim prà guerra.
 – Aparelha o teu cavalo, nove meses vai pr’ onde ela.
 6 Ò cabo dos nove meses, soldado, volta prà guerra.
 Chegou ò meio do caminho, um cavalo encontrou.
 8 – Não t’ espantes, meu cavalo, também m’ espanto eu.
 – Tem-te, tem-te, cavaleiro, tem-te, tem-te sobre ti,

- 10 sou aquela infeliz que algum tempo te servi.
– Vou vender os meus cavalos pra dizer missas por ti.
12 – Quantas mais missas disseres, mais me condenas a mim.
Vai-te, vai-te, cavaleiro, que te estás a demorar,
14 que as cadeias do Inferno por mim já estão a puxar.

10. Versão de Pinheiro Velho (concelho de Vinhais), recitada por Ana Augusta do Rio, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu’andas tão triste na guerra?
2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
4 ando triste pela amada, que a deixei e vim prà guerra.
– Se queres ver a tua amada, sete anos te dou de espera,
6 mas ao fim dos sete anos, soldado, volta prà guerra.
– Eu dava o meu punhal d’ouro a quem outros sete me dera.
8 – Aparelha o teu cavalo, vai gozar à tua terra,
sete e sete são catorze, pode-se acabar a guerra.
10 Chegou ao meio do caminho, o cavalo se espantava.
– Não te espantes, meu cavalo, que vou ver a minha amada.
12 – Se queres novas da tua amada, dou-tas eu agora aqui.
A tua amada é morta, é morta que eu bem na vi.
14 – Diz-m’as sinas que levava para eu me fintar em ti.
– A blusa era branca, a saia de carmesim,
16 o cinto que a apertava era de ouro e marfim.
– Se tu és a minha amada, dá-me um beijinho aqui.
18 – A boca com que te eu beijava já não a trago aqui.
– Vou vender o meu cavalo, vendo-me também a mim,
20 tudo para mandar dizer missas, por alma de ti.
– Não vendas o teu cavalo e nem te vendas a ti,
22 quanto mais bem me fizeres, mais pena se mete em mim.
As filhas que nós tivemos leva-as para junto de ti,
24 que não se percam por homens como m’eu perdi por ti.

11. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dárida Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Maio, oh, por maio, [.....]
- 2 o capitão vai c' os seus soldados para a guerra.

12. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Mês de maio, mês de maio, mês de maio, primavera,
- 2 lá se vai o capitão c' os seus soldados para a guerra.
No meio do regimento, um triste soldado leva.
- 4 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
Vais triste por pai ou mãe ou por temeres a guerra?
- 6 – Não vou triste por pai nem mãe nem por temer a guerra,
vou triste por minha esposa, que ficou sola na terra.
- 8 – Quanto dás tu, ó soldado, vais sete anos prò pé dela?
Ô cabo dos sete anos, soldado, voltas prà guerra.
(.....)
- 10 Sete e sete são catorze, soldado não vais prà guerra.

13. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Mês de maio, mês de maio, mês de maio, primavera,
- 2 Lá se vai os quintos, madre, soldadicos para a guerra.
No meio do regimento, um soldado triste leva.
- 4 – Porque vais triste, ó soldado, porque vais triste prà guerra?
Vais triste por pai ou mãe ou gente da tua terra?
- 6 – Não vou triste por pai nem mãe nem gente da minha terra,
Vou triste pela minha hermosa que a deixei entre cuñado y suegra.
- 8 – Monta tu no teu cavalo, volta outra vez pr' onde é ela,
ò cabo de sete anos, soldadico, torna prà guerra.
- 10 No meio duma ribeira, o cavalo s' espantou,
c' uma sombra que lhe disse, deste modo lhe falou:
- 12 – Onde vais, triste soldado, onde vais triste de ti?
– Vou ver a minha hermosa, que há dias que a não vi.

- 14 – Tua hermosa é morta, a sombra vê-la aqui.
 – Se tu fosses a minha hermosa, tu t’abraçarias a mim.
- 16 – Braços com que t’eu abraçava, a terra los comeu, à terra los di.
 – Vou vender o meu cavalo, também me vendo a mim,
- 18 para mandar dizer missas por alma de ti.
 – Não vendas o teu cavalo nem te vendas a ti,
- 20 de três filhos qu’eu tenho todos tos entrego a ti.

14. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Lá se vai o capitão c’ os soldados prà guerra,
 2 no meio do regimento, um triste soldado leva.
 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
- 4 Se vais triste por espada, linda espada t’eu dera.
 (.....)
 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
- 6 Se vais triste por farda, linda farda t’eu dera.
 (.....)

Nota: O informante recita apenas o início da versão e descreve o seu desenvolvimento paralelístico, bem como os elementos da roupa que se seguiriam (camisa, botas, boné), porém, não prossegue.

15. Versão de Travanca (concelho de Vinhais), recitada por Carlos Gonçalves, 73 anos, residente em Moimenta (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
- 4 ando triste pela amada, deixei-a, vim para a guerra.
 – Aparelha o teu cavalo, nove meses prò pé dela,
- 6 ò cabo de nove meses, soldado, volta prà guerra.
 Lá no meio do caminho, uma sombra negra vi,
 8 o cavalo s’espantara e a sombra se chega a mim.

- Onde vais, ó D. Fernando, onde vais agora aqui?
- 10 – Vou a ver a minha amada, dias há que a não vi.
– A tua amada é morta, é morta, eu bem na vi.
- 12 – Dá-me sinas de a ver para m’eu fintar em ti.
– Levava saia de seda, blusa de carmesim,
- 14 o cinto que a apertava era ouro e marfim.
– De três filhinhas que eu tenho, leva-as prò pé de ti,
- 16 que se não percam por homens, como m’eu perdi por ti.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu’andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
- 4 ando triste pela amada, deixei-a e vim prà guerra.
– Aparelha o teu cavalo, nove meses prò pé dela,
- 6 ao cabo de nove meses, soldado, volta prà guerra.
Chegou ò meio do caminho, seu cavalo se espantou,
- 8 deu um passo à retaguarda e o demónio o atentou.
– Que fazes, ó D. Fernando, que fazes agora aqui?
- 10 – Vou a ver a minha esposa, dias há que a não vi.
– A tua esposa morreu, morreu, eu bem a vi.
- 12 – Diz-m’as sinas que levava para m’eu fintar em ti.
– Levava saia de seda, blusa de carmesim,
- 14 o cinto que a apertava era ouro e marfim.
– Eu vendia o meu cavalo, também m’eu vendia a mim,
- 16 para mandar dizer missas, tudo por alma de ti.
– Nem vendas lo teu cavalo nem te tu vendas a ti,
- 18 quanto mais bem me fizeres, mais me condenas a mim.
De três filhinhas que eu tenho, leva-as para o par de ti,
- 20 que se não percam por homens como m’eu perdi por ti.

17. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
4 ando triste pela amada, deixei-a e vim prà guerra.
– Aparelha o teu cavalo, nove meses prò pé dela,
6 ao cabo de nove meses, soldado, volta prà guerra.
Chega ò meio do caminho, seu cavalo se espantou,
8 deu um passo à retaguarda, o demónio o atentou.
– Que fazes, ó D. Fernando, que fazes agora aqui?
10 – Eu vou ver a minha amada, dias há que a não vi.
– Tua amada já é morta, é morta, eu bem la vi.
12 – Diz-m’ as sinas que levava para m’ eu fintar em ti.
– Levava saia de seda, blusa de carmesim,
14 o cinto que a apertava era ouro e marfim.
– Vou vender o meu cavalo, também me vendo a mim,
16 para mandar dizer missas, tudo por alma de ti.
– Nem vendas o teu cavalo nem te tu vendas a ti,
18 quanto mais bem me fizeres, mais penas se mete em mim.

18. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu’ andas tão triste na guerra?
2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Não me morreu pai nem mãe, que eu deixei na minha terra,
4 vou triste por minha amada que a deixei e vim prà guerra.
Chegou ò meio do caminho, seu cavalo se espantou,
6 deu um passo à retaguarda e o demónio atentou.
– Que fazes, ó D. Fernando, que fazes agora aqui?
8 – Vou a ver a minha amada, dias há que a não vi.
– Tua amada já é morta, é morta qu’ eu bem a vi.
10 – Dá-m’ as sinas que levava para m’ eu fintar em ti.
– A blusa era de seda e a saia de carmesim,
12 o cinto com que a apertava era de ouro e marfim.

– Vou vender o meu cavalo, venderei-me mesmo a mim,
 14 tudo pra mandar dizer missas, tudo por alma de ti.
 – Não vendas o teu cavalo nem te vendas mesmo a ti,
 16 quanto mais bem me fizeres, mais me condenas a mim.
 Três filhas que eu lá deixei leva-as par’ ò pé de ti,
 18 que se não fintem por homens como m’ eu finte em ti.

19. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

Maio era, por maio, no rigor da primavera,
 2 lá se vai o capitão com seus soldados à guerra
 e o que vai na dianteira os olhos levava em terra.
 4 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
 Vais triste por pai ou mãe ou gente da tua terra?
 6 – Não vou triste por pai nem mãe nem gente da minha terra,
 vou triste p’la minha amada, deixei-a e vim prà guerra.
 8 – Se tens pena p’lo teu cavalo, melhor cavalo t’ eu dera,
 se tens pena p’la tua arma, melhor arma t’ eu dera.
 10 – Não vou triste p’la arma, que uma arma boa era,
 vou triste p’la minha amada, que a deixei e vim prà guerra.
 12 – Pois volta pra trás, soldado, sete anos prò pé dela,
 e ò cabo dos sete anos, soldado, volta prà guerra.
 14 – Aqui tem, meu capitão, os primores da minha terra.
 – Os primores da tua terra não nos há onde quera.
 16 Volta para trás, soldado, outros sete prò pé dela,
 sete e sete são catorze, soldado, acabou-s’ a guerra.

20. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida no dia 28 de agosto de 1981.

– Tu que tens, ó soldadinho, que andas tão triste na guerra?
 2 Falta-te pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me falta pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 ando triste pela amada que a deixei e vim prà guerra.

- Tua esposa já morreu e as sinas tas dou aqui,
 6 levava saia de cambraia, casaco de carmesim.
 – Prepara-te, ó meu cavalo, que eu vou dar novas à terra.
 8 Chegou ao meio do caminho, um polvorinho se levantou:
 – Não t’espantes, meu cavalo, [.....]
 10 qu’eu vou ver a minha esposa, qu’ há sete anos que a não vi.
 – Tua esposa já morreu e as sinas dou-tas aqui,
 12 levava saia de cambraia, casaco de carmesim.

Variantes: 10a e 11a amada.

21. Versão de Tuizelo (Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelhos e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 ando triste por deixar a minha amada e vir prà guerra.
 – Aparelha o teu cavalo, nove meses prò pé dela,
 6 ao cabo de nove meses, soldado, volta prà guerra.
 Chegou ò meio do caminho, o cavalo s’espantou,
 8 deu um passo à retaguarda, o pecado o atentou.
 – Pra onde vais, ó D. Fernando, pra onde vais agora aqui?
 10 – Eu vou ver a minha amada, há dias que a não vi.
 – Tua amada já morreu, já morreu, eu bem a vi.
 12 – Diz as sinas que levava para m’eu fintar em ti.
 – O vestido é de seda e o manto de carmesim,
 14 o cinto com que apertava era de ouro e marfim.
 – Eu vendia o meu cavalo, até me vendia a mim,
 16 para mandar dizer missas, por alma dela e de mim.
 – Nem vendas o teu cavalo e não te vendas a ti,
 18 quanto mais bem lhe fizeres, mais me condenas a mim.
 De três filhas que nós temos leva-as para o par de ti,
 20 que se não percam por homens, como m’eu perdi por ti.

22. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Helena da Conceição Barreira, 64 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

- Qu' é que tens, ó D. Fernando, qu' andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém da tua terra.
– Nem me morreu pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
- 4 é por a minha amada, deixei-a e vim prà guerra.
– Tua amada já é morta, já é morta, eu bem na vi.
- 6 – Diz-me lá o traço dela se queres que me finte em ti.
– O vestido qu' ela levava era seda de carmesim,
- 8 o cinto com que apertava era d' ouro e marfim.
– Venderei o meu cavalo, venderei-m' até a mim,
- 10 venderei o meu cavalo para missas para ti.
– Não vendas o teu cavalo nem te vendas tu a ti,
- 12 quanto mais bem me fizeres, mais penas se mete em mim.
Prende as tuas filhas, não lh' aconteça o que m' aconteceu a mim.

23. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por José António Nunes, 76 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
– Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
- 4 ando triste pela amada, que a deixei e vim prà guerra.
– Aparelha o teu cavalo, vai nove meses prò pé dela,
- 6 ò cabo dos nove meses, soldado, volta prà guerra.
Chegou ao meio do caminho, um polvorinho se levantou,
- 8 deu dois passos à retaguarda, o demónio o atentou.
– Tua amada já é morta, já é morta, eu bem na vi.
- 10 as sinas qu' ela levava eu tas dou agora aqui:
a blusa era de seda e a saia de carmesim,
- 12 o cinto que a apertava era d' ouro e marfim.
– Venderei o meu cavalo para missas para ti,
- 14 se não chegar o meu cavalo, venderei-m' até a mim.
– Não vendas o teu cavalo nem te vendas a ti,

- 16 quanto mais bem me tu fazes, mais eu peno por ti.
 Três filhinhas que lá tenho, leva-as par' ò par de ti,
 18 que se não percam por homens, como m' eu perdi por ti.
 A boca com que t' eu beijava já não na tenho em mim,
 20 os braços com que t' abraçava também não nos tenho em mim.

Variantes: 3a Nem; 4b deixei-a; 7b levantar; 8a o cavalo deu; 8b atentera; 10 Dá-m' as sinas como era para eu me fintar em ti.

24. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu' andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 ando triste pela amada, que a deixei e vim prà guerra.
 – Aparelha o teu cavalo, sete meses prò pé dela,
 6 ò cabo dos sete meses, soldado, voltas prà guerra.
 Chega ò meio do caminho, seu cavalo se espantou,
 8 deu dois passos à retaguarda, o demónio o atentou.
 – Que fazes, ó D. Fernando, que fazes agora aqui?
 10 – Vou a ver minha esposa, há tempo que a não vi.
 – Tua esposa já é morta, é morta, eu bem na vi.
 12 – Diz-me as sinas que levava para m' eu fintar em ti.
 – Casaco era de seda, blusa de carmesim,
 14 o cinto que apertava era ouro e marfim.
 – Venderei o meu cavalo, também me vendo a mim,
 16 tudo para dizer missas, tudo por alma de ti.
 – Não vendas o teu cavalo nem te vendas também a ti,
 18 quantas mais missas me dizes, mais me condenas a mim.
 De três filhinhas que temos leva-as para aonde a ti,
 20 que se não percam por homens, como m' eu perdi por ti.

Variantes: 7b o cavalo; 8b e o demónio; 10b dias que.

25. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu’ andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 ando triste pela amada, deixei-a e vim prà guerra.
 – Aparelha o teu cavalo, sete meses prò pé dela,
 6 ao cabo dos sete meses, soldado, volta prà guerra.
 – Adiante, meu cavalo, depressa não devagar,
 8 jornadinha de três dias numa hora hás de andar.
 Chega ao meio do caminho, seu cavalo se espantou,
 10 deu um passo à retaguarda, o demónio o atentou.
 – Que fazes, ó D. Fernando, que fazes agora aqui?
 12 – Vou a ver a minha amada, dias há que a não vi.
 – Tua amada já é morta, é morta que eu bem na vi.
 14 – Diz-m’ as sinas que levava para m’ eu fintar em ti.
 – A saia era de seda, blusa de carmesim,
 16 o cinto que me apertava era ouro e marfim.
 – Se tu és a minha amada, abraça-me agora aqui.
 18 Não comia nem bebia, amor, por causas de ti.
 Eu vendo o meu cavalo, vendo-me também a mim,
 20 para mandar dizer missas, lá por alma de ti.
 – Não vendas o teu cavalo nem te tu vendas a ti,
 22 quanto mais bem me fizeres, mais penas se mete em mim.
 De duas filhas que eu tenho leva-as para ò par de ti,
 24 que se não percam por homens, como m’ eu perdi por ti.
 Adeus, ó D. Fernando, já não posso estar aqui,
 26 já as cordas do Inferno já estão a puxar por mim.

26. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes, 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó D. Fernando, andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,

- 4 ando triste pela amada, deixei-a e vim prà guerra.
 – Tens três meses de licença para ires à tua terra,
 6 ò cabo desses três meses, voltas, soldado, prà guerra.
 Soldado que aquilo ouviu, seu cavalo aparelhou,
 8 chegou ò meio do caminho, uma (*sic*) fantasma encontrou.
 – Pra onde vais, ó D. Fernando, pra onde vais agora aqui?
 10 – Vou a ver a minha amada, já tanto que a não vi.
 – Tua amada já é morta, já é morta, eu bem a vi.
 12 – Diz-me as sinas que levava para m’eu fintar em ti.
 – O vestido era de seda e o manto de carmesim,
 14 o cinto com que a apertava era ouro e marfim.
 As três filhinhas que temos leva-as para ao pé de ti,
 16 que se não perdam por homens, como m’eu me perdi por ti.
 – Vou vender o meu cavalo pra dizer missas por ti.
 18 Se não chegar o meu cavalo, vendo-me também a mim.
 – Não vendas o teu cavalo nem te vendas tu a ti,
 20 quantas mais missas me dizes, mais eu penarei por ti.

27. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Sofia Maria Domingues, 52 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
 2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém da tua terra.
 – Não me morreu pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
 4 ando triste pela amada, que a deixei e vim prà guerra.
 – Prepara-te, ó D. Fernando, vai sete anos prò pé dela,
 6 ao cabo de sete anos, soldado, volta prà guerra.
 As palavras não eram ditas, já soldado se preparou,
 8 ao chegar ao meio do caminho, o cavalo s’espantou.
 – A tua amada é morta, é morta, eu bem a vi.
 10 – Dá-m’as sinas que levava para eu me fintar em ti.
 – O vestido era branco e o manto de carmesim,
 12 o cinto que a apertava era de ouro e marfim.
 – Vou vender o meu cavalo pra dizer missas por ti.
 14 – Não vendas o teu cavalo pra dizer missas por mim,
 quantas mais missas me digas, mais me condenas a mim.

- 16 Quatro filhinhas que tenho leva-mas prò pé de ti,
que se não percam por homens, como eu me perdi por ti.

28. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Porque vens triste, soldado, porque vens triste prà guerra?
2 É por padre ou madre ou por gente de tu terra?
– Nem por padre nem por madre nem por gente de mi terra,
4 deixei a minha penosa, entre cunhados e sogra.
– Quanto davas tu, soldado, em ir ver tua penosa?
6 – Eu daria seis millones que trago em mi cantera.
– Aparelha aquela mula ou monta naquele caballo,
8 por esse caminho afora e não vás pela hienda.
Ò chegar ò cemitério, uma sombra negra vi,
10 o cavalo pegou um espanto e a sombra s’ acerca a mim.
– Pr’ onde vais aqui, soldado, pr’ onde vais agora daqui?
12 – Vou ver a minha penosa, há dias que não a vi.
– Tua penosa já morreu, tua penosa está aqui.
14 Em vez de pensar em Dios, pus-m’ a pensar em ti.
– Eu vendia o meu cavalo para missas para ti.
16 – Não vendas o teu cavalo nem digas missas por mim,
quantas mais missas me dizes, mais pena se met’ em mim.
18 Vamo-nos daqui, soldado, não é hora de estar aqui,
as campanas del inferno reclamando estão por mim.

29. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Guilhermina dos Anjos, 64 anos, residente em Santalha (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Tu que tens, ó D. Fernando, andas tão triste na guerra?
2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém da tua terra.
– Nem me morreu pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
4 só me lembra a minha amada, deixei-a, vim-me prà guerra.
– Vai-te, vai-te, D. Fernando, sete anos par’ onde é ela
6 e ao cabo dos sete anos, soldado, volta prà guerra.
Soldado que aquilo ouviu logo dali se marchou,

- 8 chegou ò meio do caminho, o inimigo o atentou.
 – Não t’espantes, meu cavalo, não t’espantes agora aqui.
- 10 Eu quero ver minha amada, dias há que a não vi.
 – Tua amada era morta, era morta, bem a vi,
- 12 o caixão era de bronze, vestido de carmesim.
 – Vou vender o meu cavalo para missas para ti.
- 14 – Não vendas o teu cavalo nem te vendas também a ti,
 quantas mais missas me digas, mais pena metes em mim.
- 16 Se tiveres alguma filha, traze-a sempre ò par de ti,
 que não se iluda por homens como m’eu iludi por ti.

30. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém da tua terra.
 – Nem me morreu pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
- 4 só tenho pena duma amada, que deixei e vim prà guerra.
 – Essa amada já morreu, foi ontem o enterro dela
- 6 e o vestido que levava era de seda amarela.
 Era de seda amarela, estava lá, eu bem no vi,
- 8 e o cinto que a apertava era de ouro e marfim.
 lá no meio do caminho, seu cavalo s’espantou,
- 10 olhou para trás e disse: – A tua amada sou eu.
 – Se tu és a minha amada, dá-m’um beijo agora aqui.
- 12 – A boca com que te beijava já agora a perdi.
 – Vou vender o meu cavalo pra dizer missas por ti.
- 14 – Quanto mais bem me fizeres, mais penas são pra mim.

Variantes: 1a Donde vens; 13b vou dizer.

31. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Maio era, por maio, e o abril, a primavera,
- 2 lá se vai o capitão c’os seus soldados para a guerra.

Duzentos leva contados, duzentos contados leva,
 4 no meio desses duzentos, um triste soldado leva.
 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
 6 Vais triste por pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Nem vou triste por pai nem mãe nem gente da minha terra.
 8 – Vais triste por cavalo, lindo cavalo t’eu dera.
 – Não vou triste por cavalo, lindo cavalo eu levo.
 10 – Se vais triste por dinheiro, muito dinheiro t’eu dera.
 – Não vou triste por dinheiro, muito dinheiro eu levo.
 12 Vou triste pela minha esposa, que a deixei sola na terra,
 casadinho de três dias sem nunca dormir com ela.
 14 – Volta pra trás, meu soldado, vai sete anos prò pé dela,
 ò fim dos sete anos, soldado, volta prà guerra.
 16 Ò cabo dos sete anos, soldado voltara à guerra,
 levava-l’ uma prenda d’ouro qu’arrate e meio pesara.
 18 – Tome lá, ó meu capitão, um mimo da nossa terra.
 – Um mimo desses não se dão (*sic*) a qualquera.
 20 Volta pra trás, meu soldado, outros sete prò pé dela,
 sete e sete são catorze, soldado, acabou a guerra.

32. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

Maio, por maio, e o abril da primavera,
 2 lá se vai o capitão c’os seus soldados para a guerra.
 Lá no meio de todos, um triste soldado leva.
 4 – Porque vais triste tu, soldado, porque vais triste prà guerra?
 – Se vais triste por dinheiro, muito dinheiro t’eu dera,
 6 se é por a espada, a minha espada t’eu dera.
 – Nem vou triste por espada nem por dinheiro,
 8 vou triste pela mulher, que a deixei na terra.
 – Pois anda tu, soldado, três dias ou quatro prà guerra,
 10 ò fim de três dias, irás visitar a mulher à terra.

Variante: 10 Ò fim desses três dias, o soldado voltou prà terra.

33. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém da tua terra.
– Nem me morreu pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
- 4 ando triste pela amada, que a deixei e vim prà guerra.
– Escolhe o meu cavalo branco, nove meses prò pé dela,
- 6 ò cabo dos nove meses, soldado, volta prà guerra.
Chegou ò meio do caminho, o cavalo s’espantou,
- 8 dois passos à retaguarda, do demónio s’enformou.
– Tu que queres, ó Fernandinho, tu que queres agora aqui?
- 10 – Quero ver a minha amada, dias há que a não vi.
– Pois a tua amada é morta, bem o sei, eu bem a vi.
- 12 – Diz-me o traço que levava para m’eu fintar em ti.
– Levava saia de seda, blusa de carmesim,
- 14 o cinto que a apertava era d’ouro e marfim.
– Vendo já o meu cavalo para missas para ela.
- 16 Se não chegar o meu cavalo, venderei-me eu a mim.
– Nem vendas o teu cavalo nem te vendas tu a ti,
- 18 quanto mais me rezares por alma, mais eu padeço aqui.
As duas filhas que temos trae-as sempre ao par de ti,
- 20 que se não perdam por homens, como m’eu perdi por ti.
Os beijinhos que tu me deste não os tenho agora aqui,
- 22 foi a coisa qu’encontrei na hora em que eu morri.
*Severa, quando morreu, deixou no seu testamento,
que lhe rezassem por alma nas folhas que leva o vento.*

Variante: 11b e bem a vi.

34. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Lá se vai o capitão c’os seus soldados prà guerra,
- 2 duzentos soldados traz, duzentos soldados leva.

- Lá no meio disso tudo, leva um cabo de guerra.
- 4 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
Ou é por pai ou por mãe ou por alguém da tua terra.
- 6 – Não é por pai nem por mãe nem por ninguém da minha terra,
é por a minha amada que sozinha ficou na terra.
- 8 – Torna atrás, ó soldado, sete anos prò pé dela,
ò cabo dos sete anos, soldado, torna prà guerra.
- 10 [.....] O soldado foi prà guerra,
levou-lhe um queijo d’ouro que sete arrates pesera.
- 12 – Aqui tem, meu capitão, os manjares da minha terra.
– Pois estes manjares, ó soldado, não se dão a qualquer.
- 14 Volta pra trás, ó soldado, que agora acabou-s’ a guerra.
Chegou ò meio do caminho, o cavalo s’espantou.
- 16 – Não t’espantes, meu cavalo, não t’espantes agora aqui,
qu’eu vou ver a minha amada, há dias que a não vi.
- 18 – Tua amada já morreu, no enterro bem a vi.
O vestido era branco, o manto de carmesim,
20 o caixão qu’ela levava era ouro e marfim.
– Vou vender o meu cavalo, para missas para ti.
- 22 – Não vendas o teu cavalo para missas para mim,
quantas mais missas disseres, mais pena se mete em mim.
- 24 – A mulher com quem casares põe-lh’ um nome com’ ò meu,
pra quando chamares por ela te lembrares de quem morreu.

Variantes: 10 O soldado foi prà guerra, um queijo d’ouro levava; 11 [.....] que sete arrates pesera.

35. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Lá se vai o capitão c’ os seus soldados para a guerra.
- 2 Duzentos levava contados, duzentos contados era,
lá no meio dos duzentos, um triste soldado leva.
- 4 – Que tens tu, ó soldado, que vais tão triste prà guerra?
Vais triste por pai ou mãe ou por alguém da tua terra?
- 6 – Nem vou triste por pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
vou triste pela esposa, (.....)

36. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela.
- 2 Lá se vai o D. Fernando c'os seus soldados prà guerra.
Ele leva quatrocentos, quatrocentos soldados leva,
4 sua cara leva baixa, sua espada l' arrastrera.
Capitão falou com ele, o capitão pra ele falera:
6 – Porque vais triste, ó D. Fernando, que vais tão triste prà guerra?
– Ainda ontem me casei, já hoje venho prà guerra.
8 – Vai tu, ó D. Fernando, sete anos prò pé dela.
Ò cabo dos sete anos, soldado voltou prà guerra,
10 levava-le um cordão d'ouro qu'arrate e meio pesera.
– Tome lá, ó meu capitão, uma prenda da minha terra.
12 – Estas prendas, ó meu soldado, não se dão a quem quera.
Sete e sete são catorze, soldado, acabou-se-t' a guerra.

Variantes: 9 ò cabo de sete anos, soldado, voltas prà guerra; 12b não s' arranjam onde quera.

37. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó D. Fernando, qu'andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém na tua terra.
– Nem me morreu pai nem mãe nem ninguém na minha terra,
4 ando triste pela amada, que deixei e vim prà guerra.
– Vai tu, ó D. Fernando, sete meses prò pé dela,
6 ò cabo de sete meses, soldado, voltas prà guerra.
Inda a ordem não era lida, soldado para trás voltou.
8 Lá no meio do caminho, seu cavalo se espantou.
– Não t'espantes, meu cavalo, não t'espantes agora aqui.
10 Quero ir ver a minha amada, dias há que a não vi.
– A tua amada já morreu, no enterro bem na vi.
12 Tu queres novas dela, eu tas dou agora aqui.
O vestido era branco e o manto de carmesim,
14 o cinto com qu'apertava era d'ouro e marfim.

- Se tu és a minha amada, dá-m’ um beijinho a mim.
- 16 – Os lábios com que te beijava, já não os trago em mim.
– Se tu és a minha amada, vou-te fazer bem a ti.
- 18 – Não faças, não, Pedro Fernando, não me faças bem a mim,
quanto mais bem me fizeres, mais penas se metem em mim.
- 20 Vai tu, Pedro Fernando, lá pràs terras de Sandim,
casas c’ uma moça linda, não te lembras mais de mim.
- 22 Se tiveres alguma filha, põe-lh’ um nome com’ ò meu,
pra quando chamares por ela te lembrares de quem morreu.
- 24 Se tiveres alguma filha, traze-a sempre ao pé de ti,
pra que se não perda por homens como m’ eu perdi por ti.

38. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Lá se vai o capitão c’ os seus soldados prà guerra,
2 duzentos leva contados, os outros duzentos contados leva.
Lá no meio dos duzentos, triste soldado leva.
- 4 – Porque vais triste, soldado, porque vais triste prà guerra?
Vais triste por pai ou mãe ou por alguém da tua terra?
- 6 – Não vou triste por pai nem mãe nem ninguém da minha terra.
Vou triste pela esposa que a deixei sola na terra,
8 ainda onte’ me casei, já hoje vou prà guerra.
– Volta tu, ó meu soldado, sete anos prò pé dela,
10 ò cabo dos sete anos, pode-se acabar a guerra.
Ò cabo dos sete anos, soldado voltou prà guerra.
- 12 – Tome lá, ó meu capitão, os mimos da minha terra.
– Estes mimos, meu soldado, não se dão a qualquera.
- 14 Volta tu, ó meu soldado, outros sete prò pé dela,
sete e sete são catorze, pode-se acabar a guerra.

Variantes: 4a meu soldado; 5b ou alguém; 6b nem por ninguém; 7a minha esposa; 7b deixo; 8a porque ainda m’ onte’ casei; 9b prà tua terra; 13b quem quera.

39. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Elísia Augusta, 52 anos, natural de Vila Verde (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- D. Fernando, D. Fernando, qu’andas tão triste na guerra,
- 2 ou te morreu pai ou mãe ou alguém da tua terra.
- Nem me morreu pai nem mãe nem ninguém da minha terra,
- 4 são saudades duma amada que a deixei e vim prà guerra.
- (.....)

Variante: 4a amante.

Nota: A informante mostra conhecer a continuação do enredo com “A aparição”, mas não se recorda dos versos.

40. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te faltou pai ou mãe ou gente da tua terra.
- Nem me faltou pai nem mãe nem gente da minha terra,
- 4 choro pela minha amada que a deixei e vim prà guerra.
- Volta tu, ó D. Fernando, sete anos prà tua terra,
- 6 ò fim de sete anos, Fernando, volta prà guerra.
- Aqui tem, meu capitão, dos mimos da minha terra.
- 8 Tirou um cordão d’ouro, que pra isso o levava.

41. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Que tens tu, ó D. Fernando, qu’andas tão triste na guerra?
- 2 Ou te morreu pai ou mãe ou alguém na tua terra.
- Não me morreu pai nem mãe nem ninguém na minha terra,
- 4 choro pela minha amada, que a deixei e vim prà guerra.

– Volta tu, ó D. Fernando, (...) meses prò pé dela,
 6 enquanto passa esse tempo pode acabar a guerra.
 (.....)

Variante: 3a Nem.

42. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

– Fernando, ó Fernandinho, andas tão triste na guerra,
 2 ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
 – Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,
 4 ando triste pela amada, que deixei e fui prà guerra.
 – Escolhe o teu cavalo branco, vai nove meses prò pé dela,
 6 ao cabo de nove meses, soldado, volta prà guerra.
 Chegou ao meio do caminho, um polvorinho se levantou,
 8 deu três passos à retaguarda, o demónio se formou.
 – Diz-me lá, ó Fernandinho, qu’ é que queres agora aqui.
 10 – Quero ver a minha amada, qu’ há sete anos que a não vi.
 – Tua amada já morreu, eu bem sei, eu bem a vi.
 12 – Diz-me a roupa que levava, qu’ é pra m’ eu fintar em ti.
 – O vestido era de seda e o casaco de cetim
 14 e o cinto que a apertava era d’ ouro e marfim.
 – Vendo já o meu cavalo e até me vendo a mim,
 16 para te rezar por alma, ó meu Deus, valei-m’ aqui.
 – Não vendas o teu cavalo e nem te vendas a ti,
 18 porque, quanto mais me rezas, mais eu padeço aqui.
 Se tiveres alguma filha, tem-a sempre ao pé de ti,
 20 que não se perca por homens, como eu me perdi por ti.

Romances de amor infeliz

XVII. A NOIVA ABANDONADA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recollida no dia 20 de agosto de 1982.

- Namorou-se o cavaleiro da filha do lavrador,
2 depois que a namorou, longes terras ausentou.
Donzela, como discreta, ao caminho se deitou.
4 Lá no meio do caminho, lavadeiras encontrou.
– Deus vos guarde, lavadeiras, Deus vos saiba guardar,
6 dos trabalhos deste mundo e das areinhas do mar.
– Cavaleiro d’ armas brancas, viram-no aqui passar?
8 – Esse cavaleiro, senhora, passou aqui ao jantar.
Chegou mais um bocadinho adiante, logo o avistou brilhar,
10 numa janela a escrever, numa cadeira a notar.
– Donzela de tão longe, quem te trouxe a este lugar?
12 – Os amores do cavaleiro, que são maus de ausentar.
– Quando eu quis tu não quiseste, agora t’ hei de deixar.
14 Donzela, como discreta, morta se deixou ficar,
nem com vinho nem com água a puderam ressuscitar.
16 – Minha mãe, que sois mais velha, que conselho me há des dar.
– Agarra-a por os cabelos, deita-a para o muradal.
18 – Isso não, ó minha mãe, que isso é descobardar.
Vou-lhe fazer o enterro com pedrinhas de cristal,
20 pra que os passageiros digam: – Aqui há gente real.

Romances de esposa infeliz

XVIII. A MULHER DO PASTOR

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta, a uma raça de sol,
2 vira vir um cavaleiro com um cavalo corredor.
Perguntou-me se era casada, eu disse-lhe: – Sim, senhor.
4 Perguntou-me com quem era, eu disse-lhe: – Com o lavrador.
– Menina, venha comigo, deixe o pobre lavrador.
6 – Antes quero ser morta do que deixar o lavrador,
recebi-o na igreja, louvado seja o Senhor!

XIX. A MÁ SOGRA

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Quem me dera aqui, além, naquele monte ou naquele vale,
2 quem me dera mais abaixo na casinha de meus pais.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Quem me dera ali, além, naquele monte ou naquele vale!
- 2 Mais um pouquinho adiante fica a casa dos meus pais.
– Pois se as saudades muitas, pega na capa e vai-te.
- 4 – Quando vier o meu marido, quem lhe porá de jantar?
– Quando vier o teu marido, eu lhe porei de jantar.
- 6 Da caça que ele trouxe, dela te guardarei metade,
do coelho a pelica, da perdiz o deprimul.
- 8 – Onde está a minha esposa que não me põe de jantar?
– Tua esposa não está, foi para a casa dos seus pais,
10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de mau pai.
Mandou aparelhar o cavalo, dos três o mais liberal.
- 12 – Anda, anda, meu cavalo, ainda tens muito que andar.
Jornadinha de três dias hora e meia tens de andar.
- 14 – Onde está minha esposa, comigo a quero levar?
– Paridinha de ontem à noite, como a queres levar?
- 16 – Parida que não parida, comigo a quero levar.
O cavalo era branco, já ao longe vermelejava.
- 18 – Arruma-me àquela capelinha que me quero confessar.
– Testamento, testamento, confissão não há vagar!
- 20 A quem deixas o teu filho, o teu filho de tanto amar?
– À perra da minha sogra, causadora do meu mal.
- 22 – A quem deixas o teu fato, o teu fato de trazer?
– À minha irmã mais nova, com ele bem há de parecer.
- 24 – A quem deixas o teu fato, o teu fato de trajar?
– À minha irmã mais nova, que bem lhe há de ficar.
- 26 – A quem deixas o teu ouro, o teu ouro de trazer?
– À minha irmã mais nova, com ele bem há de parecer.
- 28 – A quem deixas o teu filho, o teu filho de tanto amar?
– À perra da minha sogra, que nem raças dela há de ficar.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Quem me dera ali, além, naqueles montes, naqueles vales,
2 além mais tatinho adiante, na casa dos meus pais.
– O caminho já está feito, pega na capa e vai.
4 – Se vier o meu marido, quem lhe há de pôr de jantar?
– Se vier o teu marido, eu lhe porei de jantar.
6 – Onde está a minha esposa, que não me pôs de jantar?
– A tua esposa não está aqui, foi pra casa de seus pais,
8 a mim me chamou perra velha e a ti filho de maus pais.
– Anda, anda, meu cavalo, que ainda tens muito que andar,
10 jornadinha de três dias em hora e meia se há de andar.
– Minha mãe, minha mãezinha, aquela que bem me querias,
12 o cavalo do meu infante eu o sinto rocinar.
– Cala-te lá, minha filha, que isso deves estar a sonhar.
14 – Minha mãe, minha mãe, [.....]
o cavalo do meu infante eu o sinto rocinar.
16 – Cala-te lá, minha filha, que tu deves estar a variar.
– Onde está a minha esposa que não me pôs de jantar?
18 Ponha-ma cá no cavalo que eu a quero levar.
– Paridinha de três dias, como a tu queres levar?
20 – Parida que não parida, eu a quero levar.
– Arruma-me àquela capelinha que me quero confessar.
22 – Testamento, testamento, que confissão não há vagar.
A quem deixas o teu ouro, o teu ouro de assear?
24 – À minha irmã mais velha, que bem lhe há de ficar.
– A quem deixas o teu filho, o teu filho a criar?
26 – À perra da minha sogra, causadora do meu mal.
– Deixa-lo à tua mãe, [.....]
28 que com as lágrimas dos olhos o há de lavar
e com o lenço da sua cabeça o há de limpar.

Variante: 5b alguém lhe há de pôr de jantar.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Quem me dera ali, além, naquele monte, naquele vale,
- 2 lá mais tantinho adiante, na casa dos meus pais.
- S’ as saudades são muitas, o caminho além vai.
- 4 – Quando o meu marido vier, quem l’ há de pôr de jantar?
- Quando o teu marido vier, eu lhe porei de jantar.
- 6 – Da caça qu’ ele trouxer, ele ma há de guardar,
- do coelho um bocadinho e da perdiz o metade.
- 8 – Onde está minha mulher, que me não põe de jantar?
- A tua mulher foi-se embora pra casa dos seus pais,
- 10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de mau pai.
- Onde está minha mulher que a quero levar?
- 12 – Paridinha de três dias, onde a tu queres levar?
- Parida que não parida, tratem de ma apresentar.
- 14 – Arruma-me àquela ermida que me quero confessar.
- Testamento, testamento, que confissão não há vagar.
- 16 A quem queres deixar o teu fato, o teu fato de trajar?
- À minha irmã mais nova que muito bem l’ há de fintar.
- 18 – A quem queres deixar o teu ouro, o teu ouro de trazer?
- À minha irmã mais nova que muito bem l’ há de parecer.
- 20 – A quem queres deixar o teu filho, o teu filho de estimar?
- À perra da minha sogra, causadora do meu mal.
- 22 – Deixa-o antes à tua mãe qu’ ela o há de criar.

5. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

(.....)

Paridinha de três dias, no seu cavalo a montara.

(.....)

6. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Quem me dera naquele monte, quem me dera naquele vale,
 2 quem me dera mais acima, nas casinhas de meus pais.
 – Se o desejo é muito grande, o caminho pra lá vai.
 4 – Mas vem meu marido da caça, quem lhe há de pôr de jantar?
 – Teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
 6 Da caça que ele trouxe de tudo te hei de mandar,
 dos coelhos as pelicas e das perdizes o prumal.
 8 – Onde está a minha esposa, que eu aqui deixei ficar?
 – Tua esposa aí vai, para casa de seus pais,
 10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de maus pais.
 E não te boto a bênção sem na ires lá matar.
 12 Aparelhou um cavalo manso e outro cavalo bravo.
 Deu três voltas ao palácio sem saber por onde entrar,
 14 ò fim das três voltas, Berbenita deu um ai.
 – Sai cá fora, Berbenita, senão vou-te lá matar.
 16 – Não vás lá, ó minha filha, que te poderá matar.
 Vou lá eu que hei de lhe saber falar.
 18 – Paridinha de três dias, pra onde ma queredes levar?
 – Que parida, que baleira, aqui não há de ficar.
 20 Ele montou num cavalo manso e ela num cavalo bravo,
 andaram sete léguas sem nada descansar.
 22 – Olha para trás, D. Pedro, depressa, não devagar,
 teu cavalo era branco, vede-lo vermelhejar.
 24 – Adiante, adiante, Berbenita, depressa, não devagar,
 lá haverá manjares de boca pra tua boca adoçar,
 26 lá haverá camas de seda pra teu corpo descansar.
 – Não quero manjares de boca pra minha boca adoçar,
 28 nem quero camas de seda pra meu corpo descansar,
 só quero um padre de missa, que me quero confessar.
 30 – A quem deixas os teus vestidos, que haja de os gastar?
 – Deixo à minha irmã mais velha, que bem mos há de estimar.
 32 – A quem deixas os teus sapatos, que haja de os gastar?
 – Deixo à minha irmã mais nova, bem mos há de trotear.

- 34 – A quem deixas o nosso filho, que haja de o criar?
 – Deixo à tua mãe, causadora do meu mal.
- 36 – À minha mãe não mo deixes, que o poderá matar,
 deixa-o antes à tua mãe, que haja de o criar.
- 38 Com as lágrimas dos seus olhos mos há de lavar,
 com a touca da sua cabeça me lo há de limpar.
- 40 O menino de três dias por Deus veio a falar:
 – Minha avó vai prò Inferno, meu pai pra lá há de ir,
 42 ditosa da minha mãe, que para o Céu vai a subir.

Variantes: 15 Deixa lá, ó Berbenita, que eu lhe vou falar; 21a andaram muitas; 26b e 28b corpo repousar; 29 queria.

7. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Quem me dera naquele monte, quem me dera naquele vale,
 2 quem me dera mais acima, nas casinhas de meu pai.
 – E se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
- 4 – Mas D. Pedro é meu marido e quem lhe porá de jantar?
 – Meu Pedro é meu filho e eu lhe porei de jantar.
- 6 – Deia, minha madre, um espelho que me quero espelhar.
 – Tu queres o de vidro ou queres o de cristal?
- 8 – Eu quero ver a Berbenita, que me não dá de jantar.
 – Essa perra dessa traidora foi a casa de seu pai,
 10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de mau pai.
 E minha bênção te não boto se a não fores matar.
- 12 Chamou por um dos seus criados daqueles mais liberais.
 – Aparelha-me um cavalo, depressa, não devagar,
 14 que jornadinha de três dias em três horas s’ há-d’ andar.
 Sete voltas deu ao palácio sem achar por donde entrar,
 16 e, ao cabo de sete voltas, Berbenita deu um ai.
 – Levanta-te, ó Berbenita, contigo quero falar.
- 18 – As palavras de D. Pedro são más de contestar.
 – Pois que parida, que baleira, aqui não lhe vai ficar.

- 20 Ele montou numa mula rubra e ela num cavalo branco.
 – Olha para trás, D. Pedro, olha se queres olhar,
 22 teu cavalo era branco e vê-lo a vermelhejar.
 – Adiante, adiante, Berbenita, adiante, adiant' àquele lugar,
 24 que lá haverá manjares finos p' ò teu corpo consolar.
 – Eu não quero manjares finos p' ò meu corpo consolar,
 26 eu só quero um padre de missa, que me quero confessar.
 – A quem deixas os teus vestidos, que bem lh' há dem quedar?
 28 – Deixo-lhos às tuas irmãs que bem mos há dem passear.
 – A quem deixas os teus sapatos, que bem lh' há dem ficar?
 30 – Deixo-lhos às tuas irmãs que bem mos há dem passear.
 – A quem deixas o teu filhinho, que bem to há dem criar?
 32 – Deixo-lho à besta da tua mãe que bem mo há de criar.

8. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Quem me dera naquele monte, oh, que digo naquele vale,
 2 quem me dera mais lá acima, nas casinhas de meu pai.
 – Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
 4 – Vem meu marido da caça, quem lhe há de pôr de jantar?
 – Teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
 6 Da caça que ele trouxe de toda te hei de mandar,
 dos coelhos as pelicas, das perdizes o prumal.
 8 Ela saiu por uma porta, ele entrou por um portal.
 – Onde está meu espelho d' ouro, qu' eu aqui deixei ficar?
 10 – Tu procuras pelo ouro ou pelo marfim metal?
 – Nem procuro pelo ouro nem pelo marfim metal,
 12 procuro por minha esposa, qu' eu aqui deixei ficar.
 – Tua esposa, meu filho, foi pra casa de seu pai,
 14 não te boto a bênção se tu a não fores matar.
 Montou num cavalo e logo foi para a buscar,
 16 deu três voltas ao palácio sem encontrar por donde entrar.
 – Sai pra fora, ó Berbenita, que te quero encontrar.
 18 – Não vá lá, ó minha mãe, que a poderá matar,

- qu' as falinhas de D. Pedro são mui más d' acomodar.
- 20 – Não mata, ó minha filha, que eu hei de lhe saber falar.
– Paridinha de três dias, pra onde a queres levar?
- 22 – Que parida, que baleira, aqui não há de ficar.
Montou no cavalo preto e ela no cavalo branco.
- 24 – Olha para trás, D. Pedro, tu olha, se queres olhar,
teu cavalo era branco, verá-lo vermelhejar.
- 26 – Adiante, Berbenita, adiante àquele lugar,
qu' além estão camas de seda pra teu peito descansar,
- 28 além estão manjares doces pra tua boca adoçar.
– Nem quero camas de seda pra meu peito descansar,
- 30 nem quero manjares doces pra minha boca adoçar.
Eu só quero aqui um padre de missa, que me quero confessar.
- 32 – Testamento, testamento, para mais não há lugar.
A quem deixas los teus vestidos, qu' ele haja de os gastar?
- 34 – Deixo-lhe à minha irmã mais velha, qu' ela bem há de ficar.
– A quem deixas os teus sapatos, qu' ele haja de os gastar?
- 36 – À minha irmã do meio, bem nos há de trotear.
– A quem deixas lo teu ouro, qu' ele haja de o usar?
- 38 – À minha irmã mais nova, muito bem lh' há de ficar.
– A quem deixas lo teu menino, qu' ele haja de o criar?
- 40 – Deixo-lho à tua mãe, causadora do meu mal.
– À minha mãe não lho deixes, que o poderá matar,
- 42 deixa-lho mas é à tua, qu' ela o há de criar.
Com lágrimas dos seus olhos ela o há de lavar,
- 44 com touca de sua cabeça ela o há de limpar.
O menino de três dias empezou a falar:
- 46 – Minha avó está no Inferno, meu pai pra lá há de ir.
Ditosinha de minha mãe para o Céu vai a subir.

Variantes: 14b se a tu não; 15b logo a foi procurar; 17 Sai cá fora, Berbenita, que te quero ir matar; 21b ma queres.

9. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Campos verdes, campos verdes, bem os vejo navegar,
 2 quem me dera mais acima, nas casinhas de meu pai.
 – Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
 4 – Mas meu marido vem da caça, quem l' há de dar de jantar?
 – Teu marido é meu filho, eu lhe darei de jantar.
 6 – Da caça que ele trouxe de toda te hei de guardar,
 dos coelhos as pelicas, das perdizes o prumal.
 8 – Onde está a minha esposa, que não me dá de jantar?
 – Tua esposa, ó meu filho, foi pra casa de seu pai,
 10 a mim me chamou perra brava e a ti filho de mau pai.
 – Aparelha-me o cavalo, depressa, não devagar,
 12 jornadinha de três dias em três horas s' há d' andar.
 Sete voltas ao palácio, não achou por onde entrar,
 14 ao cabo das sete voltas, Berbenita deu um ai.
 – Sai cá fora, Berbenita, depressa, não devagar.
 16 – Dê-me cá aquela faixa que me quero enfaixar,
 que aí está o meu marido, que lhe quero ir falar.
 18 – Teu marido, minha filha, eu também lhe sei falar.
 – Os arrufos de D. Pedro são muito maus de levar.
 20 – Paridinha de três dias, pra onde ma queres levar?
 – Que parida, que baleira, aqui não há de ficar.
 22 – Aqui está cavalo branco para teu corpo levar.
 – Olha para trás, ó D. Pedro, olha se queres olhar,
 24 teu cavalo era branco, vede-lo vermelhejar.
 – Adiante, Berbenita, adiante àquele lugar,
 26 lá haverá padres de missa para a ti te confessar
 e lá haverá manjares doces pra tua boca adoçar.
 28 – Que os haja quer não, eu lá não hei de chegar.
 Testamento, testamento, confissão não há vagar.
 30 – A quem deixas teus vestidos, que tinhas para lograr?
 – À minha irmã mais velha que bem l' há dem ficar.
 32 – A quem deixas o teu ouro, que tinhas para trajar?
 – À minha irmã mais nova, oh, que bem l' há de ficar.

- 34 – E a quem deixas teu menino, que tinhas para criar?
– À perra da tua mãe, que a mim me mandou matar.
- 36 – À minha mãe não o deixes, que te pode maltratar.
Deixa-lo antes à tua que bem to há de estimar,
- 38 com as lágrimas dos olhos ela to há de lavar,
com o lenço da cabeça ela to há de enxugar.

10. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Verdes campos, verdes campos, bem nos vejo verdegar.
- 2 Quem me dera naquele monte, naquele monte ou naquele vale,
quem me dera mais acima, nas casinhas de meu pai.
- 4 – Se as saudades são muitas, o caminho pra lá vai.
– Quando vier o meu marido, quem lhe há de pôr de jantar?
- 6 – Teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
Da caça que ele trouxe de tudo te hei de guardar,
- 8 dos coelhos as pelicas, das perdizes o prumal.
Ela saiu por uma porta e ele entrou por um portal.
- 10 – Onde está a minha mulher, que não me põe de jantar?
– Tua mulher, ó meu filho, foi para casa de seus pais.
- 12 A bênção te não boto se a não fores matar,
a mim chamou-me perra velha e a ti filha (*sic*) de mau pai.
- 14 Indo no meio do caminho, seu cunhado encontrava.
– Novas te dou, ó D. Pedro, novas do meu coração,
- 16 ontem à noite, à meia-noite, nasceu um teu filho varão.
– Prôs gostos qu’eu tenho dele, tanto se me dá que nascesse como não.
- 18 Deu sete voltas ao palácio, não encontrou por onde entrar.
– Venha cá, ó minha mãe, que me quero enfaixar,
- 20 que as palavras de D. Pedro são muito más de levar.
– Olha para trás, ó D. Pedro, olha se queres olhar,
- 22 teu cavalo era branco, vê-lo vai a vermelhejar.
– Apeia-me aqui, ó D. Pedro, que me quero confessar.
- 24 – Adiante, Berbenita, adiante àquele lugar,

que lá estão padres de missa para te a ti confessar,
 26 lá estão camas de seda para teu corpo descansar.
 A quem deixas teus vestidos, que tinhas para gastar?
 28 – À minha irmã mais velha, que bem lhe há de ficar.
 – A quem deixas teus sapatos, que tinhas para gastar?
 30 – À minha irmã do meio, que bem lhe há de ficar.
 – A quem deixas o teu ouro, que tinhas para gastar?
 32 – À minha irmã mais nova, que bem lhe há de ficar.
 – A quem deixas teu filho, que tinhas para criar?
 34 – À perra da tua mãe, que bem to há de estimar.
 – À minha mãe não lho deixes, que to pode matar.
 36 Deixa-lho antes à tua, [.....]
 com as lágrimas dos olhos ela to há de lavar,
 38 com o lenço da cabeça ela to há de enrolar.
 Nascidinho de três dias o menino veio a falar:
 40 – Minha mãe vai para o Céu e eu pra lá a caminhar,
 minha avó vai para o Inferno e o meu pai a caminhar.

Variante: 23a àquele cardo.

11. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

– Campos verdes, campos verdes, bem vos vejo verdegar,
 2 quem me dera nos campos verdes, lá em casa de meu pai.
 – Se os desejos são grandes, o caminho pra lá vai.
 4 – Quando vier o meu marido, quem é que lhe há de pôr de jantar?
 – Quando vier o teu marido, eu lhe porei de jantar.
 6 Da caça que ele trouxe eu te mandarei guardar,
 dos coelhos as pelicas, das perdizes o prumal.
 8 – Onde está a Berbonita, que não me põe de jantar?
 – Berbonita, ó meu filho, foi pra casa de seu pai.
 10 A bênção te não boto, se a não mandares (...),
 a mim me chamou perra moura e a ti filho de mau pai.
 12 – Aparelha-me esse cavalo, depressa, não devagar,

- jornadinha de três dias em três horas s' há d' andar.
- 14 – Berbonita onde está, que não me vem visitar?
– Berbonita está na cama. (.....)
- 16 – Que parida, que baleira, trate já de caminhar,
jornadinha de três dias em três horas s' há d' andar.
- 18 – Olha para trás, D. Pedro, olha se queres olhar,
o teu cavalo é branco, verá-lo vermelejar.
- 20 Baixa-me àquele cardinho que me quero confessar.
– Adiante, Berbonita, adiante àquele lugar,
- 22 lá haverá padre de missa para a tua alma confessar.
– Quer o haja quer não, qu' eu lá não hei de chegar,
- 24 baixa-me àquele cardinho que me quero confessar.
– A quem deixas os teus sapatos, para que haja de os gastar?
(.....)
- 26 – A quem deixas o teu menino, para que haja de o criar?
– Deixo-lho à perra de tua mãe, pois que me mandou matar.
- 28 – À perra de minha mãe não, que não o deverá criar,
deixa-lho antes à tua, que melhor o deverá criar.

Variantes: 6a que a jornada; 6b eu lhe hei de guardar; 18a conde.

12. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos, ajudada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Quem me dera naquele monte, quem me dera naquele vale,
2 quem me dera ir parir ao palácio de meu pai.
– S' esses desejos são muitos, põe-te ao caminho e vai.
- 4 – Meu marido foi à caça, quem há de pôr de jantar?
– Teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
- 6 – Onde está a minha esposa querida, que me não põe de jantar?
– Tua esposa, ó meu filho, foi pra casa de seu pai,
8 a mim chamou-me perra traidora e a ti filho de mau pai.
Não te boto a bênção se a não fores matar.
- 10 – Aparelhai-me o cavalo, o que mais a trote andar,

- ou parida ou baleira, ela lá não há de ficar.
- 12 Deu sete voltas ao palácio sem saber por onde entrar,
e, ao fim das sete voltas, Berbenita deu um ai.
- 14 – Sai cá fora, Berbenita, senão vou-te lá matar.
Saiu-lhe a irmã mais nova, como mulher principal:
- 16 – Tua mulher é minha irmã, pra onde a queres levar?
– Ou parida ou baleira, aqui não há de ficar.
- 18 – Dá-me cá esse roupão que me quero enfaixar,
mandai vir o confessor que me quero confessar.
- 20 Dá-me cá o cavalo, qu’eu co’ ele quero montar.
Já iam muito distante, Berbenita deu um ai.
- 22 – Olha pra trás, Berbenita, olha se queres olhar,
o cavalo era branco, já se viu vermelhejar.
- 24 – Adiante, Berbenita, adiante àquele lugar,
há lá uma cama d’ouro pra teu corpo descansar.
- 26 – Eu não quero cama d’ouro pra meu corpo descansar,
eu só quero um confessor, que me quero confessar.
- 28 – A quem deixas o teu filho, quem no há de criar?
– À perra da tua mãe, que bem no lo há de matar.
- 30 – Deixaremo-lo à tua que bem no lo há de estimar.

Variante: 16a Tua irmã (*sic*) está parida.

13. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Quem me dera naquele monte, quem me dera naquele vale,
2 quem me dera de ir parir aos palácios de meu pai.
– S’esses desejos são muitos, põe-te ao caminho e vai.
- 4 – Meu marido foi à caça, quem lhe porá de jantar?
– Teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
- 6 Da caça qu’ele trouxe eu dela t’hei de guardar,
dos coelhos as orelhas e da perdiz o prumal.
- 8 – Onde está a minha esposa, que me não põe de jantar?
– Tua esposa foi parir aos palácios de seus pais,

- 10 a mim chamou perra traidora e a ti filho de mau pai.
 Não te boto a absolvição se não na fores lá matar.
- 12 – Onde estão nos meus criados, cavalos aparelhar?
 Jornadinha de três dias em duas horas s’ há de andar.
- 14 Deu sete voltas ao palácio sem encontrar por onde entrar,
 ao cabo de sete voltas, Berbenita deu um ai.
- 16 Saiu-lhe a irmã mais nova: – Pra onde ma queres levar?
 – Ou parida ou baleira, aqui não há de ficar.
- 18 Saiu-lhe a irmã mais velha: [.....]
 – Paridinha de três dias, pra onde a queres levar?
- 20 – Que parida, que baleira, aqui não há de ficar.
 – Dai-me cá esse roupão qu’ eu com ele vou andar.
- 22 – Monta aqui no meu cavalo, depressa, não devagar.
 (.....)
 – Olha pra trás, meu marido, depressa, não devagar,
- 24 teu cavalo era branco e agora vê-lo vermelejar.
 – Adiante, ó Berbenita, adiante àquele lugar,
- 26 que lá está uma cama de seda pra teu corpo descansar.
 – Não quero camas de seda pra meu corpo descansar,
- 28 só queria um padre de missa, que me queria confessar.
 – A quem deixas o teu filho, a quem lho queres deixar?
- 30 – À perra da tua mãe, que bem no lo há de matar.
 – Deixaremos-lo à tua que bem no lo há de criar.

Variante: 9b de seu pai.

14. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Quem me dera lá em cima, naquele monte, naquele vale,
 2 quem me dera mais em cima, na casinha de meus pais.
 – Se as saudades são muitas, o caminho pra lá vai.
- 4 – Quando vier o meu marido, quem l’ há de dar de jantar?
 – Quando vier o meu filho, eu lhe darei de jantar,
 6 da caça que ele trouxe as penas t’ hei de guardar.

- Onde está minha esposa, que me não põe de jantar?
- 8 – Tua esposa foi embora para a casa dos seus pais,
se tu a não vais buscar, eu te vou deserdar.
- 10 – Onde está a minha esposa, que a quero levar?
– Paridinha de três dias, pra onde ma vais levar?
- 12 – Que parida, que solteira, aqui não há de ficar.
Andaram cinco léguas, sem uma fala lhe dar.
- 14 – Olha pra trás, ó D. Pedro, olha se queres olhar,
o cavalo era branco, já vai a vermelhejar.
- 16 – A quem deixas o teu ouro, que tinhas para gastar?
– Deixo-o à minha irmã, que bem lhe há de ficar.
- 18 – A quem deixas o teu filho, que tinhas para criar?
– Deixo-o à minha mãe, [.....]
- 20 com as lágrimas dos olhos a cara lhe há de limpar.

Variantes: 11b a queres levar; 12b não vai ficar; 17b lhe vai ficar.

15. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- À caça se vai D. Pedro, à caça, vai caçar.
- 2 – (.....) qu' ainda não veio jantar.
– O teu marido foi à caça. [.....]
- 4 Da caça que ele trouxer, toda ta hei de mandar,
do coelho a pelica e da perdiz o penal.
(.....)
- 6 – Uma fada te botarei se a não fores matar,
a mim me chamou perra moura e a ti filho de mau pai.
- 8 – Onde está minha mulher, comigo a quero levar?
– Está paridinha de três dias, que a vais matar.
- 10 Tens um filho varão. [.....]
– Que seja varão que não, comigo há de rodar.
- 12 O cavalo era branco, já se vê vermelhejar.
(.....)

16. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Quem me dera aqui, além, naquele monte ou naquele vale,
 2 quem me dera mais acima, nas casinhas do meu pai.
 – Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
 4 – Mas, em vindo o meu marido, quem lhe porá de jantar?
 – Teu marido é meu filho, eu lhe darei de jantar.
 6 Ela saiu pela porta e ele entrou pelo portal.
 – Onde está minha esposa, que me não vem dar de jantar?
 8 – Tua esposa, meu filho, foi pra casa do pai
 e uma fada de Deus te boto se a não fores a matar.
 10 – Chame-me cá o meu criado, esse mais liberal.
 Aparelha-me esse cavalo, esse que melhor andar,
 12 jornadinha de três dias em três horas se há de andar.
 – Já lá vem o meu marido, que já sinto rinchar.
 14 – Onde está minha esposa, comigo a quero levar?
 [.....] – Pra onde a tu queres levar?
 16 Paridinha de três dias, que jornadas há de andar?
 – Monta cá no cavalo, [.....]
 18 que jornadinha de três dias em três horas s’ há de andar.
 – Olha pra trás, meu marido, olha se queres olhar,
 20 o cavalo era branco, vê-lo vermelhejar.
 – Anda, anda, meu cavalo, quanto possas andar,
 22 além há camas de seda pra teu corpo descansar.
 A quem deixas a tua roupa, que haja de ta gastar?
 24 – À minha irmã mais velha, que mui bem lh’ há dem ficar.
 – A quem deixas os teus sapatos, que haja de tos gastar?
 26 – À minha irmã do meio, que mui bem lh’ há dem ficar.
 – A quem deixas o teu ouro, que haja de to gastar?
 28 – À minha irmã mais nova, que mui bem lh’ há de ficar.
 – A quem deixas o teu filho? [.....]
 30 – À perra da tua mãe, causadora do meu mal.
 – Deixa-o melhor à tua, que haja de to criar.

17. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Alzira Mercedes Alves, 61 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Quem me dera aqui, aqui, quem me dera aqui, além,
 2 quem me dera mais acima, na casinha de meu pai.
 – Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
 4 – O meu marido foi à caça, quem lhe há de pôr de jantar?
 – O teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
 6 Da caça de qu’ele trouxe eu te guardei melhor manjar,
 do coelho a pelica, da perdiz o depenar.
 8 – Onde está minha esposa, que me não põe de jantar?
 – Tua esposa, ó meu filho, foi pra casa de seus pais,
 10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de ruim pai.
 – De sete criadas que tenho, de mais desembaraçada:
 12 aparelha-me o meu cavalo, onde eu costumo montar,
 caminhada de sete horas em uma se vai andar.
 14 – Já lá vem o meu marido, quem é que lh’ há de falar?
 – Teu marido, minha filha, eu cá estou pra lhe falar.
 16 – Onde está minha esposa, comigo a quero levar?
 – Parida de três dias, pra onde é qu’a queres tu levar?
 18 – Esteja parida, que baleira, comigo há de girar.
 – Olha pra trás, ó D. Pedro, olha bem se queres olhar,
 20 teu cavalo era branco, já se vê vermelhejar.
 – A quem deixas o teu filhinho, em vez de se criar?
 22 – Deixo-lo à negra da tua mãe, foi quem me mandou matar.
 – Deixa-lo antes à tua, que bem to há de estimar,
 24 com as lágrimas dos olhos ela to há de lavar,
 com o lenço da cabeça ela to há de limpar.
 26 – A quem deixas os teus vestidos, em vez de se gastarem?
 – Deixo à minha irmã mais nova, que bem que lh’ há dem ficar.
 28 – A quem deixas as tuas jóias, em vez de se gastarem?
 – Deixo-las à minha irmã mais velha, que bem que lh’ há dem ficar.

Variante: na segunda recitação, a informante inverte a ordem dos versos 26-27 e 28-29.

18. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Quem me dera aqui, além, naquele monte ou naquele vale,
2 quem me dera mais adiante, nas casinhas de meu pai.
– Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
4 – Foi meu marido à caça, quem lhe há de pôr de jantar?
– O teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
6 Da caçada qu’ ele trouxe dela te hei de mandar,
dos coelhos a pelica, das perdizes o depenar.
8 – Minha mãe, onde está minha esposa, que me não põe de jantar?
– A tua esposa, ó meu filho, foi pra casa de seus pais.
10 Maldição de Deus te boto se a não fores matar,
a mim me chamou perra traidora e a ti filho de mau pai.
12 Chamou pelo seu criado, por aquele mais liberal.
– Aparelha-me o meu cavalo, aquele que melhor andar,
14 jornadinha de três dias em três horas s’ há de andar.
Lá no meio do caminho, encontraram um cunhado.
16 – Boas novas te dou, D. Pedro, que tens um filho varão!
– P’ò gosto que eu faço dele, que seja filho que não!
18 – Minha mãe, onde está minha esposa, comigo a quero levar?
– Paridinha de três dias, pra onde a queres tu levar?
20 – Parida, que prenhada, há de ir pra onde eu mandar.
– Minha mãe, dê-m’ o meu colete, que me quero apertar.
22 – Tu p’ onde vais, ó minha filha, que ele vai-te matar?
– Pois ele é o meu marido, tenho d’ ir pra onde m’ ele levar.
24 Sete léguas ele a levou, sem uma fala lhe dar,
e ela lhe soube dizer, ela lhe soube falar:
26 – Olha pra trás, meu marido, olha se queres olhar,
teu cavalinho era branco, se o queres ver vermelhejar.
28 – Anda, anda, Margolinha, àquele convento real,
que lá há camas de seda, pra dormir, descansar.
30 – Eu não quero camas de seda nem dormir nem descansar,
só quero um padre de missa, pra ele me confessar.
32 – Anda, anda, Margolinha, àquele convento real,
que lá há de haver um padre de missa, pra ele te confessar.

- 34 Mas enquanto lá chegamos, nós vamos a testar.
A quem deixas os teus vestidos, qu' haja de tos gastar?
- 36 – À minha irmã mais velha, que mui bem lh' há dem ficar.
– A quem deixas as tuas jóias, qu' haja de tas estimar?
- 38 – À minha irmã do meio, que bem nas há de saber colocar.
– A quem deixas os teus sapatos, qu' haja de tos gastar?
- 40 – À minha irmã mais nova, que gosta muito de bailar.
– A quem deixas o teu menino, qu' haja de to criar?
- 42 – À perra da tua mãe, causadora do meu mal.
– Deixa-lo antes à tua, que melhor to há de estimar,
44 com lágrimas o lava e com beijos o há de limpar.
O menino de três dias ainda veio a falar:
- 46 – Minha avó está no Inferno, meu pai vai a visitar,
a minha mãe está no Céu, eu vou a acompanhar.

19. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Adelino de Jesus Gonçalves, 70 anos, e Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Quem me dera naquele monte, naquele monte ou naquele vale,
2 quem me dera mais adiante, nas casinhas do meu pai.
– Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
- 4 – O meu marido foi à caça, quem lhe há de pôr de jantar?
– O teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
- 6 Da caça que ele trouxe eu dela t' hei de deixar,
do coelho a pelica, da perdiz o depenar.
- 8 – Onde está a minha mulher (.....)?
– A tua mulher, ó meu filho, foi pra casa de teu (*sic*) pai,
10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de mau pai.
Chamou pelo seu criado, aquele mais liberal.
- 12 – Aparelha-me um cavalo, daqueles que melhor andar,
aparelha outro pra ti, pra m' ir a acompanhar.
- 14 Chegaram ao palácio, não acharam por onde entrar.
– O cavalo do meu marido rincha, eu bem no ouço rinchar,
16 dê-me cá os meus vestidos, que me quero levantar.

- Onde está a minha mulher, comigo a quero levar?
- 18 – Paridinha de três dias, pra onde a tu queres levar?
- Que parida, que baleira, aqui não há de ficar.
- 20 – Olha pra trás, ó D. Pedro, olha se queres olhar,
o cavalo era branco e vede-lo vermelhejar.
- 22 Leva-me àquela capela, que me quero confessar.
- Testamento, testamento, confissão não há vagar.
- 24 A quem deixas o teu ouro, que haja de to gastar?
- À minha irmã mais velha, que bem lh' há de ficar.
- 26 – A quem deixas os teus vestidos, qu' ela bem to hão de gastar?
- À minha irmã do meio, que muito bem lh' hão de ficar.
- 28 – A quem deixas o teu filho, que haja de to criar?
- À perra da tua mãe, causadora do meu mal.
- 30 – Deixa-lo antes à tua, que bem to há de tratar,
com as lágrimas dos seus olhos ela o há de lavar,
- 32 com o lenço da sua cabeça ela o há de limpar.

Variante: 12b aquele que melhor andar.

20. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos, ajudado pela filha, Maria José Gomes, 18 anos, e pela mulher, Isaura da Luz Morais, 59 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Quem me dera naquele monte, naquele monte ou naquele vale,
- 2 quem me dera mais acima, na casinha do meu pai.
- Se as saudades são grandes, o caminho pra lá vai.
- 4 – O meu marido foi à caça, quem l' há de pôr de jantar?
- O teu marido é meu filho, eu lhe porei de jantar.
- 6 Da caça que ele trouxe dela a ti t' hei de deixar,
do coelho a pelica, da perdiz o depenar.
- 8 – Onde está a minha mulher, que me não põe de jantar?
- A tua mulher, meu filho, foi pra casa de seu pai,
- 10 a mim me chamou perra velha e a ti filho de mau pai.
Chamou por um dos seus criados, por um do mais liberal.
- 12 – Aparelha-me um cavalo, daqueles que melhor andar,

- aparelha outro pra ti, que m' hás d' ir a acompanhar.
- 14 Jornadinha de três dias em três horas se há de andar.
Deu três voltas ao castelo, sem saber por onde entrar.
- 16 – O cavalo do meu marido rincha, eu bem no ouço rinchar,
dai-me cá o meu vestido, que o quero ir esperar.
- 18 – Onde está a minha mulher, que a quero levar?
– Paridinha de três dias, não se pode levantar.
- 20 – Que parida, que baleira, há de m' ir a acompanhar.
Chegou ao meio do caminho, sem uma fala lhe dar.
- 22 – Olha pra trás, ó D. Pedro, olha se queres olhar,
o cavalo era branco, vê-lo a vermelhejar.
- 24 Leva-me àquela capela, leva-me àquela orada,
chama um padre de missa que me quero confessar.
- 26 – Testamento, testamento, confissão não há vagar.
A quem deixas os teus vestidos, quem tos há de gastar?
- 28 – À minha irmã mais velha, que mui bem lh' há dem ficar.
– A quem deixas os teus sapatos, quem haja de tos gastar?
- 30 – À minha irmã do meio, que mui bem lh' há dem ficar.
– A quem deixas o teu menino, quem haja de to criar?
- 32 – À perra da tua mãe, causadora do meu mal.
– Deixa-o antes à tua, que ela to há de criar,
- 34 com as lágrimas dos seus olhos ela to há de lavar,
com os cabelos da sua cabeça ela to há de limpar.

Variantes: 17 dai-me cá os meus vestidos, que me quero levantar; 18b que me não vem esperar; 19b não te pode acompanhar.

21. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida nos dias 10 e 12 de agosto de 1982.

- Quem me dera aqui, além, naquele monte, naquele vale,
2 quem me dera mais além, nas casinhas de meu pai.
– Se os desejos são tão grandes, o caminho pra lá vai.
(.....)

- 4 – Onde está o meu espelho, que nele me quero espelhar?
– Qual tu queres, meu filho, o de prata ou o de metal?
- 6 – Quero minha esposa, que não me põe de jantar.
– A tua esposa aí vai, a caminho de Portugal,
8 a mim me chamou perra velha e a ti filho de mau pai.
Minha bênção te não deito, se a não fores matar.
- 10 – Aparelha-me esse cavalo, esse que melhor andar,
jornadinha de três dias em três horas se há de andar.
- 12 – Onde está a minha mulher, que a quero já levar?
– Paridinha de três dias, como a queres levar?
- 14 – Que parida, que baleira, ponha-ma cá a andar.
– O cavalo era branco e já vai a vermelhejar.
- 16 – A quem deixas os teus vestidos, a quem haja de tos gastar?
– À minha irmã mais velha, que bem os há de estimar.
- 18 – A quem deixas o teu ouro, a quem haja de to gastar?
– À minha irmã mais nova, que com ele há de brilhar.
- 20 – A quem deixas o teu filho, a quem haja de to criar?
– À perra da tua mãe, causadora de tanto mal.

Variantes: 4b onde m' eu ia espelhar; 5a Qual queres; 6a a minha mulher; 7a A tua mulher;
14b ponha-ma já; 17b sabe estimar.

XX. A LAVADEIRA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Porque não cantas tu, lavadeira, ao som da tua barrela?
- 2 A caldeira era de prata e o sabão de prata era.

Variante: 2 O tacho era de prata e os panos de prata era.

2. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela,
2 ela cantando dizia: – Oh, que coada tão bela!
Ela lavava no rio, estendia ao par da serra,
4 no gruminho da silva, na folhinha da malvela.

3. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela,
2 o sabão que lhe deitava era cravo e canela.

4. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela,
2 os panos que ela lavava eram do rei de Castela,
o sabão que lhe deitava era cravo e canela,
4 o cesto donde coava era de verga amarela.
Ela lavava no Douro, estendia ao par da serra,
6 enquanto os panos acoram, o rei brincava com ela.

Variantes: 3a que lhe botava; 3b viera da Inglaterra; 6b brinca.

5. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela.
2 O sabão que lhe deitava era de cravo e canela,
o cesto onde levava era de verga amarela.
4 A roupa que ela lavava estendia ao par da serra,
enquanto a roupa corava, o rei falava com ela.

6. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos, ajudado pela filha, Maria José Gomes, 18 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela,
2 ela lavava no rio, estendia ao par da serra.
A roupa que ela lavava era do rei de Castela,
4 o sabão que lhe deitava era cravo e canela,
a cinza que lhe deitava era a flor da maçanela,
6 o cesto onde assentava era de verga amarela,
a caldeira era d'ouro e a asa de metal era.

XXI. O CONDE ALARCOS

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Passeando vai Silvana, corredor abaixo, corredor acima,
2 acordou o seu pai da cama, c' o instrumento (*sic*) que fazia.
– Tu que tens, ó minha filha, que tanto instrumento (*sic*) fazia?
4 – Já todas haveis casado, só para mim não havia.
– Cala-te aí, ó Silvana, cala-te, filha minha,
6 que neste reinado não há coisa que te sirva.
Está aí o conde Flores, mas é casado e tem família.
8 – Esse, esse, meu pai, esse, esse era o que eu queria,
que me deu um anel d'ouro quando eu era menina.
10 – Mandai-mo cá chamar, antes do meio-dia,
que mate a sua mulher pra casar com a minha filha.
12 – Que me quereis, ó meu rei, que tanta pressa metia?
– Quero que mates a tua mulher, antes do meio-dia,
14 que me tragas a cabeça nesta sagrada bacia,
tapada com véu de seda, qu' em tua casa o havia.
16 Foi-se o conde para casa, dando ais da sua vida.

- Tu que tens, ó conde, ó conde da minha vida?
- 18 – Disse o rei que te mate pra casar com a sua filha,
que leve a cabeça nesta sagrada bacia,
20 tapada com véu de seda, qu’ em nossa casa o havia.
– Mama, mama, meu menino, este leite d’ amargura,
22 qu’ amanhã, por estas horas, meu corpo está na sepultura.
(.....)
– Já morreu o rei e a perra da sua filha.

Variantes de 1981: 3 Tu que tens, ó Silvana, tu que tens, ó filha minha?; 5 Cala-te, ó Silvana, cala-te, ó filha minha; 6a que neste reino reinado; 7b está casado; 14a e que; 21 Mete-me num convento, no de Santa Maria, / dá-me a comida por onças e a água por medida.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Muito se passeia a Silvana por o corredor acima,
2 tocando na sua guitarra, muito bem que ela a tangia.
Acordou o rei seu pai, que na cama estava a dormir.
4 – Que é que tens, D. Silvana, que é que tens, ó hija mia?
– Todas as irmãs se casaram, só eu não encontrei quem merecia.
6 – Já corri condes e duques, não achei quem tu merecias,
só achei o conde Albano, é casado e tem família.
8 – Esse mesmo, ó meu pai, esse mesmo é que eu queria.
Mande-mo cá já chamar por a sua honra e a minha.
10 Palavras não eram ditas, conde Albano à porta batia.
– Que quer vossa majestade, que quer vossa senhoria?
12 – Que mates tua mulher para casar com minha filha.
– Como a hei de matar qu’ ela mo não merecia?
14 – Trazes la cabeça num véu e o coração numa bacia.
Ele foi dali pra casa a jantar, nem um nem outro comia.
16 – O que é que tens, ó conde Albano, que tu tanto m’ agonias?
– Só indo os dois para o jardim, ali é que to dizia.
18 Foram os dois para o jardim, nem um nem outro colhia.
– Que é que tens, ó conde Albano, o que é que tens, ó alma minha?

- 20 – Indo os dois para a cama, ali é que to diria.
Foram os dois para a cama, nem um nem outro dormia.
- 22 – Que é que tens, ó conde Albano, que tu tanto m’ agonias?
– Disse o rei que te matasse para casar com sua filha.
- 24 – Chama tu o barbeiro para me abrir uma sangria.
Mama, mama, minha filha, este leite d’ amargar,
26 amanhã, por esta hora, não estarei neste lugar.
Mama, mama, minha filha, este leite d’ amargura,
28 amanhã, por esta hora, eu estarei na sepultura.
Tocam os sinos em Braga. Oh, meu Deus, quem morreria?
- 30 Respondeu a filha do berço, que três meses ainda não tinha:
– Foi o perro do rei e a traidora sua filha.
- 32 – Corre, corre tu, ó barbeiro, a tapar uma sangria.
Quero lograr a minha mulher, lográ-la ainda mais uns dias.

Variantes: 1b por o seu; 3b da sua cama a dormir; 9b da sua parte e da minha; 12b se ela mo; 14a Trazes-me a; 15a Sentaram-se os dois à mesa; 15b nem um nem outro comia; 16b o que é que tens, ó alma minha; 17 Indo os dois para o jardim, ali é que eu te diria/ Se fôssemos os dois para o jardim, ali é que te diria.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Muito se passeia a Silvana por o corredor acima,
2 tocando numa guitarra e ela bem que a tangia.
Ouviu o seu pai da cama o som do que ela fazia.
- 4 – Tu que tens, ó Silvaninha, tu que tens, ó minha filha?
– De sete irmanas que eu tinha só eu fiquei solteirinha.
- 6 – Corri reinos e reinados, não achei quem te merecia,
só achei o conde Albano, casado e tem família.
- 8 – Esse mesmo, ó meu pai, esse mesmo me servia.
Ainda me alembra os beijos que me deu de pequenina.
- 10 – Mande-o, pois, cá chamar. E o conde à porta batia.
– Que me quer, ó senhor rei, que quer vossa senhoria?
- 12 – Que mates tua mulher, que cases com a minha filha

e que me tragas a cabeça nesta dourada bacia,
 14 coberta com um véu de seda que no palácio havia.
 Conde Albano foi para casa, bem triste da sua vida.
 16 – Tu que tens, ó meu dom conde, tu que tanto m’ agonias?
 – Manda fazer o jantar das onze para o meio-dia,
 18 vamos ambos para a mesa, só ali eu to diria.
 Mandou fazer o jantar das onze para o meio-dia,
 20 foram ambos para a mesa, nem um nem outro comia.
 – Tu que tens, ó meu dom conde, tu que tanto m’ agonias?
 22 – Vamos ambos para o jardim, só ali eu to diria.
 Foram ambos para o jardim, nem um nem outro colhia.
 24 – Tu que tens, ó meu dom conde, tu que tanto m’ agonias?
 – Vamos ambos para a cama, só ali eu to diria.
 26 Foram ambos para a cama, nem um nem outro dormia.
 – Tu que tens, ó meu dom conde, tu que tanto m’ agonias?
 28 – Disse-m’ o rei que te matasse e que casasse com a sua filha,
 que levasse a cabeça nesta maldita bacia,
 30 coberta com um véu de seda que no palácio havia.
 – Mama, mama, meu menino, este leite da paixão,
 32 amanhã, por esta hora, estaremos no meu caixão.
 Mama, mama, meu menino, este leite da amargura,
 34 amanhã, por esta hora, estaremos na sepultura.
 Tocam os sinos em Braga. Oh, meu Deus, quem morreria?
 36 – Morreu o ladrão do rei e a perra da sua filha.
 Descasar os bem casados era coisa que Deus não queria.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Muito se passeia a Silvana por o corredor acima,
 2 tocando numa guitarra, muito bem que a tangia.
 Ouviu o seu pai da cama o estrondo qu’ ela fazia.
 4 – Tu que tens, D. Silvana, tu que tens, ó minha filha?
 – De sete irmanas qu’ eu tinha, só eu fiquei solteirinha.
 6 – Corri reinos e reinados, não achei quem te merecia,

- só achei o conde Albano, é casado, tem família.
- 8 – Mandai-mo cá chamar, por uma partida minha.
– Que me quer o senhor rei, que quer vossa senhoria?
- 10 – Que mates tua mulher e que cases com minha filha,
que me tragas a cabeça nesta sagrada bacia,
12 coberta c’ um véu de seda que no palácio havia.
Conde Albano foi pra casa, mais triste que a sua vida,
14 mandou pôr o jantar antes de ser meio-dia.
– Tu que tens, ó conde Albano, tu que tanto m’ agonias?
- 16 – Disse-me o ladrão do rei [.....]
que te matasse a ti, mulher, e que casasse com sua filha,
18 que lhe levasse a cabeça nesta sagrada bacia,
coberta c’ um véu de seda que no palácio havia.
- 20 Tocam os sinos em Braga. Oh, meu Deus, quem morreria?
– Morreu o ladrão do rei e a perra da sua filha.
- 22 – Manda chamar o barbeiro que me tape esta sangria.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Maria Miquelina Martins, 72 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Muito passeia a Silvana por o corredor acima,
2 tocando numa guitarra, muito bem que a tangia.
– Tu que tens, ó Silvana, tu que tens, ó filha minha?
- 4 – Todas as irmãs foram casadas, só eu fiquei solteirinha.
– Eu corri reinos e reinados, não achei quem te merecia,
6 achei o conde Albano, é casado, tem família.
– Esse mesmo, ó meu pai, esse mesmo me servia.
- 8 Ainda me lembram os beijos que me dava de pequenina.
Palavra não era dita e o conde à porta batia.
- 10 – Que quer o senhor rei, que quer a vossa senhoria?
– Quero que mates a tua mulher e que cases com a minha filha,
12 que me tragas a cabeça nesta tão real bacia.
– Como hei de matar a minha mulher, s’ ela a morte não ma merecia?
- 14 O conde foi para casa, mais triste do que alegria,
mandou pôr de jantar antes de dar o meio-dia.

- 16 – Tu que tens, ó meu bom conde, tu que tanto m’ agonias?
Sentaram-se ambos à mesa, nem um nem outro comia.
- 18 – Tu que tens, ó meu bom conde, tu que tanto m’ agonias?
– Vamos ambos para o jardim, só ali eu to diria.
- 20 Foram ambos para o jardim, nem um nem outro colhia.
– Tu que tens, ó meu bom conde, tu que tanto m’ agonias?
- 22 – Vamos ambos para a cama, só ali eu to diria.
Foram ambos para a cama, nem um nem outro dormia.
- 24 – Disse-m’ o rei que te matasse e que casasse com a sua filha,
que levasse a cabeça nesta maldita bacia,
26 coberta com um véu de seda que no palácio havia.
– Cala-te aí, meu bom conde, para isso remédio havia.
- 28 Deixa-me dar um passeio da sala para a cozinha,
mata-me com laços d’ ouro qu’ em casa ainda os havia.
- 30 Tocam os sinos em Braga. Oh, meu Deus, quem morreria?
Responde uma criança, que ainda falar não sabia:
- 32 – Foi o ladrão do rei e a perra da sua filha.
A alma dela está no Inferno e a do pai pra lá ia.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Muito se passeia a Silvana por um corredor acima,
2 tocando numa guitarra, ela bem que a tangia.
– Tu que tens, D. Silvana, tu que tens, ó alma minha?
- 4 – Todas as irmãs se casaram, só para mim não havia.
– Já corri duques e condes, não achei quem te merecia,
6 só achei o conde Albano, é casado e tem família.
– Esse mesmo, ó meu pai, esse mesmo era o que eu queria.
- 8 Mande-o já cá chamar da sua parte e da minha.
Palavras não eram ditas, o conde à porta batia.
- 10 – Que é o que quer, vossa majestade, que é o que quer, vossa senhoria?
– Que mates a tua mulher e que cases com a minha filha.
- 12 – Cale-se aí, ó meu rei, que para isso remédio havia.
Mas como eu a matarei, a morte não ma merecia?

- 14 O conde Albano foi pra casa, com mais triste do que alegria.
Sentaram-se ambos à mesa, mas Albano não comia.
- 16 – Que é o que tu tens, conde Albano, que é o que tu tens, ó alma minha?
Sentaram-se ambos no jardim, mas Albano não colhia.
- 18 – Que é o que tu tens, ó conde Albano, que é o que tu tens, ó alma minha?
– Chamou-me o perro do rei para casar com a sua filha.
- 20 – Cala-te aí, conde Albano, para isso remédio havia.
Manda chamar o barbeiro que me abra uma sangria.
- 22 Tocam os sinos em Braga. Oh, meu Deus, quem morreria?
Responde a criança do berço, quatro meses ainda não tinha:
- 24 – Morreu o perro do rei, matador da sua filha,
o rei foi para o inferno e a filha para lá iria.

Variante: 15b nem um nem outro comia.

7. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Bem se passeia a Silvana por aquele corredor acima,
2 tocando numa guitarra, muito bem que a cingia.
Bem lhe mirava o seu pai do quarto donde dormia.
- 4 – Que é isso, ó Silvana, que é isso, filha minha?
– Pois casai-me, meu pai, casai-me, que a idade mo requ’ria,
6 qu’ as outras ò meu tempo estão casadas, têm família.
– Já corri condes e duques, não encontrei quem te merecia,
8 só encontrei o conde d’ Albano, está casado e tem família.
– Pois era esse, meu pai, era esse, era esse o conde qu’ eu queria.
- 10 E dali horas por instante, o conde à porta batia.
– Que me quer, real senhor, que me quer vossa senhoria?
- 12 – Pois quero que mates a condessa pra casar com filha minha.
– Mas com’ a eu vou matar, s’ ela a morte ma não merecia?
- 14 – Pois tens que a matar sem remédio e de sina me traes a língua.
Pois foi o conde para casa, louco da sua vida.
- 16 – Conta-me, conta-me, ó conde, conta-m’ a tua agonia.
– Vamo-nos daqui prò jardim, qu’ eu lá to contaria.

- 18 – Conta-me, conta-me, ó conde, conta-m’ a tua agonia.
 – Pois vamo-nos para o jantar, qu’ eu lá te contaria.
- 20 – Conta-me, conta-me, ó conde, conta-m’ a tua agonia.
 – Vamo-nos deitar à cama, qu’ eu lá to contaria.
- 22 – Conta-me, conta-me, ó conde, conta-m’ a tua agonia.
 – Pois quer el-rei que te mate pra casar com sua filha.
- 24 – Esse ladrão desse rei telha tem com gente minha,
 já mandou matar meu pai e dois lindos irmãos que tinha.
- 26 Mas dali horas por instante, um anjo à porta batia.
 – Conde, não mates a condessa, não faças tal vilania,
 28 qu’ o rei já está no inferno e a rainha sua filha.

8. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Alice Augusta Garcia, 58 anos, ajudada por Delmina dos Santos, 53 anos, nos versos finais. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Muito passeia Silvana pelo corredor acima,
 2 tocando numa guitarra, o estrondo que ela fazia.
 (.....) pra ver o que a filha tinha.
- 4 – Tu que tens, ó minha filha, tu que tens, ó filha minha?
 – Queria-me casar, meu pai, isso mesmo é qu’ eu queria.
- 6 – Tu quem queres, ó minha filha, tu quem queres, ó filha minha?
 – Eu queria o conde Albano, esse mesmo é qu’ eu queria.
- 8 – O conde Albano é casado, é casado, tem família.
 – Mandai-o cá chamar da sua parte e da minha.
- 10 – Quero que mates a tua mulher pra casar co’ a minha filha.
 Amanhã quero a cabeça aqui na minha nobre bacia.
- 12 – Tu que tens, ó conde Albano (.....)?
 – Manda fazer o almoço, eu logo to contaria.
- 14 Mandaram fazer o almoço, nem um nem outro comia.
 – Tu que tens, ó conde Albano (.....)?
- 16 – Manda fazer a ceia, que logo to contaria.
 – O rei mandou-me chamar pra te matar e casar co’ a Silvaninha.
- 18 – Mama, meu filhinho, mama o leite da amargura,
 que amanhã por esta hora já estarei na sepultura.
- 20 Tocam os sinos na torre. Oh, meu Deus, quem morreria?

- Morreu o perro do rei e a perra da sua filha.
22 Pra descasar os bem casados é coisa que Deus não queria.

Variantes: 5a Quero-me; 7a Quero; 12 Tu que tens, ó mulher, tu que tens, ó mulher minha; 14a Mandou; 15 Tu que tens, ó mulher, tu que tens, ó mulher minha; 18 Dá-me o meu filho, quero que mame o leite da amargura; 20b o que seria.

9. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Bem se passeia a Silvana alto corredor acima,
2 tocando na sua guitarra, muito bem que a [...?...].
Fez acordar o seu pai no quarto donde dormia.
4 – Tu que tens, ó Silvana, tu que tens, ó filha minha?
– Sete irmãs qu’ eu tinha já só eu estou solteirinha.
6 – Já corri vilas e cidades, não achei quem te merecia,
achei o conde de Albar, é casado, tem família.
8 – Pois esse conde, ó meu pai, esse conde era o qu’ eu queria,
que me deu uma aliança quando eu era pequenina.
10 Mande-o chamar, meu pai, por a sua parte e por a minha,
pra que venha mais depressa, ponha-lhe pena de vida.
12 – Aqui estou, ó meu rei, que me quer vossa senhoria?
– Quero que mates tua mulher pra casar com filha minha.
14 – Como a matarei, meu rei, s’ a morte não ma merecia?
– Não te digo isso, [.....]
16 que me tragas a cabeça nesta dourada bacia.
O conde foi para casa, nem comia nem dormia.
18 – Tu que tens, ó meu conde, tu que tens que t’ eu faria?
– El-rei te mandou matar pra casar com sua filha.
20 – Manda-me pra casa de meus pais, qu’ eu lá tão bem estaria.
– Ele me disse isto, [.....]
22 que lhe levasse a cabeça nesta maldita bacia.
– Deixa-me dar um passeio do corredor prà cozinha.
24 Adeus criadas e criados, com quem m’ eu divertia.
Mama, mama, meu menino, este leite da amargura,

- 26 amanhã, por estas horas, já estou na sepultura.
Falou o menino que três dias não tinha:
- 28 – Tocam os sinos em Braga. Meu Deus, quem morreria?
Morreu o perro do rei e a perra da sua filha,
- 30 por descasar os bem casados, que Deus não permitia.

10. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Bem se passeia a dona Silvana alto corredor acima,
2 tocando numa guitarra, muito bem que a tocaria,
e o som dela vai dizendo: – Valha-m’ aqui, D. Garcia!
- 4 Seu pai muito a admirava, da sala donde dormia.
– Tu que tens, ó dona Silvana, tu que tens, ó minha filha?
- 6 – Sete irmãs que nós éramos, só eu fiquei solteirinha.
– Corri vilas e cidades, não encontrei quem te merecia,
8 encontrei o conde do Algarve, é casado, tem família.
– Esse conde, ó meu pai, era o que m’ a mim servia,
10 quando eu era menina, de amores me pretendia.
Mande-o chamar, meu pai, da sua parte e da minha,
12 pra que venha mais depressa, ponha-lhe pena de vida.
– Que quer vossa real alteza, que quer vossa senhoria?
- 14 – Que mates a tua mulher e cases com a minha filha.
– Como hei de fazer isso, s’ ela a morte não ma merecia?
- 16 – Hás de me trazer a cabeça nesta dourada bacía.
E o conde foi para casa, muito triste da sua vida.
- 18 – Conta-m’ aqui, meu marido, conta-m’ a tua agonia.
Que te queria o nosso rei, que te pôs pena de vida?
- 20 – Vamo-nos para o jardim qu’ eu só lá to contaria.
Estavam nas rosas floridas, nem um nem outro colhia.
- 22 – Conta-m’ aqui, meu marido, conta-m’ a tua agonia.
Que queria o nosso rei, que tanta pressa te metia?
- 24 – Vamo-nos sentar à mesa qu’ eu só lá to contaria.
– Conta-m’ aqui, meu marido, conta-m’ a tua agonia.
- 26 Que queria o nosso rei, que eu saber também queria?
– Vamo-nos deitar à cama qu’ eu só lá to contaria.

- 28 – Conta-me, meu marido, conta-me a tua vida.
Que te queria o nosso rei e também a sua filha?
- 30 – Que te matasse, ó minha mulher, que le casasse com a filha.
– Manda-me prò convento, que eu de lá nunca saía.
- 32 – Como hei de fazer isso, se o rei tudo sabia?
– Manda-me pra casa dos meus pais, qu’ eu de lá nunca fugia.
- 34 – Mandou-me levar a cabeça nesta maldita bacia.
– Mete-me num quarto escuro, num quarto de cantaria,
36 como eu estou muito mimosa, de pouco em pouco me ficaria.
Mamai, meu menino, mamai este leite da amargura,
38 amanhã, por esta hora, já estarei na sepultura.
Mamai, meu menino, mamai este leite de paixão,
40 amanhã, por esta hora, já estarei no caixão.
Tocam nos sinos à morte. Oh, meu Deus, quem morreria?
- 42 – Foi o ladrão do nosso rei e a perra da sua filha,
queria apartar dois casados, coisa que Deus não queria.

Variantes: 3b Valei-m’ aqui; 5b ó filha minha; 6b somos; 35a e 37a meus meninos.

11. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Bem se passeia a Silvana alto corredor acima,
2 tocando na sua guitarra, que ela bem se repenica.
– Tu que tens, ó Silvana, tu que tens, ó filha minha?
- 4 – Todos vejo casados, só eu fico solteirinha.
– Cala, cala, minha filha, qu’ inda não encontrei quem te merecia,
6 só encontrei o conde da Alemanha, é casado, tem família.
– Era esse, meu pai, esse bem que me servia.
- 8 Mande-o chamar, ó meu pai, à sua conta e à minha.
O rei o mandou chamar para casar com a sua filha.
(.....)
- 10 – Quero que me tragas a cabeça nesta dourada bacia.
(.....)
- Mama, mama, meu filho, este leite da amargura,
12 amanhã, por esta hora, já estarei na sepultura.

Tocam os sinos em Braga. Oh, meu Deus, quem morreria?
 14 – Foi o ladrão do rei e a perra da sua filha,
 minha mulher mandou matar para casar com a sua filha.

Variantes: 5b achei; ainda só achei o conde d' Albano; 7b era esse quem eu queria; 10b ditosa bacia.

**12. Versão de Bairro do Lusedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais).
 Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.**

Bem se passeia a Silvana pelo corredor acima,
 2 que acordava o seu pai no quarto onde dormia.
 – O que tens tu, ó Silvana, o que tens, ó filha minha?
 4 – De sete irmãs qu' eu tenho, já só eu estou solteirinha.
 – Eu já corri sete reinos, não achei quem te merecia,
 6 só sendo o conde d' Albar, mas é casado e tem família.
 – Pois esse sim, ó meu pai, esse sim é qu' eu queria.
 8 Mande-o chamar, ó meu pai, da sua parte e da minha.
 – Aqui me tem, ó meu rei, minha real senhoria.
 10 – Vai matar tua mulher pra casar com minha filha.
 – Como hei de fazer, ó meu rei, pois s' ela não mo merecia?
 12 – Mata-a e traz-me a cabeça nesta dourada bacia.
 – Anda cá, ó minha esposa, anda cá, esposa minha,
 14 o rei me mandou matar-te pra casar com sua filha.
 Mandou-me levar tua cabeça nesta maldita bacia.
 16 – Trazei-m' a filha mais velha, que a quero pentear,
 e trouxei-m' o filho mais novo, que lhe quero dar de mamar.
 18 Mama, mama, ó meu filho, este leite da amargura,
 que o corpo da tua mãe está próximo à sepultura.
 20 Tocam os sinos na sé. Oh, meu Deus, quem morreria?
 – Morreu o perro do rei e a perra da sua filha,
 22 queriam descasar os bem casados, aquilo que Deus não queria.

Variantes: 10b pra casares com filha minha; 13a e b mulher; 19b vai baixar à.

Romances de mulheres adúlteras

XXII. O CONDE DA ALEMANHA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recollida no dia 27 de agosto de 1981.

(.....)

– Cala-te lá, minha filha, que o conde é bom rapaz,

2 [.....] vestido de seda te há de dar.

– Não te quero vestidos de seda, já os tenho de damasco,

4 ainda tenho o meu pai vivo, já me queredes dar padrasto.

Deixa vir o meu pai que eu lho saberei contar.

(.....)

6 – Cala-te lá, minha filha, que isso foi para brincar.

– Mal o haja esta brincadura, tal modo de brincar,

8 que me agarrou por um braço, prà cama me queria levar.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recollida no dia 20 de agosto de 1982.

– As mangas desta camisa eu não as chegue a romper,

2 s' em vindo o meu papá não lo for logo dizer.

– Cala-te aí, minha filha, bem te podes calar,

- 4 o conde é bom rapaz, vestidos de seda t' há de dar.
 – Não quero vestidos de seda, que já os tenho de damasco,
 6 ainda tenho o meu pai vivo, já me queres dar padraço.
 – Viva, viva, meu papá, e a sua vinda real,
 8 tenho muito que lhe dizer e muito mais que lhe contar:
 o conde da Alemanha comigo quer casar.
 10 – S' isso é, ó minha filha, eu mando-to já matar.
 (.....)

3. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Lá baixo vem a noite, vai-se a luz ao claro dia,
 2 lá vai o conde da Alemanha pra dormir com a rainha.
 Ninguém o sabia na rua, senão ela e a sua filha.
 4 – Bem podias tu, minha filha, ajudar-me a encobrir,
 qu' o conde é muito rico, de ouro nos há de vestir.
 6 – Eu não quero vestidos d' ouro, que já os tenho de damasco,
 ainda o meu pai é vivo, já me querem dar padraço.
 8 Co' esta espada m' eu corte, co' outra de mais cortar,
 assim qu' o meu pai vier, s' eu lo não for a contar.
 10 – Bem-vindo, ó meu pai, e a sua coroa real,
 tenho muito a dizer-lhe, tenho muito que contar:
 12 o bom do conde Aninho comigo queria casar.
 – Cala-te aí, ó minha filha, eu o mandarei matar.
 14 – Venha, ó minha mãe, à janelinha da borda,
 venha ver o conde Aninho que já vai preso à corda.
 16 – Mal o hajas, minha filha, e o leite que tu mamaste,
 a morte do conde Aninho foste tu quem a causaste.
 18 – Cale-se aí, minha mãe, ninguém o saiba na rua,
 a morte do conde Aninho já devia ser a sua.

Variantes: 5a o conde; 8b mais talhar.

4. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Já lá baixo vem a noite, vai-se a luz ao claro dia,
2 já lá vem o conde da Alemanha pra dormir com a rainha.
Ninguém no sabia nas cortes, não sendo a sua filha.
4 – Bem podias, minha filha, ajudar-me a encobrir,
el-rei é muito rico, de seda te há de vestir.
6 – Eu não quero vestidos de seda, qu'inda os tenho de damasco,
ainda meu pai é vivo e já me quer dar padrasto.
8 – Bem-vindo sejas, meu pai, e a tua coroa real,
tenho muito que te dizer e muito mais que te contar:
10 el conde Aninho comigo queria brincar.
– Cala-te, minha filha, qu'isso não era por mal.
12 – Mal o haja tais brinquedos e tais modos de brincar,
agarrou-me por um braço, à cama me queria levar.
14 – Cala-te, minha filha, que eu o mandarei matar.
– Venha, minha mãe, venha, venha à janela do meio,
16 venha ver o conde Aninho vestido de vermelho.
Venha, venha, minha mãe, venha à janela da borda,
18 venha ver o conde Aninho que já se vai embora.
Venha, venha, minha mãe, venha à janela do cabo,
20 venha ver o conde Aninho que já vai degolado.
– Mal o haja, minha filha, e o leite que tu mamaste,
22 a morte do conde Aninho foste tu que la causaste.
– Cale-se, minha mãe, ninguém a ouça na rua,
24 a morte do conde Aninho devia ser a sua.

5. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Já lá baixo vem a noite, vai-se a luz ò claro dia,
2 vem o conde de Marmanhas pra dormir com a rainha.
Ninguém no sabe nas cortes, senão a sua filha.
4 – Bem podias tu, ó minha filha, ajudar-mo a encobrir,
o conde é muito rico, de seda nos há de vestir.

- 6 – Não quero vestidos de seda, qu'inda os tenho de damasco,
inda tenho o meu pai vivo, já me querem dar padraço.
- 8 As mangas desta delgada eu não as chegue a romper,
quando vier o meu pai, se lho eu não for dizer.
- 10 – Bem-vindo sejais, meu pai, e a vossa coroa real,
tenho muito que vos dizer, muito mais que vos contar.
- 12 – Anda, anda, minha filha, anda pôr-me de jantar.
– O conde de Marmanhas de mim se queria gozar.
- 14 – O conde era muito novo, tudo era por brincar.
– Leve o demo tais brincos, leve o demo tal brincar,
- 16 agarrou em mim em braços, prà cama me queria levar.
– Se isso é, ó minha filha, eu o mandarei matar.
- 18 Outro dia de manhã cedo, já tocava a degolar.
– Corra, corra, ó minha mãe, àquela janelinha do meio,
- 20 se quer ver o conde Aninho vestidinho de vermelho.
– Mal o hajas tu, minha filha, e o leite que tu mamaste,
- 22 a morte que teve o conde foste tu quem lha causaste.
– Cale-s' aí, minha mãe, cale-se, ninguém na ouça na rua,
- 24 a morte que teve o conde bem pudera ser a sua.

Variantes: 13b de mim queria abusar; 14a é; 19a minha mãe; 23b que ninguém.

6. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Já lá baixo vem no sol, lá vem o claro dia,
2 lá vem o conde da Alemanha de dormir com a rainha.
(.....)
- O conde da Alemanha é rico, ele d' ouro t' há de vestir.
- 4 – Não quero vestidos d' ouro, que já os tenho de damasco,
ainda meu pai é vivo, já me querem dar padraço.
(.....)
- 6 – Maldita sejas, ó filha, e o leite que tu mamaste,
a morte de dom conde foste tu quem na causaste.
- 8 – Bendita sejas, ó filha, e o leite que tu mamaste,
qu' uma menina de quinze anos, a mãe da morte livraste.

XXIII. FREI JOÃO

1. Versão de Babe (concelho de Bragança), recitada por Maria Libânia Romão, 70 anos, que o aprendeu, quando menina, com o futuro marido, natural de Milhão (concelho de Bragança). Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Levantou-se o Frem João numa manhã de geadas,
2 à porta dum morena foi passar a madrugada.
– Levanta-te lá, ó morena, morena linda casada,
4 anda-me a abrir a porta que estou c’os pés na geadas.
– Como m’hei d’alevar, Frem João da minha alma?
6 Tenho o meu menino nos braços e o marido à ilharga.
– O menino deita-o no berço, o marido manda-o à caça.
8 – Tenho uma moça palrona, o que sabe nada cala.
– A essa moça palrona, promete-se-l’ uma saia.
10 – Tenho uma perra raivosa, em sentindo logo ladra.
– A essa perra raivosa, deita-se-l’ uma rabanhada.
12 – Tenho uma porta de vidro, em bulindo logo estala.
– A essa porta de vidro, deita-se-l’ uma jarra d’água.
14 ‘Tando a morena com isto, o seu marido acordava.
– Com quem falas, ó minha mulher, com quem dás as tuas falas?
16 – Eu as dou com a forneira, vinha a ver se já amassava.
Levanta-te, ó meu marido, cham’òs cães e vai-t’ à caça,
18 que não há melhor coelho que o da fresca madrugada.
‘Ind’ò marido ia na escada, já a morena s’asseava:
20 vestia vestidos de seda, sapatos de prata calçava,
vesti’ò manto dourado, prò Frem João caminhava.
22 Lá no meio do caminho, c’o marido se encontrava.
– Onde vens, minha mulher, donde vens tão asseada?
24 – Fui a ouvir missa nova, com o Frem João a rezava.
– A missa do Frem João vai-t’ a sair bem cara.
26 Lá te vai uma facada à raiz do coração,
não te quero mais voltar a ver nos braços do Frem João.
28 – Não m’importa que me mates nem me deixes por matar,
só me custa pelas filhas, que me ficam por criar.
30 – As tuas filhas, morena, eu tas mandarei criar.

Uma é para me vestir, a outra para me calçar
 32 e a mais novinha de todas, ficará prò que l'eu mandar.

Variantes: 1b uma manhã; 4a vem-me a abrir; 6a Estou com o menino; 7b e o marido; 11b rabanada; 13b bota-se-l' uma jarra.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

– Abre-m' a porta, morena, morena linda casada.
 2 – Como t' hei d' abrir a porta, Frei João da minha alma?
 Tenho o meu filho nos braços, meu marido à ilharga,
 4 tenho uma perra mai fina, quando sente logo ladra.
 A porta era de vidro, quando topa logo estala.
 6 – Quem é esse, ó mulher minha, que à nossa porta chamava?
 – Era o filho da padeira, para ver se lh' amassava.
 8 Levanta-te, ó meu marido, levanta-te e vai à caça,
 que não há melhor coelho que a lebre da madrugada.
 10 Seu marido vai à caça, ela muito se aseava:
 calçava meias de vidro, sapatos à talagaia.
 12 Para a porta do convento, não fugia que saltava,
 para a porta do convento, por Frei João procurava.
 14 – Onde vais, ó mulher minha, donde vais tão aseada?
 – Venho d' ouvir missa nova, que o Frei João a rezava.
 16 – Essa missa, mulher minha, ela te será bem paga.
 Lá te vai este punhal direito ao coração,
 18 para que fique a lembrar a missa do Frei João.

3. Versão de Pinheiro Velho (concelho de Vinhais), recitada por Ana Augusta do Rio, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

– Abre-m' a porta, morena, morena da minha alma,
 2 abre-m' a porta morena, qu' estou c' os pés à geadá.
 – Como t' hei d' abrir a porta, Frei João da minha alma?
 4 Estou c' o meu filho nos braços, meu marido à ilharga.

- O teu filho deita-o no berço, o teu marido vai à caça,
 6 que não há melhor caçada qu’ a que sai de madrugada.
 (.....)
 – (.....) não tenho pena de morrer,
 8 tenho pena dos meus filhos, que madrasta vão a ter.

Variante: 1b moreninha engraçada.

4. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Levantou-se o Frei João por uma manhã de geada,
 2 à porta da moreninha foi passar a madrugada.
 – Abre-m’ a porta morena, morena linda casada.
 4 – Como queres qu’ eu t’ abra a porta? [.....]
 Meu filho tenho nos braços e meu marido à ilharga.
 (.....)
 6 – Levanta-te, meu marido, para ir à caça,
 não há melhor coelho do que é o da madrugada.

Variantes: 4a queres que t’ eu abra; 6b vai à caça.

5. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Frei João se levantou por uma manhã de geada,
 2 apertando os seus calções, tocando numa guitarra.
 À porta da moreninha foi tomar a madrugada.
 4 – Abre a porta, moreninha, morena linda casada.
 – Como t’ hei d’ abrir a porta, Frei João da minha alma?
 6 Meu filho tenho nos braços, meu marido à ilharga.
 – Teu filho deita-o no berço, teu marido que vá à caça,
 8 que não há melhor coelho do que é o da madrugada.

- Com quem falas, mulher minha, a quem dás a tua fala?
- 10 – Às meninas do forno, qu’ andam a fazer a massa,
a massa do pão de ló que não se lhe deita água.
- 12 Levanta-te, meu marido, levanta-te e vai à caça,
que não há melhor coelho do que é o da madrugada.
- 14 Des’ qu’ o seu marido foi, adornou-se muito adornada:
bom sapato, boa meia, nem na perna lh’ estalava,
16 bom lencinho d’ algodão que sem vento lhe voava.
– Donde vens, ó mulher minha, donde vens tão adornada?
- 18 – Venho d’ ouvir missa nova, que por Frei João foi cantada.
– Lá te vai esta facada direita ao coração,
20 já te não tornas a ver nos braços de Frei João.
– Não se me dá que me batas nem que me deixes de bater,
22 só tenho pena p’ los meus filhos, qu’ outra mãe não vão a ter.
*Não batas com pau de sabugo nem c’ um de sabugueiro,
qu’ até ali eras meio corno e agora és corno inteiro.*

6. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Abre-m’ a porta, morena, moreninha e asseada.
- 2 – Tenho meu filho nos braços, meu marido à ilharga.
– Teu filho deita-o no berço, teu marido vai à caça,
4 não há melhor caçada do que é a da madrugada.
Des’ qu’ o marido saía, moreninha se asseava:
6 boa meia, bom sapato, boa saia agaloada.
Chegara ò meio da escada, pra sua casa o levava,
8 pra lhe dar pão de ló, caixinhas de marmelada.
Des’ qu’ aquilo o aborrecera, de sua casa o empontou.
10 Chegou ò meio do caminho, seu marido encontrou.
– Donde vens, ó moreninha, donde vens tão asseada?
- 12 – Venho d’ ouvir missa nova, que Frei João a cantava.
– Lá te vai uma facada à raiz do coração,
14 tu julgaste qu’ eu não vinha da Senhora da Assunção.

7. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Abre-m’ a porta, morena, moreninha engraçada,
2 se não me abres a porta, não és morena nem nada.

XXIV. BERNAL FRANCÊS

1. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por Angelina Francisca Vaz, 58 anos. Recolhida nos dias 13 de agosto de 1980 e 26 de agosto de 1981.

- Quem bate à minha porta, quem bate, quem está aí?
2 Se é o amado Francisquinho, a porta lhe vou abrir,
se é outro cavalheiro, da porta já se pode ir.
4 Ao alevantar da minha cama, rasgou-se-me o meu faldril,
ao abrir a minha porta, apagaram-me o candil.
6 Agarraram-me nos braços, levaram-me para o jardim.
Era meia-noite em ponto, sem te tu virares para mim.
8 Estando eu no meu jardim lindos cheiros apanhando,
vi passar o rondador numa guitarra tocando:
10 – Tu que fazes, rondador, tu que fazes por aqui?
– A saber da minha amada Aninha, já há dias que a não vi.
12 – Tu amada Aninha já morreu, já morreu e eu bem a vi.
As sinas que ela levava já tos vou dizer aqui.
14 Levava saia de creme, camisa de cramesim,
o colete regulava tu lho causastes assim.
16 – Marcha, marcha, meu cavalo, o que poderes marchar,
à igreja de São Jorge lá iremos descansar.
18 – Abre-te, ó campa de rosas, minha amada quero ver,
eu quero falar com ela antes da terra a comer.
20 Fala-me, ó minha amada, fala-me que eu estou aqui.
– Como queres que eu te fale, já estou morta, já morri.

- 22 Só te peço que te cases, que não voltes mais aqui.
E à mulher com quem casares que lhe chames como a mim,
24 pra quando chamares por ela te lembres dela e de mim.
E os filhos que tu tiveres que lhe chames como aos meus,
26 pra quando chamares por eles te lembres dos teus e dos meus.

Variantes: 5b apagou-se-me; 18a Abre-te, campa de rosas; 19a quero falar com ela.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Quem bate à minha porta, quem bate, oh, quem está aí?
2 Se é o meu amor Francisquinho, a porta lhe vou a abrir,
se é outro cavalheiro, embora se pode ir.
4 Ao subir a minha escada, me esfarraparam o mandil
e, ao entrar para a minha porta, me apagaram o candil.
(.....)

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Oh, quem bate à minha porta, oh, quem bate, oh, quem está aí?
2 Se é João de França, a porta lhe vou a abrir,
se é outro cavaleiro, já se pode despedir.
4 – Se eu sou João de França, a porta me vem a abrir.
Ao baixar da minha cama, farrapou-se-me o faldril,
6 ao baixar da minha escada, descalçou-se-me um botim,
ao abrir a minha porta, apagou-se-me o candil.
8 Agarrara-o por um braço, deitara-o ao par de mim,
era meia-noite em ponto sem se virar para mim.
10 – Tu que tens, João de França, que tu não eras assim?
Se tens medo aos meus criados, olha que não estão aqui,
12 se tens medo aos meus filhos, não são homens para ti,
se tens medo ao meu marido, longes terras está daqui.

- 14 – Não tenho medo aos teus criados, que os teus criados são de mim,
 não tenho medo aos teus filhos, que os teus filhos são de mim,
 16 não tenho medo ao teu marido, que o tens ao par de ti.
 – Se tu és o meu marido, triste, coitada de mim.
- 18 Deixa vir a manhaninha, que me quero confessar.
 – Levarás saia de holanda, camisa de carmesim,
 20 gargantilha encarnada na ponta do meu espadim.
 – Que fazes, João de França, que fazes agora aqui?
 22 – Venho a ver a minha amada, há dias que a não vi.
 – A tua amada é morta, é morta que eu bem a vi
 24 e os sinais que ela levava já tos dou agora aqui.
 Levava saia de holanda, camisa de carmesim,
 26 gargantilha encarnada na ponta do meu espadim.
 Se não queres que te faça o mesmo, tira-te-me já daqui.
- 28 – Anda, anda, meu cavalo, vamos a ver se era assim.
 Abre-te terra sagrada, minha amada quero ver,
 30 quero-lhe beijar o rosto antes da terra a comer.
 – Se tiveres alguma filha, põe-lhe um nome como a mim,
 32 quando chamares por ela te lembrarás de mim.
 E que não endoideça por homem como eu endoideci por ti.

Variantes: 22a Vou a ver; 22b dias há; 24a as sinas; 24b já tas dou.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Oh, quem bate à minha porta, oh, qu’ ainda não é de dia?
 2 Se tu és o João de França, a porta te vou a abrir,
 se és outro cavaleiro, já te podes despedir.
- 4 – S’ eu sou o João de França, a porta me vem a abrir,
 não sou outro cavaleiro, não me posso despedir.
- 6 Ao descer da sua escada, apagou-se-l’ o candil,
 levou-o pra sua casa e lavou-l’ os pés co’ água d’ alecrim.
- 8 Levou-o prà sua cama, deitou-o ao par de si.
 – Era meia-noite em ponto, sem te viraes para mim.

- 10 Tu que tens, João de França, que tu não eras assim?
Se tens medo aos meus filhos, não são homens para ti,
- 12 se tens medo ao meu marido, longes terras está daqui,
se tens medo aos meus criados, olha que não estão aqui.
- 14 – Não tenho medo aos teus filhos, qu’ os teus filhos são de mim,
não tenho medo aos teus criados, qu’ os teus criados são de mim,
- 16 não tenho medo ao teu marido, que o tens ao par de ti.
– Se tu és o meu marido, triste, coitada de mim.
- 18 Deixa vir a manhaninha, que me quero confessar.
– Levarás saia de Holanda, camisa de carmesim,
- 20 gargantinha encarnada na ponta do meu espadim.
– Que fazes, João de França, que fazes agora aqui?
- 22 – Vou ver a minha amada, dias há que a não vi.
– A tua amada é morta, é morta que eu bem a vi.
- 24 Se não queres que te faça o mesmo, tira-te já daqui.
– Anda, anda, meu cavalo, vamos a ver s’ era assim.
- 26 Abre-te terra sagrada, quero ver a minha amada.
– João de França, se te casares, casa-te em Valladolid.
- 28 Casa-te co’ uma mulher que se chame com’ a mim,
pra quando chamares por ela te lembres sempre de mim.
- 30 Agora estou no inferno para um século sem fim.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Oh, quem bate à minha porta, oh, quem bate aí?
- 2 Se tu és o João de França, a porta t’ eu vou abrir,
se és outro cavaleiro, já te podes despedir.
- 4 Ao abrir a minha porta, apagou-se-me o candil,
ao virar a minha escada, rasgou-me o meu faldril.
- 6 – Tu que tens, João de França, que tu não eras assim?
Era meia-noite em ponto sem te viraes pra mim.
- 8 Tens medo ao meu marido, longes terras está daqui,
tens medo aos meus filhos, não são homens para ti,
- 10 tens medo aos meus criados, os meus criados são de mim.

- Eu não tenho medo aos teus filhos, qu’ os teus filhos são de mim,
 12 nem tenho medo aos teus criados, qu’ os teus criados são de mim,
 nem tenho medo ao teu marido, qu’ o tens ao par de ti.
- 14 – Se tu és o meu marido, triste, coitada de mim.
 Deixa vir a manhaninha, que me quero confessar.
- 16 – Levarás saia de holanda, camisa de carmesim,
 gargantinha encarnada na ponta do meu espadim.
- 18 – Que fazes, ó João de França, que fazes agora aí?
 – Vou a ver a minha amada, dias há que a não vi.
- 20 – A tua amada é morta, é morta que eu bem na vi.
 Se não queres que te faça o mesmo, retira-te já daqui.
- 22 – Anda, anda, meu cavalo, vamos a ver se era assim.
 Anda, anda, meu cavalo, tu tens muito que andar,
 24 jornadinha de três dias, hora e meia vais andar.
 Abre-te, ó campá sagrada, minha amada quero ver,
 26 quero-lhe beijar o rosto antes da terra a comer.
 – Se tiveres alguma filha, [.....]
- 28 diz-lhe que não endoideça por homens com’ eu endoideci por ti,
 qu’ eu agora estou nos Infernos pra um século sem fim.

Variantes: 4a a sua porta; 4b apagou-se-l’ o; 5a a sua escada; 5b rasguei o meu / rasgou o seu.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Maria Miquelina Martins, 72 anos. Recollida no dia 27 de agosto de 1981.

- Quem bate à minha porta, oh, qu’ inda não é de dia?
- 2 Se tu és o João de França, a porta te vou a abrir,
 se és outro cavaleiro, já te podes despedir.
- 4 – Tu que tens, João de França, tu não eras assim?
 Era meia-noite em ponto, sem te viraes para mim.
- 6 Se tens medo aos meus criados, os meus criados são de mim,
 se tens medo aos meus filhos, não são homens para ti,
 8 se tens medo ao meu marido, longes terras está de ti.
 – Não tenho medo aos teus filhos, qu’ os teus filhos são de mim,

- 10 não tenho medo aos teus criados, qu' os teus criados são de mim,
 não tenho medo ao teu marido, qu' o tens ao par de ti.
- 12 – Se tu és o meu marido, triste, coitada de mim.
 Deixa vir a manhaninha, que me quero confessar.
- 14 – Levarás saia de holanda, camisa de carmesim,
 gargantinha encarnada na ponta do meu espadim.
- 16 – Onde vais, ó João de França, donde vais agora aí?
 – Vou ver a minha amada, que há dias que a não vi.
- 18 – A tua amada é morta, é morta que eu bem na vi.
 Se não queres que te faça o mesmo, retira-te já daqui.
- 20 – Abre-te campá sagrada, minha amada quero ver,
 quero-lhe beijar o rosto antes da terra a comer.
- 22 – Vai para casa João de França, diz ao meu marido
 que não endoideça por mulher como eu endoideci por ti,
- 24 que estava no Inferno por um século sem fim.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Oh, quem bate à minha porta, oh, quem bate, oh, quem está aí?
- 2 Se é o João de França, a porta lhe vou a abrir,
 se é algum cavaleiro, da minha porta já se pode ir.
- 4 Ao baixar da minha cama, rasgara-me o meu faldril,
 à entrada da minha porta, apagara-me o candil.
- 6 – Que é que tens tu, ó João de França, que tu não eras assim?
 Se tens medo òs meus filhos, não são homens para ti,
 se tens medo òs meus criados, pois eles não estão aqui,
 se tens medo ò meu marido, longes terras está daqui.
- 10 – Mal o hajas tu, ó Aninhas, e à hora em que tu nascestes,
 estás com o marido na cama e ainda não o conhecestes.
- 12 – Perdoa-me, ó meu marido, este sono mal sonhado.
 Deixa vir a manhaninha, deixa vir a madrugada,
- 14 deixa vir a manhaninha que tudo te será bem pago.

Variante: 6 Que tens tu, ó João de França, que não te viras pra mim?

8. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dária Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

– Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil.

9. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Valha-me Nossa Senhora, ó milagroso São Gil,
 2 que cavaleiro é este que não me deixa dormir?
 – Cavaleiro é João de França que por 'qui costuma vir.
 4 Levanta-se da sua cama, acendeu o seu candil,
 descera escadas abaixo, a porta lhe foi a abrir.
 6 Agarrara-lhe por um braço, levava-o prò seu jardim,
 lavara-o de pés e mãos com aguinhas d' alecrim.
 8 Levara-o para o seu quarto, deitara-o ò par de si.
 Isto era meia-noite sem se virar para si.
 10 – Que tens tu, João de França, dantes não eras assim?
 Tu tens amores em França que lhe queres mais qu'a mim.
 12 – Não tenho amores em França que lhe quero mais qu'a ti.
 – Tu tens medo à justiça, as chaves ei-las aqui.
 14 – Não tenho medo à justiça, que a justiça é por mim.
 – Se temes os meus criados, eles andam ò mando de mim.
 16 – Não temo os teus criados, os teus criados não vêm aqui.
 – Se tens medo ao meu homem, longes terras está daqui,
 18 cabeça tenha cortada, que não volte mais aqui.
 – Cala-te, perra traidora, que o tens ò par de ti.
 20 Deixa vir a madrugada que eu me vingarei de ti,
 darei-te saia de gala, jaqueta de carmesim,
 22 gargantilha de cutelo, tu mesmo o pediste assim.
 – Morte, morte, meu marido, qu' eu a morte te mereci.
 24 – Que fazes tu, João de França, que vens a fazer aqui?
 Braços com que t' abraçava já os não tenho em mim,
 26 lábios com que te beijava já não têm sabor em si.

Uma filha que nós temos leva-a para o par de ti,
28 que não morra de mal d' amores como eu morri por ti.

Variantes: 3b a vir; 5a baixara; 5b foi abrir; 8a para a sua cama; 13 Se tens medo à justiça, a justiça é por mim; 14b a justiça não vem aqui; 15 Se tens medo aos meus criados, andam ò mando de mim; 16a Eu não temo; 17a ao meu marido; 21b blusica; 25b não têm força em mim.

10. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

– Valha-me Deus, valha-me milagroso São Gil,
2 que cavaleiro é este que não me deixa dormir?
– Cavaleiro é João de França, que por aqui costuma a vir.
4 – Se tu és o João de França, a porta ta vou abrir.
Agarrara-o pela mão e levava-o prò par de si,
6 despira-o e descalçara-o, deitara-o ò par de si.
A meia-noite era longa, D. João sem dormir.
8 – Que tens tu, ó João de França, que tu dantes não eras assim?
Se tens medo aos meus criados, as chaves estão aqui,
10 se tens medo ao meu marido, meu marido longe está daqui.
– Não tenho medo aos teus criados, nem tenho medo a ti,
12 nem tenho medo ao teu marido, que deitado está ao pé de ti.
– Mata-me, ó meu marido, qu' eu a morte ta mereci.
14 – Eu matar não te mato, qu' isto não cabe em mim,
vou levar-te a teus pais, que se encarreguem de ti.
16 – Que culpa têm meus pais do mal que eu fiz?

Variantes: 10b está de ti; 13a Se tu és o meu marido, mata-me; 15a Vou-t' entregar.

11. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

– Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil,
2 que cavaleiro é este que não me deixa dormir?

- Eu sou o João de Franco, que aqui ficara de vir.
- 4 – Se tu és o João de Franco, a porta te vou abrir.
Agarrara-o por uma mão e ajudara-o a subir,
6 chegou ao meio das escadas, apagou-se-l' o candil.
Foram dali para a cama, linda cama que ela tinha.
- 8 – Tu que tens, João de Franco, dantes não eras assim,
meia-noite vai andada sem te viraes para mim?
- 10 Se tens medo aos meus criados, não são homens para ti,
se tens medo ao meu marido, largas terras está daqui.
- 12 – Não tenho medo aos teus criados, que me querem mais qu' a ti,
não tenho medo ao teu marido, que o tens ao par de ti.
- 14 – Morte, morte, ó meu marido, morte qu' eu bem ta mereci.
– Eu matar não te mato, que te mate quem te criou,
- 16 levo-te a casa de teus pais, que vejam que filha me dou.
– Que culpa têm os meus pais ao mal que a filha causou,
- 18 mais quero morrer mil vezes, ao pé dos meus pais não vou.

Variante: 5 Agarrou-o pela mão e ajudou-o a subir.

12. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Valha-me Nossa Senhora e ó milagroso São Gil,
2 que cavalheiro é este que me não deixa dormir?
- Eu sou o João de França, que aqui ficara de vir.
- 4 – Se tu és o João de França, as portas te vou abrir.
Chegou ò meio da escada e apagou-se-lh' o candil.
- 6 Agarrara-o pela mão e ajudara-o a subir,
despira-o e descalçara e deitara-o ò par de si.
- 8 – Que tens, ó João de França, tu dantes não eras assim,
meia-noite vai passada e sem te viraes para mim?
- 10 Se tens medo òs meus criados, não são homens para ti,
se tens medo ò meu marido, longes terras está daqui.
- 12 – Não tenho medo òs teus criados, que me querem mais que a ti,
e não tenho medo ò teu marido, que o tens ò par de ti.

- 14 – Morte, morte, meu marido, morte, qu’ eu bem ta mereci.
 – Deixa vir a manhaninha que negra será para ti,
 16 eu vou-te levar a casa de teu pai, a ver que filha me deu.
 – Mais quero morrer mil vezes, a casa de meu pai não vou,
 18 que culpa tem no meu pai ò mal qu’ a filha causou?

13. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil,
 2 que cavaleiro é este que me não deixa dormir?
 – Eu sou o João de França, que aqui ficara de vir.
 4 – Se tu és o João de França, as portas t’ eu vou abrir.
 Chegou ao meio da escada e apagou-se-lh’ o candil,
 6 agarrara-o pela mão e ajudara-o a subir.
 Despira-o e descalçara-o, deitara-o ao par de si.
 8 – Tu que tens, João de França, pois tu não eras assim,
 meia-noite vai andada sem te viraes para mim?
 10 Se tens medo aos meus criados, não são homens para ti.
 – Não tenho medo aos teus criados, que me querem mais qu’ a ti.
 12 – Se tens medo ao meu marido, longes terras está daqui.
 – Não tenho medo ao teu marido, que está aqui ao par de ti.
 14 – Morte, morte, meu marido, morte, qu’ eu bem ta mereci.
 – Eu matar não te mato, mate-te quem te criou,
 16 vou-te levar a teu pai, que veja que filha me dou.
 – Mais quero morrer mil vezes, aos pés de meu pai não vou,
 18 não quero que meu pai veja o mal que a filha causou.

14. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil,
 2 que cavaleiro é este que não me deixa dormir?
 – Eu sou o João de França, que aqui ficara de vir.

- 4 – Se tu és o João de França, a porta t'eu vou abrir.
la no meio da escada, apagara-se-lhe o candil.
- 6 Ela agarrara-o pela mão, ajudara-o a subir,
despira-o e descalçara-o, deitara-o ao par de si.
- 8 – Tu que tens, João de França, dantes não eras assim,
meia-noite vai andada sem te viraes para mim?
- 10 Se tens medo aos meus criados, não são homens para ti,
tens medo ao meu marido, longes terras está daqui.
- 12 – Não tenho medo aos teus criados, que me querem mais qu' a ti,
nem tenho medo ao teu marido, que o tens ao par de ti.
- 14 – Morte, morte, meu marido, morte, qu' eu bem ta mereci.
– Eu matar não te mato, mate-te quem te criou,
- 16 vou-te levar aos teus pais, que vejam que filha me dou.
– Que culpa têm nos meus pais ao mal que a filha causou?

Variantes: 2 que cavaleiro és tu que não me deixas dormir; 4b as portas; 13b pé de ti.

15. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil,
2 que cavaleiro é este que não me deixa dormir?
– Eu sou o João de França, que aqui fiquei de vir.
- 4 – Se tu és João de França, a porta te vou abrir.
Chegou ao meio da escada, apagou-se-lh' o candil.
- 6 Agarrou-o pela mão, ajudara-o a subir,
despira-o e descalçara, deitou-o ao par de si.
- 8 – Tu que tens, João de França, dantes não eras assim,
já vai meia-noite em ponto sem te viraes para mim?
- 10 Se tens medo ao meu marido, longes terras está de ti,
se tens medo aos meus criados, não são homens para ti.
- 12 – Nem tenho medo ao teu marido, que o tens ao par de ti,
nem tenho medo aos teus criados, que são-me mais leais qu' a ti.
- 14 – Morte, morte, meu marido, morte, qu' eu bem ta mereci.

– Eu matar não te mato, que te mate quem te criou,
16 vou-te levar aos teus pais, que há dem ver que filha me dou.

16. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

– Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil.
(.....)

17. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

– Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil,
2 que cavaleiro é este que não me deixa dormir?
– João da França, João da França, que costumava por 'qui vir.
4 – Se tu és o João da França, a minha casa vens dormir.
Desceu ao fundo da escada, ajudou-o a subir,
6 levou-o prò pé da cama, ajudou-o a despir.
– Já era meia-noite e sem se virar para mim.
8 João da França, João da França, tu dantes não eras assim.
Se tens medo ao meu marido, longes terras está daqui,
10 se tens medo aos meus criados, não são homens para ti.
– Não tenho medo aos teus criados, que não são homens para mim,
12 nem tenho medo ao teu marido, que o tens ò pé de ti.
– Morte, morte, meu marido, morte, que bem ta mereci.
14 – Eu matar não te mato, que te mate quem te criou,
vou levar ao teu pai a jóia que me entregou.
16 – A jóia boa era, o mimo é que a estragou.

Variantes: 14b que mate; 15a entregar.

XXV. CLARALINDA

**1. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Inocência Maria Margarido, 50 anos, natural de São Julião de Palácios (concelho de Bragança).
Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.**

- Estando dona Filomena sentadinha no balcão,
2 passou ali um soldado, logo lhe arrouchou a mão.
– Arrocha, arrocha, soldadinho, que hoje tens ocasião,
4 meu marido não está em casa, foi para a serra do Marão.
Se queres que ele não venha, deita-lhe uma maldição:
6 os corvos que lhe tirem os olhos e as aves o coração.
– Que é que tens, ó Filomena, que estás tão arrelhada?
8 – Tenho uma dor de dentes que até estou avariada.
– De quem é aquele chapéu que está além dependurado?
10 – É do meu mano mais novo, foi para a tropa a ser soldado.
– De quem é aquele capote que está além dependurado?
12 – É do meu mano mais novo, foi para a tropa a ser soldado.
– De quem é aquele punhal que está além sobre o balcão?
14 – Pega nele, ó meu marido, crava-mo no coração!
– Não te mato, ó Filomena, vai para a mãe que te criou.
16 Aqui tem, ó minha sogra, a prenda que me entregou.
Deus queira que não lhe passe o que me a mim me passou.

**2. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Alcina de Jesus Pires,
65 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.**

- Estava dona Filomena sentadinha no balcão,
2 penteando o seu cabelo com pentes d'ouro na mão.
Passou por 'li um soldado, logo lhe arrouchou a mão.
4 – Aperta, aperta, soldado, tens agora ocasião,
meu marido foi à caça, lá pròs campos de Aragão.
6 Se tu queres que cá não volte, deita-lhe uma maldição:
os corvos lhe tirem os olhos e as águias o coração.

- 8 – Mal o hajam nos teus olhos que tão garotinhos são.
 (.....)
 – De quem é este chapéu que aqui está dependurado?
- 10 – É de (.....)
 – De quem é esta bengala (.....)
 (.....)

3. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Caralinda, Caralinda, Caralinda com'ò sol,
 2 deixa-m'ir dormir contigo na borda do teu lençol.
 – A borda do meu lençol, hoje sim, amanhã não,
 4 o meu marido não está em casa, foi prà Senhora da Assunção.
 Era meia-noite em ponto, o marido à porta bateu,
 6 bateu uma, bateu duas, Caralinda não 'pareceu.
 Foi entrando e procurando pelas chaves do corredor,
 8 só pra ver se lh'aparecia Caralinda com'ò sol.
 – De quem é aquele cavalo que na nossa loja relinçou?
 10 – É pra ti, ó meu marido, qu' o meu pai to deixou.
 – De quem é aquele chapéu que está caído no chão?
 12 – É pra ti, ó meu marido, que to deixou o meu irmão.
 – De quem é aquele capote que está além dependurado?
 14 – É pra ti, ó meu marido, que to deixou o meu cunhado.
 – Toma lá sete facadas ò lado do coração,
 16 tu pensavas qu' eu não vinha da Senhora da Assunção.

4. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Estava a dona Filomena sentadinha no balcão,
 2 passou por ali um soldado, logo l'arrochou a mão.
 – Agora, agora, ó soldado, agora que tens ocasião,
 4 o meu marido foi à caça, lá pràs terras de Aragão.

- E se não queres que volte a casa, deita-l' uma maldição:
 6 corvos le comam los olhos e as águias o coração.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Estava a dona Felisbina sentada no seu balcão,
 2 penteando os seus cabelos com um pente d'ouro na mão.
 Quando passa um soldado, logo lhe arrochou a mão.
 4 – Arrocha, arrocha, soldadinho, tens agora ocasião,
 meu marido não está cá, está prà serra d' Aragão.
 6 Se queres que ele não volte, deita-lhe uma maldição.
 Palavras não eram ditas, seu marido ali chegou.
 8 – Que tens, dona Felisbina, que estás tão arrelhada?
 – Tenho uma dor de estômago que estou avariada.
 10 – De quem é aquele cavalo na minha loja rinchou?
 – É para ti, ó meu marido, foi teu pai que to deixou.
 12 – De quem são aquelas luvas que estão além dependuradas?
 – É para ti, ó meu marido, por minhas mãos foi compradas.
 14 – De quem é aquele barrete que está além dependurado?
 – É do meu irmão mais novo, que veio agora de soldado.
 16 – De quem é aquele punhal que está sobre aquele balcão?
 – É para ti, ó Manuel, espeta-mo no coração!
 18 – Não te mato, Felisbina, vai à mãe que te criou,
 pra que a tua mãe o saiba ò ver que me entregou.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Eu bem vi a Felisbina sentadinha no balcão,
 2 penteando seus cabelos com pentes d'ouro na mão.
 Passou por ali um soldado, logo l' arrochou a mão.
 (.....)
 4 os corvos te tirem os olhos e as aves ao coração.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Estava dona Felisbina sentadinha ao balcão,
 2 penteando seu cabelo com pentes de ouro na mão.
 Passou ali um soldado, logo l' arrochou a mão.
 4 – Se me queres alguma coisa, tens agora ocasião,
 meu marido não está em casa, foi prà serra do Marão.
 6 Se queres qu' ele que não volte, deita-l' uma maldição:
 deita-l' os corvos aos olhos e as águias ao coração.
 8 Estando nesta conversinha, seu marido ali chegou.
 – Tu que tens, ó Felisbina, que te estás a agoniar?
 10 – Tenho uma dor de dentes, estou capaz de rebentar.
 – De quem é aquele boné que está ali dependurado?
 12 – É do meu mano mais novo, que vai agora pra soldado.
 – De quem é aquele cavalo que está tão bem aparelhado?
 14 – É do meu mano mais novo, vai prà guerra, é soldado.
 – De quem é aquele punhal que está em cima do balcão?
 16 – Aquele punhal, Manuel, crava-mo no coração!
 – Não te mato, Felisbina, vai ao pai que te criou,
 18 qu' eu quero qu' o teu pai saiba a mulher que me entregou.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Estava a dona Felisbina sentadinha num balcão,
 2 penteando seus cabelos com um pente de ouro na mão.
 Passou ali um soldado, logo lhe arrochou a mão.
 4 – Arrocha, arrocha, soldado, tens agora ocasião,
 o meu marido não está cá, foi para a serra do Marão.
 6 Se tu queres qu' ele cá não venha, deita-lhe uma maldição:
 deita-lhe os corvos aos olhos e as aves ao coração.
 8 Estando eles nestas palavras, seu marido ali chegava.
 – Que tens, dona Felisbina, que estás tão arrelhiada?
 10 – Tenho uma dor de dentes que até me faz variada.

- De quem é aquele boné que está além dependurado?
- 12 – É do meu irmão mais velho, foi para a tropa, é soldado.
- De quem é aquele cavalo que está tão aparelhado?
- 14 – É do meu irmão mais velho, foi para a tropa, é soldado.
- De quem é aquele punhal que está além no meu balcão?
- 16 – Vai por ele, ó Manuel, mete-mo no coração!
- Não te mato, Felisbina, vai para a mãe que te criou,
- 18 quero que a tua mãe saiba a besta que me entregou.

Variantes: 1b no; 2 penteando seu cabelo com pentes d'ouro na mão.

9. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Ermelinda Rosa, 70 anos. Recollida no dia 24 de agosto de 1980.

- Estando dona Felisbina sentadinha ao balcão,
- 2 passou por 'li um soldado, logo lhe arrochou a mão.
- Arrocha, arrocha, soldadinho, tens agora ocasião,
- 4 meu marido não está cá, foi prà serra de Aragão.
- Se tu queres que ele não venha, deita-lhe uma maldição:
- 6 os corvos tirai-lhe os olhos e as aves o coração.
- Estando eles nesta conversa, seu marido ali chegou.
- 8 – De quem é aquele cavalo, está tão bem aparelhado?
- É do meu mano mais novo que se vai para soldado.
- 10 – De quem é aquele punhal que está em cima do balcão?
- Esse punhal, Manuel, crava-mo no coração!
- 12 – Não te mato, Felisbina, vai prò pai que te criou,
- que eu quero que o teu pai saiba a mulher que me entregou.

10. Versão de Pinheiro Velho (concelho de Vinhais), recitada por Ana Augusta do Rio, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recollida no dia 29 de agosto de 1981.

- Claralinda, Claralinda, Claralinda com'ò sol,
- 2 deixa-m'ir dormir contigo à borda do teu lençol.

– À borda do meu lençol, hoje sim, amanhã não,
 4 meu marido não está cá, foi prà Senhora da Assunção.
 Era meia-noite em ponto, quando à porta chegou,
 6 bateu uma, bateu duas, Claralinda não falou.
 Foi andando e procurando as chaves do corredor.
 8 – Claralinda não está cá ou tomou novo amor.
 De quem é aquele cavalo que na minha loja relinchou?
 10 – É para ti, meu marido, foi meu pai que to deixou.
 – De quem é aquele capote que está ali dependurado?
 12 – É para ti, meu marido, que to deixou meu cunhado.
 – De quem é aquele chapéu que está caído no chão?
 14 – É para ti, meu marido, que to deixou meu irmão.
 – Lá te vai uma facada direita ao coração,
 16 julgavas qu’eu que dormia na Senhora da Assunção.

Variante: 15a Vai para aí.

11. Versão de Travanca (concelho de Vinhais), recitada por Carlos Gonçalves, 73 anos, residente em Moimenta (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

Eu bem vi estar Filomena sentada no seu balcão,
 2 penteando o seu cabelo c’ um pente d’ ouro na mão.
 Passou ali um soldado, logo l’ apertou a mão.
 4 – Soldadinho, agora, agora, que tu tens ocasião.
 Meu marido foi à caça lá pròs campos d’ Aragão,
 6 se tu queres que não volte, deita-lh’ uma maldição:
 corvos lhe comam os olhos e as aves o coração.

12. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 passou ali um soldado, logo lh’ arrochou a mão.

- Arrocha, arrocha, soldado, agora tens ocasião,
- 4 meu marido foi à caça lá pròs lados d’Arochão,
os corvos lhe comam os olhos, as aves o coração.
- 6 Estando eles nessa conversa, seu marido à porta entrou.

13. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Esperança de Jesus Cepeda, 78 anos, residente em Seixas (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
- 2 passou por ali um soldado, logo lhe arrochou a mão.
- Agora, agora, soldado, agora é ocasião,
- 4 meu marido foi à caça lá pròs campos de Aragão.
Se queredes qu’ele cá não venha, deitai-lh’ uma maldição:
- 6 os corvos lhe tirem os olhos, as aves o coração.
- *Fui ao pátio das galinhas, encontrei uma perdiz,
debaixo do papo tinha um soldado sem nariz.*

14. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
- 2 passou ali um soldado, logo l’arrochou a mão.
- Agora, agora, soldado, agora é ocasião,
- 4 meu marido foi à caça lá pròs campos de Aragão.
Se vós queredes que não venha, deitai-lh’ uma maldição:
- 6 corvos lhe tirem os olhos e as aves o coração.
Palavras não eram ditas, seu marido à porta entrou.
- 8 – Que tens, dona Filomena, que te mudou a cor?
Ou estás vária do sentido ou tu tens novos amores.
- 10 – Não estou vária do sentido nem tenho outros amores,
é porqu’eu perdi as chaves dos mais altos corredores.

Variantes: 7a Estando eles nesta conversa; 11a é que eu.

15. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 penteando o seu cabelo c' um pente d' ouro na mão.
 Veio por ali um soldado, logo lh' arrochou a mão.
 4 – Agora, agora, soldado, agora tens ocasião,
 meu marido foi à caça lá pròs campos d' Aragão.
 6 Se queres qu' ele cá não venha, deita-lh' uma maldição:
 corvos lhe tirem os olhos e as aves o coração.
 8 Palavras não eram ditas, seu marido à porta entrara.
 – Tu que tens, ó Filomena, tu já perdestes a cor?
 10 Ou estás vária do sentido ou tu tens outros amores.
 – Não estou vária do sentido nem tomei outros amores,
 12 é porqu' eu perdi as chaves dos mais altos corredores.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Ilda Morais, 40 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

(.....) sentada no seu balcão,
 2 passou ali um soldado, logo lh' arrochou a mão.
 – Agora, agora, soldado, pois tens ocasião,
 4 meu marido foi à caça lá pròs campos d' Aragão.
 Se quiseses qu' ele cá não volte, deitai-lh' uma maldição:
 6 que os corvos lhe comam nos olhos e as aves o coração.
 Palavras não eram ditas, seu marido à porta entrava.
 (.....)

17. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 passou por ali soldado, logo lh' arrochou a mão.
 – Agora, agora, soldado, que temos ocasião,

- 4 meu marido foi à caça lá pròs campos d' Agrochão.
Se quiserdes qu' ele não venha, deitai-lh' uma maldição:
- 6 os corvos comam-lhe os olhos e as aves o coração.
Palavras não eram ditas, seu marido à porta entrou.
- 8 – Que tens, Dona Filomena, que te mudou a cor?
Ou estás vária do sentido ou tu tens novos amores.
- 10 – Não estou vária do sentido nem tenho outros amores,
é porqu' eu perdi as chaves dos mais altos corredores.

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

- Estava dona Filomena lá sentada no seu balcão,
- 2 passou por ali soldado, logo l' arrochou a mão.
– Soldado, ó soldadinho, agora tens ocasião,
- 4 meu marido foi à caça lá pròs campos d' Aragão.
Se tu queres qu' ele não venha, deita-l' uma maldição:
- 6 os corvos lhe comam nos olhos e as aves o coração.

Variantes de 1980: 1a Filomena, ó Filomena; 2b pegou, arrochou-l' a mão; 6a corvos.

19. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelhos (concelho de Vinhais) e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
- 2 penteando seus cabelos c' um pente d' ouro na mão.
Passou ali um soldado, logo l' arrochou a mão.
- 4 – Agora, agora, soldado, tens agora ocasião,
meu marido foi à caça lá pràs terras d' Aragão.
- 6 Se quiseres que não volte, rogai-lh' uma maldição:
corvos lhe comam os olhos e a raiz do coração.

20. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelos (concelho de Vinhais) e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Claralinda, Claralinda, Claralinda com’ò sol,
 2 deixa-m’ir dormir contigo à beira do teu lençol.
 – Deixo-t’ir dormir comigo, hoje sim, amanhã não,
 4 meu marido não está cá, foi à Senhora da Ascensão.
 Era meia-noite em ponto, quando à porta bateu,
 6 bateu uma, bateu duas, Claralinda não respondeu.
 Foi andando, procurando as chaves do corredor.
 8 – Claralinda não está cá ou tomou novo amor.
 De quem é aquele cavalo que na loja relinchou?
 10 – Já é de ti, meu amor, foi teu pai que to deixou.
 – De quem é aquele capote que está além pendurado?
 12 – Já é de ti, meu amor, que to mandou teu cunhado.
 – De quem é aquele chapéu que está além no chão?
 14 – Já é de ti, meu amor, que to mandou teu irmão.
 – Cá te vai esta facada direita ao coração,
 16 tu julgavas qu’eu dormia na Senhora da Ascensão.

21. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 penteando seu cabelo c’um pente d’ouro na mão.
 Passou ali um soldado, logo lhe arrochou a mão.
 4 – Agora, agora, soldado, agora ocasião,
 meu marido foi à caça lá pròs campos de Aragão.
 6 Se quiseres qu’ele não volte, deita-lh’uma maldição:
 corvos lhe tirem nos olhos e as aves o coração.

Variante: 6b bota-lh’.

22. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 penteando o seu cabelo c' um pente d' ouro na mão.
 Passou ali um soldado, logo lh' apertou a mão.
 4 – Agora, agora, soldado, que tu tens ocasião,
 meu marido foi à caça lá pròs campos d' Aragão.
 6 Se não queres qu' ele venha, deita-lh' uma maldição:
 os corvos lhe tirem os olhos e as aves o coração.
 8 Palavras eram ditas, seu marido à porta entrava.
 – Que tens, D. Filomena, que te mudaram as cores?
 10 Ou estás vária do sentido ou tu tens outros amores.
 – Não estou vária do sentido nem tenho outros amores,
 12 foi porque eu perdi as chaves dos mais altos corredores.

Variante: 2a os seus cabelos.

23. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes, 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 penteando o seu cabelo com pente d' ouro na mão.
 Passou ali um soldado, logo lh' arrouchou a mão.
 4 – Agora, agora, soldado, tens agora ocasião,
 meu marido não está cá, foi pròs lados d' Aragão.
 6 Se não queres que volte cá, deita-lh' uma maldição:
 corvos lhe comam nos olhos e a raiz do coração.
 8 Estando com esta conversa, seu marido à porta entrava.
 – Que tens, dona Filomena, estás tão sobressaltada?
 10 – Tenho uma dor de dentes, não me deixa fazer nada.
 – De quem é aquele capote que está ali dependurado?
 12 – É para ti, meu marido, que to deu o teu cunhado.
 – De quem é aquele cavalo que agora ali rinchou?
 14 – É de meu irmão mais novo que prà tropa se marchou.

Variante: 6b deitas-lh'.

24. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 61 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

Estando dona Filomena no seu jardim assentada,
 2 com pentes d'ouro na mão seus cabelos penteava.
 Passou ali um soldado, logo l'apertou a mão.
 4 – Soldadinho, agora, agora, que estás em 'casião,
 meu marido não está cá, foi pròs bairros d' Aragão.
 6 – Se quereis qu' ele não volte, rogai-l' uma maldição:
 corvos lhe tirem os olhos e as aves o coração.
 (.....)
 8 – De quem é aquele casaco que está ali pendurado?
 (.....)

25. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

Estava a dona Filomena sentada no seu balcão.
 2 Passou ali um soldado, logo l'arrochou a mão.
 – Agora, agora, soldado, que temos ocasião,
 4 meu marido foi à caça lá pròs campos de Ajagão.
 Se querendes qu' ele não venha, deitai uma maldição:
 6 corvos lhe comem nos olhos e as aves o coração.
 – Tu que tens, ó Filomena, que te demudou a cor?
 8 – Perdi as chaves da adega no mais alto corredor.
 – Lá te vai uma facada à raiz do coração,
 10 tu julgaste que eu não vinha dos campos de Ajagão.

26. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por Clara Dias dos Santos, 65 anos, natural de Cerdedo (concelho de Boticas, Vila Real). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

– Caralinda, Caralinda, Caralinda com' ò sol,
 2 deixa-m' ir dormir contigo à ponta do teu lençol.

- À ponta do meu lençol, hoje sim, amanhã não,
 4 meu marido não está cá, foi à Senhora da Assunção.
 Era meia-noite em ponto, marido à porta bateu,
 6 bateu uma, bateu duas, Caralinda não falou.
 – Ou tu já estás a dormir ou já tens novos amores.
 8 – Nem estou a dormir nem tenho novos amores,
 vai andando, procurando as chaves dos corredores.

27. Versão de Vila Verde (concelho de Vinhais), recitada por Elísia Augusta, 52 anos, residente no Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Caralinda, Caralinda, deixa-me ir dormir contigo,
 2 só uma noite não é nada, não está cá o teu marido.
 – Meu marido não está cá, estes três dias não vem,
 4 foi fazer uma visita ao seu pai e à sua mãe.

Variante: 1a Caralinda, Caralinda, Caralinda com'ò sol.

28. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 passou ali o D. Jorge, logo l' arrochou a mão.
 – D. Jorge, agora, agora, que tem ocasião,
 4 meu marido não está, foi à caça para os campos d' Adregão.
 Se queres qu' ele cá não volte, deita-l' uma maldição:
 6 corvos lhe comam os olhos e as aves o coração.
 Estando os dois nessa conversa, o seu marido a entrar.
 8 – De quem é aquele capote que acolá está pendurado?
 – Será teu, ó meu marido, que to manda teu cunhado.
 10 – De quem é o cavalo que está na loja a rinchar?
 (.....)

29. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Eu bem vi estar Filomena sentadinha em seu balcão,
 2 passou por ali um soldado, logo l'apertou a mão.
 – Agora, agora, ó soldado, pois chegou a ocasião,
 4 meu marido foi à caça pròs campos d'Alvarilhão.
 Os corvos lhe tirem os olhos e as feras o coração.
 6 Quem tais novas me trouxera, dera-lh'eu o meu cordão,
 que me dá doze voltas ao redol do coração.
 8 Estando eles nesta conversa, seu marido ali chegava.
 Filomena que o viu, ao chão caiu desmaiada.
 10 – Tu que tens, ó Filomena, tu que tens, ó minha amada?
 – Tenho uma dor de dentes, que já m'era costumada.
 12 – Cala, cala-te aí, Filomena, qu'isto não há de ser nada.

30. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos, ajudado pela mulher, Isaura da Luz Morais, 59 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Estando dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 passou ali um soldado, logo lh'apertou a mão.
 – Agora, agora, soldado, que chegaste na ocasião,
 4 o meu marido foi à caça à feira d'Arangão.
 – Se quer qu'o seu marido não venha, deite-l'uma maldição:
 6 corvos lhe comam os olhos e a raiz ò coração.

31. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Estava dona Filomena sentada no seu balcão,
 2 passou ali um soldado, a ela lhe pediu a mão.
 – Agora, agora, ó soldado, qu'estamos na ocasião,

- 4 meu marido foi à caça lá prà serra d' Aragão.
Se não quiseses qu' ele volte, roga-lh' uma maldição:
- 6 qu' os corvos lhe comam os olhos e as aves o coração.
– De quem é aquele chapéu que além está dependurado?
- 8 – É do meu irmão mais novo, qu' inda há pouco foi soldado.
– De quem é aquele capote que além está dependurado?
- 10 – É do meu irmão mais velho, qu' aqui o deixou guardado.
– De quem é aquela espada, qu' além vejo a relampar?
- 12 – É tua, meu marido, se com ela me queres matar.
– Eu matar não te mato, levo-te a quem te criou,
- 14 pra que veja o teu pai a prenda qu' ele me dou.

XXVI. A CONDESSA TRAI DORA

1. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Alice Augusta Garcia, 58 anos, e Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Quem pôs aqui estas mesas de bom pão e de bom vinho?
- 2 O francês vai no cavalo e a francesa no rocio.
Onde vão tomar a sesta, debaixo do verde pinho,
- 4 o francês come pão alvo e a francesa come trigo.

Variante: 2b rocinho.

2. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Quem pôs aqui estas mesas de bom pão e de bom vinho?
- 2 O francês vai no cavalo e a francesa no rocinho,
onde vão tomar a sesta, debaixo do verde pinho.
- 4 O francês come pão alvo e a francesa come trigo.

3. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Maria Eugénia Vaz, 83 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Quem pôs aqui estas mesas de bom pão e de bom vinho?
- 2 O francês vai no cavalo e a francesa no rocio,
ambos vão tomar a sesta debaixo do verde pinho.
- 4 A francesa come pão alvo e o francês come trigo.

Variante: 2b rocinho.

XXVII. O GATO DO CONVENTO

1. Versão de Varge (concelho de Bragança), cantada por um grupo e depois recitada por António Joaquim Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Eu jungi os meus boizinhos, eu deitei-os pela arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-me a aguilhada,
eu voltei atrás por ela, encontrei a porta fechada.
- 4 – Abre-m’ a porta, mulher, que me esqueceu a aguilhada.
– Eu a porta não ta abro, que estou muito ocupada.
- 6 – Que é aquilo, ó mulher, que está atrás daquela arca?
– É um gatinho preto da cabecinha rapada.
- 8 – Traz-me cá a arma, mulher, que o quero ir matar.
– Não o mates, ó meu homem, qu’ é o guio da nossa casa.

2. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por João de Deus Vara, 59 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

- Eu jungi os meus boizinhos, deitei-os pela arada.
- 2 Cheguei ao meio do caminho, esqueceu-me a aguilhada,
voltei atrás por ela, encontrei a porta fechada.
- 4 – Abre-m’ a porta, ó mulher, que me esqueceu a aguilhada.
– Eu a porta não ta abro, que estou muito ocupada.

- 6 – Que é aquilo, ó mulher, que está atrás daquela arca?
- É o gato da vizinha que anda atrás da nossa gata.
- 8 – Aponta-me a arma, mulher, que o quero matar.

3. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Eu jungi os meus boizinhos, com eles me fui à arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-m' a aguilhada, voltei a casa por ela, encontrei a porta fechada.
 - 4 – Abre-m' a porta, mulher, que venho buscar a aguilhada.
 - Eu a porta não ta abro, que estou muito ocupada.
 - 6 **Entrou e foi entrando, pela porta mais usada, encontrou a mulher na sua cama deitada.**
 - 8 – **Que é o que está debaixo da cama?**
 - **É o gato qu' anda atrás da gata parda.**

Variantes: 3a eu fui a; 4b que se me esqueceu; 6a Eu entrei; 7a encontrei.

4. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Godofredo de Mariz, 78 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Eu jungi os meus boizinhos, com ele fui à arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-m' a aguilhada. Voltei a casa por ela, estava a porta fechada.
 - 4 – Abre-m' a porta, mulher, que se m' esqueceu a aguilhada. Ele foi entrando, foi entrando pela porta mais usada.
 - 6 – Que é aquilo, ó mulher, que está debaixo daquela cama?
 - É o gato do convento qu' anda detrás da gata parda.
 - 8 – Inda nunca vi tal gato com a cabeça pelada. Abonda-me cá essa escopeta, abonda-me cá essa espingarda.
 - 10 – Que queres fazer, ó homem? Queres matar o cura em casa.
 - Tu merecias, ó mulher, era meter-te numa sala bem tirada,
 - 12 com quatro pares em volta, cantando a saia saia.

Variante: 11b bem caiada.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Eu jungi os meus boizinhos com eles e fui prà arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-me a aguilhada,
eu voltei para casa, encontrei a porta fechada.
- 4 – Abre-m’ as portas, mulher, que se m’ esqueceu a aguilhada.
– Não t’ abro as portas, homem, que estou muito ocupada,
- 6 é o gato da nossa vizinha que anda atrás da nossa gata.
Deitou ombro à porta, sua porta arrombava.
(.....)

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Eu jungi os meus boizinhos, com eles fui prà arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-m’ a aguilhada,
voltei atrás por ela, encontrei a porta fechada.
- 4 – Mulher, abre-m’ a porta, que se m’ esqueceu a aguilhada.
– A porta não ta abro, que estou muito ocupada,
- 6 estou c’ as mãos na barrela, preparando a coada.
– De quem é aquele chapéu qu’ está naquela estaca pendurada (sic)?
- 8 – Aquele chapéu é o do meu irmão mais novo, veio agora de soldado.
– De quem é aquele cavalo que na loja relinchou?
- 10 – Foi pra ti meu marido, que meu pai to comprou.
(.....)

7. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- (.....), com eles me fui à arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-m’ a aguilhada.
Voltei a casa por ela, encontrei a porta fechada.

- 4 – Abre-m’ a porta, mulher, que se me esqueceu a aguilhada.
 – A porta não ta abro, que estou muito ocupada.
 (.....)
 6 – É o gato preto da comadre, qu’ anda atrás da nossa gata.

8. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Ermelinda Rosa, 70 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1980.

- Eu jungi os meus boizinhos, com eles fui por a arada.
 2 Lá no meio do caminho, olvidou-se-me a aguilhada,
 eu voltei por ela a casa, encontrei a porta fechada.
 4 – Ó mulher, o que é isto que anda na nossa casa?
 – É o gato da vizinha a saber da nossa parda.

Variantes: 1b e com eles fui prà arada; 3a Eu fui; 5b à espera.

9. Versão de Bairro do Couço (concelho de Vinhais), recitada por José Augusto, 48 anos, natural de Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Eu jungi os meus boizinhos, agarrei neles e fui prà arada.
 2 Cheguei ao meio do caminho, esqueci-me da aguilhada,
 cheguei a casa e a porta estava fechada.
 4 – Abre-m’ a porta, mulher, que me esqueceu a aguilhada.
 – Eu a porta não ta abro, estou muito ocupada,
 6 estou a fazer os queijinhos e aparando-l’ a coalhada.
 Deitei los ombros à porta, fui parar ao meio da sala.
 8 – Que é aquilo, ó mulher, que ‘tá atrás daquela arca?
 – É o gato da vizinha que está à espera da nossa gata.
 10 – Oh, que gato é aquele, que tem a cabeça pelada!
 Dá-m’ a espingarda, mulher, que quero dar uma chumbada.
 12 – Isso não, ó meu marido, que matas o nosso padre.
 É o pai dos nossos filhos, é o que nos ajuda a criar.
 – Como fazem nos outros, baptizam-nos, outros ajudam a criar.

10. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Eu jungi os meus boizinhos, com eles fui para a arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-se-me a aguilhada,
voltei atrás por ela, encontrei a porta fechada.
- 4 – Abre-m’ a porta, mulher, que se me esqueceu a aguilhada.
– A porta não ta abro, que estou muito ocupada,
- 6 estou fazendo uma barrela e aparando-l’ a coalhada.
Deitei los ombros à porta, atirei co’ ela prò meio da sala:
- 8 – Que é aquilo, mulher, qu’ é que está no canto da sala?
– É o gato da vizinha que está à espera da nossa gata.
- 10 – Dá-me cá aquela escopeta que lhe dou já uma chumbada.

Variantes: 7a Botou; 7b atirou.

11. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Eu jungi os meus boizinhos, co’ eles me fui à arada.
- 2 Lá no meio do caminho, esqueceu-me a aguilhada.
– Abre-m’ a porta, mulher, que me esqueceu a aguilhada.
- 4 – Não t’ abro a porta, ó homem, porqu’ estou muito ocupada,
estou-te a fazer umas calças e botar tua coada.
- 6 – Abre-m’ a porta, mulher, senão racho-a co’ a machada.
Que é tanto barulho, que anda na nossa casa?
- 8 – É o gato da vizinha que anda atrás da nossa gata.
– Eu nunca vi gato preto com a cabeça rapada!

Romances de mulheres assassinas

XXVIII. O VENENO DE MORIANA

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Gracinda dos Anjos Alves, 40 anos. Recolhida no dia 28 de agosto de 1980.

- Ali vem o senhor Jorge, cavalo do seu cavalo.
- 2 – Venha cá, ó senhor Jorge, quero-lhe ensinar meu sobrado.
Hei de lhe dar um copo de vinho que para si tinha guardado.
- 4 – Juliana, ó Juliana, que lhe fizeste ao teu vinho,
que eu ainda não o bebi e já não alcanço o caminho.
- 6 – Arrebente, ó senhor Jorge, e acabe de arrebentar.
Jorge tinha por notícias de as meninas de enganar.

2. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Maria do Carmo Morais, 76 anos, Alice dos Anjos Esteves, 49 anos, e Manuel José Fernandes, 66 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t'eu de merendar.
- 2 – Que tinhas, ó D. Augénia, guardadinho para me dar?
– Tinha vinho de há sete anos guardado para te dar.
- 4 – Que tinhas, ó D. Augénia, no teu vinho para me dar,
[.....] que me fez tanto mal?
- 6 – Tinha a espinha da cobra e a raiz do resalgar.
Ele, assim que o bebeu, começou logo a desmaiar.
(.....)

3. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, vem daí a merendar.
- 2 – Que tens, ó D. Augénia, guardado para me dar?
- Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 – Isso, ó D. Augénia, já é muito guardar.
No meio de beber o vinho, começou-se a agoniar.
- 6 – Que fizeste ao vinho que me fez tanto mal?
- Tem sangue de sete cobras e pós de lagarto pisado.

Variantes: 1a dera-t' eu de merendar; 2a Tu que tens.

4. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Eulália Alves, 69 anos, e Godofredo de Mariz, 78 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, horas são de merendar.
- 2 – Que tens, ó D. Eugénia, guardado para me dar?
- Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 Ele, des' que bebeu o vinho, começou logo a desmaiar.
– Que tinha o teu vinho, que me fez tanto mal?
- 6 – Tinha camisas de cobra e pós de lagarto moído.
– Coitada da D. Augénia, ficou c' o crédito perdido!
- 8 Coitada da D. Augénia, ficou sem o seu marido!

Variantes: 4a Desde que / O cavaleiro bebeu o vinho; 4b ficou logo desmaiado; 5a Que lhe fizeste ao.

5. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, horas são de merendar.
- 2 – Que tens tu, ó D. Augénia, guardado para me dar?

- Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele que me quero refrescar.
O cavaleiro bebeu o vinho, principiou-se a desmaiar.
- 6 – Tu (*sic*) deitaste ò teu vinho, que me fez tanto mal?
– Deitei-lhe sangue de cobra, pós de lagarto moído,
- 8 entre meios disso tudo, está um resalgar metido.
– Coitada de minha mãe, que ficou sem o seu filho!
- 10 – Também eu sou D. Augénia e fiquei sem o meu marido!

Variante: 6a Que fizeste tu ao.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, eu te darei de merendar.
- 2 – Que é que tens, D. Augénia, guardado para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para dar a provar.
- 4 Cavaleiro bebeu o vinho, se começou a retundar.
– Ó maldita Juliana, que deitastes ò teu vinho?
- 6 – Deitei-lhe os sangues da cobra, pós de lagarto moído
e, no meio disso tudo, um resalgar bem mexido.
- 8 – Coitada da sua esposa, que ficou sem o seu marido!
Coitada da sua mãe, ficou sem o seu filho!
- 10 Coitada da D. Augénia, ficou com o crédito perdido!

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Minha mãe, lá vem D. Jorge, d' a cavalo do cavalo.
- 2 Disseram-me a mim, D. Jorge, que tu te ias a casar.
– É verdade, ó Juliana, eu te venho convidar.
- 4 – Espera tu aí, ó D. Jorge, espera lá um bocadinho,
vou ali à minha sala buscar um cálice de vinho.
- 6 – Vai depressa, Juliana, depressa, não devagar,

- que tenho a boca seca, que me quero refrescar.
- 8 – Ó maldita Juliana, que deitastes ò teu vinho?
Já tenho a vista turva, não enxergo o caminho.
- 10 Cuida agora a minha mãe tem o seu filho vivo.
– Também a minha cuidava que tu casavas comigo.
- 12 Inda tenho sete libras do lado do coração,
inda chega para te pagar o enterro e o caixão.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
- 2 – Tu que tens, ó D. Augénia, guardadinho para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos guardado para te dar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele, que eu quero refrescar.
Cavaleiro bebeu o vinho, mas começou a retoldar.
- 6 – D. Augénia, ó D. Augénia, tu que deitastes ò vinho?
– Deitei-lhe o sangue da cobra, pó de lagarto moído,
- 8 entre meio disso tudo, um resalgar bem mexido.
– Cuidaria a minha mãe que tinha o seu filho vivo.
- 10 – Também a minha cuidava que tu casavas comigo.
– Coitada da minha esposa, que ficou sem o seu marido.
- 12 – Coitada da D. Augénia, que ficou c’ o crédito perdido.

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Minha mãe, lá vem D. Jorge d’ a cavalo do cavalo.
- 2 Se ele comigo não casar, outra não há de gozar.
– Disseram-me, ó D. Jorge, que tu que te ias a casar.
- 4 – É verdade, ó Juliana, eu te venho convidar.
– Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
- 6 enquanto eu vou à sala buscar um cálice de vinho.
– Vem depressa, Juliana, depressa, não devagar,

- 8 traz-me cá um cálice de vinho, que eu quero refrescar.
 – Ainda aqui tenho dinheiro para o enterro te pagar.
 10 – Ó malvada Juliana, tu que deitastes ò vinho,
 que já tenho a vista turva, não enxergo o caminho?
 12 Cuidaria a minha mãe que tinha o seu filho vivo.
 (.....)

10. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
 2 – Tu que tens, ó D. Augénia, guardadinho pra me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos guardado pra te dar.
 4 – Dá-me cá um copo dele, que to quero provar.
 Cavaleiro bebeu o vinho, começou a retombar.
 6 – D. Augénia, D. Augénia, que fizestes ao teu vinho?
 – Deitei-lhe sangue da cobra e pós de lagarto moído,
 8 lá no meio disso tudo, um resalgar bem batido.
 – Coitada da minha mãe, que ficou sem o seu filho!
 10 – Coitada da D. Augénia, que ficou co’ crédito perdido!

11. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar.
 2 – Tu que tens, ó D. Augénia, guardado pra me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos guardado pra te dar.
 4 O cavaleiro bebeu o vinho, empezou-se a retoldar.
 – D. Augénia, D. Augénia, [.....]
 6 que lhe fizestes ao teu vinho que me fez tanto mal?
 – Botei-lhe o sangue da cobra e pó de lagarto moído
 8 e, no meio disso tudo, um resalgar bem mexido.
 – Coitada da D. Augénia, que ficou sem no seu marido,
 10 coitada e demais coitada, que ficou co’ crédito perdido!

12. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
 2 – Tu que tens, ó D. Augénia, guardado para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos guardado para vos dar.
 4 O homem bebeu o vinho, começou a retoldar.
 – D. Augénia, D. Augénia, que fizeste ao teu vinho?
 6 – Deitei-lhe sangue da cobra e pós de lagarto moído
 e, no meio disso tudo, um resalgar bem moído.

Variantes: 3b para te dar; 4a O cavaleiro.

13. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
 2 – Que é que tens tu, D. Augénia, guardado para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
 4 – Dá-me cá um copo dele, que eu me quero refrescar.
 Cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a retoldar.
 6 – D. Augénia, D. Augénia, que deitastes ò teu vinho?
 – Deitei-lhe os sangues da cobra, pó de lagarto moído,
 8 entre meio disso tudo, um resalgar bem metido.

14. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Minha mãe, lá vem D. Jorge, d’ a cavalo do cavalo.
 2 – Deus te veja, Juliana, neste trono bem sentada.
 – Já me disseram, D. Jorge, que tu que te ias a casar.
 4 – É verdade, Juliana, eu te venho convidar.
 – Espera aí, ó D. Jorge, espera um bocadinho,
 6 enquanto vou à sala buscar um cálice de vinho.

- Vem depressa, Juliana, depressa, não devagar,
 8 traz-me um cálice de vinho que me quero refrescar.
 – Ó malvada Juliana, tu que deitastes ò vinho?
 10 Já tenho a vista turva, já não enxergo o caminho.
 Julgaria a minha mãe que tinha o seu filho vivo.
 12 – Também a minha julgava que tu casavas comigo.

15. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
 2 – Tu que tens, ó D. Eugénia, guardado para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos guardado para te dar.
 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
 Cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a retoldar.
 6 – Ó malvada D. Eugénia, tu que deitastes ò teu vinho?
 – Deitei-lhe o sangue da cobra, pó de lagarto moído
 8 e, no meio disso tudo, um resalgar bem metido.

16. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Manuel Augusto Vaz, 71 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Minha mãe, lá vem D. Jorge, d’ a cavalo do cavalo.
 2 – Deus te salve, ó Juliana, nesse trono assentada.
 – Disseram-me, ó D. Jorge, tu que te ias a casar.
 4 – É verdade, ó Juliana, que eu te venho convidar.
 – Espera daí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
 6 enquanto eu vou à sala buscar um cálice de vinho.
 – Vem depressa, Juliana, depressa, não devagar,
 8 traz-me um copo dele, que eu quero refrescar.
 O cavaleiro, como bebeu o vinho, começou a retoldar.
 10 – Ó malvada Juliana, tu que deitastes ò vinho?
 Já tenho a vista turva, já não enxergo o caminho.
 12 – Onde vais tu, ó D. Jorge, depressa, não devagar?
 Inda aqui tenho dinheiro para o enterro te pagar.

17. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
 2 – Que é que tens tu, ó D. Augénia, guardada para me dar?
 – Tenho vinho de sete anos para to dar a provar.
 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero emborrachar.
 Cavaleiro bebeu o vinho e começou a retombar.
 6 – Ó malvada D. Augénia, que é que lhe deitaste ao teu vinho?
 – Deitei-lhe o sangue da cobra, pó de lagarto moído
 8 e, no meio disso tudo, um resalgar bem mexido.
 – Ai, coitada da minha mãe, ficou sem o seu filho!
 10 – Ai, coitada da D. Augénia, ficou com o crédito perdido!

18. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Silvério Amaral Afonso, 73 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
 2 – Que tens tu, ó D. Ausénia, guardadinho pra me dar?
 – Eu tenho vinho de sete anos para te dar a provar.
 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
 Cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a desmaiar.
 6 – Que fizeste tu ao teu vinho que me fez tanto mal?
 – Deitei-lhe camisa de cobra, pó de lagarto moído
 8 e, no meio disso tudo, ia o resalgar metido.
 Arrebenta, ó cavaleiro, acaba de arrebentar,
 10 eu tenho muito dinheiro para a tua morte pagar.
 – Coitado do cavaleiro, que deixou sua mulher!
 12 Coitada da D. Ausénia, que deixou o seu marido!

19. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Antónia Júlia Fernandes, 78 anos. Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

- Apeia-te, ó cavalheiro, dera-t’ eu de merendar,
 2 enquanto ponho a mesa, o meu vinho hás de provar.
 Assim que provou o vinho, começou-se a desmaiar.

- 4 – Ó Ausénia, ó D. Ausénia, o que deitastes ò teu vinho?
 – Deitei-lhe camisa de cobra, pó de lagarto moído.
- 6 – Coitado (*sic*) dos meus filhinhos, já não vêem mais seu pai.
 Coitada da minha mulher, já não vê mais seu marido.
- 8 Tenho minha rédea na mão, já não vejo mais o cavalo.
 – Coitada da D. Ausénia, tem no crédito perdido.

Variante: 8b já não vejo mais seu cavalo.

20. Versão de Moimenta (concelho de Vinhais), recitada por uma informante não identificada. Recolhida no dia 31 de agosto de 1980.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que te dou de merendar.
- 2 Tenho vinho de sete anos para te dar a provar.
 (.....)

21. Versão de Pinheiro Velho (concelho de Vinhais), recitada por Ana Augusta do Rio, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó Juliana, passas a vida a chorar?
- 2 – Que hei de ter, ó minha mãe, o Jorge se vai casar?
 – Bem to disse, ó minha filha, não quiseste acreditar,
 4 o Jorge tinha promessa d’as meninas enganar.
 Já lá abaixo vem o Jorge, no seu cavalo montado,
 6 avistou a Juliana fazendo no seu bordado.
 – Boa tarde, ó Juliana, boa tarde venho dar.
- 8 – Eu já tive por notícia que tu t’ias a casar.
 – É verdade, ó Juliana, já te venho convidar,
 10 o dia do casamento para m’ires acompanhar.
 – Espera aí, ó João Jorge, espera aí um bocadinho,
 12 enquanto vou ao soberano buscar um copo de vinho.
 – Que fizeste, ó Juliana, que fizeste a este vinho?
- 14 Ainda agora o bebi, já não enxergo o caminho.

- S’ a minha mãe já soubesse que seu filho não tinha vivo.
- 16 – Também s’ a minha soubesse que não casavas comigo.
- Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
- 18 quero deixar por escrito o pago qu’ as mulheres dão.

22. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dária Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, darei-t’ eu de merendar.
- 2 – Qu’ é que tens tu, ó D. Eugénia, guardado para me dar?
- Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 – Que tens, ó D. Eugénia, qu’ o teu vinho fez-me tanto mal?
- O meu vinho tem pós de lagarto moído.

23. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- (.....), qu’ eu te darei de merendar.
- 2 – Que tens tu, D. Idália, guardadinho para me dar?
- Tenho vinho de há sete anos para to dar a provar.
- 4 Cavaleiro bebeu o vinho e começou a desmaiar.
- Que fizeste ao teu vinho, que me fez tanto mal?
- 6 – Deitei-lhe pós de cobra e de lagarto moído,
(.....) o resalgar bem metido.
- 8 – Pobre da sua mãe, que ficou sem o seu filho,
pobre da sua esposa, que ficou sem o seu marido.

24. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar.
- 2 – Que tens tu, ó D. Augénia, guardadinho pra me dar?
- Tenho vinho de há sete anos, eu to dera a provar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
- Cavaleiro bebeu o vinho, logo começou a desmaiar.

- 6 – Qu' é que tem este vinho que me fez tanto mal?
 – Tem pós de cobra e de lagarto moído,
 8 no meio disso tudo, um regalgar metido.
 – Morra, morra o cavaleiro, acaba de suspirar,
 10 eu ainda tenho dinheiro para esta morte pagar.
 – Coitada da sua mulher, que ficou sem o seu marido.
 12 Coitada da D. Augénia, que ficou c' o crédito perdido.

25. Versão de Travanca (concelho de Vinhais), recitada por Carlos Gonçalves, 73 anos, residente em Moimenta (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Apeia-te, ó cavaleiro, darei-te de merendar.
 2 Tenho vinho de há sete anos, quero-to dar a provar.
 Cavaleiro bebe o vinho, empeza a desmaiar.
 4 – Que fizeste a este vinho, que me fez tanto mal?
 – Camisa de cobra, pós de lagarto moído,
 6 lá no meio disso tudo, tinha o resalgar metido.

26. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Lá baixo vem o D. Jorge montado no seu cavalo,
 2 vem a ver a Juliana, se tem outro namorado.
 – Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar.
 4 – Já tive aqui por notícia que tu te ias casar.
 – É verdade, Juliana, pra isso te venho convidar.
 6 – Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
 enquanto vou ao sobrado buscar um copo de vinho.
 8 – Que fizeste, ó Juliana, que fizeste a este vinho?
 Ainda agora o bebi, não enxergo o caminho.
 10 Ainda meus pais pensavam que têm o seu filho vivo.
 – Também os meus pensavam que tu casavas comigo.

Variantes: 2b se já tem outro namorado; 3b t' eu venho; 5b já te venho; 7a enquanto eu vou.

27. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó Juliana, passas a vida a chorar?
 2 – Que hei de ter, ó minha mãe, se o Jorge vai-se casar?
 – Eu bem te disse, ó Juliana, não quiseste acreditar,
 4 que o Jorge tem por notícias de meninas enganar.
 Lá baixo vem o D. Jorge, no seu cavalo montado,
 6 vai a ver a Juliana, se tem outro namorado.
 – D. Jorge, ó D. Jorge, tu já te vais a casar?
 8 – É verdade, ó Juliana, já te venho convidar.
 – Apeia-te, ó D. Jorge, apeia-te do teu cavalo,
 10 pra beberes um copo de vinho que pra ti tenho guardado.
 – Juliana, ó Juliana, tu que fizeste ao teu vinho?
 12 Inda agora o bebi, já não enxergo o caminho.
 – Não enxergas o caminho nem o há des enxergar,
 14 já que te não casas comigo, com outra não vais casar.
 – Se minha mãe o soubesse, como tinha o seu filho.
 16 – Também minha mãe contava que tu casavas comigo.

28. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu darei-te de merendar.
 2 – Tu que tens, ó D. Augénia, tu que tens para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos guardadinho pra te dar.
 4 Cavaleiro bebe o vinho e empezou-se a agoniar.
 – Tu que fizeste a este vinho, que me fez tanto mal?
 6 – Deitei-lhe camisa de cobra, pés de lagarto moído,
 para te dar a beber, por não casares comigo.

Variante: 6b pós.

**29. Versão de Salgueiros (concelho de Vinhais), recitada por Maria Ernestina Martins Morais, 34 anos, residente em Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais).
Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.**

- Lá baixo vem o D. Jorge montado no seu cavalo,
2 avistou a Juliana a bordar no seu bordado.
– Boas tardes, Juliana, boas tardes te venho dar.
4 Venho-te chamar à boda, se me quiseres acompanhar.
– Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
6 enquanto eu vou ao sobrado, buscar-te um copo de vinho.
– Ó Juliana, tu que lhe fizeste ao teu vinho,
8 que eu só bebi um copo e já não enxergo o caminho?
Ainda meus pais pensavam que têm o seu filho vivo!
10 – Também os meus pais pensavam que tu casavas comigo!

30. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, darei-t' eu de merendar.
2 – Que é que tens, ó D. Augénia, que tens para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
4 Cavaleiro bebe o vinho e empezou-se a desmaiar.
– Qu' é que botaste ao vinho, ó D. Augénia, que me fez tanto mal?
6 – Camisinha de cobra e pós de lagarto moído,
lá no meio disso tudo, ia o resalgar metido.
8 – Morre, morre, cavaleiro, acaba já de expirar,
qu' eu inda tenho dinheiro para a tua morte pagar.
10 – Coitada da D. Augénia, que ficou c' o crédito perdido!
– Coitada da minha mulher, que ficou sem no seu marido!

Variantes: 1b quero dar de merendar; 2a que tu tens; 2b qu' é que tens; 5a fizeste.

31. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelos e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar.
2 Tenho vinho de há sete anos, quero-te dar a provar.

32. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelos e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Tu que tens, ó Juliana, passas a vida a chorar?
2 – Que hei de ter, ó minha mãe? O Jorge se vai casar.
Já lá baixo vem o Jorge no seu cavalo montado,
4 avistou a Juliana fazendo no seu bordado.
– Boa tarde, ó Juliana, boa tarde te venho dar,
6 amanhã é o meu casamento, se me queres acompanhar.
– Espera aí, ó D. Jorge, espera mais um bocadinho,
8 eu só vou a minha casa buscar-te um copo de vinho.
– Volta atrás, ó Juliana, tu que fizeste ao teu vinho?
10 Inda só bebi um copo, já não enxergo o caminho.
– Não enxergas o caminho nem voltas a enxergar,
12 pois tu comigo não casas, com outra não vais casar.
Venha o papel, venha a tinta, venha também o escrivão,
14 quero deixar por escrita o pago que os homens dão.
– Venha o papel, venha a tinta, venha quem saiba escrever,
16 venha também minha mãe, se me quiser ver morrer.
Minha mãe há de pensar que ela tem o filho vivo.
18 – Também a minha pensava que tu casavas comigo.

33. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, eu te darei de merendar.
2 – Tu que tens, ó D. Augénia, que tens para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.

- 4 – Que fizeste ao teu vinho, que me fez tanto mal?
Ainda o agora bebi, já não enxergo o caminho.
- 6 – Tem pó de lagarto moído, camisa de cobra real.
– Mal pensa a minha mãe que tem o seu filho vivo.
- 8 – Também a minha pensava que tu casavas comigo.

Variantes: 1b eu darei-te; 7 Mal pensará a minha mãe que não tem seu filho vivo.

34. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Tu que tens, ó Juliana, qu’ andas tão triste a chorar?
- 2 – Eu já tive por notícia D. Jorge se vai casar.
– Bem to disse, ó minha filha, não quiseste acreditar,
- 4 D. Jorge tinha por costume d’ as meninas enganar.
Lá baixo vem no bom Jorge em seu cavalo montado,
6 para ver a Juliana, fazendo no seu bordado.
– Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar.
- 8 Vou-me casar amanhã, se me queres acompanhar.
– Espera aí, ó meu bom Jorge, enquanto vou no sobrado,
10 buscar-te um cálice com vinho qu’ ali te tenho guardado.
– Anda cá, ó Juliana, que fizeste a este vinho?
- 12 Vai-se-m’ a luz dos meus olhos, já não enxergo o caminho.
Mal a minha mãe pensava que não tinha o seu filho vivo.
- 14 – Também a minha não pensava que não casavas comigo.

35. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes, 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó Juliana, passas a vida a chorar?
- 2 – Que hei de ter, ó minha mãe? O Jorge vai-se casar.
– Bem te disse, ó Juliana, não quiseste acreditar,
- 4 que o Jorge tinha por notícia d’ as meninas enganar.
Já lá baixo vem D. Jorge no seu cavalo montado,
6 avistou a Juliana fazendo no seu bordado.

- Boa tarde, ó Juliana, boa tarde te venho dar,
 8 amanhã é o meu casamento, se me queres acompanhar.
 – Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
 10 enquanto eu vou à adega buscar-te um copo de vinho.
 – Juliana, ó Juliana, tu que fizeste ao teu vinho?
 12 Inda só bebi um copo, já não enxergo o caminho.
 – Não enxergas o caminho nem o hás de enxergar,
 14 tu comigo não casaste, com outra não vais casar.
 – Que dirá a minha mãe, como estará o seu filho?
 16 – Também minha mãe pensava que tu casavas comigo.

36. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 61 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, eu te darei de merendar.
 2 Tenho vinho de há sete anos, para te dar a provar.
 – Eu não te quero o teu vinho, que me queres envenenar.
 4 Cavaleiro bebe o vinho, começou-se a desmaiar.
 – Que fizeste ao teu vinho que me fez tanto mal?
 6 – Camisinhas de cobra, pós de lagarto moído,
 entre tudo misturado, tinha o veneno metido.

37. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 61 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

- Lá baixo vem o D. Jorge montado no seu cavalo,
 2 encontrou a Juliana fazendo no seu bordado.
 – Bons dias, ó Juliana, bons dias te eu venho dar,
 4 venho-te brindar prà boda, se me queres acompanhar.
 – Espere aí, senhor D. Jorge, espere mais um bocadinho,
 6 eu vou lá em cima à sala buscar um copo de vinho.
 Cavaleiro bebe o vinho, começou-se a desmaiar.
 8 – Eu não te quero o teu vinho, que me queres envenenar,
 eu já não vejo o caminho por onde eu hei de passar.
 10 – Tu já não vês o caminho nem no há des enxergar.
 Já que não casas comigo, com outra não vais casar.

- 12 – Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
que eu quero deixar escrito o pago que as mulheres dão.
- 14 Venha papel, venha tinta, venha quem saiba escrever,
venha também minha mãe, se me quiser ver morrer.

**38. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto,
81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.**

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar.
- 2 – Que tens tu, ó D. Augénia, guardado para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 Cavaleiro bebe o vinho, começou a desmaiar.
– Que fizeste ao vinho, D. Augénia, que me fez tanto mal?
- 6 – Camisinha de cobra, pó de lagarto moído,
lá no meio disso tudo, um resalgar metido.
- 8 Morre, morre, cavaleiro, acaba já de expirar,
o meu pai ainda tem dinheiro para a tua morte pagar.

**39. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por João Baptista Domingos,
74 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.**

- Que andas a fazer, ó D. Jorge, por aqui a passear?
- 2 – Qu’ hei de fazer, Juliana? Prà boda te vou brindar.
– Sobe cá, ó D. Jorge, sobe cá para o sobrado,
4 que te vou dar um copo de vinho qu’ aqui tenho guardado.
– Juliana, Juliana, que fizeste a este vinho?
- 6 Qu’ eu estou tão curto da vista que não enxergo o caminho.
– Nem enxergas o caminho nem no chegas a enxergar,
8 vieste-me chamar prà boda, mas com outra não vais casar.
– Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
10 quero deixar por escrito aquilo qu’ as mulheres são.

Variantes: 1a Tu que fazes; 2b t’ eu vou; 4a quero dar.

40. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Justa de Jesus, 50 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Boa tarde, ó Julieta, boa tarde te venho dar!
- 2 – Eu já tive por notícia que andavas pra te casar.
– É verdade, Julieta, para isso te venho brindar.
- 4 – Tanta vergonha tinha eu ir-te, como tu vir-me brindar.
– Espera aí um bocadinho, enquanto vou ali ao sobrado,
6 buscar-te um copo de vinho que te tenho lá guardado.
– Ó Julieta, que lhe fizeste ao teu vinho?
- 8 Qu'inda o agora bebi, já não enxergo o caminho.
– S' a minha mãe souber que não tinha o seu filho vivo!
- 10 – Se a minha soubesse que tu não casavas comigo!

Nota: A informante declara não ter aprendido a versão nesta localidade. No entanto, não se recorda de onde terá sido, avançando apenas a hipótese, sem certeza, de Sobreiró.

41. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Lúcia da Assunção Marques, 61 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar!
- 2 – Eu já tive por notícia qu' andavas pra te casar.
– É verdade, Juliana, já te venho a convidar,
4 prò dia da minha boda, tu m'ires a acompanhar.
– Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
6 enquanto vou ao sobrado buscar-te um copo de vinho.
– Que fizeste, Juliana, que fizeste ao teu vinho?
- 8 Inda o agora bebi, já não enxergo o caminho.
– Camisinhas de cobra, ossos de lagarto moído.
- 10 – Ai, s' a minha mãe souber que não tinha o filho vivo!
– Também s' a minha soubera que não casavas comigo!
- 12 – Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
quero deixar a escritura ao pago qu' as mulheres dão.

42. Versão de Santalha (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles, 77 anos. Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Já lá vem o meu D. Jorge no seu cavalo montado,
2 vira estar a Juliana fazendo no seu bordado.
– Anda cá, ó meu D. Jorge, que te quero procurar,
4 ontem à noite me disseram que tu que t'ias a casar.
– É verdade, ó Juliana, eu te venho convidar,
o casamento com outra eu o vou realizar.
6 – Espera aí, ó meu D. Jorge, enquanto vou ao sobrado,
buscar um cálice de vinho que pra ti tenho guardado.
8 Jorge que o vinho bebeu, começou a desmaiar.
– Juliana, Juliana, tu que lhe deitaste ao vinho?
10 Já estou curto da vista, já não enxergo o caminho.
Minha mãe ainda pensava, que tinha o seu filho vivo.
12 – Também a minha pensava que tu casavas comigo.

Variantes: 4b que já vais pra te casar; 5b a ti te venho convidar; 11 Deitei-lhe (.....) pós de lagarto moído; 12 e no meio daquilo tudo (.....).

43. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Tu que tens, ó Juliana, passa' la vida a chorar?
2 – Eu lhe digo, minha mãe, D. Jorge vai-se casar.
– Eu bem te disse, ó minha filha, não te quiseras fintar,
4 D. Jorge tinha promessa d' as donzelas enganar.
Lá baixo vem o D. Jorge montado no seu cavalo,
6 vira estar a Juliana fazendo no seu bordado.
– Boa tarde, ó Juliana, boa tarde te venho dar.
8 – Eu já tive por notícia que tu te ias a casar.
– É verdade, ó Juliana, eu te venho convidar,
10 no dia do casamento se me vais a acompanhar.
– Espera aí, João Jorge, espera aí um bocadinho,
12 enquanto eu vou ò sobrano buscar um copo de vinho.

- Que fizeste, ó Juliana, que fizeste ò teu vinho?
 14 Inda o agora bebi, já não enxergo o caminho.
 – Tinhas promessa, D. Jorge, d’ as donzelas enganar,
 16 tu comigo não casaste, com outra não vais casar.
 – Se a minha mãe o soubesse, que estava sem o seu filho!
 18 – Também se a minha o soubesse, que não casavas comigo!
 – Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
 20 quero deixar por notícia o pago que as mulheres dão.

44. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Guilhermina dos Anjos, 64 anos, residente em Santalha (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Lá baixo vem no D. Jorge no seu cavalo montado,
 2 vira estar a Juliana fazendo no seu bordado.
 – Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar.
 4 – Tenho por notícia, D. Jorge, andavas pra te casar.
 – Pra isso, ó Juliana, eu te venho convidar,
 6 no dia da minha boda se me queres acompanhar.
 – Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
 8 enquanto vou ao sobral saber dum copo de vinho.
 – Que fizeste, ó Juliana, tu que fizeste ao teu vinho?
 10 Ainda agora o bebi, já não enxergo o caminho.
 S’ a minha mãe o soubesse, que não tinha o seu filho vivo.
 12 – S’ a minha também soubesse que não casavas comigo.

Variantes: 2b a fazer; 3b lhe venho; 4a Tive; 4b qu’ andavas; 5b eu venho-te a.

45. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Alice Augusta Garcia, 58 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar!
 2 – Bom dia, ó meu bom Jorge, se te vais a casar.
 – É verdade, Juliana, já te venho convidar.

- 4 – Espera aí, ó meu bom Jorge, espera aí um bocadinho,
enquanto eu vou ao sobrado buscar um copo de vinho.
- 6 – Que fizeste, Juliana, que fizeste ao teu vinho?
Qu'inda o agora bebi, já não vejo o caminho.
- 8 Mal pensava a minha mãe qu'eu a esta hora não estava vivo!
– Também a minha pensava que tu casavas comigo!

46. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Boa tarde, Juliana! [.....]
- 2 – Boa tarde, ó meu bom Jorge! [.....]
- É verdade, ó meu bom Jorge? Diz que te vais a casar.
- 4 – É verdade, Juliana, que te venho convidar.
– Espera aí, ó meu bom Jorge, espera aí um bocadinho,
6 enquanto vou ao sobrado buscar um copo de vinho.
– Que fizeste, ó Juliana, a este copo de vinho?
- 8 Ainda o agora bebi, já não enxergo o caminho.
– Deitei-lhe peles de cobra e pós de lagarto moído,
10 lá no meio disso tudo, vai o veneno metido.
– Que pensará minha mãe que tem no seu filho vivo!
- 12 – Também a minha pensava que tu casavas comigo!
– Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
14 quero deixar por escrito o pago qu'as mulheres dão.
– Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
16 quero deixar por escrito o pago qu'os homens dão.

Variantes: 5a D. Jorge; 8a Qu'inda; 10a Botei-lhe.

47. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Fernanda dos Santos, 55 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho,
2 enquanto eu vou ao sobrado buscar um copo de vinho.

- Que fizeste, ó Juliana, a este copinho de vinho?
 4 Ainda o agora bebi, já não enxergo o caminho.

48. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Lúcia das Graças Barreira, 47 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Além naquela roseira, está uma rosinha aberta,
 foi onde o Jorge enganou Juliana, Juliberta.
 Juliana foi pra casa, muito triste, apaixonada.
 A mãe olhou para ela: – Ó filha, estás desgraçada!
 – Não se rale minha mãe, nem meu pai que me criou,
 eu hei de enganar o Jorge como ele m’ enganou.
 – Minha mãe, lá vem o Jorge, montado no seu cavalo.*
- 2 – Boa tarde, Juliana, viva, como tens passado?
 – Já me vieram dizer que andavas pra te casar.
- 4 – É verdade, Juliana, que te venho convidar.
 – Espera aí um bocadinho enquanto vou ao sobrado,
 6 buscar-te um copo de vinho que te tenho reservado.
 – Que fizeste, ó Juliana, a este copo de vinho?
 8 Ainda agora o bebi, já não enxergo o caminho.
 Minha mãe há de pensar que tem o seu filho vivo.
 10 – Também a minha pensava que tu casavas comigo.

49. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Maria Eugénia Vaz, 83 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Lá baixo vem o D. Jorge montado no seu cavalo,
 2 para ver a Juliana a fazer no seu bordado.
 – Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar!
- 4 – Bom dia, ó meu D. Jorge, diz que te vais a casar.
 – É verdade, ó Juliana, que te venho convidar.
- 6 – Espera aí, ó meu D. Jorge, espera aí um bocadinho,
 enquanto vou ao sobrado buscar um copo de vinho.
 8 – Que fizeste, ó Juliana, a este copinho de vinho?

Ainda o agora bebi, já não enxergo o caminho.

- 10 Minha mãe estará pensando qu' eu esta hora estou vivo.
 – Também a minha pensava que tu casavas comigo.
 12 – Venha papel, venha tinta, venha também o escrivão,
 quero deixar por escrito o pago qu' as mulheres dão.

Variantes: 1a meu D. Jorge; 2b a coser; 2b qu' está a fazer; 9a Já não sei onde estou.

50. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Sílvia da Assunção Ferreira, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Já lá baixo vem D. Jorge no seu cavalo montado,
 2 para ver a Juliana a coser no seu bordado.
 – Boa tarde, ó Juliana, boa tarde te venho dar.
 4 Já aqui tenho por notícia, diz que te vais a casar.
 – É verdade, ó Juliana, já te venho convidar.
 6 – Espera aí, ó meu D. Jorge, espera aí um bocadinho,
 enquanto vou ao sobrado buscar um copo de vinho.
 8 – Que fizeste, ó Juliana, que fizeste ao teu vinho?
 Ainda o agora bebi, já não enxergo o caminho.
 10 A minha mãe não pensava qu' a esta hora eu estava vivo.
 – Também a minha pensava que tu casavas comigo.

Variante: 4a Tenho aqui por.

51. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu' eu te darei de merendar.
 2 – Que tens tu, ó D. Júlia, que tens tu para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
 4 Cavaleiro bebe o vinho, começa-se a desmaiar.
 – Que fizeste ao vinho, D. Eugénia, que me fez tanto mal?
 6 – Deitei-lhe (.....), pós de lagarto moído.

52. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar.
- 2 – Qu’ é que tens, D. Eugénia, qu’ é que tens tu para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
O cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a desmaiar.
- 6 – Que deitaste tu, D. Eugénia, ao teu vinho, que me fez tanto mal?
– Camisinhas de cobra e pós de lagarto moído.
- 8 – Lá ficou, D. Eugénia, lá ficou c’ o crédito perdido!

53. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que t’ hei de dar de merendar.
- 2 – D. Eugénia, ó D. Eugénia, que tens aí para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos, para to dar a provar.
- 4 Cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a desmaiar.
– Ó D. Eugénia, ó D. Eugénia, [.....]
- 6 que fizeste ao teu vinho que me fez tanto mal?
– Botei-lhe camisa de cobra, pó de lagarto moído,
- 8 lá no meio disso tudo, ia o veneno metido.

54. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Lá baixo vem João Jorge montado no seu cavalo,
- 2 avistou a Juliana fazendo no seu bordado.
– Bom dia, ó João Jorge, bom dia te venho dar.
- 4 Eu já tive por notícia de que tu te vais casar.

55. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar.
- 2 – Tu que tens, ó D. Eugénia, tu que tens para me dar?
– Tenho pão e vinho de há sete anos reservado pra te dar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
O cavaleiro bebeu o vinho, começou a desmaiar.
- 6 – Que botaste ao vinho, D. Eugénia, que me fez tanto mal?
– Botei-lhe camisinha de cobra, pós de lagarto moído,
8 no meio disso tudo, vai o resalgar bem metido.
– Oh, mal o hajas, ó D. Eugénia, que me vais a matar!
- 10 Coitada da minha mãe, que ficou sem o seu filho,
coitada da minha mulher, que fica sem o seu marido.
- 12 – Morre, morre, cavaleiro, e acaba de expirar,
qu’ eu ainda tenho dinheiro para a tua morte pagar.

56. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Laura de Jesus Fernandes, 84 anos, natural de Edroso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que horas são de merendar.
- 2 – Tu que tens, ó D. Eugénia, tu que tens para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 – Tu que fizeste ò teu vinho, que me fez tanto mal?
– Deitei-lhe pozes de lagarto, pozes de refinar.

57. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar.
- 2 – Que tens tu, D. Augénia, que tens tu para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 – Deixa ver um copo dele que me quero refrescar.
Cavaleiro bebeu o vinho, começou logo a desmaiar.

- 6 – Que tinha o teu vinho, D. Augénia, que me fez tanto mal?
 – Tinha camisa de cobra e pós de lagarto moído.
- 8 – Ai da minha mulher, que ficou sem o seu marido!

Variantes: 1b dou; 5 Cavaleiro bebeu o copo de vinho, começou a desmaiar.

58. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que eu te dou de merendar.
- 2 – Que é que tens tu, ó D. Eugénia, que tens tu para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos, para te dar a provar.
- 4 – Que fizeste ao teu vinho que me fez tanto mal?
 – Tem (.....) da cobra e pós de lagarto moído,
 (.....)

Variantes: 1b que te vou dar; 2a D. Helena.

59. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz Celeste Alves, 72 anos, e Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que eu te darei de merendar.
- 2 – O que tens, ó D. Helena, guardadinho para me dar?
 – Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
- 4 Cavaleiro bebe o vinho, começou a desmaiar.
 – Que fizeste ò teu vinho, que me fez tanto mal?
- 6 – Logo comigo não casas, com outra não vais casar.
 Deitei-lhe camisinhas de cobra, pó de lagarto moído,
- 8 lá no meio disso tudo, leva o veneno metido.
 – Coitadinha da minha esposa, que ficou sem o seu marido.
- 10 Coitada da minha mãe, que ficou sem o seu filho.
 Venha papel, venha tinta, venha quem saiba escrever,
- 12 venha também a minha mãe ou a minha esposa, se me quer ver morrer.

Variante: 6b lagarto real.

60. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que eu te darei de merendar.
- 2 – Que tens tu, ó D. Eugénia, que tens tu para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos guardado para te dar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
Cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a desmaiar.
- 6 – Que fizeste ò vinho, D. Eugénia, que me fez tanto mal?
– Deitei-lhe camisinhas de cobra e pó de lagarto moído,
8 e, no meio disso tudo, mais veneno vai metido.
– Triste da minha mãe, que ficou sem o seu filho.
- 10 Triste da minha esposa, que ficou sem o seu marido.
Triste da D. Eugénia, que ficou c’o crédito perdido.
- 12 – Morra, morra o cavaleiro e acabe de expirar,
ainda tenho dinheiro para essa morte pagar.

Variante: 13a que eu ainda.

61. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, darei-te de merendar.
- 2 – Que tens, ó D. Eugénia, que tens para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos, para te dar a provar.
- 4 – Dá-me cá um copo dele, que me quero refrescar.
Cavaleiro bebeu o vinho e começou a desmaiar.
- 6 – Que fizeste, ó D. Eugénia, [.....]
o que fizeste ao teu vinho, que me fez tanto mal?
- 8 – Tinha a pele da cobra e pós de lagarto moído,
e, no meio disso tudo, estava o veneno metido.
- 10 – Meus filhos ficam sem pai, minha mulher sem marido,
mas também a D. Eugénia fica c’o crédito perdido.

62. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, eu te darei de merendar.
2 – Tu que tens, ó D. Augénia, tu que tens para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
4 – Deita cá um copo dele, que me quero refrescar.
Cavaleiro bebeu o vinho, começou-se a desmaiar,
6 montando no seu cavalo sem c’o caminho atinar.
– Que botaste a este vinho que me fez tanto mal?
8 – Camisinha de cobra, pó de lagarto moído,
lá no meio disso tudo, um resalgar bem metido.

63. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Apeia-te, ó cavaleiro, que eu te darei de merendar.
2 – Que tens tu, ó D. Augénia, que tens tu para me dar?
– Tenho vinho de há sete anos para te dar a provar.
4 – Que me fizeste a este vinho, que me fez tanto mal?
– (.....) pós de lagarto moído.

Variante: 4a Que fizeste a este vinho, D. Augénia.

XXIX. A GALHARDA

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Arcângela do Nascimento Ximeno, 81 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

- ¿Qu’ es aquello, la Gallarda, qu’ es aquello, Gallardina?
2 – Son cabezas de leones criados en mi montaña.
– ¡Tú me mientes, la Gallarda, tú me mientes, Gallardina!

- 4 Una era de mi hermano, cosa que yo más quería
y otra era de mi padre, por la barba se conocía.
- 6 Aquello de media noche, Gallarda vuelta daría.
– ¿Qué andas haciendo, Gallarda, Gallardina de mi vida?
- 8 – Buscando o meu rosário d’ouro, que eu rezá-lo queria.
– O teu rosário de ouro em mis manos estaría.
- 10 ¡Abre las portas, porteiro, abrelas con alegría!
– Mis puertas desque se cierron não s’abrem hasta de dia.
- 12 – ¡Abre las portas, porteiro, antes que eu suba arriba!
– Não l’abro as portas, senhor, que lhe temo a Gallardina.
- 14 – Não le temas a Gallarda ni tampouco a Gallardina,
que Gallarda já está morta, naquella sala de arriba.
- 16 – Deus lhe dê salud, el caballero, Deus la dê por su vida,
qu’ a bastantes hombres de bien ya l’había quitado la vida.

XXX. A VINGADORA DA SUA HONRA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Por aquela serra acima, linda romeira caminha,
2 a saia levava baixa, que nas flores reprendia.
Cavaleiro vai atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançá-la descansando, debaixo duma verde oliva.
Cavaleiro, como mau, de amores a pretendia,
6 donzela, como discreta, ela disse-lhe que não queria.
Botaram-se braço a braço a ver qual mais podia.
8 Donzela lhe pediu por Deus e Santa Maria,
que a deixasse seguir honrada até vir da romaria.
- 10 O cavaleiro, como mau, ele disse-lhe que não queria.
O cavaleiro, como mau, o punhal se lhe caía.
- 12 Donzela, como discreta, com a mão o alevantou,
meteu-lho por um lado, o coração repassou.
- 14 – Não digas na tua terra nem te vás gabar à minha,

que mataste o cavaleiro com as armas que ele trazia.
 16 – Hei de o dizer na tua terra e hei de me ir gabar à minha,
 que matei o cavaleiro com as armas que ele trazia.

Variante: 7a Deitaram-se.

XXXI. A SERRANA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

No alto do monte, estava uma espanhola como uma fera,
 2 [.....] alta, linda, sedongueira,
 harta meia de cintura, vara e meia de muñeca.
 4 Quando tinha gana d'águas, baixava à ribeira,
 quando tinha gana d'homem, subia la montera.
 6 Avistou um serranito com um feixinho de lenha.
 Não o leva por caminho nem tão pouco por carreiro,
 8 leva-o por meio do monte, para que ele se perca.
 Agarrou-o por um braço para sua casa o leva.
 10 Começou a fazer o lume d'ossos e calavelhas,
 começou a fazer a cena de conejos e perdizes,
 12 tatorita e charagonha. (.....)
 – Bebe, bebe, serranito, por esta calhavera.
 14 Não t'admiras, serranito, qu'outras por a tua beba.
 Começaram a cenar, mandou-le cerrar a puerta,
 16 serranito não eras tolo e la dejó meia aberta.
 Ela, quando acordou, bramava como uma fera.
 18 – Vuelve, vuelve, serranito, por esta tua montera!
 – A montera non la quiero nem que d'ouro se vuelva!
 20 Mi padre é mui rico, me comprará outra nueva.
 – Ó maldito serranito, por ti serei descoberta!
 22 Tivesse-t'eu antes comido o coração e la língua!

Variantes: 2 Avistou uma espanhola alta, linda, sedongueira; 4b descia la ribera; 8b com medo qu'ele se perca; 11-12 de conejos e perdizes, tatorita e charagonha; 15a Assim que cearam; 15b ele (*sic*) cerrou a puerta.

2. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Delfim Augusto Alves, 72 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra,
 2 estava lá uma menina, estava lá uma donzela.
 Quando quer tomar amores, vem abaixo da serra.
 4 Encontrou um pastorinho: [.....]
 – Queres tu, ó pastor, vires comigo para a serra?
 (.....)

Variantes: 3b baixa abaixo; 5a pastorinho.

3. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra,
 2 vive lá uma serrana, formada na granadela.
 Avistou um pastorinho co' gado numa lameira:
 4 – Queres tu, ó pastorinho, vires comigo para a serra?
 – O meu gado, ó serrana, quem mo a mim guardera?
 6 – O gado, ó pastorinho, eu a ti to guardera.
 A serrana seguiu, pastorinho vai atrás dela.
 8 – Que é isto, ó serrana, tanta cruz por esta terra?
 – São cruces de homens mortos, qu'eu por minhas mãos matera,
 10 e a ti te fizera o mesmo, se na gana me dera.
 (.....) que de manhã s'adormeceram.
 12 Quando a serrana acordou, pastorinho légua e meia.
 – Volta atrás, ó pastorinho, que te ficou uma ovelha!
 14 – Nem que elas ficassem todas, eu atrás não volvera.
 Atirou-lhe uma esfrondada e derrubou-lh' uma orelha,
 16 ainda lh' atirou mais outra, não lhe deixou nada dela.

4. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra,
 2 mora lá uma serrana, formosa e granada era.
 Quando quer tomar amores, baixa abaixo à ribeira.
 4 Encontrou um pastorinho co' gado numa lameira:
 – Queres tu, ó pastor, ir comigo para a serra?
 6 A serrana serra acima e o pastor lá vai 'trás dela.
 – Que é isto, ó serrana, tanta cruz por esta terra?
 8 – São cruces de homens mortos, qu' eu por minhas mãos matera,
 e a ti te farei o mesmo, se na opinião me dera.
 10 Tanto brincaram de noite que de manhã s' adormeceram.
 Quando a serrana acordou, pastor ia légua e meia.
 12 – Volta atrás, ó pastorinho, que te esqueceu uma ovelha!
 – Ainda que ficassem todas, eu nunca mais atrás voltara.
 14 Atirou-lhe uma granada, derrubou-l' uma orelha,
 ainda lhe atirou outra que lhe acabou com ela.

Variante: 13 Nem qu' ela fosse d' ouro, eu atrás não voltaria.

5. Versão de Bairro do Couço (concelho de Vinhais), recitada por José Augusto, 48 anos, natural de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), ajudado por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, natural de Brito de Baixo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra,
 2 vivia lá uma serrana, formosa e granada era.
 Quando quer tomar amores, baixa abaixo à ribeira.
 4 Encontrou um pastorinho co' gado numa lameira:
 – Bem podias, ó pastor, ir comigo para a serra.
 6 – O meu gado, ó serrana, o meu gado quem mo guardera?
 – O teu gado, ó pastor, o teu gado t' arresponsera.
 8 Serrana serra acima, pastorinho atrás dela.
 – Que é isto, ó serrana, tanta cruz nesta terra?

- 10 – São cruces de homens mortos, qu’ eu por minha mão matera,
e a ti te farei o mesmo, se na gana me dera.
- 12 Tanto brincaram de noite que de manhã se adormeceram.
Quando a serrana acordou, pastorinho a légua e meia.
- 14 – Volta pra trás, ó pastor, que se te esqueceu uma ovelha!
– Nem que me ficassem todas, eu pra trás não volvera.
- 16 Atirou-lhe uma pedrada e cortou-lh’ uma orelha,
atirou-lhe com outra e acabou-lhe com ela.

Variantes: 14b que t’ esqueceu aqui; 15a Nem que ficassem; 15b eu atrás nunca volvera;
16a uma jogada; 16b derrubou-l’; 17a mais outra.

6. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra,
2 mora lá uma serrana qu’ ela de Granadas era.
Quando quer tomar amores, baixa abaixo à ribeira.
- 4 Encontrou um pastor que o seu gado guardera:
– Pastor, ó meu pastorzinho, queres ir comigo prà serra?
- 6 – O meu gado, ó serrana, o meu gado quem mo guardera?
– O teu gado, ó pastor, lá na serra se fartera.
- 8 – Tanta cruz, ó serrana, com’ há aqui nesta terra!
– São de homens qu’ eu matei, qu’ eu matei aqui na serra,
10 e a ti te farei o mesmo, se na gana me dera.
Jogaram uma luta grande, malhou co’ ela na terra.
- 12 – Viramos aqui pra trás, já não subo mais prà serra.
– Anda cá, ó pastorzinho, qu’ ali te ficava uma ovelha!
- 14 – Deixa-a ficar, ó serrana, qu’ eu não vou a saber dela.
Deu-l’ uma esfrondada, derrubou-l’ uma orelha,
16 atirou-l’ outra, acabou-le co’ ela.

Variantes: 4a Encontrara; 6b quem no; 8 Quanta cruz aqui há, aqui nesta terra; 12b qu’ eu já não vou mais; 10a faria; 13b ficou; 15a Atira-l’.

7. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra,
 2 anda lá uma serrana que de Granada viera.
 Quando quer tomar amores, baixa abaixo à ribeira.
 4 Encontrou um pastorinho: [.....]
 – Queres tu, ó pastorinho, vir comigo prà serra?
 6 – Mas o meu rebanho, senhora? [.....]
 – O teu rebanho, senhor, eu to guardera.
 8 Quando ia no caminho, ele lhe procurera:
 – Qu’ é aquilo, serrana, tanta cruz naquela serra?
 10 – São cruces de homens mortos, qu’ eu por minha mão matera,
 e a ti te farei o mesmo, quando na gana me dera.
 12 Brincaram tanto de noite, serrana se adormecera.
 – Volta atrás, ó pastorinho, que te falta uma ovelha.
 14 – Nem qu’ ela fosse d’ ouro, eu atrás não voltera.
 Atirou-le uma esfrondada, derrubou-l’ uma orelha,
 16 atirou-le com outra, que l’ atirara por terra.

Variantes: 2a vivia lá uma serrana; 5 Queres ir comigo, pastorinho, queres ir comigo prà serra; 7b eu to arresponsera; 9a minha senhora; 13b que deixaste aqui uma ovelha; 15b logo le furou uma orelha; 16 atirou-le mais outra, ò chão atirou com ela; 16b la deitara.

Romances de raptos e violações

XXXII. RICO FRANCO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- En Madrid ha una niña, que le llaman Isabel,
 2 que não la daban sus padres por ninguno interesse,
 nin por dinero que contem tres contadores al mes.
 4 Una noite la jugaron, a la flor do trinta e três,
 la ha tocado um rico moço, um rico moço francês.
 6 Para quitarla de casa matou seus irmanos tres,
 y a sus padres prisioneros nel presillo los metió.
 8 Lá nel medio del camino, ya lloraba Isabel.
 – Porque lloras, Isabel, porque lloras, mi querida?
 10 Lloras por tus irmanos ou por alguno interesse?
 – Nin lloro por mis irmanos nin por ninguno interesse.
 12 Dá-me o teu punhal dourado, qu’eu depois te lo diré.
 Dou-lhe (*sic*) o punhal de la derecha y cogeu los al revés,
 14 cortou-se la cabeza y se la puzo a los piés.
 – Tu matastes mis irmanos e eu a ti te maté,
 16 y a mis padres prisioneros muy pronto los soltaré.

Variantes: 3a cuenten; 4a una noche.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Em Madrid há una niña que lhe chamam Isabel,
 2 seus padres não la davam nem por dinheiro que quer,
 nem por dinheiro que conta três contadores num mês.
 4 Apostaram e jogaram o jogo dos trinta e três,
 tocou a um rico moço, rico moço aragonês,
 6 para a sacar de casa matou os seus irmanos três.
 Lá no meio do caminho, já chorava a Isabel.
 8 – Porque choras, hija mia, porque choras, Isabel?
 – Emprésta-me o teu punhal, que eu breve to volverei.
 10 – Não te empresto o meu punhal sem me dizeres prò quê.
 – Pra cortar una pêra que estou a morrer de sede.
 12 Se lo deu pelas derechas, lo cortou al revés,
 le cortou a cabeça e le caiu pròs pés.
 14 – Tu mataste os meus irmãos e eu a ti te matei,
 e meu padre e mi madre prisioneiros los dejei.
 16 E agora vou para casa em breve los soltarei.

Variante: 12b tornou.

XXXIII. A ESPOSA DE D. GARCIA

1. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

– Onde está meu espelho d’ouro qu’eu aqui deixei ficar?
 2 – Tu procuras-me pelo ouro e eu procuro-te pelo metal.
 – Não lhe procuro pelo ouro nem lhe procuro pelo metal,
 4 procuro pela minha esposa tão linda qu’eu aqui deixei ficar.
 – Tua esposa aí vai, alegre da sua vida,
 6 com duzentos perros mouros vem na sua companhia.
 Guitarra leva na mão, muito bem que a cingia,
 8 no romance vai dizendo: – Morra, morra D. Garcia!

- Valha-a Deus, ó minha mãe, qu’ela isto não dizia.
- 10 Irei procurar à dela, qu’ela a verdade me diria.
– Diga-me aqui, ó minha sogra, diga-me aqui, ó sogra minha,
- 12 se viu aqui passar a minha esposa tão linda.
– Tua esposa aí vai, triste da sua vida,
- 14 duzentos perros mouros vêm na sua companhia.
Guitarra leva na mão, mas tocá-la não podia,
- 16 no romance vai dizendo: – Acude, acude, D. Garcia!
Se não m’acudires hoje, não m’acodes outro dia!
- 18 – Aparelhem-me esse cavalo, depressa, não devagar,
se não trouxer minha esposa, não me vedes cá voltar.
- 20 – Eu o vinho não o quero, qu’eu vinho nunca beberia,
o cavaleiro qu’além vinha muito bem o beberia.
- 22 – Se fosse seu marido, muito bem se lhe daria.
– Meu marido não é, qu’eu solteirinha seria.
- 24 – Se fosse seu pai, muito bem se lhe daria.
– O meu pai não é, qu’eu pai já o não tenia.
- 26 – Se fosse seu irmão, muito bem se lhe daria.
– O meu irmão não é, qu’eu sozinha seria.
- 28 – Deus os guarde, senhores, Deus os queira guardar.
– Quem será este senhor tão cortês no falar?
- 30 – Sou mouro, vou prà Mourama, vou pra lá a caminhar.
– Se vai prà Mourama, Anitas no rio mos há de passar.
- 32 – A Anitas desonrada no meu cavalo não vai.
– A Anitas s’ honrada estava, a Anitas honrada vinha:
- 34 queremo-la levar de presente ao nosso rei da Turquia.
Passou de uno a uno para o outro lado del rio,
- 36 e a Anitas sempre pra trás ficaria.
Montou-a no seu cavalo e com ela fugiria.
- 38 – Dá-mos a Anitas, senhor, pra resgate da nossa vida.
– A Anitas não vo-la dou, qu’ a Anitas era minha.
- 40 – Dá-mos um sapato da Anitas, pra resgate da nossa vida.
– O sapato não vo-lo dou, qu’ o sapato é da Anitas.

Variantes: 1a Onde é qu’ está; 6b bem na sua; 9b ela isso; 10a Vou-le procurar à dela; 12a passar minha; 18a Aparelha-me; 19a a Anitas; 20b qu’ eu o vinho não beberia; 21a vem;

21 quem no beberia era o cavaleiro qu' além vinha; 24a o seu; 24a Se fosse seu pai ou seu irmão; 25a Meu pai; 26 Irmão não é, qu' eu sozinha seria; 26a o seu; 25b já não tenia; 27b irmão não tenia; 30b pra lá vou a caminhar; 31a Se vai pra lá a caminhar; 31b nel rio; 33a Se Anitas s' honrada; 34a que a queremos levar; 41a uns sapatos.

2. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por José António Nunes, 78 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

Alcançar vai cavaleiro, alcançar vai serra acima,
 2 as neves eram tão grandes, sua esposa hay perdida.
 Ele, desde que a achara menos, pra casa bem corria.
 4 – Viste por aqui, ó minha mãe, minha esposa tão linda?
 Por aqui passou, ó meu filho, muito contente qu' ela ia,
 6 ia tocando uma guitarra, muito bem que a cingia.
 Duzentos perros mouros vão em sua companhia
 8 e no romance vai dizendo: – Morra, morra D. Garcia!
 – Ah! Isso é menos verdade, que ela isso não no dizia.
 10 Eu irei inda à mãe dela, que a verdade me diria.
 Vistes aqui, ó minha mãe, minha esposa tão linda?
 12 – Por aqui passou, ó meu filho, muito triste qu' ela ia,
 ia tocando numa guitarra, muito bem que a cingia.
 14 Duzentos perros mouros vão em sua companhia
 e no romance vai dizendo: – Valei-me aqui, ó D. Garcia!
 16 Se não me valeres hoje, não me valereis nenhum dia.
 – Não vás lá, ó meu filho, que a vida te custaria.
 18 – Não custa, não, minha mãe, que eu bem falar lhe saberia.
 Indo lá no meio do monte, ela bem no avistaria.
 20 – Sentemos aqui um pouquinho, que eu venho muito cansadinha.
 Comeremos um taquinho e beberemos uma pinguinha
 22 e deixaremos um copinho dele a cavaleiro qu' além vinha.
 – Se ele fora seu pai, muito bem se lhe guardaria.
 24 – Meu pai não é, que eu pai já o não tinha.
 – Se ele fora seu irmão, muito bem se lhe guardaria.
 26 – Meu irmão não é, que eu irmãos não nos tinha.
 – Se ele fora seu marido, muito bem se lhe guardaria.

- 28 – Meu marido não é, que eu casada não seria.
Sou muito compadecida de quem anda os seus caminhos.
- 30 – Deus os guarde, senhores, Deus os queira guardar.
– Onde é o cavaleiro que tão bem sabe falar?
- 32 – Sou mouro da Mourama, pra lá vou a caminhar.
– Quem mos há de passar a Aninha, quem me la há de passar?
- 34 Passe-me la o cavaleiro que Deus lho há de pagar.
Passou-os de um a um para o outro lado do rio,
- 36 [.....] só a Aninha para o fim deixaria.
Montou a Aninhas a cavalo, [.....]
- 38 em lugar de ir pelo rio abaixo, foi pelo rio arriba.
– Torna-mos cá a Aninhas, torna-me-la por tua vida!
- 40 – Ide-vos vós, ó perros mouros, qu’ esta Aninhas era minha.
– Dá-mos ao menos os vestidos, pra resgatar a vida.
- 42 – Ide-vos vós, ó perros mouros, qu’ estes vestidos são da niña.

3. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar vai serra acima,
2 as neves eram tão grandes que sua esposa é perdida.
– Onde está minha esposa, onde está minha querida?
- 4 – Aqui passou, ó meu filho, bem contente que ela ia,
com duzentos perros mouros iam em sua companhia.
- 6 Tocando numa guitarra, muito bem que a cingia,
no romance vai dizendo: – Morra, morra D. Garcia!
- 8 – Isso não, ó minha mãe, qu’ ela isso não dizia.
Vou perguntar à mãe dela, qu’ a verdade me diria.
- 10 – Onde está minha esposa, onde está minha querida?
– Aqui passou, ó meu filho, muito triste que ela ia,
12 tocando numa guitarra, muito bem que a cingia.
Com duzentos perros mouros qu’ iam em sua companhia,
- 14 no romance vai dizendo: – Valha-me aqui, D. Garcia!
Se não me valerdes hoje, não me valeis nenhum dia.
- 16 – Deixe-me ir, ó minha mãe, que eu resgatá-la-ia.

- Não vás lá, ó meu filho, que a vida te tirariam.
- 18 – Eles matar não me matam que eu falar-lhes saberia.
la no meio do caminho, ela pra trás olharia,
- 20 vira ir o seu marido, mas nada não diria.
– Sentemo-nos um bocadinho, qu’ eu vou muito cansadinha.
- 22 Comeremos um taquinho, beberemos uma pinguinha,
guardaremos um copo de vinho ao cavaleiro qu’ além vinha.
- 24 – Se ele era seu irmão, muito bem se lhe guardaria.
– Meu irmão não era, que eu irmão não o teria.
- 26 – S’ ele era seu marido, muito melhor se lhe guardaria.
– Meu marido não era, que eu casada não seria.
- 28 – Deus vos ajude, senhores, e à sua companhia.
– Quem era o cavaleiro que tão bem sabe falar?
- 30 – Sou mouro da Mourama, para lá vou a caminhar.
Chegaram no rio donde ela tinha que passar.
- 32 – Quem há de passar a niña, quem me la há de passar?
Passa-me la o cavaleiro que Deus lho há de pagar.
- 34 – Mulher que não tem honra no meu cavalo não ia.
– Se a tinha ainda a tem, que ninguém lha tiraria,
- 36 levamo-la de presente ao nosso rei da Turquia.
Passaram de um a um para o outro lado do rio,
- 38 mas a Aninha para a última deixaria.
Montou-a no seu cavalo, às avessas viraria.
- 40 – Torna-nos cá, cavaleiro, torna-nos por tua vida,
torna-nos a Aninhas para nos resgatar a vida.
- 42 – Ide-vos vós, perros mouros, qu’ esta niña era minha.

Variantes: 1b como o sol ia; 2a mas as neves; 2b sua esposa há; 6a na sua; 10 Diga-me aqui, minha mãe, minha esposa como seguia; 19b ela bem no avistaria; 21 Vamos descansar aqui que vou muito cansadinha; 22 Vi além um cavaleiro que bem cansado viria; 23a guardamos este; 24b nós bem lho guardaríamos; 25b irmãos não teria; 28 Deus os guarde, senhores, Deus os queira guardar; 32a Quem nos passará a Aninha; 39 Em vez de ir ao pra diante, ao pra trás tornaria.

4. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Lá se vai D. Pedro à caça, à caça d'ano e dia,
 2 sua esposa linda leva, sua esposa levaria.
 A neve era tanta que na neve ficou perdida.
 4 Voltou atrás saber dela, mas ela não encontraria.
 Foi saber do seu cavalo, também nada aparecia.
 6 Viu quatrocentos mouros para a borda dum rio
 [.....] e ele aqueles mouros seguia.
 8 – Deus os guarde, cavalheiros, Deus os queira guardar.
 – Venha cá, ó senhor, queira-se aqui repousar.
 10 – Eu não me repouso, que tenho muito que andar.
 – Esta menina que nós aqui temos, no rio no la há de passar.
 12 – Ponham-ma cá no meu cavalo, qu'eu não me posso apear,
 que sou de muito longe, tenho muito que andar.
 14 Uns foram rio abaixo, outros foram ao correr do rio acima.
 Ele virou rédeas ao cavalo, seguiu pela serra acima.
 16 – Venha cá, ó cavaleiro, traga-nos cá essa menina,
 que estava na neve, na neve perdida,
 18 e as lágrimas eram tantas que muito choraria.
 E agora queríamo-la para nossa primeira rainha.
 20 – Ela não quer o rei nem quer ser rainha,
 vai com o seu marido, contente da sua vida.

Variantes: 3 mas a neve era tanta que le ficou lá perdida; 4 virou pra trás a saber dela, já não na encontraria; 5b sua esposa não via; 6b para a beira; 9a ó cavaleiro; 10a Não me; 10b que eu; 15b subiu serra; 16a cavaleiro; 17 e 18 que nós encontrámo-la na neve, ela muito choraria; 19a E nós queríamo-la; 21 vai no seu marido, vai contente da sua vida.

5. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Chorosa vai a Silvana, pelas serras da Hungria,
 2 com duzentos perros mouros, vão em sua companhia.

- Guitarra leva na mão, mas tocá-la não podia,
 4 pelos montes vai dizendo: – Valei-m’ aqui, D. Garcia,
 esposo da minha vida, a quem eu tanto queria!
 6 E se não me valeres hoje, não me valeis noutro dia.
 (.....)
 Os mouros, do outro lado, faziam a gritaria:
 8 – Passa-nos, cavaleiro, passa-nos cá a niña,
 porque se não no-la passares a vida nos custaria.
 10 – A niña não vo-la passo, porque a niña é esposa minha.

XXXIV. O CEGO

1. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Alcina de Jesus Pires, 65 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Levante-se, ó minha mãe, desse sono, tanto dormir,
 2 venha ouvir o cego que tem lindo pedir.
 – Anda, Aninha, anda, pega na roca e no linho.
 4 Vai-lhe dar do nosso pão e também do nosso vinho,
 e vai ao triste cego e ensina-lhe o caminho.
 6 – Anda, cego, anda mais um bocadinho,
 naquele verde vale lá vai o caminho.
 8 – Anda, Aninha, anda mais um bocadinho,
 sou curto da vista, não vejo o caminho.
 (.....)

2. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Abre-te janela, cerra-te postigo,
 2 dai-me cá um lenço que eu venho ferido.
 – (.....) ferido venhas embora,

- 4 minha janela não se abre a esta hora.
Qual é o vadio que a esta hora anda?
- 6 Eu já estou preparada para m'ir à cama.
– Levanta-te, Mineta, agarra a roca e linho
8 e vai com o pobre cego ensinar-l' o caminho.
– Lá mais adiante, lá mais adiantinho,
10 despejou-se a roca e acabou-s' o linho.
Lá mais adiante, ò pé daquele verde pinho,
12 lá mais adiante, ali vai o caminho.
– Venha, Mineta, mais adiante, mais adiantinho,
14 qu' eu sou curto de vista, não vejo bem o caminho.
– Oh, valha-me Deus e a Virgem Maria,
16 quanta gente vem da cavalaria!
– Se tanta gente vem da cavalaria,
18 meta-se, Mineta, debaixo da minha capinha.
– Ai, nunca vi pobre cego com tal fantasia,
20 espada dourada e cinta cingida.
– A espada é minha e a cinta é tua,
22 sobe-te, Mineta, em cima desta mula.
– Ora valha-me Deus e a Virgem Maria!
24 Estas contas todas minha mãe as sabia.
De duques e condes eu fui pretendida
26 e agora dum cego serei vencida.
Adeus, minha casa, adeus, minha janela,
28 adeus, minha mãe, que tão falsa me era!

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Levanta-te, ó Ana, do teu bom dormir,
2 está um pobre cego à porta a pedir.
– Está o pobre cego, dê-lhe pão e vinho
4 e diga-lhe ao cego que siga o caminho.
– Não quero o seu pão, não quero o seu vinho,
6 só quero qu' a menina me ensine o caminho.

– Pega, Ana, na roca e no linho,
 8 ensina o caminho ao triste ceguinho.
 – Aguenta-te, ó cego, mais um bocadinho,
 10 lá mais adiante está um verde pinho.
 – Anda tu, ó Ana, mais um bocadinho,
 12 tenho a vista turva não enxergo tal pinho.
 – Condes e duques fui eu pretendida,
 14 agora dum cego me vejo rendida.
 Oh, valha-me Deus e a Virgem Maria,
 16 quanta gente passa da cavalaria!
 – Mete-te, ó Ana, debaixo da minha capinha,
 18 enquanto a gente passa da cavalaria.
 – Nunca vi um cego que tão bem vestisse,
 20 usa a espada de ouro e cinta a fingir-se.
 Adeus, minha casa, adeus, minhas janelas,
 22 adeus, minha mãe, que tão falsa me eras!
 Adeus, minha casa, adeus, meus quintais,
 24 adeus, minhas amigas, para nunca mais!

Variantes: 17a Mete-te tu; 20b cinto.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

– Pega, Mineta, na roca e no linho,
 2 ensina o caminho ao triste ceguinho.
 – Adianta-te, ó cego, lá vai o caminho,
 4 além mais adiante, vês um verde pinho.
 – Anda, Mineta, mais um bocadinho,
 6 sou curto da vista e não vejo tal pinho.
 – Adianta-te, ó cego, lá vai o caminho,
 8 além mais adiante, vês um verde pinho.
 – Anda, Mineta, mais um bocadinho,
 10 sou curto da vista e não vejo tal pinho.
 – Valha-me Deus e a Virgem Maria,

- 12 que além vem a cavalaria!
 – Sobe-te, Mineta, para o meu cavalhito,
 14 cobre-te com a capa do triste ceguito.
 – De condes e duques fui eu pretendida
 16 e agora dum cego me vejo rendida.
 – De condes e duques és tu pretendida,
 (.....)

**5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa,
 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.**

- Acorda, Mineta, dum doce dormir,
 2 tens o cego à porta c’ um lindo pedir.
 – Pega, Mineta, na roca e no linho,
 4 ensina o caminho ao triste ceguinho.
 – Adianta-te, ó cego, lá vai o caminho,
 6 lá mais adiante, vê um verde pinho.
 – Anda, Mineta, mais um bocadinho,
 8 sou curto da vista, não vejo tal pinho.
 – Valha-me Deus e a Virgem Maria,
 10 que além vem a cavalaria!
 – Sobe-te, Mineta, para o meu cavalhito,
 12 cobre-te com a capa do triste ceguito.
 – Valha-me Deus e a Virgem Sagrada,
 14 por fora de pobre e por dentro dourada!
 De condes e duques fui eu pretendida
 16 e agora dum cego me vejo rendida.
 – Cala-te, Mineta, cala-te, ó querida,
 18 de condes e duques és tu pretendida.
 – Adeus, minhas varandas, adeus, meus quintais,
 20 adeus, minhas primas, para nunca mais.
 Adeus, passarinhos, que voais por esse claro dia,
 22 dizei-l’ a minha mãe, que destas bodas bem ela sabia.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

– Levanta-te, Mineta, do doce dormir,
 2 tens os cegos à porta c’ um lindo pedir.
 Pega, Mineta, na roca e no linho,
 4 ensina o caminho ao triste ceguinho.
 – Adianta-te, ó cego, lá vai o caminho,
 6 além mais adiante, há um verde pinho.
 – Anda, Mineta, mais um bocadinho,
 8 sou curto da vista, não vejo tal pinho.
 – Oh, valha-me Deus e a Virgem Maria,
 10 que já além vem a cavalaria!
 – Sobe-te, Mineta, para o meu cavalito,
 12 cobre-te com a capa do triste ceguito.
 – Por dentro dourada, por fora esfarrapada!
 14 Tocam os sinos. Oh, quem morreria?
 É por uma hija de terras estrangeiras,
 16 que morreu no parto por não ter parteira.

7. Versão de Moimenta (concelho de Vinhais), recitada por Mário dos Santos, 56 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

Era meia-noite quando o ladrão veio,
 2 bateu três pancadas ao portão do meio.
 – Abra-m’ essa porta, abra-m’ o postigo,
 4 dê-m’ o seu lencinho qu’ eu já venho ferido.
 – S’ o senhor vem ferido, pode-s’ ir embora,
 6 que a minha portinha não se abr’ agora.
 – Não se abre agora, para mim se há d’ abrir.
 8 Sou um triste cego, cantando a pedir.
 – Se ele canta e bebe, dá-lhe pão e vinho.
 10 Se o não quiser, ensina-lh’ o caminho.
 – Nem quero o seu pão nem quero o seu vinho,
 12 só quero que a menina m’ ensinass’ o caminho.

- Segue lá, ó cego, segue o teu destino.
- 14 – Anda aqui, Mineta, aqui, mais além,
eu sou curto da vista e não vejo ninguém.
- 16 – De condes e duques eu fui pretendida,
e agora dum cego me vejo vencida.
- 18 – Eu nem era cego nem Deus o permitia.
Eu era aquele duque que a ti te pretendia.
- 20 – Adeus, ó minha casa, adeus, ó janelas,
adeus, minha mãe, que tão falsa me eras!
- 22 Adeus, meu paizinho, adeus, olivais,
adeus, meu paizinho, para nunca mais!

8. Versão de Vilarinho das Touças (concelho de Vinhais), recitada por Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos, residente em Seixas (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Adiante, Mineta, adiante, mais adiante um bocadinho,
2 que eu sou curto da vista, não vejo bem no caminho.
– Adiante, Mineta, adiante, mais adiante àquele atalho,
(.....)
- 4 – Valha-me Deus, valha, valha-me a Virgem Maria,
nunca vi pobre cego que tanto ouro trazia!
- 6 – Nem sou pobre cego nem nada disso teria.

Variante: 4b também a Virgem.

9. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Levanta-te, Mineta, do doce dormir,
2 dá a esmola ao pobre de tão doce pedir.
– Não te quero o pão nem te quero o vinho,
4 só quero que a Mineta me ensine o caminho.
– Pega tu, Mineta, na roca e no linho,

6 vai diante o cego, ensina-lhe o caminho.
 – Adiante, cego, àquele verde pinho,
 8 adiante, cego, lá vai o caminho.
 – Adiante, Mineta, àquele verde pinho,
 10 eu estou curto da vista, não alcanço o caminho.
 – Adiante, cego, àquela lavrada,
 12 adiante, cego, lá vai a estrada.
 – Adiante, Mineta, àquela lavrada,
 14 eu estou curto da vista, não alcanço a estrada.
 Mete-te, Mineta, debaixo mi capilla,
 16 até passar a gente da cavalaria.
 – Valha-me Deus, valha, e a Virgem Maria,
 18 era tanta a gente da cavalaria!
 Nunca vi cego com tanta fantasia.
 20 Com duques e condes eu fui pretendida,
 e agora c’ um cego me dou por amiga.
 22 Adeus, pássaros do campo, que pelo ar andais,
 adeus, meu pai, para nunca mais!
 24 Adeus, janelas, janelas das eiras,
 adeus, raparigas todas, casadas e solteiras!
 26 Adeus, tanques, tanques d’ água fria,
 adeus, rapazes todos, com quem m’ ad’vertia!

10. Versão de Lagarelos (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

– Levante-se, minha mãe, de tão doce dormir,
 2 ver o pobre cego cantar e pedir.
 – S’ o pobre pede e canta, dá-lhe pão e vinho,
 4 se o não quiser, que siga o caminho.
 – Não quero do vosso pão nem do vosso vinho,
 6 quero que a Anita me ensine o caminho.
 – Pega nessa roca, carrega-a de linho,
 8 vai com o pobre cego, ensina-lhe o caminho.

- Adiante, cego, lá vai o caminho,
 10 já não posso mais, acabou-se-m' o linho.
 – Anda, Anita, mais um bocadinho,
 12 adiante, adiante àquele cruzeirinho.
 – Ai, valha-me Deus e a Virgem Sagrada,
 14 nunca vi um cego com espada dourada!
 – Não sou cego, não, tal Deus não queria,
 16 sou aquele príncipe que te pretendia.

11. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Levanta-te, Mineta, do doce dormir,
 2 está o pobre cego à porta num lindo pedir.
 Dá-lhe pão e vinho, que siga o seu caminho.
 4 – Não quero o seu pão, não lhe quero o seu vinho,
 só quero que a Mineta me ensine o caminho.
 6 – Carrega a tua roca do mais fino linho,
 vai com o triste cego, ensina-lhe o caminho.
 8 – Adiante, adiante, cego, àquele verde pinho,
 mais tantinho adiante, lá vai o caminho.
 10 – Adiante, adiante, Mineta, mais um bocadinho,
 sou curto da vista, não vejo o caminho.
 12 Esconde-te aqui, Mineta, debaixo da minha capinha,
 enquanto passa e não passa a cavalaria.
 14 – Oh, valha-me Deus, a Virgem Maria,
 nunca vi tal cego com tal fantasia!
 16 De condes e duques eu fui pretendida,
 só agora dum cego é que me eu vi vencida.
 18 – Cala-te, Mineta, [.....]
 do filho dum conde tu foste vencida!
 20 – Adeus, minha casa, adeus, minhas janelas,
 adeus, minha mãe, que tão falsa me eras!

12. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Levanta-te, Mineta, dum doce dormir.
 2 Mas está um cego à porta num lindo pedir.
 Se ele canta e pede, dá-lhe do teu vinho.
 4 – Levanta-te, Mineta, ensina-m’o caminho.
 – A jornada é longa, estou farta d’andar.
 6 Já espiei a roca, quero-me voltar.
 Já espiei a roca, já afiei o linho,
 8 e o malvado do cego não sabe o caminho.
 – Mais além, além, até ò verde pinho,
 10 que ò depois pra diant’ eu já sei o caminho.
 – Oh, valha-me Deus e a Virgem Maria,
 12 era tanta a gente de cavalaria!
 – Oh, valha-me Deus e a Virgem Maria!
 14 Esconda-s’, ó menina, na minha capinha.
 – De condes e duques fui eu pretendida,
 16 agora dum cego serei eu amiga.
 Adeus, minha casa, adeus, minha janela,
 18 adeus, minha mãe, que tão me falsa eras!

13. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Gilberta de Fátima Morais Gonçalves, 26 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Levante-se, minha mãe, levante, se está dormindo,
 2 venha ouvir o cego cantando e dormindo.
 – Se ele canta e pede, dá-lhe pão e vinho,
 4 se o não quiser, ensina-lhe o caminho.
 – Eu não quero o teu pão nem quero o teu vinho,
 6 só quero que a menina me ensine o caminho.
 – Pega nessa roca, carrega-a de linho,
 8 vai com o triste cego, ensina-lhe o caminho.
 – Já afiei a roca, já cavei o linho,
 10 adiante, cego, lá vai o caminho.

- Eu não era cego nem Deus me faria,
12 era o rei de Espanha que te pretendia.
Diz adeus à terra, se lhe queres dizer,
14 a tua terrinha não voltas a ver.
– Adeus, minha terra, de nove olivais,
16 adeus, minha manas, para nunca mais.
Adeus, minha casa, portas e janelas,
18 adeus, minha mãe, que tão falsa me eras!

14. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Matilde Maria Pereira Afonso, 39 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Levanta-te, Mineta, dum doce dormir,
2 tu tens um pobre à porta num lindo pedir.
Dá-lhe do teu pão e dá-lhe do teu vinho,
4 levanta-te, Mineta, a ensinar-lhe o caminho.
(.....)

15. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

- Levanta-te, Mineta, desse lindo dormir,
2 está um pobre cego à porta do lindo pedir.
Vai-lhe dar do teu pão, vai-lhe dar do teu vinho.
4 – Eu não quero do seu pão nem quero do seu vinho,
só quero qu’ a Mineta me ensine o caminho,
6 qu’ eu sou um pobre cego, não vejo o caminho.
– Adiante, ceguinho, mais um bocadinho,
8 naquela lavrada, lá vai o caminho.
– Adiante, Mineta, mais um cibinho,
10 que sou curto da vista, não vejo o caminho.
– Valha-me Deus, valha, e a Virgem Maria,
12 tanta era a gente da cavalaria!
Cerra-te, postigo, abre-te, janela.

- 14 Mal o haja a minha mãe, que tão falsa era!
De condes e duques eu fui pretendida
16 e agora dum pobre cego me vejo vencida.

Variantes: 2a ceguinho; 2 vai dar esmola ao pobre do seu lindo pedir; 3 - Levanta-te, Mineta, dá-lhe do teu pão e dá-lhe do teu vinho; 4 Nem lhe quero do seu pão nem lhe quero do seu vinho; 5 quero que, Mineta, me ensines o caminho; 6 qu' eu sou ceguinho, sou ceguinho para sempre, / quero que a Mineta m' ensines o teu bem; 7b que já lá vem a estrada; 8 eu não te posso ensinar mais, que já estou muito longe da minha casa; 13a Abre-te; 14 tão falsa; 15b eu fui vencida.

Nota: A entrevista de dia 1 de setembro de 1980 apenas pôde ser recuperada pela transcrição de J. J. Dias Marques.

16. *Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por José António Nunes, 76 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.*

- Levanta-te, Mineta, do doce dormir,
2 está o cego à porta de lindo pedir.
Dá-lhe do teu pão e dá-lhe do teu vinho,
4 vai c' o pobre cego, ensina-lh' o caminho.
Levanta-te, Mineta, pega na roca e linho,
6 vai c' o pobre cego, ensina-lh' o caminho.
– Adiante, cego, àquele verde pino,
8 adiante, cego, lá vai o caminho.
– Adiante, Mineta, mais outro tantinho,
10 sou curto da vista, não vejo o caminho.
– Adiante, cego, àquela lombada,
12 adiante, cego, lá vai a estrada.
– Esconde-te, Mineta, debaixo de mi capilla,
14 enquanto passa a gente da cavalaria.
– Valha-me Deus, valha, e a Virgem Maria,
16 nunca vi cego com tal fantasia!
De condes e duques fui pretendida
18 e agora dum cego me dou por amiga.

- Cala-te, Mineta, cala-te, mi vida,
- 20 do duque d’ Elvas és pretendida.
- Abre-te, postigos, abre-te, janelas,
- 22 adeus, minha mãe, que tão falsa m’eras!

17. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Levanta-te, Mineta, do doce dormir,
- 2 está o cego à porta num lindo pedir.
- Dá-lhe do teu pão e dá-lhe do teu vinho.
- 4 – Não quero do seu pão, não quero do seu vinho,
- só quero que a Mineta me ensine o caminho.
- 6 – Eu vou carregar a roca do mais fino linho.
- Eu já espiei a roca, já fei o linho.
- 8 – Adiante, Mineta, mais um bocadinho.
- Eu já espiei a roca, já fei o linho.
- 10 – Adiante, Mineta, àquele verde pinho.
- Adeus, minha casa, adeus, minha janela,
- 12 adeus, minha mãe, que tão falsa me era!
- Por condes e duques eu fui pretendida
- 14 e agora dum cego eu vou ser amiga.
- Cala-te, Mineta, cala-te, mi vida,
- 16 que do duque de Elvas tu és pretendida.

Variantes: 2b no; 5a quero que a menina.

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes, 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Levanta-te, Mineta, do lindo dormir,
- 2 está o cego à porta do lindo pedir.
- Levanta-te, Mineta, pega na roca e linho,

4 vai c' o pobre cego, ensina-lh' o caminho.
 Dá-lhe do teu pão, dá-lhe do teu vinho,
 6 vai c' o pobre cego, ensina-lh' o caminho.
 – Nem lhe quero o pão nem lhe quero o vinho,
 8 só quero que a Mineta m' ensine o caminho.
 – Adiante, cego, àquela beirada,
 10 mais um bocadinho já lá vem a estrada.
 – Adiante, Mineta, mais um bocadinho,
 12 sou curto da vista, não vejo o caminho.
 – Esconde-te, Mineta, debaixo de mi capia,
 14 enquanto passa a gente da cavalaria.
 – Oh valha-me Deus e a Virgem Maria!
 16 Nunca vi um cego com tanta fantasia.
 – Cala-te, Mineta, cala-te, mim vida,
 18 que do duque d' Elvas tu és pretendida.
 – Cerrai-vos, postigos, abri-vos, janelas,
 20 adeus, minha mãe, que tão falsa m' eras!

19. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Albina do Espírito Santo Barreira, 62 anos, natural de Candedo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

– Levanta-te, Mineta, do sono a dormir,
 2 tens um pobre à porta de lindo pedir.
 S' está um pobre à porta, dê-lhe pão e vinho,
 4 dê-lhe pão e vinho, que siga o seu caminho.
 – Nem quero o seu pão nem quero o seu vinho,
 6 só quero a Mineta que me ensine o caminho.
 – Já espiei a roca, já fei o linho,
 8 e o pobre do cego não sai do caminho.
 – A [...?...] é minha, a cinta é tua,
 10 anda, ó Mineta, tira-te da rua.
 – Adeus, minha casa de quatro janelas,
 12 adeus, minha mãe, que tão falsa me eras!

20. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Armelina dos Anjos Pires, 21 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Mete-te aqui, Mineta, debaixo da minha capilla,
2 que vem gente de cavalaria!
– Por príncipes e duques eu fui pretendida
4 e agora um cego me leva rendida.
– Não chores, Mineta, não chores d’arrendida,
6 qu’eu sou um dos príncipes que t’ a ti pretendia.
– Adeus, minha casa, com seus olivais,
8 adeus para sempre, para nunca mais.
– A que tocam, pastorinhos, a que tocam lá naquela aldeia?
10 – Tocam a enterrar a Mineta que veio da terra alheia.

21. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Coma desse pão, beba desse vinho,
2 logo a Mineta ensina-lhe o caminho.
– Não quero do seu pão nem quero do seu vinho,
4 chame-me a Mineta que me ensine o caminho.
– Busca a tua roca, carrega-a de linho,
6 vai c’o pobre cego, ensina-lhe o caminho.
– Ande, pobre cego, mais um bocadinho,
8 lá vai a estrada, lá vai o caminho.
– Anda tu, Mineta, mais um bocadinho,
10 sou curto da vista, não enxergo o caminho.
– Ande, pobre cego, àquele tumbeirinho,
12 lá vai a estrada, lá vai o caminho.
De príncipes e condes eu fui pretendida
14 e agora dum conde eu estarei vencida.
Adeus, minha casinha, adeus, meu arredor,
16 adeus, minha mãe, que bem falsa me foi.

22. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

– Levanta-te, Mineta, do doce dormir,
2 está um cego à porta c’ um lindo pedir.
– Carrega a tua roca, o teu linho fino,
4 e vai com o cego ensinar-lhe o caminho.
– Adiante, Mineta, mais um bocadinho,
6 pouco mais ou menos lá vai o caminho.
– Adiante, ó cego, mais uma polegada,
8 pouco mais ou menos lá vai a estrada.
(.....)
– Eu não era cego nem Deus o permitia,
10 que eu era um conde que por ti morria.

Romances de incestos

XXXV. SILVANA

1. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

- Delgada, ó Delgadinha, Delgada, ó filha minha,
 2 [.....] queres comigo brincar um dia?
 Numa noite abençoada d’ amores a pretendia.
 4 – Tu que tens, ó Delgadinha, tu que tens, ó filha minha?
 – O ladrão do meu pai de amores me pretendia.
 6 – Não te preocupes, Delgadinha, não te preocupes, filha minha,
 deito-me na tua cama e tu vais dormir à minha.
 8 Lá por essa meia-noite, o malvado se aproximaria.
 – Tu não estás virgem, Delgadinha, tu não estás virgem, filha minha.
 10 – Como queres que eu esteja virgem, se eu três vezes já pari:
 uma do conde d’ Algarve, outra do conde de Leiria,
 12 outra da nossa Delgadinha, da nossa filha tão querida.
 – Oh, bem hajas tu, mulher, mais o leite que mamaste,
 14 que da meia-noite em ponto do Inferno me livraste.

Variantes: 6 Não chores, ó Delgadinha, não chores, ó filha minha, / [.....] qu’ isso remédio teria; 7 Eu vou-me deitar à tua cama e tu vais-te deitar à minha; 11b conde de Paris.

XXXVI. DELGADINHA

1. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por Maria Augusta Fernandes, 47 anos. Recolhida nos dias 13 de agosto de 1980 e 26 de agosto de 1981.

Era um rei que tinha três filhas, todas lindas como a prata,
 2 a mais linda delas todas Gaudininha se chamava.
 – Queres tu, ó Gaudininha, queres ser minha namorada?
 4 Eu de ouro te vestia, eu de prata te calçava.
 – Isso não, ó meu papá, é coisa que Deus não quer,
 6 porque eu sou a sua filha e não a sua mulher.
 Mandou fazer uma torre das mais altas que havia,
 8 pra meter a Gaudininha oito anos e mais um dia.
 Chegou-se à janela do cimo, à mais alta que a torre tinha,
 10 e avistou a sua mana, no quintal sentadinha.
 – Ó mana que Deus me deu, dá-me uma pinguinha de água,
 12 que a água alimenta o corpo e o coração desta alma.
 – Eu a água bem ta dava, a mim nada me importava,
 14 mas o papá deixou dito que alguma de nós matava.
 Chegou-se à janela do fundo, à mais baixa que a torre tinha,
 16 e avistou o seu papá do quintal para a cozinha.
 – Ó papá que Deus me deu, dê-me uma pinguinha de água,
 18 que a água alimenta o corpo e o coração desta alma.
 – Eu a água não ta dou, ó filha da maldição,
 20 eu pedi-te a tua honra, tu me disseste que não.
 – Tome lá minha mão direita, faça dela o que quiser,
 22 já pode ir dizer à rua que sou filha e mulher.
 – Correi, correi, meus criados, levar água a Gaudininha,
 24 o primeiro lá a chegar terá uma prenda minha.
 Todos foram a correr pra abrir primeiro a porta,
 26 quando o primeiro lá chegou, Gaudininha estava morta.

Variantes: 2a e a mais; 6a porque sou; 18a mata a sede.

2. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Silvana, ó Silvana, Silvana, ó filha minha,
 2 Silvana, ó Silvana, contigo brincara um dia.
 – Brincaria, meu paizinho, ó meu pai, quem não brincaria,
 4 mas as penas do Inferno, ó meu pai, quem nas sentiria?
 – Há um Padre Santo em Roma que tudo perdoaria.
 6 – Mas as penas do Inferno Silvaninha as sentiria.
 Mandou fazer um castelo posto na maravilha,
 8 para meter a Silvana dez anos e mais um dia.
 A comida ia por onças, a água nunca a bebia.
 10 Subiu-se a uma janela, janela dond’ avistava,
 viu estar o seu paizinho, jogando o jogo das cartas.
 12 – Por Deus te peço, meu paizinho, por Deus e por tua alma,
 que me mandes dar um copo d’ água.
 14 – Tira-te daí, Silvana, Silvana e má criada,
 pedi-te a tua mão direita, disseste que ma não davas.
 16 – Darei-l’ agora a esquerda, porqu’ a esquerda não vale nada,
 se valesse alguma coisa, decerto que lha não dava.
 18 Subiu-s’ a outra janela, janela dond’ avistava,
 viu estar as suas irmãzinhas, cosendo em seda lavrada.
 20 – Por Deus vos peço, minhas maninhas, por Deus e por vossa alma,
 [.....] que me deieis um copo d’ água.
 22 – Daríamos-te nós, Silvana, Silvana da nossa alma,
 mas o pai tem-me-la jurada na ponta da sua arma.
 24 – Correi, correi, estudantes, a levar água à Silvaninha.
 O primeiro que lá chegar, darei-lh’ uma prenda minha.
 (.....)

Variantes de 1981: 1-3 Silvana, ó Silvana, Silvana, ó Silvaninha, / Silvana, ó Silvana, Silvana, ó filha minha, / contigo, ó Silvana, eu brincara um dia.; 9b e a água; 10a Chegou-s’; 12b paizinho da minha alma; 13 Venho pelo mando de Deus que me deieis um copo de água; 14 Tira-te daí, má filha, má filha e má-criada; 18 Chegou-s’; 19a maninhas; 20 Por Deus te peço, ó minhas maninhas, maninhas da nossa alma; 21 Venho pelo mando de Deus que me deieis um copo de água.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Juliana, Juliana, Juliana, ó papá,
 2 queres tu, ó Juliana, seres a minha namorada?
 – Isso não, ó meu papá, é coisa que Deus não quer.
 4 Se eu sou a sua filha, não sou a sua mulher.
 Mandou fazer uma torre das mais altas que havia,
 6 para meter a Juliana sete anos e mais um dia.
 Seu pai fez uma jura na ponta da sua espada,
 8 quem desse água à Juliana tinha a cabeça cortada.
 Passou por ali os seus criados no jardim a passear.
 10 – Criados se vós sois meus, dai-me um bocadinho de água.
 – Não dou água à Juliana, não dou água nem dou nada,
 12 que o seu pai fez uma jura na ponta da sua espada,
 quem desse água à Juliana tinha a cabeça cortada.
 14 Passou ali a sua irmã no jardim a passear.
 – Irmã, se tu és minha, dá-me um bocadinho de água.
 16 – Não dou água à Juliana, não dou água nem dou nada,
 o maroto do papá até a água tem fechada.
 18 Passou ali o seu pai no jardim a passear.
 – Paizinho, se tu és meu, dá-me um bocadinho de água.
 20 Chamou pelos seus criados que fossem lá a correr,
 a dar água à Juliana estava a acabar de morrer.
 22 Juliana não quer água, Juliana não quer nada,
 tem à sua cabeceira uma fonte dela sagrada.
 24 A alma dela está no céu e a do pai está condenada.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Isso não, ó meu papá, é coisa que Deus não quer.
 2 Eu sou a sua filha, não sou a sua mulher.
 Mandou fazer uma torre das mais altas que havia,
 4 para meter a Solidana, sete anos e mais um dia.

- Avistou o irmão mais velho, no jardim a passear.
- 6 – Irmãozinho, se és meu, tua alma está sagrada,
só te peço por favor que me dês um copo de água.
- 8 – Não dou água à Solidana, nem dou água nem dou nada,
que me jurou o meu pai na ponta da sua espada,
10 quem desse água à Solidana tinha a cabeça cortada.
Avistou o irmão mais novo, no jardim a colher flores.
- 12 – Irmãozinho, sim, és meu, tua alma está sagrada,
só te peço por favor que me dês um copo de água.
- 14 – Não dou água à Solidana, nem dou água nem dou nada,
que me jurou o meu pai na ponta da sua espada,
16 quem desse água à Solidana tinha a cabeça cortada.
Avistou a irmã mais velha, numa almofada a bordar.
- 18 – Irmãzinha, se és minha, tua alma está sagrada,
só te peço por favor que me dês um copo de água.
- 20 – Não dou água à Solidana, nem dou água nem dou nada,
que me jurou o meu pai na ponta da sua espada,
22 quem desse água à Solidana tinha a cabeça cortada.
– Vinde cá, ó meus criados, vinde todos a correr,
24 a dar água à Solidana que ela está para morrer.
Solidana não quer água nem quer água nem quer nada,
26 em frente à sua cabeça há tanques de água sagrada.

**5. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz,
73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Delgadinha, ó Delgadinha, Delgadinha, ó Delgada,
2 queres tu, Delgadinha, ser a minha namorada?
Trazia-te vestidos de seda, calçado de prata lavrada.
- 4 – Não me permite Deus do céu eu ser sua namorada.
Mandara fazer uma torre prà Delgadinha ser fechada,
6 o comer que lhe davam era sardinha salgada.
Assubira-se a uma ventana, d'altas torres onde estava,
8 avistara seus manos a passear na praia.
– Meus manos, s' é que o sois, dai-m' uma pinguinha d' água.

- 10 – Bem ta dara, Delgadinha, s’o papá mo deixara.
Assubira-se a outra ventana, d’altas torres onde estava,
12 avistara a sua mãe a passear na praia.
– Minha mãe, s’ é que o sois, dai-m’ uma pinguinha d’ água.
14 – Bem ta dara, Delgadinha, s’ eu com ela te matara.
Assubira-se a outra ventana, d’altas torres onde estava,
16 avistara seu pai a passear numa praia.
– Meu pai, s’ é que o sois, dai-m’ uma pinguinha d’ água.
18 – Bem ta dara, Delgadinha, s’ eu com ela te virara.
Ao cabo de três dias, Delgadinha suspirara.

6. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Aldininha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
2 O seu pai, des’ que o soube, não esperou por mais nada,
mandou fazer uma torre muito linda e muito alta,
4 [... ..] pra Aldininha ser fechada.
– Ó minha irmã, se o és, dá-m’ uma pinguinha d’ água,
6 que se me seca o coração, esta boca, esta alma.
– Bem ta dava, ó minha irmã, dava-ta de boa mente,
8 mas o ladrão do teu pai levou as chaves do nascente.
– Ó minha mãe, se o é, dá-m’ uma pinguinha d’ água,
10 que se me seca o coração, esta boca, esta alma.
– Dava-ta, ó minha filha, dava-ta de boa mente,
12 mas o ladrão do teu pai levou as chaves do nascente.
– Ó meu irmão, se o és, dá-m’ uma pinguinha d’ água,
14 que se me seca o coração, esta boca, esta alma.
– Ó minha irmãzinha, dava-ta e dava-ta de boa mente,
16 mas o ladrão do teu pai levou as chaves do nascente.
– Ó meu pai, se o és, dá-m’ uma pinguinha d’ água,
18 que se me seca o coração, esta boca, esta alma.
– Correi, correi, meus criados, depressa, não devagar,
20 para a Aldininha o seu coração refrescar.

Variantes: 3 e 4 mandou fazer uma torre pra Aldininha ser fechada; Ó minha querida irmã, dava-ta de boa mente.

7. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Valdinha, quer ser minha, quer ser minha namorada?
- 2 Seu pai, assim que o soube, não lhe esperou por mais nada,
mandou fazer uma torre muito alta e muito linda,
4 pra enterrar a Valdinha naquela torre mais alta.
Naquela torre mais alta, sem comer e sem beber,
6 mandou enterrar a Valdinha naquela torre mais alta.
Valdinha, com a sede, subiu-se a uma sacada,
8 vira estar a sua mãe, bordando seda lavada.
– Ó minha mãe, se o sondes, dai-m' uma gotinha d' água,
10 que se se me sec' ò coração nesta vida, nesta alma.
– Eu bem ta dava, minha filha, dava-ta de boa mente,
12 mas o ladrão de teu pai levou a chave do nascente.
Valdinha, com a sede, subiu-se a outra sacada,
14 via estar a sua irmã, passando seda bordada.
– Ó minha irmã, se o sondes, dai-m' uma gotinha d' água,
16 que se se me sec' ò coração nesta vida, nesta alma.
– Eu bem ta dava, minha irmã, dava-ta de boa mente,
18 mas o ladrão do nosso pai levou a chave do nascente.
Valdinha, com a sede, subiu-se a outra sacada,
20 vira estar o rei seu pai, jogando o jogo da espada.
– Ó meu pai, se o sondes, dai-m' uma gotinha d' água,
22 que se se me sec' ò coração nesta vida, nesta alma.
– Altos, altos, meus criados, a todos que jogam a espada,
24 vão dar água a Valdinha àquela torre mais alta.
E o primeiro que chegar terá uma espada de prata
26 e o último que chegar terá a vida tirada.
Por Deus e Virgem Maria todos chegaram a par,
28 todos chegaram a par, mas Valdinha suspirava.
Mas Valdinha se morreu, não morreu por falta d' água,

- 30 que òs pés de Valdinha nascia uma fonte clara.
 Òs pés de Valdinha nascia uma fonte clara,
 32 mas no inferno o rei, seu pai, c' os demónios espernejava.

8. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Galdinha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
 2 O seu pai, des' que o soube, não esperou por mais nada,
 mandou fazer uma torre muito linda, muito alta.
 4 Mandou fazer uma torre Galdinha (*sic*) ser fechada,
 sete dias, sete noites, sem Galdinha beber água.
 (.....)

Variante: 2a Seu pai.

9. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Matilde Maria Pereira Afonso, 39 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Valdinha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
 2 Eu de ouro te vestia e de prata te calçava.
 – Meu papá, não posso ser, não posso ser sua namorada,
 4 não quero que a mamã seja uma senhora mal casada.
 Mandou fazer uma torre muito alta e muito linda,
 6 pra fechar a Valdinha, Valdinha ser fechada.
 Subiu-se a uma janela, das mais altas que a torre tinha,
 8 avistei uma donzela e avistei uma irmã minha.
 – Ó minha irmã, se o és, dá-m' uma pinguinha d' água,
 10 para apagar este brassor, para apagar esta mágoa.
 – Bem ta dava, Valdinha, de vontade e boa mente,
 12 mas o ladrão do papá levou a chave do nascente.
 Subiu-se a outra janela, a mais alta que a torre tinha,
 14 e avistou o seu papá (.....).
 – Ó meu papá, se o é, dê-me uma pinguinha de água,

- 16 eu peço a Deus do Céu sempre ser sua namorada.
 – Correi, correi, cavaleiros, levar água a Valdininha,
 18 o primeiro que lá chegar terá uma prenda minha.

10. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelhos e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- (.....)
- Eu de ouro a vestia, eu de prata te calçava.
- 2 Logo que seu pai o soube, não mandou fazer mais nada,
 mandou fazer uma torre prà Laurindinha estar fechada.
- 4 Já passaram sete dias, fome e sede lhe apertava,
 subiu-se à janela mais alta, mais alta que a torre tinha.
- 6 – Ó mamã, que Deus lhe deia, deia-m’ um copinho d’ água,
 fome e sede já me aperta neste corpo e nesta alma.
- 8 – Dava, dava, ó Laurindinha, olha a ti se não ta dava,
 mas o teu papá já disse na beirinha da espada.
- 10 Subiu-se à janela mais alta, mais alta que a torre tinha.
 – Ó papá, que Deus lhe deia, deia-me um copinho d’ água,
 12 fome e sede já me aperta neste corpo e nesta alma.
 – Correi, correi, ó criados, levar água a Laurindinha,
 14 o primeiro que lá chegar recebe uma prenda minha.
 O primeiro que lá chegou encontrou-a amortalhada,
 16 com a pia d’ água aos pés e os anjos a acompanhá-la.

11. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Silvaninha, Silvaninha, queres ser minha namorada?
- 2 Eu de ouro te vestia e de prata te calçava.
 – Cale-se lá, ó meu pai, que conversa tão despachada,
 4 antes quero morrer do que fazer da mãe mal casada.
 Mandou fazer uma torre para meter a Silvaninha,

6 [.....] sete dias, sete noites sem comer.
 O pão levava-lhe às onças, o bacalhau às arrobadas,
 8 a água que ela bebia era água de sardinha.
 Subiu-se à torre mais alta, mais alta donde avistava,
 10 avistou os seus irmãos na praça a jogar bilhar.
 – Ó meus irmãos, se o sondes, trazei-m’ uma pinga d’ água,
 12 que se me seca este corpo, este corpo, esta alma.
 – Levávamos-te a água sabendo que te matava,
 14 que tu estás aí nessa torre fazendo da mãe mal casada.
 Subiu-se à torre mais alta, mais alta que a torre tinha,
 16 avistou a sua mãe muito bem assentadinha.
 – Ó minha mãe, se o é, traga-m’ uma pinga d’ água,
 18 que se me seca este corpo, este corpo, esta alma.
 – Bem ta dava, minha filha, dava-ta de boa mente,
 20 mas o ladrão do teu pai levou-m’ a chave do nascente.
 Subiu-se à torre mais alta, mais alta donde avistava,
 22 avistou o rei, seu pai, na praça a jogar as cartas.
 – Ó meu pai que Deus me deu, traga-m’ uma pinga d’ água,
 24 que se me seca este corpo, este corpo, esta alma.
 Já fui pedir licença a Deus pra ser sua namorada.
 26 – Onde estão nos meus criados? Vão dar água à Silvaninha,
 uns nos copos de vidro, outros na prata mais fina.
 28 Quando lá chegaram, sete anjos a acompanhavam
 e no quarto do rei, seu pai, sete diabos o torravam.

Variantes: 13a A água eu ta levava; 14b e fazes; 16b asseadinha; 22b bilhar; 28a No quarto dond’ ela estava.

12. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

– Aurindinha, Aurindinha, queres ser minha namorada?
 2 Eu de ouro te vestia e de prata te calçava.
 – Não quero, papá, não quero ser a sua namorada,

- 4 não quero que a mamã seja uma senhora mal casada.
O seu pai, que isso ouviu, uma torre mandou fazer,
6 pra meter a Aurindinha nove dias sem beber.
Subiu a uma janela, das altas que a torre tinha,
8 avistou a sua mamã muito bem assentadinha.
– Ó mamã, que Deus lhe deu, dê-m' uma pinguinha d' água,
10 que se seca este corpo, este corpo e esta alma.
– Dava, dava, minha filha, dava-ta de mente,
12 o ladrão do teu papá levou a chave do nascente.
Subiu a outra janela, das altas que a torre tinha,
14 avistou o seu papá no jardim a passear.
– Ó papá, que Deus lhe deu, dê-m' uma pinguinha d' água,
16 qu' eu prometo a Deus do céu ser a sua namorada.
– Correi lá, criados todos, levareis água a Aurindinha,
18 o primeiro que lá chegar levará uma prenda minha.
Quando os criados chegaram, Aurindinha já morrera
20 e o ladrão do seu papá foi a [...] qu' ele merecera.
Tocam os sinos em Braga. Ai, meu Deus, quem morreria?
22 Morreu a menina Aurindinha co' uma sede qu' ela tinha.

13. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Aurindinha, ó Aurindinha, queres ser minha namorada?
2 Que eu de ouro te vestia, eu de prata te calçava.
– Não quero ser, meu papá, não quero ser sua namorada,
4 não quero que a mamã seja uma senhora mal casada.
O pai, des' que aquilo ouviu, mandou fazer uma torre,
6 pra meter a Aurindinha nove dias sem beber.
O pão dava-lo às onças, o bacalhau às arrobas,
8 o bacalhau às arrobas do mais salgado que havia.
Ao cabo dos nove meses, levantou-s' a uma janela,
10 subiu-se a uma janela, a mais alta que a torre tinha.
Avistou a sua mãe passeando na cozinha.

- 12 – Uma mãe que Deus me dou, chegue-m’ um copinho d’ água,
que se seca este corpo, este corpo e esta alma.
- 14 – Bem ta levava, ó minha filha, era de tão boa mente,
o ladrão do teu papá levou-m’ as chaves do nascente.
- 16 Subiu-se a outra janela, a mais alta que a torre tinha,
avistou a sua irmã passeando no jardim.
- 18 – Uma irmã que Deus me dou, chega-m’ um copinho d’ água,
que se seca este corpo, este corpo e esta alma.
- 20 – Bem ta levava, ó minha irmã, era de tão boa mente,
o ladrão do nosso pai levou-m’ as chaves do nascente.
- 22 Subiu-se a outra janela, a mais alta que a torre tinha,
avistou o seu papá passeando no quintal.
- 24 – Paizinho que Deus me dou, chegue-m’ um copinho d’ água,
que se seca este corpo, este corpo e esta alma.
- 26 – Meus criados e criadas, levar água à Aurindinha,
o primeiro que lá chegar receberá uma prenda minha.
- 28 Quando os criados lá chegaram, Aurindinha estava morta,
com uma pia dela aos pés, ela não precisa nada.
- 30 Tudo levaram os anjos por o vidro envidraçada.

14. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Laura de Jesus Fernandes, 84 anos, natural de Edroso (concelho de Vinhais), e Ana Maria da Silva Rodrigues, 42 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Galdininha, queres ser minha, queres ser minha namorada?
- 2 Eu de ouros te vestia e de prata te calçava.
– Não quero, meu pai, não quero ser a sua namorada,
- 4 não quero fazer da mãe uma senhora mal casada.
Mandou fazer uma torre das mais altas que havia,
- 6 pra meter a Galdininha nove dias, sem comer nem beber nada.
Subiu a uma janela, a mais alta que a torre tinha,
- 8 avistou a sua mamã num jardim bem sentadinha.
– Ó mamã, que Deus lhe deia, dê-m’ um bocadinho d’ água.
- 10 – Dava, dava, minha filha, dava-ta de mente,
o ladrão do teu papá levou as chaves do nascente.

- 12 Galdininha se subiu à outra torre mais alta que havia
e avistou o seu papá muito bem sentadinho.
- 14 – Ó pai, que Deus me deu, dê-me uma pinguinha de água,
que se seca este corpo, que se seca esta alma.
- 16 – Correi, correi, ó criados, levar água a Galdininha,
o primeiro que lá chegar ganhará uma prenda minha.
- 18 Chegaram todos a um tempo, Galdininha estava morta.

15. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz Celeste Alves, 72 anos, e Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Galdininha, Galdininha, queres ser minha namorada?
- 2 Eu de ouro te vestia e de prata te calçava.
– Não quero, não, meu papá, não quero ser sua namorada,
- 4 não quero fazer da mamã uma mulher mal casada.
Mandou fazer uma torre das mais altas que havia,
- 6 pra meter a Galdininha nove dias, sem comer nem beber nada.
Subiu a uma janela, a mais alta que a torre tinha,
- 8 avistou a sua mamã num jardim bem sentadinha.
– Ó mamã, que Deus lhe deia, dê-m' um bocadinho d' água.
- 10 – Dava, dava, minha filha, dava-ta de mente,
o ladrão do teu papá levou as chaves do nascente.
- 12 Galdininha se subiu à outra torre mais alta que havia
e avistou o seu papá muito bem sentadinho.
- 14 – Ó pai, que Deus me deu, dê-me uma pinguinha de água,
que se seca este corpo, que se seca esta alma.
- 16 – Correi, correi, ó criados, levar água a Galdininha,
o primeiro que lá chegar ganhará uma prenda minha.
- 18 Chegaram todos a um tempo, Galdininha estava morta.

Variantes de Domingos António dos Santos: 5 O pai, qu' isto ouviu, uma torre mandou fazer; 6 pra meter a Galdininha nove dias sem beber; 10 Não posso, não, ó filha, qu' o teu pai me degolava; 13 avistou o papá no jardim a passear.

**16. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural de Espinhoso (concelho de Vinhais) e João Baptista Pinheiro, 66 anos, natural da Ponte da Arranca (concelho de Vinhais).
Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.**

- Minha mãe, s' és minha mãe, dás-m' uma pinguinha d' água,
2 que se me seca este corpo, esta vida, esta alma.
– Dava, dava, minha filha, dava-ta de boa mente,
4 mas o ladrão do teu papá levou as chaves do nascente.
Subiu-se a uma janela, mais alta qu' a torre tinha,
6 avistou o seu papá a passear numa cortinha.
– Papá, s' és meu papá, dás-m' uma pinguinha d' água,
8 que se me seca este corpo, esta vida, esta alma.

Romances de mulheres sedutoras

XXXVII. GERINALDO

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Mariana Augusta Fernandes, 54 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1980.

- Gerinaldo, Gerinaldo, és dos criados mais querido,
 2 queres tu, ó Gerinaldo, passar uma noite comigo?
 – Se a senhora fala ao sério, eu bem a sério lho digo,
 4 por ser criado do rei, a senhora não manga comigo.
 Mas diga-me lá, senhora, a que horas eu hei de vir.
 6 – Das onze prà meia-noite está o meu pai a dormir.
 Inda não eram as onze, Gerinaldo a sair,
 8 com os sapatos na mão, para ninguém o sentir.
 Deu-lhe a mão pela janela e ajudou-o a subir
 10 e entraram para o quarto, para o seu quarto a dormir.
 O rei estava sonhando com o palácio roubado,
 12 encontrou o Gerinaldo com sua filha deitado.
 – Eu não mato a Gerinaldo, eu não mato a minha filha,
 14 se eu mato o Gerinaldo, minha filha está perdida.
 Onde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão cedinho?
 16 – De dar água aos cavalos que ainda não tinham bebido.
 – Onde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão 'marelinho?
 18 – De ir tirar uma rola que além estava naquele ninho.
 – A rola que tu tiraste foi criada no meu trigo,
 20 estima-a tu como mulher e ela a ti como marido.

Variante: 18a De tirar.

2. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por Angelina Francisca Vaz, 59 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, Gerinaldo, criado do rei mais querido,
 2 bem podias, Gerinaldo, passar a noite comigo.
 – Se a senhora diz ao sério, eu bem ao sério lho digo,
 4 por ser criado do rei, a senhora não manguie comigo.
 Era talvez meia-noite, Gerinaldo a subir,
 6 foram os dois para o quarto, para o quarto a dormir.
 O rei tinha sonhado com o palácio roubado,
 8 encontrou o Gerinaldo com sua filha deitado.
 – Onde vens, ó Gerinaldo, que vens tão amarelinho?
 10 – Fui a tirar uma rola que ainda estava no ninho.
 – Onde vens, ó Gerinaldo, que vens tão assustado?
 12 – Fui a tirar uma rola à planta do telhado.

Variante: 3a Diga lá se diz ao sério.

3. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por Maria Augusta Fernandes, 48 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, Gerinaldo, criado do rei mais querido,
 2 bem podias, Gerinaldo, passar a noite comigo.
 – Por eu ser o seu criado, não esteja a mangar comigo.
 (.....)
 4 E o rei tivera um sonho que bem certo lhe saía,
 tinha o palácio roubado, dormiram com sua filha.
 (.....)

4. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Alcina de Jesus Pires, 65 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, Gerinaldo, criado do rei mais querido,
 2 bem podias, Gerinaldo, passares a noite comigo.
 – Por eu ser um criado, não esteja a mangar comigo.
 4 S’ a senhora me fala ò sério, eu bem à séria lhe digo.

- S' a senhora me fala ò sério, diga-me as horas qu' hei de vir.
- 6 – Das onze à meia-noite está o meu pai a dormir.
Ela deu-lhe a mão de cima e deitaram-se a dormir.
- 8 Ainda não eram onze horas, Gerinaldo a subir,
com os seus sapatos na mão, para ninguém o sentir.
- 10 Foram nos dois para o quarto, deitaram-s' a dormir.
O rei teve um sonho que tinha o palácio roubado,
- 12 encontrou o Gerinaldo com sua filha deitado.
– Não te mato, Gerinaldo, criei-te de pequenino,
- 14 se te mato, Gerinaldo, fica o reinado perdido.

5. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, Gerinaldo, criado do rei mais querido,
2 bem podias, Gerinaldo, passar a noite comigo.
– Por eu ser um criado, não esteja a mangar comigo.
- 4 – Diga-mo ò sério, que eu bem ò sério lho digo.
– S' a senhora mo diz ò sério, diga-m' às horas qu' hei d' ir.
- 6 – Das onze prà meia-noite está o meu pai a dormir.
Eram onze horas, Gerinaldo a subir,
- 8 c' os seus sapatos na mão, para ninguém no sentir.
Ela deu-lhe a mão de cima e ajudou-o a subir,
- 10 entraram para o quarto, deitaram-s' a dormir.
O rei teve um sonho que tinha o palácio roubado,
- 12 encontrou o Gerinaldo com a sua filha deitado.
– Não te mato, Gerinaldo, criei-te de pequenino,
- 14 se te matasse, Gerinaldo, estaria o reino perdido.
– Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão amarelinho?
- 16 – Venho de tirar uns pássaros qu' inda estavam no seu ninho.
– Os pássaros no ninho foram criados no meu trigo,
- 18 trata-a tu como mulher e ela a ti como marido.

Variantes: 1b filho do rei; 4 – Diga-mo ò sério. – Eu bem ò sério lho digo.; 14b ficava o reinado perdido.

**6. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Eulália Alves, 69 anos.
Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.**

- Gerinaldo, Gerinaldo, criado do rei mais querido,
2 bem podias tu, Gerinaldo, passar a noite comigo.
– S’isso é, ó princesa, eu não falto ao prometido.
4 Era meia-noite em ponto, Gerinaldo à porta bateu.
– Quem bate à minha porta, quem arromba o meu postigo?
6 – Sou eu, Gerinaldo, que não faltei ao prometido.
O rei teve um sonho que tinha o palácio roubado.
8 Foi dar com Gerinaldo com sua filha deitado.
(.....)

Variantes: 6a Eu, o Gerinaldo; 8a Encontrou o Gerinaldo.

**7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia,
63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.**

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, ó pajem d’el-rei mais querido,
2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite dormir comigo?
– Sou o seu criado, menina, não esteja a caçoar comigo.
4 – Isso não, ó Gerinaldo, que eu deveras te lo digo.
– Diz lá, ó Gerinaldo (*sic*), a que horas vou ao postigo?
6 – Das onze prà meia da noite, enquanto o rei está dormido.
Ainda não eram as onze, Gerinaldo ao postigo.
8 – Oh, quem bate à minha porta, quem me arromba o meu postigo?
– Gerinaldo sou, menina, não falto ao prometido.
10 O rei sonhou um sonho que ele certo lhe saía,
ou lhe dormem com a infanta ou lhe roubam o castillo.
12 Levantou-se o rei da cama, foi dar volta ao castillo,
encontrou-os na sua cama como mulher e marido.
14 – Para matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino,
para matar a infanta, fica-me o reino perdido.
16 Meteu-lhe a espada no meio para que sirva de castigo.
– Acorda, ó Gerinaldo, que el-rei já o há sabido.
18 – Onde vens, ó Gerinaldo, tão branco, tão espalvorido?
– Venho de regar o cebolinho do outro lado do rio.

- 20 – Não mintas, ó Gerinaldo, que a mim não me hás mentido.
 – Venho de caçar a rola do outro lado do rio.
- 22 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, Gerinaldo, ó pajem d’el-rei mais querido,
 2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite dormir comigo?
 – Vós, como nobre senhora, estais zombando comigo.
- 4 – Não zombo não, Gerinaldo, que deveras te lo digo.
 – Diga-me, ó minha senhora, a qu’ horas hei d’ ir ò postigo.
- 6 – Das onze para a meia-noite, enquanto o rei está dormido.
 El-rei tivera um sonho que bem certo lhe saiu.
- 8 Levantou-se o rei e deu a volta ao partido,
 encontrou-os de par a par, como mulher e marido.
- 10 – Para matar a infanta, fica o palácio perdido,
 para matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino.
- 12 Meto-lhe a espada no meio pra que lhe sirva de castigo.
 – Acorda, ó Gerinaldo, qu’ el-rei vos era sentido.
- 14 – Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão espalvorido?
 – Venho da beira do rio de regar o cebolinho.
- 16 – Não me mintas, Gerinaldo (.....).
 – Venho de caçar a rola da outra banda do rio.
- 18 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

Variante: 11 Meteu-le a espada no meio pra lhe servir de castigo.

Nota: os versos 7 e 9 foram recitados por um outro informante que acompanhava a recitação, são aceites por Antónia Costa e, em parte, repetidos.

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, criado do rei mais querido,
 2 bem puderas, Gerinaldo, passar a noite comigo.

- Se eu não fosse seu criado, não zombaria comigo.
- 4 – Não zombo, não, Gerinaldo, que é deveras que to digo.
- Se isso é certo, menina, diga-me as horas que hei de ir.
- 6 – Vai das dez para as onze, que o papá está a dormir.
Ainda não era dez horas, Gerinaldo a caminho,
- 8 com os sapatinhos na mão para não fazer ruído.
- Quem bate à minha porta, quem é o atrevido?
- 10 – Gerinaldo sou, menina, não falto ao prometido.
- Dá-me a tua mão direita para não fazer ruído.
- 12 Deitaram-se os dois na cama, como mulher e marido.
Mas o rei que teve um sonho e bem certo lo saía,
- 14 tinha o palácio roubado, dormiam com sua filha.
Levantou-se e foi a ver, Gerinaldo lá dormia.
- 16 – Não te mato, Gerinaldo, criei-te de pequenino,
fica-te aqui minha espada para que te servia de castigo.
- 18 – Está aqui a espada de meu pai. Algum de nós estará ferido.
Leva esta carta a meu pai, escrita por minha mão,
- 20 para que ele e a minha mãe tenham de nós compaixão.
- Que fazes, ó Gerinaldo, que fazes hoje tão cedo?
- 22 – Vim dar de beber aos cavalos que ainda não tinham bebido.
- Não me mintas, Gerinaldo, que ainda és muito novinho.
- 24 Foste de aninhar uma rola que ainda estava no ninho,
a rola que desaninhaste criei-a eu com o meu trigo.
- 26 Trata-a tu como esposa e ela a ti como marido.

10. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem do rei mais querido,
- 2 deras tu, ó Gerinaldo, à noite de ir dormir comigo.
- Parece-me, ó minha senhora, que está a caçoar comigo.
- 4 – Isso não, ó Gerinaldo, que eu deveras to digo.
- Então diga-m', ó minha senhora, a qu' horas hei d' ir ò postigo.
- 6 – Das onze prà meia da noite, qu' é quando o rei está dormindo.
Ainda não eram nas onze, Gerinaldo ò postigo.

- 8 – Quem bate à minha porta, quem me rouba o meu postigo?
 – Gerinaldo sou, senhora, que não falto ao prometido.
- 10 O rei sonhou um sonho, bem certo lhe saiu.
 – Ou me dormem com a infanta ou me roubam o meu castigo (*sic*).
- 12 Levantou-se da sua cama, foi dar volta ao postigo,
 encontrou-os no seu (*sic*) cama como mulher e marido.
- 14 Meteu-lhe a espada no meio para que lhe servisse de castigo.
 – Levanta-te, ó Gerinaldo, que o rei já o vai sabido.
- 16 Alevantou-se o Gerinaldo tão branco e tão espalvorido.
 – Onde vens tu, ó Gerinaldo, tão branco e tão espalvorido?
- 18 – Venho de regar a horta do outro lado do rio.
 – Não me mintas, ó Gerinaldo, que a mim não te vale mentir.
- 20 – Venho de caçar a rola do outro lado do rio.
 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.
- 22 Ou hás de casar com ela ou o meu reinado está perdido.

Variante: 2b à noite dormir.

11. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco dos Santos Fileno, 57 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’el-rei mais querido,
 2 queres tu, ó Gerinaldo, vires à noite a dormir comigo?
 – Não esteja a gozar, senhora, não esteja a gozar comigo.
- 4 – Não estou não, Gerinaldo, qu’eu deveras te lo digo.
 – Diga-me então, senhora, a qu’ horas hei de bater ò postigo.
- 6 – Das onze prà meia-noite, enquanto el-rei está dormindo.
 Inda não eram nas onze em ponto, já ele estava ò postigo.
- 8 El-rei tivera um sonho, bem certo lhe irá saído,
 ou lhe dormem co’ a infanta ou lhe rondam no castillo.
- 10 Foi a dar com eles na cama como mulher e marido.
 – Para matar a infanta, fica o reinado perdido
- 12 e, para matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino.
 Meto-lhe a espada no meio pra que lhe sirva de castigo.
- 14 – Acorda, ó Gerinaldo, qu’ el-rei vos era sentido.

- Donde vens, ó Gerinaldo, tão branco, tão espalvorido?
- 16 – Venho de regar a horta do outro lado do rio.
– Não me mintas, ó Gerinaldo, nunca me hás mentido.
- 18 – Venho de caçar a rola do outro lado do rio.
– A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

12. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’ el-rei mais querido,
- 2 donde vens, ó Gerinaldo, tão branco e espalvorido?
– Venho do lado do rio de regar o cebolinho.
- 4 – Donde vens, ó Gerinaldo, tão branco e espalvorido?
– Venho do lado do rio de agarrar a rolinha.
- 6 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

13. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’ el-rei mais querido,
- 2 bem podias tu, Gerinaldo, à noite dormir comigo.
– Cale-se aí, minha senhora, não esteja a zombar comigo.
- 4 – Não zombo, não, Gerinaldo, que eu deveras te lo digo.
– Se a menina fala a sério, diga-m’ às horas qu’ hei d’ ir ò postigo.
- 6 Inda não eram nas onze, Gerinaldo ò postigo.
– Quem bate à minha porta, quem bate ao meu postigo?
- 8 – Gerinaldo sou, senhora, que venho ao prometido.
El-rei tivera um sonho, de certo lhe ha saído,
- 10 que dormiam com a infanta ou que lhe rondavam o castillo.
– Donde vens tu, Gerinaldo, tão branco, tão espalvorido?
- 12 – Venho de regar o milho do outro lado do rio.
– Não me mintas tu, Gerinaldo, nunca me há des mentido.
- 14 – Venho de caçar a rola do outro lado do rio.
– A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

- 16 Pra matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino,
para matar a infanta, fica o reinado perdido.

14. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, filho do pajem mais querido,
2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite ir dormir comigo?
– Isso é deveras ou está a brincar comigo?
4 – Isto é deveras e eu deveras to digo.
Das dez para as onze, Gerinaldo ao postigo.
6 Ainda não eram as onze, Gerinaldo ao postigo.
– Quem bate à minha janela, quem bate ao meu postigo?
8 – É o Gerinaldo, que vem ao seu prometido.
O rei sonhou um sonho e acordou espalvorido,
10 ou que lhe roubavam a infante ou qu’ estava c’ o império perdido.
Encontrou-os na cama, (.....)
12 meteu-l’ a espada no meio (.....).
– Não sei se mato o Gerinaldo, criei-o c’ o meu pão trigo,
14 se mato a infante, fica-me o império perdido.
– Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens espalvorido?
16 – Venho d’ agarrar a rola do outro lado do rio.
– A rola que tu agarraste criei-a eu no meu carinho.

15. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, Gerinaldo, pajem do rei mais querido,
2 quem me dera, Gerinaldo, à noite dormires comigo.
(.....)
– Nada disso, Gerinaldo, eu bem a sério to digo,
4 – Diz-me então a qu’ horas eu hei d’ ir ter contigo.
De manhã, de manhãzinha, o rei na janela estava.
6 – Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão desvaído?

- Venho d’ espreitar a rola do outro lado del rio.
 8 – A rola que tu espreitaste, [.....]
 ela me come o meu pão, ela me bebe o meu vinho.
 10 Ai de ti, ó Gerinaldo, se não casares com ela.

Variantes: 1a filho d’ el-rei mais querido; 2 Queres tu, ó Gerinaldo, à noite dormir comigo;
 3 Não é isso, ó Gerinaldo, que eu bem a sério to digo.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’ el-rei mais querido,
 2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite dormir comigo?
 Gerinaldo, ó Gerinaldo, eu bem deveras to digo,
 4 das onze prà meia-noite, tu vem-me ter ò postigo.
 Inda não eram onze horas, Gerinaldo ò postigo.
 6 El-rei tivera um sonho que bem certo lhe saíra.
 – Ou te roubam na infanta ou tens o reinado perdido.
 8 Levantou-se o rei da cama, levantou-se espalvorido,
 levantou-se o rei da cama, foi dar volta ò partido.
 10 Fora dar com Gerinaldo e com a infanta como mulher e marido.
 – Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão desvaído?
 12 – Venho d’ armar às rolas do outro lado do rio.
 – As rolas que lhe tu armas estão-m’ a comer o meu trigo.
 14 Mas, pra matar a infanta, fica-m’ o reinado perdido
 e, pra matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino.

17. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Gerinaldo, Gerinaldo, filho do rei mais querido,
 2 bem podias, Gerinaldo, à noite dormir comigo.
 – A senhora é rainha, você está a zombar comigo.
 4 – Não zombo, não, Gerinaldo, que bem ao sério to digo.
 – Se você me diz ao sério, diga a hora qu’ eu hei d’ ir.
 6 – Das onze prà meia-noite, quando o rei esteja a dormir.

- Inda não eram nas onze, Gerinaldo a sair,
8 com as botinhas na mão para ninguém o sentir.
Já o rei estava sonhando o qu' estava acontecido.
10 Levantou-se o rei da cama, foi dar volta ao seu partido,
foi dar co' eles na cama como mulher e marido.
12 – Para matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino,
para matar a Dona Infância, meu reinado está perdido.
14 Meteu-lhe a espada no meio que lhe sirva de castigo.
Acordou a Dona Infância em sentir o ferro frio.
16 – Levanta-te, Gerinaldo, que meu pai já é sabido.
Levantou-se o Gerinaldo, levantou-se espalvorido,
18 levantou-se o Gerinaldo, foi dar volta a seu partido.
– Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão espalvorido?
20 – Fui dar água ao cavalo qu' inda não tinha bebido.
– Não me mintas, Gerinaldo, que nunca me tens mentido.
22 – Fui caçar uma rolinha qu' andava d' além do rio.
– A rola que tu caçaste foi criada no meu trigo.
24 Trata-a tu como esposa e ela a ti como marido.

18. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Sílvia da Assunção Ferreira, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Gerinaldo, Gerinaldo, filho do rei mais querido,
2 bem podias, Gerinaldo, à noite ir dormir comigo.
– Honra, honra, minha senhora, você está a zombar comigo.
4 – Não zombo, não, Gerinaldo, qu' eu bem à séria to digo.
– Se a senhora diz à séria, diga as horas qu' eu hei d' ir.
6 – Das onze prà meia-noite, quando o rei esteja a dormir.
Levantou-se o rei da cama, foi dar volta ao seu partido,
8 encontrou os dois na cama como mulher e marido.
– Para matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino,
10 para matar a infantina, meu Deus, fica o rei perdido.
Meto-lhe a espada no meio que lhe sirva de castigo.
12 – Levanta-te, ó Gerinaldo, que sono tão entretido,
que a espada de meu pai entre nós já está metido.

- 14 – Donde vens, ó Gerinaldo? Eu quero falar contigo.
 – Fui dar água ao cavalo qu'inda não tinha bebido.
- 16 – Não me mintas, Gerinaldo, nunca me tinhas mentido.
 Trata-a por tua mulher e ela a ti por teu marido.

19. Versão de Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d'el-rei o mais querido,
 2 bem podias, ó Gerinaldo, à noite dormir comigo.
 – Eu, como vosso criado, senhora, zombais comigo.
- 4 – Não zombo, não, Gerinaldo, qu'eu bem deversas to digo.
 – Diga-me, ó minha senhora, a qu' horas hei d'ir ò postigo?
- 6 – Das nove para as dez, quando o rei estiver dormido.
 Ainda não eram as nove, Gerinaldo ao postigo.
- 8 – Quem ronda a minha porta, quem ronda o meu castillo?
 – Gerinaldo sou, senhora, não falto ao prometido.
- 10 O rei teve um sonho, bem certo que lhe saiu,
 que lhe dormiam co'a infanta, que lhe roubavam o castillo.
- 12 [.....] Levantou-se espalvorido,
 foi dar co' eles à cama, como mulher e marido.
- 14 Meteu-lh'a espada no meio, que lhe servisse de castigo.
 – Levanta-te, Gerinaldo, que o meu pai já é sabido.
- 16 Levantou-se o Gerinaldo, muito pobre e espalvorido,
 foi à caça pràs outras bandas do rio.
- 18 – Donde vens, ó Gerinaldo, tão triste, espalvorido?
 – Venho d'agarrar as pombas das outras bandas do mar.
- 20 – A pomba que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.
 Ama-a tu como mulher e ela a ti como marido.

20. Versão de Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pois d'el-rei és tu o mais querido,
 2 Gerinaldo, bem podias tu à noite vir dormir comigo?

- Senhora, como sou criado, a senhora está zombando comigo!
- 4 – Isso não, Gerinaldo, que eu bem deveras to digo.
– Diga-me, minha senhora, a que horas venho ao postigo?
- 6 – Das dez para as onze, quando el-rei esteja dormindo.
Ainda não eram as nove, Gerinaldo ao postigo.
- 8 – Quem me ronda o meu palácio, quem me ronda o meu postigo?
– Gerinaldo sou, senhora, não falto ao prometido.
- 10 Diga-me lá, minha senhora, s’ eu vim tarde ou vim cedo.
– Não vieste tarde nem cedo, vieste a boa hora,
12 el-rei já está dormindo e a rainha deitou-se agora.
El-rei tivera um sonho que bem certo lhe saía,
14 ou lhe roubavam a infante ou lhe rondavam no postigo.
El-rei se levantou todo espalvorido,
16 foi dar com eles na cama como mulher e marido.
– Para matar Gerinaldo, criei-o de pequenino,
18 para matar a infante, fica o meu reino perdido.
Meto-lhe a espada ao meio, pra que lhe sirva de castigo.
20 A infante acordou, a ponta de ferro frio.
– Levanta-te, Gerinaldo, olha que meu pai já é sabido.
22 Gerinaldo se levantou todo triste e espalvorido.
– Onde vens, Gerinaldo, tão triste e espalvorido?
24 – Venho de caçar a rola, da outra banda do rio.
– A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.
26 Tu tomara-la como esposa e ela a ti como marido.

21. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’ el-rei o mais querido,
2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite ir dormir comigo?
– Como sou vosso criado, senhora, burlais comigo!
- 4 – Não burlo não, Gerinaldo, qu’ eu bem deveras to digo.
– Diga lá, minha senhora, a qu’ horas hei d’ ir ò postigo?
- 6 – Das dez para as onze, quando el-rei estiver dormindo.
Ainda não eram nas dez, Gerinaldo ao postigo.
- 8 – Quem bate à minha porta, quem m’ arromba o meu postigo?

- Gerinaldo, minha senhora, que não falto ao prometido.
 10 Diga-m', ó minha senhora, se vim tarde ou se vim cedo.
 – Nem vieste tarde nem cedo, que vieste a boa hora,
 12 el-rei já está dormindo, minha mãe deitou-s' agora.
 El-rei teve um sonho que bem certo lhe saía,
 14 que lhe dormiam co' a infanta e lh' arrobavam no postigo.
 Encontrou-os na cama como mulher e marido,
 16 a espada lhe meteu no meio, pra que lhe servisse de castigo.
 – Levanta-te, ó Gerinaldo, que meu pai o há sabido.
 18 Gerinaldo se levantou todo espalvorido.
 – Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão espalvorido?
 20 – Venho de caçar a rola, da outra banda do rio.
 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

Variantes: 5b a que horas vou; 7a onze; 13a sonhou um sonho; 13b saíra; 14a roubavam na; 14b ou lh' arrobavam; 15a Foi dar co' eles; 16a Meteu-lh' a espada.

22. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, criado d' el-rei o mais querido,
 2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite ir dormir comigo?
 – Não queira, ó menina, não esteja a zombar comigo.
 4 – Não zombo, não, Gerinaldo, qu' eu bem deveras to digo.
 – Diga-me lá, ó menina, a que horas hei d' ir ao postigo?
 6 – Vais das dez pràs onze, quando o meu pai está dormindo.
 Ainda não eram nas dez, Gerinaldo ao postigo.
 8 – Quem bate à minha porta, quem bate ao meu postigo?
 – Gerinaldo sou, menina, não faltei ao prometido.
 10 Diga-me lá, ó menina, s' eu vim tarde ou se vim cedo.
 – Não vieste tarde nem cedo, vieste a boa hora,
 12 o meu pai já está a dormir, a minha mãe deitou-s' agora.
 O rei sonhou um sonho que bem certo lhe saiu,
 14 ou dormem com a infanta ou lhe roubam no partido.
 Levantou-s' o rei da cama, mal calçado, mal vestido,
 16 pegou na espada na mão, foi dar volta ò partido.

- Encontrou-os braça com braça, como mulher e marido,
 18 meteu-lhe a espada no meio, pra que vissem que os tinha sentido.
 A bela infanta acordou, des' que achou o ferro frio.
 20 – Acorda, ó Gerinaldo, meu pai nos tinha sentido.
 Gerinaldo foi prà praça, ia todo espalvorido,
 22 onde passeava o rei e onde passeava o seu filho.
 – Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão espalvorido?
 24 – Venho de caçar uma rola das outras bandas do rio.
 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.
 26 Tu ama-a como tua esposa e ela a ti como marido.

Variante: 22b e também o seu filho.

23. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem do rei mais querido,
 2 bem podias tu, Gerinaldo, à noite ir dormir comigo?
 – Não queira, não, minha senhora, que está zombando comigo.
 4 – Não estou, não, Gerinaldo, que bem a sério to digo.
 – Diga-me, ó minha senhora, a qu' horas hei d' ir ao postigo?
 6 – Das nove pràs dez, que é que o rei está dormindo.
 Ainda não eram as nove, Gerinaldo ao postigo.
 8 – Quem me bate à minha porta, quem me ronda o meu postigo?
 – Gerinaldo, ó minha senhora, que não falto ao prometido.
 10 – Nem vieste tarde nem cedo, a boa hora seguido,
 a rainha deitou-s' agora e o rei já está dormindo.
 12 O rei tivera um sonho que bem certo lhe saiu,
 que lhe roubaram no dom ou lhe dormiram com a filha.
 14 O rei se levantou co' a espada, foi dar volta ò partido.
 Foi dar com ele na cama, como mulher e marido,
 16 meteu-lhe a espada no meio, pra servir de castigo.
 – Acorda, acorda, Gerinaldo, qu' o meu pai já é sabido.
 18 Levantou-se o Gerinaldo, foi todo espalvorido.
 – Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão espalvorido?
 20 – Venho de caçar a rola das outras bandas do rio.

- A rola que tu caçaste criei-a com o meu pão trigo.
22 Ama-a tu como mulher e ela a ti como marido.

Variantes: 8 Quem me ronda a minha casa, quem me bate ao meu postigo; 10b rompido;
11 o rei deitou-s’ agora, a minha mãe já está dormindo; 18b ia muito espalvorido.

24. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por João Baptista Pinheiro, 66 anos, natural da Ponte da Arranca (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, ó Gerinaldo, ó pajem do rei mais querido,
2 bem podias, Gerinaldo, à noite dormir comigo.
– Que me diz, minha senhora, não esteja a brincar comigo!
4 – Isso não, Gerinaldo, que eu bem a sério to digo.
Vem das dez para as onze, quando el-rei está dormindo.
6 Ao chegar as dez horas, Gerinaldo ao postigo.
– Quem me ronda a minha porta, quem me bate ao meu postigo?
8 – Seu criado Gerinaldo, que não falto ao prometido.
El-rei teve um sonho que lhe saiu assucedido,
10 encontrou o Gerinaldo com a princesa dormindo.
– Pra matar a princesa, fica o reino perdido,
12 pra matar o Gerinaldo, criei-o de pequenino.
Meto-l’ a espada no meio, que lhe sirva de castigo.
14 O Gerinaldo se levantou, de manhã espalvorido.
– Onde vens, ó Gerinaldo, de manhã espalvorido?
16 – Venho de caçar a rola, das bandas d’além do rio.
– A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.

Variante: 6a Ainda não eram dez horas.

25. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, Gerinaldo, ó pajem d’el-rei mais querido,
2 queres tu, ó Gerinaldo, à noite ir dormir comigo?
– Cale-se lá, minha senhora, não esteja a zombar comigo.

- 4 – Não zombo, não, Gerinaldo, eu bem a sério to digo.
– Diga lá, minha senhora, a qu' horas hei d' ir ò postigo?
- 6 – Das dez para as onze, é que o meu pai está dormindo.
Ainda não eram as onze, Gerinaldo ao postigo.
- 8 – Quem me ronda a minha janela, quem me ronda o meu postigo?
– Gerinaldo sou, senhora, que não falto ao prometido.
- 10 – Nem é tarde nem é cedo, vieste a boa hora,
minha mãe já está dormindo, meu pai deitou-s' agora.
- 12 O pai tivera um sonho que bem certo lhe saía,
que lhe roubaram a filha e tinha o reino perdido.
- 14 Levantou-se o rei, foi dar volta ao castillo,
encontrou-os braça a braça, como mulher e marido.
- 16 Meteu-lh' a espada no meio, pra que servisse de castigo.
– Donde vens, ó Gerinaldo, donde vens tão espalvorido?
- 18 – Venho da caça da rola, do outro lado do rio.
– A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.
- 20 Estima-a a ela como mulher e ela a ti como marido.

26. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Gerinaldo, Gerinaldo, um pajem d' el-rei mais querido,
2 querias tu, ó Gerinaldo, à noite dormir comigo?
– Isso não, minha senhora, não esteja a zombar comigo.
- 4 – Não estou, não, ó Gerinaldo, qu' eu bem a sério to digo.
– Diga então, minha senhora, a que horas vou ter consigo?
- 6 – Vai das nove para as dez, quando el-rei estiver dormindo.
Ainda não eram as nove, Gerinaldo ao postigo.
- 8 – Quem me bate à minha porta, quem arromba o meu postigo?
– Gerinaldo, minha senhora, não faltou ao prometido.
- 10 El-rei tivera um sonho que lhe saiu sucedido,
que lhe dormiam com a infanta ou lhe roubavam o partido.
- 12 Para matar Gerinaldo, criei-o de pequenino,
para matar a infanta, fica-me o reino perdido.
- 14 Meto-lhe a espada no meio, para servir de castigo.

- Acorda, ó Gerinaldo, que meu pai já é sabido.
 16 – Donde vens, ó Gerinaldo, tão cedo, tão espalvorido?
 – Venho de caçar as rolas do outro lado do rio.
 18 – A rola que tu caçaste criei-a eu com o meu trigo.
 Ama-a por tua esposa e ela a ti por marido.

XXXVIII. A FILHA DO IMPERADOR DE ROMA

1. *Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Godofredo de Mariz, 78 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.*

- O imperador de Roma tem uma hija galharda,
 2 queria-a meter de freira e ela queria ser casada.
 Vieram condes e duques a ver de qual s' agradava.
 4 A todos lhe punha defeito, nenhum l' agradava:
 uns que não tinham pernas para aguentar sua jornada,
 6 outros que não tinham braços para jogar a sua espada.
 Avistou três segandeiros qu' andavam numa segada.
 8 Namorou-se do do meio, [.....]
 o cabo era d' ouro e a foice relumbrava.
 10 – Venha cá, senhor segandeiro, qu' há de justar a minha segada.
 Não é em altos nem em baixos nem em terra mal fabricada,
 12 debaixo da minha saiola é que está a minha segada.

Variantes: 1b una; 2a Ele queria-a meter freira; 2b mas ela; 4a poria; 6a teriam; 6b para aguentar; 7-8 Agradou-se dum segandeiro qu' andava numa segada; 10b que m' há de justar minha; 11a em alto nem em baixo.

2. *Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.*

- O imperador de Roma tem uma hija galharda,
 2 falaram-lhe condes e duques, ela nenhum aceitava.
 (.....)

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- O imperador de Roma tem uma filha galharda,
2 falaram-lhe condes e duques, diz que nem um l' agradava:
uns que já eram velhos, outros que não tinham barba,
4 outros que não tinham pulso pra manear sua espada.
Namorou-se de um segador qu' andava na sua segada,
6 sua seitura era d' ouro, com o sol relumbrava,
a fita do seu chapéu de vermelho arrelampava.
8 Mandou-o chamar pela sua criada.
– Anda cá, bom segador, que te llama minha ama,
10 qu' há de ganhar mais numa noite, qu' os outros numa semana.
– Eu não conheço a senhora nem conheço a sua ama.
12 – Eu me llamo Teresinha, minha ama D. Juana.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- O imperador de Roma tinha uma filha galharda,
2 aonde é que iam condes e duques a fazer a sua segada.
A todos quantos lá iam a todos lhe punha a chata:
4 uns qu' eram muito novos e outros que não tinham barba
e outros que não tinham pulso pra manear a espada.
6 Um dia com grandes calores subiu à sua sacada,
avistou três segadores a fazer uma segada.
8 Namorou-se de um deles, do que no meio andava,
a foicinha era d' ouro e o cabelo relumbrava.
10 – Não queres tu, ó segador, fazer a minha segada?
– A sua segada, senhora, não foi pra mim semeada,
12 mas diga-m' a minha senhora aonde a tem semeada.
– Não é em alto nem baixo, nem em chana nem ladera,
14 é num cantinho escuro debaixo da minha mantera.
Agarrou-o por um braço para a cama o levava.
16 Lá pelo meio da noite, segador se desmaiava.

– Vai além àquele armário, come queijo e marmelada.

- 18 Segador tomou alento, para a cama ele voltava,
deu-lhe vinte e oito à ama, outras tantas à criada.

Variantes: 1 tem; 2a onde ia conde e duques/ onde vão os segadores; 4a qu'inda eram; 7b d'una; 8a Namorara-se; 9a a seitura era; 12b onde é que a tem; 17b trigo e marmelada.

5. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Lo imperador de Roma que tiene una hija gallarda,
2 la velaram condes y duques, a ninguno l'aceitara.
Havia um segador qu'andava em su segada,
4 a su hoice que trazia era de prata lavrada.
(.....)

Variantes: 1 O imperador de Roma tem uma filha galharda; 2 falaram-le condes e duques e a nenhum l'aceitara; 3 Andava na sua segada um segador; 4 os dedais eram de ouro e a seitura de prata lavrada.

6. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- O imperador de Roma tem uma hija galharda,
2 ela, como era linda, a todos lhe punha chata:
uns que não eram homens, outros que não tinham barba,
4 outros que não tinham pulso pra manejar a espada.
Avistou três segadores a segar numa seara.
6 Namorara-se dum deles, do que no meio andava,
trazia a seitura d'oiro e cabo de prata lavrada.
8 Mandara-o logo chamar por uma sua criada.
– Anda cá, ó segador, minha ama te chamara.
(.....)

7. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- O imperador de Roma tinha uma filha galharda,
 2 a todos que via, a todos lhe punha chata:
 uns que não tinham pernas para andar a jornada,
 4 outros que não tinham braços pra manejar a espada,
 outros que eram cegos, outros que não tinham barba.
 6 Avistara três segadores a segar numa seara.
 Namorara-se dum deles, do que no meio andara,
 8 a foice era d'ouro e o cabo era de prata.
 Mandara-o chamar por uma sua criada.
 10 – Queres tu, ó segador, justar a minha segada?
 – Sua segada, senhora, já pra mim não foi sembrada.
 12 – É numa terrinha jeira, onde o sol não entrara.
 Aí por meia-noite, perguntou-lhe como ia a segada:
 14 – Quatro molhos estão feitos, ainda mais uma pousada.
 – Diz-me cá tu, ó segador, de quem eu fico prenhada.
 16 – Minha mãe é vezeireira, meu pai porcos guardava.
 – Quando voltares por aqui, segador, não desprezes a minha pousada.

Variantes: 10b seara; 11a A sua seara; 13a O cabo da; 13b perguntou como ia a seara; 14a manojos; 17b mi pousada.

8. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Âmandio Augusto, 82 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

- O imperador de Roma tem uma filha galharda,
 2 la namoreram os mouros (.....)

Variante: 2a conquistaram-la.

9. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

O imperador de Roma tem uma hija galharda,
 2 ela, por condes e duques, por todos é procurada.
 Ela, por ser muito rica, a todos lhe punha chata:
 4 uns que não eram homens, outros que não tinham barba,
 outros não tinham braços pra jogar a espada.
 6 Subiu-se a um castelo, onde fazia morada,
 avistou três segadores segando numa seara.
 8 O do meio deles todos a foice l' arrelamprava.
 Mandou-o chamar ò castelo, por uma das suas criadas.
 10 – Queres tu, ó segador, justar a minha segada?
 Não é alto nem baixo nem tão pouco na lombada,
 12 é num quartinho escuro por baixo de mi delgada.
 Quando foi por meia-noite, ela lhe procurava:
 14 – Diz-me cá, ó segador, como te vai da segada?
 – Tenho dezoito manojos, ainda mais meia mangada.
 16 – Mal o hajas tu, segador, a vinte tu não chegaras.
 – Mal o hajas tu, ó moça, dezoito não te chegaram.
 18 – Diz-me cá, ó segador, de quem eu fico prenhada.
 (.....)

Romances de mulheres seduzidas

XXXIX. A INFANTA PEJADA

1. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- En la flor del reino tem una yerba muy mala,
2 aquela que la pisar ficará embarazada.
Só la pisó Angelita por ser a mais engraçada.
4 Lo domingo de manhã, o seu padre la mirava.
– Que tens tu, ó Angelita, que estás de cor demudada?
6 Juntaram os três doutores, os melhores d’ Espanha,
um lhe tomava lo pulso, outro mirava la cara
8 e o mais velho de todos: – Angelita embarazada.

Romances de aventuras amorosas

XL. FLÉRIDA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

 Chegadinha era la hora, ao pino do meio-dia,
2 quando a bela infanta do seu palácio saía.
 Indo-se ela a despedir dum jardim que seu pai tinha:
4 – Adeus, cravos, adeus, rosas, adeus, tanques de água fria,
 adeus, também, jardineiro, Deus te dê a boa vida.
6 Se por aqui vier o meu pai, aquele que tanto me queria,
 eu me fui com um jornaleiro ao jornal ganhar a vida,
8 eu não sei se vou ganhada, se irei perdida.
 – Ganhada vai a menina, ganhada e não perdida.
10 Ao chegar às casas terreiras, ao uso da mouraria,
 entre as mourinhas todas, vós sereis a mais querida.

Variantes: 7a vou; 8a se irei ganhada; 9b não vai perdida.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 quando a bela infanta do seu palácio saía.
– Adeus, cravos, adeus, rosas, adeus, fontes d' água fria,
4 adeus, também, jardineiro, Deus te dê a boa vida.
Se por aqui vier meu pai, aquele que tanto me queria,
6 diz qu' eu que fui co' jornaleiro ao jornal ganhar a vida,
não sei se irei ganhada nem se irei perdida.
8 – Ganhada vai a senhora, ganhada que não perdida.

Variante: 7 não sei se irá ganhada nem se irá perdida.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Chegadinha era a hora, ao pino do meio-dia,
2 quando a bela infanta do seu palácio saía.
Ela se foi despedir dum jardim que o seu pai tinha:
4 – Adeus, cravos, adeus, rosas, adeus, tanques d' águas frias,
adeus, também, jardineiro, Deus te dê a boa vida.
6 Se vier por aqui o meu pai, aquele que tanto me queria,
di-le qu' eu fui c' o jornaleiro c' o jornal ganhar a vida,
8 eu não sei se irei ganhada, não sei se irei perdida.
– Ganhada vai a senhora, vai ganhada e não perdida.
10 Vou pràs casas destelhadas, qu' é uso da mouraria,
entre as freirinhas todas, de todas era a mais querida.

Variante: 6a Se por aqui vier.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Meio-dia era em ponto, quando o sol revolia,
2 quando a bela infanta do seu palácio saía.
– Adeus, cravos, adeus, rosas, adeus, tanques de água fria,
4 adeus, também, jardineiro, Deus vos dê a boa vida.
Se víreis por aqui meu pai à procura da sua filha,
6 dizei-lhe que sua filha vai ganha, ganha e não perdida.
A filha vai com o jornaleiro ao jornal ganhar a vida.

5. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Chegadinha é la hora, ao pico do meio-dia,
2 lá se vai a dona infante, do jardim se despedia:
– Adeus, cravos, adeus, rosas, adeus, tanques d' água fria.
4 Adeus, ó meu pai, amor que tanto me queria,
qu'eu vou c' o jardineiro, a ganhar a minha vida.

Variante: 2a era quando a.

Romances de enganos

XLI. A INFANTINA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Escureceu-me lá no monte, lá numa escura montinha,
 2 subi para uma montanha mais alta qu' a maravilha.
 Passou ali um cavaleiro, deitou os olhos acima.
 4 – Que fazes aí, donzela, que fazes aí, menina?
 – Estou a cumprir uma fada que me deu minha madrinha.
 6 – Que comes aí, donzela, que comes aí, menina?
 – Rabaças dum rabaçal, água duma fonte fria.
 8 – Desce daí, ó donzela, desce daí, ó menina,
 levarei-te no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
 10 – Na silha não, cavaleiro, qu' isso é descortesia,
 na anca sim, cavaleiro, qu' é honra tua e minha.
 12 Lá no meio do caminho, donzela se ria.
 – Porque é que te ris, donzela, porque te ris, ó menina?
 14 – Rio-me do cavaleiro e da sua cortesia,
 encontrou a menina no campo, guardou-lhe cortesia.
 16 – Volta, volta, meu cavalo, qu' a espada se me esquecia.
 – Não voltes, não, cavaleiro, não uses a tirania,
 18 se a espada era de prata, meu pai d' ouro ta daria.

- Quem era esse teu pai, que tanto ouro tenia?
- 20 – Meu pai é rei de França, minha mãe é Constantina.
– Por as novas que me dás, és a irmana minha.
- 22 – Abra-m’ a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
cuidei que lhe trazia nora, trago-l’ ùa irmã minha.
- 24 – Se tu és a minha nora, entra pra esses palácios,
se tu és a minha filha, deita-t’ aqui nos meus braços.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- A caçar se vai D. Pedro, a caçar como o sol ia,
2 lá no meio do caminho, encontrou uma menina.
– Que fazes aí, donzela, que fazes aí, menina?
- 4 – Estou a cumprir um degredo que me deu minha madrinha.
[.....] – Vem comigo, menina,
6 que eu te levo no cavalo, ou na anca ou na silha.
– Na silha não, cavaleiro, qu’ é desonra tua e minha,
8 na anca sim, cavaleiro, qu’ é honra tua e minha.
– Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
- 10 – S’ o teu pai tem espadas de prata, o meu d’ ouro tas daria.
– Quem é esse teu pai, que tanto ouro tenia?
- 12 – O meu pai é o rei da França, minha mãe é Constantina.
– Por essas novas que dás, tu és uma irmana minha.
- 14 – Abra a porta, minha mãe, abra-a com alegria,
julguei que trazia uma esposa e trago uma irmana minha.
- 16 – Se tu és a minha nora, entra por estes palácios,
se és a minha filha, senta-t’ aqui nos meus braços.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- D. Pedro vai à caça, a caçar como o sol ia.
2 Escureceu-le lá num monte, lá numa escura montinha.
Lá pelo meio da noite, deitou seus olhos acima,
4 viu estar uma donzela, viu estar uma menina.

- Que fazes aí, donzela, que fazes aí, menina?
- 6 – Estou a cumprir uma promessa que me deu minha madrinha.
Hoje s' acabam nos anos e amanhã s' acaba o dia.
- 8 – Baixa daí, ó donzela, baixa daí, ó menina,
que te levo no meu cavalo ou na anca ou na silha.
- 10 – Na silha não, cavaleiro, qu'isso é descortesia,
mas na anca sim, cavaleiro, qu' é honra tua e minha.
(.....)
- 12 – Mas o selim é de prata e muito dinheiro custaria.
– S' o teu era de prata, meu pai d' ouro to daria.
- 14 – Quem era esse teu pai, que tanto ouro tenia?
– Meu pai era o rei de França, minha mãe Dona Constantina.
- 16 – Abra-m' a porta, minha madre, e abra-ma com alegria,
julguei que trazia uma esposa e trago uma irmã minha.

Variante: 9a qu' eu te levo d' a cavalo.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Montei no meu cavalo por aquela serra acima,
2 lá no meio daquele monte, encontrei uma menina.
– Que fazes aí, donzela, que fazes aí, menina?
- 4 – Estou a cumprir um degredo que me deitou a minha madrinha.
– Baixa-te daí, donzela, baixa-te daí, menina,
6 levarei-te no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
– Na silha não, cavaleiro, que isso é descortesia,
8 na anca sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
Lá no meio do caminho, donzela se sorria.
- 10 – Porque é que te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
– Rio-me do cavaleiro e da sua cortesia.
- 12 – Alto, alto, meu cavalo, minha espada me esquecia.
– Não voltes atrás, cavaleiro, não uses da cobardia,
14 s' a tua espada era de prata, meu pai d' ouro ta daria.
– Quem era esse teu pai, que tanto ouro tenia?
- 16 – Meu pai é o rei de França, minha mãe é Constantina.

- Por as novas que me tu dás, tu és uma irmana minha.
 18 – Abra-m’ a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
 cuidei que trazia uma esposa e trago uma irmã minha.
 20 – Se tu és a minha nora, entra por esses palácios,
 se tu és a minha filha, deita-t’ aqui nos meus braços.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- A caçar vai o D. Pedro, a caçar como o sol ia.
 2 Ali l’ anoiteceu, a um roble s’ arrumaria,
 lá em cima daquele roble avistou uma menina.
 4 – Que fazes aí, ó donzela, que fazes aí, ó menina?
 – Estou a cumprir um degredo que mo dou a minha madrinha,
 6 o degredo que me dou foi sete anos e mais um dia.
 Hoje se cumpre os anos e amanhã se cumpre o dia.
 8 – Que comes aí, donzela, que comes aí, menina?
 – Rabaças do rabaçal e água da fonte fria.
 10 – Baixa-te daí, ó donzela, baixa-te daí, menina,
 monta-te no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
 12 – Na anca sim, cavaleiro, qu’ é honra tua e minha,
 na silha não, cavaleiro, qu’ é uso de cortesia (*sic*).
 14 Lá no meio do caminho, donzela se sorria.
 – Porque é que te ris, donzela, porque te ris, ó menina?
 16 – Eu rio-me do cavaleiro e da sua cortesia,
 qu’ achou a menina no monte e guardou-lhe cortesia.
 18 – Volta atrás, ó meu cavalo, minha espora se m’ esquecia.
 – Anda lá, ó cavaleiro, não uses de tirania,
 20 s’ a tua espora é de prata, meu pai d’ ouro ta daria.
 – Quem é esse teu pai, que tanto ouro tenia?
 22 – Meu pai é rei de França, minha mãe é Constantina.
 – Por umas novas que tu me dás, és uma irmana minha.
 24 – Abra-m’ a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
 julguei que trazia esposa, mas trago uma irmana minha.
 26 – Se tu és a minha nora, entra por esses palácios,
 mas se és a minha filha, senta-t’ aqui nos meus braços.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- À caça se vai D. Pedro, à caça como o sol ia,
 2 escureceu-lhe lá num monte, lá no meio da montinha.
 Lá pelo meio da noite, deitou os olhos acima,
 4 avistou uma donzela, ela pentear-se queria.
 – Desce daí, donzela, desce daí, menina,
 6 monta aqui no meu cavalo, na anca ou na silha.
 – Na silha não, cavaleiro, que é muita descortesia,
 8 na anca sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
 Lá no meio do caminho, donzela se sorria.
 10 – Porque é que te ris, donzela, porque é que te ris, menina?
 – Rio-me do cavaleiro e da sua cortesia,
 12 de encontrar uma menina no monte e guardar-lhe cortesia.
 – Volta, volta, meu cavalo, mi espada me é esquecida.
 14 – Não voltes, não, cavaleiro, não me guardes tirania.
 Se tu espada é de prata, meu pai de ouro ta daria.
 16 – Quem era esse teu pai, que tanto ouro tenia?
 – Meu pai era o rei da França, mi mãe Dona Constantina.
 18 – Pelas novas que me dás, tu és uma irmana mia.
 – Abra-me as portas, mi madre, abra-mas com alegria,
 20 pensava que trazia uma esposa e trago uma irmã minha.
 – Se tu és a minha nora, entra pra esses palácios,
 22 se tu és a minha filha, deita-t’ aqui nos meus braços.

7. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
 2 seu cavalo ia cansado, seu falcão perdido tinha.
 Encostou-se a um arroble, que toda a sombra le cobria.
 4 Lá pelo meio da noite, deitou os olhos acima,
 avistou uma donzela, avistou uma menina.
 6 Os olhos da sua cara de luz lhe resplandia,

- os cabelos da sua cabeça todo o corpo le cobria.
- 8 – Que fazes aí, ó donzela, que fazes aí, ó menina?
– ‘Tou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha.
- 10 – Muito tempo faltará pra que a pena seja cumprida...
– Era uma fada de sete anos, sete anos e mais um dia.
- 12 Hoje se acabam os anos e amanhã se acaba o dia.
– Queres tu ir, ó donzela, queres tu ir na minha companhia?
- 14 [...]. Queres ir na anca ou na silha?
– Na silha não, cavaleiro, que é um pouco descortesia,
16 na anca sim, cavaleiro, é honra tua e minha.
Pegou-le pela mão, prò seu cavalo a subia.
- 18 Lá no meio do caminho, a donzela se sorria.
– Porque te ris tu, ó donzela, porque te ris tu, ó menina?
- 20 – Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia.
– Volta atrás, meu cavalo, minha espora é perdida.
- 22 – Não voltes não, cavaleiro, não uses de vilania,
s’ a tua espora é de prata, o meu pai d’ ouro ta daria.
- 24 – Quem é esse teu pai que tanto ouro tenia?
– Meu pai é o rei de França, minha mãe é Dona Maria.
- 26 – Pois s’ isso fosse na verdade, tu eras irmana mia.
– Se não fosse na verdade, também não te diria.
- 28 – Abre-m’ a porta, ó mãe, abre-ma com alegria.
Pensei que trazia a mulher e trago irmana minha.

Variantes: 2a vai; 3a Acostou-se; 3b a rama; 4a Quando foi por meia-noite; 8b que fazes tu; 13a Queres ir tu; 17a Pegou-a; 21 Volta rédeas, ó cavalo, minha espora era perdida; 22a Atrás não; 23a era; 25a da França; 26a S’ isso era na; 26b minha; 27a fora; 29 Pensando que trazia mulher, trago irmana minha.

8. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Silvério Amaral Afonso, 73 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia.
- 2 Alcançou-a lá no monte, lá numa escura montinha.
Vira estar uma donzela, vira estar uma menina.

- 4 Acostaram-se a um roble, mais alto que a maravilha.
– Que andas a fazer, donzela, que andas a fazer, menina?
- 6 – Estou a cumprir uma fada que me dou minha madrinha.
– Vem comigo, ó donzela, vem comigo, menina.
- 8 Monta aqui no meu cavalo ou na anca ou na silha.
– Na silha não, cavaleiro, que é grande descortesia,
10 mas na anca sim, cavaleiro, é honra tua e minha.
Lá no meio do caminho, a donzela se sorria.
- 12 – E porque te ris, donzela, e porque te ris, menina?
– Não me rio de ti, cavaleiro, mas da tua cortesia.
- 14 – Volta atrás, ó meu cavalo, que a minha espora é perdida.
– Não voltes, não, cavaleiro, não uses da tirania.
- 16 Tua espora era de prata, o meu pai d’ouro ta daria.
– Quem era esse teu pai que tanto ouro tenia?
- 18 – Meu pai era el-rei Constante, minha mãe Dona Constantina.
– Oh, pelas novas que me dás, tu és uma irmana mia.
- 20 Abra-me a porta, meu pai, aqui trago a sua filha.
– Se ela é a minha filha, entre com muita alegria,
22 mas se ela é a minha nora, saiam pela porta fora.

**9. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues,
62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
2 seus perros leva cansados, seu falcão perdido ia.
Arrumara-se a um roble, formado na maravilha,
4 vira estar uma donzela, vira estar uma menina,
pentes d’ouro tem na mão, ela pentear-se queria.
- 6 – Que estás a fazer, donzela, que estás a fazer, menina?
– Estou a cumprir uma fada que me botou minha madrinha,
8 de estar aqui sete anos, sete anos e um dia.
Ontem s’ acabaram os anos, amanhã s’ encerra o dia.
- 10 – Queres tu, ó donzela, ir na minha companhia?
Levo-te no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
- 12 – Na anca não, cavaleiro, qu’isso aí é descortesia,

- na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
- 14 Lá no meio do caminho, a donzela se sorria.
– Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
- 16 – Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia,
encontra a donzela no monte e guarda-lhe cortesia.
- 18 Deu três voltas ao cavalo, ele ao chão deitá-la queria.
– Anda, anda, cavaleiro, não uses de vilania,
- 20 se tu tens espada de prata, meu pai d’ouro ta daria.
– Quem era esse teu pai que tanto ouro teria?
- 22 – Meu pai é o rei de França, minha mãe Dona Maria.
– Pelas novas que me dás, tu és uma irmã minha.
- 24 Abra-m’as portas, meu pai, abra-mas com alegria,
pensei que trazia esposa e trago uma irmã minha.
- 26 – Se trazes a tua esposa, deita-a pra esses palácios,
se trazes a minha filha, bota-ma aqui nos meus braços.

10. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Alcançar vai cavaleiro, [.....]
- 2 seus perros leva cansados, seu cavalo cansado ia.
Lá no meio do caminho, encontrou uma donzela.
- 4 – Que fazes aqui, donzela, que fazes aqui, menina?
– Estou a cumprir uma fada que me deitou a minha madrinha,
- 6 hoje se fazem sete anos e amanhã mais um dia.
– Queres tu vir, ó menina, queres tu vir na minha companhia?
- 8 – Sim, quero, cavaleiro, se não usares de vilania.
– Tu queres ir na anca ou queres ir na silha?
- 10 – Quero ir na anca, que é honra tua e minha.
– Volta atrás, ó meu cavalo, minha espora é perdida.
- 12 – Não voltes atrás o teu cavalo, não uses de vilania,
s’a espora era de prata, meu pai d’ouro ta daria.
- 14 – Quem é esse teu pai que tanto ouro tenia?
– Meu pai é o rei de França, minha mãe é Dona Maria.
- 16 – Pelas indicações que me dás, tu és a irmã minha.
Abra-m’as portas, meu pai, abra-m’as portas com alegria,

- 18 não sei se trago mulher, se trago irmana minha.
– Se trazes mulher tua, mete-a aí nesses palácios,
20 se trazes irmana tua, deita-ma aqui nos meus braços.

Variantes: 3a da serra; 3b uma menina; 5b me dou; 7a donzela; 9a e b vir; 10a Quero antes na anca; 11a meu cavalo; 19a tua mulher.

11. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
2 seus perros leva cansados, d'andar de noite e de dia.
Escurecera-lhe no monte, lá numa escura montina,
4 encostara-s' a uma árvore, linda rama qu'ela tinha.
Lá por essa meia-noite, deitou os olhos em acima,
6 avistou uma donzela, avistou uma menina.
Os olhos da sua cara em lhe tudo esclarecia,
8 os dedos das suas mãos ele era cera mais fina,
o cabelo da sua cabeça todo o robe lhe cobria.
10 – Que fazes aqui, donzela, que fazes aqui, menina?
– Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha.
12 Estou aqui por sete anos, sete anos e mais um dia,
hoje se cerram nos sete e amanhã se acaba o dia.
14 – Queres tu, ó menina, vir na minha companhia?
Monta no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
16 – Na silha não, cavaleiro, qu' é grande a descortesia,
monto antes na anca, que é honra tua e minha.
18 Chegou ao meio do caminho, a donzelinha se sorria.
– Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
20 – Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia,
qu'achara a niña no monte, guardara-lhe cortesia.
22 – Volta atrás, ó meu cavalo, minha espora há perdida.
– Adiante, cavaleiro, não uses de vilania,
24 tua espora era de prata, meu pai d'ouro ta daria.
– Quem era esse teu pai que tanto ouro teria?
26 – Meu pai é o rei de França, minha mãe Dona Maria.

- Pelas novas que me dás, tu és uma irmana minha.
 28 Abra-me a porta, meu pai, abra-ma com alegria,
 julguei de trazer esposa, trazo uma irmana minha.
 30 – Se trouxeres tua esposa, muito bem ta estimaria,
 trouxeste uma irmã tua, grande dote te eu daria.
 32 – Que comias, minha filha, que comias, filha minha?
 – Rabacinhas da lameira, aguinha da fonte fria.

Variantes: 1a cavaleiros; 3a Escurecera-lhe num ermo / Escureceu-lhe lá no monte; 5b deitara; 6 vira estar.

12. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 61 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o solinho,
 (.....)

13. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
 2 seus perros leva cansados d’andar de noite e de dia.
 Escurecera-lhe num ermo, lá numa escura montia.
 4 Quando foi por meia-noite, botou os seus olhos arriba,
 vira estar uma donzela, vira estar uma menina,
 6 com pentes d’ouro na mão, ela pentear-se queria.
 – Que fazes aí, ó donzela, que fazes aí, ó menina?
 8 – Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha,
 uma fada por sete anos, sete anos e um dia.
 10 Hoje se cerram os anos, amanhã s’acaba o dia.
 – Queres tu, ó donzelinha, vir em minha companhia?
 12 Monta aqui no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
 – Na anca não, cavaleiro, que é grande descortesia,
 14 na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
 Chegou ao meio do caminho, a donzelinha se sorria.
 16 – De que te ris, ó donzela, de que te ris, ó menina?

- Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia.
- 18 – Volta, volta, meu cavalo, minha espora é perdida.
- Não volta, não, cavaleiro, não uses de vilania,
- 20 s’ a tua espora era de prata, meu pai d’ ouro ta daria.
- Quem é esse teu pai que tanto ouro tenia?
- 22 – Meu pai é rei da França, minha mãe Dona Maria.
- Abra-m’ as portas, meu pai, abra-mas com alegria,
- 24 lembrei-me que trazia esposa, trago uma irmana minha.
- Que comias, minha filha, que bebias, minha vida?
- 26 – Rabacinhas da lameira, água da fonte fria,
- donde a culebra cantava, a serpente lhe respondia.

14. Versão de Santalha (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles, 77 anos. Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
- 2 seus perros leva cansados d’ andar de noute e de dia.

15. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Vira estar uma donzela, vira estar uma menina,
- 2 penteando o seu cabelo com pentes de prata fina.
- Que faz aqui, ó donzela, que faz aqui, ó menina?
- 4 – Estou a cumprir uma fada que me botou minha madrinha,
- [.....] por sete anos e um dia.
- 6 Onte’ s’ acabaram os sete anos e hoje s’ acaba o dia.
- Quer vir comigo, donzela, quer vir comigo, menina?
- 8 – Quero ir, sim, cavaleiro, quero ir na sua ida.
- Monte aqui no meu cavalo, ou nas ancas ou na silha.
- 10 – Na silha não, cavaleiro, qu’ é grande descortesia,
- nas ancas sim, cavaleiro, qu’ é honra tua e minha.
- 12 Ò chegar ò meio do caminho, a donzela s’ ia rindo.
- Porque se ri, ó donzela, porque se ri, ó menina?
- 14 – Rio-me do cavaleiro e da sua cortesia,
- achar uma menina no monte e guardar-le descortesia.

- 16 – Volta atrás, ó meu cavalo, tua espora vai perdida.
 – Deixa ir o teu cavalo, deixa-o ir na tua ida,
 18 se tua espora era de prata, meu pai d'ouro ta daria.
 – Quem é teu pai, ó donzela, que tanto ouro tenia?
 20 – Meu pai é rei de França, minha mãe rainha Constantina.
 – Tu p'las novas que me dás tu és uma mana minha.
 22 Abra-m' a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
 pensei que trazia esposa, eu trazo uma mana minha.
 24 – Se tu és a minha nora, entra cá prò meu palácio,
 se tu és a minha filha, anda cá prò meu regaço.

Variantes: 9a monta; 11b minha e tua; 23a julguei.

16. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
 2 seus perros leva cansados d'andar de noite e de dia.
 Escureceu-lhe num monte, naquela serra montina.
 4 Aí por essa meia-noite, botou seus olhos acima,
 vira estar uma donzela, vira estar uma menina.
 6 – Que estás a fazer, donzela, que estás a fazer, menina?
 – Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha,
 8 que estivesse aqui sete anos, sete anos e mais um dia.
 Hoje se acabam nos sete e amanhã se cerra o dia.
 10 – Monta aqui no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
 – Na anca não, cavaleiro, que é grande descortesia,
 12 na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
 Chegou ao meio do caminho, donzelinha se sorria.
 14 – Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
 – Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia,
 16 qu'achou a Aninhas no monte e guardou-lhe cortesia.
 – Volta, volta, meu cavalo, minhas esporas vão perdidas.
 18 – Adiante, cavaleiro, não mudes de vilania,
 s'as tuas esporas eram de prata, meu pai d'ouro tas daria.

- 20 – Quem é esse teu pai tão rico, que tanto ouro tenia?
 – Meu pai era o rei de França e minha mãe D. Ermina.
- 22 – Por as novas que vais dando, tu eras irmana minha.
 – Abra-m’ a porta, meu pai, abra-ma com alegria,
- 24 pensei que trazia esposa e eu trago irmana minha.
 – Se tu trouxesses esposa, eu cem contos te daria
- 26 e assim, como trazes irmana, cem vezes to dobraria.
 – Que comias, minha alma, que comias, minha filha?
- 28 – Rabacinhas da lameira e aguinha da fonte fria.

Variantes: 19a são; 22a Pelas; 26b tos.

17. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Maria Eugénia Vaz, 83 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
 2 seus perros leva cansados, d’ andar de noite e de dia.
 Escureceu-lhe no monte, naquela serra montina,
 4 quando foi por meia-noite, deitou seus olhos acima.
 Vira estar uma donzela, vira estar uma menina.
- 6 – Que fazes aí, donzela, que fazes aí, menina?
 – Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha,
 8 de estar aqui sete anos, sete anos e mais um dia.
 Hoje se acabam os sete e amanhã se cerra o dia.
- 10 – Monta aqui no meu cavalo, ou na anca ou na silha.
 – Na anca não, cavaleiro, que é grande descortesia,
 12 na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
 Chegou ao meio do caminho, donzelinha se sorria.
- 14 – Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
 – Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia.
- 16 – Volta atrás, meu cavalo, minhas esporas vão perdidas.
 – Adiante, cavaleiro, tuas esporas não vão perdidas,
 18 se tuas esporas eram de prata, meu pai d’ ouro tas daria.
 – Quem era esse pai tão rico, que tanto ouro tenia?
- 20 – Meu pai é o rei de França, minha mãe é D. Irina.

- Pelas novas que vais dando, tu és irmana mia.
- 22 – Abra-m’ a porta, meu pai, abra-me com alegria,
achei que trazia esposa e trago irmana mia.
- 24 – Se trouxesses esposa, cem contos te daria,
se trazes irmana tua, mil vezes tos dobraria.

Variantes: 11a Na silha; 12a na anca.

18. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Que fazes aí, ó madama, que fazes aí, esposa minha?
- 2 – Estou a alevantar uma fada que me deitou minha madrinha,
de estar aqui nesta serra, sete anos e mais um dia.
- 4 – Salta prà aqui pròs meus braços e vai na minha companhia.
(.....)
- Abra-m’ a porta, meu pai, abra-me com alegria,
- 6 julguei que trazia uma esposa, mas trago uma irmã minha.
– Se trazes uma irmã tua, pois deita-m’ aqui nos meus braços,
- 8 se trazes uma esposa tua, pois vai passear co’ ela ao jardim.

Variante: 4 Salta prà aqui, ó donzela, salta prà aqui, esposa minha.

19. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
- 2 seus perros leva cansados, seu falcão perdido ia.
Anoiteceu-lhe lá no ermo, numa escura montina,
- 4 quando foi por meia-noite, seus olhos deitara acima.
Vira estar uma donzela, vira estar uma menina,
- 6 c’ um pente d’ ouro na mão, ela pentear-se queria.
– Que fazes aqui, donzela, que fazes aqui, menina?

- 8 – Estou a cumprir uma fada que me botou minha madrinha,
Botou-ma por um ano, por um ano e um dia.
- 10 O ano acaba hoje e amanhã se encerra o dia.
(.....)
- Na anca não, cavaleiro, que é grande descortesia,
- 12 na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
– Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
(.....)

20. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
2 seus perros leva cansados, seu falcão perdido ia.
(.....)
- Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha,
- 4 [.....] sete anos e um dia.
Hoje s'encerram nos sete e amanhã s'acaba o dia.
(.....)
- 6 – Na anca não, cavaleiro, que é grande descortesia,
na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
- 8 – De que te ris, ó donzela? [.....]
– Rio-me do cavaleiro e da sua cortesia.
(.....)
- 10 [.....] – Abra-ma com grande alegria,
cuidei que trazia esposa e trago uma irmana minha.

21. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar vai como o sol ia,
2 seus perros leva cansados, seu falcão cansado ia.
Escureceu-lhe lá no monte, lá numa escura montia,
4 encostou-se a um castelo formado na maravilha.

Quando foi por meia-noite, deitou seus olhos lá acima,
 6 vira estar uma donzela, vira estar uma menina,
 com pente d'ouro na mão, ela pentear-se queria.
 8 – Que fazes aqui, donzela, que fazes aqui, menina?
 – Estou a cumprir uma fada que me deitou a minha madrinha,
 10 a cumprir uma fada de sete anos e um dia.
 Onte' acabaram-s' os sete anos, hoje s' acabou o dia.
 12 – Queres tu, ó donzela, ir na minha companhia,
 qu'eu te levo na anca, ou na anca ou na silha?
 14 – Na anca não, cavaleiro, que é grande a cobardia,
 na silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
 16 Lá no meio do caminho, a donzela se sorria.
 – Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
 18 – Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia,
 já tem sete léguas andadas com sua espora perdida.
 20 – Volta atrás, ó meu cavalo, minha espora é perdida.
 – Não voltes, não, cavaleiro, [.....]
 22 s' a tua era de prata, meu pai d'ouro ta daria.
 – E quem era esse teu pai que tanto ouro tenia?
 24 – Meu pai é o rei d' Espanha, minha mãe Dona Constantina.
 – Pelas novas que me tu dás, tu és uma irmã minha.
 26 Abra-m' as portas, minha mãe, abra-mas com alegria,
 cuidei que trazia esposa e trago uma irmã minha.
 28 – Se trazes tua esposa, passeia-a nesses palácios
 e se trazes a tua irmã, deita-ma no meu regaço.

Variantes: 6 avistou uma donzela, avistou uma menina; 14b grande cobardia; 17b ris aqui, menina; 23a Quem era; 26 Abra-m' a porta, minha mãe, abra-ma; 29a se trazes.

22. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
 2 anoiteceu-lhe no ermo, numa escura montina.
 Quando foi por meia-noite, seus olhos deitou acima,

- 4 avistou uma donzela, [.....]
com pente d'ouro na mão, qu'ela pentear-se queria.
- 6 – Que fazes aqui, donzela, que fazes aqui, menina?
– Estou cumprindo uma fada que me deitou minha madrinha,
8 hoje se encerram os nove e amanhã se acaba o dia.
– Queres tu vir, ó donzela, vir em minha companhia,
10 [.....] levo-te na anca ou na silha?
– Na silha não, cavaleiro, que é grande vilania,
12 na anca sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
Lá no meio do caminho, a donzela se sorria.
- 14 – De que te ris tu, donzela, de que te ris tu, menina?
– Rio-me do cavaleiro e da sua cortesia,
16 achar a menina no monte e guardar-lhe cortesia.
– Volta, volta, meu cavalo, minha espora há perdida.
- 18 – Não voltes, não, teu cavalo, [.....]
s'a espora era de prata, meu pai d'ouro ta daria.
- 20 – Quem é esse teu pai que tanto ouro tenia?
– Meu pai é o rei de França, minha mãe é Constantina.
- 22 – Pelas novas que me tu dás, tu és irmana minha.
Abra a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
24 cuidei que trazia esposa e trago uma irmana minha.
– Se trazes esposa tua, leva-a lá para o palácio
26 e se trazes irmana tua, deita-ma aqui no regaço.

Variantes: 4a encontrou; 4 avistou uma donzela, ela pentear-se queria.

23. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Adelino de Jesus Gonçalves, 70 anos, e Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
2 escurecera-lhe num monte, naquela escura montina.
Botou os seus olhos adiante e vira estar uma menina,
4 com um pente d'ouro na mão, ela pentear-se queria.
– Que fazes aí, donzela, que fazes aí, ó menina?

- 6 – Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha,
de estar aqui sete anos, sete anos e mais um dia.
- 8 Hoje se cerram os sete e amanhã s' encerra o dia.
– Queres tu, ó donzela, ir na minha companhia?
- 10 Levo-te no meu cavalo, à anca ou à silha.
– À anca não, cavaleiro, que é muita descortesia,
12 à silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
Chegou ao meio do caminho, a donzela se sorria.
- 14 – Porque te ris, ó donzela, porque te ris, ó menina?
– Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia,
16 encontrar a menina no monte e guardar-lhe cortesia.
– Volta atrás, ó meu cavalo, que minha espora é perdida.
- 18 – Não voltes, não, cavaleiro, não uses de vilania,
s' a tua espora era de prata, meu pai d' ouro ta daria.
- 20 – Quem é esse teu pai que tanto ouro tenia?
– Meu pai era o rei de França, minha mãe é Constantina.
- 22 – Pelas notícias que me dás, tu és irmana minha.
Abra-m' a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
24 que julguei que trazia esposa e trago uma irmana minha.
– Se tu trouxesses esposa, muito a estimaria,
26 mas trazes irmana tua, eu de ouro ta vestiria.

Variantes: 8a hoje s' acaba; 16a encontrou; 16b guardou-lhe; 22a novas.

24. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia,
2 seus perros leva cansados e o falcão perdido ia.
Escurecera-lhe num monte, naquela escura montinha.
- 4 Encostara-se a um roble, formado na maravilha,
o pé tinha d' ouro e a rama de prata fina.
- 6 Quando foi por meia-noite, cavaleiro olhou pra cima.
Viu estar uma donzela, viu estar uma menina,
8 com um pente d' ouro na mão, ela pentear-se queria.

- Que fazes aqui, donzela, que fazes aqui, menina?
- 10 – Estou a cumprir uma fada que me deitou minha madrinha,
era estar aqui sete anos, sete anos e mais um dia.
- 12 Hoje se acaba os sete e amanhã se finda o dia.
– Queres tu, ó donzela, ir na minha companhia?
- 14 Levo-te no meu cavalo, ou à anca ou à silha.
– À anca não, cavaleiro, que é grande descortesia,
16 à silha sim, cavaleiro, que é honra tua e minha.
Lá no meio do caminho, a donzela se sorria.
- 18 – Porque te ris, ó donzela, porque te ris, menina?
– Rio-me do cavaleiro e da sua cobardia,
20 encontrou a menina no monte e guardou-lhe cortesia.
– Volta atrás, ó meu cavalo, minha espora é perdida.
- 22 – Não voltes, não, cavaleiro, não uses de vilania,
se tua espora era de prata, meu pai d’ouro ta daria.
- 24 – Quem é esse teu pai que tanto ouro tenia?
– Meu pai é o rei de França, minha mãe Dona Constantina.
- 26 – Pelas sinas que me dás, tu és uma irmã minha.
Abra-m’ a porta, minha mãe, abra-ma com alegria,
28 julguei trazer uma esposa e trouxe uma irmã minha.
– Se trazes tua esposa, eu de ouro ta vestiria,
30 assim, se trazes tua irmã, d’ouro e prata fina.

Variantes: 25a da; 28a a.

XLII. A APOSTA GANHA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recollida no dia 27 de agosto de 1981.

- Apostado tenho, madre, as armas e meu punhal,
2 de dormir com Mariana antes do galo cantar.
– Não apostes, ó meu filho, que tu não vais a ganhar.

- 4 – Minha mãe, que sois mais velha, um conselho me há des dar.
– Veste-te de tecedeira nova e à porta lhe vai passear.
- 6 Mariana, como louca, à porta se há de assomar.
– Onde vem esta senhora de tão largo passear?
- 8 – Sou a tecedeira nova, venho das ondas do mar,
a minha teia está urdida e a sua venho buscar.
- 10 – A minha teia, ó senhora, ainda está por debanar.
Suba cá para dentro, dormiremos de par a par.
- 12 – Tenho medo aos seus cães que me podem ladrar.
– Os meus cães, ó senhora, eu os mandarei calar.
- 14 – Tenho medo aos seus pais que lhe podem ralhar.
– Os meus pais, ó senhora, eu os mandarei acomodar.
- 16 – Tenho medo aos seus criados que me podem desonrar.
– Os meus criados, ó senhora, eu os mandarei retirar.
- 18 Lá por meio da noite, Mariana deu em gritar.
– Tu que tens, ó Mariana, valha-te Deus, tanto gritar?
- 20 – É a tecedeira nova que me quer desonrar.

Variantes: 10a, 13a, 15a, 17a ó menina.

2. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Ermelinda Rosa, 70 anos. Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

- Minha tia, faça a ceia depressa, não devagar,
2 que eu tenho uma aposta feita de perder ou de ganhar,
de enganar a Mariana antes do galo cantar.
- 4 – Deixa-te lá, meu sobrinho, deixa-te lá de apostar,
Mariana é muito fina, não se deixa enganar.
- 6 – Do modo que lhe eu pego, ninguém lhe sabe pegar,
hei de me vestir de dama prò jardim a passear.
- 8 – De quem é aquela dama no jardim a passear?
– Sou filha da tecedeira e a seda venho buscar.
- 10 – A seda não está dobada, você tem de cá ficar.
Ainda tenho Mariana para consigo deitar.
- 12 Ainda não eram nas dez, já ela estava a gritar.

- Ó minha mãezinha, acuda que a dama me quer brincar.
- 14 – Cale-se lá, Mariana, não se esteja a arreliar,
que eu sou um rapaz solteiro, consigo quero casar.
- 16 Ainda não eram nas onze, já s’ ele estava a gabar.
– Enganei a Mariana antes do galo cantar.
- 18 – Raparigas do meu tempo, olhai todas para mim,
perdei a amizade aos homens qu’ eu também já lha perdi.
- 20 – Rapazes do meu tempo, só vos peço por favor,
não caseis com Mariana, já lhe eu tirei o valor.

**3. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues,
62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Todo o que joga e não perde, gosto é vê-lo jogar.
- 2 – Pois eu tenho d’ apostado minha arma e meu punhal,
de dormir com Maribana antes do galo cantar.
- 4 Uma mãe de sete filhos um conselho m’ há de dar.
– Bastantes te tenho dado, nunca os quiseste tomar.
- 6 Vais calçar os meus sapatos, vais vestir o meu brilhar,
no domingo de manhã, à praça vais passear.
- 8 Maribana é vadia, à janela vem olhar.
– Quem é aquela senhora de tão largo passear?
- 10 – Sou tecedeira da seda, do outro lado do mar,
sete teias tenho urdidadas, a sua venho buscar.
- 12 – Venha cá prò meu ‘posento, queira-s’ aqui repousar.
(.....)

Variantes: 2b o punhal; 6b vai; 10a deixei; 11b cá.

**4. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues,
63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.**

- Minha tia, ó minha tia, são horas de levantar.
- 2 Fiz ont’ à noit’ uma aposta e eu espero de a ganhar.

- Não apostes, meu sobrinho, não andes a apostar,
 4 que Mariana é muito fina, não se deixa enganar.
 – Do modo que a eu engano, ninguém há de desconfiar.
 6 Hei de me vestir de dama prò jardim a passear.
 – E quem era aquela dama no jardim a passear?
 8 – É a filha da tecedeira, que comigo vem passear.
 Inda não eram onze horas, já ela estava a gritar:
 10 – Abra-m’ a porta, mamãe, que me querem enganar.
 Inda não era meia-noite, já s’ ele andava a gabar:
 12 – Enganei a Mariana antes do galo cantar.

5. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Alice Augusta Garcia, 58 anos, e Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Juntaram-se os três mancebos qu’ estavam na praça a jogar,
 2 pensaram numa aposta, quem é qu’ a queria ganhar.
 – Faça a ceia, minha mãe, depressa, não devagar,
 4 tenho uma aposta feita para perder ou ganhar.
 – Não t’ apostes, ó meu filho, não te vale d’ apostar,
 6 olha que a dona Albaninha não se deixa enganar.
 Veste o meu manto, meu filho, e também o meu brilhar,
 8 vai à porta da Albaninha e faz qu’ andas a passear.
 – Boa tarde, ó menina, eu também sei passear,
 10 sou filha da tecedeira, fiado venho buscar.
 – Tenho colchas e colchões para a menina deitar
 12 e criados e criadas para a menina acompanhar.
 – Se quer que lhe leve o fiado, não me esteja a demorar,
 14 que eu sou de muito longe, tenho jornada para andar.
 – Se a menina for donzela, comigo pode dormir.
 16 Era o que aquela menina, era o que queria ouvir.
 Ainda não era meia-noite, na praça se estava a gabar.
 18 – Dormi com a mulher mais linda, mais linda de Portugal.
 Dizia o irmão mais novo: – Quem seria, quem não seria?
 20 Seria a nossa Albaninha, que mais linda não havia?
 Dizia o irmão mais velho: – Vamo-la a mandar matar.

- 22 Dizia o irmão mais novo: – Deixaremos-la ficar,
ou com dote ou sem dote, alguém a há de lograr.

Variantes: 8a chega a casa da; 13a Se tem fiado pra deitar; 13b não se esteja; 15a menina é; 23b levar.

6. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Aqueles que jogam e não perdem, é prazer vê-los jogar.
- 2 – Apostado tenho, minha mãe, minhas armas e meu punhal,
de ir dormir com Mouribana antes do galo cantar.
- 4 – Pra que l’apostas, meu filho, que tu não podes ganhar.
– Uma mãe de sete filhos algum conselho me há de dar.
- 6 – Bons os sei, ó meu filho, se tos eu quiser dar.
Veste-te de seda, meu filho, à estrada vais passear,
- 8 Mouribana, como é novinha, logo há de vir a olhar.
– Quem será aquela senhora qu’anda além a passear?
- 10 – Tecedeira sou, menina, das teias d’engomar,
a minha teia deixei urdida, a sua venho buscar.
- 12 – A minha teia, ó tecedeira, ainda está por dobar.
Repouse-se, ó tecedeira, queira-se você repousar.
- 14 – Tenho medo aos seus criados, que me podem afrontar.
– Os meus criados, tecedeira, eu os mandarei fechar.
- 16 As chaves do meu ‘posento a si s’ há dem entregar.
Mandarei fazer a ceia, cearemos devagar,
- 18 mandarei fazer a cama, dormiremos de par em par.
Ainda não era meia-noite, Mouribana estava a gritar.
- 20 – Acudi-me, ó meus criados, depressa, não devagar,
a tecedeira d’ontem à noite, em varão veio a dar.
- 22 Fazei-m’ um café bem feito, qu’ aqui o há de tomar,
pra qu’ outra não vá fazer nem desta se vá gabar.
- 24 – Nem tenho medo òs teus criados nem ò café que m’ há dem dar,
s’ eu partir o meu punhal, outro já estou a ganhar.

7. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Faça-me a ceia, minha tia, ligeira, não devagar,
 2 que tenho uma aposta feita, para perder ou ganhar.
 – Não apostes, meu sobrinho, olha que não vais ganhar,
 4 Mariana é muito fina, não se deixa enganar.
 – Vou-me vestir de senhora, prò jardim a passear.
 6 Mariana, se me vir, alguma coisa m’ há de perguntar.
 – Quem é aquela senhora de tão largo passear?
 8 – Tecedeira d’ além do rio, suas roupas vem buscar.
 (.)
 – Acudi-me, ó meus criados, acudam o meu falcão,
 10 a tecedeira d’ além do rio resolvera-se em varão.

Variantes: 3a Não t’ apostes, ó meu filho; 5 Uma mãe de sete filhos algum conselho m’ há de dar; 6 Ela, se me lá vir, alguma coisa m’ há de procurar; 8b de tão alto; 8a É costureira de lá d’ além do rio / É tecedeira; 8b sua roupa.

8. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Ó tia, faça-me a ceia, tia, dê-me de cear,
 2 que eu tenho uma aposta feita, para perder ou ganhar,
 enganar a Mariana antes do galo cantar.
 4 – Deixa-te lá de apostas, deixa-te de apostar,
 olha que a Mariana é muito má de enganar.
 6 – Da maneira que eu faço, eu hei de a enganar,
 hei de me vestir de seda, ir prò jardim passear.
 8 – Quem é aquela dama que além anda a passear?
 – É uma linda tecedeira, seda fina vem buscar.
 (.)
 10 Lá pela noite adiante, Mariana acordou.
 – Ah, quem está na minha cama, ai Jesus, onde é qu’ eu estou?

Romances de morte personificada

XLIII. A MORTE OCULTADA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- D. Pedro se vai à caça, a caçar como o sol ia,
 2 dera-l' o mal da morte, para casa se volvia.
 – Minha mãe, faça-m' a cama, qu' eu dela já não m' erguia.
 4 – Tu que dizes, ó meu filho, Leonarda está parida.
 – Não lo digais, minha mãe, sem passar ano e dia.
 6 – Minha mãe, que sois por certo, aquela que tanto me queria,
 onde está o meu D. Pedro, qu' ele a ver-me não venia?
 8 – O D. Pedro foi à caça, só virá d' ano e dia.
 – Minha mãe, que sois por certo, aquela que tanto me queria,
 10 as paridinhas desta terra de que trajo vão à missa?
 – Umas vão de azul claro, outras de azul marinho,
 12 mas tu, como nobre senhora, de preto irás vestida.
 – Minha mãe, que sois por certo, aquela que tanto me queria,
 14 as paridinhas desta terra de que tempo vão à missa?
 – Umas vão de três semanas, outras vão de quinze dias,
 16 mas tu, como nobre senhora, só irás d' ano e dia.
 Lá no adro da igreja, ao chegarem à ermida:
 18 – Oh, que viúva tão linda, oh, que menino sem pai!

- Minha mãe, que sois por certo, aquela que tanto me queria,
 20 de quem eram aquelas tochas que naquela tumba ardião?
 – As tochas eram dum filho meu, qu’ eu na França tenia.
 22 – As tochas são do D. Pedro, qu’ outro não vos conhecia.
 – Mal o haja a minha boca, mal o haja a minha língua,
 24 que t’ encobri um ano, não t’ encobrir mais um dia!

Variante: 17 Ao chegarem à igreja, lá no adro da ermida.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- À caça vai o D. Pedro, a caçar como o sol ia,
 2 dera-lhe o mal da morte e ele para casa se venia.
 – Minha mãe, faça-me a cama, que eu dela não me alivio.
 4 – Se isso é por certo, Leonarda está parida.
 – Não lho digais, minha mãe, até de ano e dia.
 6 – Onde estará meu D. Pedro, que ele a ver-me não venia?
 Ou é morto ou ingrato ou outros amores tenia.
 8 – Nem é morto nem ingrato nem outros amores tenia,
 teu D. Pedro foi à caça e só vem de ano e dia.
 10 – Minha mãe, que sois por certo, aquela que mais me queria,
 as paridinhas desta terra de que trajo vão à missa?
 12 – Umas vão vestidas de seda, outras de maravilha,
 vós, como nobre senhora, de preto ireis vestida.
 14 – Oh, que orfinha sem pai e que viúva tão linda!
 – Minha mãe, que sois por certo, aquela que mais me queria,
 16 repare aquele homem que palavras se me dizia.
 – Era por um filho meu, que eu nas ilhas o trazia.
 18 – Não tinhas filho nem filha que eu não vos conhecia,
 só se era o meu D. Pedro, meu marido de algum dia.
 20 Palavra não era dia (*sic*) e ela morta se caía.
 – Malo haja a minha boca, malo haja a minha língua,
 22 que te encobri um ano e não te encobri mais um dia!

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- A caçar foi o D. Pedro, a caçar como o sol ia,
 2 lhe viera o mal da morte, pra casa se revolvía.
 – Não conteis à minha mulher sem ser d’ano a dia.
 4 – Minha mãe, que sois por certa, pois tanto me querias,
 onde é qu’está o meu D. Pedro, há tempo que o não vi?
 6 – Teu D. Pedro foi à caça, não vem d’ano a dia.
 – Minha mãe, que sois por certa, aquela que tanto me querias,
 8 onde está o meu D. Pedro, há tanto tempo que não no via?
 – Teu D. Pedro foi à caça, só vem d’ano a dia.
 10 – Oh, que viúva tão linda, oh, que menino sem pai!
 – Minha mãe, que sois por certa, aquela que tanto me querias,
 12 onde é que está o meu D. Pedro, que há tanto que não no via?
 – Teu D. Pedro foi à caça, só vem d’ano a dia.
 14 – Minha mãe, que sois por certa, aquela que tanto me querias,
 meu D. Pedro é morto ou outro amor tenia.
 (.....)

Variantes: 3a Minha mãe, não o digais; 10b que menino; 14-15 – Meu D. Pedro não foi à caça, [.....] / ou é morto ou outros amores tenia.

4. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- (.....)
 – As donzelas desta terra de que tempo vão à missa?
 2 – Umas vão às três semanas, outras aos quarenta dias,
 tu, por ser nobre senhora, só vais depois d’ano e dia.
 4 – As donzelas desta terra de que trajo vão à missa?
 – Umas vão d’azul claro, outras vão de seda fina,
 6 tu, por ser nobre senhora, de preto hás de ir vestida.
 – Ai de mim, ó minha mãe, que D. Pedro me morreria.

5. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Lá se vai D. Pedro à caça, à caça d'ano e dia,
 2 [.....] sua esposa em casa deixaria,
 dentro em poucos dias, à luz deu uma menina.
- 4 – Minha mãe, ó minha mãe, ó mãe que tanto me queria,
 o D. Pedro era morto ou ele outros amores tinha.
- 6 – Nem D. Pedro era morto nem outros amores tinha,
 a caçada de D. Pedro sempre era d'ano e dia.
- 8 – Tanta gente na nossa sala! Oh, meu Deus, que nela havia?
 – Não é nada, ó minha filha, é a tua nobre parida.
- 10 – Minha mãe, ó minha mãe, ó mãe que tanto me queria,
 o D. Pedro era morto ou ele outros amores tinha.
- 12 – Nem D. Pedro era morto nem outros amores tinha,
 a caçada de D. Pedro sempre era d'ano e dia.
- 14 – Tocam os sinos a mortos. Oh, meu Deus, quem morreria?
 – Não é nada, ó minha filha, é a tua nobre parida.
- 16 – Oh, levava o demo tal uso, como nesta terra havia.
 Minha mãe, ó minha mãe, ó mãe que tanto me queria,
 18 o D. Pedro era morto ou ele outros amores tinha.
 – Nem D. Pedro era morto nem outros amores tinha,
 20 a caçada de D. Pedro sempre era d'ano e dia.
 – Minha mãe, ó minha mãe, [.....]
- 22 as paridas nesta terra de que tempo vão à missa?
 – Umas vão de três semanas, outras vão de trinta dias,
 24 mas tu, como minha filha, irás d'ano e dias.
 – Minha mãe, ó minha mãe, ó mãe que tanto me queria,
 26 as paridas nesta terra de que traje vão à missa?
 – Umas vão vestidas de branco, outras de cambraia lisa
 28 e tu, como minha filha, de preto irás vestida.
 Ao entrar para o adro, ao virar pra uma esquina,
 30 dissera-lh' um cavalheiro: – Deus te guarde, viuvinha!
 – S' o D. Pedro era morto, a mãe porque não mo dizia?
 32 – Assim lhe fazia por alma qu' outra coisa não podia.

Variantes: 7b é sempre; 8 Está a sala iluminada. Oh, meu Deus, que nela havia.

Romances de animais

XLIV. O SAPO E A SAPA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Sapo, vede la noche, vede la noitinha, sapo?
- 2 O sapo e mais a sapa armaram grande batalha.
– Disseram-m' a mim, ó sapa, que tu que 'tavas prenhada.
- 4 O sapo vai no cavalo e a sapa na mula parda.
(.....)

Variantes: 1 Sapinho, da verde la noche, da verde la noche, sapinho; 4a vai.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Manuel Augusto Vaz, 71 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Sapinha, vede la noche, vede la noitinha buena.
- 2 O sapo e mais a sapa caminho vai de Granada,
o sapo vai no cavalo, a sapa na mula parda.
- 4 Lá no meio do caminho, armaram grande batalha,
um puxou por a bainha, outro puxou pola espada.
- 6 Já o sangue era tanto que todas as ervas regava.

- Porque armas isso, ó sapo, essa tão grande batalha?
8 – Porque me disseram, sapa, que tu andavas prenhada.
Deixa vir a manhaninha, deixa vir a madrugada,
10 tu verás minha cintura, tu a verás bem delgada.

Variantes: 1b vede la noitinha sapa; 10a tu hás de ver.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Sapinha, vedes la noche, vede la noitinha, sapa?
2 O sapo vai no cavalo e a sapa na mula parda.
Lá no meio do caminho, fizeram grande batalha.
4 – Porque é isso, ó sapo, essa grande barulhada?
– Porque me disseram, sapa, que andavas embaraçada.
6 – Quem te disse isso, ó sapo, essa grande mentirada?
O sangue já era tanto que todas as ervas regava.
8 – Deixa vir a manhaninha, deixa vir a madrugada,
verás a minha cintura, tu a verás bem delgada.

Romances vários

XLV. EU CASEI COM UMA DONZELA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Agora baixou o sol, louvado seja o Senhor!
- 2 Casei com uma donzela, filha dum lavrador,
ela era poupadinha, ele um grande gastador.
- 4 Ao depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
– Eu irei podar as vinhas, esvidá-las tu, meu amor.
- 6 – Tenho os dedos mui delgados, não é para podar, não.
Meu amor, se te fores lá para os campos de Aragão,
- 8 trará-me linhas e seda para bordar o pendão.
Numa ponta ponho o sol, noutra o São João,
- 10 e, no meio disso tudo, a Senhora da Ascensão.

Variantes: 7b para as terras; 8a linha; 9a Duma ponta ponho a lua; 9b de outra.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Agora baixou o sol, louvado seja o Senhor!
- 2 Eu casei com uma donzela, filha é dum lavrador.
Ela era poupada e eu um grande gastador,

- 4 passei o meu e o dela, quanto nos deu o Senhor.
Depois de tudo gasto, aprendi a podador.
- 6 – Eu te irei podar as vinhas, esvidará-las, meu amor.
– Tenho os dedos mui delgados, não é para esvidar, não.
- 8 Ó meu amor, se te fores lá pó campo de Aragão,
trazes-me agulhas e seda para bordar o pendão.
- 10 Numa ponta porei São Roque e noutra São João,
entre meios disso tudo, a Senhora da Assunção.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzela, filha dum lavrador,
2 ela era poupadinha, eu um grande gastador.
Gastei o meu e o seu e o que nos deu o Senhor.
- 4 Depois de tudo gasto, aprendi a podador.
– Eu irei podar as vinhas, esvidará-las, meu amor.
- 6 – Tenho os dedos delgadinhos, não é para esvidar, não.
Compra-me linhas e seda para bordar o pendão.
- 8 Numa ponta tinha a lua, na outra o São João,
no meio disso tudo, a Senhora da Ascensão.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzela, filha é do lavrador,
2 ela era poupadinha e ele um grande gastador.
– Gastou o meu e o seu e quanto mos deu o Senhor.
- 4 Depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
– Eu irei podar as vinhas, esvidará-la, meu amor.
- 6 – Tenho os dedos bem delgados, não é pra esvidar, não.
Ó meu amor, se te fores lá pròs campos de Aragão,
trazes-me agulha e seda para bordar o pendão.
- 8 Numa ponta pus São Roque e noutra o São João,

10 e, no meio disso tudo, a Senhora da Ascensão.

*A Senhora da Ascensão
quando vai capela adentro,
com a cestinha no braço,
seu cabelo vai ao vento.*

*A Senhora da Ascensão
tem um galo no seu sino,
cada vez que o galo canta,
recorda um verbo divino.*

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Agora baixou o sol, louvado seja o Senhor!

- 2 Casei com uma donzela, filha é dum lavrador,
ela era poupadinha e eu era um grande gastador.
- 4 – Gastou o meu e o seu e o que nos deu o Senhor.
Depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
- 6 – Irei podar as vinhas, esvidará-las, meu amor.
– Tenho os dedos mui delgados, não é para esvidar, não.
- 8 Meu amor, se te fores lá pòs campos de Aragão,
trarás-me linha de seda para bordar o pendão.
- 10 Numa ponta porei o São Roque, noutra o São João,
no meio disso tudo, Nossa Senhora da Ascensão.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzela, filha dum lavrador,
- 2 ela era poupadinha e eu um grande gastador.
– Gastou o meu e o seu, tudo o que nos deu o Senhor.
- 4 Depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
– Eu irei podar as vinhas, esvidará-las, meu amor.
- 6 – Tens os dedos bem delgados, não é para esvidar, não.

Ó meu amor, se te fores lá pra campos de Aragão,
 8 manda-me agulhas e seda para bordar o pendão.
 Numa ponta ponho o São Roque, na outra o São João,
 10 e, no meio disso tudo, a Senhora da Assunção.

Variante: 1 Eu casei c' uma donzela qu' é filha dum lavrador.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

Agora baixou o sol, louvado seja o Senhor!
 2 Eu casei com uma donzela, filha era dum lavrador.
 Ela era poupadinha e eu um grande gastador,
 4 gastei o seu e o meu e o que me deu o Senhor.
 Ao depois que isso gasto, aprendi a podador.
 6 – Eu vou a podar as vinhas, esvidará-las tu, meu amor.
 – Meu amor, se fores para as quintas de Aragão,
 8 mercarei linhas e seda para bordar o pendão.
 Numa ponta tem a lua, noutra o São João,
 10 e noutra o São Francisco (.....).

Variantes: 4a o meu e o seu; 10a e no meio.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Agora baixou o sol, louvado seja o Senhor!
 2 Namorou-se o cavaleiro da filha do lavrador,
 ela era muito poupadinha, ele um grande gastador.
 4 Depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
 – Para ir podar as vinhas, esvidará-las tu, meu amor.
 6 – Tenho os dedos mui delgados, não é para podar, não.
 Meu amor, se te fores lá pròs campos de Aragão,
 8 trará-me agulhas e seda para bordar o pendão.
 Numa ponta põe a São Roque, na outra o São João,
 10 no meio disso tudo, a Senhora da Assunção.

**9. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Carolino Augusto Pires, 65 anos, ajudado por Manuel Severiano Diz, 73 anos (somente num verso).
Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
2 ela era mulher poupada e eu era um grande gastador.
Gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor.
4 Depois disso tudo gasto, eu aprendi a podador.
– Eu irei a podar a vinha, esvidará-la tu, meu amor.
6 – Tenho os dedos delgadinhos, não servem pra esvidar, não.

10. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
2 ela era mulher poupada e eu um grande gastador.
Gastei o meu e o dela e tudo quanto nos dava o Senhor,
4 depois disso tudo gasto, eu aprendi a podador.
– Eu irei podar a vinha e tu esvidará-la, meu amor.
6 Comprei-te linhas e sedas, pra bordar um pendão.

11. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
2 ela era mulher poupada, eu era um grande gastador.
Gastei o meu e o dela, tudo quanto deu o Senhor,
4 e, depois de tudo gasto, aprendi a podador.
Eu fui a podar as vinhas, lá pròs campos d' Aragão,
6 comprei agulhas e seda, para bordar um pendão.
Numa ponta porei a lua, na outra os raios do sol,
8 lá no meio disso tudo, Jesus Cristo belo Redentor.

12. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha dum lavrador,
 2 ela era mulher poupada e eu era um grande gastador.
 Gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor.
 4 Depois de tudo gasto, aprendi a podador.
 – Tenho os dedos delgadinhos, (.....)

Variantes: 2a muito; 4a Ao fim de.

13. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Fernandes da Veiga, 81 anos, e Carolino Augusto Pires, 65 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Oh, quem bem seria la minha, quem bem seria o amor?
 2 Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 ela era mulher poupada, eu era um grande gastador.
 4 Gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor,
 depois disso tudo gasto, aprendi a podador.
 6 Eu a mandei a podar a vinha, gastará-la tu, meu amor.
 – Tenho os dedos delgadinhos, não servem pra esvidar, não.
 8 Ó meu amor, se tu fores lá pra terra d' Aragão,
 comprarás agulhas e seda, pra te bordar o pendão.
 10 Numa ponta ponho a lua, noutra o sol arraiado,
 lá no meio disso tudo, Jesus Cristo Redentor.

Variante: 10b noutra os raios do sol.

14. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era uma mulher honrada e ele um grande gastador.

- Ele gastou o meu e o dele, tudo quanto lhe dera o Senhor.
- 4 Ò depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
- Depois delas podadas, esvida-as tu, ó meu amor.

15. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
- 2 ela era mulher poupada e ele um grande gastador.
 - Ele gastou o meu e o dele, tudo quanto nos deu o Senhor,
 - 4 e, depois de tudo gasto, aprendeu a podador.
 - Ele ia a podar a vinha: – Esvida-a tu, ó meu amor.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
- 2 ela era mulher pouposa e eu era um grande gastador.
 - Gastei o meu e o dela, quanto mais desse o Senhor.
 - 4 Ò depois de tudo gasto, aprendi a podador.
 - Eu ia podar as vinhas, esvidará-la, meu amor.

Variantes: 4a Ao fim de; 5a Eu iria podar la vinha.

17. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida no dia 28 de agosto de 1981.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador.
- 2 Ela era mulher pouposa e ele é um grande gastador, gastou o meu e o dela, tudo quanto lhe deu o Senhor.
 - 4 Depois disso tudo gasto, ele aprendeu a podador.
 - Se tem os dedos delgadinhos, não servem para esvidar, não.

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era mulher poupada e ele um grande gastador.
 – Gastou o meu e o dele, tudo quanto nos deu o Senhor,
 4 ao depois de tudo gasto, aprendeu a podador.

Variantes: 2a muito; 3a dela.

19. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era mulher pouposa e ele um grande gastador.
 Eu gastei o meu e o dela, tudo quanto dou o Senhor.
 4 Ò depois de tudo gasto, aprendeu a podador.

20. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Eu casei com uma donzelinha, filha é dum lavrador,
 2 ela era mulher pouposa e eu um grande gastador.
 Gastei o meu e o dela, quanto nos deu o Senhor,
 4 ao fim de tudo gasto, aprendi a podador.
 – Eu irei podar as vinhas, esvidará-las, meu amor.
 6 – Tendes os dedos delgados, não serves pra esvidador.

Variantes: 1b filha era; 4a Ao depois; 6b servem.

21. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Sílvia da Assunção Ferreira, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Eu casei com uma donzelinha, filha é dum lavrador,
 2 ela era mulher pouposa e ele um grande gastador.

- Eu gastei o meu e o dela, quanto nos deu o Senhor,
- 4 depois de tudo gasto, aprendi a podador.
– Eu irei a podar as vinhas, esvidará-las, meu amor.
 - 6 – Tende los dedos delgados, não serves pra esvidador.

22. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
- 2 ela era mulher poupada e eu era um grande gastador.
Gastava o meu e o dela, tudo quanto nos dava o Senhor.
 - 4 Depois disso tudo feito, aprendi a podador
e andava a podar as vinhas, as vinhas, ó meu amor.

23. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por Clara Dias dos Santos, 65 anos, natural de Cerdedo (concelho de Boticas, Vila Real). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
- 2 ela era muito poupada e ele era um grande gastador.
Gastei o meu e o dele (.....)

24. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por Vítor José Matias, 45 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha dum lavrador,
- 2 ela era mulher pouposa, eu era um grande gastador.
Eu gastei o meu e o dela e tudo quanto dava o Senhor.

25. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
- 2 ela era mulher pouposa e eu era um grande gastador.
Gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor.

- 4 Depois disso tudo gasto, aprendi a podador.
 – Eu irei a podar as vinhas, esvidará-las tu, meu amor.
- 6 – Meu amor, se fores à feira, à feira do Aragão,
 traz-me linhas de seda e eu te bordarei o pendão.

Variante: 7b qu' eu.

26. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era mulher pouposa, eu era um grande gastador.
 Eu gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor,
 4 depois disso tudo gasto, eu aprendi a podador.
 – Eu irei a podar la vinha, esvidará-la tu, meu amor.
- 6 – Tenho os dedos delgadinhos, não servem pra esvidar, não.
 Meu amor, se fores à feira, traz-me de lá um pendão.
- 8 Numa ponta porei a lua, noutra os raios do sol,
 lá no meio disso tudo, Jesus Cristo Redentor.
- 10 – Jesus Cristo Redentor, viste-lo por aqui passar?
 – Por aqui passou onte' à noite, antes do galinho cantar,
 12 a companha qu' ele levava não podia melhorar.

27. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era a mulher pouposa, eu era um grande gastador.
 Gastei o meu e o dela, quanto nos deu o Senhor,
 4 depois disso tudo gasto, aprendi a podador.
 – Eu vou a podar a vinha e tu esvida-a, meu amor.

Variantes: 4b Jesus Cristo redentor.

28. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Aida Amélia Alves, 70 anos, e Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 se ela era mulher poupada, eu era um grande gastador.
 Gastei o meu e o dela e tudo quanto nos deu o Senhor.
 4 E, depois de tudo gasto, aprendi a podador.
 – Eu irei a podar a vinha, esvidará-la tu, meu amor.
 6 – Tenho os dedos delgadinhos, não servem pra esvidar, não.
 Meu amor, se fores à feira, à feira do Arangão,
 8 traz-me agulhas e linha, que eu te bordarei o pendão.
 Numa ponta tinha a lua, na outra o sol arraiado,
 (.....)

Variantes: 4b resolvi-me num podador; 5a eu vou a.

29. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era mulher poupada, eu era franco e gastador.
 Gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor,
 4 depois disso tudo gasto, aprendi a podador.
 – Eu fui a podar a vinha, esvidará-la tu, meu amor.
 6 – Meu amor, se fores à feira, à feira do Arangão,
 comprarás-me agulhas e seda, bordarei-t' eu um pendão,
 8 qu' eu tenho os dedos delgadinhos, não servem pra esvidar, não.
 Numa ponta porei la lua, noutra os raios do sol,
 10 lá no meio disso tudo, Jesus Cristo redentor.

30. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por João Baptista Pinheiro, 66 anos, natural da Ponte da Arranca (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era mulher poupada e eu era um grande gastador.
 Gastei o meu e o dela, tudo quanto deu o Senhor,
 4 depois disso tudo gasto, aprendi a podador.
 – Jesus Cristo Redentor, vistes o aqui passar?
 6 – Aqui passou ontem à noite, depois do galo cantar.

31. Versão de Caroceiras (concelho de Vinhais), recitada por Adosinda Maria Macieira, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador,
 2 ela era mulher pouposa, mas casou c’ um gastador.
 Gastei o meu e o dela, tudo quanto nos deu o Senhor.

XLVI. A DONZELA GUERREIRA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Arrebenta, Patalina, pelo lado do coração,
 2 três filhas que tu tiveste nenhuma me saiu varão.
 Respondeu a filha mais velha: [.....]
 4 – Cale-se aí, ó meu pai, não deite tão maldição,
 eu irei servir o rei, eu irei para o batalhão.
 6 – Onde vais tu, minha filha, pelos olhos te conhecerão?
 – Assim que olharem para mim, eu os deitarei ao chão.
 8 – Aonde vais tu, minha filha, pelo cabelo te conhecerão?
 – Pegarei numas tesouras d’ouro, eu o deitarei ao chão.
 10 – Onde vais tu, minha filha, por os peitos te conhecerão?
 – Arrocharei um colete e nada me conhecerão.

- 12 – Minha mãe, minha mãezinha, minha mãe do coração,
os olhos de Maduchinho de mulher são, que de homem não.
- 14 – Chama-a tu, meu filho, a um ourives a escolher,
ela, se mulher for, às jóias se vai agarrar.
- 16 – Oh, que ricas jóias de ouro para Maduchinho comprar!
– Oh, que rica espada de ouro para Maduchinho batalhar!
- 18 – Minha mãe, minha mãezinha, minha mãe do coração,
os olhos de Maduchinho de mulher são, que de homem não.
- 20 – Chama-a tu, meu filho, contigo a nadar,
ela, se for mulher, ela se há de recusar.
- 22 – Deita-te tu na frente, que eu me estou a descalçar.
Tristes novas me vieram e outras me estão a chegar,
24 que o meu pai já é morto, minha mãe estava a acabar.
– Espera aí tu, Maduchinho, que te vou a acompanhar.
- 26 – De cabeça em cabeça tu me irás a avistar.
– Eu queria a sua filha para com ela casar.
- 28 – A minha filha te darei se a souberes diferenciar.
– Eu lhe apertarei a mão e com ela hei de casar.

Variantes: 1a Rebenta tu; 5a hei de servir; 7a Quando; 8a Pra onde hás de ir tu; 9a Eu pego;
11 Eu pegarei num colete e eles se amarrarão / Peitos bem arrochados eles se abaixarão;
16a lindas; 17a linda; 25a Espera por mim; 25b eu te vou.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Arrebenta, ó Patalina, do lado do coração,
2 sete filhas que tiveste nenhum te saiu varão.
Respondeu-lhe a filha mais velha com toda a ‘liberação:
- 4 – Cale-se aí, ó meu pai, não me deite tal maldição,
eu irei servir o rei, eu irei para o batalhão.
- 6 – Como hás de ir tu, minha filha, pelo cabelo te conhecerão?
– Com a navalha da barba eu o deitarei ao chão.
- 8 – Como hás de ir tu, minha filha, pelos olhos te conhecerão?
– Assim que olharem pra mim, eu os deitarei ao chão.
- 10 – Como hás de ir tu, minha filha, pelos peitos te conhecerão?

- Dê-me um colete apertado que eu lhe arrocho o coração.
- 12 – Como hás de ir tu, minha filha, pelas mãos te conhecerão?
– O pai dá-me umas luvas largas, tudo me encobrirão.
- 14 – Como hás de ir tu, minha filha, pelos pés te conhecerão?
– O pai dá-me umas botas grandes que tudo me encobrirão.
- 16 – Minha mãe, minha mãezinha, minha mãe do coração,
os olhos do conde de Haro que mulher são, que d’ homem não.
- 18 – Leva-a tu, ó meu filho, a um laranjal a colher,
ela, se for mulher, há de arregaçar e colher.
- 20 Chegou ao jardim e só lhe tirou uma para cheirar.
– Minha mãe, minha mãezinha, minha mãe do coração,
- 22 os olhos do conde de Haro mulher são, que d’ homem não.
– Leva-a tu, ó meu filho, a um ourives a comprar,
- 24 ela, se for mulher, das jóias se há de agradar.
– Oh, que ricas jóias d’ ouro para uma mulher assear.
- 26 – Oh, que rica espada d’ ouro pra um homem batalhar.
– Minha mãe, minha mãezinha, minha mãe do coração,
- 28 os olhos do conde de Haro mulher são, que d’ homem não.
– Leva-a tu, ó meu filho, a um banquete a jantar,
- 30 ela, se for mulher, ao banco mais baixo se há de assentar.
– Oh, que bancos tão baixinhos para um homem se assentar.
- 32 – Leva-a tu, ó meu filho, a um poço a nadar,
ela, se for mulher, há de arrecear.
- 34 – Mete-te lá, meu companheiro, que eu me fico a descalçar.
Cartas me chegaram, cartas, cartas de muito pesar,
- 36 que o meu pai já estava morto, minha mãe estava a acabar.
– Espera aí, companheiro, que eu te vou a acompanhar.
- 38 – De cabeços a cabeços lá mos hemos de avistar.

Variantes: 11a Dê-me cá um colete; 13a Faça-me.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Arrebenta, Catalina, por um lado do coração,
2 de sete filhas que tiveste nem um te saiu varão.

Respondeu-l' a filha mais nova com toda a 'liberação:

- 4 – Cale-se aí, ó meu pai, não deite tal maldição,
que eu irei servir o rei, entre cartas e Aragão.
- 6 – Tens esses olhinhos russos, filha, te conhecerão.
– Quando olharem para mim, eu os deitarei ao chão.
- 8 – Tens esses peitinhos grandes, filha, te conhecerão.
– Dê-me cá um bom colete, qu' eu arrocho o coração.
- 10 – Tens esse cabelo grande, filha, te conhecerão.
– Dê-me cá uma boa tesoura, qu' eu os deitarei ò chão.
- 12 – Ó minha mãe, minha mãe, minha mãe do coração,
os olhos de Mantuchinho de mulher são, que d' homem não.
- 14 – Leva-a tu, ó meu filho, a um banquete a jantar.
S' ela por mulher for, ela s' há de arreçar,
16 ao banco mais baixo s' há de ir assentar.
– Ó minha mãe, minha mãe, minha mãe do coração,
18 os olhos de Mantuchinho de mulher são, que d' homem não.
– Leva-a tu, ó meu filho, a colher a um laranjal,
20 ela, se por mulher for, há de colher e arregaçar.
– Ó minha mãe, minha mãe, minha mãe do coração,
22 os olhos de Mantuchinho de mulher são, que d' homem não.
– Leva-a tu, ó meu filho, a um poço a nadar,
24 ela, se por mulher for, ela s' há de arreçar.
– Meta-s' o meu camarada, qu' eu me fico a descalçar.
- 26 Cartas me chegaram, cartas, cartas de grande pesar,
qu' o meu pai já era morto, minha mãe estava a acabar.
- 28 – Espera aí, ó Mantuchinho, qu' eu te vou a acompanhar.
– De cabeça em cabeça lá nos hemos avistar.

Nota: a informante recorda os versos 10 e 11 após ser questionada pelo coletor, sem que seja certa a ordem em que seriam recitados.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida nos dias 25 de agosto de 1981 e 20 de agosto de 1982.

- Arrebenta a Patalina do lado do coração,
2 os olhos de Maruchinho de mulher sim, mas d' homem não.

- Leva-a tu, ó meu marido (*sic*), a umas jóias a escolher,
4 ela, se por mulher for, ela se há de agradar.
– Que linda espada d’ouro pra um homem batalhar.
6 – Arrebenta a Patalina dum lado do coração,
os olhos de Maruchinho de mulher sim, mas d’homem não.
8 – Leva-a tu, ó meu filho, a um laranjal a colher maçãs,
ela, se por mulher for, ela há de arregaçar.
10 – Arrebenta a Patalina dum lado do coração,
os olhos de Maruchinho de mulher sim, mas d’homem não.
12 – Leva-a tu, ó meu filho, a um baile a bailar,
ela, se por mulher for, ela se há de acobardar.
14 – Leva-a tu, ó meu filho, contigo a nadar,
ela, se por mulher for, ela se há de acobardar.
16 – Arrebenta a Patalina dum lado do coração,
os olhos de Maruchinha de mulher sim, mas d’homem não.
18 – Leva-a tu, ó meu filho, contigo a descansar,
ela, se por mulher for, ela se há de acobardar.
20 – Cartas me vieram, cartas de grande pesar,
o meu pai estava a morrer e minha mãe estava a acabar.
(.....)
22 – De cabeça em cabeça, só tu me irás avistando.

Variantes: 14 Se sabes disso, ó meu filho, convida-a pra ir nadar; 15 ela, se por mulher for, se há de acobardar; 22b já só tu.

5. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Triste sorte foi a minha [.....]
2 de sete filhas qu’eu tenho, não ter um filho varão,
para ir servir o rei entre Castela e Aragão.
4 Respondeu-lhe a filha mais velha co’uma grande ‘liborão:
– Compre-m’arma e cavalo, qu’eu serei filho varão,
6 eu irei servir o rei entre Castela e Aragão.
– Tens o cabelo grande, filha, te conhecerão.
8 – Dê-me cá uma tesoura qu’eu o deito já ao chão.

- Tens os olhos falgueirinhos, ó filha, te conhecerão.
- 10 – Quando olharem para mim, eu os deitarei ao chão.
– Tens os peitos grandes, filha, te conhecerão.
- 12 – Faça a farda larga, qu’elas tudo encobrirão.
– Tens o pé pequenino, filha, te conhecerão.
- 14 – Compram-s’umas botas grandes qu’eles p’la conta não dão, não.
Quando entrou no quartel, falou para o capitão:
- 16 – Aqui estou, meu alferes, aqui estou, meu capitão,
para ir servir o rei entre Castela e Aragão.
- 18 – Vai ao quarteleiro, qu’ele lá está na arrecadação,
que te dê uma arma e um punhal e um canhão.
- 20 – Anda cá tu, ó soldado, a ver o nome que te dão.
– Sou o João Marucinho, é o nome que me dão.
- 22 – Valha-me Deus, minha mãe, e a tal murmuração,
temos um soldado no quartel qu’ele não é homem, não.
- 24 – Convida-o tu, ó meu filho, pra contigo à feira ir passear,
se ela mulher for, das jóias se há de inclinar.
- 26 – Oh, que lindas jóias d’ouro pra uma menina brilhar.
– Oh, que linda espada d’ouro pra na guerra batalhar.
- 28 – Valha-me Deus, minha mãe, e a tal murmuração,
os olhos de Marucinho de mulher são, que d’homem não.
- 30 – Convida-a tu, ó meu filho, pra contigo ir jantar,
se ela mulher for, num banco baixo se há de sentar.
- 32 – Oh, que bancos tão baixos pra um homem se sentar,
eu não posso estar tão baixo, [.....]
- 34 tenho d’estar em cima da mesa, em cima da mesa é qu’hei d’estar.
– Valha-me Deus, minha mãe, e a tal murmuração,
- 36 os olhos de Marucinho de mulher são, que d’homem não.
– Convida-a tu, ó meu filho, pra contigo ao rio ir nadar,
- 38 se ela mulher for, ao despir se há de arreçar.
– Calce-se, ó meu capitão, trate de se calçar,
- 40 que aqui me chegaram cartas, cartas de grande pesar,
o meu pai é morto, minha mãe vão a enterrar.

Variante: 8b eu o deitarei ao.

6. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Ai de mim, que já estou velho, as guerras m’ acabarão!
- 2 De sete filhas que tenho, nenhuma saiu varão.
(.....)
- Os olhos de Martuchinho de mulher sim, que d’ homem não.
- 4 – Leva-a tu, ó meu filho, a uma horta a colher couves,
que ela se for mulher algum jeito lh’ há de dar.
(.....)

XLVII. O VELHO VIÚVO

1. Versão de São Julião de Palácios (concelho de Bragança), recitada por Francisco (?), 60-65 anos, residente em Babe (concelho de Bragança). Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar.
- 2 A sua filha mais velha a mãe vem d’ enterrar.
– Não chore, meu pai, não esteja a chorar.
- 4 – Eu não choro por ser velho nem por viúvo ficar,
choro por os meus filhos que não sei quem nos há de criar.
- 6 – Ande, que alguns vão a servir o rei e outros alguém nos há de ajudar.

Variantes: 2a e a sua; 4a Não choro; 5b quem mos há de ajudar a criar/ choro por os meus meninos, quem mos há de ajudar a criar; 6b alguns alguém.

2. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
- 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem de enterrar.
Da igreja até casa, não cessava de chorar.
- 4 Respondeu-l’ a filha mais velha, como mulher liberal:

- Porque chora, ó meu pai? Oh, valh'ò Deus tanto chorar!
- 6 – Choro pelos meus filhos, quem os ajudará a criar?
– Os seus filhos, ó meu pai, eu los ajudo a criar.
- 8 Uns irão a servir o rei, outros passarão no mar
e o mais novinho de todos ficará prò seu mandar.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
- 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.
Sentou-se na sua escada, muito farto de chorar.
- 4 Respondeu a filha mais velha, como mulher liberal:
– Cale-se aí, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
- 6 Três filhos que você tem, eu lhos mandarei criar.
Um há de servir o rei, outro o conde real
- 8 e o mais novo de todos ficará ao meu mandar.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
- 2 seus filhos traz por a mão e a mulher vem d'enterrar.
Sentou-se na sua escada, muito farto de chorar.
- 4 Respondeu-lhe a filha mais velha, como mulher liberal:
– Cale-se aí, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
- 6 Três filhos que você tem, eu lhos mandarei criar.
Um irá servir o rei e outro passear o mar,
- 8 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
E eu ficarei como a maçã criada no maçanal,
- 10 um atira, outro atira, ninguém a pode pinchar,
depois de estar madura, o seu dono a vai buscar.

Variante: 9b que fica no maçanal.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Sentou-se na sua escada, muito farto de chorar.
 4 Respondeu-l' a filha mais velha, como mulher liberal:
 – Valh' ò Deus, ó meu pai, valh' ò Deus tanto chorar!
 6 Três filhos qu' o senhor tem, eu os mandarei criar.
 Um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga
 8 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

Variante: 3b muito cheio.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
 2 seus filhos traz por a mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Sentou-se na sua escada, muito farto de chorar.
 4 Respondeu-lhe a filha mais velha, como mulher liberal:
 – Não chore, meu pai, não chore, valh' ò Deus tanto chorar!
 6 – Não choro por ficar viúvo nem sem a minha mulher ficar,
 choro por os meus filhinhos quem mos há de a mim criar.
 8 Respondeu-lhe a filha mais velha, como mulher liberal:
 – Os seus filhos, ó meu pai, eu lhos mandarei criar.
 10 Um há de ir a servir o rei e outro o conde real
 e o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
 2 seus filhos traz por a mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Sentou-se nas suas escadas, muito farto de chorar.
 4 Respondeu a filha mais velha, como mulher liberal:

- Cale-se lá, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
- 6 Três filhos qu' o senhor tem, eu los mandarei criar.
Um irá servir o rei e outro passear o mar,
- 8 o mais novinho deles todos ficará ao meu mandar.
Ficará como a maçã criada no maçanal,
- 10 um atira, outro atira, ninguém na pode pinchar,
depois da maçã madura, o seu dono a vai buscar.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
2 com os filhos traz pela mão, vem da sua mulher enterrar.
Responde-lhe a filha mais nova, como mulher liberal:
- 4 – Valh'ò Deus, meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
Três filhos que você tem, eu os mandarei criar.
- 6 Um será bispo em Roma, outro cardinal em Braga
e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Da igreja vem no velho, da igreja vem de rezar,
2 seu filho trae pela mão, sua mulher vem d' enterrar.
Sentou-se na sua escada, muito farto de chorar.
- 4 Disse-l' a filha mais velha, como mulher liberal:
– Cale-se aí, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
- 6 Três filhos que você tem, eu os mandarei criar.
Um irá a servir o rei, outro passear o mar,
- 8 o mais novinho de todos ficará ò meu mandar.
E eu ficarei como a maçaninha que fica no maçanal,
- 10 um embana, outro embana e ela deixa-se 'tar,
até quando está madura, que o seu dono a vem buscar.

10. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 três filhos traz pela mão, mulher vem d'enterrar.
 Respondeu-l' a filha mais velha: – Valh' ò Deus tanto chorar.
 4 Três irmãos que nós somos, eu os hei de sustentar.

11. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Antónia Júlia Fernandes, 78 anos. Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

- Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem de enterrar.
 Assim que chegou a casa, não cessava de chorar.
 4 Diz-lhe o filho mais velho: – Oh, valh' ò Deus tanto chorar!
 Chora por ficar viúvo ou por ter filhos que criar?
 6 Três filhos que você tem eu lhos ajudarei criar.
 Um irá servir o rei, outro se passará o mar
 8 e o mais novinho de todos ficará para nos mandar.

12. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dárida Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhinhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.

13. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhinhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.

Respondeu-lh' a filha mais velha: [.....]

- 4 – Valh' ò Deus, ó meu pai, valh' ò Deus tanto chorar!
Um dos seus filhinhos, meu pai, ficará ao meu mandar,
6 uns irão servir o rei e outros passarão o mar
e o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.

Variante: 3a Diz-lh'.

14. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d' enterrar.
Da igreja para casa, não faz senão chorar.
4 Disse-l' a filha mais velha, (.....)

15. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
2 seus filhos traz pela mão e a mulher vem d' enterrar.
Da igreja para casa, não fazia senão chorar.
4 Respondeu-l' a sua filha mais velha, com' era mulher já liberal:
– Porque chora, ó meu pai? Valh' ò Deus tanto chorar!
6 – Não choro por a minha mulher, por Deus ma levar,
choro por os meus filhos, que me ficaram por criar.
8 – Os seus filhos, ó meu pai, entregue-os ò meu mandar.
Uns irão servir o rei e outros atravessarão o mar
10 e o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
E eu ficarei na macieira até que seu dono a venha buscar.

Variantes: 2a os seus; 5a Porque é que chora, meu pai; 6b nem por; 8b entregue-mos; 10a novo.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 79 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
2 da igreja até casa, não se folga de chorar.

17. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 82 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
2 seus filhos traz pela mão e a mulher vem de enterrar.
Respondeu-lhe a filha mais velha, como mulher principal:
4 – Cale-se lá, ó meu pai, que já chega de chorar.
Eu criarei meus irmãos como os devo de criar,
6 depois deles criados, algum destino há dem levar.
Uns servirão o rei, outros passarão no mar,
8 eu ficarei sozinha como a maçã no maçanal.
Depois dela madura, todos a querem pinchar,
10 um atira e outro atira, mas não puderam acertar.

Variantes: 2a leva; 9 depois que ficou sozinha, todos a queriam pinchar; 10b nenhum foi capaz de l' acertar.

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
(.....)

19. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão e a mulher vem d'enterrar.
 Da igreja para casa, não cessava de chorar.
 4 Responde-lhe a filha mais velha, como mulher liberal:
 – Cale-se lá, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
 6 Eu criarei meus irmãos como devo de criar,
 ao depois deles criados, Deus tem muito que lhe dar.
 8 Uns irão a servir o rei, outros passarão o mar.
 E eu ficarei aqui sozinha, como a maçã no maçanal,
 10 um atira, outro atira, sem a poderem pinchar,
 ao depois dela madura, seu dono a vai buscar.

20. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Adelino, que é identificado por outra informante apenas pelo primeiro nome. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 os seus filhos traz pela mão e a mulher vem d'enterrar.
 (.....)
 – Cale-se lá, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!

21. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Albina do Espírito Santo Barreira, 62 anos, natural de Candedo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Diz-lh'a filha mais velha: [.....]
 4 – Cale-se lá, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
 Sete irmãozinhos qu'eu tenho, eu cá os hei de criar.
 6 Depois de criados, Deus tem muito que lhes dar.

Uns irão servir o rei e outros passarão o mar
 8 e o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 Pra não ficar sozinho, como a maçã no maçanal,
 10 um atira e outro atira, sem a poderem pinchar,
 até que cai de madura, qu' o seu dono a vai buscar.

**22. Versão de Santalha (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles, 77 anos, e Guilhermina dos Anjos, 64 anos, natural de Seixas (concelho de Vinhais).
 Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.**

Da igreja vem o velho e da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, a mulher vem d' enterrar.
 – Oh, valh' ò Deus meu pai, valh' ò Deus tanto chorar!
 4 A sua filha mais nova ficará a meu mandar.

Variante: 4a a mais novinha de todas.

23. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 68 anos. Recolhida nos dias 4 de setembro de 1980 e 19 de agosto de 1982.

Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d' enterrar.
 Da igreja até casa, ele não cessa de chorar.
 4 Saiu-lh' a filha mais velha: – Valh' ò Deus quanto chorar!
 Eu criarei meus irmãos, eu devo de os criar.
 6 Um vai a servir o rei e outro passará o mar
 e o mais novinho de todos ficará pra meu mandar.
 8 Eu me portarei bem séria, como a maçã no maçanal,
 cai ao chão de madurinha até que o dono vai buscar.

Variantes de 1980: 3a a casa; 5a os meus; 6a-b rei, outro; 7b pra eu; a vai.

24. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Da igreja vem no velho, da igreja vem de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, a mulher vem d'enterrar.
 Disse-lh' à filha mais velha: – Tu tens que me ajudar,
 4 teus irmãos são pequeninos, não podemos de os criar.
 – Cale-se lá, ó meu pai, não se esteja a lastimar.
 6 Seus filhinhos são meus irmãos, nós havemos de os criar.
 Um irá servir o rei e outro passará no mar,
 8 o mais novinho de todos ficará a meu mandar.

Variantes: 5b ó meu Deus, tanto chorar; 6a os seus filhos.

25. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhinhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Da igreja até a casa, não cessava de chorar.
 4 Responde-lhe a filha mais velha: – Oh, meu Deus, tanto chorar!
 Os seus filhinhos Deus é que os há de criar,
 6 e o mais novinho ficará ao meu mandar.

26. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz por a mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Disse-lh' a filha mais velha: [...]
- 4 – Os meus irmãos eu os ajudarei a criar.
 Uns irão servir o rei e outros passarão o mar
 (.....)

27. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz por a mão e a mulher vem d' enterrar.
 Da igreja até casa, não cessava de chorar.
 4 Respondeu-lh' a filha mais velha, como mulher liberal:
 – Cale-se aí, ó meu pai, valh' ò Deus tanto chorar!
 6 Eu criarei os meus irmãos como devo de os criar.
 Uns servirão o rei e outros passarão o mar,
 8 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 Eu ficarei sozinha, como a maçã no maçanal,
 10 um atira, outro atira, ninguém a pode tombar,
 só se cai de madura é que o dono a vai buscar.

28. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Piedade Ferreira, 63 anos, natural do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), ajudada pelo marido, Delfim Augusto Alves, 72 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d' enterrar.
 Da igreja até a casa, não parava de chorar.
 4 – Valh' ò Deus, ó meu pai, valh' ò Deus tanto chorar!
 Eu tratarei meus irmãos como devo d' os tratar.
 6 Uns irão servir o rei e outros passarão o mar,
 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 8 Eu ficarei como a maçana que fica no maçanal,
 uns atiram, outros atiram, sem a poder derrubar,
 10 até que cai de madura, que seu dono a vai buscar.

29. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 suas filhas traz pela mão, a mulher vem d'enterrar.
 Da igreja até casa não cessava de chorar.
 4 – Meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
 (.....)

Variante: 2b foi enterrar.

30. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Da igreja até a casa, não cessava de chorar.
 4 Disse-lh'a filha mais velha: – Ó meu pai, tanto chorar!
 Eu criarei meus irmãos como os devo criar.
 6 Uns irão servir o rei, outros passarão o mar,
 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 8 Eu serei como a maçana que ficou no maçanal,
 um atira, outro atira, sem na poder derrubar,
 10 [.....] que só seu dono a vai buscar.

31. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão e a mulher vem d'enterrar.
 Da igreja até a casa, não cessava de chorar.
 4 Diz-lhe a filha mais velha, como mulher liberal:
 – Valh'ò Deus, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
 6 Eu criarei meus irmãos como os devo criar.

Uns irão servir o rei e outros vão passar o mar
 8 e o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 Eu ficarei sozinha, como a maçã no maçanal,
 10 um atira, outro atira, ninguém na pode aparar,
 até que cai de madura, que o dono a vai buscar.

32. Versão de Bairro do Couço (concelho de Vinhais), recitada por José Augusto, 48 anos, natural de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), ajudado por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, natural de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), onde aprendeu. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, a mulher vem d'enterrar.
 (.....)

33. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

Da igreja vem no velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher vem d'enterrar.
 Da igreja até casa, não cessava de chorar.
 4 Respondeu-lhe a filha mais velha, como uma mulher liberal:
 – Cale-se aí, meu pai, cale-se, valh'ò Deus tanto chorar!
 6 Eu criarei os meus irmãos como devo de os criar.
 Uns irão servir o rei, outros passarão no mar,
 8 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 – Mas tu, ó minha filha, logo t' hás de querer casar.
 10 – Não caso, não, ó meu pai, [.....]
 que eu ficarei sozinha, como a maçã no maçanal,
 12 um atira, outro atira, sem na poderem pinchar,
 até qu'ela cai de madura, seu dono a vai buscar.

34. Versão de Bairro do Lusedo (concelho de Vinhais), recitada por João Baptista Pinheiro, 66 anos, natural da Ponte da Arranca (concelho de Vinhais) e Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, sua mulher d'enterrar.
 Dizia a filha mais velha: [.....]
 4 – Valh'ò Deus, ó meu pai, valh'ò Deus tanto chorar!
 Todos os irmãos q'eu tenho, eu ajudei a criar.
 6 Uns vão servir o rei e outros a família real,
 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 8 E eu ficarei solteirinha, como a maçã no maçanal.

Variante: 3a Responde.

35. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar,
 2 seus filhos traz pela mão, a mulher vem d'enterrar.
 Da igreja até casa, não cessava de chorar.
 4 Disse-lhe a filha mais velha: [.....]
 – Cale-se aí, ó meu pai, valh'ò Deus quanto chorar!
 6 – Sete filhinhos que eu tenho, quem mos há de criar?
 – Eu criarei os meus irmãos como os devo criar.
 8 Uns irão servir o rei, outros passarão o mar,
 o mais novinho de todos ficará ao meu mandar.
 10 Pra eu não ficar sozinha, como a maçã no maçanal,
 um atira, outro atira, sem a poderem pinchar,
 12 até que cai de madura e seu dono a vem buscar.

ROMANCES VULGARES DE ASSUNTO PROFANO

XLVIII. OS SOLDADOS VIOLADORES

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Naquela Vila Viçosa entrou a cavalaria,
 2 disse o tenente para o alferes: – Vamos passear à vila.
 Foram por uma rua abaixo e voltaram por outra acima.
 4 Viram estar numa janela duas meninas mui lindas,
 uma vestida de azul claro, formosa na maravilha.
 6 Disse o tenente ao alferes qual delas era a mais linda,
 se a vestida de azul claro, se a formosa na maravilha.
 8 – Hei de a tirar de casa, antes que me custe a vida,
 com vinte e cinco soldados para a minha companhia.
 10 Era meia-noite em ponto, à porta da Dona Ana batia.
 – Oh, quem bate à minha porta, oh, qu’inda não é de dia?
 12 – Não é por ti, ó Dona Ana, era por a tua filha.
 – A minha filha não está em casa, foi dormir com a sua tia.
 14 Entraram porta adentro sem nenhuma cortesia

e correram sete salas, sem acharem na menina.
 16 Foram dar co' ela a um 'posento donde ela estava dormida.
 – Quietos, quietos, cavaleiros, deixai vestir a menina,
 18 para a terra donde ela for que vá bem vestidinha.
 – Ó filha, faz por a honra que eu também fiz por a minha,
 20 honra as barbas do teu pai que na cara brancas as tinha.
 – Ó Dona Ana, ó Dona Ana, aqui tens a tua filha,
 22 honrada e vergonhosa, ainda lhe custou a vida.
 – Justiça do Céu baixai, que na terra não na havia,
 24 para matar aquele malvado que matou a minha filha!

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Naquela Vila Viçosa entrou a cavalaria,
 2 disse o tenente ao alferes: – Vamos passear à vila.
 Foram por uma rua abaixo, vieram por outra acima.
 4 Viram estar numa janela duas meninas mui lindas,
 uma vestida de azul claro, outra formosa na maravilha.
 6 Disse o tenente ao alferes qual delas era mais linda.
 – Hei de a tirar de casa, antes que me custe a vida.
 8 Ainda não era meia-noite, à porta da mãe batia,
 com vinte e cinco soldados para a sua companhia.
 10 – Quem bate à minha porta, quem bate, que não é de dia?
 – Não é por você, Dona Ana, qu' é por a sua filha.
 12 – Minha filha não está em casa, foi dormir com sua tia.
 Entraram porta adentro sem nem uma cortesia,
 14 correram sete salas, sem acharem a menina.
 Foram dar co' ela a um 'posento onde ela estava dormida.
 16 Ela, como vergonhosa, co' a roupa se escondia,
 veio sua mãe de dentro dar conselhos à sua filha.
 18 – Ó filha, faz por a honra que eu também fiz por a minha.
 – Minha mãe, faça p'la sua, qu' a minha já vai perdida.
 20 Andaram sete léguas sem dizer nada à menina,

- ò cabo das sete léguas, disseram-lhe se queria casar.
- 22 Ela disse-lhe que não, nisso trataram de a matar.
– Ó Dona Ana, ó Dona Ana, aqui tem a sua filha,
- 24 ela honrada e vergonhosa, ainda lhe custou a vida.
– Justiça do Céu baixai, que na terra não na havia,
- 26 para matar o malvado que matou a minha filha!

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Naquela Vila Viçosa entrou a cavalaria,
- 2 disse o tenente prò alferes: – Vamos passear à vila.
Foram por uma rua abaixo, voltaram por outra acima.
- 4 Viram estar numa janela duas donzelas mui lindas.
– Vestida de azul claro, formosa na maravilha,
- 6 hei de a tirar de casa, antes que me custe a vida.
Deu a meia-noite em ponto, à porta dela batia.
- 8 – Oh, quem bate à minha porta, qu’ ainda não é de dia?
– Não é por ti, ó Dona Ana, só é por a tua filha.
- 10 – A minha filha não está em casa, foi dormir c’ a sua tia.
Entraram portões adentro sem nem uma cortesia,
- 12 correram as sete salas, sem acharem a menina.
Deram co’ ela num ‘posento onde ela estava dormida.
- 14 Ela, como vergonhosa, co’ a roupa se cobria.
– Volta atrás, ó cavaleiro, deixai vestir a menina,
- 16 prà terra donde ela for, que vá bem arranjadinha.
Levantou-se sua mãe da cama dar conselhos à sua filha.
- 18 – Ó filha, faz pela honra que eu também fiz por a minha.
– Minha mãe, faça por a sua, qu’ a minha já vai perdida.
- 20 – Honra as barbas de teu pai que na cara brancas as tinha.
Andaram as sete léguas sem falarem co’ a menina,
- 22 ò cabo das sete léguas, procuraram como era tratada.
– Lá nas casas de meu pai, comia galinha assada,
- 24 agora nas tuas mãos, como sardinha salgada.

- Por uma só fala que deste, já és aqui degolada.
- 26 – Ó Dona Ana, ó Dona Ana, já aqui tens a tua filha,
honradinha e vergonhosa, ainda lhe custou a vida.
- 28 – Justiça do Céu baixai, que na terra não a havia,
pra prender estes malvados que mataram a minha filha!

Variante: 4b meninas.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Naquela Vila Viçosa entrou a cavalaria,
2 disse o tenente ao alferes: – Vamos passear à vila.
Foram por uma rua abaixo, voltaram por outra acima.
- 4 Viram estar numa janela duas meninas mui lindas,
uma vestida de azul claro e outra formosa na maravilha.
- 6 Disse o tenente prò alferes qual delas era a mais linda,
a vestida de azul claro e a formosa na maravilha.
- 8 – Hei de a tirar de casa, antes que me custe a vida,
com vinte e cinco soldados para a minha companhia.
- 10 Era meia-noite em ponto, à porta da mãe batia.
– Oh, quem bate à minha porta, oh, qu'inda não é de dia?
- 12 – Não é por você, ó Dona Ana, é por a sua filha.
– A minha filha não está em casa, foi dormir com a sua tia.
- 14 Meteram portas adentro sem nenhuma cortesia,
correram sete salas, sem acharem na menina.
- 16 Deram co' ela num aposento onde ela estava dormida.
Veio a sua mãe dar conselhos à sua filha:
- 18 – Ó filha, faz por a honra que eu também fiz por a minha,
honra as barbas do teu pai que na cara brancas as tinha.
- 20 – Minha mãe, faça pela sua, que a minha já vai perdida.
– Ó Dona Ana, ó Dona Ana, aqui tens a tua filha,
22 honrada e vergonhosa, também lhe custou a vida.
– Justiça do Céu baixai, que nesta terra não na havia,

- 24 pra prender estes malvados que mataram na minha filha!
 (.....)
 – Boieiro que guardas vacas, Deus te guarde a tua vacada,
 26 de quem é esta ermida que tanto me relumbrava?
 – Nossa Senhora Santa Helena, qu’ela aqui foi degolada.
 28 – Senhora Santa Helena, meu amorzinho primeiro,
 perdoai-me a vossa morte, qu’eu quero ser vosso romeiro.
 30 – Eu não te perdoo a minha morte nem te quero para meu romeiro,
 fizeste-me aqui no monte como o lobo ao cordeiro.

Variantes: 26a capela; 27a É de Nossa; 29b quero ver se sou.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Maria Miquelina Martins, 73 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Naquela Vila Viçosa entrou a cavalaria,
 2 disse o tenente ao alferes: – Vamos a passear à vila,
 com vinte e cinco soldados para a minha companhia.
 4 Viram estar numa janela duas meninas mui lindas,
 uma vestida de azul claro e outra formosa na maravilha.
 6 – Hei de a tirar de casa, antes que me custe a vida,
 com vinte e cinco soldados para a minha companhia.
 8 Inda não era meia-noite, à porta da mãe batiam.
 – Oh, quem bate à minha porta, inda não é de dia?
 10 – Não é por você, Dona Ana, qu’ é por a sua filha.
 – A minha filha não está em casa, foi dormir c’ a sua madrinha.
 12 Entraram porta adentro sem nenhuma cortesia,
 foram co’ ela a um ‘posento onde ela estava dormida.
 14 Veio a sua mãe d’além dar conselhos à sua filha.
 – Ó filha, faz por a honra qu’ eu também fiz pela minha,
 16 honra as barbas ao teu pai que na cara brancas as tinha.
 – Ó minha mãe, faça pela sua, qu’ a minha já vai perdida.
 18 – Quietos, quietos, ó cavaleiros, deixem assear a menina,
 qu’ as terras donde ela for, qu’ ela vá bem asseadinha.

20 – Ó Dona Ana, ó Dona Ana, aqui tem a sua filha,
honrada e vergonhosa, também lhe custou a vida.

Variante: 8b me batiam.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Naquela Vila Viçosa entrava a cavalaria,
2 com vinte e cinco soldados, era a minha companhia.
Foram por uma rua abaixo, voltaram por outra acima,
4 viram estar numa janela duas donzelas tão lindas.
Uma era de azul claro, outra era a da maravilha.
6 – Hei de la tirar de casa, nem que ela me custe a vida.
– Oh, quem bate à minha porta, qu'inda não é de dia?
8 – Não é por ti, ó Dona Ana, que é por a tua filha.
– Minha filha não está em casa, foi dormir com sua tia.
10 Entraram portões adentro sem nem uma cortesia.
Rebentaram nas sete salas, não acharam na menina.
12 Foram dar co'ela a um 'posento, aonde é que ela dormia.
– Alto lá, ó cavaleiro, deixa vestir a menina.
14 Ela, como envergonhada, com a roupa se cobria.
– Alto lá, ó cavaleiro, deixa vestir a menina,
16 por donde quera que andar que ande bem asseadinha.
Lá no meio do caminho, perguntaram como se chamava.
18 – Lá em casa de meus pais era Helena, a estimada.
Lá no meio do caminho, perguntaram-lhe que comia.
20 – Lá em casa de meus pais comia galinha assada
e agora por estas terras como sardinhas salgadas.
22 – Cala-te aí, ó Helena, não deias mais gargalhadas,
pelas falas que tu dás já vais a ser degolada.
24 Lá grandes tempos passados, passou ali um cavaleiro.
– De quem é aquela capela que eu quero ser o romeiro?
26 – Pois é de Santa Helena, que a matou um cavaleiro.

- Perdoa-me, Santa Helena, perdoa-me que sou teu romeiro.
- 28 – Como t’hei de perdoar, ó ladrão, ó carnicheiro,
devoraste-me neste ermo como o lobo ao carneiro?

Variantes: 25a esta; 27b que eu serei teu romeiro; 29b como um lobo a um carneiro.

7. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Naquela Vila Viçosa passou a cavalaria,
- 2 disse o tenente prò alferes: – Vamos passear à vila.
Como não conhecia a gente, a gente que nela havia,
- 4 foram-se sentar ao adro, a ouvir a missa do dia.
Viram passar duas donzelas, viram passar duas meninas,
- 6 uma vestida de branco, outra de cambraia lisa.
Disse o tenente prò alferes: – Qual delas é a mais linda?
- 8 – A de branco bem m’agrada, mas a outra é a mais linda.
– Pois eu hei de casar co’ ela, nem qu’ela me custe a vida.

XLIX. D. ÂNGELA

1. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
- 2 à vontade de seus pais, pois à dela não seria.
Levaram-na para a igreja, ela por sua boca dizia:
- 4 – Oxalá que não me logres, nem de noite nem de dia.
Levaram-na dali pra casa, linda mesa que ela tinha,
- 6 todos comiam e bebiam, dona Ângela não comia.
Levaram-na a passear para ver s’ela distraía,

- 8 chegaram ao meio do caminho, morta ao chão cairia.
Mandaram chamar três doutores para ver o qu'ela tinha.
10 Tinha o coração virado c' o debaixo para cima,
no meio do coração duas letras d' ouro tinha,
12 uma dizia "Adeus, João", outro (*sic*) "Amor da minha vida".
Seu pai mandou um decreto, pelo mundo a voar.
14 – Pais e mães que tendes filhos não os obrigueis a casar.

Variante: 14 pais e mães que tendes filhas não as obrigueis a casar.

2. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
2 à vontade de seus pais, pois à dela não seria.
À ida para a igreja, por sua boca dizia:
4 – Não me chegues a lograr, nem uma hora nem dia.
Foram dali para a mesa, linda mesa que ela tinha,
6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
Levaram-na ao passeio para ver se distraía,
8 chegou ao meio do passeio, morta ao chão cairia.
Mandaram chamar três doutores para ver o que ela tinha.
10 Tinha o coração virado c' o debaixo para cima,
lá dentro do coração duas letras d' ouro tinha,
12 uma diz "Adeus, João", outra "Amor da minha vida".
Seu pai deitou um decreto, pelo mundo a voar.
14 – Pais e mães que tendes filhos não os conturbeis casar.

3. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Lá se casa a dona Ângela, lá se casa a esposa minha,
2 à vontade de seus pais, pois à dela não seria.
Foram dali para a igreja, por sua boca dizia:
4 – Deus queira que me não logres, nem uma hora nem dia.
Foram dali para casa, linda mesa que ela tinha,
6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
Levaram-na ò passeio para ver se distraía,
8 chegou ò meio do passeio, morta ao chão cairia.
Foram chamar o doutor para ver o que ela tinha.
10 Tinha o coração virado c’ o debaixo para cima
e dentro do coração duas letras d’ ouro tinha,
12 uma dizia “Adeus, João” e outra “Amor da minha vida”.
Seu pai mandou um decreto, pelo mundo a voar.
14 – Pais e mães que tendes filhos não nos conturbeis casar.

4. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, natural de Lagarelhos e residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
2 à vontade dos seus pais, pois à dela não seria.
Quando ia para a igreja, seu coração lhe dizia:
4 – Deus queira que me não logres, nem meia hora nem dia.
À saída da igreja, mesa posta encontraria,
6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
Levaram-na para o passeio, para ver se distraía,
8 lá no meio do passeio, morta ao chão cairia.
Mandaram chamar o doutor para ver o mal qu’ ela tinha.
10 Tinha o coração virado, c’ o debaixo para cima,
dentro do seu coração, duas letras d’ ouro tinha,
12 uma dizia “Adeus, João”, outra “Amor da minha vida”.

5. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
 2 à vontade de seus pais, pois à dela não seria.
 Foram dali para a igreja, por sua boca dizia:
 4 – Deus queira que não me logres, nem uma hora nem dia.
 Foram dali para casa, linda mesa que ela tinha,
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
 Levaram-na ao passeio para ver se distraía,
 8 chega ao meio do passeio, morta no chão cairia.
 Chamaram quatro doutores para ver o que ela tinha.
 10 Tinha o coração virado c’o debaixo para cima,
 no meio do coração duas letras d’ouro tinha,
 12 uma diz “Adeus, João”, outro (*sic*) “Amor da minha vida”.
 Seu pai mandou um decreto, pelo mundo a voar.
 14 – Pais e mães que tendes filhos não os conturbeis casar.

6. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes, 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
 2 à vontade de seus pais, pois da dela não seria.
 Da igreja para casa, ela só isto dizia:
 4 – Deus queira que me não logres, uma hora nem um dia.
 Chega a hora do jantar, dona Ângela não comia,
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela ao chão caía.
 Levaram-na a passear para ver se distraía,
 8 chegou ò meio do passeio, dona Ângela ao chão caía.
 Chamaram quatro doutores para ver que doença tinha.
 10 Tinha o coração envolto, c’o debaixo para cima,
 lá dentro do coração, duas letras d’ouro tinha,
 12 uma dizia “Adeus, João”, outra “Amor da minha vida”.

7. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Albina do Espírito Santo Barreira, 62 anos, natural de Candedo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Vai-te casar, dona Ângela, vai-te casar esposa minha,
2 é à vontade dos teus pais, mas à tua não seria.
Da igreja para casa, ela só isto dizia:
4 – Queira Deus que me não logres, nem uma hora nem um dia.
Deu a hora do jantar, dona Ângela não comia.
6 Levaram-na a passear, para ver se distraía,
chega ao meio do passeio, dona Ângela ao chão caiu.
8 Foram chamar dois doutores pra ver que doença tinha.
Tinha o coração virado, c’o debaixo para cima,
10 no meio do coração, duas letras d’ouro tinha,
uma diz “Adeus, João” e outra “Amor do coração”.

Variante: 5 Sentaram-se à mesa, mas Dona Ângela não comia.

8. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

- Lá se casa a dona Ângela, lá se casa a esposa minha,
2 à vontade de seus pais, pois à dela não seria.
Da igreja até a casa, ela só isto dizia:
4 – Deus queira que me não logres nem uma hora nem um dia.
Era o meio do jantar, dona Ângela não comia,
6 todos comiam e bebiam, dona Ângela ò chão caía.
Foram co’ela ò passeio só pra ver se distraía,
8 chegaram ò meio do passeio, de volta ò chão caía.
Foram co’ela ò doutor para ver de que mal morria.
10 Tinha o coração revolto, c’o debaixo para cima.
Dentro do coração, duas letras d’ouro tinha:
12 uma era “Adeus, D. João”, outra “Amor da minha vida”.
Lá se vai a dona Ângela, lá se vai esposa minha,

- 14 lá se vai prò altar-mor, pròs pés da Virgem Maria.
 Pròs pés da Virgem Maria, pròs pés de Nossa Senhora,
 16 vamos lá dar-lh' um beijo, antes que a terra a coma.

9. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Guilhermina dos Anjos, 64 anos, residente em Santalha (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Lá se casa a dona Ângela, lá se casa esposa minha,
 2 à vontade de seus pais, mas da dela não seria.
 Da igreja para casa, desta maneira dizia:
 4 – Queira Deus que me não logres, nem uma hora nem um dia.
 Era o meio do jantar, dona Ângela não comia,
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela ao chão caía.
 Foram com ela ao passeio, para ver se distraía,
 8 chegava ao meio do passeio, de volta ao chão caía.
 Foram co' ela ao doutor para ver de que mal morria.
 10 Tinha o coração revoltado, c' o debaixo para cima,
 dentro do coração, duas letras d' ouro tinha,
 12 uma dizia "Adeus, D. João", outra "Amor da minha vida".
 – Lá se vai a dona Ângela, lá se vai esposa minha,
 14 lá se vai prò altar-mor, pròs pés da Virgem Maria.
 Pròs pés da Virgem Maria, pròs pés de Nossa Senhora,
 16 vamos-lhe lá dar um beijo antes que a terra a coma.
 O pai que aquilo ouviu deitou um gavião a voar.
 18 – Pais e mães que tendes filhas não as priveis de casar.

10. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
2 à vontade dos seus pais, pois à dela não seria.
No meio do caminho, ela baixinho dizia:
4 – Deus queira que me não logres, nem uma hora nem dia.
Chegou à hora do jantar, dona Ângela não comia.
6 Foram co’ ela ao passeio, para ver se distraía,
chegou ao meio do caminho, redonda ao chão caía.
8 Foram saber do doutor para ver o que ela tinha.
Tinha o coração revoltado, c’ o debaixo para cima,
10 dentro do seu coração, duas letras d’ ouro tinha,
uma dizia “Adeus, João”, outra “Amor da minha vida”.

Variante: 5a Na hora do jantar.

11. Versão de Vila Verde (concelho de Vinhais), recitada por Elísia Augusta, 52 anos, residente no Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Lá se casa a dona Ângela, lá se casa esposa minha,
2 à vontade dos seus pais, pois à dela não seria.
Quando ia para a igreja, desta maneira dizia:
4 – Oxalá que me não logres, nem uma hora do dia.
Quando vinha da igreja, mesa posta encontraria,
6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
Saíram com ela ao passeio para ver se distraía,
8 lá no meio do passeio, redonda ao chão caía.
Foram chamar o doutor para ver o que ela tinha.
10 Tinha o coração revoltado c’ o debaixo para cima,
no meio do coração duas letras d’ ouro tinha,
12 uma diz “Adeus, João” e outra “Amor da minha vida”.

Variantes: 4a Queira Deus que não me logres; 10a virado.

12. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha,
 2 à vontade dos seus pais, mas à dela não seria.
 À entrada na igreja, dona Ângela assim dizia:
 4 – Oxalá que me não logres, nem uma hora nem um dia.
 À saída da igreja, uma mesa posta estaria,
 6 todos comam, todos bebam, dona Ângela não comia.
 Foram com ela ao passeio, só pra ver se distraía,
 8 chegou ao meio do passeio, morta ao chão cairia.
 Foram saber do doutor para ver o que ela tinha.
 10 Tinha o coração virado, c’o debaixo para cima,
 no meio do coração, duas letras d’ouro tinha,
 12 uma dizia “Adeus, João”, outra “João da minha vida”.
 – Donde estás, ó dona Ângela, donde estás, esposa minha?
 14 – Estou ao pé do altar-mor, aos pés da Virgem Maria.

13. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Aida Amélia Alves, 69 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

Lá se casa dona Ângela, dona Ângela, esposa minha,
 2 à vontade de seus pais, que ela a dela não seria.
 Quando ia para a igreja, desta maneira dizia:
 4 – Queira Deus que não me logres, nem uma hora do dia.
 À saída da igreja, a mesa está bem estendida,
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
 Foram com ela ao passeio para ver se distraía,
 8 lá no meio do passeio, redonda ao chão caía.
 Mandaram chamar o doutor para ver o qu’ela tinha.
 10 Tinha o coração virado com o debaixo para cima,
 abriram-lhe o coração para ver o que dentro tinha,
 12 tinha três letrinhas d’ouro, “D. João da minha vida”.

- Não me enterreis na igreja nem tão pouco na ermida,
 14 enterrai-me no altar-mor, aos pés da Virgem Maria.

14. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Lá se casa dona Ângela, dona Ângela, esposa minha,
 2 à vontade de seus pais, pois à dela não seria.
 Quando ia para a igreja, desta maneira dizia:
 4 – Deus queira que não logres, nem uma hora do dia.
 À saída da igreja, já a mesa estava estendida,
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
 Foram passear com ela a ver se distraía,
 8 lá no meio do passeio, redonda ao chão caíra.
 Foram chamar um doutor para ver o mal que tinha.
 10 Tinha o coração virado c’ o debaixo para cima,
 dentro do coração três letrinhas d’ ouro que diziam:
 12 [.....] “D. João da minha vida”.
 – Onde estás, ó dona Ângela, onde estás, esposa minha?
 14 – Estou aqui no altar-mor, aos pés da Virgem Maria.

15. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Dona Ângela vai casar, dona Ângela, esposa minha,
 2 à vontade de seus pais, mas não à dela nem minha.
 À entrada da igreja, deste modo ela dizia:
 4 – Queira Deus que me não logres, uma hora nem um dia.
 À saída da igreja, (.....)
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
 Foram co’ ela ao passeio, para ver se distraía,

- 8 lá no meio do passeio, redonda ao chão caía.
 Foram chamar o doutor para ver o que ela tinha.
 10 Tinha o coração revoltado, c' o debaixo para cima,
 dentro do seu coração, duas letras d' ouro tinha,
 12 uma dizia "Adeus, João" e outra "Amor da minha vida".

Variantes: 2b não é dela; 7a Foram todos; 11b havia.

16. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Lá se vai a dona Ângela, lá se vai a esposa minha,
 2 à vontade de seu pai, que à vontade dela não ia.
 Quando iam para a igreja, ela estas palavras dizia:
 4 – Adeus, ó João querido, ó amor da minha vida.
 Quando vinham da igreja, na mais íntima alegria,
 6 todos comem, todos bebem, dona Ângela não comia.
 Levaram-na a passear para ver se distraía,
 8 lá no meio do caminho, redonda ao chão caía.
 Foram chamar o doutor para ver o que ela tinha.
 10 Tinha o coração virado c' o debaixo para cima,
 no meio do coração duas letras d' ouro tinha,
 12 uma dizia "Adeus, João", outra "Amor da minha vida".

L. NOS CAMPOS DE VILA RICA

1. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Helena da Conceição Barreira, 64 anos. Recolhida no dia 17 de agosto de 1982.

- Nos campos de Vila Rita, passeia-se um cavaleiro,
2 passeia-se um cavaleiro, mas ai, vida minha,
(.....)

2. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Olímpia Justa Afonso, 60 anos. Recolhida nos dias 28 de agosto de 1981 e 17 de agosto de 1982.

- Nos campos de Vila Rica, junto aos canos de l'agua,
2 passeava-se um cavaleiro com sua mulher don' Ana.
Esse rei tinha uma filha, D. Isabel se chamava.
4 Cautivaram-la os mouros, na manhã de S. João.
– Sobe arriba, cristaninha, sobe-t' àquela ventana,
6 verás o sol e a lua e o clarão da manhana.
(.....)

Variantes: 2a viram vir; 2b junto com; 3a El-rei; 3a hija; 3b chama; 5a Sobe, sobe; 5b sobe arriba a esta; 6b os clarões.

3. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Nos campos de Vila Rica, passeia-se um cavaleiro,
(.....)

ROMANCES DEVOTOS TRADICIONAIS

LI. A FONTE CLARA

1. *Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.*

- Manhaninhas de São João, pelas manhãs d'alvorada,
2 Jesus se passeia em redor da fonte clara.
Com o seu livrinho na mão, a benzer aquela água,
4 com sua boca dizia, com sua boca falava:
– Esta água ficou benta, a fonte ficou sagrada.
6 Avistou a filha do rei d'altas torres onde estava,
pegou nos cântaros d'ouro, foi buscar aquela água.
8 Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada,
e ela lhe procurou se podia ser casada.
10 – Casadinha tu hás de ser, muito bem afortunada,
três filhos tu hás de ter, todos de banda espada:
12 um há de ser bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

Variantes: 1a do; 1b pela manhã; 11a tu vais a ter.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

Manhaninha do São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 Com o seu livrinho na mão, a benzer aquela água,
 4 com sua boca dizia, com sua língua falava:
 – Esta água ficou benta e a fonte ficou sagrada.
 6 Ouviu-o a filha do rei de altas torres donde estava.
 Calçando meias de seda, sapatos d’ouro calçava,
 8 pegou em cântaro d’ouro, à fonte foi buscar água.
 Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada,
 10 atreveu-se e procurou-lhe se havia de ser casada.
 – Casadinha há de ser, muito bem afortunada.
 12 Três filhos tu há de ter, todos de banda e espada:
 um há de ser bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
 14 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Manhaninha do São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 Com seu livrinho na mão, benzendo aquela água,
 4 com sua boca dizia, com sua língua falava:
 – Esta água ficou benta e a fonte ficou sagrada.
 6 Ouviu a filha do rei, d’altas torres donde estava,
 agarrou nos cântaros d’ouro, à fonte foi buscar água.
 8 Atreveu-se e procurou-lhe se podia ser casada.
 – Casadinha sim, senhor, muito bem afortunada.
 10 Três filhos há de ter, todos de banda e espada:
 um há de ser bispo em Roma e outro cardeal em Braga
 12 e o mais novo de todos servo da Virgem Sagrada.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Manhaninha do São João, pela manhã da alvorada,
2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
Com o seu livrinho na mão, benzendo aquela água.
4 – Esta água fica benta, o tanque fica sagrado.
Ouviu-o a filha do rei de altas torres donde estava,
6 pegou em cântaros d'ouro, à fonte foi buscar água.
Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada,
8 atreveu-se e procurou-lhe se podia ser casada.
– Casadinha tu hás de ser, hás de ser afortunada.
10 Três filhos tu há des ter, todos de banda e espada:
um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
12 o mais novinho deles todos servo da Virgem Sagrada.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida nos dias 25 de agosto de 1981 e 20 de agosto de 1982.

- Manhaninha do São João, pela manhã da alvorada,
2 Jesus Cristo se passeia ao redor das fontes claras,
com o seu livrinho na mão, para benzer aquela água.
4 Gritou a filha do rei, d'altas torres donde estava:
– Essa água ficou benta e a fonte ficou sagrada.
6 Pegou em cântaros d'ouro, à fonte foi buscar água.
Lá pelo meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada,
8 a Virgem lhe procurou se queria ser casada.
– Casadinha sim, senhor, muito bem afortunada.
10 – Três filhos tu hás de ter, todos de banda e espada:
um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
12 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

Variantes: 3b a água; 5 Esta fonte ficou benta e a água ficou sagrada; 6b foi à fonte a; 9a Casada sim.

6. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

Manhaninha de São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao pé da fonte clara.
 Com sua boca dizia, por sua boca falava:
 4 – Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
 Ouviu a filha dum rei, d’altas torres dond’ estava,
 6 agarrou nos cântaros d’ouro, à fonte foi buscar água.
 Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
 (.....)
 8 – Três filhinhos hás de ter, todos de banda e espada:
 um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
 10 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

7. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

Manhaninhas do São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia em volta da fonte clara.
 Por sua boca dizia, por sua boca falava:
 4 – Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
 Avista a filha dum rei, d’altas torres dond’ estava,
 6 vestiu vestidos de seda, calçou sapatos de prata.
 Pegou num cântaro d’ouro, à fonte foi buscar água.
 8 Lá no meio do caminho, encontra a Virgem Sagrada.
 A Virgem lhe perguntou se queria ser casada.
 10 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
 Três filhinhos hás de ter, todos de banda ou espada:
 12 um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

8. Versão de Travanca (concelho de Vinhais), recitada por Carlos Gonçalves, 73 anos, residente em Moimenta (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 31 de agosto de 1980.

- Manhaninha de São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 – A água fica benzida, a fonte fica sagrada.
 4 Ditosinha da donzela que à fonte for buscar água.
 Ouvira a filha dum rei, d’altas torres dond’ estava,
 6 pegou num cântaro d’ouro, à fonte foi buscar água.
 Lá no meio do caminho, com Jesus Cristo encontrava.
 8 Ateveu-se e procurou-lhe: – Senhor, eu serei casada?
 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
 10 Três filhinhos hás de ter, todos de capa e espada:
 um há de ser bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
 12 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

9. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Manhanas de São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara,
 com o seu livrinho na mão, andava benzendo a água.
 4 Ouvira-o a filha do rei, d’altas torres donde estava.
 Pegou num cântaro d’ouro e à fonte foi buscar água.
 6 – Diga-me, Divino Mestre, diga-me se serei casada.
 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada,
 8 e três filhos tu terás, todos de banda e espada:
 um será bispo em Roma e outro cardeal em Braga
 10 e o mais novinho deles servo da Virgem Sagrada.

10. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Âmandio Augusto, 82 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

Manhaninha de São João, ó manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara,
 com um ramo bento na mão, para benzer esta água.
 4 – Ditosa da donzela que vier buscar água.
 Ouviu a filha dum rei, d’altas torres dond’ estava,
 6 pegou em cântaros d’ouro e à fonte foi buscar água.
 Chegou ao meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
 8 – Três filhinhos hás de ter, todos de capa e espada:
 uns serão bispos em Roma e outros cardeal em Braga
 10 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

11. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

Manhanas de São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara,
 com um raminho na mão, que anda benzendo a água.
 4 – A fonte fica benta e a água fica sagrada.
 Ouviu a filha do rei, qu’ estava numa sacada.
 6 Agarrou num cântaro d’ouro, à fonte foi buscar água.
 Chegou ao meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
 8 – Diga-me, minha senhora, s’eu um dia serei casada.
 – Casadinha serás, senhora, muito bem afortunada.
 10 Três filhos tu hás de ter, todos três aventureiros:
 um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
 12 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

Variantes: 3 pegou num raminho bento, anda benzendo a água; 6a Pegou; 9a Casas com o filho do rei; 10b muito bem afortunados.

12. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Manhaninha de São João, pela manhã da alvorada,
2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
Por sua boca dizia, por sua boca falava,
4 com um ramo bento na mão, pra benzer aquela água:
– Esta água fica benta, a fonte fica sagrada.
6 Ouvira a filha dum rei, d’altas torres donde estava.
Veste meias de seda, calça sapatos de prata,
8 pega no cântaro d’ouro, à fonte fui buscar água.
Chega ao meio do caminho, encontra a Virgem Sagrada.
10 Atreveu-se e procurou-lhe: – Senhora, serei casada?
– Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
12 Três filhinhos hás de ter, todos de capa e espada:
um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga
14 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

13. Versão de Santalha (concelho de Vinhais), recitada por Teresa de Jesus Teles, 77 anos. Recolhida no dia 5 de setembro de 1987.

- Manhaninha de São João, uma manhã da alvorada,
2 Jesus Cristo se passeava em redor da fonte clara.
Por sua boca dizia, por sua boca falava:
4 – Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
Ouvira a filha do rei d’altas torres donde estava,
6 agarrou um cântaro d’ouro, à fonte foi buscar água.
Chegou e procurou: – Senhora, eu serei casada?
8 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
Três filhinhos hás de ter, todos de capa e espada:
10 um será bispo em Roma e o outro cardeal em Braga,
o mais novinho de todos verbo da Virgem Sagrada.

14. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

Manhaninhas de São João, numa manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 Com seu livrinho na mão, anda benzendo a água.
 4 – Ditosa da donzelinha que aqui vier buscar água.
 Ouviu a filha dum rei d’altas torres donde estava,
 6 pegou num cântaro d’ouro, à fonte foi buscar água.
 Atreveu-se e procurou-lhe: – Meu Senhor, serei casada?
 8 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
 Três filhinhos hás de ter, todos de copa e espada:
 10 um será bispo em Roma e outro cardeal em Braga
 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

15. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

Por a manhã de São João, por a manhã da alvorada,
 2 bem se passeia Nossa Senhora ao redor da fonte clara.
 Por sua boca dizia, por sua boca falava:
 4 – Esta fonte fica benta, a água fica sagrada.
 Ouviu a filha do rei, d’altas torres onde estava,
 6 agarrou em cântaros d’ouro, à fonte foi buscar água.
 Atreveu-se e perguntou-lhe: – Senhora, serei casada?
 8 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
 Três filhinhos hás de ter, todos de banda e espada:
 10 um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga,
 o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

16. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Manhaninhas do São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 Vira estar uma donzela, vira estar uma menina,
 4 c' um pente d' ouro na mão, ela pentear-se queria.
 – Queres tu, ó donzela, queres tu, ó menina,
 (.....)

17. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Pela manhã de São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 Por sua boca dizia, por sua boca falava:
 4 – Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
 A filha do rei qu' ouviu, d' altas torres onde estava,
 6 vestiu vestidos de seda, calçou sapatos de prata,
 pegou em cântaros de ouro, à fonte foi buscar água.
 8 Atreveu-se e procurou-lhe: – Senhor, serei casada?
 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
 10 Três filhinhos hás de ter, todos três de banda e espada:
 um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga
 12 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

18. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Manhãzinha do São João, pela manhã da alvorada,
 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
 Co' seu livrinho na mão, pra benzer aquela água.
 4 – Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
 Ouviu a filha do rei, d' altas torres donde estava,

- 6 pegou na sua cantarinha d'ouro, à fonte foi buscar água.
Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
- 8 Ela lhe perguntou: – Senhora, serei casada?
– Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
- 10 Três filhinhos hás de ter, todos de capa e espada:
um será bispo em Roma, outro cardeal em Braga
- 12 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

Variante: 5a Ouvia isto uma donzela.

19. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Manhana do São João, pela manhã da alvorada,
- 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.
C'um livrinho na mão, anda benzendo a água,
- 4 por sua boca dizia, por sua boca falava:
– Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
- 6 Ditosa aquela donzela que à fonte vier buscar água!
Ouvindo isto a princesa, d'altas torres em qu'estava,
- 8 vestiu vestidos de seda, calçou sapatos de prata,
pegou em cântaro d'água, à fonte foi buscar água.
- 10 Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
Atreveu-se e perguntou-lhe: – Senhora, serei casada?
- 12 – Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
Três filhos hás de ter, todos três de capa e espada:
- 14 um será bispo em Roma e outro cardeal em Braga,
o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

20. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Manhãzinha de São João, pela manhã da alvorada,
- 2 Jesus Cristo se passeia ao redor da fonte clara.

- Por sua boca dizia, por sua boca falava:
- 4 – Esta água fica benta e a fonte fica sagrada.
Ouvira a filha do rei, d'altas torres onde estava,
6 pegou num cântaro d'ouro, à fonte foi buscar água.
Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
8 Ela lhe procurou: – Senhora, serei casada?
– Casadinha hás de ser, muito bem afortunada.
10 Três filhinhos hás de ter, todos de capa e espada:
um será bispo em Roma e outro cardeal em Braga
12 e o mais novinho de todos servo da Virgem Sagrada.

LII. SANTA IRIA

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Deolinda Maria do Carmo, 51 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1980.

- Estava à porta Irene numa cadeira assentada,
2 passou um cavalheiro, pediu-lhe pousada.
– Se o meu pai lha der, está muito bem dada,
4 minha mãe não vive, palavra mal dada.
Estava a porta aberta, por ela entrou,
6 estava a cama feita, nela se deitou.
Eram onze horas, quando pediu água.
8 A filha mais nova levantou-se a dar-lha.
Era meia-noite, a casa roubada,
10 levantou-se o pai, a Irene faltava.
Andou sete léguas sem lhe dar palavra,
12 depois lhe procurou como se chamava.
– Chamo-me Irene, Maria também,
14 que foi escolhida pela minha mãe.
Depois lhe procurou: – Quantos irmãos são?
16 – Somos três irmãs e mais um irmão.
Eu era a mais nova, a mais estimada,

- 18 agora vou ser a mais desgraçada.
 – Desgraçada não, ó minha mulher,
 20 que ao pé dos meus pais nós'emos viver.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Estava a dona Helena à porta sentada,
 2 passou um passageiro a pedir pousada.
 – Se me dá pousada, está muito bem dada.
 4 Deu-lhe a sua mãe a resposta mal dada.
 Era meia-noite e a casa roubada,
 6 tudo aparecia, só D. Helena faltava.
 Andou sete léguas sem lhe procurar uma fala,
 8 ao cabo das sete léguas, procurou como se chamava.
 – Eu em minha casa era Helena estimada,
 10 agora nas tuas mãos sou Helena desgraçada.
 Andou mais sete léguas sem lhe perguntar outra fala,
 12 ao cabo das sete léguas, procurou como se tratava.
 – Eu em minha casa era vitela assada,
 14 agora nas tuas mãos é sardinha salgada.
 Andou mais sete léguas sem lhe procurar outra fala,
 16 ao cabo das sete léguas, tratou de a ir matar.
 – Tu a mim não matas, ó lobo, ó carniceiro,
 18 tu queres-me fazer a mim como o lobo ao carneiro.
 (.....)
 – Era a Santa Helena, meu amor primeiro,
 20 se me perdoares, serei teu romeiro.
 – Veste-te de azul que é a cor do céu,
 22 se Deus te perdoar, perdoarei-te eu.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta bordando seda lavrada,
2 passou ali um cavaleiro a meu pai pediu pousada.
Cavaleiro, logo à noite, lindos olhos me botava.
4 Lá pelo meio da noite, o cavaleiro pediu água,
eu, por ser a mais novinha, levantei-me, fui-lhe a dar.
6 Ele me agarrou por um braço, para o cavalo me levava.
Andaram sete léguas sem me dar uma palavra,
8 ao cabo das sete léguas, perguntou-me como me chamava.
– Eu em casa do meu pai era Helena fidalga,
10 agora nas tuas mãos serei Helena desgraçada.
Andou outras sete sem tornar a dar fala,
12 ao cabo doutras sete, perguntou-me como era tratada.
– Eu em casa do meu pai comia galinha assada,
14 agora por estas terras comerei sardinha salgada.
– Por esta fala que deste vais aqui ser degolada.
16 Tardara sete anos, ele por ali voltara,
encontrou um boieiro que guardava sua vacada.
18 – De quem é aquela ermida que além tanto branquejava?
– É duma senhora Santa Helena que ela além foi degolada.
20 – Minha amada Santa Helena, meu amorzinho primeiro,
perdoai-me a vossa morte para eu ser vosso romeiro.
22 – Nem te perdoo minha morte nem te quero para romeiro,
que me fizeste neste monte como o lobo ao carneiro.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Eu montei no meu cavalo por aquela serra acima,
2 lá no meio do caminho, encontrei uma menina.
Peguei-a por um braço, prò cavalo a subi.
4 [.....] Perguntei-lhe como se chamava.
– Eu na casa dos meus pais era menina estimada.

- 6 Chegou mais adiante, procurou-lhe o que comia.
 – Em casa dos meus pais eu comia galinha assada,
 8 e agora nas tuas mãos vou comer sardinha salgada.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta fiando seda lavrada,
 2 passou ali um cavaleiro a meu pai pediu pousada.
 Logo por horas de ceia, lindos olhos me deitava.
 4 Ali por a meia-noite, o cavaleiro pediu água,
 eu, como era a mais novinha, levantei-me e fui a dá-la.
 6 Agarrou-me por um braço, levou-me prò seu cavalo.
 Andou umas sete léguas sem o cavaleiro dar fala,
 8 ao cabo de sete léguas, procurou como me chamava.
 – Lá em casa de meus pais era Helena afdalgada,
 10 agora nas tuas mãos sou Helena desgraçada.
 – Por essa fala que deste já és aqui degolada.
 12 Tardou em sete anos em por ali ele voltava,
 ao cabo de sete anos é que ele por ali voltava.
 14 Encontrou um boieiro: [.....]
 – Deus vos salve, ó boieiro, Deus guarde vossa vacada!
 16 De quem é aquela capela qu’ela além tão relumbrava?
 – Capela é de Santa Helena, que ela ali foi degolada.
 18 – Olá, ó Santa Helena, meu amorzinho primeiro,
 ou queira-me pra seu criado ou queira-me pra seu romeiro.
 20 – Não te quero pra meu criado nem tão pouco pra romeiro,
 tu fizeste-me neste monte como o lobo ao carneiro.

6. Versão de Pinheiro Velho (concelho de Vinhais), recitada por Ana Augusta do Rio, 65 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta cosendo na almofada,
 2 com a agulha d’ouro e um dedal de prata.
 Passou um cavaleiro a pedir pousada,

- 4 meu pai, como tolo, disse que lha dava.
Fui fazer a ceia do que o pai mandava,
- 6 fui fazer a cama no melhor da sala.
Por essa meia-noite, ele me pediu água,
- 8 eu, como mais novinha, levantei-me a dar-lha.
Levou-me sete léguas longe sem me pedir fala.
- 10 Ao fim das sete léguas, disse como me chamava.
– Em minha casa era Helena amada,
- 12 aqui em teus braços sou Helena desgraçada.
(.....)
- De quem é aquela capela que está naquele prado?
- 14 – Aquela capela é de Helena amada,
que por um cavaleiro foi ali desonrada.
- 16 – Perdoa-me, Helena, meu amor primeiro,
se me perdoares, serei teu romeiro.
- 18 – Eu não te perdo, ó meu carnicheiro,
que me degolaste como o lobo ao carneiro.

**7. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues,
62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Estando eu à minha porta cosendo seda lavrada,
- 2 apareceu um cavaleiro, ao meu pai pediu pousada.
Eu, por ser a mais novinha, disse que la não dava.
- 4 Saiu meu pai à janela: [.....]
- Volta cá, ó cavaleiro, que eu te darei a pousada.
- 6 Deu-lhe cama pra dormir, deu-lhe palha prò cavalo.
Quando foi ao dar-lhe a ceia, cavaleiro me mirava.
- 8 Quando foi por meia-noite, cavaleiro pediu água,
eu, por ser a mais novinha, levantei e fui a dar-lha.
- 10 Agarrara-me por um braço, prò cavalo me lançara.
Lá no meio do caminho, ele d' amores me pretendia,
- 12 mas eu, como era santa, disse-lhe que não queria.
– Tu em casa dos teus pais, como tu eras tratada?
- 14 – Eu em casa dos meus pais comia galinha assada,
nas tuas mãos, cavaleiro, como sardinha salgada.

- 16 – Tu em casa dos teus pais, como tu eras chamada?
 – Eu em casa dos meus pais era Helena estimada,
 18 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 – Talvez por essa palavra tu vás a ser degolada.
 (.....)
 20 Ao passar de sete anos, ele outra vez por ali passara.
 – De quem é aquela capela, de quem é aquela morada?
 22 – Da senhora Santa Helena que o cavaleiro matara.
 – Perdoa-me, Santa Helena, e venho-vos para romeiro.
 24 – Eu a ti não te perdoou nem te quero pra romeiro,
 que me fizestes no monte como o lobo ao carneiro.
 26 E agora vais prò Inferno servir de tresfogueiro.

Variantes: 9b levantei-me e; 10a num; 10b deitara; 11-12 Ao passar de sete léguas, cavaleiro perguntara.

8. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Estando à minha porta cosendo seda lavrada,
 2 vi vir um cavaleiro a meu pai pedir pousada.
 Era meia-noite, cavaleiro pediu água,
 4 eu, como era a mais novinha, alevantei e fui a dá-la.
 Montou-me no cavalo, sete léguas andara.
 6 Ò cabo de sete léguas, perguntou como me chamava:
 – Em casa de meu pai era Helena estimada,
 8 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 Puxou por um punhal d’ouro, o coração l’arrancara.
 10 Ò cabo de sete anos, o cavaleiro por ali tornara.
 – De quem é esta ermida, de quem é esta morada?
 12 – É de Santa Helena que um cavaleiro a matara.
 – Perdoa-me, ó Helena, perdoa a um desgraçado.
 14 – Como t’hei de perdoar (.....)

Variantes: 6a No meio do caminho; 9a Puxara; 10b cavaleiro por aí.

9. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Estando eu cosendo na minha almofada,
 2 passou um cavaleiro, ele me pediu pousada.
 Lá por essa meia-noite, ele me pediu água,
 4 eu, como mais nova, levantei-me a dar-lha.
 Agarrou-me pela mão, com ele me levara.
 6 Andou sete léguas sem me a mim dar fala,
 ò cabo das sete, ele me procurava:
 8 – Lá em tua casa como te chamavas?
 – Em minha casa era Helena amada,
 10 agora em teus braços serei desgraçada.
 Puxou por um punhal, logo a matara,
 12 coberta de monte ali a deixara.
 Passou sete anos sem por ali voltar,
 14 ò cabo de sete anos, por ali voltara.
 – Quem é esta ermida, quem é este prado?
 16 – É da Santa Helena que cavaleiro a matara.
 – Senhora Santa Helena, meu amor primeiro,
 18 perdoai-me a vida que eu serei vosso romeiro.
 – Como queres que te perdoe, ó meu carnicheiro,
 20 que me degolaste como o lobo ao carneiro?

Variantes: 2b e pediu-me pousada; 3a Lá pela; 3b pediu-me; 15 Quem é aquele monte, quem é aquele prado.

10. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.

- Estand' à minha porta cosendo na minha almofada,
 2 e com a agulha d' ouro e dedal de prata,
 vinha um cavaleiro pedindo pousada.
 4 Meu pai, como bom, disse que lha dava.
 Fui-lhe fazer a ceia do que dava a casa.

- 6 Fui-lhe fazer a cama na melhor sala.
Aí por meia-noite, ele pediu água,
8 e eu, como mais nova, levantei a dar-lha.
Aí por meia-noite, ele me roubara,
10 levou-me sete léguas, sem comigo dar fala.
Ò cabo de sete léguas, perguntou-me como me chamava.
12 – Eu em minha casa era Helena amada,
nas suas mãos, cavalheiro, serei Helena desgraçada.
14 Tirou um punhal do bolso, ali a matou,
coberta de monte ali a deixou.
16 Ò cabo de sete anos, por ali tornara.
– De quem é aquela capela, de quem é aquel’ orada?
18 – É de Santa Helena, que cavalheiro matara,
coberta de monte ali a deixara.
20 – Perdoa-me, Helena, meu amor primeiro,
se me perdoares, eu serei vosso romeiro.
22 – Eu não te perdoo, ó meu carnicheiro,
que me degolaste como o lobo ò carneiro.
24 Mas veste-te d’ azul, que é da cor do céu,
se Deus te perdoa, perdoarei-t’ eu.

Variantes: 4a E meu; 15a e coberta.

11. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Estando eu à minha porta cosendo minha almofada,
2 vi vir um cavaleiro a meu pai pedir pousada.
Meu pai, des’ que o viu, logo disse que lha dava.
4 Lá por essa meia-noite, cavaleiro me roubara.
Andou sete léguas sem me dar fala,
6 ò cabo de sete léguas, procurou como se me chamava.
– Eu em casa de meu pai era Helena estimada,
8 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
Puxou por um punhal, logo ali a matara,
10 coberta de monte ali a deixara.

- Tardou sete anos sem por ali passar,
 12 ò cabo de sete anos, por ali passara.
 – Pastores e pastoras que guardais gado,
 14 que é aquela ermida que está naquele prado?
 – É Santa Helena, que um cavaleiro matara,
 16 coberta de monte ali a deixara.
 – Perdoa-me, Santa Helena, meu amorzinho primeiro.
 18 – Como te hei de perdoar, ó ladrão, ó carnicheiro,
 fizestes ao meu pescoço como o lobo ao carneiro?
 20 – Perdoa-me, ó Santa Helena, meu amorzinho primeiro,
 irei para o teu altar servir-te de candeieiro.

Variante: 2a passou por ali.

12. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Lídia Antónia Cepeda, 59 anos, natural de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Estando Santa Helena cosendo na sua almofada,
 2 com uma agulha d'ouro e um dedal de prata.
 Passou um cavaleiro pedindo pousada,
 4 meu pai, como tolo, disse que lha dava.
 Eu fiz-lhe a ceia do que me ele mandara,
 6 eu fiz-lhe a cama no meio da sala.
 Lá por meia-noite, ele me pediu água,
 8 eu, como mais nova, levantei-me a dar-lha.
 Pegou-me pela mão, com ele me levaria,
 10 andou sete léguas, sem me a mim dar fala.
 Ao cabo de sete léguas, ele me perguntava
 12 [... ..] como é que me chamava.
 – Lá na minha terra era Helena amada,
 14 e agora em teus braços serei desgraçada.
 Pegou num punhal, ali a matara,
 16 coberta de monte ali a deixara.
 Andou sete anos sem por ali passar.
 18 – De quem é aquela igreja, de quem é aquela morada?

- É de Santa Helena que o traidor matara.
 20 – Perdoa-me, Helena, meu amor primeiro,
 se me perdoares, serei teu romeiro.
 22 – Eu não te perdoou, ó meu carnicheiro,
 agora vais para o Inferno, vais servir de candeeiro.

Variantes: 1a Dona; 1b sentada; 3a Veio / Passou ali um cavalheiro; 21a se tu me perdoas;
 23a vai; 22 Veste-te d'azul qu' é a cor do céu; 23 se Deus te perdoou, perdoarei-te eu.

**13. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Alice Augusta Garcia,
 58 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.**

- Estava a Santa Helena à porta sentada,
 2 passou um passageiro, pediu-lhe pousada.
 – Se o meu pai lha dar, está muito bem dada,
 4 deu-lha a minha mãe e eu não gostei nada.
 Era meia-noite e o passageiro a pedir água,
 6 Helena, a mais velha, levantou-se a dar-lha.
 – Eu a água não ta quero, anda daí comigo.
 8 Andaram sete léguas sem dar uma fala,
 ao cabo de sete léguas, perguntou como se chamava.
 10 – Em casa dos meus pais chamava-me Helena honrada,
 e agora nas tuas mãos serei Helena desgraçada.
 12 Tirou o punhal do bolso, logo ali a matou,
 coberta com fetos no ermo a deixou.
 14 Demorou sete anos sem por ali passar,
 depois de sete anos, voltou ali a passar.
 16 – De quem é aquela ermida que está naquele prado?
 – É da Santa Helena que a matou o malvado.
 18 – Perdoa-me, ó Santa Helena, qu' eu era o teu amor primeiro.
 – Como t' hei de perdoar, ó maroto carnicheiro?
 20 Mas arrepende-te, malvado, e vira os olhos prò Céu,
 se Deus te perdoar, perdoarei-te eu.

Variante: 4a mas deu-lha.

14. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Estava dona Helena à porta sentada,
2 passou um cavaleiro, pediu-lhe pousada.
– Se lha dar meu pai, está muito bem dada,
4 deu-lha a minha mãe e eu não gostei nada.
Era meia-noite, o cavaleiro pediu água,
6 Helena, como mais velha, levantou-se a dar-lhe a água.
– Não te quero tua água, anda daí comigo.
8 Levou-a sete léguas sem dar nenhuma fala,
ao fim das sete léguas, perguntou como se chamava.
10 – Eu em casa do meu pai era Helena honrada
e agora nas tuas mãos serei Helena desgraçada.
12 Tirou o punhal do bolso, sete facadas lhe deu,
coberta com fetos no termo a deixou.
14 Tardou sete anos sem ali passar,
ò cabo dos sete anos, voltou ali a passar.
16 – De quem é aquela capela que está ali naquele prado?
– É da Santa Helena que a matou o malvado.
18 – Perdoa-me, Santa Helena, fui o teu amor primeiro.
– Como t’hei de perdoar, ó ladrão, ó carnicheiro,
20 que me fizeste a mim como o lobo ao carneiro.

Variantes: 1a Santa; 2a passa um passageiro.

15. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Estando Santa Helena à porta sentada,
2 veio um passageiro, pediu-lhe pousada.
– Se o meu pai lha dar, está muito bem dada,
4 assim deu-lha a minha mãe e eu não gostei nada.
Era meia-noite, passageiro pediu água,
6 Helena era a mais velha, levantou-se a dar-lhe a água.

– Eu a água não ta quero, anda daí comigo.
 8 Andaram sete léguas sem dar uma fala,
 ao cabo das sete léguas, procurou como se chamava.
 10 – Em casa dos meus pais era Helena honrada,
 agora na tua mão serei Helena desgraçada.
 12 Tirou um punhal do bolso, sete facadas lhe dou,
 deixou-a no ermo, com fetos a enterrou.
 14 Esteve os sete anos sem por ali passar,
 ao cabo dos sete anos, tornou ali a passar.
 16 – De quem é aquela capela qu’ está além naquele prado?
 – É da Santa Helena que a matou o malvado.
 18 – Perdoa-me, Santa Helena, qu’ era o teu amor primeiro.
 – Como t’ hei de perdoar, ó ladrão, ó carniceiro,
 20 que fizeste-me tu a mim como o lobo ao carneiro?
 Arrepende-te, ó malvado, e vira os olhos prò Céu,
 22 se Deus te perdoar, perdoarei-te eu.

16. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

Estando eu à minha porta cosendo seda lavrada,
 2 vira vir um cavaleiro ao meu pai pedir pousada.
 Eu, des’ que vi que lha dava, muito bem que m’ eu folgava.
 4 Quando foi ò dar da ceia, cavaleiro pediu água,
 eu, como era a mais novinha, levantei-m’ e fui-lha dar.
 6 Quando foi de madrugada, cavaleiro me roubava.
 Andáramos sete léguas sem uma fala me dar,
 8 ao cabo das sete léguas, procurou como me chamava.
 – Eu em casa dos meus pais era Helena estimada,
 10 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 Puxou por um punhal d’ouro, logo ali a matara.
 12 Ao cabo dos sete anos, cavaleiro ali passava.
 Procurando a uns pastores: [.....]
 14 – De quem é aquela capela, de quem é aquela orada?

- É de Santa Helena que o cavaleiro matara.
- 16 – Perdoa-me, ó Santa Helena, meu amorzinho primeiro.
– Como t’hei de perdoar, ó ladrão, ó carnicheiro,
18 que me mataste no monte como o lobo ao carneiro?
Salta cá para o meu altar servir-me de candeeiro.

17. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Estando à minha porta sentadinha ao luar,
2 vira vir um cavaleiro a meu pai pedir pousada.
Eu, des’ que vi que la dava, logo me mostrei folgada.
4 Quando foi dali por um pouco, cavaleiro pediu água,
eu, por ser la mais novinha, levantei-m’ e fui-la dar.
6 Quando foi ò dar do copo, cavaleiro bem m’ olhava.
Quando foi por meia-noite, cavaleiro me roubara.
8 Levara-me sete léguas sem nenhuma fala me dar,
ò cabo das sete léguas, perguntou como me chamava:
10 – Eu em casa dos meus pais era Helena estimada,
nas tuas mãos, ó cavaleiro, sou Helena desgraçada.
12 Puxou por um punhal d’ouro, logo ali a matara.
Ao cabo de sete anos, cavaleiro por ali tornara.
14 Viu uma capela e uma linda morada,
perguntou a pastores e boieiros, quantos encontrava,
16 de quem era aquela capela e aquela linda morada.
– É de Santa Helena que o cavaleiro matara.
18 – Perdoa-me tu, ó Santa Helena, meu amor primeiro.
– Como t’hei de perdoar, ó ladrão, ó carnicheiro?
20 Mataste-me no monte como o lobo ao carneiro.
Anda cá prò meu altar, que de ti quero fazer um candeeiro.

18. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

Estava Santa Helena à sua porta sentada,
 2 passou ali um cavaleiro, pediu-lhe pousada.
 – Eu pousada não la dou, só se la dar o meu pai,
 4 se o meu pai la dar, está muito bem dada.
 Dou-la a minha mãe e eu não gostei nada.
 6 Aí por meia-noite, cavaleiro pediu água,
 eu, como mais velha, levantei-me a dar-la.
 8 – Eu a água não ta quero, levanta-t’ e vem comigo.
 Passaram-se sete léguas sem dar fala um prò outro.
 10 Ao cabo das sete léguas, procurou como se chamava:
 – Como te chamas, Helena, como te chamas, mi alma?
 12 – Eu em casa dos meus pais era Helena estimada,
 nos teus braços, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 14 Tirou o revólver do bolso logo ali a matou,
 coberta com fetos no ermo a deixou.
 16 Passaram-se sete anos sem tornar ali a passar.
 Ao cabo dos sete anos, tornou ali a passar,
 18 avistou um pastorinho que por ali andava.
 – De quem é aquela capela, de quem é aquela morada?
 20 – É da Santa Helena, que a matou o malvado.
 – Perdoa-me, ó Santa Helena, que hei de ser o teu romeiro.
 22 – Como t’ hei de perdoar, ó malvado carniceiro?
 Mataste-me lá no ermo como o lobo o carneiro,
 24 se fores prò meu altar servirás de candeeiro.

19. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

Estando eu à minha porta cosendo seda lavrada,
 2 passou um cavaleiro a meu pai pedir pousada.

- S' o meu pai la dá, ela estava muito bem dada,
 4 deu-la a minha mãe e eu não gostei nada.
 Quando foi ao dar da ceia, cavaleiro pediu água,
 6 eu, como mais novinha, levantei-m' e fui-la dar.
 Quando foi por meio da noite, cavaleiro me roubava.
 8 Levou-me sete léguas sem a mim me dar palavra,
 ao fim das sete léguas, perguntou-me como me chamava.
 10 – Eu em casa de meus pais era Helena estimada,
 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 12 – Então em tua casa como eras tratada?
 – Em minha casa comia galinha assada,
 14 nas tuas mãos, cavaleiro, como sardinha salgada.
 Levou-a mais sete léguas sem a ela dar palavra,
 16 ao fim das sete léguas, cavaleiro a matava.
 Ao fim de sete anos, cavaleiro ali voltava.
 18 – Ó pastorzinhos, que guardais o vosso gado,
 de quem é aquela capela qu' está além naquele prado?
 20 – É de Santa Helena, cavaleiro a matava,
 cobriu-a com fetos e ali a deixava.
 22 – Perdoa-me, ó Helena, meu amorzinho primeiro,
 se tu me perdoares, eu serei o teu romeiro.
 24 – Como te perdoarei, maroto, ó carnicheiro?
 Deixaste-me no ermo como o lobo ao carneiro.
 26 Olha para as estrelas qu' elas são da cor do céu,
 se Deus te perdoar, perdoarei-t' eu.

Variantes: 15 Levou-a para o ermo, logo ali a matou; 16 cobriu-a com fetos, ali a deixou.

20. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Ana Maria da Silva Rodrigues, 42 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Estando dona Helena à sua porta assentada,
 2 passou um cavaleiro, lhe pediu pousada.
 – Se fosse o meu pai, estava muito bem dada,
 4 assim é Dona Helena, não darei nada.

6 Ò chegar às onze horas, cavaleiro pediu água,
 dona Helena, como mais nova, alevantou e foi-lha dar.
 Ò chegar à meia-noite, a casa estava roubada.
 8 Andaram sete léguas sem lhe pedir fala,
 ò cabo das sete léguas, procurou como se chamava:
 10 – Em casa dos meus pais sou Helena bem estimada,
 e agora aqui neste ermo sou Helena desgraçada.
 12 E ele, qu’ aquilo ouviu, não esperou por mais nada.
 [.....] E deu-lhe sete facadas,
 14 coberta de fetos no monte a deixou.
 Andou sete anos, ele ali não passava.
 16 Ò cabo de sete anos, (.....)
 (.....)
 – Perdoa-me, ó Santa Helena, que fui teu amor primeiro,
 18 se tu me perdoasses, eu seria teu romeiro.
 – Como t’ hei de perdoar, ó ladrão, ó carniceiro?
 20 Fizeste à Santa Helena como o lobo ao carneiro.
 Veste-te de azul, que é da cor do Céu,
 22 se Deus te perdoar, perdoarei-t’ eu.

Variantes: 3 Se fosse eu que mandasse, dava-ta bem dada; 4 assim foi o meu pai, não te dou nada; 5a Chegou a meia-noite; 8a Andou sete metros; 9a de sete metros; 9b perguntou; 10a e aqui.

21. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Noémia da Glória Barbosa, 17 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

Estando eu sentadinha à minha porta, a trabalhar em seda lavrada,
 2 e passou um cavaleiro a pedir pousada.
 Se o meu pai lha desse, estava muito bem dada,
 4 deu-lha a minha mãe e eu não gostei nada.
 Eram onze horas, cavaleiro pediu água
 6 e eu, como mais nova, eu levantei-m’ a dar-la.
 Era meia-noite a casa estava roubada,
 8 tudo aparecia, só Helena faltava.

- Passaram sete léguas sem dizer palavra,
10 ao fim das sete léguas, procurou como se chamava.
– Eu em minha casa era Helena abençoada,
12 aqui nos teus braços serei desgraçada.
Pegou num punhal e ali mesmo a matou,
14 cobriu-a de fetos e ali mesmo a deixou.
Passaram sete anos cavaleiro ele não voltou.
16 Ò fim dos sete anos, por ali tornou.
– Olá, ó pastores, que andais c’o vosso gado,
18 que capela é aquela além naquele prado?
– É de Santa Helena que o tirano ali matou,
20 cobriu-a de fetos e ali a deixou.
– Perdoa-me, Helena, ó meu amor primeiro,
22 se tu me perdoares, serei teu romeiro.
– Como t’ há de perdoar, ó ladrão, ó carnicheiro,
24 que fizeste a Helena como o lobo ao carneiro?
Veste-te de azul, que é a cor do céu,
26 se Deus te perdoar, perdoarei-t’ eu.

22. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo seda lavrada,
2 vi vir um cavaleiro a meu pai pedir pousada.
Eu, des’ que vi que la dava, já eu não me contentava.
4 Quando foi ò dar da ceia, cavaleiro pediu água,
eu, como mais nova, levantei-me e fui-la dar.
6 Quando foi por meia-noite, cavaleiro me roubava,
lá no meio do caminho, perguntou como me chamava.
8 – Na casinha dos meus pais era Helena estimada,
nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
10 Chegou ò meio do caminho, c’ um punhal a matara,
cobriu-a de fetos, logo ali a deixara.
12 Ò cabo de sete anos, cavaleiro ali voltava.
– De quem é esta capela, de quem é esta morada?

- 14 – É da Santa Helena que um cavaleiro a matara.
 – Perdoa-me, ó Santa Helena, meu amorzinho primeiro,
 16 que, se me perdoares, eu ficarei teu romeiro.
 – Como t’hei de perdoar, ó malvado carniceiro,
 18 que me fizeste no monte como o lobo ao carneiro?

Variantes: 5a mais novinha de todas; 9a aqui, cavaleiro; 10 Puxou por um punhal d’ouro, logo ali a matara; 14a milagrosa; 16a pois.

23. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Aida Amélia Alves, 69 anos. Recolhida nos dias 31 de agosto de 1981 e 10 de agosto de 1982.

- Eu estando à minha porta fiando seda lavrada,
 2 passou um cavaleiro que me pediu pousada.
 Se o meu pai la desse, ela estava muito bem dada,
 4 mas deu-l’ a minha mãe e eu não gostei nada.
 Pelas onze horas, cavaleiro pediu água
 6 e eu, como mais nova, levantei-m’ a dar-la.
 Pela meia-noite a casa estava roubada,
 8 tudo aparecia, só Helena faltava.
 Andou sete léguas, ele com ela não falava,
 10 ò cabo das sete léguas, perguntou-lhe como se chamava:
 – Eu em minha casa era Helena abençoada,
 12 mas aqui, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 Pegou num punhal, logo ali a matou,
 14 cobriu-a com fetos e ali a deixou.
 Andou sete anos, ele ali não passava.
 16 Ò cabo de sete anos, ele ali passou.
 – E vós, ó pastorinhos, que guardais o vosso gado,
 18 que capelinha é aquela que está ali naquele prado?
 – É de Santa Helena, que o cavaleiro matou,
 20 cobriu-a com fetos e ali a deixou.
 – Perdoa-me, Santa Helena, meu amorzinho primeiro,
 22 se tu me perdoares, serei teu romeiro.
 – Como t’hei de eu perdoar, ó malvado carniceiro?

- 24 Mataste-me no ermo como o lobo ao carneiro.
 Mas veste-te de azul, porque é a cor do céu,
 26 se Deus te perdoar, perdoarei-t' eu.

Variantes: 1a Estando; 2b pedindo; 3 Se minha mãe la desse, ela está muito bem dada; 4 mas deu-la o meu pai e eu não gostei nada; 8b e Helena faltava; 15 Esteve sete anos sem tornar a ali passar; 16b cavaleiro; 18a capela; 18b que está além; 20a de fetos; 24a que mataste-me; 25b da cor.

24. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Estando eu em minha casa cosendo em seda lavrada,
 2 vira vir um cavaleiro ò meu pai pedir pousada.
 Des' que vi que la dava, muito m' eu arreceava.
 4 Quando foi ò dar a ceia, o cavaleiro pediu água,
 eu, como mais novinha, o meu pai mandou-m' a dar-la.
 6 Quando foi ò dar o copo, o cavaleiro me mirava.
 Quando foi à meia-noite, a casa estava roubada,
 8 todos apareciam em casa, só Helena lá não estava.
 Levou-a sete léguas que nem uma fala lhe dara,
 10 ò cabo de sete léguas, perguntou como se chamava.
 – Eu em casa do meu pai era Helena bem estimada,
 12 nas tuas mãos, cavaleiro, serei desgraçada.
 Cavaleiro, qu' aquilo ouvira, logo ali a matara,
 14 coberta de fetos no monte a deixara.
 Formou-se ali uma igreja, formou-se ali uma orada.
 16 Ò cabo de sete anos, cavaleiro ali passava.
 Os pastores que via a todos lhe procurava:
 18 – De quem é aquela igreja, de quem é aquela orada,
 [... ..] que tanto no ermo estava?
 20 – É a capela de Santa Helena que o cavaleiro matara,
 coberta de fetos no monte a deixara.
 22 – Perdoai-me, ó Santa Helena, meu amorzinho primeiro.
 – Como t' hei de eu perdoar, ó ladrão, ó carniceiro,

- 24 que mataste-me no ermo como o lobo ao carneiro?
 – Perdoai-me, Santa Helena, ora heis de me perdoar,
 26 qu’ a vossa capelinha eu mandarei dourar,
 nem qu’ eu vá buscar o ouro às outras bandas do mar.

**25. Versão de Bairro do Lusedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais).
 Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.**

- Estando dona Helena fiando seda lavrada,
 2 veio um passageiro, pediu-lhe pousada.
 – Dando-lha o meu pai, está muito bem dada,
 4 deu-lh’ a minha mãe e eu não gostei nada.
 Era meia-noite, o passageiro pediu água,
 6 Helena, mais nova, levantou-s’ a dar-lha.
 Era meio-dia, a casa estava roubada,
 8 tudo aparecia, Helena faltava.
 Andou sete léguas sem com Helena falar,
 10 ao cabo de sete léguas, procurou como se chamava.
 – Eu em minha casa era Helena abençoada,
 12 aqui neste ermo sou Helena desgraçada.
 O malvado assassino logo ali a matou,
 14 cobriu-a de fetos e ali a deixou.
 Esteve sete anos sem ali mais não voltar
 16 e, ao cabo de sete anos, ali tornou a passar.
 – Pastores, ó pastorinhos, que guardais o vosso gado,
 18 que santa é aquela que está naquele prado?
 – É Santa Helena que o malvado a matou,
 20 cobriu-a de fetos e ali a deixou.
 – Perdoa-me, ó Helena, qu’ eu fui teu amor primeiro,
 22 se me perdoares, serei teu romeiro.
 – Como t’ hei d’ eu perdoar, ó malvado carniceiro?
 24 Fizeste-me neste ermo como o lobo ao carneiro.

26. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Estando eu à minha porta cosendo seda lavrada,
 2 vira vir um cavaleiro a meu pai pedir pousada.
 Eu, des' que vi que lha dava, muito bem me contentava.
 4 Quando foi ò dar da ceia, cavaleiro pediu água,
 eu, por ser a mais novinha, levantei-m' e fui-lha dar.
 6 Quando foi ò dar da água, cavaleiro me mirava,
 quando foi por meia-noite, cavaleiro me roubava.
 8 Levou-me sete léguas sem a mim me dar palavra,
 ao cabo de sete léguas, ele me procurava:
 10 – Como te chamas, menina? [.....]
 – Eu em casa de meus pais era Helena estimada,
 12 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 Tirou um punhal do bolso, logo ali a matara.
 14 Ao cabo de sete anos, cavaleiro ali passara.
 – De quem é esta capela, de quem é esta orada?
 16 – É da Santa Helena que um cavaleiro a matara.
 – Perdoa-me, ó Santa Helena, perdoa-me, amor primeiro.
 18 – Como t' hei de perdoar, ó ladrão, ó carniceiro,
 que me fizeste no monte como o lobo ao carneiro?
 20 – Perdoa-me, ó Santa Helena, perdoa-me, amor primeiro.
 – Vai para trás da minha capela, servirás de candeeiro.

27. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Estava Santa Helena à sua porta assentada,
 2 passou lá um cavaleiro, a ela pediu pousada.
 – Pousada não lha dou, qu' eu aqui não mando nada.
 4 Peça-lha ao meu pai, porque é o dono da casa,
 ou s' a minha mãe lha der também está muito bem dada.
 6 Lá pela noite adiante, cavaleiro pediu água.

Helena era a mais velha, foi quem se levantou a dar-lha.
 8 – Eu a água não ta quero, anda daí, vem comigo.
 Andaram sete léguas sem uma fala lhe dar,
 10 ao cabo de sete léguas, perguntou como se chamava.
 – Eu em casa de meus pais era Helena estimada,
 12 nas tuas mãos, cavaleiro, sou Helena desgraçada.
 Puxou por um punhal d’ouro, logo ali a matou,
 14 cobriu-a com fetos e no ermo a deixou.
 Ao cabo de sete anos, cavaleiro ali passou.
 16 – De quem é aquela capela qu’ está além naquele silvado?
 – É da Santa Helena que a matou o malvado.
 18 – Perdoa-me, Helena, foste o meu amor primeiro.
 – Como t’ hei de perdoar, ó malvado carniceiro,
 20 que tu me fizeste a mim como o lobo ao carneiro?
 Veste-te de azul, que é a cor do céu,
 22 se Deus te perdoar, também te perdoarei eu.

Variante: 4b qu’ é ele.

LIII. A TENTAÇÃO DO MARINHEIRO

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Arcângela do Nascimento Ximeno, 80 anos. Recolhida nos dias 28 e 30 de agosto de 1980.

Voces daba el marinero, voces daba que s’ ahogava.
 2 Le respondiera el demonio del otro lado del agua:
 – ¿Cuánto das tú, marinero, a quien te saque del agua?
 4 – Yo daría mis navíos cargaditos de oro y prata.
 – No te quiero tus navíos ni tu oro ni tu prata.
 6 Quiero que, cuando te mueras, me dejes parte en el alma.
 – El alma no te la dejo que ya la tengo encargada,
 8 que se la encargué a Dios y a la Virgen Soberana.
 Arriedra, demonio, arriedra, arriedra, demonio, baja.
 10 La cabeza a las hormigas para que hagan su morada,

- los ojos los dejo a un ciego para que vea por dond' anda,
 12 los oídos a los sordos para que oigan cuando llaman,
 la lengua la dejo a un mudo para que Dios le dé habla,
 14 los brazos a un guitarrero para que toque la guitarra,
 las canillas a un frautista para que toque la frauta,
 16 las tripas a un guitarrero para cuerdas de guitarra,
 los cojones son del cura y lo demás a la criada.

2. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Joana da Piedade Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1980.

- Voces daba el marinero, voces daba que s' ahogava.
 2 Le respondiera el demonio del otro lado del agua:
 – ¿Cuánto das tú, marinero, a quien te saque del agua?
 4 – Yo te daría mi navío cargadito de oro y plata.
 – No te quiero tu navío ni tu oro ni tu plata.
 6 Quiero que cuando te mueras me dejes parte en el alma.
 – La alma se la dejo a Dios y a la Virgen Soberana.
 8 La cabeza a las hormigas para que hagan su morada,
 los ojos se los dejo a un ciego para que vea por dond' anda,
 10 los oídos se los doy a un sordo para que oiga lo que l' hablan,
 los brazos son para un tamboritero para tocar l' alborada,
 12 las tripas a un guitarrista para tocar la guitarra,
 las piernas son para un cojo para que ande su jornada,
 14 los cojones son para el cura y la gaita pa' la criada.

3. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por António Joaquim Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Voces dava marinero, voces dava que s' aguava.
 2 – Quanto davas, marinero, quem del agua te quitara?
 – Eu te dava o meu navio, carregadito de ouro e prata.
 4 – Eu não quero o teu navio nem tu ouro nem tu prata,
 quero que, quando te mueras, que me dejes parte nel alma.
 6 – Minha alma non te la dejo, que a tengo encomendada,
 minha alma é só para Dios e para a Virgem Sagrada.

- 8 Hace testamento burro. [.....]
 – A cabeça é para as formigas para nela fazerem morada,
 10 os ojos é para um cego para que veja por donde anda,
 os braços a um campanero para lhe tocar la campana,
 12 a língua é para um mudo (.....),
 as pernas a um cojo para andar sua jornada,
 14 as tripas a um guitarrero para cordas de guitarra,
 os cojones são prò cura e o caralho prà criada.
 16 Parte daqui demónio, daqui não levas nada.

Variante: 9 A cabeça la dejo às formigas para nela hacerem morada.

**4. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por João de Deus Vara, 59 anos.
 Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.**

- Vozes dava marinero, voces dava que s' ahogava.
 2 O demónio respondeu do outro lado del agua:
 – Quanto davas, marinero, a quem del agua te quitara?
 4 – Eu daria o meu navio carregadico de ouro e plata.
 – Eu não quero o teu navio nem tu ouro nem tu plata.
 6 Só quero, quando te morras, que me dejes parte en tu alma.
 – Minha alma não te la doy, a Dios la tengo encomendada.
 8 A cabeça la dejo às formigas para que hacen sua morada,
 los ojos los dejo a um cego para que veja por donde anda,
 10 a língua la dejo a um mudo pra que hable quando llaman,
 os braços los dejo a um campanero pra que toque la campana,
 12 as tripas a um guitarrista para as cordas da guitarra,
 as pernas las dejo a um cojo pra que ande sua jornada,
 14 os cojones los dejo a el cura e el caralho para a criada.

**5. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Adriano Augusto
 Delgado, 55 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.**

- Voces daba el marinero, voces daba que s' ahogaba.
 2 – Quanto deras tu, marinero, a quem del agua te quitara?
 – Eu te dera mi navío carregadito d'ouro e plata.

- 4 – No te quero tu navio nem tu ouro nem tu plata,
Só quero, quando te mueras, que me dê parte em tu alma.
- 6 – Mi alma non te la deixo, que la tiengo a Dios mandada,
la tiengo a Dios del cielo e mais a la Virgen Sagrada.
- 8 – O corpo lo deixo aos peixes, pra que hagan sua morada,
a cabeça la deixo às hormigas, pra que hagan sua morada.
- 10 Los ouvidos los deixo a un surdo pra que ouça quando le llaman,
la língua la deixo a un mudo, pra que hable quando (...),
- 12 las tripas a un guitarrero para cordas de guitarra,
las pernas a um coxo pra que ande sua jornada,
- 14 os colhões los deixo al cura e o resto à criada.

**6. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Alice dos Anjos Esteves,
49 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.**

- Voces daba el marinero, voces daba que s' ahogaba.
- 2 Respondeu el demonio del otro lado del agua:
– Quanto dabas, marinero, a quem del agua te quitara?
- 4 – Daria-te el mi navio carregadito de ouro e plata.
– No te quero tu navio nem tu ouro nem tu plata.
- 6 Só quero, quando te mueras, que me dejes parte en tu alma.
– Mi alma non te la deixo, la tengo a Dios mandada,
- 8 la tengo a Dios del cielo e mais la Virgen Sagrada.
La cabeza la deixo a las hormigas pra que hagan su morada,
- 10 la língua la deixo a un mudo pra que hable as sus palavras,
los ouvidos los deixo a un surdo pra que ouva quando llaman,
- 12 las pernas las deixo a un coxo pra que ande su jornada,
las tripas a un guitarrero para cordas de guitarra,
- 14 los brazos a un campanero pra que toque las campanas,
los cojones los deixo al cura y lo demás a la criada.

Variante: 10b sus palavras.

7. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Inocência Maria Margarido, 50 anos, natural de São Julião de Palácios (concelho de Bragança), residente em Vila Meã há 20 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Voces daba el morinero, voces daba que se ahogaba.
- 2 – Quanto deras, morinero, para quem ta tí del agua?
– Eu daria-te o meu navio carregadito de ouro e prata.
- 4 – Eu não te quero o teu navio, nem tu ouro nem tu prata.
Só quero, quando te morras, que me dexes parte alma.
- 6 – Minha alma não és para ti, para Dios foi criada.
– Só quero, quando te mueras, que me dexes parte alma.
- 8 – Minha alma não te la dejo, para Dios foi criada.
La cabeça dejo-a às formigas para que façam sua morada,
10 la língua dejo-a a um mudo para que faça as suas palavras,
los ojos dejo-os a um cego para que veja por donde anda,
12 los braços dejo-os a um campanero para que toque as suas campanas,
las tripas dejo-as a um guitarrero para cordas da sua guitarra,
14 las pernas dejo-as a um manco para que poja andar sua jornada,
los cojones dejo ao señor cura e o carajo à criada.

8. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Manuel José Fernandes, 66 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Voces daba el marinero, voces daba que s' ahogaba.
- 2 – Quanto dabas, marinero, a quem del agua te quitara?
– Eu te daba mi navío e mi oro e mi plata.
- 4 – Eu não quero tu navio nem tu oro nem tu plata.
Só quero, quando te moias, que me dejes parte en tu alma.
- 6 – Mi alma non te la dejo que la tengo a Deus mandada,
la tengo a Dios del cielo y mais a la Virgen Sagrada.
- 8 Las tripas las dejo a un guitarrero pra que toque la guitarra
e los braços a un campanero pra que toque las campanas
10 e los ojos los dejo a un cego pra que veja por dond' anda
e la língua la dejo a un mudo pra que hable sus palabras.

9. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Marcelina dos Prazeres Branco, 41 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Voces daba el marinero, voces daba que s' ahogaba.
- 2 – Quanto dabas, marinero, a quem del agua te quitara?
– Yo te daba mis navíos carregaditos d' ouro e plata.
- 4 – No te quiero tus navíos nem tu ouro nem tu plata.
Só quero, quando te mueras, que me dês parte em tu alma.
- 6 – La mi alma non te la dejo, porque la tengo a Dios mandada,
la tengo a Dios del cielo e mais la Virgen Sagrada.
(.....)
- 8 y las tripas las dejo a um guitarrero para cordas de guitarra,
las pernas las dejo a um cojo para que ande sua jornada,
- 10 os colhões los deixo ao cura e o resto à criada.

Variantes: 4a el tu navío; 5b dejes.

10. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Maria do Carmo Morais, 76 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' ahogaba.
- 2 – Quanto deras, marinheiro, a quem de água te sacara?
– Te daria meus navios carregaditos de ouro e plata.
- 4 – Eu não te quero os teus navios nem tu ouro nem tu prata.
Só quero, quando te morras, que me deixes parte na tua alma.
- 6 – Minha alma non te la dejo, que já tengo a Deus mandada,
já tengo a Deus del cielo e mais a Virgen Sagrada.
(.....)

Variante: 5 Só te quero a tua alma para comigo (.....).

11. Versão de Babe (concelho de Bragança), recitada por Maria Libânia Romão, 70 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Vozes dava el marinero, voces dava que s' ahogava.
- 2 – Quanto deras, marinero, a quem del agua te quitara?
– Daria-te el mi navío cargadito d' oro y plata.
- 4 – No quiero-te tu navío nem tu oro nem tu plata,
só quiero, quando te mueras, que me dejes parte en tu alma.
- 6 – Arreda, demónio, arreda, pa' l' outro lado del agua.
Minha alma dejola a Dios e mais la Virgem Sagrada.
- 8 Lo corpo dejo a los peixes pra que hagan sus moradas,
la cabeza dejola às formigas pra que hagan sus moradas,
- 10 las tripas a um guitarrero para cordas de su guitarra,
las pernas dejo a um cojo para que ande su jornada,
- 12 los ojos dejo a um cego para que veja por dond' anda,
la língua a um mudo para que abra la su palavra.

Variantes: 3b carregadito d' ouro e prata; 13b diga.

12. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.

- Gritos dava al marinero, gritos dava que s' ahogava.
- 2 Respondeu-l' o demónio do lado d' além das águas:
– Quanto daras, marinero, a quem das águas te salvara?
- 4 – Daria-te os meus navios, os d' ouro e os da prata.
– Não quero os teus navios, nem do ouro nem da prata.
- 6 Quero qu' em tu moriendo me deixes a tua alma.
– A minh' alma deixo-a a Deus e à Virgem Santa Sagrada,
- 8 o meu corpo deixo-o aos peixes, aos peixes da água salgada,
minha cabeça às formigas para que dela façam morada,
- 10 mis ojos dejo a los ciegos para que tengan vista clara,
mi língua dejo a los mudos para que tengan fala clara,
- 12 mis ouvidos a los surdos para que ouçam las palabras,
meus braços aos cotos para que manejem la espada,

- 14 minhas pernas aos mancos para que caminhem a estrada,
minhas tripas a um guitarrista para cordas da guitarra.

13. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Vozes dava marinero, vozes dava que llorava.

- 2 – Quanto davas, marinero, quem da água te sacara?
– Daria-te o meu navio carregado de ouro e de prata.
4 – Não te quero o teu navio carregado de ouro nem de prata,
só quero, quando tu mueras, que me dês parte em tu alma.
6 – Arrenea de mim, mau demónio, que tu me estás a atentar,
mi alma dejola a Dios e à Virgem Pura Sagrada.
8 A cabeça dejola às formigas, que dela façam morada,
os olhos dejolos a um cego pra que veja sua jornada,
10 os braços dejolos a um coto para qu’ faça a sua segada,
as pernas dejolos a um manco pa’ qu’ ande a sua jornada,
12 as tripas a um guitarrero para cordas de guitarra,
a pele a um sarandeiro para crivos e sarandas,
14 os cojones ao senhor cura e o resto à sua criada.

14. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Vozes dava marinero, vozes dava que s’ ahogava.

- 2 Respondeu-lhe o mau demónio do outro lado del agua:
– Quanto davas tu, marinero, a quem del agua te sacara?
4 – Daria-te el meu navio carregadinho de ouro e prata.
– Não quero o teu navio nem tu ouro nem tu prata.
6 Quero, quando tu morras, que me dejes parte nel alma.
– Minha alma não ta dejo, que a tengo encomendada,
8 minha alma dejola a Dios e mais à Virgem Sagrada.
La cabeça às formigas para que dela façam morada,
10 os olhos los dejo aos cegos pra que vejam por donde andam,

- a língua dejola aos mudos pra que digam suas palavras,
 12 os braços los dejo a um coto pra que ganhe a sua jornada,
 as tripas a um guitarreiro para cordas de guitarra,
 14 as pernas dejolas aos mancos para que andem sua jornada,
 os cojones ao senhor cura e a gaita prà criada.

Variantes: 5a Não te quero; 7b já a tengo; 10b andem sua jornada; 12 os braços a um jornaleiro para que façam a sua segada; 13b cordinhas.

15. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Manuel Augusto Vaz, 71 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' ahogava.
 2 Respondeu-lhe o mau demónio do outro lado da água:
 – Quanto davas tu, marinheiro, quem del agua te sacara?
 4 – Daria-te o meu navio carregado de ouro e prata.
 – Não quero o teu navio nem teu ouro nem tu prata.
 6 Quero, quando te morras, me deias parte na tu alma.
 – Mal o haja de ti, mau demónio, e mais a tua palavra,
 8 minha alma deixo-la a Dios e mais à Virgem Sagrada.
 A cabeça deixo à formiga para que dela faças morada,
 10 os ouvidos deixo-los aos surdos para que ouçam as suas falas,
 os olhos deixo-los aos cegos para que vejam por donde andam,
 12 los dentes deixo-los às viejas para morder as talhadas,
 los braços deixo-los aos cotos para que ganhem o seu jornal,
 14 las tripas a um guitarrero para cordas de guitarra,
 las pernas dejolas aos cojos para que andem a sua jornada,
 16 los cojones ao senhor cura e el resto para a criada.

16. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Vozes dava el marinero, vozes dava que s' ahogava.
 2 – Quanto darias tu, marinero, quem del agua te sacara?

- Daria-te o meu navio carregadinho de ouro e prata.
- 4 – Eu não quero o teu navio nem tu ouro nem tu prata.
Só quero que, em tu morrendo, me dês parte na tu alma.
- 6 – Minha alma não é para ti, que a tengo encomendada,
minha alma é para Dios e para la Virgem Sagrada.
- 8 A cabeça dejo às formigas pra que dela façam morada,
os olhos los dejo aos cegos pra que veja por donde anda,
- 10 a boca la dejo a um mudo pra que deiam las suas falas,
los brazos los dejo a um coto pra que maneie a sua espada,
- 12 las tripas a um guitarrista para cordas de guitarra,
las pernas los dejo a um manco pra que ande a sua jornada,
- 14 los cojones a el senhor cura e o resto é prà criada.

17. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Vozes dava el marinero, voces dava que se ahogaba.
- 2 Respondeu el mal demónio del otro lado del agua:
– Quanto deras, marinero, a quem da água te sacara?
- 4 – Te dava mis navios carregados d’ouro e plata.
– Não quero tu navio nem tu ouro nem tu plata,
6 só quero tu, marinero, que me dês parte em tu alma.
– Minha alma non ta dejo, que la tenho encomendada,
8 é pra Dios del cielo e pa la Virgem Sagrada.
– A cabeça é para os tontos pa tomarem juízo,
10 los ojos los dejo al ciego pa caminar la jornada,
a língua la dejo a um mudo, pra que lavre sua palabra,
12 os braços los dejo a los cotos pra manear la espada,
mis pernas dejo a un cojo pra que ande su jornada,
14 las tripas las dejo a um guitarrista pàs cordas de guitarra,
los cojones los dejo al cura e a piça à criada.
- 16 – A alma deixo a Deus e o corpo o deito ao mar.
Tomou-o um anjo nos braços, não o deixou afogar.

18. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dária Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

Vozes dá o marinheiro, vozes dá que se afogava.

- 2 – Quanto davas tu, marinheiro, a quem da água te livrava?
 – Dou-te a minha cabeça pra que nela tenhas morada,
 4 dou os meus braços pra que nela toques a guitarra,
 dou as minhas tripas (.....),
 6 dou os meus pés pra andar a jornada,
 (.....)

19. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' afundava.

- 2 Respondeu-lh' o mau demónio do outro lado da água:
 – Quanto davas, marinheiro, a quem te a ti salvava?
 4 – Darei-te um dos meus navios, o do ouro ou o de prata.
 – Nem te quero os teus navios, nem te quero o navio de prata,
 6 só quero, quando tu morreres, que me deixes a tua alma.
 – Minha alma não ta deixo, entrego-a à Virgem Sagrada.
 8 O meu corpo deixo aos peixes [.....]
 e a cabeça às formigas pra que dela façam morada,
 (.....)

20. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' afundava.

- 2 Respondeu-l' o mau demónio do outro lado da água:
 – Quanto daras, marinheiro, a quem da água te sacara?
 4 – Dara-te os meus navios, os do ouro e os da prata.
 – Não quero os teus navios, nem os d' ouro nem os da prata,
 6 quero a tua alma para comigo a levar.
 – A minh' alma dou a Deus, meu corpo aos peixes d' água.
 8 A cabeça deixo às formigas pra que nela façam morada,

- as pernas deixo-as aos coxos pra andar a sua jornada,
 10 os braços deixo-os aos cotos pra manejar a espada,
 as tripas deixo-as aos cegos pra cordas de guitarra,
 12 os colhões deixo-os ao cura e o caralho à criada.

Variante: 3b do mar te tirara.

21. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' afogava.
 2 Respondeu-lhe o mau demónio do outro lado da água:
 – Quanto davas, marinheiro, a quem da água te tirava?
 4 – Dava-te o meu navio, o do ouro e o da prata.
 – Não quero os teus navios, nem o d' ouro nem da prata,
 6 eu só queria, marinheiro, que me desses tua alma.
 – Retira-te, ó mau demónio, prò outro lado da água.

22. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 82 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' afogava.
 2 Respondeu-l' o mau demónio do outro lado da água:
 – Quanto dás, ó marinheiro, a quem da água te tirava?
 4 – Dava-te os meus navios, os do ouro e os da prata.
 – Não te quero os teus navios, nem os do ouro nem os da prata,
 6 só quero, quando morreres, que me dês a tua alma.
 – Minha alma deixo-a a Deus e o corpo òs peixes do mar.
 8 A cabeça deixo às formigas pra que dela façam muralha,
 as tripas deixo aos cegos pra cordinhas de guitarra,
 10 as pernas deixo aos mancos pra que delas andem jornada,
 os olhos deixo aos cegos pra que corram nas estradas.

Variantes: 1b qu' ele; 3a dás tu; 4a Eu dava-te; 5a Nem / Eu não; 5b nem o ouro nem da prata; 6a quero; 7 A minha alma deixo a Deus e o corpo à terra fria; 8 os colhões à minha avó e o resto à minha tia; 9a as minhas.

23. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dá que s' afogava.
- 2 – Quanto dás tu, ó marinheiro, quem da água te tirava?
– Dara-te o meu navio, o que trago no mar.
- 4 – Não quero o teu navio, que te custou a ganhar.
– Dara-te muito dinheiro, que o não puderas contar.
- 6 – Não quero o teu dinheiro, que te custou a ganhar,
só quero a tua alma para comigo a levar.
- 8 – Arreda, mau demónio, arreda para além do mar,
a minha alma é para Deus e o corpo dou-o ao mar.

Variantes: 5a tanto; 8b não me estejas a atentar.

24. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dá que s' afogava.
- 2 Respondeu-lh' o mau demónio do outro lado da água:
– Quanto davas, marinheiro, quem da água te tirasse?
- 4 – Eu daria os meus navios, os do ouro e os da prata.
– Não te quero os teus navios, nem os do ouro nem os da prata,
- 6 só quero, quando morreres, que me deixes tua alma.
– Arreda, arreda, demónio, arreda, vá, Satanás.
- 8 Minh' alma deixo-a a Deus, meu corpo aos peixes d' água.
Minha cabeça às formigas pra que dela façam morada,
- 10 minhas mãos deixo-as aos cotos pra que delas toquem guitarra,
meus olhos deixo aos cegos para verem (.....)
- 12 minhas pernas deixo-as aos mancos pra que delas sigam jornada,
minhas tripas deixo-as aos bandoleiros para cordas de guitarra.

Variantes: 7a diabo; 9a cabeça deixo; 10b co' elas; 12b pra que co' elas andem.

25. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

(.....)

- Só quero, quando morras, que me dês tua alma.
- 2 – Minh’ alma deixo-a a Deus, meu corpo aos peixes d’ água.
Minha cabeça às formigas pra qu’ elas façam morada,
- 4 meus olhos aos cegos pra que com eles andem jornada,
minha boca aos mudos pra lhe dar sua fala,
- 6 meus braços aos cotos pra que co’ eles toquem guitarra,
minhas pernas aos mancos pra que co’ elas andem jornada,
- 8 minhas tripas aos violeiros para cordas de guitarra,
e meus colhões ao padre e a picha à criada.

26. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dá que s’ afogava.
- 2 – Quanto davas, marinheiro, a quem da água te tirara?
– Daria-t’ os meus navios, os do ouro e os da prata.
- 4 – Não te quero os teus navios nem d’ ouro nem da prata,
só quero que, em tu morrendo, que me deixes tua alma.
- 6 – Minh’ alma deixo-a a Deus, meu corpo aos peixes d’ água.
Os braços deixo-os aos cotos pra que joguem a espada,
- 8 as pernas deixo-as aos mancos que nelas façam jornada,
as tripas deixo-as aos cegos pra cordinhas de guitarra,
- 10 os colhões deixo-os ao cura e o caralho à criada.

27. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dá que s’ afogava.
- 2 – Quanto davas tu, ó marinheiro, a quem da água te salvava?

- Dava-te os meus navios, os d’ouro e os da prata.
- 4 – Quanto mais davas tu, marinheiro, a quem da água te salvava?
– Dava-te a minha vacada que trago naquela serra a pastar.
- 6 – Quanto mais davas tu, marinheiro, a quem da água te salvava?
– Dava-te as minhas jóias, tudo quanto eu tivera.
- 8 – Não te quero as tuas jóias, nem nada do que disseras.
Aqui está o teu marido à tua beira.
- 10 – Se tu és o meu marido, nunca tanto m’intrujeras.
– Mas é que eu queria saber com quem eu lidera.

28. Versão de Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s’afogava.
- 2 – Quanto davas, marinheiro, a quem da água te tirava?
(.....)

29. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s’afogava.
- 2 Respondera-lh’o mau demónio das outras bandas da água:
– Quanto davas tu, ó marinheiro, a quem da água te livrara?
- 4 – Dara-l’eu os meus navios, os do ouro e os da prata.
– Não quero os teus navios, nem do ouro nem da prata,
- 6 só quero a tua alma para comigo a levar.
– Arrenego de ti, mau demónio, que m’estavas a atentar.
- 8 Minh’alma deixo-a a Deus, meu corpo aos peixes do mar,
minhas pernas aos aleijados pra que nelas possam andar,
- 10 meus braços deixo aos cotos pra joguem na mocada,
minhas tripas deixo aos tocadores pra cordas de guitarra,
- 12 meus olhos deixo aos cegos pra que tenham na vista clara,
minha cabeça deixo às formigas pra que dela façam muralha.

30. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

Vozes dava o marinheiro, vozes dá que s' afundava.

- 2 – Quanto dás, ó marinheiro, a quem da água te tirara?
– Darei-t' o meu navio, os do ouro e os da prata.
- 4 – Nem te quero os teus navios, nem do ouro nem da prata,
só quero que, em tu morrendo, me deixes a tua alma.
- 6 – Minh' alma deixo-a a Deus, meu corpo à terra fria,
o caralho à minha avó, a porra à minha tia.

31. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais) e João Baptista Pinheiro, 66 anos, natural da Ponte da Arranca (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s' afogava.

- 2 Respondeu-l' o mau demónio lá das outras bandas da água:
– Quanto davas, marinheiro, a quem do mar te salvava?
- 4 – Darei-te os meus navios, os do ouro e os da prata.
– Não te quero os teus navios, nem os do ouro nem os da prata,
só quero, quando morreres, que me dês a tua alma.
- 6 – Arrenega, mau demónio, qu' a ti não te deixo nada.
- 8 Minh' alma entrego-a a Deus, meu corpo à terra sagrada.
Minhas pernas deixo aos mancos que deiam sua jornada,
- 10 meus braços deixo aos coxos (*sic*) que manobrem a espada,
minha cabeça deixo às formigas pra que dela façam morada,
- 12 minhas tripas deixo aos cegos pra cordinhas de guitarra.

32. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

Vozes dava o marinheiro, vozes dá que s' afogava.

- 2 Respondeu-lh' o mau demónio das outras bandas da água:
– Quanto davas, marinheiro, a quem da água te tirara?
- 4 – Dava-te os meus navios, os do ouro e os da prata.

– Não quero os teus navios, nem os d'ouro nem da prata,
 6 só quero que, em tu morrendo, me deixes a tua alma.
 – Arrenego de ti, demónio, que m'estavas a atentar.
 8 Minha alma é para Deus, meu corpo aos peixes d'água,
 minhas pernas deixo aos mancos pra que nelas andem jornada,
 10 meus braços deixo aos cotos pra que joguem a espada,
 minha cabeça às formigas pra que nela façam morada,
 12 minhas tripas deixo aos cegos pra cordas de guitarra,
 meu coração lisonjeiro deixo à Virgem Sagrada.

33. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

Vozes dava o marinheiro, vozes dava que s'afogava.
 2 – Quanto davas, marinheiro, quem da morte te livrava?
 – Daria um navio d'ouro e outro de prata dourada.
 4 – Não te quero navio d'ouro nem de prata dourada,
 só quero que, em tu morrendo, me deixes a tua alma.
 6 – Minha alma deixo-a a Deus e o corpo à terra sagrada.
 As pernas deixo-as aos coxos para andarem a jornada,
 8 as tripas deixo-as aos cegos pra cordinhas de guitarra,
 os braços deixo-os aos cotos pra jogarem a espada,
 10 e a cabeça às formigas pra nela fazerem morada.
 Retira-te, ó mau demónio, só a ti não te dou nada.

Variantes: 7a minhas pernas deixo-as aos mancos; 8a minhas; 9a meus.

LIV. A VIRGEM MARIA E O CEGO

1. Versão de Rio de Onor (concelho de Bragança), recitada por Arcângela do Nascimento Ximeno, 80 anos. Recolhida no dia 28 de agosto de 1980.

Allá va Nuestra Señora viejita para Belén,
 2 lleva su niño en los brazos es Jesús y Lazaren.

- Llegou al medio del camiño, pide el niño de comer.
- 4 Las aguas iban muy turbias y no se podían beber.
Allí abajo hay una huerta que ricas manzanas tiene.
- 6 El guardador que las guarda era ciego que no ve.
– Ciego, dadme una manzana para este niño comer.
- 8 Las aguas iban muy turbias y no se pueden beber.
– Entre usted la señorita, entre las usted coger,
- 10 Coja de las camoisitas que tienen dulce el comer.
– Ciego, vete para tu casa a ver hijos y mujer,
- 12 tu mujer como una rosa, tus hijos como un cravel.
– ¿Ciego, quién te ha dado vista, ciego, quién te ha dado el ver?
- 14 – Ha sido una señorita que la Virgen podía ser.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
2 com o seu menino nos braços, que assim lhe fica de bem.
Lá no meio do caminho, deitou os olhos além,
4 avistou um maçanal que ricas maçanas tem.
O guardador que as guarda cego é, não via bem.
6 – Dá-me uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.
– Não dou uma nem dou duas, dou-lh' as qu' o menino comer.
8 O menino comeu a maçã, o cego começou a ver.
– Quem te deu vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
10 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que ela tem esse poder.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
2 com seu menino nos braços, qu' assim lhe fica de bem.
Passaram por um maçanal que ricas maçanas tem.
4 O guardador que as guardava era cego, não via bem.
– Dá-m' uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.
6 – Nem lhe dou uma nem duas, dou-l' as qu' o menino quiser.

- O menino comeu a maçã, o cego começou a ver.
 8 – Quem te deu vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 – Foi a Virgem Nossa Senhora, qu’ ela tem esse poder.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 c’ o seu menino nos braços, qu’ assim lhe fica de bem.
 Lá no meio do caminho, seus olhos deitou além,
 4 avistou um maçanal, oh, que ricas maçanas tem.
 O guardador que as guardava era cego, não via bem.
 6 – Dá-me uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.
 – Nem dou uma nem dou duas, dou-l’ as qu’ o menino comer.
 8 O menino comeu a maçã e o cego empezou a ver.
 – Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 10 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que tinha todo o poder.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 c’ o seu menino nos braços, que assim lhe fica de bem.
 Lá no meio do caminho, deitou os olhos além,
 4 avistou um maçanal que ricas maçanas tem.
 O guardador que as guardava era cego, não via bem.
 6 – Dás-m’ uma maçã, ó cego, prò meu menino comer?
 – Não lhe dou uma nem duas, dou as que o menino comer.
 8 O menino comeu a maçã e o cego começou a ver.
 – Quem te deu vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 10 – Foi a Virgem Mãe de Deus, que ela tinha esse poder.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 com o seu menino nos braços, que assim lhe fica de bem.
 Lá no meio do caminho, deitou os olhos além,
 4 avistou um maçanal que ricas maçanas tem.
 O guardador que as guardava era cego, não via bem.
 6 – Dá-me uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.
 – Entre lá a real senhora, entre e vá a colher.
 8 Nem lhe dou uma nem lhe dou duas, dou-lh’as qu’o menino comer.
 O menino comeu a maçã e o cego começou a ver.
 10 – Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que ela tem esse poder.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 c’o seu menino nos braços, que lhe ficava de bem.
 Lá no meio do caminho, deitou os olhos além,
 4 avistou um maçanal que ricas maçanas tem.
 O guardador que as guarda é cego, não via bem.
 6 – Dá-me uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.
 – Não lhe dou uma nem duas, dou-lh’o qu’o menino colher.
 8 O menino comeu a maçã, o cego começou a ver.
 – Quem te deu vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 10 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que ela tinha esse poder.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 com o seu filhinho nos braços, que assim lhe fica de bem.

- Lá no meio do caminho, deitou os olhos além,
 4 avistou um maçanal que ricas maçanas tem.
 O guardador que as guardava era cego e não via bem.
 6 – Dás-me uma maçã, ó cego, prò meu menino comer?
 – Eu não te dou uma nem dou duas, dou-t’ as qu’ o menino comer.
 8 O menino comeu as maçãs e o cego começou a ver.
 – Quem te deu vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 10 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que tinha todo o seu poder.

Variante: 3b botou.

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 com o seu menino nos braços, que assim lhe fica de bem.
 Lá no meio do caminho, deitaram nos olhos além,
 4 avistaram um maçanal que ricas maçanas tem.
 O guardador que as guardava era cego e não via bem.
 6 – Dá-me uma maçã, ó cego, prò meu menino comer?
 – Nem dou uma nem dou duas, dou as que o menino comer.
 8 O menino comeu a maçã e o cego começou a ver.
 Dali foi pra sua casa, mulher e filho foi ver.
 10 – Quem te deu vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que só ela tinha o poder.

Variante: 2b fica-lhe bem.

10. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Lá vai Nossa Senhora do Egipto para Belém.
 2 – Oh, que rico maçanal, que ricas maçanas tem!

- O pastor que a guardava cego é, não via bem.
- 4 – Dás-m' uma maçã, ó cego, pra o meu menino comer.
– Entre a Senhora para dentro e colha quantas quiser.
- 6 O menino comeu a maçã, o cego principiou a ver.
Dali foi pra sua casa a ver filhos e mulher.
- 8 – Quem te deu vista, ó cego, quem é que te deu tal ver?
– Foi a Virgem Nossa Senhora, que só ela tinha esse poder.

Variante: 2a grande.

11. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Silvério Amaral Afonso, 73 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto pra Belém,
2 seu filho leva nos braços, assim lhe ficava bem.
Lá no meio do caminho, seus olhos deitou além.
- 4 Avistara um macenal, oh, que ricos macenos tem.
E o pastor que os guardava era cego, não via bem.
- 6 – Dás-m' um maceno, ó cego, prò meu menino comer?
– Não lhe dou uma nem duas, dou todas quantas quiseres.
- 8 Entre a senhora lá dentro e colha as que comer.
O menino comeu o maceno, o cego começou a ver.
- 10 – Quem te deu a vista, ó cego, ó cego, quem te deu tal ver?
– Foi a Virgem Nossa Senhora, que ela tem todo o poder.

Variantes: 8b que quiser; 9a a maçã.

12. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por José Martinho Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhã,
2 avistara um maçanal, oh, que ricas maçanas tem.
O pastor que as guardava era cego, não via bem.
- 4 – Dá-m' uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.

- Nem dou uma nem dou duas, vá-as a senhora colher.
 6 O menino comeu a maçã, o cego começou a ver.
 – Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 8 – Foi a Virgem Nossa Senhora, qu’ela tinha todo o poder.

13. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 seu filho leva nos braços, filho de José Nazarém.
 Lá no meio do caminho, deitou os olhos além,
 4 encontrou um maçanal, oh, que ricas maçanas tem.
 O pastor que as guardava era cego, não via bem.
 6 – Dá-m’ uma maçã, ó cego, prò meu menino comer.
 – Não dou uma nem dou duas, dou as que o menino comer.
 8 Entre a senhora lá dentro, vá a senhora colher.
 O menino comeu a maçã e o cego começou a ver.
 10 – Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu tal ver?
 – Foi Nossa Senhora, que tinha todo o poder.

Variante: 4a avistou.

14. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém,
 2 menino leva nos braços, a Jesus de Nazarém.
 Chegou ao meio do caminho, deitou os olhos além,
 4 vira estar um maçanal que lindas maçanas tem.
 E o pastor que as guardava cego é, que não vê bem.
 6 – Dá-m’ uma maçã, ó cego, para este menino comer.
 – Não te dou uma nem duas, dou-t’as que o menino quiser.
 8 O menino comeu a maçã, cego começou a ver.
 – Cego, quem te deu tal vista, cego, quem te deu tal poder?
 10 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que tinha todo o poder.

15. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Delmina dos Santos, 53 anos. Recollida no dia 7 de setembro de 1987.

- Aí vai Nossa Senhora do Egípto para Belém,
 2 c' o seu menino nos braços, ao longe ficava bem.
 (.....)
 – Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu esse tal ver?
 4 Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu esse prazer?
 – Foi a Virgem Nossa Senhora (.....).

16. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recollida no dia 11 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora do Egípto para Belém,
 2 seu filho leva nos braços, a Jesus de Nazaré.
 Chegou ao meio do caminho, seus olhos deitou além,
 4 avistou um maçanal carregadinho de maçãs.
 O pastor que as guardava cego era, não via bem.
 6 – Dá-me uma maçã, ó cego, para o menino comer.
 – Entre lá, minha senhora, entre lá, dá-lhe a escolher.
 8 Não digo uma nem duas, as que o menino quiser.
 O menino comeu a maçã, o cego começou a ver.
 10 – Quem te deu a vista, ó cego, quem te deu esse teu ver?
 – Foi a Virgem Nossa Senhora, que tem todo o poder.

LV. BEM MADRUGAVA A DONZELA

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recollida no dia 27 de agosto de 1981.

- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhã,
 2 a pedir a Deus do céu que lhe desse uma companha.
 Deu-lhe Deus uma menina, que ao sol se assemelhava,

- 4 já andava em sete anos sem ela ser baptizada.
Ao cabo dos sete anos, para a igreja caminhava.
- 6 – Senhora, quero o batismo, eu quero ser batizada.
– Quem queres tu por padrinhos, de quem queres ser afillhada?
- 8 – Por padrinho a Deus do céu, madrinha a Virgem Sagrada.
– Bendita seja a donzela, oh, que foi de apadrinhada,
- 10 que ricos padrinhos tinha para salvar a sua alma!

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa, 71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Bem madrugava a donzela no domingo de manhã,
2 pedindo a Deus do céu que lhe desse uma companha.
Deu-lhe Deus uma menina, ao sol se assemelhava.
- 4 Ao cabo de sete anos, para a igreja caminhava.
– Senhor cura, quero o batismo, eu quero ser batizada.
- 6 – Quem queres para teus padrinhos, de quem queres ser afillhada?
– Para padrinho Deus do céu, madrinha a Virgem Sagrada.
- 8 – Oh, que ricos padrinhos tens para salvação da tua alma!

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Muito madrugava a donzela ao domingo de manhã,
2 foi pedir a Deus do céu que lhe desse uma companha.
Deu-lhe Deus uma menina, que a ele se assemelhasse,
- 4 sete anos tinha de idade sem ser batizada,
com sua boca dizia, com sua língua falava:
- 6 – Minha mãe quero o batismo, eu quero ser batizada.
– Quem queres tu para padrinhos, quem queres tu ser afillhada?
- 8 – Padrinho Deus do céu, madrinha a Virgem Sagrada.
– Ditosa da donzela que assim foi de afortunada,
- 10 que ricos padrinhos teve para salvar a sua alma!

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Bem madrugava a donzela no domingo de manhã,
2 pedindo a Deus do céu que lhe desse uma companha.
Deu-lhe Deus uma menina, que ao sol se assemelhava,
4 teve-a sete anos em casa e ela sem ser batizada.
Ao cabo de sete anos, para a igreja caminhava.
6 – Senhora, eu quero o batismo, eu quero ser batizada.
– Quem queres tu para madrinha, de quem queres ser afilhada?
8 – Padrinho a Deus do céu, madrinha a Virgem Sagrada.
– Oh, que ricos padrinhos tens para salvar a tua alma,
10 oh, ditosa da donzela, oh, que foi de apadrinhada!

5. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhã,
2 pedindo a Deus do céu que lhe desse uma companha.
Deu-lhe Deus uma menina, qu'ela ao céu s'assemelhava.
4 Sete anos a teve com ela, sete sem ser batizada.
Ao cabo dos sete anos, prà igreja caminhava,
6 lá no meio do caminho, encontra a Virgem Sagrada.
A Virgem lhe perguntou se queria ser batizada.
8 – Quem escolhes para padrinho, de quem queres ser afilhada?
– Padrinho é Deus do céu, madrinha a Virgem Sagrada.
10 – Oh, ditosa da donzela qu'assim foi d'afortunada,
escolheu padrinhos do Céu pra salvar a sua alma!

6. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Bem madrugava a donzela domingo de manhana,
2 pedindo a Deus do céu que lhe desse uma companha.

- Deus lhe deu uma menina, ao céu s' assemelhava.
- 4 Ao cabo de sete anos, pediu pra ser batizada.
– Quem queres pra madrinha, de quem queres ser afilhada?
- 6 – Padrinho é Nosso Senhor, madrinha a Virgem Sagrada.
– Ditosa da donzela que foi bem apadrinhada,
- 8 arranjou padrinhos no Céu pra salvar a sua alma!

Variante: 7b qu' assim foi de.

7. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1981 e 18 de agosto de 1982.

- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhã,
- 2 a ir pedir à Virgem que lhe desse uma companha.
Ela disse que lha daria, muito bem adonairada.
- 4 Ò cabo de nove meses, donzela saiu prenhada.
Ela trouxe uma menina, que ao céu se assemelhava.
- 6 Ò cabo de oito dias, para a igreja caminhara,
chegou ao meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
- 8 – Menina, queredes batismo, queredes ser batizada?
– Batismo quero, Senhora, eu quero ser batizada.
- 10 – Quem tomas por padrinho, de quem queres ser afilhada?
– Padrinho é Deus do Céu, madrinha a Virgem Sagrada.
- 12 – Oh, ditosa da donzela, oh, que está de apadrinhada,
tomou padrinhos do Céu pra salva' la sua alma!

Variantes: 2a procurar; 5b sol; 9a Senhora, quero o baptismo; 10a A quem; 11b madrinha é; 13a no.

8. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhana,
- 2 a pedir a Deus do céu que lhe desse uma companha.
Deus lhe deu uma menina, qu' ela ao sol s' assemelhava,
- 4 sete anos a teve em casa sem na ter batizada.

- Ao cabo de sete anos, para a igreja caminhava.
- 6 Lá no meio do caminho, encontrou a Virgem Sagrada.
– Senhora, quero o batismo, senhora, quero ser batizada.
- 8 – Quem queres que seja tua madrinha, de quem queres ser afilhada?
– Padrinho Deus do Céu, madrinha a Virgem Sagrada.
- 10 – Muito bem, minha menina, muito bem apadrinhada,
tomou padrinhos do Céu pra salva' la sua alma!

LVI. OH, QUE LINDOS PRADOS VERDES

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Eu bem vi um valerzinho cheio de robles cercado.
- 2 Eu bem vi um pastorinho dando voltas ao seu gado,
dando voltas e revoltas, já estava revolteado.
- 4 A cajata era d'ouro e o serrão sobre o dourado.
Dentro do serrão trazia um pano agaloado,
- 6 numa ponta tinha a lua e noutra o sol arraiado,
lá no meio disso tudo, trazia Jesus pintado.

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Eu bem vi um valerzinho cheio de robles cercado.
- 2 Eu bem vi um pastorzinho dando voltas ao seu gado,
dava voltas e revoltas, ficava bem revolteado.
- 4 A cajata era d'ouro e o serrão sobre dourado.
Entre meio disso tudo, dava voltas ao seu gado.
- 6 Dentro do serrão trazia um pano agaloado,
numa ponta tinha a lua, noutra o sol arraiado,
- 8 no meio disso tudo, Jesus pintado.

Variantes: 1a o; 2b ficou; 3a dando; 3b ficou; 6a punha; 7 numa ponta tinha o São Roque, noutra Jesus pintado.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Eu bem vi o Valerzinho dando voltas a seu gado,
 2 dando voltas e revoltas, ficou bem revoltado.
 A cajata era d'ouro e o serrão sobre dourado,
 4 e dentro do serrão trazia (.....)
 (.....) Jesus Cristo pintado.

Variantes: 1a um; 1b ao.

Nota: A informante explica que o pastor se chamava Valério, daí Valerzinho.

LVII. NAU CATRINETA

1. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por Ana Fernandes, 76 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

Lá vem a nau Catrineta que traz muito que contar,
 2 ouvi agora, senhores, uma história de pasmar.
 Passava mais de ano e dia que nós em volta do mar,
 4 já não tinham que comer, já não tinham que manjar.
 Deitam sortes à ventura qual se havia de matar.
 6 Logo foi cair a sorte ao capitão-general.
 – Acima, acima, gajeiro, àquele mastro real,
 8 a ver se enxergas Espanha, praias de Portugal.
 – Eu não enxergo Espanha nem praias de Portugal,
 10 só vejo sete espadas nuas que estão para te matar.
 – Acima, acima, gajeiro, àquele mastro real,
 12 a ver se enxergas Espanha, areias de Portugal.
 – Eu já enxergo Espanha e areias de Portugal
 14 e vejo três meninas debaixo dum laranjal.
 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!

- 16 E a mais formosa de todas contigo a hei de casar.
 – Eu não quero a vossa filha, que vos custou a criar.
- 18 – Dar-te eu tanto dinheiro que não o possas contar.
 – Eu não quero o vosso dinheiro, que vos custou a ganhar.
- 20 – Dar-te eu o meu cavalo branco que não houve outro igual.
 – Não quero o vosso cavalo, que vos custou a ensinar.
- 22 – Que queres tu, meu gajeiro, que alvissaras t’eu hei de dar?
 – Meu capitão, meu capitão general,
- 24 eu quero vossa alma para comigo a levar.
 – Renego de ti, demónio, que me estavas a atentar.
- 26 Minha alma é só de Deus e o corpo dou eu ao mar.
 Tomou-o um anjo nos braços, não o deixou afogar
- 28 e à noite a nau Catrineta estava em terras a varar.

2. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Francisco Barreira, que o aprendeu num livro. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar.
- 2 Já passava de ano e dia que andava na volta do mar,
 já não tinham que comer, já não tinham que tragar.
- 4 Deitaram sola de molho para ao outro dia jantar,
 mas a sola era tão rija que não na puderam tragar.
- 6 Deitaram sortes à ventura qual haviam de matar.
 Quem lhe havia de cair a sorte? Ao capitão-general.
- 8 – Acima, acima, gajeiro, acima ao tope real.
 – Já vejo terras de Espanha e praias de Portugal.
- 10 – Acima, acima, gajeiro, acima ainda ao tope real.
 – Não enxergo três meninas debaixo dum laranjal.
- 12 Uma estava sentada a coser e outra na roca a fiar
 e a mais formosa de todos no meio a chorar.
- 14 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
 A mais formosa de todas, consigo a hei de casar.
- 16 – A outra não a quero, que lha custou a criar.
 Só quero a sua alma, para comigo a levar.
- 18 – A minha alma não lha dou [.....]

que a alma é só para Deus, o corpo dou eu ao mar.
 20 Deu um estouro o demónio que acalmou o vento e mar.

3. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

Lá vai a nau Catrineta que tem muito que contar.
 2 Passava d' ano e dia que andava na volta do mar,
 já não tinham que comer, não tinham que manjar.
 4 Deitaram sola de molho pra outro dia jantar,
 mas a sola era tão rija que a não puderam tragar.
 6 Deitaram sortes à ventura qual s' havia de matar,
 a sorte foi cair no capitão-general.
 8 – Sobe, sobe, marujinho, sobe àquele poste real,
 vê se vês terras d' Espanha e praias de Portugal.
 10 – Não vejo terras d' Espanha nem praias de Portugal,
 só vejo três espadas nuas que estão para te matar.
 12 – Sobe, sobe, marujinho, sobe ao poste real,
 a ver se vês terras d' Espanha e areias de Portugal.
 14 – Não vejo terras d' Espanha nem areias de Portugal,
 só vejo três meninas debaixo dum laranjal.
 16 Uma está a coser, outra na roca a fiar
 e a mais bonita de todas está no meio a chorar.
 18 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
 A mais bonita de todas é pra contigo casar.
 20 – Não quero as vossas filhas, que vos custaram a criar.
 – Dou-te tanto dinheiro que o não possas contar.
 22 – Não quero o vosso dinheiro, que vos custou a ganhar.
 – Darei-t' a nau Catrineta para nela navegar.
 24 – Não quero a nau Catrineta, que a não sei governar.
 – Que queres tu, ó meu gajeiro, que alvíssaras te hei d' eu dar?
 26 – Quero, capitão, a tua alma, para comigo a levar.
 – Arrenego de ti, demónio, que me estavas a atentar.
 28 Minha alma é só de Deus, o meu corpo o dou ao mar.
 Deu um estouro o demónio (.....)
 30 E à noite a nau Catrineta já estava em terra a varar.

Variantes de 1981: 1a Lá vem; entre os versos 1 e 2 Ouvi agora, senhores, uma história de pasmarr; 3 Já não tinha que comer, já não tinha que manjar; 6b quem s' havia de ir matar; 7 a sorte logo foi cair ao capitão-general; 8b ao poste real; 9b areias de Portugal; 10b areias de Portugal; 17a formosa; 19 a mais formosa de todas contigo a hei de casar; 20 Não quero a vossa filha, que vos custou a criar; 21a Darei-te; 28 A minha alma é só de Deus, o meu corpo o dou eu ao mar; 29 Tomou-o um anjo nos braços e não o deixou afogar.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Lá vai a nau Catrineta que tem muito que contar.
- 2 Havia mais d'ano e dia que andavam de volta do mar.
Já não tinham que comer, já não tinham que manjar,
- 4 deitaram sola de molho prò outro dia jantar.
Deitaram sortes à ventura qual haviam de matar,
- 6 logo foi cair a sorte no capitão-general.
– Arriba, arriba, gajeiro, arriba ao tope real,
- 8 a ver se avistas Espanhas, areias de Portugal.
– Não avisto Espanha nem areias de Portugal.
- 10 – Arriba, arriba, gajeiro, arriba ao tope real,
a ver se avistas Espanhas, areias de Portugal.
- 12 – Não avisto Espanha nem areias de Portugal,
avisto três meninas debaixo dum laranjal,
- 14 uma sentada a coser, outra na roca a fiar.
– Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
- 16 A mais formosa de todas contigo a hei de casar.
– Arriba, arriba, gajeiro, arriba ao tope real,
- 18 a ver se avistas Espanhas, areias de Portugal.
– Nem vejo terras d' Espanha nem areias de Portugal,
- 20 avisto as três meninas debaixo do laranjal.
– Todas três são minhas filhas, oh, quem as dera abraçar!
- 22 – Quanto darias tu a quem as trouxesse aqui a teu par?
– Daria-te a nau Catrineta para com ela casar.
- 24 – Eu não quero a nau Catrineta para com ela casar.
Quanto darias, capitão, a quem tas trouxesse a abraçar?

- 26 – Daria tanto dinheiro que nem o saberia contar,
daria o meu navio para contigo navegar.
- 28 – Eu não quero o teu dinheiro nem quero o teu navio.
Mas quanto darias a quem tas trouxesse a abraçar?
- 30 – Que quererás tu, meu gajeiro, que alvíssaras te hei de dar?
– Quero a tua alma, capitão, para comigo a levar.
- 32 – Arrengo de ti, demónio, que me estavas a atentar,
a minha alma a Deus pertence, o corpo dou-o ao mar.
- 34 Tomou-o um anjo nos braços, não o deixou afogar.
Deu um estouro o demónio, acalmaram vento e mar
- 36 e à noite a nau Catrineta estava em terra a varar.

5. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Fernandes, 74 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Lá vem a nau Catrineta que traz muito que contar.
- 2 Passava d' ano e dia que andava em volta do mar,
eles não tinham que comer nem tinham que manjar.
- 4 Botaram solas de molho para o outro dia jantar,
mas a sola era tão rija que a não puderam tragar.
- 6 – Donde vais tu, marujinho, donde vais tu navegar?
(.....)

6. Versão de São Pedro de Sarracenos (concelho de Bragança), recitada por Silvério Amaral Afonso, 73 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1980.

- Lá vai a nau Catrineta que tem muito que contar,
- 2 ouvide agora, senhores, uma história de pasmar.
Passava d' ano e dias que iam na volta do mar,
- 4 já não tinham que comer, já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho para o outro dia jantar,
- 6 mas a sola era tão dura que a não podiam tragar.
Deitaram sortes à ventura qual s' havia de matar,
- 8 logo foi cair a sorte no capitão-general.
– Sobe, sobe, marujinho, a esse mastro real,
- 10 vê se vê terras d' Espanha e praias de Portugal.

- Não vejo terras d’Espanha nem praias de Portugal,
 12 vejo sete espadas numa que estão para me (*sic*) matar.
 – Acima, acima, gajeiro, acima ao tope real,
 14 olha se enxergas Espanha ou praias de Portugal.
 – Eu não enxergo Espanha nem areias de Portugal,
 16 só enxergo três meninas debaixo dum laranjal.
 Uma sentada a coser, outra na roca a fiar,
 18 a mais bonita de todas está no meio a chorar.
 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
 20 A mais formosa de todas contigo a hei de casar.
 – A tua filha não vos quero, que vos custou a criar.
 22 – Dar-te-ei de tanto dinheiro que o não possas contar.
 – Eu não quero o vosso dinheiro, que vos custou a ganhar.
 24 – Dar-te-ei do meu cavalo branco que nunca houve outro igual.
 – Eu não quero o vosso cavalo, que vos custou a ensinar.
 26 – Dar-te-ei da nau Catrineta para nela navegar.
 – Eu não quero a nau Catrineta, porque a não sei governar.
 28 – Que queres tu, meu brajeiro (*sic*), que alvissaras t’hei d’eu dar?
 – Capitão, quero a tua alma para comigo a levar.
 30 – Minha alma é só pra Deus e o corpo dou eu ao mar.
 Tomou-o um anjo nos braços, não o deixou afogar.
 32 Deu um estouro o demónio, ‘calmaram vento e mar
 e à noite a nau Catrineta estava em terra a varar.

**7. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz,
 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Lá se vai a nau Catrineta que tem muito que contar,
 2 escutem, meus senhores, esta história de pasmar.
 Passava anos e dias que andavam de volta do mar,
 4 já não tinham que comer, já não tinham que manjar.
 Deitaram a sola de molho prò outro dia jantar,
 6 a sola estava tão rija que a não puderam tragar.
 Deitaram sortes à ventura qual s’ havia d’ir matar,
 8 logo foi cair a sorte ao capitão-general.
 – Suba, suba, marujinho, àquele tope real,

- 10 a ver se enxergas terras d' Espanha, areias de Portugal.
 – Não enxergo terras d' Espanha nem areias de Portugal,
 12 enxergo sete espadas nuas que estão para te matar.
 – Acima, acima, meu gajeiro, acima àquele tope real,
 14 a ver se enxergas terras d' Espanha, areias de Portugal.
 – Já enxergo terras d' Espanha e areias de Portugal.
 16 Também enxergo três meninas debaixo dum laranja.
 Uma sentada a coser e outra na roca a fiar
 18 e a mais formosa de todas está no meio a chorar.
 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
 20 A mais formosa de todas contigo a hei de casar.
 – Não quero a vossa filha, que vos custou a criar.
 22 – Darei-te tanto dinheiro que o não possas tu contar.
 – Não quero o vosso dinheiro, que vos custou a ganhar.
 24 – Darei-t' o meu cavalo branco que não há outro igual.
 – Não quero o vosso cavalo, que vos custou a ensinar.
 26 – Darei-t' a nau Catrineta para co' ela navegar.
 – Não quero a nau Catrineta, que a não sei governar.
 28 – Que queres tu, meu gajeiro, que alvissaras te hei de dar?
 – Quero a tua alma, capitão, para comigo a levar.
 30 – Arrenego de ti, demónio, que me estás a atentar,
 minha alma é de Deus, meu corpo deito-o ao mar.
 32 Aparou-o um anjo nos braços, não o deixou afogar.

Variante: 27b guiar.

**8. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos.
 Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.**

- Lá vai a nau Catrineta que tem muito que contar,
 2 ouvide agora, senhores, uma história de pasmar.
 (.....)
 Botaram sola de molho prò outro dia jantar,
 4 mas a sola era tão dura que a não podiam tragar.
 Deitaram sortes à ventura qual se havia matar,
 6 logo foi cair a sorte no capitão-general.

- Arriba, arriba, gajeiro, arriba àquele mastro real,
 8 vê se vês terras de Espanha e praias de Portugal.
 – Nem vejo terras de Espanha nem praias de Portugal,
 10 vejo três donzelinhas no regueiro a lavar.
 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
 (.....)
 12 – Dara-te eu tanto dinheiro que o não puderas contar.
 – A minha alma dou-a a Deus, o corpo dou ao mar.

9. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar.
 2 Nem têm que comer, nem têm que manjar,
 botaram sola de molho prò outro dia almoçar.
 4 A sola era tão dura, não a podiam gramar.
 Deitaram sortes ao vento qual s’ havia de matar,
 6 logo por sorte caiu ao capitão-general.
 – Sobe, sobe, ó balãozinho, àquela torre real,
 8 a ver s’ avistas terras de Espanha ou areias de Portugal.
 – Não avisto terras de Espanha nem areias de Portugal.
 10 – Sobe, sobe, ó balãozinho, mais àquela serra real,
 a ver s’ avistas terras de Espanha ou areias de Portugal.
 12 – Alvissaras, meu capitão, alvissaras vos tenho a dar,
 já avisto terras de Espanha, areias de Portugal.
 14 Também avisto três meninas debaixo dum laranjal.
 Uma está a fiar e a outra está a [...?...]
 16 e a mais novinha de todas está no meio a chorar.
 – Todas três são minhas filhas, quem me dera d’as abraçar!
 18 Co’ a mais novinha de todas a ti t’ hei de casar.
 – Não te quero as tuas filhas, que te custaram a criar.
 20 – Então dou-t’ o meu cavalo que não há outro igual.
 – Eu não te quero o teu cavalo, que te custou a ensinar.
 22 Só quero a nau Catrineta, pra co’ ela navegar.

10. Versão de Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

Já lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar,
 2 ouvi agora, senhores, uma história de pasmar.
 Passava mais d'ano um dia que vinha na volta do mar,
 4 já não tinham que comer, já não tinham que manjar.
 Deitaram sola de molho para o outro dia jantar,
 6 mas a sola era tão rija que a não puderam tragar.
 Deitaram a sorte à ventura qual s' havia de matar,
 8 logo foi cair a sorte no capitão-general.
 – Sobe, sobe, marujinho, àquele mastro real,
 10 olha a ver se vês terras d' Espanha e areias de Portugal.
 – Não vejo terras d' Espanha nem areias de Portugal.
 12 – Sobe, sobe, marujinho, àquele mastro real,
 olha a ver se vês terras d' Espanha e praias de Portugal.
 14 – Já vejo terras d' Espanha e praias de Portugal,
 mas enxergo três meninas debaixo dum laranjal.
 16 Uma sentada a coser e outra na roca a fiar,
 a mais formosa de todas está no meio a chorar.
 18 – Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
 A mais formosa de todas contigo a hei de casar.
 20 – A tua filha não ta quero, que te custou a criar.
 – Darei-te tanto dinheiro que nem possas contar.
 22 – O teu dinheiro não quero, que te custou a ganhar.
 – Então que queres tu, meu gajeiro? [.....]
 24 – Quero o teu corpo para me alimentar.
 – A minha alma deixo-a a Deus e o meu corpo aos peixes d' água.

11. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

Lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar.
 2 Passava d'ano e dia que andavam na volta do mar,
 já não tinham que comer, já não tinham que manjar.

- 4 Deitaram sola de molho prò outro dia jantar,
mas a sola era tão rija que a não puderam tragar.
- 6 Deitaram sortes à ventura qual s’havia de matar,
todas sete lhe calharam ao capitão-general.
- 8 – Acima, acima, gajeiro, acima ao mastro real,
a ver se enxergas Espanha ou praias de Portugal.
- 10 – Não avisto terras d’Espanha nem praias de Portugal,
avisto sete espadas nuas que vêm para te matar.
- 12 – Acima, acima, gajeiro, acima ao mastro real,
a ver se enxergas Espanha ou praias de Portugal.
- 14 – Alvissaras, meu capitão, meu capitão-general,
já vejo terras d’Espanha, areias de Portugal.
- 16 Avisto três meninas debaixo dum laranjal.
Uma na meia a fazer, outra na roca a fiar,
18 a mais novinha de todas está no meio a chorar.
– Todas três são minhas filhas, oh, quem mas dera abraçar!
- 20 A mais bonita de todas contigo a hei de casar.
– Não quero a tua filha, que te custou a criar.
- 22 – Darei-te tanto dinheiro que não o possas contar.
– Não quero o teu dinheiro, que te custou a ganhar.
- 24 – Darei-t’o cavalo branco que não há outro igual.
– Não quero o teu cavalo, que te custou a ensinar.
- 26 – Darei-t’a nau Catrineta para co’ela no mar andar.
– Não quero a tua nau Catrineta, que a não sei comandar.
- 28 – Que queres tu, ó gajeiro, que alvissaras te hei de dar?
– Só quero a tua alma, para comigo a levar.
- 30 – Arrenega daqui, diabo, mais a tua má palavra,
minha alma deixo-a a Deus e o corpo deito-o ao mar.
- 32 Tomou-o um anjo nos braços e não o deixou afogar.

ROMANCES DEVOTOS VULGARES

LVIII. A FILHA DO LAVRADOR

1. *Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.*

- No alto daquela serra vive um rico lavrador,
 2 tinha uma filha mui linda, linda era com' ò sol.
 Namorara-lha um clero, um clero lha namorara.
 4 Set' anos andou com ela, sem nenhum se confessar,
 e ao cabo de sete anos, dizer missa madrugara.
 6 Baixou um anjo do céu e no altar se lhe pousara.
 – Que fazes aqui, sacerdote, que fazes aqui, pecador?
 8 – Estou para dizer missa, pra consagrar o Senhor.
 – Tu não estás pra dizer missa nem para consagrar o Senhor,
 10 tu estás pra ir prò inferno, qu' és um grande pecador.

Variante: 5a dos sete.

2. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 79 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

No alto daquela serra vive um rico lavrador,
 2 tinha uma filha muito linda, mais linda do que o sol.
 Namorara-lha um clero, um clero lha namorara.
 4 Prò outro dia de manhã, a dizer missa madrugara.
 – Que fazes aí, ó clero, que fazes aí, ó traidor?
 6 – Eu estou pra dizer missa, pra consagra' lo Senhor.
 – Tu não estás pra dizer missa, pra consagrar o Senhor,
 8 estás pra ir prò inferno, pra lá te manda o Senhor.

3. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Âmandio Augusto, 82 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

No alto daquela serra vive um rico lavrador,
 2 tinha uma filha muito linda, linda era como o sol.
 Namorera-la um c'rego (*sic*), um c'rego la namorera,
 4 sete anos andou co' ela sem nem um se confessar.
 Ao cabo de sete anos, a dizer missa madrugara.
 6 Baixou um anjo do céu, no altar se lhe pousava.
 – Que fazes aí, sacerdote, que fazes aí, pecador?
 8 – Estou para dizer missa, para lhe consagra' lo Senhor.
 – Nem estás para dizer missa nem para consagra' lo Senhor,
 10 estás prò inferno que lá te manda o Senhor.
 – Vou-me descalço para Roma a ver s' alcanço o perdão.
 12 – Para dizer missa sim, mas pra ir prò céu não.

Variantes: 1a Naquela serrinha alta; 2a tem; 6a Veio; 9 Tu não estás pra dizer missa nem pra consagra' lo Senhor; 10 tu estás pra ir prò inferno, pra lá te manda o Senhor.

LIX. O LAVRADOR DA ARADA

1. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), recitada por Alice dos Anjos Esteves, 49 anos, Manuel José Fernandes, 66 anos, Marcelina dos Prazeres Branco, 41 anos, e Maria do Carmo Morais, 76 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Ditoso do lavrador quando da sua lavoura vinha.
- 2 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
– Bem podias, ó lavrador, levar-me na tua burrinha.
- 4 O lavrador se desceu e o pobrezinho subia.
Levou-o para sua casa, para a melhor sala que tinha.
- 6 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
mandou-lhe guisar um coelho e refogar uma galinha,
- 8 mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ ele tinha.
Lá pelo meio da noite, o pobrezinho gemia.
- 10 – Ó meu Deus, quem me dera saber quem em casa eu tinha.
Levantou-se o lavrador a ver o pobrezinho o que tinha.
- 12 Pela noite adiante, o pobrezinho gemia.
O lavrador se levantou a ver o que o pobre tinha.
- 14 Viu-o na cruz cravado, numa cruz de prata fina.
– Ó meu Deus, se eu soubera que em minha casa vos tinha!
- 16 Mandaria fazer a ceia do melhor manjar que havia,
mandaria fazer a cama da melhor roupa que havia,
- 18 por baixo damasco roxo, por cima cambraia fina.
– Cala-te aí, lavrador, não fales com fantasia.
- 20 No céu te tenho guardado cadeiras de prata fina,
tua mulher a teu lado que também a merecia.

Variantes: 2b um pobrezinho lhe saiu; 3a puderas tu, ó lavrador; 4 o lavrador se descia e ao pobrezinho subia; 5b que ele tinha; 6b que ele tinha; 14a numa.

2. *Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 79 anos, ajudada por sua neta, que aprendeu num livro. Recolhida no dia 22 de agosto de 1981.*

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando o seu rosário, a cavalo da burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho,
 4 o pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu carrinho.
 O lavrador se descia e o pobrezinho subia.
 6 Levou-o para a sua casa, prà melhor sala que tinha,
 mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia.
 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que havia,
 por baixo lindas cobertas, por cima cambraia fina.
 10 Lá pela meia-noite, o pobrezinho gemia,
 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
 12 Encontrou-o crucificado numa cruz de prata fina.
 – Ó meu Deus, quem soubera quem eu em minha casa tinha!
 14 – Cala, cala, lavrador, que nenhuma falta havia.
 Lá no reino de Deus Pai, três cadeiras havia,
 16 uma para ti, outra para a tua família,
 outra para a tua criada, que também a merecia.

Variantes: 2a terço; 2b de cavalo da sua burrinha; 6-7 Levou-o para casa, deu-lhe da melhor ceia que tinha; 8a deitou-o na sua cama; 17b também o.

3. *Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Godofredo de Mariz, 78 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.*

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha.
 2 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho:
 – Bem podias, lavrador, levar-me na tua burrinha.
 4 O lavrador se desceu e o pobrezinho subiu,
 levou-o pra sua casa, prà melhor sala que ele tinha.
 6 Mandou-le fazer a ceia do melhor manjar que ele tinha,
 galinhas e capões, outra coisa não havia.
 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ele tinha,
 por baixo lençóis de linho, por cima verde cortina.

- 10 Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
o lavrador levantou-se a ver o pobre que tinha.
- 12 – Cala, cala, lavrador, qu’ aqui nem uma falta havia.
Lá no reino dos céus, cadeiras d’ ouro havia,
- 14 uma para ti, lavrador, outra para a tua família,
outra para a tua criada, que assim o merecia.

Variante: 15b que também o.

4. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
- 2 vinha rezando o terço, d’ a cavalo da burrinha.
Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho,
- 4 o pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu burrinho.
O lavrador se baixou e o pobrezinho subiu.
- 6 Levou-o para sua casa, para a melhor sala que tinha,
mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia.
- 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
por baixo damasco roxo, por cima cambraia fina.
- 10 Lá pelo meio da noite, o pobrezinho gemia,
levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
- 12 Encontrou-o crucificado numa cruz de prata fina.
– Ó meu Deus, se eu soubesse que em minha casa vos tinha,
- 14 mandaria fazer preparos do melhor que encontraria.
– Cala-te tu, lavrador, não fales com fantasia.
- 16 No céu te tenho guardado cadeira de prata fina,
tua mulher ao teu lado, que também a mereceria.

5. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
- 2 vinha rezando do rosário, de a cavalo da burrinha.
Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.

4 – Bem podias tu, lavrador, levar-me na tua burrinha.
 O lavrador se baixava e o pobrezinho subia,
 6 e levou-o prà sua casa, para a melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
 8 galinhas e capões que outra coisa não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 10 por baixo lençóis de holanda, por cima ricas cortinas.
 Lá por o meio da noite, o pobrezinho gemia,
 12 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
 Encontrou-o disciplinando numa cruz de prata fina.
 14 – Ó meu Deus, quem tal soubera, oh, qu’em minha casa tinha!
 – Cala, cala, lavrador, que nenhuma falta havia.
 16 Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d’ouro havia,
 uma era para a tua mulher e outra para a tua família,
 18 e outra para ti, lavrador, aos pés da Virgem Maria.

6. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
 2 (.....) d’ a cavalo da burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 O lavrador se baixou e o pobrezinho subiu.
 Levou-o prà sua casa, prà melhor sala qu’ ele tinha.
 6 Mandou-lhe fazer a ceia da melhor coisa qu’ ele tinha,
 de galinhas e capões, melhor coisa não havia.
 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ ele tinha,
 por baixo lençóis d’ holanda, por cima ricas cortinas.
 10 Lá por o meio da noite, o pobrezinho gemia,
 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
 12 – Cala-te aí, ó lavrador, que nem uma falta havia.
 Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d’ouro havia,
 14 uma é para ti, lavrador, outra para a tua família,
 outra prà tua mulher, qu’ ela também a merecia.

Variante: 11b o que o pobre.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Emerência Cortinhas, 82 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
2 rezando o seu rosário, d’ a cavalo da burrinha.
Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho,
4 o lavrador se baixava e o pobrezinho subia.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor que havia,
6 de galinhas e capões que outra coisa não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
8 por baixo lençóis de holanda e por cima de prata fina.
Lá no meio da noite, o pobrezinho gemia,
10 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
Quando lá chegou, já o pobrezinho não via,
12 só achou a sua sala toda iluminadinha.

Variantes: 8 e deitou-o na melhor sala que tinha; 8b ricas cortinas 10a o lavrador se levantou; 12 só encontrou a sala iluminadinha.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
2 rezando no rosário, a cavalo da burrinha.
Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
4 – Deras tu, ó lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se baixou, o pobrezinho subiu.
6 Levou-o para sua casa, para a melhor sala que tinha,
mandou-lhe fazer a ceia da melhor coisa que havia,
8 galinhas e capões que outra coisa não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
10 por baixo lençóis de holanda, por cima ricas cortinas.
Lá pelo meio da noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
Encontrou-o disciplinando numa grande disciplina.
14 – Ó meu Deus, quem soubera em quem minha casa tinha!
– Cala, cala, lavrador, que nenhuma falta havia.

- 16 Lá no reino de Deus Padre, cadeiras d'ouro havia,
 uma para a tua criada e outra para a tua família,
 18 outra para a tua mulher que ela também a merecia
 e outra para ti lavrador, ao pé da Virgem Maria.

Variantes: 2a com o seu rosário na mão; 18b que também.

9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 vinha rezando o rosário, d'a cavalo da sua burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Queres tu, ó lavrador, levar-me na tua burrinha?
 O lavrador se baixou e o pobrezinho subia,
 6 levou-o prà sua casa, para a melhor sala que tinha.
 Mandou fazer o jantar do melhor manjar que ele tinha,
 8 de galinhas e capões que outra coisa não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 10 por baixo lençóis de holanda, por cima ricas cortinas.
 Lá por o meio da noite, o pobrezinho gemia,
 12 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
 Encontrou-o crucificado numa cruz de prata fina.
 14 – Valha-me Deus, Nossa Senhora, oh, qu' em minha casa tinha!
 – Cala-te aí, ó lavrador, que nenhuma falta havia.
 16 Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d'ouro havia,
 uma é para ti, lavrador, e outra para a tua família
 18 e outra para a tua criada, que ela muito bem a merecia.

10. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo da sua burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho:

- 4 – Bem puderas, lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se baixava e o pobrezinho subia.
- 6 Levou-o prà sua casa, prà melhor sala qu’ ele tinha,
mandou-le fazer a ceia do manjar qu’ ele tinha,
8 de galinhas e capões qu’ outro manjar não havia.
Foram os dois para a mesa, nem um nem outro comia.
- 10 Mandou-le fazer a cama das melhores roupas qu’ ele tinha,
por baixo lençóis de seda, por cima cortina fina.
- 12 Foram-se os dois deitar, nem um nem outro dormia.
Lá por o meio da noite, o pobrezinho gemia,
14 o lavrador se levantou, foi ver o que o pobre tinha.
Viu-o estar disciplinando com uma grande disciplina.
- 16 – Ó meu Deus, quem tal soubera quem em minha casa eu tinha!
– Cala, cala, lavrador, e nenhuma falta havia.
- 18 Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d’ ouro havia,
uma é para ti, outra para a tua família,
20 outra prà tua mulher, que também bem na merecia.

11. Versão de Grijó de Parada (concelho de Bragança), recitada por Antónia Júlia Fernandes, 78 anos, ajudada por Maria da Conceição Fernandes, 73 anos. Recolhida no dia 24 de agosto de 1980.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha.
- 2 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
– Quanto queres, ó lavrador, levar-me no teu burrinho?
- 4 O lavrador se desceu e o pobrezinho subiu.
Levou-o pra sua casa, prà melhor sala que ele tinha.
- 6 Mandou-lhe dar de beber do melhor vinho que ele tinha,
mandou-lhe fazer a ceia da melhor coisa que ele tinha,
8 de galinhas e capões, que outra coisa não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que ele tinha,
10 por baixo lençóis de holanda, por cima de holanda fina.
Lá pelo meio da noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
Achara-o crucificado numa cruz que em casa havia.
- 14 – Ó meu Deus, quem tal soubera, quem em minha casa tinha!

- Cala, cala, lavrador, que nem uma falta havia.
 16 Lá no reino de Deus Padre, ricas cadeiras havia,
 uma era para ti, outra prà tua mulher,
 18 [.....] e outra prà tua família,
 outra prà tua criada que ela bem na merecia.

12. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Carolino Augusto Pires, 65 anos, e Manuel Severiano Diz, 73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Bem podias tu, lavrador, levar-me nessa burrinha.
 O lavrador se descera e o pobrezinho se subira,
 6 levava-o pra sua casa, prà melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia,
 8 de galinhas e capões, que outra coisa não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 10 por baixo lençóis lavados, por cima verdes cortinas.
 Sentaram-se os dois à mesa, nem um nem outro comia.
 12 Aí por meia-noite, o pobrezinho gemia,
 levantara-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
 14 Encontrara-o disciplinando c’ uma cruel disciplina.
 – Valha-me Deus, valha, quem em minha casa tinha!
 16 – Cala, cala, ó lavrador, que nem uma falta havia.
 No reino de Deus Pai, cadeiras d’ ouro p’a ti havia,
 18 uma era para ti e outra para a tua família,
 outra era prà tua criada, que ela bem ma merecia,
 20 e a tua, lavrador, há de ser ao par da minha.

13. Versão de Travanca (concelho de Vinhais), recitada por Carlos Gonçalves, 73 anos, residente em Moimenta (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 31 de agosto de 1980 (apenas o primeiro dístico) e no dia 1 de setembro do mesmo ano.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo da burrinha.

- Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho:
- 4 – Queres tu, ó lavrador, levar-me na tua burrinha?
O lavrador se baixava, pobrezinho se subia.
- 6 Levava-o para sua casa, prà melhor sala qu’ ele tinha,
mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia.
- 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ ele tinha,
por baixo lençóis de linho, por cima linda cortina.
- 10 Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
- 12 Encontrou-o disciplinando c’ uma cruel disciplina.
– Ó meu Deus, quem eu soubera qu’ em minha casa tinha!
- 14 – Cala, cala, lavrador, falta nenhuma havia.
Lá no reino de Deus Padre, três cadeiras d’ ouro havia:
- 16 uma para ti, outra para a tua mulher,
outra para a tua criada que bem no merecia.

14. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Cremilde da Conceição Morais, 56 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo no seu burrinho.
Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
- 4 – Lavrador, levas-me no teu burrinho?
Lavrador se apeou, pobrezinho montou,
- 6 levou-o para sua casa, prà melhor sala qu’ ele tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia,
8 de capões e galinhas, que outra coisa não havia.
Deitou-o na sua cama da melhor roupa qu’ ele tinha,
10 por baixo lençóis de seda, por cima cambraia fina.
Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
Encontrou-o disciplinando numa cruel disciplina.
- 14 – Ai, meu Deus, quem eu soubera qu’ em minha casa tinha!
Se muito bem o tratei, muito melhor o trataria.
- 16 – Cala-te aí, lavrador, não fales com fantasia.

Lá no reino de Deus Pai, cadeira d'ouro haveria,
 18 uma para ti, outra para a tua mulher,
 outra para a tua criada, que também a mereceria.

Variantes: 6a para casa; 7b do melhor manjar qu'ele tinha.

15. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 68 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 Chega ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Queres tu, ó lavrador, levar-me na tua burrinha?
 O lavrador apeou-se e o pobrezinho subia,
 6 levou-o para sua casa, prà melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
 8 de galinhas e capões, outro manjar não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 10 por baixo lençóis de seda, por cima cambraia fina.
 Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
 12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
 Encontrou-o crucificado numa cruz de prata fina.
 14 – Ó meu Deus, quem tal soubera qu' em minha casa vos tinha!
 Mandava fazer a ceia dos melhores manjares que havia.
 16 – Cala-te lá, lavrador, que nem uma falta havia.
 Lá no reino do Céu, cadeiras de ouro havia,
 18 uma para ti, outra para a tua mulher,
 outra para a tua família, que tu tudo bem merecias.

Variantes: 15a preparos; 16 Cala-te aí, lavrador, falta nem uma havia.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.

Ditoso do lavrador qu'ele da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.

- Chegou ò meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
- 4 – Queres tu, bom lavrador, levar-me nesse burrinho?
O lavrador s' apeará e o pobrezinho subirá,
6 levou-o pra sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandara fazer-lh' a ceia dos melhores manjares que tinha.
8 Mandara-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha:
por baixo lençóis de linho e por cima damasco fino.
10 Aí por essa meia-noite, o pobrezinho que gemia,
levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
12 Encontrou-o disciplinando c' uma cruel disciplina.
– Ó meu Deus, quem tal soubera qu' eu em minha casa tinha,
14 se muito bem o tratara, bem melhor o trataria!
– Cala, cala, lavrador, que faltas nenhuma havia.
16 Mas no reino de Deus Padre, cadeiras d' ouro havia:
uma pra ti, lavrador, e outra prà tua família,
18 e outra prà tua criada, qu' ela bem ta merecia.

17. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
4 – Queres tu, ó bom lavrador, levar-me na tua burrinha?
Lavrador que se apeará, pobrezinho se subia,
6 levara-o pra sua casa, prà melhor sala qu' ele tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que tinha,
8 de galinhas e capões, que outros manjares não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
10 por baixo lençóis de seda, por cima lindas cortinas.
Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
Viu-o crucificado numa cruz de prata fina.
14 – Ai, meu Deus, s' eu soubesse quem em minha casa tinha!
Se melhores manjares lhe dei, muito mais eu lhe daria.
16 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.

Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d'ouro havia,
 18 uma para ti, lavrador, e outra para a tua família,
 outra para a tua criada, que ela bem ta merecia.

Variantes: 6a para casa; 7b do melhor manjar qu' ele tinha; 14 Ó meu Deus, quem tal soubera, quem em minha casa tinha; 15b muitos melhores lhe daria.

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Francisca Inácia Pires, 45 anos, residente em Rio de Fornos (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

Vindo o lavrador da arada encontrou um pobrezinho.
 2 O pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu carrinho.
 O lavrador lhe deu a mão, no seu carro o meteu,
 4 levou-o para sua casa, para a melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
 6 sentou-o à sua mesa, mas o pobre não comia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 8 por baixo damasco roxo, por cima cambraia fina.
 Lá por essa noite adiante, o pobrezinho gemia,
 10 levanta-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
 Encontrou-o crucificado numa cruz de prata fina.
 12 – Ó meu Deus, s' eu tal soubesse qu' em minha casa vos tinha!
 Mandaria fazer preparos do melhor que encontraria.
 14 – Cala-te aí, lavrador, não fales com fantasia.
 No céu te tenho guardado cadeiras de prata fina,
 16 tua mulher a teu lado, que também o merecia.

19. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 la no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.

- 4 – Bem podias, lavrador, levar-me nessa burrinha.
O lavrador se apeara, o pobrezinho se subira,
6 levava-o pra sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que tinha,
8 de galinhas e capões, que outros manjares não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
10 por baixo lençóis de seda, por cima cambraia fina.
Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
– Ó meu Deus, s’eu soubera quem em minha casa tinha!
14 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.
Lá no reino de Deus Padre, cadeiras d’ouro havia,
16 uma para ti, lavrador, e outra para a tua família,
outra para a tua criada, que ela bem na mereceria.

Variantes: 3a Chegara ao; 3b encontrara; 5a se apeou; 5b se subia; 10a lençol.

20. *Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Luciano Augusto Ferreira, 25 anos. Recolhida no dia 3 de setembro de 1980.*

- Vind’o lavrador da arada, encontrou o pobrezinho.
2 O pobrezinho le disse: – Leva-me no teu carrinho.
Deu-lh’ a mão o lavrador e no seu carro o metia,
4 levou-o prà sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar qu’ havia,
6 mas sentou-o na sua mesa, mas o pobre não comia.
As lágrimas eram tantas que pela mesa corriam,
8 os suspiros eram tantos qu’ até a mesa tremia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ havia,
10 por baixo damasco roxo, por cima cambraia fina.
Aí pela noit’ em diante, o pobrezinho gemia.
12 Levantou-s’ o lavrador a ver o que o pobre tinha,
deu-lh’ um coração um baque, como ele não ficaria.
14 Achou-o crucificado, cadeira de prata fina.
– Meu Jesus, s’eu tal soubesse qu’ em minha casa vos tinha,

- 16 mandava fazer preparos do melhor qu' encontraria.
 – Cala-t' aí, lavrador, não fales com fantasia.
- 18 No céu te tenho guardado cadeira de prata fina,
 tua mulher a teu lado, também o mereceria.

21. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Maria Cândida Nunes, 44 anos. Recolhida no dia 1 de setembro de 1980.

- Vindo um lavrador da arada encontrou um pobrezinho.
- 2 O pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu carrinho.
 Deu-lhe a mão o lavrador e no seu carro o metia,
 4 levou-o para sua casa, para a melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
 6 sentou-o na sua mesa, mas o pobre não comia.
 As lágrimas eram tantas, que pela mesa corriam.
- 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 por cima damasco roxo, por baixo cambraia fina.
- 10 Lá pela noite adiante, o pobrezinho gemia,
 deu-lh' o coração num bate (*sic*), como ele não ficaria.
- 12 Achou-o crucificado numa cruz de prata fina.
 – Ai, meu Deus, s' eu tal soubera qu' em minha casa vos tinha!
- 14 Mandava fazer preparos do melhor que encontraria.
 – Cala-te, ó lavrador, não fales com fantasia.
- 16 No céu te tenho guardado cadeira de prata fina,
 tua mulher a teu lado, que também o merecia.

Variante: 7b que até a mesa tremia.

22. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 Chega ao meio do caminho, encontrou o pobrezinho.

- 4 – Bem podias tu, ó lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se descia, o pobrezinho se subia,
- 6 levou-o pra sua casa, prà melhor sala que ele tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
- 8 de galinhas e capões, que outro melhor não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que ele tinha,
- 10 por baixo lençóis de seda, por cima rica cortina.
Quando foi por meia-noite, pobrezinho que gemia,
- 12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
Encontrara-o disciplinando com uma grande disciplina.
- 14 – Ó meu Deus, quem soubera quem em minha casa tinha!
– Cala, cala, lavrador, que aqui nenhuma falta havia.
- 16 Lá no reino de Deus Padre, cadeiras d’ouro havia,
uma será para ti, outra para a tua família,
- 18 outra para a tua criada, que ela bem to merecia.

Variantes: 2b a cavalo da; 10a lençol; 11b se gemia; 12a o lavrador se levantou; 17b esposa.

23. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Albina do Espírito Santo Barreira, 62 anos, natural de Candedo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
Chega ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
- 4 – Bem podias, lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se baixou e o pobrezinho se subiu.
- 6 Levou-o pra sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia das melhores coisas que tinha,
- 8 de galinhas e capões, que melhores coisas não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
- 10 por baixo lençóis de seda, por cima lindas cortinas.
Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
- 12 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
Encontrou-o disciplinando numa crua disciplina.

- 14 – Ai, Jesus, s’ eu soubera quem em minha casa tinha!
Se muito bem o tratei, muito melhor o trataria.
- 16 – Cala-te lá, lavrador, não fales com fantasia.

**24. Versão de Penso (concelho de Vinhais), recitada por Mário Augusto, 55 anos.
Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.**

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
- 4 – Bem podias, lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se baixara, o pobrezinho se subia.
- 6 Levou-o pra sua casa, pra melhor sala qu’ ele tinha.
Mandara fazer o jantar dos melhores manjares que havia,
8 de galinhas e capões, qu’ outros manjares não havia.
Mandara fazer a cama da melhor roupa qu’ ele tinha,
10 por baixo lençóis de seda, por cima cambraia fina.
Era por aí meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 o lavrador se levantara a ver o que o pobrezinho tinha.
Encontrou-o disciplinando numa crua disciplina.
- 14 – Ai, se eu soubera quem em minha casa tinha!
– Cala, cala, lavrador, que nenhuma falta havia.
- 16 No céu te tenho guardado uma cadeira de prata fina,
uma para ti, lavrador, e outra para a tua família
18 e outra para a tua criada que também no merecia.

**25. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves,
66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.**

- Ditoso do lavrador qu’ ele da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho:
- 4 – Queres tu, ó lavrador, levar-me na tua burrinha?
O lavrador s’ abaixou, o pobrezinho s’ assubiu.
- 6 Levou-o pra sua casa, pra melhor sala qu’ ele tinha.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,

- 8 mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia.
Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
10 o lavrador s'alevantou a ver o qu' o pobre tinha.
Encontrou-o crucificado numa cruz de prata fina.
12 – Ó meu Deus, s' eu tal soubera qu' em minha casa vos tinha!
Mandava fazer a cama da melhor roupa que tinha,
14 mandava fazer a ceia dos melhores manjares que havia.
– Cala-te aí, lavrador, não fales com fantasia.
16 No céu te tenho guardado uma cadeira de prata fina,
tua mulher a teu lado, qu' ela também no merecia.

Variante: 11 Estava a ser sepultado numa cruz de prata fina.

26. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
4 – Bem podias, lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se descera, o pobrezinho subia.
6 Levou-o pra sua casa, prà melhor sala qu' ele tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
8 de galinhas e perus, qu' outros manjares não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
10 por baixo lençóis d' holanda, por cima cambraia fina.
Lá por essa meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
Encontrou-o disciplinando c' uma crua disciplina.
14 – Ó meu Deus, oh, quem soubera quem em minha casa eu tinha!
– Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.
16 Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d' ouro havia,
uma será para ti e outra para a tua família,
18 outra para a tua criada que também a merecia.

27. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Maria Eugénia Vaz, 83 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Bem podias, lavrador, levar-me na tua burrinha.
 O lavrador se baixou, o pobrezinho se subira,
 6 levou-o pra sua casa, pra melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que tinha,
 8 de galinhas e capões, que outros manjares não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 10 por baixo lençóis de holanda, por cima linda cortina.
 Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
 12 o lavrador se levantou a ver o que o pobre tinha.
 Encontrou-o disciplinando c’ uma cruel disciplina.
 14 – Ó meu Deus, s’ eu soubera, quem em minha casa tinha!
 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.
 16 Lá no reino de Deus Padre, cadeiras d’ouro havia,
 umas eram para ti, outras para a tua família,
 18 outras para a tua mulher, que bem to merecia.

Variante: 18b qu’ela bem.

28. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Sílvia da Assunção Ferreira, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha.
 2 Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 – Monta aqui, ó pobrezinho, monta aqui no meu burrinho.
 4 Levou-o pra sua casa, pra melhor sala qu’ele tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar qu’ele tinha,
 6 mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ele tinha.
 Lá por essa meia-noite, pobrezinho que gemia,
 8 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
 Encontrou-o disciplinando numa cruz de prata fina.

- 10 – Ai, meu Deus, ai, s’ eu soubera quem em minha casa tinha!
Mandava fazer a cama da melhor roupa qu’ eu tinha.
- 12 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.
Lá no reino de Deus haja, cadeiras d’ ouro havia,
- 14 uma para ti, lavrador, uma para a tua família,
uma prà tua criada, qu’ ela também a merecia.

Variante: 10a soubesse.

29. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por César Augusto Fernandes, 62 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador quando da sua arada vinha.
- 2 Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
O pobrezinho le pediu: – Ó lavrador, levas-me na tua burrinha?
- 4 O lavrador se desceu, o pobrezinho le subiu.
Levou-o pra sua casa, dos maiores manjares qu’ ele tinha,
- 6 mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ ele tinha.
Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia.
- 8 O lavrador se levantou a ver o pobrezinho que tinha.
– Ó meu Deus, s’ eu soubera quem em minha casa tinha!
- 10 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.

30. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
- 2 lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
– Queres tu, lavrador, levar-me na tua burrinha?
- 4 O lavrador se desceu, o pobre se assubiu,
levando-o prà sua casa, prà melhor sala qu’ ele tinha.
- 6 Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares qu’ havia,
de galinhas e capões, dos melhores manjares qu’ ele tinha.
- 8 Por essa noite adiante, o pobrezinho gemia,
o lavrador se levantou a ver o pobre que tinha.
- 10 – Ai, meu Deus, s’ eu soubera quem em minha casa tinha!

– Cala, cala, lavrador, que nem uma falta havia,
 12 no reino de Deus Padre, cadeiras d’ouro havia,
 uma era para ti e outra para a tua família.

**31. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Piedade Ferreira, 63 anos, natural do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais).
 Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.**

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 encontrou um pobrezinho, lá no meio do caminho.
 E o pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu carrinho.
 4 O lavrador se desceu, o pobrezinho assubiu,
 levou-o prà sua casa, prà melhor sala que tinha.
 6 Mandou-lhe fazer a ceia da melhor coisa que havia.
 Mandou-lhe fazer a cama das melhores roupas qu’ havia,
 8 por baixo lençóis de damasco, por cima verde cortina.
 Quando foi pela meia-noite, o pobrezinho gemia,
 10 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
 Encontrou-o disciplinando-se numa grande disciplina.
 12 – Ó meu Deus, quem tal soubera, quem em minha casa tinha!
 Se mais bem te tratei, melhor te trataria.
 14 – Cala, cala, lavrador, não fales com fantasia,
 que no céu te tenho guardado uma cadeira de prata fina,
 16 uma para ti, lavrador, [.....]
 e outra prà tua mulher, que também ela o merecia.

**32. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Laura de Jesus Fernandes, 84 anos, natural de Edroso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia
 10 de agosto de 1982.**

Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
 2 chegou ao meio dum caminho, encontrou um pobrezinho.
 O pobrezinho lhe disse: [.....]
 4 – Bem me podias, lavrador, descer da tua burrinha.
 O lavrador se baixou, o pobrezinho se subiu,
 6 levou-o pra sua casa, prà melhor sala que tinha.

- Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
8 de galinhas e capões, outra coisa não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu'ele tinha.
10 Quando foi pela meia-noite, o pobrezinho gemia,
lavrador se levantara a ver o que o pobre tinha.
12 Encontrou-o disciplinando co' a sua cruel disciplina.
– Ó meu Deus, s'eu soubera quem em minha casa eu tinha!
14 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.
Lá no reino de Deus Padre, cadeiras de ouro havia,
16 uma para ti, lavrador, e outra para a tua família,
e outra para a tua criada, que ela também na merecia.

33. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
4 – Lavrador, bem podias levar-me na tua burrinha.
O lavrador se descia e o pobrezinho subia.
6 Levou-o para sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que tinha,
8 galinhas e capões, que outra coisa não havia.
Mandou-lhe fazer a cama das melhores roupas que tinha,
10 por baixo lençóis de holanda, por cima verde cortina.
Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 o lavrador se levantou a ver o que o pobrezinho tinha.
Encontrou-o disciplinando c' uma grande disciplina.
14 – Ai, quem me dera saber quem em minha casa eu tinha!
Se bem o tratei, melhor o trataria.
16 – Cala-te, lavrador, que falta nenhuma havia.
Lá no reino do céu, cadeiras d'ouro havia,
18 uma pra ti, outra prà tua mulher e outra prà tua família
e outra para a tua criada que também na merecia.

Variante: 14a Ai, quem soubera.

34. Versão do Bairro do Carvalhal (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha.
 2 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 O pobrezinho dizia: – Leva-me no teu carrinho.
 4 Levou-o pra sua casa, pra melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares qu’ ele tinha,
 6 de galinhas e capões, doutra coisa não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 8 por baixo lençóis d’ holanda, por cima verdes cortinas.
 Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
 10 o lavrador se levantou a ver o pobre que tinha.
 Encontrou-o orando numa cruz de prata fina.
 12 – Ai, meu Deus, quem tal soubera, quem em minha casa tinha!
 que, se muito bem o tratei, muito melhor o trataria.
 14 – Cala aí, lavrador, que nenhuma falta havia.
 No reino de Deus Padre, cadeiras d’ ouro havia,
 16 uma para ti, lavrador, outra para a tua família,
 outra pra tua criada, qu’ ela também a merecia.

35. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz Celeste Alves, 72 anos, e Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Bem podias tu, lavrador, levar-me na tua burrinha.
 O lavrador se desceu, o pobrezinho se subia,
 6 levou-o pra sua casa, pra melhor sala que tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
 8 de galinhas e capões, que outra coisa não havia.
 Sentaram-se os dois à mesa, nem um nem outro comia.
 10 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que havia,

- por baixo lençóis de linho, por cima cambraia fina.
- 12 Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
levanta-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
- 14 Encontrou-o disciplinando com uma cruel disciplina.
– Ó meu Deus, quem soubera quem em minha casa tinha!
- 16 Se muito bem o tratara, muito bem o trataria.
– Cala, cala, lavrador, que nenhuma falta havia.
- 18 Lá no reino de Deus Pai, cadeira d’ouro havia,
uma para ti, lavrador, outra para a tua família,
- 20 e outra para a tua criada, que ela também a merecia.

36. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha,
2 rezando no seu rosário, a cavalo numa burrinha.
Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
- 4 – Bem podias tu, lavrador, levar-me na tua burrinha.
O lavrador se desceu, o pobrezinho se subia,
- 6 levara-o pra sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia,
8 de galinhas e capões, melhor manjar não havia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu’ele tinha,
- 10 por baixo lençóis de seda, por cima de cambraia lisa.
Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 o ditoso do lavrador levantou-se a ver o pobrezinho que tinha.
Encontrara-o disciplinando-se com uma cruel disciplina.
- 14 – Valha-me Deus, s’eu soubera quem na minha casa tinha!
– Cala, cala, lavrador, que falta nem uma havia.
- 16 Lá no reino de Deus Padre, cadeiras d’ouro havia,
uma para ti, lavrador, outra para a tua família,
18 outra para a tua criada, que também na merecia.

37. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por João Baptista Pinheiro, 66 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

(.....)

- Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d'ouro havia,
 2 uma é pra ti, lavrador, e outra prà tua família,
 outra prà tua criada, que ela tudo merecia.

38. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo no burrinho.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Bem podias, lavrador, levar-me no teu burrinho.
 O lavrador se apeava, o pobrezinho subia,
 6 levou-o prà sua casa, prà melhor sala qu'ele tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que tinha,
 8 de galinhas e capões, coisa melhor não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 10 por baixo lençóis de seda e por cima cambraia fina.
 Lá pela noite adiante, o pobrezinho gemia,
 12 levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
 Achou-o crucificado numa cruz de prata fina.
 14 – Ó meu Deus, oh, quem soubera quem na minha casa tinha!
 Se muito bem o tratei, muito melhor o trataria.
 16 – Cala, cala, lavrador, não fales por fantasia.
 No céu te tenho guardado cadeiras de prata fina,
 18 uma era para ti e outra para a tua família,
 outra prà tua criada, qu'ela também a merecia.

39. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador, ele da sua arada vinha,
 2 rezando no seu rosário, a cavalo na burrinha.
 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 O lavrador se apeou e o pobrezinho se subiu,
 levou-o pra sua casa, pra melhor sala que tinha.
 6 Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia,
 de galinhas e capões, que outros manjares não havia.
 8 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
 por baixo lençol de seda, por cima cambraia fina.
 10 Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
 eram tantos os soluços que a casa toda tremia.
 12 Levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
 Encontrou-o disciplinado c' uma cruel disciplina.
 14 – Ó meu Deus, quem tal soubera, quem em minha casa tinha!
 Se muito bem o tratei, muito melhor o trataria.
 16 – Cala, cala, lavrador, que falta nenhuma havia.
 Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d' ouro havia,
 18 uma para ti, lavrador, outra para a tua família,
 outra para a tua criada, que ela bem a merecia.

40. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por Margarida Rosa Pires, 83 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha,
 2 (.....), a cavalo na burrinha.
 Chegou ao meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
 4 – Queres tu, ó lavrador, levar-me nesta burrinha?
 O lavrador se desceu e o pobrezinho subia,
 6 levou-o pra sua casa, pra melhor sala qu' ele tinha.
 Mandou-lhe fazer a ceia dos melhores manjares que havia,
 8 de galinhas e capões, que outras coisas não havia.
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa qu' ele tinha,

- 10 por baixo lençóis de seda, por cima lindas cortinas.
Quando foi por meia-noite, o pobrezinho gemia,
12 levantou-se o lavrador a ver o pobre que tinha.
Encontrara-o disciplinando numa cruel disciplina.
14 – Ó meu Deus, quem tal soubera, quem em minha casa tinha,
que se muito bem o tratei, muito melhor o trataria!
16 – Cala-te lá, lavrador, que nem uma falta havia.
Lá no reino de Deus Padre, cadeiras d’ouro havia,
18 uma para ti, lavrador, outra para a tua família,
e outra para a tua criada, que ela também a merecia.

Variantes: 3a Lá no meio; 4b nessa; 5a se apeou; 8b outros manjares; 9b das melhores roupas; 13a Encontrou-o; 15 Se muito bem o tratara, muito melhor o trataria.

41. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente em Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha.
2 Lá no meio do caminho, encontrou um pobrezinho.
Deu-lh’ a mão o lavrador, no seu carro o metia,
4 levou-o prà sua casa, prà melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia.
6 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,
por baixo damasco roxo, por cima cambraia fina.
8 Lá pela noite adiante, o pobrezinho gemia,
levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.
10 Achou-o crucificado numa cruz de prata fina.
– Meu Jesus, s’eu tal soubera qu’em minha casa vos tinha!
12 Mandava fazer preparos do melhor que encontraria.
– Cala-te aí, lavrador, não fales com fantasia.
14 No céu te tenho guardada cadeira de prata fina,
tua mulher a teu lado, que também a merecia.

LX. A FREIRA SEDUZIDA PELO DIABO

1. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

- Lá nos lugares de Madrid, ao pé dos canos da água,
 2 habitava um cavalheiro, dom Gabriel se chamava,
 sua mulher dona Isabel, sua filha dona Ana.
 4 Queriam-na meter de freira no convento de Sant' Ana,
 ela dizia que não, que mais queria ser casada.
 6 A abadessa do convento era tia dessa dama.
 Vai Aninhas prò convento, ela vai de mala gana,
 8 quatro meses 'teve dentro, mas d'ò longe s'abrasava.
 Um dia baixou prà cerca, onde as outras freiras 'tavam,
 10 olhou para o lado e viu um corpo gentil de gala.
 – Não t'assustes, minha querida, não t'assustes, minha amada,
 12 olha qu'eu sou o mancebo que noutros tempos te rondava.
 S'as tuas forças t'ajudam e os teus ânímos t'alcançam,
 14 vai matar a tua tia, que ela foi a desta causa.
 Pegou num punhal na mão, atravessou-l' a garganta,
 16 entre rios e rochedos, levou o diabo a dama.
 – Ó Santo Cristo de Burgos (.....)

Variantes: 2a senhor; 7b ela foi; 9a desceu; 13b e o teu ânimo t'alcança; 16b demo.

ROMANCES RELIGIOSOS

LXI. POBREZA DA VIRGEM DANDO À LUZ

1. Versão de Varge (concelho de Bragança), cantada por um grupo e depois recitada por António Joaquim Rodrigues, 70 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 São José vai atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 foi alcançar a Belém, onde ela estava parida.
 A miséria era tão grande, nem um panal que trazia.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um véu preto que trazia,
 partiu-o em três pedaços, em três pedaços o partia.
 8 Um era pra pro manhã, outro era prò meio-dia,
 outro prà meia-noite, enquanto Jesus dormia.
 10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia.
 Voltou o anjo prò céu cantando "ave-maria":
 12 – Ave Maria de graça, de graça Ave Maria!

Variantes: 3a ia; 4a alcançá-la; 5b que nem um panal trazia; 6b que ela tinha; 8a pra de manhã; 9a outro era pra.

2. Versão de Varge (concelho de Bragança), recitada por João de Deus Vara, 59 anos. Recolhida no dia 26 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, mais o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando para Belém partia.
 Jesus Cristo ia atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 foi alcançá-la em Belém, onde ela estava parida.
 Era tão grande a sua pobreza que nem sequer um panal tinha.
 6 Ela deitou as mãos à cabeça a um véu preto que trazia,
 partiu-o em três pedaços, em três pedaços o partia.
 8 Um era pràs onze horas e outro prò meio-dia,
 outro era prà meia-noite, enquanto Jesus dormia.
 10 Baixou um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia,
 o anjo voltou prò céu cantando "ave-maria":
 12 – Ave Maria cheia de graça, cheia de graça Ave Maria!

3. Versão de Vila Meã (concelho de Bragança), cantada por Abílio António Barreiro, 66 anos, Adriano Augusto Delgado, 55 anos, Maria da Assunção Rodrigues, 49 anos, e Marcelina dos Prazeres Branco, 41 anos. Recolhida no dia 12 de agosto de 1980.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 São José ia atrás dela, pra alcançá-la e não podia,
 4 foi alcançá-la a Belém, onde ela estava parida.
 A miséria era tanta nem um panal que ela tinha.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um véu que ela trazia,
 [...] em quatro tiras o partira.
 8 Uma era pra de manhã e o outro prò meio-dia,
 outro era prà meia-noite, enquanto a gente dormia.

Variantes: 3b alcançá-la não podia; 5b panal ela tinha.

4. Versão de Babe (concelho de Bragança), recitada por Maria Libânia Romão, 70 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1980.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando para Belém ia.
 Madalena vai ‘trás dela, alcançá-la não podia.
 (.....)

5. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Cremilde Augusta Alves, 78 anos. Recolhida nos dias 30 de agosto de 1980 e 22 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madalena ia atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 alcançara-a em Belém, donde ela estava parida.
 Era tanta a sua pobreza que nem um panal havia.
 6 Deitou mãos à sua cabeça a um véu que ela trazia,
 partiu-o em três bocados, onde Jesus envolvia.
 8 Um era pra de manhã, outro para o meio-dia,
 outro para meia-noite, enquanto Jesus dormia.
 10 Baixou um anjo do céu panais d’ouro lhe trazia.
 Subiu o anjo prò céu cantando “ave-maria”.
 12 Perguntou-lhe o Padre Eterno: – Como fica a parida?
 – A parida está boa (.....)

Variantes: 3b alcançá-la; 6a Botou; 7a partia-o/partira-o.

6. Versão de Baçal (concelho de Bragança), recitada por Godofredo de Mariz, 78 anos. Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madaleno vai detrás dela, alcançá-la não podia.
 4 Vai alcançá-la a Belém, onde ela estava parida.

A miséria era tão grande, que nem um panal havia.
 6 Botou as mãos à sua cabeça, a um véu qu' ela trazia,
 partiu-o em três pedaços: [.....]
 8 um era pra de manhã, outra para o meio-dia,
 outra era pra de noite, quando Jesus se desenvolvia.
 10 Baixou um anjo do céu panais d' ouro le trazia,
 o anjo subiu prò céu cantando "Ave Maria".

Variantes: 4a Só foi alcançá-la; 9a prà meia-noite/para a noite; 11a voltou o anjo/o anjo voltou.

7. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Alta vai a lua alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia a Senhora, quando para Belém ia.
 São José ia atrás dela, alcançá-la não podia.
 4 Foi alcançá-la a Belém, onde ela estava parida.
 Deitou as mãos à cabeça, a um véu preto que trazia,
 6 pegou numas tesouras de ouro em três bocados o partia:
 um é para de manhã, outro para o meio do dia,
 8 outro para o meio da noite, enquanto Jesus dormia.
 Baixou um anjo do céu panais de ouro lhe trazia,
 10 voltou o anjo para o céu cantando "Ave Maria":
 Ave Maria de graça, de graça Ave Maria!
 12 Perguntou-lhe o Padre Eterno como ficou a parida.
 – A parida ficou boa, a parida boa fica,
 14 vestidinha ficou de ouro, calçadinha de prata fina.

8. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Ana Maria Gouveia, 63 anos. Recolhida no dia 27 de agosto de 1981.

Alta vai a lua, alta, mais o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando para Belém ia.

- São José vai atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançá-la a Belém, donde ela estava parida.
Tanta era a sua desgraça que nem um panal tenia.
6 Deitou as mãos à cabeça a um véu que lá trazia,
pegou numa tesoura d'ouro, em três pedaços o partia.
8 Um era pra de manhã, outro prò meio-dia,
outro prà meia-noite, enquanto Jesus dormia.
10 Baixou um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia.
Voltou o anjo prò céu cantando "ave-maria":
12 – Ave Maria sois de graça, de graça Ave Maria!
Perguntou-lhe o Pai Eterno como ficava a parida.
14 – A parida fica boa, a parida boa fica.
Vestidinha ficou d'ouro, calçada de prata fina,
16 tudo isso não é nada prò que a Senhora merecia.

Variante: 1b mais que.

**9. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Antónia Costa,
71 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.**

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia a Senhora, quando para Belém ia.
São José ia atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançá-la a Belém, de qu'ela estava parida.
Era tão grande a sua pobreza que nem um panal tenia.
6 Deitou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia,
pegou numa tesoura d'ouro, em três pedaços o partia.
8 Um era pra de manhã, outro prò meio-dia,
outro prà meia-noite, enquanto Jesus dormia.
10 Baixou um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia,
subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria".
12 Perguntou-lhe o Pai Eterno como ficava a parida.
– A parida ficou bem, a parida boa fica,
14 calçadinha ficou d'ouro e vestida de prata fina.

10. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia a Senhora, quando para Belém ia.
 São José ia atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 foi alcançá-la a Belém, donde ela estava parida.
 Foi tão grande a sua pobreza que nem um panal tenia.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um véu preto qu'ela trazia,
 pegou numa tesoura d'ouro, em três bocados o partiu.
 8 Um era pra de manhã, outro prò meio-dia,
 outro era prà meia-noite, enquanto Jesus dormia.
 10 Veio um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia.
 Subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria":
 12 – Ave Maria de graça, oh, de graça Ave Maria!

11. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Francisco António Fernandes, 69 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia Nossa Senhora, quando para Belém ia.
 São José ia atrás dela, alcançá-la mas não podia,
 4 foi alcançá-la a Belém, onde ela estava parida.
 Foi tão grande a sua pobreza que nem um panal havia.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um véu que ela trazia,
 com uma tesoura d'ouro em três bocados o partia.
 8 Um pra de manhã, outro prò meio do dia,
 outro pra de noite, enquanto Jesus dormia.
 10 Baixou um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia,
 tornou o anjo prò céu cantando "ave-maria":
 12 – Ave Maria de graça, de graça Ave Maria!
 Perguntou-lhe o Padre Eterno como ficou a parida:
 14 – A parida ficou boa, a parida boa fica,
 vestida ficou d'ouro, calçada de prata fina.
 16 Tudo isso não era nada prò que a Senhora merecia.

12. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos. Recolhida no dia 25 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia a Senhora, quando para Belém ia.
São José ia atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançá-la a Belém, onde ela estava parida.
A pobreza era tanta que nem um panal tinha.
6 Botou as mãos à cabeça a um véu que ela trazia,
pegou numas tesouras d'ouro, em três pedaços o partia.
8 Um era pra de manhã, outro era prò meio-dia,
outro era pra meia-noite, enquanto o Menino Jesus dormia.
10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
subiu o anjo prò céu rezando "ave-maria":
12 – Ave Maria de graça, de graça Ave Maria!
Perguntou-lhe o Padre Eterno como é que ficava a parida.
14 – A parida boa vai, a parida boa fica.

13. Versão de Meixedo (concelho de Bragança), recitada por Manuel António Gonçalves, 73 anos, residente em Sacóias (concelho de Bragança). Recolhida no dia 23 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
Madanela vai detrás dela, alcançá-la não podia.
4 Alcançá-la foi a Belém, onde ela estava parida.
Era tanta a sua pobreza nem um panal que tenia.
6 Deitou as mãos à cabeça, a um véu qu'ela trazia,
partiu-o em três pedaços, adonde Jesus s'envolvia:
8 um era pra de manhã e outro era prò meio-dia,
outra era prà meia-noite enquanto Jesus dormia.
10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro trazia,
voltou o anjo prò céu cantando "ave-maria":
12 – Ave Maria de graça, de graça Ave Maria!

14. Versão de Vilarinho das Touças (concelho de Vinhais), recitada por Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos, residente em Seixas (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai Nossa Senhora, que nos manda a luz do dia.

15. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Dária Augusta, 74 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai Nossa Senhora, quando pra Belém ia.

16. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Florinda Rodrigues, 63 anos. Recolhida no dia 2 de setembro de 1980.

Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 alcançá-la em Belém, onde ela estava parida.
 Mas a miséria era tanta que panal nenhum havia.
 6 Deitara a mão à cabeça a um véu qu'ela trazia.
 Partir'ò em três pequenos e a Jesus nele envolvia,
 8 um da cinta para baixo, outro da cinta para cima,
 e o mais pequenino deles apertou-lh' a cabecinha.
 10 Baixou um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia.
 Mas a Virgem, de contente, disse que lhos não queria,
 12 subiu o anjo prò céu cantando "ave-maria".

17. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 78 anos. Recolhida no dia 30 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela ia atrás dela e alcançá-la não podia,
 4 alcançara-a em Belém, donde ela estava parida.
 A miséria era tão grande que panais nem um havia.
 6 Botou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia.
 Partir'ò em três pequenos e a Jesus nele envolvia,
 8 um da cinta para baixo, outro da cinta para cima,
 e o mais pequenino deles apertou-lh' a cabecinha.
 (.....)

18. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Amândio Augusto, 83 anos. Recolhida nos dias 1 de setembro de 1980 e 28 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Jesus Cristo vai 'trás dela, alcançá-la não podia.
 4 Alcançara em Belém, numa sala arrecolhida.
 Era tão grande a pobreza que nem um panal tinha.
 6 Botou as mãos à cabeça, a um véu qu'ela trazia,
 fez-o em três pedaços e Jesus nele envolvia,
 8 um da cinta para baixo, outro da cinta para cima,
 o mais pequenino de todos atou-lho à cabecinha.
 10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
 a Senhora de contente disse-lhe que os não queria.
 12 Tornou o anjo prò céu cantando "Ave Maria".
 Perguntou-lhe o Padre Eterno como ficava a parida.
 14 – A parida ficou boa, numa sala arrecolhida.
 Vestidinha ficou d'ouro, calçada de prata fina.

Variantes: 3b a ver para onde ela ia; 4a Foi-a agarrar; 5b havia; 7a pedacinhos; 8a pequeno; 8b riba; 15a Vestida estava.

19. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 alcançara-a em Belém, onde ela estava parida.
 A miséria era tanta que nem um panal havia.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um véu qu' ela trazia.
 Partira-o em três pedaços, Jesus nele envolvia,
 8 um da cinta para baixo, outro da cinta para cima,
 o mais pequenino deles cabecinha lhe envolvia.
 10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
 a Senhora, de contente, disse que lhos não queria.
 12 Subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria".

Variantes: 3a Madalena; 4a Encontrara-a; 7b a Jesus; 9b cabecinha apertaria; 11a Nossa; 11b ela diz que lhos não queria.

20. Versão de Tuizelo (concelho de Vinhais), recitada por Vitorino Augusto, 81 anos. Recolhida no dia 29 de agosto de 1981.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Nossa Senhora, quando pra Belém ia.
 Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 alcançaram-na em Belém, onde ela estava parida.
 A miséria era tanta que nem um panal haveria.
 (.....)

21. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 São José ia atrás, alcançá-la não podia,
 4 alcançou-a em Belém, em Belém a achou parida.

- Era tanta a pobreza que nem um panal havia.
- 6 Botou as mãos à cabeça a um lenço que trazia.
Baixou um anjo do céu panais d'ouro lhe trazia,
- 8 a Senhora, de contente, disse-lhe qu'os não queria.
Voltou o anjo prò céu cantando a "ave-maria":
- 10 Ave Maria de graça, sem pecado concebida!
Perguntou-lhe Jesus Cristo como ficava a parida.
- 12 – A parida bem fica numa casa arrecollida,
as paredes são de terra, o chão d'água corrida.

Variantes: 3 São José ia com ela, apanhá-la não podia; 4a Apanhou-a.

22. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Sílvia da Assunção Ferreira, 59 anos. Recollida no dia 7 de setembro de 1987.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
- 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
Alcançar vai cavaleiro, alcançá-la não podia,
- 4 encontrou-a em Belém, em Belém a achou parida.
Tão grande era a pobreza que nem um panal havia.
- 6 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
a parida, de contente, respondeu que os não queria.
- 8 Subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria":
– Ave Maria plena sem pecado concebida!
- 10 Procurou-lhe o Padre Eterno como ficava a parida.
– A parida ficou bem numa casa arrecollida,
- 12 as paredes eram d'ouro e a cama de prata fina.

23. Versão de Paçó (concelho de Vinhais), recitada por Alfredo Augusto, 58 anos, residente em Quintela (concelho de Vinhais). Recollida no dia 13 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
- 2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
- 4 foi alcançá-la a Belém, onde ela estava parida.
A miséria era tanta que nem um panal havia.

- 6 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
a Senhora, de contente, disse que os não queria.
- 8 Deitou as mãos à cabeça, a um véu qu'ela trazia,
partiu-o em três pedaços, em três pedaços o partia.
- 10 Um atou-o da cinta pra baixo e outro da cinta pra cima,
o mais pequenino de todos atou-o à cabecinha.
- 12 Voltou o anjo prò céu, cantando a "ave-maria".
Procurou o Padre Eterno como ficava a parida:
- 14 – A parida ficou boa, numa sala arrecollida.

24. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por César Augusto Fernandes, 62 anos. Recollida no dia 13 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
Madanela ia atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançá-la a Belém, donde ela estava parida.
(.....)
Deitou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia,
6 dividiu-o em três partes. (.....)
Um atou-o da cinta pra baixo e outro da cinta pra cima.
(.....)

25. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por José Manuel dos Santos, 68 anos. Recollida no dia 13 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém ia.
Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançá-la em Belém, donde ela estava parida.
A pobreza era tanta que nem um panal d'ouro havia.
- 6 Baixou um anjinho do céu, panais d'ouro lhe trazia,
a Senhora, de contente, disse que os não queria.
- 8 Subiu o anjo prò céu a cantar a "ave-maria".

Variante: 8a Voltou.

26. Versão de Quintela (concelho de Vinhais), recitada por Matilde da Conceição, 66 anos. Recolhida no dia 13 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela ia atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 alcançou-a em Belém, onde ela estava parida.
 A pobreza era tanta que nem um panal havia.
 6 Botou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia.
 (.....)
 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
 8 a parida, de contente, disse-lhe que os não queria.
 Tornou o anjo prò céu, cantando a "ave-maria".

27. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos, residente em Tuizelo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando para Belém partia.

28. Versão do Bairro dos Cabeços (concelho de Vinhais), recitada por Arminda do Nascimento, 74 anos, natural do Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 12 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 foi alcançar a Belém, donde ela estava parida.
 Era tamanha a miséria que nem um panal havia.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia,
 partiu-o em três bocados, Jesus nele envolvia,
 8 um da cinta pra baixo, outro da cinta pra cima,
 o mais pequenino de todos atou-lho à cabecinha.
 10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
 a Senhora, de contente, lhe disse qu'os não queria.
 12 Tornou o anjo prò céu, cantando a "ave-maria".

29. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Benedito António Borges, 81 anos. Recolhida no dia 9 de setembro de 1987.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela ia atrás dela, mas alcançá-la não podia.
 4 Foi encontrá-la a Belém, onde ela estava parida,
 mas a pobreza era tão grande que nem um panal havia.
 6 Deitou a mão à cabeça a um véu que ela trazia.
 (.....)

Variantes: 2a ia; 3a fugindo; 5a tristeza.

30. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria da Assunção Morais, 82 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
 2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela vai atrás dela, alcançá-la não podia,
 4 foi alcançar a Belém, onde ela estava parida.
 Era tamanha a miséria que nem um panal havia.
 6 Botou as mãos à cabeça a um lenço qu'ela trazia,
 partiu-o em três pedaços, todos neles envolvia.
 8 Um apertou-o da cinta pra baixo e outro da cinta pra cima
 e o mais novinho de todos apertou-lh'a cabecinha.
 10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
 subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria".
 12 Perguntou-l' o Padre Eterno como ficava a parida.
 – A parida boa fica numa sé d'ouro metida,
 14 ficou calçada de prata e vestido d'ouro batida.

Variante: 10a Desceu.

31. Versão do Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
Madalena ia atrás dela, alcançá-la não podia,
4 alcançou-a a Belém, onde ela estava parida.
A miséria era tanta que nem um panal havia.
6 Deitou as mãos à cabeça a um véu qu' ela trazia,
partiu-o em dois pedaços, nele o envolvia,
8 um da cinta pra baixo e outro da cinta pra cima.
Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
10 subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria".
Perguntou-l' o Padre Eterno como ficava a parida.
12 – A parida ficou boa e a parida boa fica.

32. Versão de Bairro do Couço (concelho de Vinhais), recitada por José Augusto, 48 anos, natural de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), ajudado por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, natural de Brito de Baixo (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia Nossa Senhora, quando pra Belém partia.
Madalena ia atrás dela, alcançá-la não podia,
4 alcançou-a em Belém, onde ela estava parida.
A miséria era tanta que nem um panal havia.
6 Deitou as mãos à cabeça a um véu qu' ela trazia.
Rachou-o em três bocados pra embrulhar a criancinha,
8 um da cinta pra baixo, outro da cinta pra cima
e o mais pequeno de todos atou-le a cabecinha.
10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro trazia,
subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria".

33. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Cândida Augusta Ramos, 76 anos. Recolhida no dia 31 de agosto de 1981.

Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela vai 'trás dela, alcançá-la não podia,
 4 alcançou-a em Belém, onde ela estava parida.
 A pobreza era tanta que nem um panal havia.
 6 Deitou as mãos à cabeça a um lenço qu'ela trazia.
 Partiu-o em três pequenos, Jesus neles envolvia,
 8 outro da cinta pra baixo, outro da cinta pra cima
 e o mais pequenino de todos deitou-lo à cabecinha.
 10 Baixou um anjo do céu, panais de seda lhe trazia,
 a Senhora, de contente, disse-lhe que os não queria.
 12 Tornou o anjo prò céu cantando a "ave-maria".
 Perguntou-lhe o Padre Eterno como ficou a parida.
 14 – A parida ficou boa, a parida boa fica.
 De prata ficou calçada e de seda ficou vestida,
 16 tudo isso era pouco prò que a Senhora merecia.

34. Versão de Bairro do Eiró (concelho de Vinhais), recitada por Domingos António dos Santos, 57 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
 2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
 Madanela vai 'trás dela, alcançá-la não podia,
 4 foi alcançar a Belém, donde ela estava parida.
 Era tamanha a pobreza que nem um panal havia.
 6 Botou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia.
 Partiu-o em três bocados, Jesus Cristo nele envolvia,
 8 um da cinta pra baixo, outro da cinta pra cima,
 o mais pequenino de todos deitou-lo à cabecinha.
 10 Baixou um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
 a Senhora, de contente, disse-lhe que os não queria.
 12 Subiu o anjo prò céu cantando a "ave-maria".

Perguntou-lhe o Padre Eterno como ficou a parida.

- 14 – A parida ficou boa, a parida boa fica,
vestidinha ficou d'ouro, calçada de prata fina.

Variantes: 3a foi; 7b em três bocados o partia; 12a Foi-se; 13b e 14a fica.

**35. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais).
Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.**

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
Madalena ia atrás dela, alcançá-la não podia.
4 Agora baixou o sol, lá pra trás daquela serra,
c'uma capinha vermelha que lhe deu a Madalena.
6 Para o céu vai uma escada, formada na maravilha,
lá no cimo dela toda, onze mil anjos havia.
8 E no último degrau estava a Virgem Maria,
quanto seus filhos lhe pediam, ela tudo dar-lhe queria.
10 A miséria era tanta que nem um panal havia.
Deitou as mãos à cabeça a um lenço qu'ela trazia,
12 partiu-o em três pedacinhos, quando Jesus envolvia.
Apertou um da cinta pra baixo e outro da cinta pra cima
14 e a parte mais pequenina atou-lha à cabecinha.

36. Versão de Rio de Fornos (concelho de Vinhais), recitada por José Luciano Gomes, 65 anos. Recolhida no dia 11 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia,
2 mais alta vai a Senhora, quando pra Belém partia.
Madalena vai atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi alcançar a Belém, onde ela estava parida.
Era tanta a pobreza que nem um panal havia.
6 Deitou as mãos à cabeça a um véu qu'ela trazia,

- partiu-o em três pedaços e Jesus nele envolvia.
- 8 Um atou-o da cinta pra baixo, outro da cinta pra cima,
o mais pequeno de todos atou-lho à cabecinha.
- 10 Desceu um anjo do céu, panais d'ouro lhe trazia,
a Senhora, de contente, disse-lhe qu' o não queria.
- 12 Voltou o anjo prò céu cantando a "ave-maria".
Perguntou-lhe o Padre Eterno como ficava a parida.
- 14 – A parida ficou bem, a parida boa fica,
vestida ficou de seda, calçada de prata fina.
- 16 Tudo isto não era nada prò qu' a Senhora merecia.

37. Versão de Brito de Baixo (concelho de Vinhais), recitada por Alcina dos Anjos Alves, 43 anos, residente no Bairro do Couço (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia,
2 mais alta ia a Senhora, quando pra Belém partia.
Madanela ia atrás dela, alcançá-la não podia,
4 foi encontrá-la em Belém, quando ela estava parida.
A miséria era tanta que nem uma fralda havia.
(.....)

LXII. A VIRGEM ANUNCIA AO MENINO A SUA PAIXÃO E GLÓRIA

1. Versão de Vilarinho das Touças (concelho de Vinhais), recitada por Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos. Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora lendo na sua Santa Paixão.
- 2 – Pra que nascestes, meus filhos? – Pra tão grande comunhão.
– Baixai àqueles baixos infernos, qu' eles mui escuros são,
- 4 tirar aquelas almas da boca daquele dragão,
tirai-as lá por cima, por cima de São João.
- 6 Por cima de São João está um momento armado.

- Por cima daquele momento está um cordeirinho sagrado,
8 tolheiteinho de pés e mãos, abertinho por um lado.
O sangue que dele cai, cai num cálice sagrado.
10 O homem que o beber será bem afortunado,
neste mundo será rei, noutro rei coroado.
*Quem a sabe não a diz,
quem a ouve não a aprende,
lá virá o Dia do Juízo,
que veremos o que s' arrepende.*

**2. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Severiano Diz,
73 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.**

- Lá se vai Nossa Senhora lendo na sua Paixão.
2 – Pra que nasceste, meu bendito filho, mai' lo Santo Semião?
Descei-me àqueles infernos, àqueles que mais escuros são,
4 tirai-me aquela alma da boca daquele dragão.
Tirai-ma lá por cima, lá por cima do São João.
6 Lá por cima do São João está um momentinho armado,
por cima do momento está um cordeirinho sagrado.
8 Preso está de pés e mãos, a um lance encostado.
Muito sangue vai caído, pouco menos vai ficado,
10 o sangue que dele cai, cai num cálice sagrado.
O cristão que o beber será bem afortunado,
12 neste mundo será rei, no outro rei coroado.
*Quem esta oração disser
um ano continuamente,
saberá certamente
quando Deus o há de levar.
Três dias antes da morte,
a Virgem o virá buscar.
Confessa-te, bom cristão,
comunga, bom cristão,
que a tua sentença
está dada diante de Deus.
Ámen.*

3. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

Lá se vai Nossa Senhora lendo na sua Paixão,
 2 com o seu Menino Jesus, neto de São João.
 – Para que nacistes, meu filho? – Para Santa Semião,
 4 para ser crucificado, morto na cruz da Paixão.
 – Descei àqueles infernos, que tão escuros eles são.
 6 Tirai aquelas alminhas da boca daquele dragão,
 tirai-as lá por cima, por cima de São João.
 8 Por cima de São João está um moiment’ armado,
 por cima daquele moimento está um cordeiro sagrado.
 10 As pinguinhas que dele caem, caem ao cálice consagrado.
 Quem aquele sangue beber será bem afortunado,
 12 neste mundo será rei, no outro será salvado.
*Quem a sabe não a diz,
 quem a ouve não a aprende,
 lá virá o Dia do Juízo,
 verá o que s’ arrepende.
 Quem esta oração disser
 um ano continuamente,
 sairá-le Nossa Senhora
 c’ o seu menino presente.*

LXIII. A DOR DA VIRGEM NO PORTAL DE BELÉM

1. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 79 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

Lá nos portais de Belém, duas léguas do Calvário,
 2 donde a Virgem está parida, São José ia chegando.
 Por esta maneira dizendo, por esta maneira velando:
 4 – Que fazes aí, donzela, que fazes aí, grandela?

- Eu estou parida e sola, não tens que sentir pena,
 6 por ver o filho da Virgem pregado de pés e mãos,
 [.....] envolvido em palha erva.
- 8 A mula que a comia, a vaca c’ um galho e a chega.
 Ó mula mal inclinada, a minha maldição te caia,
 10 ó vaca bem remida, a minha benção te siga.
 Prò outro dia pela manhã, saiu a procurar:
- 12 – Vistes por aqui passar uma estrela a relumbrar?
 – Por ali passou, senhora, a horas do galo cantar,
 14 c’ uma cruz sobre os seus ombros qu’ o fazia ajoelhar,
 com corda à sua garganta que o fazia atormentar.
*Quem esta oração disser,
 sempre ao s’ ir a deitar,
 cem almas das suas obrigações
 poderá salvar,
 a de seu pai e à de sua mãe
 e à sua principal.
 Deus que nos perdoe a todos,
 que nos pode perdoar.*

LXIV. O MENINO JESUS QUER DIZER MISSA

1. *Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 47 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.*

- Santo António está à porta,
 com uma capa bem devota,
 perguntando-lo ò menino,
 ò menino de Jordão,
 se sabia a oração,
 oração de salvação.*
- Quando Deus era menino, [.....]
- 2 punha o pé no seu altar e o sangue a pingar.

– Tem-te, tem-te, Madanela, não lho vás a limpar,
 4 essas são as cinco chagas que ele tinha de passar,
 umas cinco na Quaresma, outras cinco no Carnal.
 6 Lá se vão as três Marias de noite pelo luar,
 a saber do bom Jesus, não o puderam encontrar.
 8 Foram dar com ele em Roma, revestido no altar,
 missa nova quer dizer, missa nova quer cantar,
 10 o cálice tem na mão e a hóstia para consagrar.
Ámen.

2. Versão de Vilarinho das Touças (concelho de Vinhais), recitada por Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos. Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

*Santo António bate à porta,
 com uma capa mui devota,
 procurando ò menino,
 ò menino de perdão,
 que sabia a oração,
 oração de peixinho.*
 Quando Deus era menino, [.....]
 2 pôs o pezinho no altar e o sanguinho a pingar.
 – Tem-te, tem-te, Madanela, não lho vades a limpar,
 4 qu’ estas são as cinco chagas qu’ eu tinha de passar,
 quatro na Quaresma e cinco no Carnal.
 6 Lá vão as três Marias de noite pelo luar,
 em busca do bom Jesus, sem no poderem achar.
 8 Foram dar co’ ele a Roma, revestido no altar,
 missa nova quer dizer, missa nova quer cantar,
 10 c’ um cálice d’ ouro na mão prà hóstia consagrar.

3. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 69 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

*Santo António bate à porta,
 com uma capa bem devota,
 perguntando ao menino,*

*ao menino de perdão,
pra cumprir a oração,
oração de pelengrino.*

Quando Deus era menino, [.....]

- 2 punha o pé no seu altar e o sanguinho a pingar.
– Tem-te, tem-te, Madanela, não o andes a limpar.
- 4 Essas são as cinco chagas que eu tinha de passar,
cinco na Quaresma, outras cinco no Carnal.
- 6 Lá se vêm as três Marias de noite pelo luar,
em busca do bom Jesus sem o poderem achar.
- 8 Foram dar có' ele a Roma, revestido ao altar,
está có' cálice d' ouro na mão e a hóstia pra consagrar.
Ámen.

4. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Laura de Jesus Fernandes, 84 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

*Santo António bate à porta,
com uma capa bem devota,
procurando ò menino,
ò menino de perdão,
se sabia a oração,
oração de pelengrino.*

Quando Jesus era menino, [.....]

- 2 para o pé do seu altar e o sanguinho a pingar.
– Tem-te, tem-te, Madanela, não lho vás a limpar.
- 4 Essas são as cinco chagas Nosso Senhor tem de passar,
umas cinco na Quaresma e outras cinco na carnal.
- 6 Lá se vêm as três Marias de noite pelo luar,
em busca do bom Jesus sem no poder encontrar.
- 8 Foram dar có' ele a Roma, revestido no altar,
missa nova quer dizer, missa nova quer cantar,
10 c' um cálice d' ouro na mão pra nos remir e salvar.

5. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos, natural do Espinhoso (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

*Santo António bate à porta,
com uma capa bem devota,
procurando ò menino,
ò menino do perdão,
se sabia a oração,
oração do peregrino.*

Quando Deus era menino, [.....]

- 2 pôs o pé no seu altar e o sanguinho a pingar.
– Tem-te, tem-te, Madalena, não lho queiras limpar.
4 Essas são as cinco chagas qu’o Senhor tem de passar,
cinco na Quaresma e outras cinco no Carnal.
6 Lá se vão as três Marias de noite pelo luar,
em busca de Jesus Cristo, não o puderam achar.
8 Foram dar co’ele a Roma, revestido no altar,
missa nova quer dizer, missa nova quer cantar,
10 c’um livro d’ouro na mão pra nos remir e salvar.

LXV. DA COLUNA À VIA DOLOROSA

1. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 69 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

- Quinta-feira de Endoenças, sua santa humanidade,
2 correu toda a cidade c’os grandes pesos da cruz.
As pedras s’aquebrantavam e os caminhos davam luz,
4 mas o ladrão do Aroz diz que não havia tal.
Arrumado vai cordeiro, arrumado à coluna.
6 Vós, se não queredes crer, subi-vos àquele outeiro,
lá vereis a rua regada do seu sangue verdadeiro.

- 8 Na rua da amargura, vai a Virgem em cabelo,
perguntando por um filho que se chamava Jesus.
- 10 Jesus estava na cruz com três cravos encravados
[.....] e São Simão do outro lado.
- 12 – Ajuda-me aqui, Simão, esta cruz de pau pesado.
– Eu ajudarei, Senhor, com as cordas da minha alma.
- 14 – Ajuda, Simão, ajuda, que de mim verás ajuda.
- Quem esta oração disser,
quinta-feira d' Endoenças,
sexta-feira da Paixão,
sábado de Aleluia,
domingo da Ressurreição,
tirá quatro almas
das penas donde elas estão:
a primeira será a sua,
a segunda de seu pai,
a terceira de sua mãe,
a quarta de quem Deus quiser
e tiver mais devoção.
Quem a sabe não a diz,
quem a ouve não a aprende,
lá vem o dia do Juízo,
verá bem que lhe sucede.*

2. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Maria Augusta Barreira, 79 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

- Quinta-feira de Endoenças, sua santa humanidade,
- 2 correu toda a cidade c' os grandes preços da cruz.
As pedras choravam e os caminhos davam luz.
- 4 O filho da Virgem morreu e morreu pra nos salvar,
mas o ladrão d' Horodes disse que não era tal.
- 6 Se vós não queredes crer, subi-vos àquele outeiro,
vereis a rua regada do seu sangue verdadeiro.
- 8 O sangue que dali cai, cai num cálice sagrado.

A pessoa que o beber será bem-aventurado,
 10 neste mundo será rei, no outro será salvado.
Quem esta oração disser,
quinta-feira de Endoenças,
sexta-feira da Paixão,
sábado da Aleluia,
domingo da Ressurreição,
tirá quatro almas
das penas dond' elas estão:
a primeira será a sua,
a segunda de seu pai,
terceira de sua mãe,
quarta o maior amigo
que Deus tenha devoção.
Quem a sabe não a diz
e quem a ouve não a aprende.
Lá virá o dia do Juízo,
saberemos o que nos sucede.

3. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 68 anos. Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

Quinta-feira de Endoenças, sua santa humanidade,
 2 correu toda a cidade o Senhor c' o peso da cruz.
 O caminho dava luz, as pedrinhas estremeciam
 4 e o filho de Deus morria, morria por nos salvar.
 [...] Judas diz que não há tal.
 6 A Senhora em cabelo pela rua da amargura.
 – Ajuda-me aqui, ó Simão, esta cruz tão pesada.
 8 – Eu ajudarei, Senhora, co' as cordas da minha alma.
 Quem nisto não queira crer, suba-se àquele outeiro,
 10 verá a rua regada do seu sangue verdadeiro.
Quem esta oração disser,
quinta-feira de Endoenças,
sexta-feira da Paixão,

*sábado da Aleluia,
domingo da Ressurreição,
tirá quatro almas
das penas donde elas estão:
a primeira será a sua,
a segunda de seu pai,
a terceira de sua mãe,
a quarta de quem mais obrigado for.*

4. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

Quinta-feira de Endoenças, sua santa humanidade,
2 correu toda a cidade com o grande peso da cruz.
O céu escurecia e as estrelas davam luz.
4 O filho de Deus morria, morria pra nos salvar,
mas o ladrão do Herodes dizia que não havia tal.
6 Se vós não me quereis crer, subi-vos àquele outeiro,
vereis as ruas regadas c' o seu sangue verdadeiro.
8 Amarrado vai cordeiro, amarrado à coluna.
a Virgem vai em cabelo pela rua da amargura,
10 [...]. e a Simão pediu ajuda.
– Ajuda, Simão, ajuda, que de Deus terás ajuda!
*Quem esta oração disser,
quinta-feira de Endoenças,
sexta-feira da Paixão,
sábado da Aleluia,
domingo da Ressurreição,
tirá quatro almas
de penas dond' elas estão:
a primeira será a sua,
a segunda do seu pai,
a terceira da sua mãe,
e a quarta do maior amigo
que tiver no coração.*

5. Versão de Vila Verde (concelho de Vinhais), recitada por Elísia Augusta, 52 anos, residente no Bairro do Eiró (concelho de Vinhais). Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Quinta-feira de Endoenças, sua santa humanidade,
 2 Jesus Cristo morreu, morreu pra nos salvar.
 As pedras luziam, o caminho dava luz.
 4 Se vós não queredes crer, subi àquele outeiro,
 lá vereis a lua cheia e o seu sangue verdadeiro.

LXVI. A VIRGEM A CAMINHO DO CALVÁRIO

1. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Catarina Gouveia, 69 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Lá acima em Belém, sete léguas do Calvário,
 2 viram vir uma senhora, mãe devota do Rosário.
 Atrevi-me e procurei-lhe se viu Jesus amado.
 4 – Sim, senhora, aqui passou, bem triste, desconsolado,
 c’o madeiro aos seus ombros, um madeiro bem pesado.
 6 De judeus e de judias ia bem arrodado,
 uns lhe metiam pinhos, outros lhe metiam cravos,
 8 os outros lhe metiam lanças dos seus divinos lados.
 O sangue que dele caía, caía em cálice sagrado.
 10 O homem que o beber será bem-aventurado,
 nesta vida será rei, na outra será coroadado.
*Quem esta oração disse
 todas as sextas do ano,
 tiram a alma de pena
 e outra de pecado.
 Quem a sabe não a diz,
 quem a ouve não a aprende,
 vamos à hora da morte
 qual é o que s’ arrepende.*

2. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

- Lá se vai Nossa Senhora por o caminho dourado,
 2 vai em busca de seu filho, de seu filho tão amado.
 Encontrou dois cavaleiros c' as suas ricas armas armados.
 4 – Vistes por aqui o meu filho, o filho qu' eu tanto amava?
 – Não, senhora, não passou. Deus lho haja bem parado.
 6 Lá se vai Nossa Senhora por o caminho dourado,
 vai em busca de seu filho, do seu filho tão amado.
 8 Encontrou dois pastorinhos que guardavam bem o gado.
 – Vistes aqui meu filho, o filho qu' eu tanto amava?
 10 – Sim, senhora, aqui passou. Deus lho haja bem parado.
 De judeus e de judias ia bem arroteado,
 12 uns lhe iam escupindo, outros lhe iam escarrando,
 os mais pequenos que lá iam, iam-no apedrejando.
 14 São João e Santa Madalena foram correr ao Calvário,
 tão depressa como foram já o acharam crucificado.
 16 Já lhe batiam as cunhas, já lhe batiam nos cravos,
 morreu ali um cordeiro sem ter culpa nem pecado.
 18 O sangue qu' ali corria, corria na cruz sagrada.
 O homem qu' o beber será bem-aventurado,
 20 neste mundo será rei, noutro será rei coroado.

Quem esta oração disser

todas as sextas do ano,

tira a sua alma da pena

e outra do pecado.

Quem a sabe não a diz,

quem a ouve não a aprende,

na hora da sua morte,

verá que s' arrepende.

3. Versão de Gimonde (concelho de Bragança), recitada por Virgínia da Assunção Fileno, 47 anos. Recolhida no dia 20 de agosto de 1982.

Pela rua da amargura a Senhora caminhava,
 2 tristes novas lhe vieram qu' o seu filho preso estava.
 Encontrou uma mulher que Verónica se chamava.
 4 – Deus te guarde, ó mulher, Deus te guarde a tua alma!
 Vistes por aqui o meu filho, o meu filho tanto amado?
 6 – Sim, senhora, aqui passou por a cantada do galo,
 com a cruz às costas, que madeiro tão pesado!
 8 De judeus e de judias ia bem acompanhado,
 um ia picando, outro ia pisando,
 10 o mais pequeno deles bofetões lhe ia dando.
 Cada passinho que dava, cada vez ajoelhava,
 12 ia pedindo panos humanos para limpar as suas chagas.
*Uma era prà casa dos mouros,
 outra era prà casa de Santa Jerusalém,
 onde é que Nosso Senhor Jesus Cristo,
 que morreu por nós.
 Ámen.
 Já os galos pretos cantam,
 já os anjinhos se levantam,
 já meu Deus subiu à cruz,
 para sempre, ámen, Jesus.*

4. Versão de Soeira (concelho de Vinhais), recitada por Manuel Alberto Diegues, 62 anos. Recolhida no dia 14 de agosto de 1982.

Por galheiros de mouro vou, por galheiros de mouro venho,
 2 por o rasto de sangue vou, por o rasto de sangue venho.
 Madalena vai diante com uma touca demudada,
 4 que não há linho nem seda que lhe cubra a sua cara.
 Na sua mão direita leva um cálice de prata lavrada,
 6 para aparar o sangue que Jesus Cristo deitava.
 Lá na rua da amargura, [.....]

- 8 c' uma mulher s' encontrou, c' uma mulher s' encontrara.
A Virgem lhe perguntou, a Virgem lhe perguntara:
- 10 – Vistes por aqui o meu filho, a quem tanto eu amava?
– Por aqui passou Nosso Senhor, horas qu' o galo cantava,
- 12 c' uma cruz aos seus ombros que cada passo ajoelhava,
c' uma corda ao pescoço que lhe falecia a alma.
- 14 De judias e judeus ia bem acompanhada,
uns o iam escupindo, outros o iam esgarrando,
- 16 o mais novinho de todos o ia arrepelando.
A Virgem, qu' isto ouviu, caiu morta, desmaiada.
- 18 São João, como sobrinho, acudiu a levantá-la.
– Levante-se, minha tia, levante-se, ó tia d' alma.
- 20 Lá nos campos de São Bento, [.....]
andam tropetes e guerras daquela gente malvada.
- 22 A Virgem que lá chegou, a Virgem que lá chegava,
encontrou-se com três cruzeiros, com três cruzeiros s' encontrara.
- 24 E no meio estava um homem que Nazaré se chamava.
Virgem não no conheceu, desmaiado que estava,
- 26 conheceu-o Madalena qu' aos seus santos pés estava.
As lágrimas dos seus olhos os seus santos pés lavava
- 28 e o seu cabelinho loiro lhe serviam de toalha.
– Morreste, meu bom Jesus, morreste sem testamento,
- 30 só deixaste aos judeus que te deram bofetadas.
Só a mim, como sobrinha, me deixaste deserddada.
- 32 – Cala, cala, Madalena, que tu não estás deserddada,
a herança do meu pai para ti estará guardada.
*Agora não falo mais por falta de alento,
louvado seja o Santíssimo Sacramento.*

5. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recollida no dia 7 de setembro de 1987.

- la Nossa Senhora por aquele caminho doirado,
2 buscando seu filhinho, seu filhinho tão amado.
Chegou ao meio do caminho, [.....]

4 encontrou um cavaleiro, d' armas vinha bem armado.
 – Deus te guarde, cavaleiro, Deus te queira guardar,
 6 vistes passar por aqui o meu filho querido, o meu filho tão amado?
 – Por aqui não passou, senhora, Deus o tenha bem parado.
 8 Chegou mais um bocadinho à frente, encontrou um pastorzinho.
 – Deus te guarde, pastorzinho, Deus te queira guardar,
 10 vistes passar por aqui o meu filho querido, o meu filho tão amado?
 – Por aqui não passou, senhora. Deus o tenha bem parado.
 12 Chegou mais tantinho adiante, encontrou um pobrezinho.
 – Deus te guarde, pobrezinho, Deus te queira guardar,
 14 vistes passar por aqui o meu filho querido, o meu filho tão amado?
 – Por aqui passou, senhora. De judeus e judias ia bem rodeado,
 16 uns lhe iam cuspindo, outros lhe iam esgarrando,
 o mais pequenino deles todos, pelinhos lhe ia tirando.
 18 Nossa Senhora, qu' aquilo ouviu, morta caiu ao chão.
 [.....] São Pedro e São João:
 20 – Levanta-te aqui, senhora, não estejas tão demorada.
 Quando chegar lá, já está morto no Calvário,
 22 já tem os cravos batidos, já o vão crucificar.
 – Madeiro maldito, madeiro lavrado,
 24 mataste o meu filho sem culpas nem pecado.
*Quem disser esta oração
 um ano inteiramente,
 terá o inferno livre
 e o seu ano eternamente.*

6. Versão de Armoniz (concelho de Vinhais), recitada por Gracinda da Conceição Silva, 51 anos. Recolhida no dia 19 de agosto de 1982.

Indo eu p'la rasteirinha do sangue qu' o bom Jesus arrumou,
 2 ela ia seguindo, o São João a acompanhou.
 Lá no meio do caminho, c' uma mulher s' encontrou,
 4 [.....] Verónica se chamava.
 – Diz-me tu, ó mulher, se vistes por aqui um filho,
 6 [.....] um filho qu' eu tanto amava?

- Sim, senhora, o vi andar ao correr do seu mar,
 8 com três panos humanos pra limpar a sua cara.
 Dentro dos panos humanos, três Verónicas s’ acharam.
 10 Mas estava em casa santa, entrou em Jerusalém,
 entrou em casa dos mouros pra relíquias de alguém.
 12 – Deixai-me ir que vou depressa falar a Jesus,
 está naquele monte Calvário respirando na cruz.
 14 Deixai-me ir que vou depressa falar a Deus verdadeiro,
 está naquele monte Calvário respirando no madeiro.
Estas vinte repetições, ó meu Deus,
eu vo-las entrego,
pra que na hora da minha morte
me tenhas o céu aberto.

LXVII. O MONUMENTO DE CRISTO

1. Versão de Nuzedo de Cima (concelho de Vinhais), recitada por Felisbina da Conceição Morais, 69 anos. Recolhida no dia 18 de agosto de 1982.

- No meio daquele momento há um cordeiro sagrado,
 2 o sangue que dele cai, cai num cálice sagrado.
 O homem que o beber será bem-aventurado,
 4 neste mundo será rei e noutro rei coroado.
Ámen.

2. Versão de Bairro do Lousedo (concelho de Vinhais), recitada por João Baptista Pinheiro, 66 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

Ó anjo da minha guarda,
embaixador do Senhor,
pra que nascesteis fosteis anjo,
para ser meu guardador.

*Peço-vos, anjo bendito,
 com toda a graça e poder,
 no laço do pecado,
 que me queiras defender.
 Guardai-me esta noite,
 'manhã por todo o dia,
 meu corpo não seja preso
 nem minha alma perdida.
 Nem o meu sangue derramado,
 Jesus, Ave Maria.
 Cantam galos, abrem luzes
 e os anjinhos tomam cruzes.*

- Pra descer àqueles infernos [.....?.....] são,
 2 pra tirar Adão e Eva da boca daquele dragão.
 Na boca daquele dragão está um momento armado,
 4 no meio daquele momento está um cordeiro sagrado.
 Preso vai de pés e mãos, muito bem arrematado,
 6 o sangue que dele caía, caía num cálice sagrado.
 O homem que dele beber será bem-aventurado,
 8 neste mundo será rei, noutro será rei coroadado.

LXVIII. A CONFISSÃO DA VIRGEM

1. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

- Ó senhor padre de missa, confissão m' há de ouvir,
 2 que me sinto ocupada, quer o Senhor nascer.
 O padre que s' assentou, donzelinha que s' ajoelhou,
 4 o ventre qu' ela trazia todo mundo relumbrou.
 Confessor, qu' aquilo viu, olvidou de pensamento.
 6 Nossa Senhora lhe disse: – Isto é para dar exemplo.
 Um pecado contínuo, dizemos os mandamentos:

- 8 primeiro é amar, amar a Nosso Senhor,
eu deveras o amei, sempre o trouxe a meu favor.
- 10 Segundo é amar a nossos pais mais qu' a Vós,
não sei se será ofensa ou mal os deixara a Vós.
- 12 Terceiro é amar um pecado contínuo,
dia 25 de março, encarnou o Verbo Divino.
- 14 Oh, quem me dera de ser uma criada menor,
sendo rainha dos anjos e mãe de Nosso Senhor!
- 16 Ó senhor padre de missa, já acabei a confissão.
Peço-lhe, p'lo divino amor de Deus, que me bote a absolvição.
- 18 – Levanta-te daí, minha rosa, meu espelho cristianinho,
não tens pecados que t'absolva nem os meus pés são tão dignos.
- 20 Que t'absolva o Padre Eterno e mai' lo Verbo Divino.

2. Versão de Bairro do Carvalho (concelho de Vinhais), recitada por Maria Rodrigues, 71 anos. Recolhida no dia 16 de agosto de 1982.

- Nossa Senhora se confessou uma manhã ao domingo,
- 2 não por ter pecados nem por os ter cometido,
por guardar preceitos ao seu amado filho.
- 4 O padre se sentou e a donzela ajoelhou,
o que trazia no seu ventre toda a terra alumiou.
- 6 O padre, des' que viu isto, pensamentos duvidou.
– Padre, não duvides pensamentos nem os deves duvidar,
8 tudo isto são mistérios da Santíssima Trindade.
Vamos a distinguir os pecados todos pelos mandamentos.
- 10 O primeiro que eu amei foi Deus Nosso Senhor,
c' o que trago em meu ventre, criado em meu favor.
- 12 O segundo qu' eu amei foi amado de contínua,
a 25 de Março encarnou o Verbo Divino.
- 14 O terço qu' eu desejei foi um Padre mais que Vós,
não sei se Vos ofendo chamar Jesus por Vós.
- 16 Padre, a minha confissão está feita,
por caridade Vos peço que me deiteis a absolvição.
- 18 – Levanta-te, pomba branca, meu espelho de cristal fino,

qu' eu já vejo em Vós s' encerra o qu' encarnou Verbo Divino.
Quem esta oração disser
um ano de dia a dia,
terá a sua alma mais limpa
qu' a coroa da Virgem Maria.

Variante: 19a que a 25 de Março.

LXIX. O CORDÃO DA VIRGEM

1. Versão de Seixas (concelho de Vinhais), recitada por Augusta dos Santos Neves, 66 anos. Recolhida no dia 4 de setembro de 1980.

Levantei-me ao cantar do perdigão,
 2 encontrei Nossa Senhora c' um raminho de flores na mão.
 Pedi-lh' uma galheta, disse-me que não, que não,
 4 [.....] que me dava o seu cordão,
 que me dava sete voltas ao redor do coração
 6 e a pontinha que sobrava que chegava do céu ao chão.

2. Versão de Gestosa (concelho de Vinhais), recitada por Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos. Recolhida no dia 7 de setembro de 1987.

Indo eu por aí abaixo em busca de São João,
 2 encontrei Nossa Senhora c' um ramo d' ouro na mão.
 Eu lhe pedi uma folhinha, ela disse-me que não.
 4 Eu lha tornei a pedir, ela me deu o seu cordão.
 Santo António de Lisboa me benza este cordão,
 6 que mo deu Nossa Senhora no domingo da 'ssurreição.
 Ele dá-me doze voltinhas em volta do meu coração
 8 e a pontinha que me sobra chega-me do céu ao chão.

*Quem disser esta oração
um ano inteiramente,
terá o inferno livre
e o seu ano eternamente.*

3. Versão de Bairro do Campo (concelho de Vinhais), recitada por Laura de Jesus Fernandes, 84 anos. Recolhida no dia 10 de agosto de 1982.

- Levantei-me de manhã cedo ao cantar dum azidão,
2 encontrei Nossa Senhora c' um ramo d' ouro na mão.
Eu lhe pedi uma folha, ela me disse que não.
4 Eu lha tornei a pedir, ela me deu o seu cordão,
que me dava doze voltas ao redor do meu coração.
6 A pontinha que ficava chegava do céu ao chão.
Santo António de Lisboa, que lhe desse esse cordão.
8 [.....] Eu disse que não, que não,
que mo dera Nossa Senhora domingo de Ressurreição.

*Quem esta oração disser
três vezes em procissão,
logrará quatro almas do Inferno,
nomeio onde é qu' elas 'tão.
A primeira é a sua,
terceira da sua mãe,
quarta do seu pai,
e quinta do maior amigo
que tiver no coração.
Quem a sabe não a diz,
quem a ouve não a aprende.
Lá virá o Dia do Juízo,
vai ver como s' arrepende.*

Variantes: 1b manhãzinha; 2b raminho.

Índice de primeiros versos

- À caça se vai D. Pedro, à caça como o sol ia – XLI.6
À caça se vai D. Pedro, à caça, vai caçar – XIX.15
À caça vai o D. Pedro, a caçar como o sol ia – XLIII.2
A caçar foi o D. Pedro, a caçar como o sol ia – XLIII.3
A caçar se vai D. Pedro, a caçar como o sol ia – XLI.2
A caçar vai o D. Pedro, a caçar como o sol ia – XLI.5
– À guerra, à guerra, mourinhos! [.....] – XI.4
– À guerra, à guerra, mourinhos, quero uma cristã cativa – XI.1; XI.3; XI.6-7
– À guerra, à guerra, mourinhos, venha uma cristã cativa – XI.2
– (.....) à sombra dessa noqueira – XIV.7
– Abre-m’ a porta, morena, morena da minha alma – XXIII.3
– Abre-m’ a porta, morena, moreninha e aseada – XXIII.6
– Abre-m’ a porta, morena, moreninha engraçada – XXIII.7
– Abre-m’ a porta, morena, morena linda casada – XXIII.2
– Abre-te janela, cerra-te postigo – XXXIV.2
– Acorda, bela infância, se queres ouvir cantar – XV.18
– Acorda, Mineta, dum doce dormir – XXXIV.5
– Adiante, Mineta, adiante, mais adiante um bocadinho – XXXIV.8
Agora baixou o sol, louvado seja o Senhor – XLV.1-2; XLV.5; XLV.7-8
– Ai de mim, que já estou velho, as guerras m’ acabarão – XLVI.6
Aí vai Nossa Senhora do Egipto para Belém – LIV.15
– Albana, ó Albaninha, filha do conde d’ Albar – V.5
– Albana, ó Albaninha, filha do conde de Albar – V.2-3; V.8; V.10-12; VII.2
– Albana, ó Albaninha, filha do conde de Algar – V.4; V.6-7

- Albana, ó Albaninha, filha és do conde Albar – V.1
- Albaninha, ó Albaninha, filha é do conde de Albar – VII.1
- Alcançar vai cavaleiro, [...] – XLI.10
- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o sol ia – XLI.7-9; XLI.11; XLI.13-14; XLI.16-17; XLI.19-20; XLI.22-24
- Alcançar vai cavaleiro, alcançar como o solinho – XLI.12
- Alcançar vai cavaleiro, alcançar vai como o sol ia – XLI.21
- Alcançar vai cavaleiro, alcançar vai serra acima – XXXIII.2-3
- Aldininha, queres ser minha, queres ser minha namorada – XXXVI.6
- Ali vem o senhor Jorge, cavalo do seu cavalo – XXVIII.1
- Allá va Nuestra Señora viejita para Belén – LIV.1
- Alta vai a lua, alta, como o sol ao meio-dia – LXI.7; LXI.14; LXI.16-22; LXI.28-32; LXI.35; LXI.37
- Alta vai a lua, alta, mais o sol ao meio-dia – LXI.2; LXI.8
- Alta vai a lua, alta, mais que o sol ao meio-dia – XL.2; LXI.1; LXI.3-6; LXI.9-13; LXI.15; LXI.23-27; LXI.33-34; LXI.36
- Apeia-te, ó cavaleiro, darei-te de merendar – XXVIII.25; XXVIII.61
- Apeia-te, ó cavaleiro, darei-t’ eu de merendar – XXVIII.22; XXVIII.30
- Apeia-te, ó cavaleiro, dera-t’ eu de merendar – XXVIII.2; XXVIII.8; XXVIII.10; XXVIII.12-13; XXVIII.15; XXVIII.17-18; XXVIII.24
- Apeia-te, ó cavaleiro, eu te darei de merendar – XXVIII.6; XXVIII.33; XXVIII.36; XXVIII.62
- Apeia-te, ó cavaleiro, horas são de merendar – XXVIII.4-5
- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu darei-te de merendar – XXVIII.28
- Apeia-te, ó cavaleiro, qu’ eu te darei de merendar – XXVIII.11; XXVIII.31; XXVIII.38; XXVIII.51-52; XXVIII.55; XXVIII.57
- Apeia-te, ó cavaleiro, que eu te darei de merendar – XXVIII.59-60; XXVIII.63
- Apeia-te, ó cavaleiro, que eu te dou de merendar – XXVIII.58
- Apeia-te, ó cavaleiro, que horas são de merendar – XXVIII.56
- Apeia-te, ó cavaleiro, que t’ hei de dar de merendar – XXVIII.53
- Apeia-te, ó cavaleiro, que te dou de merendar – XXVIII.20
- Apeia-te, ó cavaleiro, quero dar de merendar – XXVIII.30
- Apeia-te, ó cavaleiro, vem daí a merendar – XXVIII.3
- Apeia-te, ó cavalheiro, dera-te eu de merendar – XXVIII.19
- Apostado tenho, madre, as armas e meu punhal – XLII.1
- Aqueles que jogam e não perdem, é prazer vê-los jogar – XLII.6
- Arrebenta a Patalina do lado do coração – XLVI.4
- Arrebenta, Catalina, por um lado do coração – XLVI.3

- Arrebenta, ó Patalina, do lado do coração – XLVI.2
- Arrebenta, Patalina, pelo lado do coração – XLVI.1
- As donzelas desta terra de que tempo vão à missa – XLIII.4
- As mangas desta camisa eu não as chegue a romper – XXII.2
- Aurindinha, Aurindinha, queres ser minha namorada – XXXVI.12
- Aurindinha, ó Aurindinha, queres ser minha namorada – XXXVI.13
- Bem cantava a lavadeira ao som da sua barrela – XVI.36; XX.2-6
- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhã – LIV.12; LV.1; LV.5; LV.7
- Bem madrugava a donzela ao domingo de manhana – LV.8
- Bem madrugava a donzela domingo de manhana – LV.6
- Bem madrugava a donzela no domingo de manhã – LV.2; LV.4
- Bem se passeava o mourinho de calçada em calçada – II.4
- Bem se passeia a Bernarda pela ribeira da Hungria – III.1
- Bem se passeia a Bernarda pela ribeira dum rio – III.2
- Bem se passeia a dona Silvana alto corredor acima – XXI.10
- Bem se passeia a Silvana alto corredor acima – XXI.9; XXI.11
- Bem se passeia a Silvana pelo corredor acima – XXI.12
- Bem se passeia a Silvana por aquele corredor acima – XXI.7
- Bem se passeia el-rei mouro de calçada em calçada – II.1
- Bem se passeia mourinho de calçada em calçada – II.2
- Bem se passeia o mourinho de calçada em calçada – II.3; II.5
- Boa tarde, ó Julieta, boa tarde te venho dar – XXVIII.40
- Bom dia, ó Juliana, bom dia te venho dar – XXVIII.41; XXVIII.45
- Boa tarde, Juliana! [.....] – XXVIII.46
- Cala-te lá, minha filha, que o conde é bom rapaz – XXII.1
- Campos verdes, campos verdes, bem os vejo navegar – XIX.9
- Campos verdes, campos verdes, bem vos vejo verdegar – XIX.11
- Canta, mouro, canta, mouro, canta pela tua vida – XIII.1-2
- Caralinda, Caralinda, Caralinda com’ò sol – XXV.3; XXV.26
- Caralinda, Caralinda, deixa-me ir dormir contigo – XXV.27
- Chegadinha é la hora, ao pico do meio-dia – XL.5
- Chegadinha era a hora, ao pino do meio-dia – XL.3
- Chegadinha era la hora, ao pino do meio-dia – XL.1
- Chorosa vai a Silvana, pelas serras da Hungria – XXXIII.5

- Claralinda, Claralinda, Claralinda com'ò sol – XXV.10; XXV.20
- (.....), com eles me fui à arada – XXVII.7
- Coma desse pão, beba desse vinho – XXXIV.21
- D. Fernando, D. Fernando, qu'andas tão triste na guerra – XVI.39
- D. Pedro vai à caça, a caçar como o sol ia – XLI.3
- D. Pedro se vai à caça, a caçar como o sol ia – XLIII.1
- Da igreja vem o velho, da igreja de rezar – XLVII.2; XLVII.8; XLVII.10; XLVII.12; XLVII.14-15; XLVII.18-19; XLVII.25; XLVII.27-28; XLVII.32; XLVII.34-35
- Da igreja vem o velho, da igreja vem de rezar – XLVII.1; XLVII.3-7; XLVII.11; XLVII.21
- Da igreja vem o velho e da igreja de rezar – XLVII.22
- Da igreja vem no velho, da igreja de rezar – XLVII.13; XLVII.16-17; XLVII.20; XLVII.23; XLVII.26; XLVII.29-31; XLVII.33
- Da igreja vem no velho, da igreja vem de rezar – XLVII.9; XLVII.24
- Delgada, ó Delgadinha, Delgada, ó filha minha – XXXV.1
- Delgadinha, ó Delgadinha, Delgadinha, ó Delgada – XXXVI.5
- Derrubaste três igrejas, das maiores de Portugal – IX.8
- Ditoso do lavrador, ele da sua arada vinha – LIX.39
- Ditoso do lavrador qu'ele da sua arada vinha – LIX.16; LIX.25
- Ditoso do lavrador quando da sua arada vinha – LIX.29
- Ditoso do lavrador quando da sua lavoura vinha – LIX.1
- Ditoso do lavrador que da sua arada vinha – LIX.2-3; LIX.4; LIX.9-10; LIX.12-15; LIX.17; LIX.19; LIX.26-28; LIX.30-31; LIX.33; LIX.35; LIX.38; LIX.40-41
- Ditoso do lavrador que ele da sua arada vinha – LIX.5-8; LIX.11; LIX.22-24; LIX.32; LIX.34; LIX.36
- Dona Ângela vai casar, dona Ângela, esposa minha –XLIX.15
- Donde vens, D. Fernando, qu'andas tão triste na guerra? – XVI.9
- Donde vens, ó Ermelinda, donde vens tão orvalhada – VII.7
- Em Madrid há una niña que lhe chamam Isabel – XXXII.2
- En la flor del reino tem una yerba muy mala – XXXIX.1
- En Madrid ha una niña, que le llaman Isabel – XXXII.1
- Então, mas não se abre esse portão, há tanto tempo fechado – XIV.3
- Era meia-noite quando o ladrão veio – XXXIV.7
- Era um rei que tinha três filhas, todas lindas como a prata – XXXVI.1
- Escureceu-me lá no monte, lá numa escura montinha – XLI.1
- Espera aí, ó D. Jorge, espera aí um bocadinho – XXVIII.47
- Estand' à minha porta cosendo na minha almofada – LII.10

- Estando a bela infanta no seu jardim assentada – XIV.9; XIV.29
- Estando a bela infanta no seu jardim sentada – XIV.52
- Estando a dona Helena no seu jardim assentada – XIV.55
- Estando à minha porta cosendo seda lavrada – LII.8
- Estando à minha porta sentadinha ao luar – LII.17
- Estando dona Felisbina sentadinha ao balcão – XXV.9
- Estando dona Filomena no seu jardim assentada – XXV.24
- Estando dona Filomena sentada no seu balcão – XXV.12-15; XXV.17; XXV.19; XXV.21-**23**; XXV.28; XXV.30
- Estando dona Filomena sentadinha no balcão – XXV.1-2
- Estando dona Helena à sua porta assentada – LII.20
- Estando dona Helena fiando seda lavrada – LII.25
- Estando eu à minha porta, a uma raça de sol – XVIII.1
- Estando eu à minha porta bordando seda lavrada – LII.3
- Estando eu à minha porta cosendo, bordando seda – XIV.11; XIV.**38**
- Estando eu à minha porta cosendo e lavrando seda – XIV.14; XIV.17
- Estando eu à minha porta cosendo, lavrando seda – XIV.22; XIV.25-26; XIV.33; XIV.39; XIV.41; XIV.44;
XIV.46; XIV.48-49; XIV.54; XIV.56; XIV.58
- Estando eu à minha porta cosendo minha almofada – LII.11
- Estando eu à minha porta cosendo na almofada – LII.6
- Estando eu à minha porta cosendo seda lavrada – LII.7; LII.16; LII.19; LII.22; LII.26
- Estando eu à minha porta fiando seda lavrada – LII.5
- Estando eu à minha porta lavrando, cosendo seda – XIV.30
- Estando eu cosendo na minha almofada – LII.9
- Estando eu em minha casa cosendo em seda lavrada – LII.24
- Estando eu sentadinha à minha porta, a trabalhar em seda lavrada – LII.21
- Estando Santa Helena à porta sentada – LII.15
- Estando Santa Helena cosendo na sua almofada – LII.12
- Estava a bela infanta lá no seu jardim sentada – XIV.4
- Estava a bela infanta no seu jardim assentada – XIV.1; XIV.18; XIV.**31**; XIV.59
- Estava a bela infanta no seu jardim sentada – XIV.2
- Estava a dona Felisbina sentada no seu balcão – XXV.5
- Estava a dona Felisbina sentadinha num balcão – XXV.8
- Estava a dona Filomena sentada no seu balcão – XXV.**25**
- Estava a dona Filomena sentadinha no balcão – XXV.4

- Estava a dona Helena à porta sentada – LII.2
- Estava à porta Irene numa cadeira assentada – LII.1
- Estava a Santa Helena à porta sentada – LII.13
- Estava dona Felisbina sentadinha ao balcão – XXV.7
- Estava dona Filomena lá sentada no seu balcão – XXV.18
- Estava dona Filomena sentada no seu balcão – XXV.31
- Estava dona Helena à porta sentada – LII.14
- Estava Santa Helena à sua porta assentada – LII.27
- Estava Santa Helena à sua porta sentada – LII.18
- Eu bem vi a Felisbina sentadinha no balcão – XXV.6
- Eu bem vi estar Filomena sentada no seu balcão – XXV.11
- Eu bem vi estar Filomena sentadinha em seu balcão – XXV.29
- Eu bem vi o Valerzinho dando voltas a seu gado – LVI.3
- Eu bem vi um valerzinho cheio de robles cercado – LVI.1-2
- Eu casei com uma donzela, filha dum lavrador – XLV.3; XLV.6
- Eu casei com uma donzela, filha é do lavrador – XLV.4
- Eu casei com uma donzelinha, filha dum lavrador – XLV.12; XLV.24
- Eu casei com uma donzelinha, filha é dum lavrador – XLV.20-21
- Eu casei com uma donzelinha, filha era dum lavrador – XLV.9-11; XLV.14-19; XLV.22-23; XLV.25-31
- Eu de ouro a vestia, eu de prata te calçava – XXXVI.10
- Eu estando à minha porta fiando seda lavrada – LII.23
- Eu jungi os meus boizinhos, agarrei neles e fui prà arada – XXVII.9
- Eu jungi os meus boizinhos, co’ eles me fui à arada – XXVII.11
- Eu jungi os meus boizinhos, com ele fui à arada – XXVII.4
- Eu jungi os meus boizinhos com eles e fui prà arada – XXVII.5
- Eu jungi os meus boizinhos, com eles fui para a arada – XXVII.10
- Eu jungi os meus boizinhos, com eles fui por a arada – XXVII.8
- Eu jungi os meus boizinhos, com eles fui prà arada – XXVII.6
- Eu jungi os meus boizinhos, com eles me fui à arada – XXVII.3
- Eu jungi os meus boizinhos, deitei-os pela arada – XXVII.2
- Eu jungi os meus boizinhos, eu deitei-os pela arada – XXVII.1
- Eu montei no meu cavalo por aquela serra acima – LII.4
- Faça-me a ceia, minha tia, ligeira, não devagar – XLII.7
- Fernando, ó Fernandinho, andas tão triste na guerra – XVI.42

- Frei João se levantou por uma manhã de geada – XXIII.5
- Galdininha, Galdininha, queres ser minha namorada – XXXVI.15
- Galdininha, queres ser minha, queres ser minha namorada – XXXVI.8; XXXVI.14
- Gerinaldo, Gerinaldo, és dos criados mais querido – XXXVII.1
- Gerinaldo, Gerinaldo, criado do rei mais querido – XXXVII.2-6
- Gerinaldo, Gerinaldo, filho do rei mais querido – XXXVII.17-18
- Gerinaldo, Gerinaldo, ó pajem d’el-rei mais querido – XXXVII.8; XXXVII.25
- Gerinaldo, Gerinaldo, pajem do rei mais querido – XXXVII.15
- Gerinaldo, Gerinaldo, um pajem d’el-rei mais querido – XXXVII.26
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, criado d’el-rei o mais querido – XXXVII.22
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, criado do rei mais querido – XXXVII.9
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, filho do pajem mais querido – XXXVII.14
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, ó pajem d’el-rei mais querido – XXXVII.7
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, ó pajem do rei mais querido – XXXVII.24
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’el-rei mais querido – XXXVII.11-13; XXXVII.16; XXXVII.19
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem d’el-rei o mais querido – XXXVII.21
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pajem do rei mais querido – XXXVII.10; XXXVII.23
- Gerinaldo, ó Gerinaldo, pois d’el-rei és tu o mais querido – XXXVII.20
- Gritos dava al marinero, gritos dava que s’ ahogava – LIII.12
- la Nossa Senhora por aquele caminho doirado – LXVI.5
- Indo eu p’la rasteirinha do sangue qu’o bom Jesus arrumou – LXVI.6
- Indo eu por aí abaixo em busca de São João – LXIX.2
- Isso não, ó meu papá, é coisa que Deus não quer – XXXVI.4
- Já lá baixo vem a noite, vai-se a luz ao claro dia – XXII.4
- Já lá baixo vem a noite, vai-se a luz ò claro dia – XXII.5
- Já lá baixo vem D. Jorge no seu cavalo montado – XXVIII.50
- Já lá baixo vem no sol, lá vem o claro dia – XXII.6
- Já lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar – LVII.10
- Já lá vem o conde Aninho, seu cavalo vai banhar – XV.25
- Já lá vem o meu D. Jorge no seu cavalo montado – XXVIII.42
- Juliana, Juliana, Juliana, ó papá – XXXVI.3
- Juntaram-se os três mancebos qu’ estavam na praça a jogar – XLII.5
- Lá acima em Belém, sete léguas do Calvário – LXVI.1
- Lá baixo vem a noite, vai-se a luz ao claro dia – XXII.3

- Lá baixo vem João Jorge montado no seu cavalo – XXVIII.54
- Lá baixo vem o D. Jorge montado no seu cavalo – XXVIII.26; XXVIII.29; XXVIII.37; XXVIII.49
- Lá baixo vem no D. Jorge no seu cavalo montado – XXVIII.44
- Lá no reino de Deus Pai, cadeiras d’ouro havia – LIX.37
- Lá nos lugares de Madrid, ao pé dos canos da água – LX.1
- Lá nos portais de Belém, duas léguas do Calvário – LXIII.1
- Lá se casa a dona Ângela, lá se casa a esposa minha – XLIX.3; XLIX.8
- Lá se casa a dona Ângela, lá se casa esposa minha – XLIX.9; XLIX.11
- Lá se casa dona Ângela, dona Ângela, esposa minha – XLIX.13-14
- Lá se casa dona Ângela, lá se casa esposa minha – XLIX.1-2; XLIX.4-6; XLIX.10; XLIX.12
- Lá se vai a dona Ângela, lá se vai a esposa minha – XLIX.16
- Lá se vai a nau Catrineta que tem muito que contar – LVII.7
- Lá se vai conde Aninho, seu cavalo vai banhar – XV.15
- Lá se vai D. Pedro à caça, à caça d’ano e dia – XXXIII.4; XLIII.5
- Lá se vai D. Pedro prà guerra, c’os mouros vai batalhar – VIII.3
- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto para Belém – LIV.2-9; LIV.13-14; LIV.16
- Lá se vai Nossa Senhora do Egipto pra Belém – LIV.11
- Lá se vai Nossa Senhora lendo na sua Paixão – LXII.2-3
- Lá se vai Nossa Senhora lendo na sua Santa Paixão – LXII.1
- Lá se vai Nossa Senhora por o caminho dourado – LXVI.2
- Lá se vai o capitão c’os seus soldados para a guerra – XVI.35
- Lá se vai o capitão c’os seus soldados prà guerra – XVI.34; XVI.38
- Lá se vai o capitão c’os soldados prà guerra – XVI.14
- Lá se vai o conde Aninho, o seu cavalo vai banhar – XV.8
- Lá se vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar – XV.4-7; XV.9; XV.11; XV.13-14; XV.17; XV.20; XV.22-24; XV.26
- Lá se vai o conde Ninho, seu cavalo vai banhar – XV.12
- Lá se vai o conde preso, preso, arreitado – IV.4
- Lá se vai o D. Pedro c’os mouros a batalhar – VIII.2
- Lá vai a nau Catrineta que tem muito que contar – LVII.3-4; LVII.6; LVII.8
- Lá vai Nossa Senhora do Egipto para Belém – LIV.10
- Lá vai o conde Aninho, seu cavalo vai banhar – XV.3
- Lá vai o conde, conde Ninho, seu cavalo vai banhar – XV.2
- Lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar – LVII.2; LVII.9; LVII.11

- Lá vem a nau Catrineta que traz muito que contar – LVII.1; LVII.5
(.....), lavrando, cosendo seda – XIV.23
– Levanta-te, Mineta, desse lindo dormir – XXXIV.15
– Levanta-te, Mineta, do doce dormir – XXXIV.6; XXXIV.9; XXXIV.11; XXXIV.16-17; XXXIV.22
– Levanta-te, Mineta, do lindo dormir – XXXIV.18
– Levanta-te, Mineta, do sono a dormir – XXXIV.19
– Levanta-te, Mineta, dum doce dormir – XXXIV.12; XXXIV.14
– Levanta-te, ó Ana, do teu bom dormir – XXXIV.3
– Levante-se, minha mãe, de tão doce dormir – XXXIV.10
– Levante-se, minha mãe, levante, se está dormindo – XXXIV.13
– Levante-se, ó minha mãe, desse sono, tanto dormir – XXXIV.1
Levantei-me ao cantar do perdigão – LXIX.1
Levantei-me de manhã cedo ao cantar dum azidão – LXIX.3
Levantou-se o Frei João por uma manhã de geada – XXIII.4
Levantou-se o Frem João numa manhã de geada – XXIII.1
Lo imperador de Roma que tiene una hija gallarda – XXXVIII.5
Madrugava o conde Aninho, seu cavalo vai banhar – XV.1
Maio era, por maio, e o Abril, a primavera – XVI.31
Maio era, por maio, no rigor da primavera – XVI.19
Maio, oh, por maio [.....] – XVI.11
Maio, por maio, e o abril da primavera – XVI.32
Manhana do São João, pela manhã da alvorada – LI.19
Manhanas de São João, pela manhã da alvorada – LI.9; LI.11
Manhaninha de São João, ó manhã da alvorada – LI.10
Manhaninha de São João, pela manhã da alvorada – LI.6; LI.8; LI.12
Manhaninha de São João, uma manhã da alvorada – LI.13
Manhaninha do São João, pela manhã da alvorada – LI.2-5
Manhaninhas de São João, numa manhã da alvorada – LI.14
Manhaninhas de São João, pelas manhãs d’ alvorada – LI.1;
Manhaninhas do São João, pela manhã da alvorada – LI.7; LI.16
Manhãzinha de São João, pela manhã da alvorada – LI.20
Manhãzinha do São João, pela manhã da alvorada – LI.18
Meio-dia era em ponto, quando o sol revolvía – XL.4
– Mete-te aqui, Mineta, debaixo da minha capilla – XXXIV.20

- Mês de maio, mês de maio, mês de maio, primavera – XVI.12-13
- Minha mãe, lá vem D. Jorge, d’ a cavalo do cavalo – XXVIII.7; XXVIII.9; XXVIII.14; XXVIII.16
- Minha mãe, s’ és minha mãe, dás-m’ uma pinguinha d’ água – XXXVI.16
- Minha tia, faça a ceia depressa, não devagar – XLII.2
- Minha tia, ó minha tia, são horas de levantar – XLII.4
- Montei no meu cavalo por aquela serra acima – XLI.4
- Mourinho, se fores à guerra prà terra da Cristandade – XI.5
- Muito madrugava a donzela ao domingo de manhã – LV.3
- Muito passeia Silvana pelo corredor acima – XXI.8
- Muito passeia a Silvana por o corredor acima – XXI.5
- Muito se passeia a Silvana por o corredor acima – XXI.2-4
- Muito se passeia a Silvana por um corredor acima – XXI.6
- Na manhã do São João, [.....] – X.1
- Namorou-se o cavaleiro da filha do lavrador – XVII.1
- Naquela serrinha alta, naquela mais alta serra – XXXI.2-7
- Naquela Vila Viçosa entrava a cavalaria – XLVIII.6
- Naquela Vila Viçosa entrou a cavalaria – XLVIII.1-5
- Naquela Vila Viçosa passou a cavalaria – XLVIII.7
- (.....) nem a serena no mar – XV.16
- No alto daquela serra vive um rico lavrador – LVIII.1-3
- No alto do monte, estava uma espanhola como uma fera – XXXI.1
- No meio daquele momento há um cordeiro sagrado – LXVII.1
- Nos campos de Vila Rica, junto aos canos de l’ água – L.2
- Nos campos de Vila Rica, passeia-se um cavaleiro – L.3
- Nos campos de Vila Rita, passeia-se um cavaleiro – L.1
- Nossa Senhora se confessou uma manhã ao domingo – LXVIII.2
- Novas, novas, tristes novas, que vieram de Granada – I.1
- Ó Albana, ó Albaninha, filha do conde d’ Algarve – V.9
- O imperador de Roma tem uma filha galharda – XXXVIII.3; XXXVIII.6
- O imperador de Roma tem uma hija galharda – XXXVIII.1-2; XXXVIII.6; XXXVIII.9
- O imperador de Roma tinha uma filha galharda – XXXVIII.4; XXXVIII.7
- Ó senhor padre de missa, confissão m’ há de ouvir – LXVIII.1
- Ó tia, faça-me a ceia, tia, dê-me de cear – XLII.8
- Ó vento, ó cruel vento, ó ladrão maior – IX.6

- Ó vento, ó cruel vento, ó vento, ladrão maior – IX.1
- Ó vento, ó cruel vento, ó roubador maior – IX.2-5; IX.7
- Oh, quem bate à minha porta, oh, qu' ainda não é de dia – XXIV.4
- Oh, quem bate à minha porta, oh, quem bate aí – XXIV.5
- Oh, quem bate à minha porta, oh, quem bate, oh, quem está aí – XXIV.3; XXIV.7
- Oh, quem bem seria la minha, quem bem seria o amor – XLV.13
- Onde está meu espelho d' ouro que eu aqui deixei ficar – XXXIII.1
- Onde vens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra? – XVI.7
- Palomba, ó Palombinha, mal soubeste apalombar – VII.9
- Palomba, ó Palombinha, mal soubeste palombar – VII.5
- Palomba, ó Palombinha, não soubeste apalombar – VII.8
- Palomba, ó Palombinha, Palomba, ó Palombar – VII.6
- Paridinha de três dias, no seu cavalo a montara – XIX.5
- Passeando vai Silvana, corredor abaixo, corredor acima – XXI.1
- Pega, Mineta, na roca e no linho – XXXIV.4
- Pela manhã de São João, pela manhã da alvorada – LI.17
- Pela manhã de São João, pela manhã do alvor – X.2
- Pela rua da amargura a Senhora caminhava – LXVI.3
- Por a manhã de São João, por a manhã da alvorada – LI.15
- Por aquela serra acima, linda romeira caminha – XXX.1
- Por galheiros de mouro vou, por galheiros de mouro venho – LXVI.4
- Porque não cantas, Helena, à sombra dessa noqueira – XIV.10; XIV.12; XIV.24; XIV.27; XIV.34; XIV.42; XIV.53; XIV.57
- Porque não cantas, Helena, à sombra desta noqueira – XIV.35; XIV.45; XIV.47; XIV.50-51; XIV.60
- Porque não cantas, Helena, à sombra duma noqueira – XIV.40
- Porque não cantas, ó Helena, à sombra dessa noqueira – XIV.5; XIV.8; XIV.20; XIV.32; XIV.37
- Porque não cantas, ó Helena, à sombra desta noqueira – XIV.6; XIV.16
- Porque não cantas tu, Helena, à sombra dessa noqueira – XIV.43
- Porque não cantas tu, Helena, ao toro dessa noqueira – XIV.13
- Porque não cantas tu, lavadeira, ao som da tua barrela – XX.1
- Porque não cantas tu, ó Helena, à sombra dessa noqueira – XIV.19; XIV.21
- Porque vens triste, soldado, porque vens triste prà guerra – XVI.28
- (.....) porta, fiando, lavrando seda – XIV.15
- Pra descer àqueles infernos [.....?.....] são – LXVII.2

- (.....), preso, bem arreitado – IV.5
- Preso vai o conde, preso, preso, bem arreitado – IV.2; IV.7-8
- Preso vai o conde, preso, preso vai, arreitado – IV.1; IV.3; IV.9-17
- Preso vai o conde, preso, vai preso e arreitado – IV.6
- Qu' é que tens, ó D. Fernando, qu' andas tão triste na guerra – XVI.22
- ¿Qu' es aquello, la Gallarda, qu' es aquello, Gallardina? – XXIX.1
- (.....), qu' eu te darei de merendar – XXVIII.23
- Quando Deus era menino, [.....] – LXIV.1-3; LXIV.5
- Quando Jesus era menino, [.....] – LXIV.4
- Que andas a fazer, ó D. Jorge, por aqui a passear – XXVIII.39
- Que fazes aí, ó madama, que fazes aí, esposa minha – XLI.18
- Que tens tu, ó D. Fernando, qu' andas tão triste na guerra – XVI.41
- Queda, queda, cavaleiro, qu' el-rei vos mandou contar – VI.11
- Quedos, quedos, cavaleiros, el-rei vos mandou contar – VI.9; VI.20
- Quedos, quedos, cavaleiros, o rei vos mandou contar – VI.6
- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei mandou contar – VI.3
- Quedos, quedos, cavaleiros, que el-rei mandou contar – VI.7
- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos manda cantar – VI.10; VI.22
- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos manda cantar – VI.2; VI.8; VI.15; VI.18; VI.21
- Quedos, quedos, cavaleiros, qu' el-rei vos mandou contar – VI.12-14; VI.16-17; VI.19; VI.23
- Quedos, quedos, cavaleiros, que el-rei vos manda contar – VI.1
- Quedos, quedos, cavaleiros, que el-rei vos mandou contar – VI.4
- Quedos, quedos, conde Aninho seu cavalo vai banhar – XV.21
- Quem bate à minha porta, oh, qu' inda não é de dia? – XXIV.6
- Quem bate à minha porta, quem bate, oh, quem está aí – XXIV.2
- Quem bate à minha porta, quem bate, quem está aí – XXIV.1
- Quem me dera ali, além, naquele monte ou naquele vale – XIX.2
- Quem me dera ali, além, naqueles montes, naqueles vales – XIX.3
- Quem me dera ali, além, naquele monte, naquele vale – XIX.4
- Quem me dera aqui, além, naquele monte, naquele vale – XIX.21
- Quem me dera aqui, além, naquele monte ou naquele vale – XIX.1; XIX.16; XIX.18
- Quem me dera aqui, aqui, quem me dera aqui, além – XIX.17
- Quem me dera lá em cima, naquele monte, naquele vale – XIX.14
- Quem me dera, ó Albaninha, duas horas ao teu mandar – VII.3-4

- Quem me dera naquele monte, naquele monte ou naquele vale – XIX.19-20
- Quem me dera naquele monte, oh, que digo naquele vale – XIX.8
- Quem me dera naquele monte, quem me dera naquele vale – XIX.6-7; XIX.12-13
- Quem pôs aqui estas mesas de bom pão e de bom vinho – XXVI.1-3
- Quinta-feira de Endoenças, sua santa humanidade – LXV.1-5
- Recorda, bela infanta, se queres ouvir cantar – XV.19
- Sapinha, vede la noche, vede la noitinha buena – XLIV.2
- Sapinha, vedes la noche, vede la noitinha, sapa – XLIV.3
- Sapo, vede la noche, vede la noitinha, sapo – XLIV.1
- Se os sete anos não vir, os oito o mais tardar – VIII.1
- (.....) sentada no seu balcão – XXV.16
- Silvana, ó Silvana, Silvana, ó filha minha – XXXVI.2
- Silvaninha, Silvaninha, queres ser minha namorada – XXXVI.11
- Só quero, quando morras, que me dês tua alma – LIII.25
- ¿Soldadito, soldadito, dónde ha de venir usted? – XIV.36
- ‘Tando eu à minha porta, cosendo, lavrando seda – XIV.28
- Todo o que joga e não perde, gosto é vê-lo jogar – XLII.3
- Três voltas dei ao castelo sem achar por donde entrar – VI.5
- Triste sorte foi a minha [.....] – XLVI.5
- Tristes novas me vieram daqueles lados da Espanha – I.29
- Tristes novas me vieram de lá dos lados de Espanha – I.9
- Tristes novas me vieram desse lado da Espanha – I.18
- Tristes novas me vieram desses lados da Espanha – I.10
- Tristes novas me vieram do outro lado de Espanha – I.25
- Tristes novas me vieram lá do centro da Espanha – I.2-8
- Tristes novas me vieram lá do lado da Espanha – I.14-16; I.23-24; I.26; I.33
- Tristes novas me vieram lá dos centros da Espanha – I.27-28; I.36
- Tristes novas me vieram lá dos lados da Espanha – I.11-13; I.17; I.19-22; I.31-32; I.34-35
- Tristes novas, novas tristes, são corridas na Espanha – I.30
- Tu que tens, ó D. Fernando, andas tão triste na guerra – XVI.26; XVI.29
- Tu que tens, ó D. Fernando, qu’andas tão triste na guerra – XVI.6; XVI.10; XVI.16; XVI.18; XVI.24-25; XVI.37
- Tu que tens, ó D. Fernando, que andas tão triste na guerra – XVI.1; XVI.5; XVI.8; XVI.15; XVI.17; XVI.21; XVI.23; XVI.27; XVI.30; XVI.33; XVI.40

- Tu que tens, ó Juliana, passa' la vida a chorar – XXVIII.43
- Tu que tens, ó Juliana, passas a vida a chorar – XXVIII.21; XXVIII.27; XXVIII.32; XXVIII.35
- Tu que tens, ó Juliana, qu' andas tão triste a chorar – XXVIII.34
- Tu que tens, ó soldadinho, que andas tão triste na guerra – XVI.2-3; XVI.20
- (...) vai o capitão com os seus soldados prà guerra – XVI.4
- Vai o conde, conde Ninho, seu cavalo vai banhar – XV.10
- Vai-te casar, dona Ângela, vai-te casar esposa minha – XLIX.7
- Valdininha, quer ser minha, quer ser minha namorada – XXXVI.7
- Valdininha, queres ser minha, queres ser minha namorada – XXXVI.9
- Valha-me Deus, valha-me milagroso São Gil – XXIV.10
- Valha-me Nossa Senhora e o milagroso São Gil – XXIV.8; XXIV.11; XXIV.13-17
- Valha-me Nossa Senhora e ó milagroso São Gil – XXIV.12
- Valha-me Nossa Senhora, ó milagroso São Gil – XXIV.9
- Vente conmigo, morita, para mi caballería – XII.1
- Verdes campos, verdes campos, bem nos vejo verdegar – XIX.10
- Vind' o lavrador da arada, encontrou o pobrezinho – LIX.20
- Vindo o lavrador da arada encontrou um pobrezinho – LIX.18
- Vindo um lavrador da arada encontrou um pobrezinho – LIX.21
- Vira estar uma donzela, vira estar uma menina – XLI.15
- Voces daba el marinero, voces daba que s' ahogava – LIII.1-2; LIII.5-6; LIII.8-9
- Voces daba el morinero, voces daba que se ahogaba – LIII.7
- Voces dava marinero, voces dava que s' aguava – LIII.3
- Vozes dá o marinheiro, voces dá que se afogava – LIII.18
- Vozes dava el marinero, voces dava que s' ahogava – LIII.11; LIII.16
- Vozes dava el marinero, voces dava que se ahogaba – LIII.17
- Vozes dava marinero, voces dava que llorava – LIII.13
- Vozes dava marinero, voces dava que s' ahogava – LIII.4; LIII.14
- Vozes dava o marinheiro, voces dá que s' afogava – LIII.23-24; LIII.26-27; LIII.32
- Vozes dava o marinheiro, voces dá que s' afundava – LIII.30
- Vozes dava o marinheiro, voces dava que s' afogava – LIII.21-22; LIII.28-29; LIII.31; LIII.33
- Vozes dava o marinheiro, voces dava que s' afundava – LIII.19-20
- Vozes dava o marinheiro, voces dava que s' ahogaba – LIII.10; LIII.15

Índice alfabético de romances segundo a classificação do IGR e com os títulos espanhóis correspondentes

- 0051 Abenámar [Abenámar] – XIII.2
- 0149 Aliarda [Aliarda] – V.1-12; VII.1-4; XLII.5
- 0168 A aparição [La aparición] – XVI.1-3; XVI.5-10; XVI.13; XVI.15-18; XVI.20-30; XVI.33-34; XVI.37; XVI.42; XXIV.1; XXIV.3-7; XXIV.9
- 0255 A aposta ganha [La apuesta ganada] – XLII.1-8
- 0113 Bela infanta [Vuelta del marido] – XIV.1-60; LIII.27
- 0395 Bem madrugava a donzela [La ahijada de Dios y de la Virgen] – LIV.12; LV.1-8
- 0222 Bernal Francês [Bernal Francés] – XXIV.1-17
- 0103 Belardo e Valdevinos [Belardo y Valdovinos] – III.1-2
- 0438 Canta, mouro [El moro cautivo] – XIII.1-2
- 0100 O cavaleiro enganado [El caballero burlado] – XLI.1-11; XLI.13; XLI.15-17; XLI.19-24
- 0189 O cego [El ciego raptor] – XXXIV.1-22
- 0234 Claralinda [Blancaniña] – XXIV.10-15; XXIV.17; XXV.1-31; XXVII.6
- 0503 O conde Alarcos [Conde Alarcos] – XXI.1-12
- 0366 Conde Claros preso [Conde Claros preso] – VII.7
- 0159 Conde Claros vestido de frade [Conde Claros en hábito de fraile] – VII.1-9

- 0095 O conde da Alemanha [Conde Alemán] – XXII.1-6
- 0190 Conde Flores [Conde Dirlos] – VIII.1-3
- 0049 O conde Ninho [Conde Niño] – XV.1-26
- 0118 O conde preso [Conde Grifos Lombardo] – IV.1-17
- 0338 A condessa traidora [La condesa traidora] – XXVI.1-3
- 0682 A confissão da Virgem [Confesión de la Virgen] – LXVIII.1-2
- 0236 O cordão da Virgem [El cordón de la Virgen] – LXIX.1-3
- 0217 D. Ângela [La difunta pleiteada] – XLIX.1-16
- 0566 Da coluna à via dolorosa [De la columna a la via dolorosa] – LXV.1-5
- 0075 Delgadinha [Delgadina] – XXXVI.1-16
- 0231 A donzela guerreira [La doncella guerrera] – XLVI.1-6
- 0644 A dor da Virgem no portal de Belém [Dolor de la Virgen en el portal de Belén] – LXIII.1
- 0183 A esposa de D. Garcia [La esposa de don García] – XXI.10; XXXIII.1-5
- 0085 Eu casei com uma donzela [Os labraré yo un pendón] – XLV.1-31
- 0161 A filha do imperador de Roma [La bastarda y el segador] – XXXVIII.1-9
- 0083 A filha do lavrador [El cura sacrílego] – LVIII.1-3
- 0431 Flérida [Flérida y don Duardos] – XIII.2; XL.1-5
- 0343 Floresvento [Floresvento] – IX.1-8
- 0104 A fonte clara [La flor del agua] – XLVII.5; XLVII.8; LI.1-20
- 0167 Frei João [Ronda a una mujer malcasada] – XXIII.1-7
- 0466 A freira seduzida pelo diabo [La monja seducida por el diablo] – LX.1
- 0200 A galharda [La gallarda] – XXIX.1
- 0436 O gato do convento [Adúltera con un "gato"] – XXVII.1-11
- 0023 Gerinaldo [Gerineldo] – XXXVII.1-26
- 0469 A infanta pejada [La infanta preñada] – VII.7; XXXIX.1
- 0164 A infantina [La infantina] – XLI.1-24; LI.16
- 0169 A irmã perdida [La hermana cautiva] – XII.1; XLI.1-11; XLI.13; XLI.15-18; XLI.20-24

- 0417 A lavadeira [La lavandera] – XVI.36; XX.1-6
- 0185 O lavrador da arada [El labrador caritativo] – LIX.1-41
- 0153 A má sogra [La mala suegra] – XIX.1-21; XXXIII.1
- 0447 O Menino Jesus quer dizer missa – LXIV.1-5
- 0034.3 O monumento de Cristo [El monumento de Cristo] – LXII.1-3; LXVII-1-2
- 0150 Morte de D. Beltrão [Pérdida de don Beltrán] – VI.1-23
- 0006 Morte do príncipe D. João [Muerte del príncipe don Juan] – I.1-36
- 0080 A morte ocultada [La muerte ocultada] – XLIII.1-5
- 0026 A mulher do pastor [La mujer del pastor] – XVIII.1
- 0101 Não me enterrem em sagrado [No me entierren en sagrado] – IV.1-2; IV.5-8; IV.10; IV.12; IV.14; IV.17
- 0457 Nau Catrineta [Nau Catrineta] – LIII.20; LIII.23; LIII.29; LVII.1-11
- 0720 A noiva abandonada [La novia abandonada] – XVII.1
- 0410 Nos campos de Vila Rica [La renegada de Valladolid] – L.1-3
- 0415 Oh, que lindos prados verdes [La pastora enamorada de Cristo] – LVI.1-3
- 0155 O parto em terras longínquas [Casada de lejas tierras] – XXXIV.6
- 0045 Perseguição de Búcar pelo Cid [El moro que reta a Valencia] – II.1-5
- 0812 Pobreza da Virgem dando à luz [Pobreza de la Virgen recién parida] – XL.2; LXI.1-37
- 0098 Porque não cantas, Helena? [¿Cómo no cantáis, la bella?] – XIV.5-8; XIV.10; XIV.12-13; XIV.16; XIV.19-21; XIV.24; XIV.27; XIV.32; XIV.34-35; XIV.37; XIV.40; XIV.42-43; XIV.45; XIV.47; XIV.50-51; XIV.53; XIV.57; XIV.60
- 0078 O prisioneiro [El prisionero] – X.1-2
- 0004.1 As queixas de Maria Madalena [Quejas de la Magdalena] – LXVI.4
- 0136 A rainha e a sua escrava [Hermanas reina y cautiva] – XI.1-7
- 0133 Rico Franco [Rico Franco] – XXXII.1-2
- 0173 Santa Iria [Santa Iria] – XLVIII.3-4; XLVIII.6; LII.1-27
- 0515 O sapo e a sapa [El sapo y la sapa] – XLIV.1-3
- 0233 A serrana [La serrana de la Vera] – XXXI.1-7

- 0005 Silvana [Silvana] – XXI.1-12; XXXV.1; XXXVI.2
- 0176 O soldado [El quintado] – XVI.1-41
- 0170 Os soldados violadores [Los soldados forzadores] – XLVIII.1-7
- 0180 A tentação do marinheiro [Voces daba el marinero] – XIV.43; LIII.1-33
- 0635 O velho viúvo [La buena hija] – XLVII.1-35
- 0172 O veneno de Moriana [Veneno de Moriana] – XXVIII.1-63
- 0232 A vingadora da sua honra [Una fatal ocasión] – XXX.1
- 0042.1 A Virgem a caminho do Calvário [La Virgen camino del Calvario] – XLV.26; XLV.30; LXVI.1-6
- 0237 A Virgem anuncia ao Menino a sua paixão e glória [La Virgen anuncia al Niño su pasión y gloria] – LXII.1-3
- 0226 A Virgem Maria e o cego [La Virgen y el ciego] – LIV.1-16

Índice numérico de romances segundo a classificação do IGR e com os títulos espanhóis correspondentes

- 0004.1 As queixas de Maria Madalena [Quejas de la Magdalena] – LXVI.4
- 0005 Silvana [Silvana] – XXI.1-12; XXXV.1; XXXVI.2
- 0006 Morte do príncipe D. João [Muerte del príncipe don Juan] – I.1-36
- 0023 Gerinaldo [Gerineldo] – XXXVII.1-26
- 0026 A mulher do pastor [La mujer del pastor] – XVIII.1
- 0034.3 O monumento de Cristo [El monumento de Cristo] – LXII.1-3; LXVII-1-2
- 0042.1 A Virgem a caminho do Calvário [La Virgen camino del Calvario] – XLV.26; XLV.30; LXVI.1-6
- 0045 Perseguição de Búcar pelo Cid [El moro que reta a Valencia] – II.1-5
- 0049 O conde Ninho [Conde Niño] – XV.1-26
- 0051 Abenámar [Abenámar] – XIII.2
- 0075 Delgadinha [Delgadina] – XXXVI.1-16
- 0078 O prisioneiro [El prisionero] – X.1-2
- 0080 A morte ocultada [La muerte ocultada] – XLIII.1-5
- 0083 A filha do lavrador [El cura sacrílego] – LVIII.1-3
- 0085 Eu casei com uma donzela [Os labraré yo un pendón] – XLV.1-31
- 0095 O conde da Alemanha [Conde Alemán] – XXII.1-6

- 0098 Porque não cantas, Helena? [¿Cómo no cantáis, la bella?] – XIV.5-8; XIV.10; XIV.12-13; XIV.16; XIV.19-21; XIV.24; XIV.27; XIV.32; XIV.34-35; XIV.37; XIV.40; XIV.42-43; XIV.45; XIV.47; XIV.50-51; XIV.53; XIV.57; XIV.60
- 0100 O cavaleiro enganado [El caballero burlado] – XLI.1-11; XLI.13; XLI.15-17; XLI.19-24
- 0101 Não me enterrem em sagrado [No me entierren en sagrado] – IV.1-2; IV.5-8; IV.10; IV.12; IV.14; IV.17
- 0103 Belardo e Valdevinos [Belardo y Valdovinos] – III.1-2
- 0104 A fonte clara [La flor del agua] – XLVII.5; XLVII.8; LI.1-20
- 0113 Bela infanta [Vuelta del marido] – XIV.1-60; LIII.27
- 0118 O conde preso [Conde Grifos Lombardo] – IV.1-17
- 0133 Rico Franco [Rico Franco] – XXXII.1-2
- 0136 A rainha e a sua escrava [Hermanas reina y cautiva] – XI.1-7
- 0149 Aliarda [Aliarda] – V.1-12; VII.1-4; XLII.5
- 0150 Morte de D. Beltrão [Pérdida de don Beltrán] – VI.1-23
- 0153 A má sogra [La mala suegra] – XIX.1-21; XXXIII.1
- 0155 O parto em terras longínquas [Casada de lejas tierras] – XXXIV.6
- 0159 Conde Claros vestido de frade [Conde Claros en hábito de fraile] – VII.1-9
- 0161 A filha do imperador de Roma [La bastarda y el segador] – XXXVIII.1-9
- 0164 A infantina [La infantina] – XLI.1-24; LII.16
- 0167 Frei João [Ronda a una mujer malcasada] – XXIII.1-7
- 0168 A aparição [La aparición] – XVI.1-3; XVI.5-10; XVI.13; XVI.15-18; XVI.20-30; XVI.33-34; XVI.37; XVI.42; XXIV.1; XXIV.3-7; XXIV.9
- 0169 A irmã perdida [La hermana cautiva] – XII.1; XLI.1-11; XLI.13; XLI.15-18; XLI.20-24
- 0170 Os soldados violadores [Los soldados forzadores] – XLVIII.1-7
- 0172 O veneno de Moriana [Veneno de Moriana] – XXVIII.1-63
- 0173 Santa Iria [Santa Iria] – XLVIII.3-4; XLVIII.6; LII.1-27
- 0176 O soldado [El quintado] – XVI.1-41
- 0180 A tentação do marinheiro [Voces daba el marinero] – XIV.43; LIII.1-33
- 0183 A esposa de D. Garcia [La esposa de don García] – XXI.10; XXXIII.1-5
- 0185 O lavrador da arada [El labrador caritativo] – LIX.1-41

- 0189 O cego [El ciego raptor] – XXXIV.1-22
- 0190 Conde Flores [Conde Dirlos] – VIII.1-3
- 0200 A galharda [La gallarda] – XXIX.1
- 0217 D. Ângela [La difunta pleiteada] – XLIX.1-16
- 0222 Bernal Francês [Bernal Francés] – XXIV.1-17
- 0226 A Virgem Maria e o cego [La Virgen y el ciego] – LIV.1-16
- 0231 A donzela guerreira [La doncella guerrera] – XLVI.1-6
- 0232 A vingadora da sua honra [Una fatal ocasión] – XXX.1
- 0233 A serrana [La serrana de la Vera] – XXXI.1-7
- 0234 Claralinda [Blancaniña] – XXIV.10-15; XXIV.17; XXV.1-31; XXVII.6
- 0236 O cordão da Virgem [El cordón de la Virgen] – LXIX.1-3
- 0237 A Virgem anuncia ao Menino a sua paixão e glória [La Virgen anuncia al Niño su pasión y gloria] – LXII.1-3
- 0255 A aposta ganha [La apuesta ganada] – XLII.1-8
- 0338 A condessa traidora [La condesa traidora] – XXVI.1-3
- 0343 Floresvento [Floresvento] – IX.1-8
- 0366 Conde Claros preso [Conde Claros preso] – VII.7
- 0395 Bem madrugava a donzela [La ahijada de Dios y de la Virgen] – LIV.12; LV.1-8
- 0410 Nos campos de Vila Rica [La renegada de Valladolid] – L.1-3
- 0415 Oh, que lindos prados verdes [La pastora enamorada de Cristo] – LVI.1-3
- 0417 A lavadeira [La lavandera] – XVI.36; XX.1-6
- 0431 Flérida [Flérida y don Duardos] – XIII.2; XL.1-5
- 0436 O gato do convento [Adúltera con un “gato”] – XXVII.1-11
- 0438 Canta, mouro [El moro cautivo] – XIII.1-2
- 0447 O Menino Jesus quer dizer missa – LXIV.1-5
- 0457 Nau Catrineta [Nau Catrineta] – LIII.20; LIII.23; LIII.29; LVII.1-11
- 0466 A freira seduzida pelo diabo [La monja seducida por el diablo] – LX.1
- 0469 A infanta pejada [La infanta preñada] – VII.7; XXXIX.1
- 0503 O conde Alarcos [Conde Alarcos] – XXI.1-12

- 0515 O sapo e a sapa [El sapo y la sapa] – XLIV.1-3
- 0566 Da coluna à via dolorosa [De la columna a la via dolorosa] – LXV.1-5
- 0635 O velho viúvo [La buena hija] – XLVII.1-35
- 0644 A dor da Virgem no portal de Belém [Dolor de la Virgen en el portal de Belén] – LXIII.1
- 0682 A confissão da Virgem [Confesión de la Virgen] – LXVIII.1-2
- 0720 A noiva abandonada [La novia abandonada] – XVII.1
- 0812 Pobreza da Virgem dando à luz [Pobreza de la Virgen recién parida] – XL.2; LXI.1-37

Índice de versões por concelhos e freguesias

CONCELHO DE BRAGANÇA

Aveleda e Rio de Onor – VIII.1; XII.1; XIV.1; XXIV.1; XXVII.1-2; XXVIII.1; XXIX.1; XXXVI.1; XXXVII.1-3; LII.1; LIII.1-4; LIV.1; LVII.1; LXI.1-2

Babe – XIV.3; XXIII.1; LIII.1.1; LXI.4

Baçal – I.1; VI.1; IX.1; X.1; XIV.4-6; XV.2-3; XVI.1; XIX.1; XXI.1; XXV.2-4; XXVII.3-4; XXVIII.3-4; XXXII.1; XXXIV.1-2; XXXVI.2; XXXVII.4-6; XXXVIII.1; XLVII.2; LIII.1.2; LVII.3; LIX.2-3; LXI.5-6

Gimonde – I.2-8; IV.1-8; V.1; VI.3-7; VII.1-5; XI.1-2; XIV.7-19; XV.4-9; XVI.2-3; XVII.1; XVIII.1; XIX.2-4; XX.1; XXI.2-6; XXII.1-2; XXIII.2; XXIV.2-7; XXV.5-8; XXVII.5-6; XXVIII.6-17; XXX.1; XXXI.1; XXXII.2; XXXIV.3-6; XXXVI.3-4; XXXVII.7-13; XXXVIII.2-4; XL.1-4; XLI.1-6; XLII.1; XLIII.1-3; XLIV.1-3; XLV.1-8; XLVI.1-4; XLVII.3-9; XLVIII.1-6; LI.1-5; LII.2-5; LIII.1.3-16; LIV.2-9; LV.1-4; LVI.1-3; LVII.4; LIX.4-9; LXI.7-12; LXIV.1; LXVI.1-3

Grijó de Parada – XIV.21; XV.12; XVI.7; XXV.9; XXVII.8; XXVIII.19; XLII.2; XLVII.1.1; LIX.1.1

São Julião de Palácios e Deilão – XIV.2; XV.1; XXV.1; XXVIII.2; XLVII.1; LIII.5-10; LVII.2; LIX.1; LXI.3

São Pedro de Sarracenos – XV.11; XVI.5-6; XXVIII.18; LIV.1.1; LVII.5-6

Sé, Santa Maria e Meixedo – I.9; VI.2; IX.2; XIV.20; XV.10; XVI.4; XXVII.7; XXVIII.5; XXXVIII.5; XLI.7; XLVII.10; LIII.1.7; LIV.10; LIX.10; LXI.13

CONCELHO DE VINHAIS

Moimenta e Montouto – I.10; XVI.8-9; XXVIII.20; XXXIV.7-8; LXI.14; LXII.1; LXIV.2

Paçó – I.28; VI.9; VII.6; IX.6-7; XIV.41-43; XVI.31-32; XIX.14; XX.5; XXIV.16; XXV.26; XXVIII.51-52; XXXVI.12; XLV.22; XLVII.25; XLIX.10; LII.16-17; LIII.26-27; LIX.29-30; LXI.23-26

Penhas Juntas – I.36; IV.17; VI.23; VII.9; XI.7; XIV.59-60; XVI.42; XIX.21; XXIII.7; XXV.31; XXVIII.54; XXXIII.5; XLII.8; XLIX.16; LII.27; LIII.33; LIX.41; LXI.37

Quirás e Pinheiro Novo – XIV.22; XVI.10; XXIII.3; XXV.10; XXVIII.21; LII.6

Santalha – I.24-26; VI.18; XIV.**38-39**; XVI.27-29; XXIII.**6**; XXVIII.39-44; XXXIV.19-20; XLI.14-**15**; XLVII.20-23; XLIX.7-9; LI.13; LIX.23-**25**; LXII.3; LXV.3; LXIX.1

Sobreiró de Baixo e Alvaredos – XLV.31

Soeira, Fresulfe e Mofreira – II.1; III.1-2; IV.9-10; V.2-3; VI.8; VIII.2; IX.3-5; XI.3; XIII.1; XIV.23-27; XV.13-15; XVI.11-14; XIX.5; XXIV.8-10; XXVIII.22-24; XXXIV.9; XXXVI.5; XXXVII.14; XXXVIII.6-7; XXXIX.1; XL.5; XLI.9-10; XLII.3; XLIII.4; XLV.9-13; XLVII.12-15; LI.6-7; LII.7-8; LIII.18-20; LIV.12-13; LV.5-6; LVII.7; LIX.12; LX.1; LXI.16; LXII.2; LXVI.4

Travanca e Santa Cruz – XIV.28; XVI.**15**; XXV.**11**; XXVIII.**25**; LI.8; LIX.**13**

Tuizelo – I.11-23; IV.11-12; V.4-8; VI.10-17; XI.4; XIV.29-37; XV.16-22; XVI.16-26; XIX.6-11; XX.2-4; XXI.7; XXIII.4-5; XXIV.11-15; XXV.12-24; XXVIII.26-38; XXXIII.1-3; XXXIV.11-**18**; XXXV.1; XXXVI.6-10; XXXVII.15-16; XXXVIII.8; XLI.11-13; XLII.**4**; XLV.14-19; XLVII.16-19; XLIX.1-6; L.1-3; LI.9-12; LII.9-12; LIII.21-23; LIV.14; LV.7; LVII.8; LVIII.**1-3**; LIX.14-22; LXI.16-20; LXIII.1; LXIV.3; LXV.1-2; LXVII.1

Vila Verde – XXV.27; XLIX.11; LXV.5

Vilar de Ossos – XXXIV.10

Vilar Seco de Lomba – I.27; XIV.40; XVI.30; XIX.12-13; XXI.8; XXVI.1-3; XXVIII.45-50; XXXVI.11; XXXVII.17-18; XLI.16-17; XLII.5; XLV.20-21; XLVII.24; LI.14; LII.13-15; LIII.24-25; LIV.15; LIX.26-28; LXI.21-22; LXV.4; LXVI.5; LXVIII.1; LXIX.2

Vinhais – I.29-35; II.2-5; IV.13-16; V.9-12; VI.19-22; VII.7-8; VIII.3; IX.8; X.2; XI.5-6; XIII.2; XIV.44-58; XV.23-26; XVI.33-41; XIX.15-20; XX.6; XXI.9-12; XXII.3-6; XXIV.17; XXV.28-30; XXVII.9-11; XXVIII.53-63; XXXI.2-7; XXXIII.4; XXXIV.21-22; XXXVI.13-16; XXXVII.19-25; XXXVIII.9; XLI.18-24; XLII.6-7; XLIII.5; XLV.25-31; XLVI.5-6; XLVII.26-35; XLVIII.7; XLIX.12-15; LI.15-20; LII.18-26; LIII.28-32; LIV.16; LV.8; LVII.9-11; LIX.31-40; LXI.27-36; LXIV.4-5; LXVI.6; LXVII.2; LXVIII.2; LXIX.3

Índice de informantes por concelhos e freguesias

CONCELHO DE BRAGANÇA

Aveleda e Rio de Onor

- Informante não identificado – XIV.1
 Ana Fernandes, 76 anos (Varge) – LVII.1
 Angelina Francisca Vaz, 58 anos (Varge) – XXIV.1; XXXVII.2
 António Joaquim Rodrigues, 70 anos – XXVII.1; LIII.3; LXI.1
 Arcângela do Nascimento Ximeno – VIII.1; XII.1; XXIX.1; LIII.1; LIV.1
 Deolinda Maria do Carmo, 51 anos – LII.1
 Gracinda dos Anjos Alves, 40 anos (Rio de Onor) – XXVIII.1
 Joana da Piedade Fernandes, 69 anos (Rio de Onor) – LIII.2
 João de Deus Vara, 59 anos – XXVII.2; LIII.4; LXI.2
 Maria Augusta Fernandes, 47 anos – XXXVI.1; XXXVII.3
 Mariana Augusta Fernandes, 54 anos – XXXVII.1

Babe

- Maria Libânia Romão, 70 anos – XIV.3; XXIII.1; LIII.1.1; LXI.4

Baçal

- Alcina de Jesus Pires, 65 anos – XXV.2; XXXIV.1; XXXVII.4
 Cremilde Augusta Alves, 79 anos – I.1; VI.1; X.1; XIV.4-5; XV.2; XVI.1; XIX.1; XXI.1; XXV.3-4; XXVII.3;
 XXVIII.3; XXXII.1; XXXIV.2; XXXVI.2; XXXVII.5; XLVII.2; LIII.1.2; LVII.3; LIX.2; LXI.5
 Eulália Alves, 69 anos – IX.1; XV.3; XXVIII.4; XXXVII.6
 Godofredo de Mariz, 78 anos – XIV.6; XXVII.4; XXVIII.4; XXXVIII.1; LIX.3; LXI.6

Gimonde

Albertina de Lurdes Vaqueiro, 35 anos – VI.3; XIV.7; XVI.2; XIX.2; XXI.2; XXIV.2; XXV.5; XXVII.5; XXVIII.6-7; XXXI.1; XXXII.2; XXXIV.3; XXXVI.3; XLIV.1; XLV.1; XLVI.1; XLVII.3; LI.1; LII.2; LIII.13; LIX.4; LXI.7

Ana Maria Gouveia, 63 anos – I.2; IV.1; VI.4; VII.1; XI.1; XIV.8-9; XV.4; XVI.3; XVIII.1; XIX.3; XXI.3; XXII.1; XXIV.3; XXVIII.8-9; XXX.1; XXXIV.4; XXXVII.7; XXXVIII.2; XL.1; XLI.1; XLII.1; XLV.2; XLVI.2; XLVII.4; XLVIII.1; LI.2; LII.3; LIV.2; LV.1; LVI.1; LIX.5; LXI.8

Antónia Costa, 71 anos – IV.2; VII.2; XIV.10-11; XV.5; XIX.4; XXI.4; XXII.2; XXIV.4; XXV.6; XXVIII.10; XXXIV.5; XXXVII.8; XXXVIII.3; XL.2; XLI.2; XLIII.1; XLV.3; XLVI.3; XLVII.5; XLVIII.2; LIV.3; LV.2; LXI.9

Catarina Gouveia, 69 anos – I.3; IV.3; VI.5; XIV.12; XXVIII.11; XLV.4; LII.4; LIV.4; LIX.6; LXI.10; LXVI.1

Emerência Cortinhas, 82 anos – I.4; IV.4; XXVIII.12; XXXVII.9; XLI.3; XLIII.2; LIV.5; LIX.7

Francisco António Fernandes, 69 anos – XIV.13; XV.6; XXVIII.13; XXVII.6; XXXVII.10; XLV.5; XLVII.6; LI.3; LIII.14; LIV.6; LV.3; LVI.2; LIX.8; LXI.11

Francisco dos Santos Fileno, 57 anos – IV.5; XIV.14; XXXVII.11

Isilda dos Anjos Gouveia, 59 anos – I.5; IV.6; VI.6; XIV.15; XV.7; XVII.1; XXV.7; XXVIII.14-15; XXXIV.6; XL.3; XLI.4; XLV.6; XLVII.7; XLVIII.3; LI.4; LII.5; LIV.7; LV.4; LXVI.2

Justina do Espírito Santo Martins, 66 anos – I.6; IV.7; VII.3; XIV.16; XV.8; XXIV.5; XXXVII.12; XL.4; XLI.5; XLIII.3; XLV.7; XLVII.8; XLVIII.4; LIV.8; LIX.9

Manuel Augusto Vaz, 71 anos – VI.7; XXVIII.16; XLIV.2; LIII.15

Maria Miquelina Martins, 73 anos – I.7; VII.4; XXIV.6; XLVIII.5

Virgínia da Assunção Fileno, 46 anos – I.8; IV.8; V.1; VII.5; XI.2; XIV.17-19; XV.9; XX.1; XXIII.2; XXIV.7; XXV.8; XXVIII.17; XXXVI.4; XXXVII.13; XXXVIII.4; XLI.6; XLIV.3; XLV.8; XLVI.4; XLVII.9; XLVIII.6; LI.5; LIII.16; LIV.9; LVI.3; LVII.4; LXI.12; LXIV.1; LXVI.3

Grijó de Parada

Antónia Júlia Fernandes, 78 anos – XIV.21; XV.12; XXVIII.19; XLVII.11; LIX.11

Ermelinda Rosa, 70 anos – XIV.21; XVI.7; XXV.9; XXVII.8; XLII.2

Maria da Conceição Fernandes, 73 anos – LIX.11

São Julião de Palácios e Deilão

Abílio António Barreiro, 66 anos (Vila Meã) – LXI.3

Adriano Augusto Delgado, 55 anos (Vila Meã) – LIII.5; LXI.3

Alice dos Anjos Esteves, 49 anos – XXVIII.2; LIII.6; LIX.1

Francisco (?), 60-65 anos – XLVII.1

Francisco Barreira (Vila Meã) – LVII.2

Inocência Maria Margarido, 50 anos (Vila Meã) – XXV.1; LIII.7

Manuel José Fernandes, 66 anos (Vila Meã) – XXVIII.2; LIII.8; LIX.1

Marcelina dos Prazeres Branco, 41 anos (Vila Meã) – XIV.2; LIII.9; LIX.1; LXI.3

Maria da Assunção Rodrigues, 49 anos (Vila Meã) – LXI.3

Maria do Carmo Morais, 76 anos (Vila Meã) – XVI.1; XXVIII.2; LIII.10; LIX.1

São Pedro de Sarracenos

Ana Maria Fernandes, 74 anos – LVII.5

Maria de Fátima Afonso, 35 anos – XVI.5

Silvério Amaral Afonso, 73 anos – XV.11; XVI.6; XXVIII.18; XLI.8; LIV.11; LVII.6

Sé, Santa Maria e Meixedo

Manuel António Gonçalves, 73 anos – I.9; VI.2; IX.2; XIV.20; XV.10; XVI.4; XXVIII.5; XXVII.7; XXXVIII.5; XLI.7; XLVII.10; LIII.17; LIV.10; LIX.10; LXI.13

CONCELHO DE VINHAIS

Moimenta e Montouto

Informante não identificado – XXVIII.20

Isaura Augusta Rodrigues, 62 anos (Vilarinho das Touças) – I.10; XVI.9; XXXIV.8; LXI.14; LXII.1; LXIV.2

Mário dos Santos, 56 anos – XVI.8; XXXIV.7

Paçó

Alfredo Augusto, 58 anos – I.28; VII.6; XIV.41-42; XVI.31; XIX.14; XX.5; XXIV.16; XXVIII.51; XXXVI.12; XLV.22; XLIX.10; LII.16; LIII.26; LXI.23

César Augusto Fernandes, 62 anos (Quintela) – IX.6; LIX.29; LXI.24

Clara Dias dos Santos, 65 anos (Quintela) – XXV.26; XLV.23

José Manuel dos Santos, 68 anos (Quintela) – VI.9; XIV.43; XVI.32; XXVIII.52; XLVII.25; LII.17; LIII.27; LIX.30; LXI.25

Matilde da Conceição, 66 anos (Quintela) – LXI.26

Vítor José Matias, 45 anos (Quintela) – IX.7; XLV.24

Penhas Juntas

Alcina dos Anjos Alves, 43 anos (Brito de Baixo) – I.36; IV.17; VI.23; VII.9; XI.7; XIV.59-60; XVI.42; XIX.21; XXIII.7; XXV.31; XXVIII.54; XXXI.5; XXXIII.5; XXXVII.26; XLII.8; XLVII.32; XLIX.16; LII.27; LIII.33; LIX.41; LXI.32; LXI.37

Quirás e Pinheiro Novo

Ana Augusta do Rio, 65 anos (Pinheiro Velho) – XIV.22; XVI.10; XXIII.3; XXV.10; XXVIII.21; LII.6

Santalha

- Adelino, 80 anos (Penso) – XLVII.20
- Albina do Espírito Santo Barreira, 62 anos (Penso) – XXXIV.19; XLVII.21; XLIX.7; LIX.23
- Armelina dos Anjos Pires, 21 anos (Penso) – XXXIV.20
- Augusta dos Santos Neves, 66 anos (Seixas) – I.25; XIV.38; XVI.28; XXIII.6; XXV.25; XXVIII.43; XLI.15; XLVII.23; XLIX.8; LIX.25; LXII.3; LXV.3; LXIX.1
- Guilhermina dos Anjos, 64 anos (Seixas) – I.26; XIV.39; XVI.29; XXVIII.44; XLVII.22; XLIX.9
- João Baptista Domingos, 74 anos (Penso) – XXVIII.39
- Justa de Jesus, 50 anos (Penso) – XXVIII.40
- Lúcia da Assunção Marques, 61 anos (Penso) – XXVIII.41
- Mário Augusto, 55 anos (Penso) – LIX.24
- Sofia Maria Domingues, 52 anos (Penso) – XVI.27
- Teresa de Jesus Teles, 77 anos – I.24; VI.18; XIV.39; XXVIII.42; XLI.14; XLVII.22; LI.13

Sobreiró de Baixo e Alvaredos

- Adosinda Maria Macieira, 65 anos (Caroceiras) – XLV.31

Soeira, Fresulfe e Mofreita

- Carolino Augusto Pires, 65 anos (Soeira) – IX.3; XLV.9; XLV.13; LIX.12
- Dária Augusta, 74 anos – IX.4; XVI.11; XXVIII.22; XLVII.12; LIII.18; LXI.15
- José Carlos Rodrigues, 42 anos – XIV.23; José Martinho Rodrigues, 70 anos (Soeira) – III.1; IV.9; IX.5; XIV.23; XV.13; XXVIII.23; XLV.10; XLVII.13; LI.6; LIII.19; LIV.12
- Manuel Alberto Diegues, 62 anos (Soeira) – IV.10; V.2; XI.3; XIV.24-25; XV.14; XVI.12; XXIV.9; XXXVIII.6; XXXIX.1; XLI.9; XLII.3; XLIII.4; XLV.11; XLVII.14; LI.7; LII.7; LV.5; LX.1; LXVI.4
- Manuel Severiano Diz, 73 anos (Soeira) – II.1; III.2; V.3; VI.8; VIII.2; XIV.26-27; XIII.1; XV.15; XVI-13-14; XIX.5; XXIV.10; XXVIII.24; XXXIV.9; XXXVI.5; XXXVII.14; XXXVIII.7; XL.5; XLI.10; XLV.9; XLV.12; XLVII.15; LII.8; LIII.20; LIV.13; LV.6; LVII.7; LIX.12; LXII.2
- Maria Cândida Fernandes da Veiga, 81 anos (Soeira) – XLV.13

Travanca e Santa Cruz

- Carlos Gonçalves, 73 anos (Travanca) – XIV.28; XVI.15; XXV.11; XXVIII.25; LI.8; LIX.13

Tuizelo

- Amândio Augusto, 82 anos – I.16; VI.13; XVI.20; XXV.18; XXVIII.30; XXXIV.15; XXXVIII.8; XLV.17; XLVII.17; LI.10; LIII.22; LVIII.3; LXI.18
- Cremilde da Conceição Morais, 56 anos – (Nuzedo de Cima) – I.11; VI.10; XVI.16; XXV.12; XXVIII.26; XLV.14; XLIX.1; LIX.14

Esperança de Jesus Cepeda, 78 anos (Nuzedo de Cima) – XXV.13

Felisbina da Conceição Morais, 68 anos (Nuzedo de Cima) – I.12; V.4; VI.11; XI.4; XIV.29; XV.16; XVI.17;
XIX.6; XXIII.4; XXIV.11; XXV.14; XXXIII.1; XXXIV.11; XXXV.1; XXXVI.6; XXXVII.15; XLIX.2; LII.9;
LIX.15; LXIV.3; LXV.1; LXVII.1

Florinda Rodrigues, 63 anos (Nuzedo de Cima) – I.13; IV.11; V.5; XIV.30-32; XV.17; XVI.18-19; XIX.7; XXI.7;
XXIV.12; XXV.15; XXXIV.12; XXXVI.7; XXXVII.16; XLII.4; XLV.15; XLIX.3; LI.9; LII.10; LIV.14; LVIII.1;
LIX.16; LXI.16

Francisca Inácia Pires, 45 anos – I.17; XVI.21; XXV.19-20; XXVIII.31-32; XXXIV.10; XXXVI.10; XLIX.4; LIX.18

Gilberta de Fátima Morais Gonçalves, 26 anos (Nuzedo de Cima) – XXXIV.13

Helena da Conceição Barreira, 64 anos – XVI.22; L.1

Ilda Morais, 40 anos (Nuzedo de Cima) – I.14; XXV.16

José António Nunes, 76 anos – I.18; XVI.23; XXXIII.2; XXXIV.16

Josefina dos Santos Fernandes, 63 anos – I.19; V.7; VI.14; XIV.35; XV.20; XVI.24; XIX.9; XX.3; XXIV.14;
XXV.21; XXVIII.33; XXXIII.3; XLI.11; XLV.18; XLVII.18-19; LI.11; LIX.19; LXI.19

Lídia Antónia Cepeda, 59 anos – I.20; V.8; VI.15; XIV.36; XV.21; XVI.25; XIX.10; XXIII.5; XXIV.15; XXV.22;
XXVIII.34; XXXIV.17; XLV.19; XLIX.5; LII.12

Luciano Augusto Ferreira, 25 anos – LIX.20

Maria Augusta Barreira, 78 anos (Nuzedo de Cima) – I.15; IV.12; V.6; VI.12; XIV.33-34; XV.18; XIX.8; XX.2;
XXIV.13; XXV.17; XXVIII.28; XXXVI.8; XLV.16; XLVII.16; LII.11; LIII.21; LV.7; LVIII.2; LIX.17; LXI.17;
LXIII.1; LXV.2

Maria Cândida Nunes, 44 anos – I.21; XVI.26; XXV.23; XXVIII.35; XXXIV.18; XLIX.6; LIX.21

Maria Ernestina Martins Morais, 34 anos (Salgueiros) – XXVIII.29

Maria José Cepeda, 87 anos (Nuzedo de Cima) – XV.19;

Matilde Maria Pereira Afonso, 39 anos (Nuzedo de Cima) – XXXIV.14; XXXVI.9

Olímpia Justa Afonso, 60 anos – I.22; VI.16; XXV.24; XXVIII.36-37; XLI.12; L.2

Vitorino Augusto, 81 anos – I.23; VI.17; XIV.37; XV.22; XIX.11; XX.4; XXVIII.38; XLI.13; XLVII.19; XLIX.3;
LI.12; LIII.23; LVII.8; LIX.22; LXI.20

Vila Verde

Elísia Augusta, 52 anos – XIV.55; XVI.39; XXV.27; XLIX.11; LXV.5

Vilar de Ossos

Francisca Inácia Pires, 45 anos (Lagarelhos) – XXXIV.10

Vilar Seco de Lomba

Alice Augusta Garcia, 58 anos (Gestosa) – XXI.8; XXVI.1; XXVIII.45; XLII.5; LII.13

Beatriz da Assunção Gonçalves, 59 anos (Gestosa) – XIV.40; XVI.30; XIX.12; XXVI.2; XXVIII.46; XLI.16; XLV.20; LI.14; LII.14; LIII.24; LIX.26; LXI.21; LXV.4; LXVI.5; LXVIII.1; LXIX.2

Delmina dos Santos, 53 anos (Gestosa) – I.27; XIV.40; XIX.13; XXI.8; XXVI.1; XXXVI.11; XXXVII.17; XLVII.24; LII.15; LIII.25; LIV.15

Fernanda dos Santos, 55 anos (Gestosa) – XXVIII.47

Lúcia das Graças Barreira, 47 anos (Gestosa) – XXVIII.48

Maria Eugénia Vaz, 83 anos (Gestosa) – XXVI.3; XXVIII.49; XLI.17; LIX.27

Sílvia da Assunção Ferreira, 59 anos (Gestosa) – XXVIII.50; XXXVII.18; XLV.21; LIX.28; LXI.22

Vinhais

Adelino de Jesus Gonçalves, 70 anos (Rio de Fornos) – XIX.19; XLI.23

Aida Amélia Alves, 70 anos (Bairro do Eiró) – I.31-32; XIV.51; XLV.28; XLIX.13; LII.23

Alzira Mercedes Alves, 61 anos (Bairro do Eiró) – I.32; XIX.17

Ana Maria da Silva Rodrigues, 42 anos (Bairro do Campo) – XXXVI.14; LII.20

Arminda do Nascimento, 74 anos (Bairro dos Cabeços) – I.33; VI.20; XIV.49-50; XV.23; XVI.34; XIX.15; XXI.9; XXII.3; XXVIII.55; XXXVII.19; XLVII.27; LI.15; LII.19; LVII.9; LXI.28

Beatriz Celeste Alves, 72 anos (Bairro do Eiró) – XXVIII.59; XXXVI.15; LIX.35

Benedito António Borges, 81 anos (Bairro do Carvalhal) – XIV.45; XXII.4; XXVIII.57; XXXVII.20; XLV.25; XLVII.29; LIII.28; LVII.10; LIX.33; LXI.29

Cândida Augusta Ramos, 76 anos (Bairro do Eiró) – I.34; II.5; IV.14; V.9; VI.21; VIII.3; X.2; XI.5; XIII.2; XIV.52-54; XV.24; XVI.36-37; XIX.18; XXI.10; XXII.5; XXV.29; XXVIII.60; XXXI.6; XXXIII.4; XXXVII.22; XLI.21; XLII.6; XLIII.5; XLV.29; XLVI.5; XLVII.33; XLVIII.7; XLIX.14; LI.17; LII.24; LIII.29; LV.8; LIX.36; LXI.33

Delfim Augusto Alves, 72 anos (Bairro do Campo) – II.2; XXXI.2; XLVII.28

Domingos António dos Santos, 57 anos (Bairro do Eiró) – I.32; IV.15; V.10; VI.22; IX.8; XIV.51; XV.25; XVI.38; XXI.11; XXII.6; XXVII.10; XXVIII.59; XXXI.7; XXXVI.15; XXXVII.23; XLI.22; XLV.28; XLIX.14; LI.18; LIII.30; LIX.35; LXI.34

Gracinda da Conceição Silva, 51 anos (Armoniz) – I.29; VII.7; XVI.33; XXV.28; XXVIII.53; XXXIV.21; XXXVI.13; XLI.18; XLVII.26; XLIX.12; LII.18; LXI.27; LXVI.6

Gracinda da Piedade Ferreira, 63 anos (Bairro do Campo) – XLVII.28; LIX.31

Isaura da Luz Morais, 59 anos (Rio de Fornos) – XIX.20; XXV.30

João Baptista Pinheiro, 66 anos (Bairro do Lusedo) – XXXVI.16; XXXVII.24; XLV.30; XLVII.34; LIII.31; LIX.37; LXVII.2

José Augusto, 48 anos (Bairro do Couço) – XXVII.9; XXXI.5; XLVII.32; LXI.32

José Luciano Gomes, 65 anos (Rio de Fornos) – I.35; V.12; XI.6; XIV.56-57; XV.26; XVI.40; XIX.20; XX.6; XXV.30; XXVII.11; XXVIII.62; XXXIV.22; XXXVII.25; XXXVIII.9; XLI.24; XLII.7; XLVI.6; XLVII.35; LI.19; LII.26; LIII.32; LIV.16; LVII.11; LIX.39; LXI.36

Laura de Jesus Fernandes, 84 anos (Bairro do Campo) – XIV.44; XXVIII.56; XXXVI.14; LIX.32; LXIV.4; LXIX.3

Margarida Rosa Pires, 83 anos (Rio de Fornos) – XIV.58; XVI.41; XIX.19; XXVIII.63; XLI.23; LI.20; LIX.40

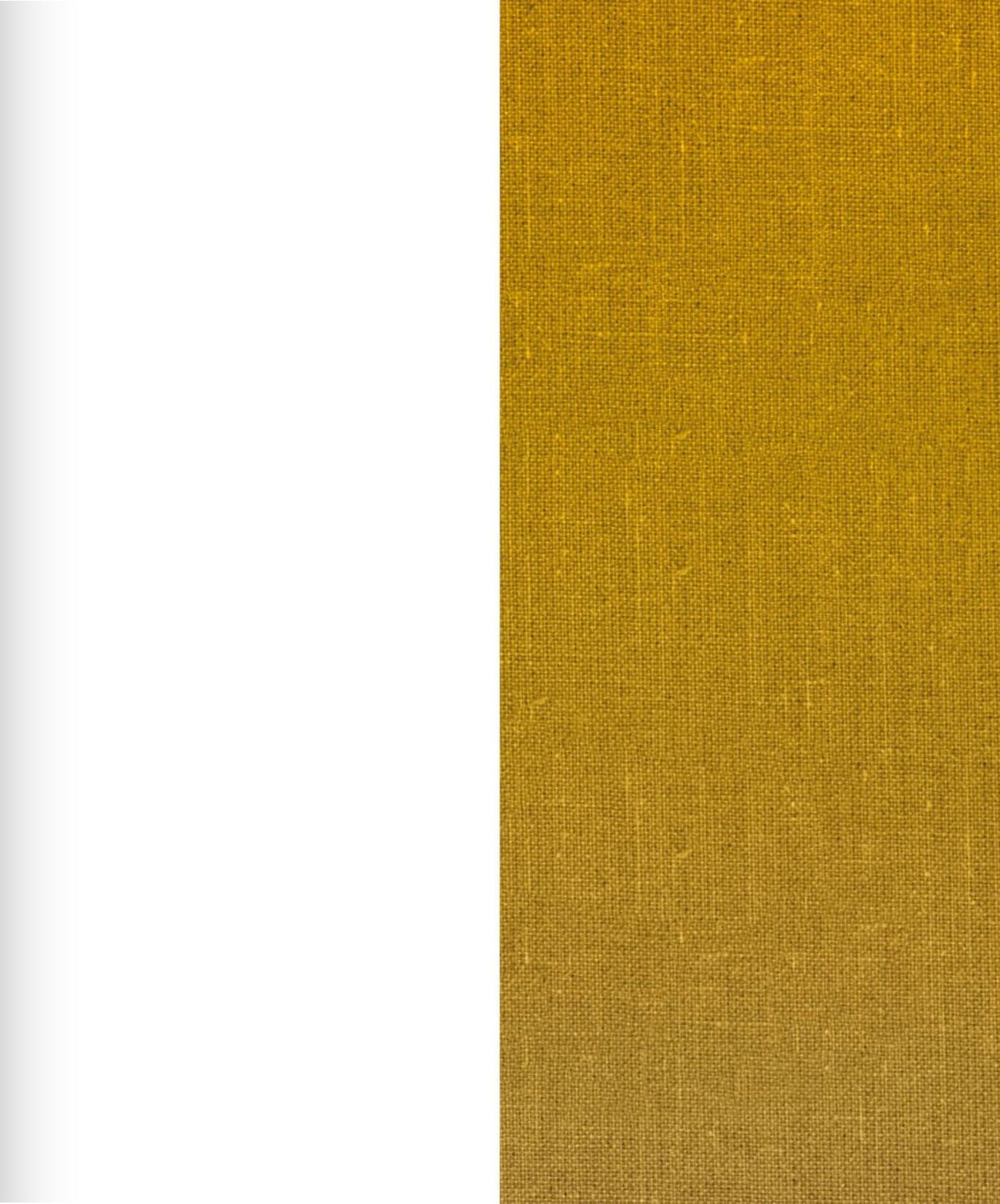
Maria da Assunção Morais, 82 anos (Bairro do Carvalhal) – II.3; IV.13; VI.19; XIV.46-47; XIX.16; XXXI.3;
XLI.19; XLV.26; XLVII.30; LI.16; LXI.30

Maria José Gomes, 18 anos (Rio de Fornos) – XIX.20; XX.6

Maria Rodrigues, 71 anos (Bairro do Carvalhal) – I.30; II.4; XIV.48; XVI.35; XXIV.17; XXVIII.58; XXXI.4;
XXXVII.21; XLI.20; XLV.27; XLVII.31; LII.22; LIX.34; LXI.31; LXVIII.2

Noémia da Glória Barbosa, 17 anos (Bairro do Campo) – LII.21

Olívia do Nascimento Gomes, 63 anos (Bairro do Lusedo) – IV.16; V.11; VII.8; XXI.12; XXVIII.61;
XXXVI.16; XLVII.34; XLIX.15; LII.25; LIII.31; LIX.38; LXI.35; LXIV.5



**ROMANCES
TRADICIONAIS
DO DISTRITO DE BRAGANÇA**

